



FLAVIANE ROMANI FERNANDES

**ORDEM, FOCALIZAÇÃO E
PREENCHIMENTO EM PORTUGUÊS:
*SINTAXE E PROSÓDIA***

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
CAMPINAS 2007

*“O povo que chupa o caju, a
manga, o cambucá e a jabuticaba,
pode falar uma língua com igual
pronúncia e o mesmo espírito do
povo que sorve o figo, a pêra, o
damasco e a nêspera?”*

Sonhos D'Ouro, José de Alencar, 1872



Flaviane Romani Fernandes

**ORDEM, FOCALIZAÇÃO E PREENCHIMENTO
EM PORTUGUÊS: SINTAXE E PROSÓDIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves, Instituto de Estudos da Linguagem.

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Campinas, 2007

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

Profa. Dra. Sônia Marise de Campos Frota

Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi

Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre

Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani

Profa. Dra. Mary Aizawa Kato

Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Campinas, 16 de abril de 2007.

*As duas maiores riquezas da
minha vida: minha família e
meu companheiro Marcelo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter colocado em meu caminho pessoas especiais que muito contribuíram, de diferentes maneiras, para que eu pudesse levar a cabo esta tese.

Agradeço à minha orientadora de tese, Charlotte Galves, por sempre ter depositado tanta confiança em mim, por todas as oportunidades proporcionadas, pelo incentivo constante, pelo olhar sagaz e experiente para os dados de PB e PE e por ter sido mais mãe do que orientadora muitas vezes, compreendendo minhas ansiedades e inseguranças.

Sou grata também à Sónia Frota, minha orientadora de estágio de doutorado na Universidade de Lisboa, por todo o apoio e pela intensa discussão realizada durante e após o desenvolvimento deste estágio. Ainda sou grata à esta pesquisadora pelo muito que aprendi sobre análise entoacional, elaboração de experimentos para obtenção de dados linguísticos e por ter reavivado meu encanto pela pesquisa em fonologia.

Meus agradecimentos também são para Bernadete Abaurre, minha orientadora de iniciação científica, a quem devo muito do conhecimento que adquiri em fonologia, desde a minha graduação no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), e com quem ainda continuo aprendendo fonologia. Sou ainda grata à Bernadete Abaurre, bem como à Mary Kato, pela leitura cuidadosa e pelas sugestões e críticas a este trabalho, desde as suas versões preliminares, apresentadas na qualificação de mestrado e na qualificação de doutorado, até esta versão, apresentada agora para a defesa da tese de doutorado.

Minha gratidão se estende aos membros do projeto temático 'Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística' (fases I e II), em especial aos coordenadores, Antonio Galves e Charlotte Galves. Neste projeto, ao qual estive vinculada em toda a minha trajetória de pesquisa, recebi uma formação acadêmica interdisciplinar e, por isto, singular, fruto da qual é este trabalho que ora apresento. Sou grata a Antonio Galves e à Charlotte Galves, pela oportunidade concedida a mim, inclusive através de apoio financeiro, na participação dos *workshops* do projeto temático, realizados na Universidade de Lisboa (Portugal) e na Universidade de Bielefeld (Alemanha). Nestes *workshops*, conheci

pesquisadores internacionalmente reconhecidos na área da Linguística e em outras áreas do conhecimento, e, com muitos deles, tive o privilégio de discutir meus trabalhos de pesquisa de iniciação científica e de doutorado: Marina Nespouck, Jacques Mehler, Franck Ramus, Ricardo Lima, Marzio Cassandro, Pierre Collet, Roberto Fernández, Anthony Kroch, Ulrike Gut, Sónia Frota, Marina Vigário, Gabriela Duarte, Pilar Barbosa, Ana Maria Martins, João Costa, Inês Duarte, entre outros. Agradeço ainda a Dafydd Gibbon e a Thorsten Trippel, pesquisadores que tive a oportunidade de conhecer no *workshop* do projeto temático realizado na Universidade de Campinas e que se tornaram meus parceiros no desenvolvimento de importantes trabalhos relacionados à esta pesquisa e apresentados nos seguintes congressos internacionais: Interspeech'2005 - Eurospeech - 9th European Conference on Speech Communication and Technology e 5th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC'2006).

Também merece minha gratidão, Luciani Tenani, jovem pesquisadora que tenho como exemplo e que vem me auxiliando muito desde a minha iniciação científica.

Sou grata também a Jairo Nunes, por ter despertado em mim o interesse pela sintaxe, pelas discussões sobre os aspectos técnicos da teoria sintática, pelas sugestões de leitura e, enfim, por seu interesse e atenção ao meu trabalho de pesquisa.

Agradeço à Filomena Sandalo e a Angel Corbera, orientadores das duas qualificações de área que apresentei como um dos requisitos do programa de pós-graduação em Linguística do IEL e as quais consistiram em uma parte muito importante do desenvolvimento desta tese.

Agradeço também a Sergio Menuzzi, à Cristina Figueiredo Silva e à Sonia Cyrino pelo interesse por minha pesquisa.

Agradeço muitíssimo à Inês Duarte, pelas discussões intensas sobre as questões sintáticas dos dados de PE. Agradeço à Marina Vigário, pelas valiosas críticas e sugestões a este trabalho, especificamente no que tange à discussão dos aspectos entoacionais dos dados de PB e PE. Sou grata a Fernando Martins, pela gentil acolhida no Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, local onde desenvolvi parte importante do trabalho com os dados desta

tese durante o estágio nesta mesma universidade. Meus agradecimentos também vão a João Costa, pelas sugestões e críticas a este trabalho.

Agradeço à Maria João Freitas, pelo acesso às turmas de alunos de graduação da Universidade de Lisboa e, igualmente, à Lucy Seki, a Jonas de Araújo e a Leonardo Affonso de Miranda Pereira, pelo acesso às turmas de alunos de graduação da Unicamp. Sou grata pela colaboração preciosa destes professores e pela atenção e disponibilidade de seus alunos, condições *sine qua non* para a realização de parte dos experimentos desta pesquisa.

Aos meus informantes de PB, Fernanda, Gislaine e Teresa, e aos meus informantes de PE, Maria João, Patrícia e Sofia, vão meus agradecimentos pela paciência na gravação dos dados de fala. Sou grata também à Margarita Correa, pelo acesso aos informantes de PE. Agradeço ao meu amigo, Jack Tsai, pelos dados do chinês, apresentados em um dos capítulos desta tese, bem como pelas informações sobre a gramática desta língua.

Agradeço aos professores e funcionários do Departamento de Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pela excelente acolhida durante o período em que desenvolvi meu estágio de doutorado neste departamento. Agradeço especialmente à Susete Bruno, à Maria Rosa de Carvalho e à sua netinha Inês, por fazerem sentir-me em família, mesmo a um oceano de distância da minha casa.

A todos aqueles que foram meus professores no IEL, em especial, à Ester Scarpa, que me incentivou a seguir a área de Lingüística no meu primeiro ano de graduação, muito obrigada. A todos os funcionários do IEL, também vão meus agradecimentos.

Agradeço aos alunos das disciplinas em que fui estagiária no IEL, através do Programa de Estágio Docente, pelo entusiasmo para com os estudos lingüísticos e por me fazerem descobrir minha paixão pela docência.

Sou grata ao apoio e à amizade irrestrita de Cristiane Namiuti, que considero mais 'irmã' do que amiga e com quem compartilhei muitos momentos desde meu ingresso na Unicamp. Agradeço aos meus amigos do IEL, por todo o carinho e pelas palavras de incentivo: Maria Clara Paixão de Souza, Telma Vianna, Simone Floripi, Sílvia Cavalcanti, Juanito Avelar, Gilcélia de Menezes, Leandro Diniz, Ângela Kajita, Priscila Toneli, Cinthia Ishara, Cândida Mara Brito, Aroldo Andrade,

Aline Gravina e André Antonelli. Pelos diversos momentos de alegria durante o período em que estive em Lisboa, realizando parte desta pesquisa, agradeço aos meus amigos: Rich Bajner, Agnes Dornyei, Begoña Fernández, Fabiane Altino, Carmélia Miranda, Nilda Stecanela, Ana Lúcia Santos, Nélia Alexandre e Nuno Soares. Agradeço à Ana Lúcia Santos, pelas discussões sobre os dados de PE. Sou grata ainda à Eloísa Pilati e à Cláudia Tavares Silva, pelas palavras de incentivo, pela troca de experiências e pelo acesso às suas teses. Sou grata à minha professora de piano e amiga, Milena, pela paciência nos momentos de desabafo de minhas angústias com o trabalho.

Agradeço também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), pelo apoio financeiro durante todo o período de desenvolvimento deste trabalho. Meus agradecimentos vão ainda para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro durante o período em que desenvolvi meu estágio de doutorado na Universidade de Lisboa.

Ao meu companheiro Marcelo Svartman, agradeço pelo trabalho gráfico de confecção da capa da tese apresentada para defesa e de diagramação do texto da mesma.

E, finalmente, mas de forma alguma em menor importância, agradeço imensamente pelo apoio emocional incondicional e pela compreensão de minha família e de meu companheiro durante o desenvolvimento deste trabalho. O apoio e a compreensão deles foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

“O poço que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do poço que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspera?”

Sonhos D'Ouro, José de Alencar, 1872.

RESUMO

O presente trabalho, desenvolvido no âmbito da interface sintaxe-fonologia, consiste num estudo comparativo das construções de focalização em português brasileiro (doravante, PB) e em português europeu (doravante, PE) na expressão do foco informacional do elemento 'sujeito'.

A hipótese que buscamos confirmar ou infirmar neste estudo é a de que as diferentes formas de expressão do foco informacional do sujeito realizadas em PB e PE, além de estarem relacionadas a questões de natureza sintática, como à fixação do parâmetro *pro-drop*, como afirmam Nespor & Guasti (2002) para as línguas em geral, também estão relacionadas a questões de natureza prosódica, como, por exemplo, o peso fonológico dos constituintes nas sentenças.

Os resultados alcançados nesta tese mostram que tanto em PE, como em PB, restrições de peso fonológico atuam na escolha por determinada forma de focalização informacional do sujeito. Todavia, ainda mostram que, em PE, requisitos fonológicos relacionados ao alinhamento da proeminência do elemento focalizado com a proeminência principal de sentença podem também ser satisfeitos através do reordenamento de constituintes ou do uso de estruturas pseudo-clivadas, por exemplo. Diferentemente do PE, o PB, dadas as particularidades de sua gramática, não se vale destes mesmos artifícios. Em PB, ocorre preferencialmente o uso de sentenças na ordem SV(O) com o sujeito portando a proeminência principal da sentença ou o uso de sentenças clivadas e clivadas invertidas. Quanto à primeira estratégia de focalização, ainda que o PE também possa se utilizar dela, nossos resultados indicam que as duas variedades de português apresentam diferenças quanto à posição sintática ocupada pelo sujeito focalizado. Enquanto este elemento se encontra na posição de especificador de TP em PE, em PB, ele se encontra fora de TP. Tal afirmação encontra respaldo na estrutura entoacional diferente associada a este tipo de sentença nas duas variedades.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Língua Portuguesa. 2. Sintaxe. 3. Fonética-Fonologia. 4. Entoação (Fonologia).

ABSTRACT

Taking into account the syntax-phonology interface, this thesis compares subject focalization constructions in Brazilian Portuguese (henceforth, BP) and European Portuguese (henceforth, EP).

This study aimed to confirm or infirm the hypothesis that the differences between BP and EP derive from prosodic aspects of sentences, e.g., the phonological weight of constituents, aside from syntactic properties of the two languages, e.g., the null subject parameter setting (cf. Nespor & Guasti, 2002).

Our results show that phonological weight constrains play an important role in both Portuguese varieties. Furthermore, our results also indicate that the phonological requirement of alignment between the focus prominence and the sentence principal prominence may be satisfied in EP, for example, through reordering of constituents or pseudo-clefts sentences. Due to particularities of BP grammar, these strategies are not available in BP. In this language, two solutions are available: (i) the pre-verbal subject carries the sentence principal prominence; and (ii) the use of cleft sentences and inverse-cleft sentences. Although strategy (i) is also used in EP, our results reveal that, in SV(O) sentences with focalized subject, the subject occupies different syntactical positions in the two varieties. Whereas the focalized subject occupies the TP specifier position in EP, in BP, this same element is out of TP. Evidence for this claim is provided by the different intonational structure type associated with this kind of sentences in the two languages.

KEY-WORDS: 1. Portuguese. 2. Syntax. 3. Phonetics-Phonology. 4. Intonation (Phonology).

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

CAPÍTULO 4

QUADRO 1	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre as diferentes classes verbais e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 em PE.....	137
FIGURA (1)	Relação entre posição do sujeito com foco informacional na sentença e classe do verbo em PE.....	138
QUADRO 1'	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre as diferentes classes verbais e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 em PB.....	138
FIGURA (1')	Relação entre posição do sujeito com foco informacional na sentença e classe do verbo em PB.....	139
QUADRO 2	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças inacusativas do PE	140
FIGURA (2)	Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito nas sentenças inacusativas do PE . Exemplos de verbos inacusativos: chegou, desapareceu.....	141
QUADRO 2'	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças inacusativas do PB	142
FIGURA (2')	Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito nas sentenças inacusativas do PB . Exemplos de verbos inacusativos: chegou, desapareceu.....	143
QUADRO 3	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças inergativas do PE	143
FIGURA (3)	Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito em sentenças inergativas do PE . Exemplos de verbos inergativos: dançou, telefonou.....	144
QUADRO 3'	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 em sentenças inergativas do PB	145

FIGURA (3')	Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito nas sentenças inergativas do PB . Exemplos de verbos inergativos: dançou, telefonou.....	146
QUADRO 4	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças transitivas do PE	146
FIGURA (4)	Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito nas sentenças transitivas do PE . Exemplos de verbos transitivos: beijou, encontrou.....	147
QUADRO 4'	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças transitivas do PB	148
FIGURA (4')	Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito nas sentenças transitivas do PB . Exemplos de verbos transitivos: beijou, encontraram, aprenderam.....	149
QUADRO 5	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças inacusativas do PE	149
FIGURA (5)	Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do predicado nas sentenças inacusativas do PE . Exemplos de verbos inacusativos: chegou, desapareceu.....	151
QUADRO 5'	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças inacusativas do PB	151
FIGURA (5')	Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do predicado nas sentenças inacusativas do PB . Exemplos de verbos inacusativos: chegou, desapareceu.....	152
QUADRO 6	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças inergativas do PE	153
FIGURA (6)	Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do predicado nas sentenças inergativas do PE . Exemplos de verbos inergativos: dançou, telefonou.....	154
QUADRO 6'	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças inergativas do PB	154

FIGURA (6')	Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do predicado nas sentenças inergativas do PB . Exemplos de verbos inergativos: dançou, telefonou.....	156
QUADRO 7	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado verbal e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças transitivas do PE	156
QUADRO 8	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de objeto e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças transitivas do PE	157
FIGURA (7)	Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do objeto em sentenças com verbos transitivos em PE. Exemplos: achou, encontrou, beijou.....	158
QUADRO 7'	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado verbal e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças transitivas do PB	158
FIGURA (7')	Relação entre posição do sujeito com foco informacional e tipo de predicado verbal em sentenças transitivas do PB. Exemplos de verbos transitivos: achou, encontrou, beijou.....	159
QUADRO 8'	Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos objeto e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças transitivas do PB	159
FIGURA (8)	Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do objeto nas sentenças transitivas do PB . Exemplos de verbos transitivos: achou, encontrou, beijou.....	160
QUADRO 9	Porcentagens de opções de focalização escolhidas pelos falantes na primeira repetição da primeira etapa do experimento 2 (total: 56 sentenças por falantes).....	169
QUADRO 10	Porcentagens de opções de focalização escolhidas pelos falantes na segunda repetição da primeira etapa do experimento 2 (total: 56 sentenças por falante).....	169
QUADRO 11	Porcentagens de opções de focalização escolhidas pelos falantes MJ e P na segunda etapa do experimento 2 (total: 5 sentenças produzidas por MJ e 33 sentenças produzidas por P.....	170

QUADRO 12	Porcentagens de opções de focalização escolhidas pelos falantes na terceira etapa do experimento 2 (total: 56 sentenças por falante).....	170
QUADRO 13	Porcentagens de estratégia de focalização escolhida por MJ para sentenças com diferentes tipos de predicados e com verbos de diferentes classes verbais na terceira etapa do experimento 2 (56 sentenças no total: 24 sentenças inacusativas, 24 sentenças inergativas e 8 sentenças transitivas).....	175
QUADRO 14	Porcentagens de estratégia de focalização escolhida por P para sentenças com diferentes tipos de predicados e com verbos de diferentes classes verbais na terceira etapa do experimento 2 (56 sentenças no total: 24 sentenças inacusativas, 24 sentenças inergativas e 8 sentenças transitivas).....	176
QUADRO 15	Porcentagens de estratégia de focalização escolhida por S para sentenças com diferentes tipos de predicados e com verbos de diferentes classes verbais na terceira etapa do experimento 2 (56 sentenças no total: 24 sentenças inacusativas, 24 sentenças inergativas e 8 sentenças transitivas).....	176
QUADRO 16	Total de ocorrências dos tipos de clivagem em PB encontrados no trabalho de Côrtes Junior (2006).....	183
QUADRO 17	Porcentagens de sentenças com ordem 1 e 2, em contexto de focalização informacional do sujeito, escolhidas pelos falantes de PB e PE do experimento 1.....	185
QUADRO 18	Porcentagens de estratégias de focalização escolhidas pelos falantes de PB e PE do experimento 2.....	185

CAPÍTULO 5

FIGURA (i)	Forma de onda e F_0 da sentença 'O tatu preto matou o saci paulista.' produzida por um falante de PB do sexo feminino em contexto neutro. Dado extraído do trabalho de Fernandes, F. R. (2005).....	193
FIGURA 1	F_0 da sentença 'As alunas jovens chegaram hoje', produzida por F em contexto de obtenção de sentença neutra.....	197
FIGURA 2	F_0 da sentença 'As biomédicas riram hoje', produzida por T em contexto de obtenção de sentença neutra.....	197

QUADRO 1	Eventos tonais associados à ω cabeça do 1º ϕ não-ramificado de I. Porcentagens e número de casos (entre parênteses).....	198
FIGURA 3	F ₀ da sentença 'As venezuelanas lavaram as luvas', produzida por G em contexto de obtenção de sentença neutra.....	199
QUADRO 2	Eventos tonais associados às ω s do 1º ϕ ramificado de I.....	200
QUADRO 3	Eventos tonais associados às ω s do último ϕ ramificado de I.....	201
QUADRO 4	Eventos tonais associados às ω s dos penúltimo e último ϕ s não-ramificados de I.....	201
FIGURA 4	F ₀ da sentença 'As biomédicas chegaram', produzida por S em contexto de obtenção de sentença neutra.....	203
FIGURA 5	F ₀ da sentença 'As miúdas belas morreram no lago', produzida por MJ em contexto de obtenção de sentença neutra.....	204
QUADRO 5	Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças neutras de PE, nas quais o primeiro ϕ de I não é ramificado.....	204
QUADRO 6	Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças neutras de PE, nas quais o primeiro ϕ de I é ramificado.....	205
FIGURA 6	F ₀ da sentença 'As meninas belas morreram no lago', produzida por F em contexto de obtenção de sentenças com foco informacional no sujeito.....	208
FIGURA 7	F ₀ da sentença 'Os jovens morreram', produzida por F em contexto de obtenção de sentenças com sujeito focalizado informacionalmente.....	209
QUADRO 7	Eventos tonais associados ao contorno inicial de 'sentenças com foco prosódico no sujeito', nas quais este elemento é constituído por até três sílabas (σ) (1 σ pré-tônica, 1 σ tônica e 1 σ pós-tônica) e pertence a um ϕ não ramificado.....	210
QUADRO 8	Eventos tonais associados ao contorno inicial de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PB, nas quais este elemento é constituído por mais de três σ s pré-tônicas (4 σ s pré-tônicas, 1 σ tônica e 1 σ pós-tônica) e pertence a um ϕ não ramificado.....	210
QUADRO 9	Eventos tonais associados ao contorno inicial de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PB, nas quais este elemento pertence a um ϕ ramificado.....	211

QUADRO 10	Eventos tonais associados ao contorno final de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PB.....	212
FIGURA 8	F ₀ da sentença 'As venezuelanas desapareceram', produzida por MJ em contexto de obtenção de sentenças com foco informacional no sujeito.....	215
FIGURA 9	F ₀ da sentença 'As miúdas belas morreram no lago', produzida por MJ em contexto de obtenção de sentenças com foco informacional no sujeito.....	216
QUADRO 11	Eventos tonais associados ao contorno inicial de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PE, nas quais este elemento pertence a um ϕ não ramificado.....	217
QUADRO 12	Eventos tonais associados ao contorno inicial de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PE, nas quais este elemento pertence a um ϕ ramificado.....	217
QUADRO 13	Eventos tonais associados ao contorno final de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PE.....	217
FIGURA 10	F ₀ da sentença clivada invertida com cópula 'As velhas é que choraram', produzida por G em contexto de focalização informacional do sujeito.....	219
FIGURA 11	F ₀ da sentença clivada invertida sem cópula 'As alunas jovens que chegaram hoje', produzida por F em contexto de focalização informacional do sujeito.....	219
QUADRO 14	Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) de PB, nas quais o sujeito clivado é constituído por até três sílabas (σ) (1 σ pré-tônica, 1 σ tônica e 1 σ pós-tônica) e pertence a um ϕ não-ramificado.....	220
QUADRO 15	Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) de PB, nas quais o sujeito clivado é constituído por mais de três σ s pré-tônicas (4 σ s pré-tônicas, 1 σ tônica e 1 σ pós-tônica) e pertence a um ϕ não ramificado.....	221
QUADRO 16	Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) de PB, nas quais o sujeito clivado pertence a um ϕ ramificado.....	221

QUADRO 17	Eventos tonais associados ao contorno final de sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) de PB.....	222
FIGURA 12	F_0 da sentença clivada 'Foram as venezuelanas que lavaram as luvas', produzida por F em contexto de focalização informacional do sujeito.....	223
QUADRO 18	Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças clivadas de PB, nas quais a parte clivada é formada por 'foram' (ω_1) + sujeito composto por uma única ω (ω_2).....	224
QUADRO 19	Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças clivadas de PB, nas quais a parte clivada é formada por 'foram' (ω_1) + sujeito composto por 2 ω s (ω_2 e ω_3).....	224
QUADRO 20	Eventos tonais associados ao contorno final das sentenças clivadas de PB.....	225
QUADRO 21	Porcentagens dos tipos de associação tonal (i) e (ii) ao contorno das sentenças pseudo-clivadas de PE.....	226
FIGURA 13	F_0 da sentença 'Quem trabalhou foram os jovens', produzida por P em contexto de focalização informacional do sujeito.....	227
FIGURA 14	F_0 da sentença 'Quem adormeceu foram as velhas', produzida por P em contexto de focalização informacional do sujeito.....	227
QUADRO 22	Eventos tonais associados às ω s do último ϕ ramificado de I.....	228
FIGURA (ii)	Curvas de F_0 da sentença 'Quem deu um livro à Maria foi o Vasco.' produzida por três falantes de PE e extraídas de Viana (1987:88).....	229
FIGURA 15	F_0 da sentença 'Chegaram as alunas jovens', produzida por P em contexto de focalização informacional do sujeito.....	230
FIGURA 16	F_0 da sentença 'Telefonaram as alunas jovens', produzida por P em contexto de focalização informacional do sujeito.....	231
QUADRO 23	Porcentagens dos tipos de associação tonal (a) e (b) ao contorno das sentenças VS de PE.....	231
FIGURA 17	F_0 da sentença 'Chegaram as alunas jovens', produzida por MJ em contexto de focalização informacional do sujeito.....	232
FIGURA 18	F_0 da sentença 'Hoje riram os jovens', produzida por S em contexto de focalização informacional do sujeito.....	233
FIGURA 19	F_0 da sentença 'Hoje choraram as venezuelanas', produzida por S em contexto de focalização informacional do sujeito.....	234

QUADRO 24	Porcentagens dos tipos de associação tonal (a) e (b) ao contorno das sentenças AdvVS de PE.....	235
FIGURA 20	F ₀ da sentença 'Levaram as malas as governadoras', produzida por S em contexto de focalização informacional do sujeito.....	236
FIGURA 21	F ₀ da sentença 'Hoje as miúdas belas riram', produzida por MJ em contexto de focalização informacional do sujeito.....	237

APÊNDICE

FIGURA 1	Arquitetura da Gramática extraída de Szendrői (2001:26).....	372
FIGURA 2	Arquitetura da Gramática proposta neste trabalho.....	374

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS UTILIZADOS

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS DA LITERATURA SINTÁTICA

A	Adjetivo	NP	Sintagma Nominal
Adv	Advérbio	O	Objeto
Agr	Concordância	OD	Objeto Direto
AgrP	Sintagma de Concordância	OI	Objeto Indireto
AP	Sintagma Adjetival	Op	Operador
A-P	Sistema Articulatorio- Perceptual	PF	Forma Fonológica
AgrSP	Sintagma de Concordância do Sujeito	PP	Sintagma Preposicional
C	Complementizador	QF	Quantificador Flutuante
C-I	Sistema Conceptual- Intencional	QP	Sintagma Quantificador
CP	Sintagma Complementizador	S	Sujeito
D	Determinante	Spec	Especificador
DP	Sintagma Determinante	SS	Estrutura Superficial
DS	Estrutura Profunda	T	Tempo
e	Categoria Vazia	t	Vestígio
EPP	Princípio da Projeção Estendida	TopP	Sintagma de Tópico
+F ou [+F]	Traço de foco	TP	Sintagma de Tempo
FocP, FocusP ou FP	Sintagma de Foco	v*	Verbo inergativo ou transitivo
GB	<i>Lectures on Government and Binding</i>	v	Verbo inacusativo, existencial ou cópula
GU	Gramática Universal	V	verbo
I ou Infl	Flexão	v*P	Sintagma Verbal (verbos inergativos ou transitivos)

IP	Sintagma de Flexão	vP	Sintagma Verbal (verbos inacusativos, existenciais ou cópula)
LF	Forma Lógica	VP	Sintagma Verbal
LI	item lexical	wh	Elemento 'qu'
N	Nome		

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS DA LITERATURA FONOLÓGICA

σ	Sílaba	T	Tom Simples
Σ	Pé	TT	Tom Complexo
ω	Palavra Fonológica	T*	Acento Tonal
C	Grupo Clítico	T' ou Tp	Acento Frasal
ϕ	Sintagma Fonológico	T% ou Ti	Tom de Fronteira
I	Sintagma Entoacional	H	Tom Alto
U	Enunciado	L	Tom Baixo

OUTRAS CONVENÇÕES UTILIZADAS

CAIXA	Acento de palavra	PE	Português Europeu
ALTA			
Cliv1	Sentença Clivada Invertida (com ou sem cópula)	[...S]	Sujeito focalizado na margem direita da sentença
Cliv2	Sentença Clivada	Scurto/ Sc	Sujeito Curto
Cliv3	Sentença Pseudo-Clivada	Sf	Sujeito Ramificado Fonologicamente
C-NSR	Regra Nuclear de Acento Sensível à Relações de C-Comando Assimétrico	Slongo/ SI	Sujeito Longo
Foco pros. ou Foco Prosódico	Sentença na ordem sujeito-verbo-(objeto), nas quais o sujeito é focalizado e porta a proeminência principal da sentença	S-NSR	Regra Nuclear de Acento Sensível à Relações de Seleção Semântica

FPR	Regra de Acento de Foco	SS	Sujeito Ramificado Sintaticamente
FSA	Regra de Alinhamento de Acento	$\mathcal{U}[\text{Foc}]$	Traço não interpretável de foco
Loc	Elemento Locativo	VA	Predicado formado por verbo e advérbio
Movimento- p	Movimento Prosódico	Vcurto/ Vc	Verbo Curto
NSR	Regra Nuclear de Acento	Vlongo/ VI	Verbo Longo
Ocurto/Oc	Objeto Curto) ω	Fronteira de Palavra Fonológica
Of	Objeto Ramificado Fonologicamente] ϕ	Fronteira de Sintagma Fonológico
Olongo/Ol	Objeto Longo]I	Fronteira de Sintagma Entoacional
OO	Objeto Ramificado Sintaticamente	$\omega_1, \omega_2, \omega_3$	Respectivamente: primeira, segunda e terceira palavras fonológicas de um sintagma fonológico ramificado
PB	Português Brasileiro	$[\omega]_{\phi_P}$ e $[\omega]_{\phi_U}$ σ	Respectivamente: penúltimo e último sintagmas fonológicos do sintagma entoacional Sílaba tônica

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	01
1.1.	Quadro teórico.....	03
1.1.1.	Sintaxe.....	03
1.1.1.1.	O Programa Minimalista.....	03
1.1.1.2.	Chomsky (2000, 2001, 2004).....	13
1.1.2.	Fonologia.....	15
1.1.2.1.	A Fonologia Entoacional.....	15
1.1.2.2.	Fonologia Prosódica.....	16
1.2.	A organização do presente trabalho.....	20
2.	O FOCO E A RELAÇÃO FOCO-PROEMINÊNCIA	
2.1.	Introdução.....	21
2.2.	Caracterização e abordagem do foco nos diferentes componentes da gramática.....	27
2.2.1.	Semântica, pragmática e sintaxe.....	27
2.2.1.1.	Semântica/pragmática.....	27
2.2.1.2.	Sintaxe.....	31
2.2.2.	Fonologia, fonética e morfologia.....	32
2.2.2.1.	Fonologia/Fonética.....	32
2.2.2.2.	Morfologia.....	33
2.2.3.	Caracterização de foco de escopo estreito assumida nesta tese.....	34
2.3.	Marcação de foco nas línguas.....	35
2.4.	O foco na gramática gerativa: a relação foco-proeminência.....	38
2.4.1.	Cinque (1993).....	40
2.4.2.	Zubizarreta (1998).....	43
2.4.3.	Reinhart (1995) e Neeleman & Reinhart (1998).....	49

2.4.4.	Nespor & Guasti (2002).....	52
2.4.4.1.	O princípio FSA em PB e PE: restrições quanto ao peso fonológico dos constituintes.....	60
2.5.	Conclusão.....	67
3.	FOCO INFORMACIONAL E ORDEM EM PORTUGUÊS: REVISÃO	
3.1.	Introdução.....	69
3.2.	A ordem neutra e 'não-marcada' em PE e PB.....	69
3.2.1.	A derivação da ordem 'neutra' em PE e PB: a posição do sujeito e do verbo.....	73
3.2.1.1.	A posição do sujeito.....	73
3.2.1.2.	A posição do verbo.....	83
3.3.	O foco de informação em PE e PB do ponto de vista sintático.....	87
3.3.1.	O foco de informação do sujeito em PE.....	87
3.3.1.1.	Âmbar (1992, 1997, 1999).....	87
3.3.1.2.	Costa (1996, 1998, 2004).....	93
3.3.2.	O foco de informação do sujeito em PB e a comparação com o PE.....	100
3.3.2.1.	Kato & Raposo (1996).....	100
3.3.2.2.	Kato (1999, 2000).....	103
3.3.2.3.	Modesto (2001).....	106
3.3.2.4.	Tavares Silva (2004).....	110
3.3.3.	Ordem (X)V(O)S e foco em PB.....	112
3.3.3.1.	Kato & Tarallo (1988, 2003).....	112
3.3.3.2.	Coelho (2000).....	116
3.3.3.3.	Pilati (2002, 2006).....	118
3.4.	Conclusão.....	127
4.	OS DADOS DE PB E PE: FOCO INFORMACIONAL, CLASSE VERBAL E PESO FONOLÓGICO	
4.1.	Introdução.....	129
4.2.	Experimento 1.....	132

4.2.1.	Metodologia.....	133
4.2.2.	Resultados e discussão.....	136
4.2.2.1.	Classe verbal e posição do sujeito focalizado.....	137
4.2.2.2.	Peso e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos inacusativos.....	140
4.2.2.3.	Peso e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos inergativos.....	143
4.2.2.4.	Peso e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos transitivos.....	146
4.2.2.5.	Peso do predicado e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos inacusativos.....	149
4.2.2.6.	Peso do predicado e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos inergativos.....	153
4.2.2.7.	Peso do predicado e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos transitivos.....	156
4.2.3.	Conclusões do experimento 1.....	161
4.3.	Experimento 2.....	163
4.3.1.	Metodologia.....	163
4.3.2.	Resultados.....	168
4.3.2.1.	Discussão dos resultados.....	172
4.3.3.	Conclusões do Experimento 2.....	179
4.4.	Conclusões gerais do capítulo.....	180
4.4.1.	Resumo: as estratégias de focalização preferencialmente escolhidas em PB e PE.....	184
5.	OS DADOS DE PB E PE: FOCO INFORMACIONAL E ENTOAÇÃO	
5.1.	Introdução.....	187
5.2.	Estudos sobre a entoação de sentenças declarativas neutras e com elemento focalizado em PB e PE.....	188
5.3.	<i>Corpus</i> e Metodologia.....	192
5.3.1.	<i>Corpus</i>	192

5.3.2.	Metodologia.....	195
5.4.	Resultados.....	196
5.4.1.	As sentenças neutras do PB e do PE.....	196
5.4.1.1.	As sentenças neutras do PB.....	196
5.4.1.2.	As sentenças neutras do PE.....	202
5.4.2.	As sentenças com foco informacional no sujeito em PB e PE.....	206
5.4.2.1.	As sentenças com foco prosódico no sujeito em PB.....	207
5.4.2.2.	As sentenças com foco prosódico no sujeito em PE.....	214
5.4.2.3.	As estruturas clivadas de PB e PE.....	218
5.4.2.3.1.	As sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) em PB.....	218
5.4.2.3.2.	As sentenças clivadas do PB.....	222
5.4.2.4.	As sentenças pseudo-clivadas do PE.....	225
5.4.2.5.	As sentenças [...S] do PE.....	229
5.4.2.6.	As sentenças com ordem AdvSV do PE.....	236
5.5.	Conclusões: a comparação PB/PE.....	237
5.6.	Resumo: as principais associações tonais descritas neste capítulo.....	239
6.	ANÁLISE DOS DADOS DE PB E PE À LUZ DA INTERFACE SINTAXE-FONOLOGIA	
6.1.	Introdução.....	245
6.3.	Uma proposta de análise à luz da interface sintaxe-fonologia.....	251
6.3.1.	O movimento-p proposto por Zubizarreta (1998).....	252
6.3.1.1.	O movimento-p em estruturas de focalização informacional do sujeito em espanhol.....	257
6.3.1.2.	O movimento-p em estruturas de focalização informacional do sujeito em italiano.....	260
6.3.2.	A focalização informacional do sujeito em PE.....	266
6.3.2.1.	A derivação de sentenças [...S].....	266
6.3.2.1.1.	Sentenças VOS.....	266

6.3.2.1.1.1.	Derivação da estrutura VOS através do movimento-p.....	266
6.3.2.1.1.2.	Argumentos para a derivação das sentenças VOS do PE através de movimento de O, cruzando o sujeito que permanece em Specv*P.....	271
6.3.2.1.1.3.	Derivação sintática e produtividade das estruturas VOS em PE.....	280
6.3.2.1.2.	Sentenças intransitivas VS e AdvVS.....	287
6.3.2.1.2.1.	Sentenças intransitivas VS.....	287
6.3.2.1.2.2.	Sentenças intransitivas AdvVS.....	292
6.3.2.2.	A derivação de sentenças pseudo-clivadas.....	297
6.3.2.3.	A derivação de sentenças SV, SVO e SVAdv com foco prosódico.....	301
6.3.3.	A focalização informacional do sujeito em PB.....	305
6.3.3.1.	Riqueza morfológica verbo-nominal, sujeito nulo e estratégias de focalização do sujeito.....	309
6.3.3.2.	A derivação de sentenças com foco prosódico, clivadas e clivadas invertidas: uma análise unificada.....	320
6.3.3.3.	A derivação de sentenças VS inacusativas.....	329
6.4.	Conclusões.....	331
	CONCLUSÕES.....	339
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	343
	APÊNDICE: UMA REFLEXÃO EMBRIONÁRIA SOBRE A ARQUITETURA DA GRAMÁTICA.....	363
1.	Introdução.....	363
2.	A arquitetura de gramática dos modelos gerativos tradicionais X operações sintáticas motivadas e/ou sujeitas a restrições prosódicas.....	364
3.	Uma proposta preliminar de arquitetura de gramática....	371
4.	Considerações finais: os dados de PB e PE e a arquitetura de gramática aqui proposta.....	374

ANEXOS..... 377

Introdução

Esta tese tem como objetivo a análise comparativa das construções de focalização utilizadas em português brasileiro (doravante, PB) e em português europeu (doravante, PE) na expressão do foco informacional do elemento 'sujeito'.

Nossa hipótese é de que a escolha por diferentes formas de expressão do foco informacional realizada nas duas variedades, além de estar relacionada a questões de natureza puramente sintática, como à fixação do parâmetro *pro-drop*, como afirmam Nespor & Guasti (2002) para as línguas em geral, também está relacionada a questões de natureza prosódica, como, por exemplo, o peso fonológico dos constituintes 'sujeito' e 'predicado'. Esta hipótese se baseia no fato de que constituintes pesados fonologicamente tendem a ocupar a fronteira direita no sintagma entoacional (cf. Inkelas & Zec, 1990; Guasti & Nespor, 1999; Frota & Vigário, 2001; entre outros).

Tendo em conta este fato, supomos que o peso fonológico dos constituintes 'sujeito' e 'predicado' pode condicionar a preferência por determinada ordem nas sentenças de PB e PE, de maneira que o constituinte mais pesado fonologicamente ocupe a margem direita do sintagma entoacional, independentemente da posição sintática usualmente prevista para a ocupação pelo sujeito focalizado nas duas variedades: margem direita da sentença em PE e posição pré-verbal em PB.¹ A adoção de tal hipótese implica o desenvolvimento deste trabalho no âmbito da interface sintaxe-fonologia.

Nesta tese, portanto, argumentaremos em favor de uma análise à luz da interface sintaxe-fonologia para as diferentes estratégias de focalização escolhidas

¹ A margem direita do sintagma entoacional (I), na maioria dos casos, coincide com a margem direita das sentenças em português, exceto nos casos de sentenças constituídas por mais de um sintagma entoacional como, por exemplo, nos casos de sentenças que contêm estruturas parentéticas. Nestes casos, as fronteiras direitas dos sintagmas entoacionais inicial e medial não coincidem com a margem direita da sentença. Exemplo: 'O João, segundo dizem, é muito inteligente' → [O João]I [segundo dizem]I [é muito inteligente]I. O algoritmo de formação de sintagmas entoacionais em português será apresentado na seção 1.1.2.2 deste capítulo.

por PB e PE. Mostraremos que tanto em PE, como em PB, restrições de peso fonológico afetam a ordem dos constituintes nas estruturas de focalização informacional do sujeito. Todavia, também argumentaremos que, em PE, os requisitos fonológicos relacionados ao alinhamento da proeminência do elemento focalizado com a proeminência principal de sentença nas estruturas de focalização podem ser satisfeitos, uma vez que não há restrições sintáticas operando em sua gramática que impeçam a satisfação de tais requisitos. Já em PB, há restrições sintáticas que impedem a satisfação desses requisitos fonológicos. Assim, PE pode lançar mão do reordenamento de constituintes na expressão do foco do sujeito, para que haja alinhamento da proeminência do elemento focalizado com a proeminência principal do sintagma entoacional, assinalada por *default*, enquanto PB, dadas as restrições sintáticas operando em sua gramática, não pode se valer de tal artifício e, conseqüentemente, não satisfaz os requisitos de alinhamento de proeminência. Nesta variedade, ocorre preferencialmente a focalização sintática, com o sujeito, que porta a proeminência principal da sentença, sendo movido para uma posição fora de TP, onde checa seus traços de foco na sintaxe visível. Traremos, sempre que possível, evidência advinda da estrutura prosódica, refletida na estrutura entoacional associada às sentenças das duas variedades de português, como reforço às evidências sintáticas para as derivações sintáticas apresentadas nesta tese.

Para a realização de nossa análise na interface sintaxe-fonologia, valemos do arcabouço teórico sintático e fonológico da Teoria Gerativa. Especificamente, fazemos uso da abordagem sintática do Programa Minimalista, proposto por Chomsky (1995), bem como de suas implementações posteriores (Chomsky, 2000, 2001, 2004). Quanto à fundamentação fonológica, faremos uso das abordagens da denominada Fonologia Entoacional, na linha de Pierrehumbert (1980), Beckman & Pierrehumbert (1986), Pierrehumbert & Beckman (1988), Ladd (1996), Frota (1997, 2000, 2002a, b, 2003), Vigário (1998), Frota & Vigário (2000) e Tenani (2002), entre outros, e da abordagem da hierarquia prosódica conforme proposto em Nespor & Vogel (1986).

1.1.

Quadro Teórico

Nesta seção e na próxima, apresentaremos, respectivamente, a fundamentação teórica sobre sintaxe e fonologia adotada no desenvolvimento desta tese e a organização desta.

1.1.1.

Sintaxe

O modelo teórico adotado nesta tese para o tratamento das questões de ordem sintática é o Programa Minimalista, proposto por Chomsky (1995), e as implementações deste modelo propostas posteriormente em Chomsky (2000, 2001, 2004).

1.1.1.1.

O Programa Minimalista

O Programa Minimalista incorpora a afirmação básica da teoria de Princípios e Parâmetros de que o estado inicial da faculdade da linguagem deve ser caracterizado como um conjunto de princípios gerais com parâmetros abertos, e que gramáticas específicas podem ser identificadas como um conjunto de valores de parâmetros que são baseados nos dados lingüísticos primários aos quais a criança tem acesso no processo de aquisição da linguagem. Assumindo esta afirmação, o Minimalismo também assume, assim como os modelos gerativos anteriores, como o de *Lectures on Government and Binding* (doravante, GB), que um sistema de Princípios e Parâmetros é uma condição *sine qua non* na caracterização adequada da Gramática Universal (doravante, GU).

O Programa Minimalista surge como um modelo que, considerando as propriedades de GU, busca privilegiar critérios de economia, naturalidade, simplicidade, elegância e teor explicativo. Conseqüentemente, é uma das tarefas

do Minimalismo encontrar modos de entender o que faria de um modelo, destinado a dar conta de fenômenos da linguagem, ser mais natural, econômico e elegante.

O modo que o Minimalismo encontra para implementar noções de elegância, economia e naturalidade, no corrente contexto lingüístico em que surge, é agrupar os 'grandes fatos' de linguagem, considerados por qualquer teoria lingüística como tais, e enquadrá-los em uma modelagem teórica adequada, segundo dois princípios de economia que serão especificados a seguir.

Quanto aos 'grandes fatos' de linguagem, é possível identificá-los como propriedades da GU e elencá-los, pelo menos, como seis grandes fatos (cf. Hornstein, Nunes & Grohmann, 2004:6):

- F1: Sentences are basic linguistic units.*
- F2: Sentences are pairings of form (sound/signs) and meaning.*
- F3: Sentences are composed of smaller expressions (words and morphemes).*
- F4: These smaller units are composed into units with hierarchical structure, i.e. phrases, larger than words and smaller than sentences.*
- F5: Sentences show displacement properties in the sense that expressions that appear in one position are interpreted in another.*
- F6: Language is recursive, that is, there's no upper bound on the length of sentences in any given natural language.*

No que diz respeito a noções de economia, a primeira noção pode ser identificada como metodologicamente similar à 'navalha de Occam'(cf. Hornstein, Nunes & Grohmann, 2004:6):

- (1) *All things being equal, two primitive relations are worse than one, three theoretical entities are better than four, four modules are better than five.*

Em suma, quanto menos regras, melhor a teoria. Princípios deste tipo são identificados como princípios de 'economia metodológica'.

O segundo tipo de princípios, princípios de 'economia substantiva', milita em favor do 'mínimo esforço' como origem natural para os princípios gramaticais. A idéia é de que condições de localidade e filtros bem formados são reflexos do fato

de que as gramáticas são organizadas para maximizar recursos. Portanto, passos curtos excluem passos largos, derivações nas quais poucas regras são aplicadas são preferíveis àquelas nas quais muitas regras são aplicadas, movimentos só devem ser feitos quando realmente forem necessários, não deve haver expressões que ocorram inutilmente em representações gramaticais.

Essas duas noções de economia ('metodológica' e 'substantiva') associadas aos seis 'grandes fatos' mencionados acima provêm ao Minimalismo uma estratégia específica de pesquisa: procurar uma teoria mais simples cujas operações militem em favor do mínimo esforço e que acomodem os 'grandes fatos' da linguagem.

Ainda faz-se necessário notar que, a priori, não há razão nenhuma para se pensar que enfoques gramaticais que contemplem critérios de economia, naturalidade, elegância e simplicidade, seguidos pela maioria das pesquisas científicas em geral, garantam uma análise satisfatória para os fenômenos da linguagem. É possível que a faculdade da linguagem não seja elegante, econômica, ou natural, e que a faculdade da linguagem seja até mesmo redundante. Se assim for, o projeto do Minimalismo estará fadado ao fracasso. Todavia, como Hornstein, Nunes & Grohmann (2004:5) afirmam: *one can't know if this is so before one tries.*

As principais características que diferenciam o Programa Minimalista das primeiras versões do modelo de Princípios e Parâmetros são: (i) a diminuição dos níveis de representação que codificam as expressões lingüísticas e; (ii) a suposição de que a faculdade da linguagem é constituída por um léxico e por um sistema computacional.

Levando em conta princípios de economia e simplicidade para dar conta de (F2), o Programa Minimalista restringe a classe de possíveis níveis lingüísticos de representação, presentes em modelos anteriores, apenas àqueles que são requeridos pela necessidade conceitual, ou seja, aqueles que interagem com os sistemas de desempenho. Os sistemas de desempenho são dois: A-P (Sistema Articulatório-Perceptual) e C-I (Sistema Conceptual-Intencional). Os níveis lingüísticos que interagem com A-P e C-I são respectivamente PF (Forma Fonológica, do inglês, *Phonological Form*) e LF (e Forma Lógica, do inglês, *Logical Form*).

Assumindo que A-P e C-I são apenas níveis de interface, PF e LF podem ser concebidos como partes do sistema lingüístico que provêm instruções aos sistemas de desempenho. Portanto, sob a óptica minimalista, todos os princípios e parâmetros do sistema lingüístico devem ser estabelecidos em termos de LF ou PF como meios de interpretação para os sistemas de desempenho, ou seja, todos os princípios e parâmetros devem fazer referência apenas a elementos que funcionam nos níveis de interface e às relações locais entre eles.

Dadas essas considerações, o Minimalismo mostra que níveis outros que LF e PF, ou seja, DS e SS (respectivamente, Estrutura Profunda e Estrutura Superficial, do inglês, *Deep Structure* e *Superficial Structure*) de GB, podem ser eliminados sem qualquer perda empírica significativa.

Uma vez que se excetuam os níveis DS e SS, é preciso encontrar uma maneira de dar conta de fenômenos lingüísticos que eram explicados através de operações que se davam nesses dois níveis. Uma das formas encontrada consiste na característica (ii) apontada acima: a suposição de que a faculdade da linguagem é constituída por um léxico e por um sistema computacional.

No Programa Minimalista, há a suposição de que o léxico especifica os itens que entram no sistema computacional, bem como suas propriedades idiossincráticas, excluindo o que é previsível pelos princípios da GU ou por propriedades da linguagem em questão. O sistema computacional organiza esses itens de modo a formar um par (π, λ) , onde π é um objeto de PF e λ é um objeto de LF. Se π e λ são objetos legítimos, ou seja, interpretáveis em PF e em LF, a derivação ocorre, ou, nos termos minimalistas, 'é convergente' em PF e LF respectivamente. Se π ou λ não atendem aos requisitos de interpretação exigidos por PF e LF respectivamente, a derivação fracassa no nível relevante. Portanto, a derivação só se dá, se atende tanto aos requisitos de interpretação exigidos por LF como aos exigidos por PF.

Em GB, uma das ocorrências que se dá em SS é a atribuição de caso a DPs através de regência.

Levando em conta a suposição de que os itens lexicais já viriam especificados do léxico ao entrarem no sistema computacional, no Programa Minimalista, é assumido que o caso, assim como informações sobre número,

gênero e pessoa, já vêm especificados do léxico para cada item lexical. Se todos os DPs já têm seus traços de caso especificados no léxico, o componente fonológico já possui informações suficientes para, por exemplo, em inglês, um pronome ser realizado como *he* ('ele' pronome sujeito) ao invés de *him* ('ele' pronome objeto). Porém, ainda é necessário garantir que o caso certo apareça no lugar certo, isto é, no exemplo dado, é necessário garantir que *he* apareça na posição de especificador de Infl finito, e não na posição de objeto de verbos finitos (posição que deve ser ocupada pelo pronome *him*). Essa garantia se dá através de checagem em LF. A checagem de caso em LF se dá através de operações de movimento.

Uma sentença como (2) não é gramatical em inglês porque *loves* apenas pode checar caso acusativo e *she* tem um caso nominativo para ser checado.

(2) **He loves she.*
 ele ama ela
 'Ele ama ela.'

Quanto à checagem de caso, assumiremos neste trabalho que ela não se dá por movimento, mas pela operação *Agree* (cf. Chomsky, 2000, 2001, 2004). Trataremos desta operação, bem como da motivação para a adoção de tal operação, na próxima subseção.

Outra ocorrência que leva em conta o nível SS em GB é o alçamento dos elementos *wh* ('qu').

Em GB, para dar conta do movimento de *wh* nas diferentes línguas, é preciso postular o nível SS para distinguir movimentos não visíveis de movimentos visíveis. Isto implica afirmar que, em inglês, elementos *wh* se movem visivelmente, antes de SS, para a posição de especificador de CP, resultando em sentenças como (3).²

² Os exemplos apresentados em (3) e (4) são extraídos de Hornstein, Nunes & Grohmann (2004).

- (3) *What did Bill buy?*
 o que auxiliar interrogativo Bill comprou
 'O que Bill comprou?'

Já em chinês, elementos *wh* permanecem *in situ*, portanto, só são movidos na 'sintaxe não visível', depois de SS, em LF, resultando em sentenças como (4):

- (4) *Bill mai-le shenme?*
Bill comprar-ASP o que
 'Bill comprou o quê?'

Excluindo o nível SS, o Programa Minimalista dá conta deste fato assumindo que as línguas diferem em relação aos traços dos elementos que estão sujeitos a movimentos.

Os elementos, que pertencem ao léxico das línguas, encontram-se em duas diferentes categorias: categoria funcional e categoria lexical. Os elementos que pertencem à categoria lexical são: verbo principal (V, núcleo do sintagma verbal VP), nome (N, núcleo do sintagma nominal NP) e adjetivo (A, núcleo do sintagma adjetival AP). Já os elementos que pertencem à categoria funcional são: complementizadores (C, núcleo do sintagma complementizador CP), determinantes (D, núcleo do sintagma determinante DP), marcas de tempo (T, núcleo do sintagma temporal TP), marcas de concordância (Agr, núcleo do sintagma de concordância AgrP) e verbo leve (v, núcleo do sintagma verbal do tipo vP).³

Os traços que compõem os elementos das categorias funcional e lexical podem ser de dois tipos: traços fortes e traços fracos. Traços fortes são traços fonologicamente não interpretáveis e, então, devem ser checados antes da gramática se dividir, ou seja, antes de mandar uma cópia da derivação para LF, para a interpretação semântica, e outra para PF, para a interpretação fonética. Os traços sintáticos formais são exemplos de traços fortes como, por exemplo, os traços ϕ associados a categorias funcionais e o traço EPP ('Princípio da Projeção

³ As preposições possuem um caráter ambíguo, dado que certas preposições parecem se comportar como elementos da categoria lexical, enquanto outras, como elementos da categoria funcional. Maiores detalhes sobre a classificação das preposições estão fora do escopo deste trabalho.

Estendida', do inglês *Extended Project Principle*).⁴ Traços fracos, por outro lado, são interpretáveis fonologicamente e só devem ser checados em LF. Como exemplos de traços fracos, podemos citar: traços ϕ de gênero, pessoa e número. Assumindo o Princípio de Procrastinar, isto é, adiar ao máximo as operações, traços só são checados apenas se realmente devem ser checados. Traços fracos não precisam ser checados na sintaxe visível, sendo assim, Procrastinar requer que eles sejam checados em LF. Em contrapartida, traços fortes devem ser checados antes da gramática se dividir, portanto, visivelmente.

No caso do movimento de *wh* em chinês e em inglês, assumindo que o traço-*wh* de complementizadores interrogativos em inglês é forte, mas em chinês é fraco, para que as derivações se dêem satisfatoriamente em PF, expressões-*wh* devem ser movidas visivelmente e checar seu traço forte em inglês, enquanto, em chinês, expressões-*wh* só se movem em LF, satisfazendo Procrastinar.

Antes de tratarmos das maneiras utilizadas pelo Minimalismo para dar conta das ocorrências em DS, é necessário ainda notar que, em GB, era no nível SS que a derivação se dividia.

No Minimalismo se assume que em algum ponto da derivação o sistema computacional emprega a regra de *Spell-Out* que, por sua vez, separa a estrutura relevante para a interpretação fonética da estrutura que pertence à interpretação semântica e envia cada uma das estruturas para a interface apropriada. Em GB, postula-se que há um ponto em toda derivação em que o *Spell-Out* se aplica, nomeadamente, SS. Repare que postular que em toda derivação *Spell-Out* se aplica em algum ponto não é o mesmo que postular que em toda derivação *Spell-Out* se aplica no mesmo e único ponto. Se a aplicação de *Spell-Out* se dá em algum ponto (podendo se dar também mais de uma vez), mas não necessariamente no mesmo ponto em toda derivação, então, esta aplicação pode ser regida por condições gerais do sistema e não precisa estar sujeita a condições de filtro que conferem a ela uma condição de nível de representação, como SS.

Em uma computação é necessário que *Spell-Out* se aplique no mínimo uma vez para que a derivação ocorra e forme o par forma/significado. Se uma única

⁴ O 'Princípio da Projeção Estendida' foi inicialmente proposto em Chomsky (1981, 1982). Segundo este princípio, toda oração tem sujeito.

aplicação de *Spell-Out* é suficiente para que a derivação se dê, outras aplicações de *Spell-Out* devem ser bloqueadas por motivos de economia. Se *Spell-Out* se aplica antes de os traços fortes serem checados, estes traços não checados causam o fracasso da derivação em PF. Posto isto, operações de movimento visível devem ocorrer antes de *Spell-Out*. Entretanto, se uma operação de movimento que ocorre antes de *Spell-Out* checar apenas traços fracos, a derivação (se convergente) é bloqueada por Procrastinar. Se não há traços fortes envolvidos, a checagem de traços fracos deve proceder através de movimentos na 'sintaxe não visível', depois de *Spell-Out*, em LF. Dado que aplicações de *Spell-Out* são independentemente regidas por condições de convergência e economia, o Programa Minimalista dá conta da distinção entre movimentos visíveis e não visíveis sem lançar mão do nível de representação SS, mas através de operações de checagem de traços fortes e fracos que ocorrem respectivamente antes e depois da aplicação de *Spell-Out*, conforme o tipo de traço a ser checado.

Com a exclusão do nível DS, ponto inicial da derivação em GB, o Minimalismo dá conta de fatos lingüísticos que eram explicados através de operações que se davam neste nível (atribuição de papéis temáticos, recursividade lingüística), basicamente, utilizando-se de dois artifícios: operações de 'concatenação' (*Merge*) e através da noção de *Numeração*.

No Programa Minimalista, papéis temáticos só podem ser assinalados sob a operação *Merge*. Esta operação permite a recursividade, e o ponto inicial da derivação passa a ser a numeração. Vejamos em detalhes.

A recursividade é obtida na medida em que *Merge* toma dois objetos sintáticos e forma um novo constituinte sintático a partir deles. Por exemplo, para derivar uma sentença como 'João ama Maria' em português, *Merge* toma os dois itens lexicais 'ama' e 'Maria' e forma o VP [ama Maria], então, *Merge* conecta esse VP a Infl, formando [_{IP} Infl [_{VP} ama Maria]], posteriormente, *Merge* toma o item lexical 'João' e o conecta a esta última estrutura formada, resultando no IP [_{IP} João [_{IP} Infl [_{VP} ama Maria]]]. Sob a perspectiva minimalista, não é necessário postular um nível representacional, como DS, uma vez que um recurso possível, como *Merge*, executa seu trabalho.

Quanto à atribuição de papéis temáticos no quadro minimalista, uma estrutura do inglês como em (5) é bem formada porque o papel temático de 'meeter' ('aquele que encontra') é assinalado para PRO quando este elemento é conectado por *Merge* ao I' do IP encaixado e o papel de 'hoper' ('aquele que espera') é assinalado a 'Mary' quando esse elemento é conectado por *Merge* à matriz I'. Então, quando o Critério Temático se aplica em LF, a derivação será julgada como convergente.

- (5) $[_{IP} \text{Mary}_i \text{ hopes } [_{IP} \text{PRO}_i \text{ to meet } \text{Joe}]]$
 Mary espera encontrar Joe
 'Mary espera encontrar Joe'

Já em uma estrutura como (6), embora 'Mary' possa receber o papel temático de 'aquele que encontra', quando se conecta por *Merge* ao I' da estrutura encaixada, não pode receber o papel temático de 'aquele que espera' porque o elemento 'Mary' é conectado à oração matriz por movimento (operação 'mover', do inglês, *Move*) e não por *Merge*. Uma vez que o papel temático de 'aquele que espera' não pode ser 'descarregado', a sentença em (6) violará o Critério Temático em LF e a derivação fracassará.

- (6) $[_{IP} * \text{Mary}_i \text{ hoped } [_{IP} t_i \text{ to meet } \text{Joe}]]$
 'Mary espera encontrar Joe'

O nível DS de GB também é o ponto inicial da derivação. DS assegura que LF e PF sejam compatíveis, já que são baseados nos mesmos recursos. Ou seja, o resultado (*output*) em PF associado a uma sentença do português como 'A Maria gosta do Pedro' deve significar 'A Maria gosta do Pedro' e não 'Eu acho que a Maria gosta do Pedro'.

No Minimalismo, uma vez que se exclui o nível DS, é necessário encontrar um ponto inicial para derivações, de modo a assegurar a compatibilidade entre PF e LF. Mas isso não significa que, como em GB, precise se postular um nível, conceitualmente não requerido, para que a compatibilidade PF-LF seja

assegurada. Só é preciso encontrar um objeto formal que contenha os átomos relevantes que 'alimentarão' o sistema computacional.

Chomsky (1995) sugere que esse ponto inicial é a *Numeração*: um conjunto de pares (LI, i), onde 'LI' é um item lexical e 'i' indica o número de vezes que o item lexical pode entrar na computação:

- (7) Maria vai comprar uma bola.
(N = {Maria₁, vai₁, comprar₁, uma₁, bola₁}).

Dada uma numeração, o sistema computacional acessa seu item lexical através da operação de Seleção (*Select*). *Select* extrai um elemento da numeração reduzindo de seu índice uma unidade. Na numeração dada em (7) logo acima, o sistema computacional pode selecionar 'bola' e 'uma', reduzindo seus índices a 0: bola₀, uma₀. Os dois itens lexicais podem então ser conectados por *Merge*, formando um DP. Muitas aplicações de *Select* esgotam a numeração e sucessivas aplicações de *Merge* formam a seguinte estrutura correspondente ao exemplo (7):

- (7') (N = {Maria₀, vai₀, comprar₀, uma₀, bola₀}
[_{IP} [_{DP} Maria] [_{I'} vai [_{VP} comprar [_{DP} uma bola]]]])

Uma computação é tomada para ser uma derivação apenas se a numeração já se esgotou. Desta forma, a compatibilidade entre PF e LF é assegurada, uma vez que o sistema computacional acessa uma numeração em um dado momento, garantindo que LF e PF serão construídos com os mesmos recursos lexicais.

1.1.1.2.

Chomsky (2000, 2001, 2004)

Conforme Chomsky (2000, 2001, 2004), a checagem de traços, como por exemplo, o traço de Caso, se dá pela operação *Agree* (concordância) em um sistema *probe-goal* (sonda-alvo). *Probe* consiste em um conjunto de traços formais não interpretáveis de um núcleo funcional e concorda com *Goal*, que consiste em um elemento com traços formais do mesmo tipo dos apresentados por *Probe*. Após a verificação entre os valores dos traços de *Probe* e *Goal*, os traços não interpretáveis são eliminados. Um elemento só pode ser *Goal* de *Probe*, se estiver sob o domínio de *Probe*, ou seja, se for c-comandado por *Probe*. Além disso, para que a operação *Agree* se aplique entre *Probe* e *Goal*, não deve haver nenhuma 'fase forte', nos termos de Chomsky, que esteja entre *Probe* e *Goal*. Segundo este autor, CP e v*P (projeção para verbos transitivos e inergativos) são exemplos de fases fortes. Já VP, vP (projeção de verbos existenciais, inacusativos e copulares) são fases fracas, que, portanto, não impedem que *Agree* se aplique.

De acordo com Chomsky (2001), a operação *Agree* está sujeita à Condição de Impenetrabilidade de Fase (PIC: *Phase-Impenetrability Condition*). Segundo esta condição, dada uma fase forte HP com núcleo H:

- (8) *The domain of H is not accessible to operations outside HP; only H and its edges are accessible to such operations.*

Em (8), as fronteiras (*edges*) de H referem-se aos elementos fora de H': especificadores ou elementos adjuntos a HP.

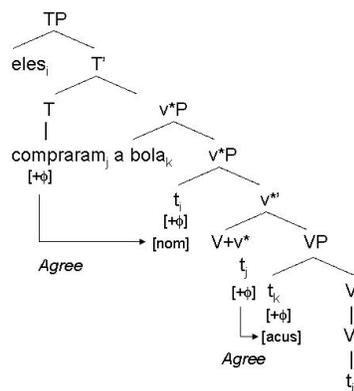
H e suas fronteiras são acessíveis apenas até próxima fase forte, sob PIC: em (9), os elementos de HP são acessíveis a operações dentro da menor fase forte de ZP, mas não através dela.

- (9) $[_{ZP} Z \dots [_{HP} \alpha [H YP]]]$

Se *Probe* contiver o traço EPP não interpretável, além da checagem de traços de Caso, haverá movimento de *Goal* para a posição do especificador onde está *Probe*.

De acordo com Chomsky (2000, 2001), as categorias atribuidoras de Caso são T finito e v*.⁵ T finito atribui Caso Nominativo ao argumento externo do verbo, por meio de checagem de traços ϕ não interpretáveis, e v* atribui Caso Acusativo ao elemento selecionado por V, também por checagem de traços ϕ não interpretáveis. Em (10), apresentamos um exemplo da aplicação de *Agree* na checagem dos Casos do sujeito e do objeto na sentença do português 'Eles compraram a bola'. Nesta sentença, também ocorre o movimento posterior do sujeito 'eles' para SpecTP para a checagem do traço EPP de *Probe* nesta mesma posição.

(10)



⁵ No sistema de Chomsky (2000, 2001), o Caso Nominativo e o Caso Acusativo são valorados e eliminados por ϕ -Probes localizadas em T e v* respectivamente. Entretanto, a afirmação quanto à checagem de Caso Nominativo é modificada em Chomsky (2004), onde é afirmado que traços- ϕ são gerados em C, núcleo da fase forte CP, e não em T. Nesta tese, assumiremos a perspectiva de checagem de Caso Nominativo proposta em Chomsky (2000, 2001) por motivos de simplificação, posto que a assunção de tal proposta não traz implicações relevantes para a análise desenvolvida aqui.

A checagem de traços através da operação *Agree* é mais econômica, uma vez que não implica movimento na 'sintaxe visível', nem em LF. Dado que um dos objetivos do Minimalismo é a busca por uma derivação econômica (menos níveis de representação, menos movimentos, menos projeções), a adoção de *Agree* para checagem de traços, sempre que possível, é mais conveniente.

Passemos agora ao arcabouço teórico fonológico utilizado nesta tese.

1.1.2.

Fonologia

1.1.2.1.

A Fonologia Entoacional

A Fonologia Entoacional consiste em uma abordagem da estrutura entoacional que pressupõe que a entoação tem uma organização fonológica. Um de seus principais objetivos é tentar fornecer um aparato descritivo potencialmente universal para a entoação, o que vai ao encontro aos pressupostos da Teoria Gerativa. Uma vez que a presente tese é desenvolvida no âmbito desta teoria, a abordagem da entoação conforme a perspectiva da Fonologia Entoacional, e não conforme outras como, por exemplo, a perspectiva da tradição britânica que segue o modelo de contornos entoacionais proposto em Halliday (1963, 1967, 1970) ou a perspectiva do modelo de análise entoacional da escola francesa (cf. Fónagy, 1981, 1983, 1993), torna-se mais adequada do ponto de vista metodológico. Assim, os fenômenos lingüísticos que se dão nos diferentes componentes da gramática (sintaxe e fonologia) são tratados nesta tese dentro de um mesmo quadro teórico, nomeadamente, no quadro da Teoria Gerativa.

Segundo a ótica da Fonologia Entoacional, um contorno entoacional consiste, fonologicamente, em uma seqüência de unidades discretas, os eventos tonais. Esses eventos tonais são localmente definidos, constituem blocos de contorno e estão associados a pontos específicos na cadeia segmental (Beckman & Pierrehumbert, 1986; Pierrehumbert & Beckman, 1988; Hayes & Lahiri, 1991;

Ladd, 1996; Frota, 1997, 2000, 2002a, 2002b e 2003; Vigário, 1998; Tenani, 2002; entre outros). A representação fonética dessa cadeia de eventos tonais é o contorno de frequência fundamental (F_0).

Em línguas como o inglês, o PB e o PE, os eventos tonais mais importantes da cadeia tonal são os acentos tonais e os tons relacionados a fronteiras. Estes dois tipos de tons podem ser analisados como sendo compostos por níveis de tons primitivos ou por alvos da altura, alto (H - *high*) e baixo (L - *low*). Entre os eventos tonais, o contorno de altura é fonologicamente não especificado e pode ser descrito em termos de transições de um evento para o outro.

Os acentos tonais são associados a sílabas proeminentes na cadeia segmental e podem ser simples, monotonais (L^* ou H^*), ou complexos, bitonais (H^*+L , $H+L^*$, L^*+H ou $L+H^*$). Os tons relacionados a fronteiras são associados a fronteiras de domínios prosódicos e podem ser de dois tipos: tons de fronteira (*boundary tones*: $L\%$ ou $H\%$) ou acentos frasais (*phrasal accents*: L^- ou H^-), conforme a notação de Pierrehumbert.⁶

Na abordagem da Fonologia Entoacional, os eventos tonais são estruturados de acordo com as relações de constituência e de proeminência definidas na estrutura prosódica.

Em línguas como o bengali, o português europeu e o português brasileiro (cf., respectivamente, Hayes & Lahiri, 1991 para o inglês; Frota, 2000 para o PE e Tenani, 2002 para o PB), a estrutura prosódica relevante para a entoação é fornecida pela hierarquia prosódica (cf. Selkirk, 1984; Nespor & Vogel, 1986; entre outros), abordada na próxima seção, intitulada 'Fonologia Prosódica'.

1.1.2.2.

Fonologia Prosódica

Nesta pesquisa, a fonologia prosódica é abordada sob a perspectiva de Nespor & Vogel (1986).

⁶ Na literatura lingüística brasileira sobre entoação do PB, 'acento frasal' é o termo mais utilizado para a tradução de *phrasal accent*.

Conforme essas autoras, a fonologia prosódica é uma teoria da estrutura fonológica e sua relação com a sintaxe.

Segundo essa teoria, o fluxo da fala é organizado hierarquicamente dentro de domínios prosódicos e a evidência para esta hierarquia prosódica vem da operação de regras fonológicas, que se aplicam no interior de certos domínios e que são bloqueadas por algumas junturas de domínios.

A estrutura prosódica é parcialmente determinada pela estrutura sintática. Em alguns casos, essas duas estruturas podem coincidir, e, em outros, divergir. Esta é a razão por que a sintaxe nem sempre faz as corretas previsões sobre a estrutura prosódica.

A relação entre a estrutura sintática e a prosódica é definida por um mapeamento sintático-fonológico que fornece uma representação prosódica consistindo em uma hierarquia de constituintes prosódicos.

Segundo Nespor & Vogel (1986), os constituintes prosódicos se dispõem hierarquicamente, como indicado em (11), incluindo desde a sílaba até o enunciado:⁷

- (11)
- | |
|---|
| Enunciado U (do inglês <i>utterance</i>) |
| Sintagma entonacional I (do inglês <i>intonational phrase</i>) |
| Sintagma fonológico ϕ |
| Grupo clítico C |
| Palavra fonológica ω |
| Pé Σ |
| Sílaba σ |

Em nossa pesquisa, os níveis prosódicos privilegiados são: a palavra fonológica (ω), o sintagma fonológico (ϕ) e o sintagma entoacional (I). São dois os motivos que nos levam a privilegiar esses níveis prosódicos: (i) o mapeamento sintaxe-fonologia se estabelece de modo mais direto e intenso a partir do nível da palavra fonológica e; (ii) em PE, o sintagma entoacional é o domínio relevante para

⁷ *Intonational phrase* e *phonological phrase* são usualmente traduzidos como 'frase entoacional' e 'frase fonológica' na literatura lingüística brasileira sobre fonologia prosódica, porém, optamos pelas traduções 'sintagma entoacional' e 'sintagma fonológico' devido ao fato de o termo *phrase* remeter, em termos sintáticos, a um sintagma, uma unidade menor que a frase.

a associação de tons ao contorno entoacional (cf. Frota, 1997, 2000, 2002a, 2002b e 2003; Vigário, 1998; Frota & Vigário, 2000; entre outros); já em PB, o domínio privilegiado para a associação de tons ao contorno é o sintagma fonológico (cf. Frota & Vigário, 2000; Tenani, 2002) e, conforme o presente trabalho, também a palavra fonológica (cf. capítulo 5 desta tese).

Nesta pesquisa, adotamos as formulações dos algoritmos de ϕ e I propostos por Nespor & Vogel (1986) e adaptados por Frota (2000) para PE tanto para esta mesma variedade de português, como para PB. Segundo Frota (2000):

- (12) *Phonological Phrase (ϕ) Formation*
a. ϕ Domain: a lexical head X and all elements on its non-recursive side which are still within the maximal projection of X.
b. ϕ Restructuring: optional, obligatory or prohibited inclusion of a branching or non-branching ϕ which is the first complement of X into the ϕ that contains X.
- (13) *Intonational Phrase (I) formation*
a. I Domain: (i) all the ϕ s in a string that is not structurally attached to the sentence tree (i.e. parenthetical expression, tag questions, vocatives, etc); (ii) any remaining sequence of adjacent ϕ s in a root sentence; (iii) the domain of an intonation contour, whose boundaries coincide with the positions in which grammar-related pauses may be introduced in an utterance.
b. I Restructuring: (i) restructuring of one basic I into shorter Is, or (ii) restructuring of basic Is into a larger I. Factors that play a role in I restructuring: length of the constituents, rate of speech, and style interact with syntactic and semantic restrictions.

Com relação à palavra fonológica (também chamada, por alguns autores, de 'palavra prosódica'), adotamos a definição e as condições de boa formação de palavra fonológica propostas por Vigário (2003) para PE também para ambas as variedades de português. Conforme Vigário (2003):

- (14) *Well-formedness conditions on the prosodic word domain*
- A minimal prosodic word has one and only one (word) primary stress.
- A maximal prosodic word has one and only one prominent element.
- A unit bearing word stress must be included within a minimal prosodic word.

- (15) *Maximal prosodic word: a prosodic word that is immediately dominated by the next higher prosodic level (i.e. the phonological phrase).*
Minimal prosodic word: a prosodic word that immediately dominates the next lower prosodic level (i.e. the foot).

Adotamos, para o PB, os algoritmos de formação de ϕ e I propostos por Frota (2000) para o PE, bem como a definição e as condições de boa formação de ω em PE propostas por Vigário (2003), uma vez que pretendemos comparar a estrutura entoacional associada a estes domínios prosódicos nas duas variedades de português. Além disso, conforme Tenani (2002), os algoritmos de ϕ e I, propostos por Frota (2000) para o PE, também são adequados para o PB. Com relação à definição e às condições de boa formação de ω de Vigário (2003) para o PE, é possível afirmar que são adequadas também para o PB. De acordo com Schwindt (2000, 2001), a ω em PB só pode comportar um elemento proeminente e, portanto, não possuirá mais do que um acento primário, o que vai ao encontro das condições de boa formação de palavra fonológica e da definição de palavra fonológica mínima propostas por Vigário (2003).

Os mesmos motivos de comparação da estrutura entoacional associada aos domínios prosódicos em PB e PE justificam a abordagem da Fonologia Prosódica sob a perspectiva de Nespor & Vogel (1986). Os resultados aqui obtidos sobre a estrutura entoacional associada aos domínios prosódicos em PB e PE serão comparados aos trabalhos previamente desenvolvidos sobre esta mesma temática nas duas variedades (para PE: Frota, 1997, 2000, 2002a, 2002b e 2003; Vigário, 1998; Frota & Vigário, 2000; e para PB, Frota & Vigário, 2000; Tenani, 2002). Posto que todos estes trabalhos lançam mão da abordagem de Fonologia Prosódica, conforme proposto em Nespor & Vogel (1986), também nos valem da mesma abordagem neste presente trabalho. Para que a comparação dos nossos resultados com os resultados dos trabalhos citados anteriormente seja realizada de modo coerente, é conveniente que utilizemos o mesmo quadro teórico para Fonologia Prosódica utilizado por estes.

1.2.

A organização do presente trabalho

O presente trabalho será apresentado nos seis próximos capítulos.

No capítulo 2, definimos 'o foco'; caracterizamos este fenômeno lingüístico nos diferentes componentes da gramática; apresentamos as estratégias de focalização utilizadas pelas línguas na marcação do foco; e apresentamos uma discussão sobre a relação 'foco e proeminência' na gramática gerativa.

No capítulo 3, apresentamos uma revisão das análises já propostas para o sujeito portando foco de informação em PB e PE, desenvolvidas no âmbito da sintaxe.

Já no capítulo 4, apresentamos nossos dados relativos a sentenças com sujeito portando foco de informação em PB e PE provenientes da aplicação de experimentos nas duas variedades de português. Neste mesmo capítulo, é apresentada a metodologia utilizada na realização de tais experimentos, bem como são descritos os resultados obtidos a partir da aplicação dos mesmos.

No capítulo 5, apresentamos os resultados de estudos já realizados sobre a estrutura entoacional de sentenças neutras e com elementos focalizados em PB e PE e descrevemos e analisamos nossos dados orais das duas variedades de português, do ponto de vista entoacional.

Por sua vez, no capítulo 6, apresentamos nossa análise dos dados de PB e PE à luz da interface sintaxe-fonologia.

Finalmente, no capítulo 7, apresentamos as conclusões desta tese.

2

O Foco e a Relação Foco-Proeminência

2.1.

Introdução

O termo *foco* é empregado na literatura lingüística no mínimo com dois sentidos diferentes: ele pode carregar a informação nova no discurso (ou sentença) e pode também funcionar como operador expressando identificação (cf. Kiss, 1995).¹

Estas duas noções de foco apresentadas por Kiss correspondem às noções utilizadas para caracterizar respectivamente o foco de escopo largo e o foco de escopo estreito. O foco de escopo largo introduz um fato novo no discurso e, neste caso, o constituinte focalizado compreende todo o enunciado que introduz este fato. Já o foco de escopo estreito expressa identificação, na medida em que opera em um conjunto de entidades relevantes no domínio do discurso, identificando, deste conjunto, apenas os elementos aos quais o predicado assegura predicação. Nos casos de foco de escopo estreito, o constituinte focalizado corresponde a um constituinte menor que o enunciado inteiro. Conforme afirmam Leusen & Kálmán (1993), o foco de escopo largo e o foco de escopo estreito ocorrem em contextos distintos. O primeiro pode ser encontrado geralmente em contextos *out-of-the-blue*, em narrativas, estruturas de listas ou em respostas a perguntas como *‘O que aconteceu?’* (1); já o segundo é encontrado em respostas (2a) e em réplicas (2b):²

¹ As línguas podem apresentar diferentes tipos de foco. Gussenhoven (2006) afirma que, em inglês, podemos encontrar: foco de apresentação (ou de informação), foco de correção (ou contrastivo), foco de contra-pressuposição, foco de definição, foco de contingência, foco de reativação e foco de identificação.

² Nas sentenças dos exemplos, os elementos focalizados aparecem em **negrito**.

- (1) Foco de escopo largo: O que aconteceu?
O João comprou livros.
- (2) Foco de escopo estreito: Quem comprou livros?
 a. **O João** comprou livros.
 O Pedro comprou livros?
 b. Não, **o João** comprou livros.

Em (2), há dois exemplos diferentes que expressam o foco de escopo estreito. Estes dois exemplos correspondem a dois tipos diferentes de foco de escopo estreito, nomeadamente, foco de informação (também denominado 'foco de apresentação') e foco contrastivo (ou corretivo, nos termos de Gussenhoven, 2006). Em situações de foco de informação, como representado em (2a), o constituinte focalizado carrega apenas informação nova e compreende, em um enunciado-resposta, a parte que corresponde especificamente à informação requerida pela pergunta feita anteriormente. Nos casos de foco contrastivo, como representado em (2b), o constituinte focalizado também carrega informação nova, porém, esta informação nova corrige ou nega uma pressuposição implícita ou explícita de um enunciado prévio.

Estes dois tipos de foco são, muitas vezes, tratados como um só tipo de foco, foco de escopo estreito, todavia, faz-se necessário tratar de foco de informação e foco contrastivo individualmente, posto que constituem tipos diferentes de expressão da informação nova no discurso e que podem ser expressas de maneiras diferentes nas línguas. Por exemplo, na língua efik, o foco de informação e o foco contrastivo são distinguidos, na medida em que o elemento que expressa foco contrastivo requer uma partícula específica que indica este tipo de foco (cf. de Jong, 1980; Gussenhoven, 1983).

Também Kiss (1998), com base em dados do húngaro e do inglês, afirma que o foco de informação e o foco de identificação que, segundo a proposta da autora, pode também expressar contraste, devem ser, de fato, distinguidos na descrição das línguas.

Para Kiss, o foco de identificação tem como função representar um subconjunto exaustivo – com o qual o sintagma predicado estabelece relação de predicação – de um conjunto de elementos situacionalmente ou contextualmente dados. Já, se a parte da sentença que carrega informação nova (informação não

pressuposta) não expressa identificação exaustiva em um conjunto de entidades contextualmente ou situacionalmente dadas, ela não constitui foco de identificação, mas foco de informação. O foco de informação está presente em todas as sentenças, mas nem todas as sentenças apresentam um foco de identificação, segundo a mesma autora.

Kiss argumenta que o foco de identificação difere do foco de informação em seis aspectos. Dentre eles, destacamos quatro: (i) o foco de identificação expressa identificação exaustiva, enquanto o foco de informação apenas marca a natureza não pressuposta da informação; (ii) certos tipos de constituintes, como os quantificadores universais, que são sintagmas formados, por exemplo, pelas palavras ‘mesmo’ e ‘também’, não podem constituir foco de identificação, já o tipo de constituinte que pode formar foco de informação não é restrito; (iii) o foco de identificação é um operador, enquanto o foco de informação não é; e (iv) o foco de identificação é movido para o especificador de uma projeção funcional de foco, já o foco de informação não sofre qualquer movimento. Eis exemplos do húngaro e do inglês, respectivamente, de foco de informação (exemplos em (3)) e foco de identificação (exemplos em (4)), extraídos de Kiss (1998):³

Contexto: John e Mary foram às compras. O que Mary escolheu para ela?

- (3) a. *Mari ki nézett magának egy kalapot.*
 Mary prep. escolheu para ela._{acus.} um chapéu._{acus.}
 b. *Mary picked for herself a hat.*
 Mary escolheu para ela um chapéu
 ‘Mary escolheu **um chapéu** para ela.’

Contexto: John e Mary foram às compras. Mary escolheu para ela um chapéu. Foi um casaco que Mary escolheu para ela?

- (4) a. *Mari egy kalapot nézett ki magának.*
 b. *(No), it was a hat that Mary picked for herself.*
 não 3ª pes.sing. foi um chapéu que Mary escolheu para ela
 ‘(Não), foi **um chapéu** que Mary escolheu para ela.’

³ Nos exemplos: ‘prep.’ corresponde à preposição; ‘acus.’, à marca de acusativo; e ‘3ª pes.sing.’, à sujeito lexical de terceira pessoa do singular.

Nota-se que enquanto as sentenças em (3a) e (3b) apenas carregam a informação nova, não pressuposta anteriormente no discurso, a respeito de o quê 'Mary' escolheu para ela, as sentenças em (4a) e (4b) carregam a informação nova e **exaustiva** de que, de um conjunto formado pelas entidades 'casaco' e 'chapéu', 'Mary' escolheu 'um chapéu' para ela, e não 'um casaco'.

A propriedade (ii) pode ser ilustrada pela agramaticalidade das sentenças em (4), quando são adicionados os quantificadores universais *még* 'mesmo' e *even* 'mesmo' aos respectivos sintagmas focalizados do húngaro e do inglês:

- Foi um casaco que Mary escolheu para ela?
 (4) a. * *Mari még egy kalapot nézett ki magának.*
 b. (No) **It was even a hat that Mary picked for herself.*

Já a propriedade (iii), que concerne ao fato de que o foco de identificação é um operador em uma posição de escopo e o foco de informação não o é, pode ser constatada quando outros operadores também têm escopo na sentença. O operador de foco de identificação entra em relação de escopo com outros operadores, enquanto o foco de informação é o núcleo do escopo desses operadores:

- Era com Ann que todo garoto queria dançar?
 (5) a. **Marival** akart táncolni minden fiú.
 Mary.com queria dançar todo garoto
 b. *It was Mary that every boy wanted to dance with.*
 3ª pes.sing. era Mary que todo garoto queria dançar com
 'Era com **Mary** que todo garoto queria dançar.'

- Com quem todo garoto queria dançar?
 (6) a. *Minden fiú Marival akart táncolni.*
 b. *Every boy wanted to dance with Mary.*
 todo garoto queria dançar com Mary
 'Todo garoto queria dançar com **Mary**.'

A diferença entre as sentenças em (5) e as sentença em (6) é que, nas sentenças em (5), o foco em 'Mary' é de identificação e a informação expressada é de que é com 'Mary', e somente com ela e com mais nenhuma outra de todas as garotas presentes em um dado contexto, inclusive 'Ann', que todo garoto queria dançar. Neste caso, a identificação exaustiva tem escopo sobre o quantificador universal 'todo', não permitindo a leitura na qual o quantificador universal tem como escopo a sentença inteira. Já nas sentenças em (6), o foco em 'Mary' é de informação e o quantificador universal tem escopo sobre a sentença inteira. O significado de '*Minden fiú **Marival** akart táncolni*' e '*Every boy wanted to dance with **Mary***' é o de que todo garoto queria dançar com uma das garotas (neste caso, com 'Mary') presentes em um dado contexto, o que não exclui a possibilidade de quererem dançar com as outras também. O foco de informação em 'Mary' não expressa identificação exaustiva, mas representa o escopo nuclear do quantificador universal 'todo'.

Com relação à posição ocupada na sentença, propriedade (iv), Kiss afirma que o foco de identificação ocupa uma posição de especificador de uma projeção funcional, chamada sintagma de foco, tanto em húngaro quanto em inglês. Por outro lado, o foco de informação não possui uma posição estrutural específica designada na sentença. As representações dadas abaixo para as sentenças (3a) e (4a) do húngaro e para as sentenças (3b) e (4b) do inglês exemplificam as afirmações feitas por Kiss:

- (3'') a. [_{IP} Mari [_{I'} ki nézett magának **egy kalapot**]]
 b. [_{IP} Mary [_{I'} picked for herself **a hat**]]
- (4'') a. Mari [_{FP} **egy kalapot** [_{F'} nézett_i [_{VP} ki t_i]]]
 b. [_{IP} It [_{I'} was [_{FP} **a hat**_i [_{CP} that [_{IP} Mary [_{I'} picked **t_i** for herself]]]]]]

Enquanto nas estruturas em (3a'') e (3b''), os constituintes *egy kalapot* e *a hat*, em contexto de foco de informação, permanecem em I', os mesmos

constituintes, em contexto de foco de identificação, aparecem em uma posição diferente, posição de especificador de FP, segundo a análise de Kiss.

A mesma autora ainda destaca que, no que se refere ao foco de identificação, as línguas podem variar parametricamente quanto aos valores dos traços [\pm exaustivo] e [\pm contrastivo] associados a este tipo de foco.⁴ O traço [\pm exaustivo] identifica um subconjunto de um conjunto relevante ao qual o predicado assegura predicação, excluindo o subconjunto complementar ao qual o predicado não assegura predicação, ou seja, o traço [\pm exaustivo] expressa identificação exaustiva. Já o traço [\pm contrastivo] identifica um subconjunto de um dado conjunto e também indentifica, por contraste, o subconjunto complementar deste mesmo conjunto. Segundo Kiss, o complexo de traços associados ao foco de identificação pode ser forte (assumindo o quadro teórico minimalista de Chomsky, 1995), desencadeando movimento obrigatório do foco na sintaxe visível, ou pode ser opcionalmente forte ou fraco, permitindo movimento do foco na sintaxe visível, se forte, ou em LF, se fraco.

Estabelecida a distinção entre foco de informação e foco contrastivo (foco de identificação indicando contraste, conforme a proposta de Kiss), o objetivo desta tese é o estudo comparativo, especificamente do ponto de vista sintático e prosódico, da expressão do foco de informação no constituinte sujeito em sentenças do PB e do PE. A delimitação do nosso estudo se baseia no fato de que estas duas variedades de português parecem se comportar diferentemente quanto à possibilidade de realização do foco de informação no sujeito, conforme mostraremos mais adiante. E é esta diferença que constitui o cerne deste estudo. Com relação à expressão do foco contrastivo, PB e PE parecem se comportar da mesma maneira, ambas as variedades de português marcam este tipo de foco essencialmente pela proeminência principal de sentença (cf. Frota, 2000 para PE e Gonçalves, 1997 para PB) ou ainda através de estruturas clivadas (cf. Modesto, 2001 para PB e Âmbar, 1997, 1999 para PE; entre outros).

Antes de tratarmos do fenômeno do foco de informação em PE e PB do ponto de vista sintático e prosódico, é preciso trazer à luz, ainda que de um modo sucinto, a caracterização e abordagem que a gramática gerativa tem dado ao

⁴ Ao distinguir estes dois traços, Kiss, baseada em Jacobs (1988), afirma que as línguas podem usar diferentes construções sintáticas indicando a propriedade [\pm exaustiva] ou [\pm contrastiva] do foco.

fenômeno do foco nos diferentes componentes da gramática: semântico/pragmático, sintático, fonológico/fonético e morfológico.

2.2.

Caracterização e abordagem do foco nos diferentes componentes da gramática

2.2.1.

Semântica, pragmática e sintaxe

2.2.1.1.

Semântica/Pragmática

A noção intuitiva do foco tem sido formulada semanticamente de vários modos. Szabolcsi (1981, 1983) descreve a função semântica do foco em termos de primeira ordem de predicado lógico. Em sua formulação, o significado de (2a) 'João comprou livros', por exemplo, pode ser assim parafraseado:

(7) Para todo x , x comprou livros se, e apenas se, $x = \text{João}$.

O trabalho de Szabolcsi, entre outras coisas, argumenta contra a visão de foco como fenômeno estilístico ou pragmático. Szabolcsi (1981) demonstra, em seu trabalho com o húngaro, que um operador de foco muda as condições de verdade de uma sentença, ou seja, muda as conseqüências lógicas da sentença. Ao compararmos (8a, b) com sua contraparte envolvendo foco (9a, b), notamos que enquanto (8b) é uma conseqüência lógica de (8a), (9b) não é uma conseqüência lógica de (9a):

(8) a. O João e a Maria compraram livros.
b. O João comprou livros.

(9) a. **O João e a Maria** compraram livros.
b. **O João** comprou livros.

Posto que (9b) não é uma conseqüência lógica de (9a), a sentença (9a) pode estar em conjunção com a negação da sentença (9b), sem que haja contradição lógica:

- (10) Não foi **o João** que comprou livros, mas foram **o João e a Maria** que compraram livros.

Se os dois sujeitos não fossem focalizados, como é o caso em (8a), tal conjunção seria impossível: 'O João não comprou livros, mas João e Maria compraram livros'. A conjunção da sentença (8a) com a negação da sentença (8b) resulta na seguinte contradição lógica: se João e Maria compraram livros, é falsa a proposição de que João não comprou livros.

Kenesei (1986, 1993) argumenta contra a fórmula de Szabolcsi em (7), que trata o foco como um operador expressando listagem exaustiva, e propõe a análise do foco como um operador expressando identificação, e, quando contrastivo, expressando exclusão por identificação com relação a algum domínio do discurso D. Este tipo de enfoque, denominado 'enfoque quantificacional do foco', leva em conta o fato de que a operação semântica desempenhada pelo foco tem duas versões: ele pode expressar contraste (identificação com exclusão) ou apenas identificação. Quando o operador de foco quantifica em um conjunto fechado de indivíduos, a identificação do subconjunto ao qual o predicado assegura predicação também cria um conjunto complemento, ao qual o predicado não assegura predicação, conseqüentemente, a identificação se dá juntamente com a exclusão. Se o conjunto relevante de entidades quantificadas não é um conjunto fechado, a formação do complemento não se dá. Portanto, o subconjunto identificado como tal, assegurado pela predicação do predicado, não pode ser contrastado com um subconjunto complemento ao qual o predicado não assegura predicação. Tomemos a sentença em (11) como exemplo:

- (11) 'Cem anos de solidão' foi escrito por **Gabriel García Márquez**.

Em caso não marcado, (11) não pressupõe um conjunto fechado de pessoas que possam ter escrito 'Cem anos de solidão'. Conseqüentemente, o operador de foco identifica o escritor de 'Cem anos de solidão' sem excluir o fato de que 'Cem anos de solidão' possa ter sido escrito também por outro escritor.

Em outro enfoque semântico - elaborado por, entre outros, Von Stechow (1981, 1991), Jacobs (1983), Von Stechow & Uhmman (1986) e Krifka (1992) – denominado abordagem de 'sentido estruturado' (*structured meaning approach*), o traço de foco de um constituinte induz à divisão da representação semântica da sentença em duas partes: foco e pressuposição. Assim, a estrutura de foco em (12a) determina o sentido estruturado em (12b):

- (12) a. [_{IP} O João [_{VP} apresentou [_F a Teresa] para o Joaquim]]
 b. $\langle \lambda x$ [o João apresentou x para o Joaquim], a Teresa \rangle

(12b) expressa que o indivíduo que tem a propriedade de ter sido apresentado para 'o Joaquim' pelo 'João' é 'a Teresa'. Como tem sido observado, a interpretação de um grande conjunto de operadores é sensível à estrutura foco/pressuposto da sentença: o pressuposto é entendido como o restritor do operador e o foco é entendido como seu escopo nuclear. Como exemplo, consideremos a formulação lógica de (13), envolvendo o quantificador universal 'sempre':

- (13) O Pedro sempre sai de férias com **a Cláudia**.
 sempre c , $\exists x$ (o Pedro sai de férias com x em c),
 O Pedro sai de férias com a Cláudia.

Em (13), 'sempre' quantifica sobre os casos em que há alguém com quem 'o Pedro' sai de férias, e a sentença significa que, em cada tal caso, é com 'a Cláudia' que 'o Pedro' sai de férias.

O enfoque de 'sentido estruturado' do foco tem levado a uma visão não quantificacional relacional do foco. Assim, o próprio constituinte focalizado nunca é um operador, ele sempre representa o escopo nuclear de um operador. Se a sentença não contém operador visível (outro que o foco), um operador invisível

elocucionariamente é assumido. Quando o foco parece ter escopo sobre um operador, por exemplo, sobre um quantificador universal, como em '**João** conhece todos', é o operador elocucionário que tem escopo sobre toda a sentença.

Por sua vez, de acordo com uma visão 'pragmática' do foco, este (bem como o tópico) não faz parte da condição de verdade, ou seja, não faz parte da interpretação lógico-semântica da sentença, mas apenas expressa o valor de informação do seu conteúdo lógico-semântico. Este tipo de visão é a que tem sido desenvolvida por, entre outros, Vallduví (1992). Vallduví assume que o componente interpretativo da gramática contém uma espécie de 'pacote de informação' que não entra no módulo de condição de verdade da interpretação da sentença. A entrada (*input*) para o pacote de informação é o que se chama de 'estrutura de informação da sentença', que não é distinto da estrutura dada depois de *Spell-Out* (estrutura-S, nos termos de Vallduví), em línguas configuracionalmente discursivas. As propriedades segundo as quais uma língua é categorizada como configuracionalmente discursivas são as seguintes, conforme Kiss (1995:6):

- A. *The (discourse-) semantic function 'topic', serving to foreground a specific individual that something will be predicated about (not necessarily identical with the grammatical subject), is expressed through a particular structural relation (in other words, it is associated with a particular structural position).*
- B. *The (discourse-) semantic function 'focus', expressing identification, is realized through a particular structural relation (that is, by movement into a particular structural position).*

No caso de línguas não configuracionalmente discursivas como o inglês, o mapeamento da estrutura dada depois de *Spell-Out* (estrutura-S, nos termos de Vallduví) na estrutura de informação é mais complexo, pois também leva em conta a estrutura dos acentos tonais (*pitch accents*). Vallduví descreve o papel de informação do foco da seguinte maneira: o foco de escopo largo é a informação que será a entrada no armazenamento do conhecimento do ouvinte; o foco de escopo estreito pode envolver uma operação mais complexa, por exemplo, a recolocação de uma entidade em uma proposição previamente armazenada (casos de foco contrastivo).

2.2.1.2.**Sintaxe**

Quanto ao critério sintático, em muitas línguas conhecidas como possuidoras de uma posição estrutural de foco, o foco está localizado perto do verbo flexionado V. Esta relação próxima entre foco e verbo levou Horvath (1981, 1986) à conclusão de que a origem do traço [+F(oco)] que os constituintes focalizados assumem, resultando em movimento destes constituintes, é o verbo (V). A autora afirma que, em línguas com foco estrutural, o traço [+F] é parte do traço de V e pode ser assinalado por V a um constituinte que ele rege e que é adjacente a ele, se as condições gerais de assinalamento de traço são encontradas. O parâmetro de foco da Gramática Universal também provê uma opção alternativa de associação do traço [+F]: as línguas podem escolher associar o traço [+F] livremente a qualquer categoria. Isto é o que acontece com as línguas de foco *in situ*, como o inglês, conforme afirma Kiss (1995).

Recentemente, um tipo de abordagem sintática que tem se tornado mais comumente utilizada é aquela que considera que o operador de foco é associado a uma projeção funcional que ele mesmo projeta; ele ocupa a posição de especificador da projeção de um núcleo de foco. As primeiras propostas neste sentido aparecem em Uriagereka (1988) – em cujo trabalho F é um núcleo associado não somente a foco, mas a qualquer operador expressando um ponto de vista, conforme também, Uriagereka (1992) –, Choe (1989) e Laka (1990). Segundo esta perspectiva, IP é um complemento para um núcleo sigma, incluindo negação e afirmação enfática. Uma versão influenciada por esta abordagem é encontrada em Brody (1990). Este autor, seguindo Horvath (1981, 1986), afirma que a interpretação de foco é devida a um traço [+F] assinalado por V. O V é alçado para F, posição núcleo de uma projeção funcional de foco, onde assinala seu traço [+F] ao constituinte movido para SpecFP. O movimento de V para F é forçado pela parte A do Critério de Foco, semelhante ao Critério-WH proposto por May (1985) e Rizzi (1990):

- A. *The Spec of an FP must contain a [+F] phrase.*
 B. *All [+F] phrases must be in an FP.*

Kiss (1995) afirma que a projeção de foco está presente tanto na estrutura das sentenças de línguas com foco estrutural, quanto na estrutura de sentenças de línguas com foco *in situ*. A diferença entre estes dois tipos é derivada da parametrização do nível de representação no qual o Critério de Foco se aplica. Se, em uma língua, a condição A do Critério de Foco deve ser checada antes de *Spell-Out*, essa dada língua terá foco estrutural, se é só checada em LF, a língua terá foco *in-situ*.

2.2.2.

Fonologia, fonética e morfologia

2.2.2.1.

Fonologia/Fonética

Na literatura prosódica, encontramos dois modos de caracterização do foco: um que leva em conta a abordagem fonética; e outro que leva em conta a abordagem fonológica. No primeiro tipo de abordagem, a ênfase é dada a aspectos fonéticos, como correlatos acústicos do foco, e não à estrutura fonológica. Trabalhos de cunho instrumental e experimental, buscando os correlatos acústicos do foco, têm provido uma descrição do fenômeno para as línguas naturais em termos de frequência fundamental (F_0), duração e intensidade (cf. O' Shaughnessy, 1979; O' Shaughnessy & Allen, 1983; Wells, 1986; Cooper *et al.*, 1985; Nootboom & Kruyt, 1987; Thorsen / Grønnum, 1975, 1983, 1992, 1995; Toledo, 1989; Frota, 1991, 1993; entre outros). Os resultados relatados por estes trabalhos indicam que, a depender da língua em questão, o elemento focalizado pode ser caracterizado por corresponder ao pico entoacional, e/ou por desencadear mudanças no padrão de F_0 da sentença como um todo, e/ou por apresentar efeitos de duração (por exemplo, como o alongamento da vogal acentuada), e/ou por corresponder ao pico de intensidade.

No enfoque fonológico do foco, a ênfase é dada à estrutura fonológica dos enunciados com constituintes focalizados. Questões como distribuição de tons, proeminência relativa e fraseamento prosódico são abordadas neste tipo de enfoque (cf. Ladd, 1980, 1990a, 1996; Gussenhoven 1983b, 1984, 1994; Beckman & Pierrehumbert, 1986; Pierrehumbert & Beckman, 1988; Vogel & Kenesei, 1987, 1990; Nespor & Vogel, 1989; Cho 1990; Selkirk & Chen, 1990; Hayes & Lahiri, 1991; Féry, 1992; 1993; Grice, 1995; Truckenbrodt, 1995; Vogel *et al.*, 1995; Jun, 1996; Frascarelli, 1997; Frota, 2000; entre outros). Conforme os trabalhos desenvolvidos neste tipo de abordagem, o elemento focalizado nas línguas é caracterizado: (i) por portar a proeminência principal da sentença; e/ou (ii) por portar um tipo de acento tonal específico; e/ou (iii) por afetar a distribuição geral dos acentos tonais; e/ou (iv) por afetar o fraseamento dos domínios prosódicos.

2.2.2.2.

Morfologia

No que concerne ao aspecto morfológico, em línguas configuracionais, o elemento focalizado é caracterizado no componente morfológico por um morfema afixado a ele e/ou por desencadear a afixação de morfemas adicionais a outros elementos (por exemplo, o verbo) da sentença da qual ele faz parte (cf. Craig, 1977; Aissen, 1992; Kiss, 1995; Kidwai, 1999; Rodrigues, A. D., 1999; Duarte, F. B., 2003; entre outros).

Em línguas não configuracionais, é possível também encontrarmos alguma forma de marcação morfológica de foco, entretanto, ela não é dada por afixação de partículas morfológicas ao elemento focalizado ou por desencadeamento de afixação de morfemas adicionais a outros elementos da sentença, mas é obtida pelo uso de palavras, como os advérbios de exclusão 'só' e 'apenas', com escopo no elemento focalizado. O foco encontrado em sentenças com este tipo de advérbio é o foco contrastivo. Por exemplo, na sentença em (14) do português, o advérbio de exclusão 'só' tem escopo sobre o elemento 'João' e o sentido associado a esta sentença, no contexto dado, é o de que nenhum aluno mais, além do 'João',

fez a prova. Ou seja, a afirmação em (14) implica a negação de que outros alunos, além de 'João', tenham feito a prova.

Contexto: A diretora de uma escola está conversando com uma professora sobre uma prova aplicada à classe de alunos desta.

'*Quem fez a prova?*'

(14) Só **o João** fez a prova.

2.2.3.

Caracterização de foco de escopo estreito assumida nesta tese

Com base nas considerações aqui feitas sobre a abordagem e a caracterização do foco nos diferentes componentes da gramática, assumimos, neste trabalho, que um constituinte portando foco de escopo estreito pode ser assim caracterizado:

- (i) do ponto de vista fonológico/fonético – essencialmente, como o elemento que carrega a proeminência fonológica principal da sentença, caracterizada, entre outras propriedades fonéticas, pelo pico entoacional;
- (ii) do ponto de vista semântico/pragmático, como o elemento que carrega a informação nova no enunciado (ou discurso), informação diferente do pressuposto, podendo negar (foco contrastivo) ou apenas acrescentar (foco de informação) elementos ao pressuposto;
- (iii) do ponto de vista morfológico – no caso das línguas configuracionais, como o elemento ao qual é adjungida uma partícula específica de marcação de foco ou como o elemento que desencadeia qualquer tipo de realização morfológica adicional à sentença na qual ele aparece focalizado e, no caso das línguas não configuracionais, como o elemento sobre o qual advérbios 'focalizadores', como os advérbios de exclusão (foco contrastivo), têm escopo;
- (iv) do ponto de vista sintático – como o elemento que ocupa uma posição sintática correspondente ao local de culminância da proeminência fonológica principal do enunciado (no caso de línguas que marcam foco através de proeminência e por posição sintática), ou correspondente ao local de adjunção de

uma marca morfológica identificadora de foco (caso de línguas que marcam foco morfológicamente e por posição sintática), ou ainda correspondente à posição estrutural específica que um elemento focalizado deve ocupar na estrutura sintática do enunciado (línguas que marcam foco pela posição estrutural que os elementos focalizados ocupam na sentença).

Uma das tarefas que se propõe este trabalho é investigar, com base em dados de PB e PE, como se dá a expressão do foco de informação (um dos tipos de foco de escopo estreito) no elemento 'sujeito' nas duas variedades de português do ponto de vista sintático, no que concerne à posição em que o sujeito focalizado aparece na sentença, e fonológico, no que diz respeito à caracterização das sentenças contendo o sujeito focalizado quanto a associações de tons aos domínios prosódicos relevantes em cada variedade de português.

2.3.

Marcação de foco nas línguas

Como vimos na seção anterior, do ponto de vista informacional, quer o foco seja abordado semântica ou pragmaticamente, é possível afirmar que um constituinte portando foco de escopo estreito pode ser definido como o elemento que carrega informação nova na sentença ou discurso, sendo que esta informação pode negar (foco contrastivo) ou não (foco de informação) a informação pressuposta. Este elemento pode ser identificado morfológica, sintática ou prosodicamente. As línguas podem utilizar uma ou mais de uma dessas estratégias para a marcação de foco.

Kidwai (1999) mostra que em hindi-urdu o foco contrastivo pode ser identificado sintaticamente, uma vez que o elemento focalizado ocupa sempre a posição pré-verbal, morfológicamente, pela focalização *in situ* via cliticização do elemento *hi*, e prosodicamente, através de marcação de acento. Nenhuma destas estratégias de focalização se encontra em distribuição complementar em hindi-urdu, uma vez que todas as três podem ser utilizadas em uma única sentença, como mostra Kidwai:

- (15) kitaab **Ram**-hii laayegaa (siitaa nahii).
 livro **Ram**-Emph trará Sita não
 '**Ram** trará o livro, não Sita.'

Em (15) o sujeito *Ram* é focalizado contrastivamente e o foco é identificado pela posição imediatamente pré-verbal em que o sujeito aparece (a ordem canônica em hindi-urdu é SOV, segundo Kidwai), pela proeminência principal da sentença que esse elemento porta e pela cliticização enfática do elemento *hi* ao mesmo sujeito focalizado.

Em línguas configuracionais, como o hindi-urdu, o principal caracterizador de foco é a marcação morfológica e a estrutura sintática; em línguas não-configuracionais, o principal correlato é a proeminência fonológica que o elemento focalizado porta, podendo o elemento focalizado estar ou não associado à ocorrência de uma construção sintática especial.

De acordo com Lambrecht (1995, 2001), línguas não configuracionais como o inglês, o alemão, o italiano e o francês podem apresentar construções sintáticas diferentes na focalização de dado elemento, a depender do tipo de foco. As construções sintáticas utilizadas na expressão da focalização podem consistir em mudança da posição sintática 'não-marcada' (nos termos do autor) do elemento focalizado ou em uso de construções clivadas. Segundo Lambrecht (2001):

- (16) *A CLEFT CONSTRUCTION (CC) is a complex sentence structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in truth conditions.*

Os exemplos em (17) e (18), extraídos de Lambrecht (2001), ilustram os casos de foco contrastivo e foco informacional (ou foco de sentença, nas palavras do autor) em inglês, alemão, italiano e francês respectivamente:⁵

⁵ Nos exemplos: **S** corresponde a sujeito focalizado; **V** corresponde a verbo; **O**, a objeto; *it-cleft* e *have-cleft* correspondem a tipos diferentes de estruturas clivadas, 'é...que' e 'ter...que', como pode ser visto pelos

- Foco Contrastivo
- (17) *Context: Is your knee hurting?*
 'É o seu joelho que está doendo?'
 a. *No, my FOOT hurts. / No, it's my FOOT that hurts.* SV / It-cleft
 b. *Nein, mein FUSS tut weh.* SV
 c. *No, mi fa male il PIEDE. / No, è il PIEDE che mi fa male.* VS / It-cleft
 d. *Non, c'est mon PIED qui me fait mal.* It-cleft
 'Não, meu PÉ dói.' / *it-cleft*: 'Não, é meu PÉ que dói.'
- Foco Informacional
- (18) *Context: Why are you walking so slowly?*
 'Contexto: Por que você está andando tão devagar?'
 a. *My FOOT hurts.* SV
 b. *Mein FUSS tut weh. / Mir tut ein FUSS weh.* SV / OVS
 c. *Mi fa male un PIEDE. / Ho un PIEDE che mi fa MALE.* VS / HAVE-cleft
 d. *J'ai mon PIED qui me fait MAL.* HAVE-cleft
 'Meu PÉ dói.' / *have-cleft*: 'Tenho um PÉ que dói.'

Através da observação dos exemplos em (17) e (18), notamos que as línguas podem apresentar diferentes construções sintáticas na expressão de focalização contrastiva e informacional do elemento sujeito. Na expressão do foco contrastivo do sujeito, o inglês pode apresentar uma construção clivada do tipo *it-cleft*, assim como o italiano e o francês, além da ordem SV (ordem canônica em inglês), única construção sintática apresentada pelo alemão neste caso. Nota-se que o italiano, diferentemente das outras línguas, pode também apresentar a inversão sujeito-verbo, ordem VS (não canônica em italiano), tanto na expressão da focalização contrastiva, quanto na expressão da focalização informacional do sujeito. Na expressão do foco informacional do sujeito, o alemão pode apresentar fronteamto do objeto, juntamente com a inversão sujeito-verbo, resultando na ordem OVS (ordem não canônica em alemão), além da ordem SV, única construção sintática apresentada pelo inglês neste caso. Já o italiano e o francês podem apresentar a construção clivada do tipo *have-cleft* na expressão deste mesmo tipo de foco. Observando ainda os exemplos de focalização do sujeito nestas diferentes línguas, notamos que, independentemente do tipo de foco ou da construção sintática utilizada na expressão dos diferentes tipos de foco, o elemento focalizado (nos exemplos, o sujeito) é sempre portador de proeminência.

respectivos exemplos destes tipos de estruturas clivadas; e os elementos em letras maiúsculas representam elementos portadores de proeminência.

Esta observação vai ao encontro das afirmações apresentadas por Frota (2000). Com base nas considerações apresentadas por esta autora, é possível afirmar que, nas línguas não configuracionais, independentemente da escolha por caracterizar o foco pelo aspecto informacional (semântico e/ou pragmático) ou sintático, o foco sempre apresenta, como elemento recorrente, um correlato prosódico, evidenciado pelo acento tonal ou, no geral, pela proeminência que o elemento focalizado porta.

Esta relação foco-proeminência apresentada nas línguas não configuracionais tem sido objeto de importantes estudos da gramática gerativa nos últimos anos, como veremos a seguir.

2.4.

O foco na Gramática Gerativa: a relação foco-proeminência

Os trabalhos pioneiros na tradição da gramática gerativa sobre a relação entre foco e proeminência foram: Chomsky (1971) e Jackendoff (1972). A idéia básica dessa relação discutida por esses trabalhos é que o acento principal da sentença é assinalado automaticamente por regras fonológicas e que o acento em línguas como o inglês é o identificador do foco. O foco de uma sentença é definido como qualquer constituinte contendo o acento principal da sentença.

Esta visão se baseia nas noções de acento neutro e de acento marcado. Nenhuma sentença, em línguas como o inglês, pode ser produzida sem um acento proeminente. Então, deve haver uma regra, nomeadamente, a Regra Nuclear de Acento (*Nuclear Stress Rule* – doravante, NSR) proposta inicialmente em Chomsky & Halle (1968), que assinala automaticamente o acento principal a uma sentença, independentemente de considerações discursivas.⁶ O acento é percebido como

⁶ Pela NSR, proposta por Chomsky & Halle (1968), o acento principal de uma sentença é assinalado automaticamente por regras fonológicas regulares, independentemente de considerações discursivas. Em línguas de recursividade sintática à direita, como o inglês: *the Nuclear Stress Rule assigns primary stress to the rightmost primary-stressed vowel, weakening all others, and giving the stress contour* (Chomsky & Halle, 1968:22). Para os autores, em uma sentença do inglês como *John's blackboard eraser was stolen* ('O apagador de lousa do João foi roubado'): há primeiramente a aplicação de regras que provêem acentos principais aos itens lexicais no interior de cada sintagma a que pertencem e, por fim, no nível da sentença, a NSR assinala o acento principal à palavra *stolen* (item lexical mais à direita na sentença), enfraquecendo os demais acentos atribuídos aos outros itens lexicais.

neutro, por exemplo, em sentenças produzidas em um contexto *out of the blue*. Em alguns casos, entretanto, o acento principal de sentença não é percebido como neutro, mas como marcado (acento de foco prosódico), como o acento nos pronomes na sentença (19) do inglês.

- (19) *I didn't do it, she did it.*
 'Eu não fiz isto, ela fez.'

Dada a diferença entre acento marcado e neutro, autores como Bolinger (1972), Schmerling (1976), Selkirk (1984) e Guessenhoven (1984) argumentam que o acento marcado é assinalado por regras diferentes da NSR. O maior argumento desses autores se baseia em exemplos do inglês, como os apresentados em (20) – cf. Schmerling (1976), em que o acento principal de sentença é localizado em uma posição diferente daquela predita pela NSR.

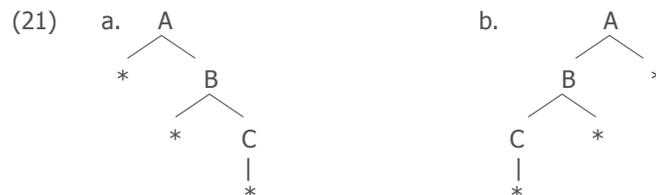
- (20) a. *I'd give money to Mary, but I don't trust Mary.*
 'Eu daria dinheiro à Maria, mas eu não confio na Maria.'
 b. *Has John read 'Tristram Shandy'? He doesn't read novels.*
 'O João leu *Tristram Shandy*? Ele não lê romances.'

Nestes exemplos, o acento principal de sentença, ao invés de recair no objeto, como prevê a NSR (cf. nota 6), recai no verbo. Casos como estes levaram Bolinger (1972), Schmerling (1976), Selkirk (1984) e Guessenhoven (1984) a argumentar que o acento principal pode cair em qualquer palavra na sentença e que a posição do acento principal de sentença em inglês não pode ser predita por uma regra. Como resultado, o acento principal de sentença não identifica foco, mas é uma manifestação de uma estrutura foco/pressuposição determinada independentemente. Este tipo de visão foi a vencedora de debates sobre a relação foco-proeminência durante um longo tempo, até que Cinque reabriu a questão.

2.4.1.

Cinque (1993)

Cinque (1993) apresenta uma nova perspectiva para a NSR, conforme os princípios de construção de grades métricas definidos em Halle & Vergnaud (1987) apresentados como um refinamento da Teoria de Grades Métricas de Liberman (1975), e argumenta que a idéia inicial proposta por Chomsky (1971) e Jackendoff (1972) sobre a relação foco-proeminência principal de sentença pode ser mantida.⁷ Cinque argumenta que a marcação do acento principal de sentença pode ser determinada na base da estrutura de constituinte. A NSR se aplica a toda sentença e assinala o acento neutro no elemento mais encaixado da sentença. Independentemente do lado recusivo de cada língua, a NSR assinalará o acento no elemento mais encaixado. Na representação abaixo, (21a) corresponde a uma língua com ramificação à direita e (21b) corresponde a uma língua com ramificação à esquerda, os asteriscos indicam o acento principal de palavra nas projeções A, B e C:



De acordo com a NSR, a atribuição do acento principal da sentença se aplicará continuamente cada vez que um novo sintagma for computado. O efeito disto é a adição de linhas à grade métrica, uma para cada novo sintagma computado, do sintagma mais encaixado até toda a sentença. Tanto em (21a), quanto em (21b), independentemente do lado recursivo, a NSR vai assinalar o

⁷ Segundo Halle & Vergnaud (1987:264), eis a regra de assinalamento de acento principal de sentença:

Nuclear Stress Rule

a. *Parameter settings on line N (N ≥ 3) are [- BND, + HT, right].*

b. *Interpret boundaries of syntactic constituents composed of two or more stressed words as metrical boundaries.*

c. *Locate the heads of line N constituents on line N+1.*

acento nuclear de sentença ao elemento C, uma vez que é este o elemento mais encaixado nas duas representações. Eis a aplicação da NSR nas estruturas (21a) e (21b) respectivamente:

(21')	a.	*	b.	*	linha 6
		(. . *)		(* . .)	linha 5
		(. (. *))		((* .) .)	linha 4
		(* (* (*)))		(((*) *) *)	linha 3

Assim, em sentenças onde sujeito, verbo e objeto estão presentes, independentemente de as línguas apresentarem, por exemplo, um padrão de ordem SOV, ou SVO, a NSR vai assinalar o acento principal da sentença no objeto, dado que ele é o elemento mais encaixado.

Cinque acrescenta que condições discursivas podem algumas vezes interferir no resultado da NSR, então, um padrão de acento diferente é assinalado. Ele argumenta que dois tipos de acento podem ser distinguidos. A distinção relevante para ele é a diferença entre gramática da sentença e gramática do discurso. A gramática do discurso pode mudar o resultado da gramática da sentença da qual NSR é uma parte. Se em um dado contexto, é requerido que se focalize um constituinte que não é assinalado com acento principal pela aplicação de NSR, a gramática do discurso pode fazê-lo. Conforme Cinque, a gramática do discurso emprega duas operações para fazer isto. Ou há a desacentuação do acento original, ou há a marcação de um acento adicional ao constituinte relevante que precisa ser focalizado.

Cinque ainda observa que línguas com opção de ordem livre de palavras, como o italiano, podem encontrar outro modo de apresentar estruturas focalizadas. Cinque, primeiramente, considera exemplos do inglês extraídos de Schmerling (1976):

- (22) a. *Truman died.*
 'Truman **morreu.**'
 b. *Johnson died.*
 '**Johnson** morreu.'

Como aponta Schmerling (1976), quando essas duas sentenças foram produzidas, ambas foram produzidas em contexto *out of the blue*, denotando novos eventos. Entretanto, quando (22a) foi produzida, a condição do presidente *Truman* tinha sido assunto de reportagens diárias por algum tempo, então era apropriado que *Truman* fosse tomado como parte da pressuposição. A morte do presidente *Johnson*, entretanto, foi algo inesperado, logo, não seria apropriado considerá-lo como parte da pressuposição.

Cinque afirma que, em inglês, como o sujeito nunca pode aparecer após o verbo, em sentenças com verbos inacusativos, se o sujeito é pressuposto, o acento recai no verbo, com o sujeito sendo alçado para AgrSP, conforme a análise do mesmo autor. Se o sujeito precisa ser foco, o sujeito também é alçado para AgrSP, porém, o acento recai nele nesta posição.

Em italiano, entretanto, a situação é diferente. Como Cinque aponta, as sentenças apropriadas em italiano para o contexto estabelecido acima são as dadas logo abaixo em (23a) e (23b), mas não em (23c).

- (23) a. *Truman è morto.*
 b. *È morto Johnson.*
 c. # *Johnson è morto.*

O italiano, que permite que o argumento de inacusativos permaneça em sua posição em estrutura-D (conforme o quadro teórico adotado por Cinque), requer que o sujeito permaneça *in situ*, como em (23b), uma vez que o foco precisa ser no sujeito. Neste caso, será assinalado acento no sujeito pela NSR e o resultado será uma estrutura de foco neutro, nas palavras do autor.⁸ Se o argumento for alçado para AgrSP e lá receber acento, há a geração de uma sentença inaceitável (cf. (23c)). Parece haver um certo impedimento em relação à marcação de acento em AgrSP em italiano. No caso de (23a), onde o argumento é pressuposto, é requerido que o sujeito esteja em AgrSP, onde não recebe acento pela NSR. Como em inglês não há a opção de deixar o argumento de um verbo inacusativo *in situ* para receber o acento pela NSR, a única opção é alçá-lo para AgrSP e assinalar o acento principal aí.

⁸ Entenda-se por 'estruturas de foco neutro', estruturas portando foco de informação, e não contrastivo.

Em suma, Cinque (1993) deriva um algoritmo para marcação do acento principal, baseado em Halle & Vergnaud (1987), que permite a ele dar conta de que ele toma como generalização sobre o acento principal de sentença: o acento nuclear recai no elemento mais encaixado no lado recursivo da árvore sintática. O resultado é que em ambas as línguas OV ou VO, o acento principal recai no objeto. Este algoritmo assinala corretamente acento principal de sentença no objeto do verbo em sentenças transitivas.

Entretanto, o algoritmo de Cinque é inadequado para os casos de sentenças intransitivas em inglês e alemão, como mostra Zubizarreta (1998).

2.4.2.

Zubizarreta (1998)

Com base em exemplos do alemão e do inglês, Zubizarreta (1998) aponta que o maior problema que o algoritmo proposto por Cinque enfrenta é dar conta da ambigüidade da marcação de acento principal em sentenças com verbos intransitivos em inglês e em alemão. Consideremos os exemplos (24), (25), (26) do alemão e os exemplos (27) e (28) do inglês, todos extraídos de Zubizarreta:

- (24) a. *Karl hat ein **Buch** gekauft.*
 Karl tem um livro comprado
 'Karl comprou um livro.'
 b. # *Karl hat ein Buch **gekauft**.*
- (25) a. *Es heißt, daß ein **Junge** kommt.*
 é dito que um garoto vem
 'Disseram que um garoto vem.'
 b. # *Es heißt, daß ein **Junge kommt**.*
- (26) a. *Es heißt, daß ein **Junge getanzt hat.***
 é dito que um garoto dançado tem
 'Disseram que um garoto dançou.'
 b. *Es heißt, daß ein **Junge getanzt hat.***
- (27) a. ***Trespassers** will be prosecuted.*
 os transgressores serão processados
 'Os transgressores serão processados.'
 b. ***Trespassers will be prosecuted.***

- (28) a. **Mary** is dancing.
 Maria está dançando.
 'Maria está dançando.'
 b. *Mary is **dancing**.*

(26) mostra que, em sentenças com verbo inergativo em alemão, o acento nuclear pode cair ou no sujeito ou no verbo. Em sentenças com um verbo inacusativo (25), o acento pode cair apenas no sujeito. Em inglês, assim como em alemão, é obtida a mesma situação com inergativos. Zubizarreta ainda mostra que, em casos como (27) em inglês, com verbos inacusativos ou em estrutura passiva, o acento pode cair tanto no verbo como no sujeito, mas a mesma autora admite que é pouco claro, em muitos casos, se isto é possível no caso do verbo. Parece haver uma preferência do acento cair no sujeito. Em todos esses casos, o sistema de Cinque prediria que o acento recairia uniformemente no verbo. O problema é levantado através de exemplos como o (29) do alemão e o (30) do inglês:

- (29) a. *Das Taxi kommt spät.*
 o táxi está-vindo atrasado
 'O táxi está vindo atrasado.'
 b. # *Das **Taxi** kommt spät.*
- (30) a. *Our dog's mysteriously disappeared.*
 nosso cachorro tem misteriosamente desaparecido
 'Nosso cachorro misteriosamente desapareceu'.
 b. # ***Our dog's** mysteriously disappeared.*

Estes exemplos revelam que, em sentenças com um verbo inacusativo, se um adjunto está presente junto com o verbo e o sujeito, o acento não cai no sujeito. Não há um modo natural em que o contraste entre os exemplos em (25) e (27) de um lado, e (29) e (30) de outro, possam ser acomodados no sistema de Cinque. Para acomodar todos esses casos, Zubizarreta revisa a formulação da NSR, o que permitirá a ela manter o ponto de vista de Chomsky (1971) e Jackendoff (1972) sobre a relação entre proeminência e foco. Em particular, ela argumenta que exemplos relevantes do alemão e do inglês mostram que a NSR é sensível a relações de ordem de c-comando assimétrico e a relações de ordem de s-seleção. Como resultado, ela propõe uma nova formulação da NSR, que consiste de duas

partes, uma sensível às relações de c-comando assimétrico (C-NSR) e outra sensível à ordem de s-seleção (S-NSR):

- (31) C-NSR: *Give two nodes C_i and C_j that are metrical sisters, the one lower in the syntactic asymmetric c-command ordering is more prominent.*
- (32) S-NSR: *Given two sister nodes C_i and C_j , if C_i and C_j are selectionally ordered, the one lower in the selectional ordering is more prominent.*

No sistema de Zubizarreta, a proeminência principal de sintagma é computada pela regra abaixo:

- (33) *The F-marked constituent of a phrase must contain the rhythmically most prominent word in that phrase.*

A NSR é formalizada como uma regra local que se aplica a um par de constituintes métricos e assinala a proeminência relativa a um deles. A proeminência relativa entre dois constituintes é estabelecida pela NSR se, e somente se, os mesmos são irmãos métricos (ambos devem ser metricamente visíveis). De acordo com Zubizarreta, a irmandade métrica é uma versão um pouco restrita da noção de irmandade sintática, uma vez que podem ser ignorados constituintes sintáticos que possam intervir na relação de irmandade, desde que esses constituintes sintáticos interventores sejam metricamente invisíveis. Para Zubizarreta, constituintes que são fonologicamente não realizados, como traços, são metricamente invisíveis. A mesma autora ainda destaca que, em algumas línguas, certos tipos de constituintes realizados fonologicamente podem também ser metricamente invisíveis. Este é o caso de constituintes com acento reduzido ou de constituintes desprovidos de acento. Estes constituintes, para a autora, geralmente são categorias funcionais como determinantes, categorias lexicais leves, tais como auxiliares e certas preposições, constituintes não focalizados e anafóricos.

Zubizarreta mostra que as línguas podem variar no que diz respeito a se ambas as partes de NSR se aplicam, e com respeito à ordem relativa das duas partes da regra. Ela mostra que tanto C-NSR, quanto S-NSR, estão ativas em

alemão e em inglês. Em alemão, S-NSR é prioritária em relação à C-NSR. Já em inglês, não há ordem relativa na aplicação de C-NSR e S-NSR; em qualquer ponto, qualquer uma delas pode se aplicar, se as condições relevantes são encontradas. Em línguas românicas, como francês, italiano e espanhol, apenas C-NSR está ativa. Zubizarreta mostra como seu sistema funciona através do exemplo abaixo do alemão:

(34) [CP Karl₁ [*hat* [e₁ [v₁ [*ein* Buch₂ [v₂ gekauft [e₂]]]]]]]]

Conforme a autora, o que está em itálico é metricamente invisível em alemão, então, não será visto na aplicação da NSR. Lembrando que S-NSR se aplica antes de C-NSR em alemão, de acordo com as convenções estabelecidas acima, os irmãos métricos *Karl* e [*ein* Buch₂ [v₂ gekauft [e₂]]], metricamente indistinto de [*ein* Buch₂ [v₂ gekauft], não são ordenados por seleção, então S-NSR não se aplicará. Por outro lado, eles são ordenados em relação a c-comando assimétrico, então, C-NSR se aplica e assinala proeminência ao constituinte mais à direita, [*ein* Buch₂ [v₂ gekauft [e₂]]]. O algoritmo se reaplica aos irmãos métricos Buch₂, metricamente indistinto de '*ein* Buch₂', e [v₂ gekauft [e₂]]], metricamente indistinto de [v₂ gekauft]. Estes são ordenados por seleção, portanto, S-NSR se aplica, assinalando acento a *ein Buch*, o argumento nominal do último V na cadeia de seleção. O acento é, então, assinalado corretamente.

Em (25b), *ein Junge* e [*kommt e*] (metricamente indistinto de *kommt*) são metricamente irmãos. Além disso, eles são ordenados por seleção devido ao fato de que [*kommt e*] e o núcleo *kommt* serem metricamente indistintos. A S-NSR assinala proeminência ao DP '*ein Junge*', que é o argumento nominal somente do verbo na cadeia por seleção. '*Junge*', metricamente indistinto de '*ein Junge*', é, portanto, definitivamente o elemento terminal mais proeminente naquela sentença.

Nos exemplos em (26) com um verbo inergativo, o acento nuclear pode cair ou no sujeito, ou no verbo, em alemão. Para dar conta disto, Zubizarreta introduz a seguinte convenção para aplicação de NSR:

- (35) *If some projections of the verbal components V_i and V_j of the lexical verb are metrically nondistinct, then V_i and V_j are analyzed as metrically nondistinct.*

Conforme Zubizarreta, esta regra é opcional. Se ela se aplica, o acento cairá no sujeito, se ela não se aplica, o acento cairá no verbo.

Em acréscimo à NSR, Zubizarreta introduz a seguinte regra, que ela chama de Regra de Proeminência de Foco (*Focus Prominence Rule* – doravante, FPR):

- (36) FPR
Given two sister nodes C_i (marked [+F]) and C_j (marked [-F]), C_i is more prominent than C_j .

O propósito desta regra é capturar a relação entre estrutura-F de uma sentença e prosódia. A estrutura-F é a articulação de uma sentença em 'foco' e 'pressuposição', que no sistema de Zubizarreta é dada através do traço $[\pm F]$. O constituinte focalizado em uma sentença é marcado com o traço $[+F]$, enquanto o pressuposto é marcado com o traço $[-F]$. Se um constituinte domina ambos os constituintes $[+F]$ e $[-F]$, isto é não marcado para o traço $[F]$. A estrutura sintática anotada com o traço $[F]$ é uma estrutura-F. A FPR captura a noção de que a estrutura-F é restringida pela localização do acento principal. A formulação de FPR de Zubizarreta é baseada nas formulações propostas inicialmente em Chomsky (1971) e Jackendoff (1972):

- (37) *The focused constituent (or F-marked constituent) of a phrase must contain the intonational nucleus of that phrase.*

A coexistência de NSR e FPR na gramática gera casos onde o resultado de NSR contradiz o resultado de FPR, ou seja, há um desalinhamento entre a proeminência do elemento focalizado, gerado pela aplicação de FPR, e a proeminência de sintagma ou sentença, gerado pela aplicação de NSR. Zubizarreta mostra que as línguas empregam diferentes estratégias para resolver este conflito. O alemão, o inglês e o francês resolvem este conflito tratando o elemento não focalizado $[-F]$ como metricamente invisível para a aplicação de NSR. Uma vez que

o elemento não focalizado [-F] é invisível à aplicação de NSR, a NSR assinala proeminência no elemento [+F], havendo, portanto, correspondência entre a proeminência assinalada por FPR e a proeminência assinalada pela NSR. Já em espanhol e italiano, o conflito entre o resultado gerado pela aplicação de NSR com o resultado gerado pela aplicação de FPR é resolvido através de um movimento motivado prosodicamente (nas palavras de Zubizarreta, *p-movement* - movimento prosódico). Através deste movimento, o sintagma não focalizado, que ocupa a posição de receptor da proeminência principal da sentença, é movido de tal forma que o sintagma focalizado ocupe esta posição para a aplicação da NSR. Por exemplo, em uma sentença do espanhol como (38), a ordem VOS é obtida através do reordenamento dos constituintes a partir da ordem VSO (*Me regaló María la botella de vino*), segundo Zubizarreta, e a motivação deste reordenamento é prosódica: deve haver movimento de constituintes na sentença, de maneira que o sujeito ocupe a posição de assinalamento de proeminência principal de sentença pela NSR, e o resultado deve ser compatível com o assinalamento de proeminência dado por FPR.

Quién te regaló la botella de vino?
 'Quem te deu uma garrafa de vinho'
 (38) *Me regaló la botella de vino María*
 me deu a garrafa de vinho **a María**
 'A **María** me deu a garrafa de vinho.'

Para Zubizarreta, a estrutura sintática de (38) é a seguinte:

(38') [_{TP} me regaló [_{VP1}[_{VP2} la botella de vino_k [e_k [V₂ e_k]]]_i [_{VP1} María [V₁ [e_i]]]]]

Retomaremos, de maneira mais detalhada, o *p-movement* proposto por Zubizarreta no capítulo 6 desta tese.

2.4.3.

Reinhart (1995) e Neeleman & Reinhart (1998)

Uma abordagem semelhante a de Cinque e a de Zubizarreta para o fenômeno da focalização é apresentada em Reinhart (1995) e Neeleman & Reinhart (1998). Assim como Cinque e Zubizarreta, Reinhart (1995) e Neeleman & Reinhart (1998), também baseados em Chomsky (1971) e Jackendoff (1972), argumentam que o foco de uma sentença é determinado pela proeminência principal da sentença. Entretanto, a proposta de Reinhart e Neeleman & Reinhart difere das propostas de Cinque e Zubizarreta, uma vez que os primeiros abordam o fenômeno da focalização segundo uma noção de 'conjunto de foco'. Para Reinhart e Neeleman & Reinhart, uma sentença particular pode ter mais de uma interpretação de foco. Estes autores definem o conjunto de possíveis focos para uma dada sentença da seguinte maneira:

(39) *The focus set of IP consists of the constituents containing the main stress of IP.*

Dada a definição em (39), em uma sentença como em (40), na qual a proeminência principal da sentença recai no objeto, tem-se o conjunto de foco apresentado em (41).⁹

- (40) a. Indivíduo A: *What's this noise?*
'O que é este barulho?'
Indivíduo B: *My neighbour is building a desk.*
'Meu vizinho está construindo uma carteira.'
- b. Indivíduo A: *What's your neighbour doing?*
'O que seu vizinho está fazendo?'
Indivíduo B: *My neighbour is building a desk.*
- c. Indivíduo A: *What's your neighbour building?*
'O que seu vizinho está construindo?'
Indivíduo B: *My neighbour is building a desk.*

(41) Conjunto de foco: {IP, VP, DP_{ObjetoDireto}}

⁹ Os exemplos apresentados em (40) foram extraídos de Neeleman & Reinhart (1998).

O resultado proveniente da derivação gramatical é um enunciado ambíguo com mais de uma possível interpretação de foco. Os exemplos apresentados em (40), onde os elementos sublinhados correspondem ao constituinte focalizado e o elemento em negrito corresponde ao elemento portador de proeminência principal da sentença, revelam que, dependendo das condições discursivas, uma das interpretações é escolhida. Porém, apenas elementos do conjunto de foco podem ser selecionados. Isto significa que a sentença-resposta em (42) é inapropriada como resposta à pergunta em (42), uma vez que o contexto discursivo requer que o DP sujeito seja o elemento focalizado, entretanto, ele não pertence ao conjunto de foco da sentença, conforme (41).

- (42) Indivíduo A: *Who is building a desk?*
 'Quem está construindo uma carteira?'
 Indivíduo B: *#My neighbour is building a **desk**.*

Segundo a análise proposta por Neeleman & Reinhart, nestes casos onde o conjunto de foco definido pela NSR não contém o elemento requerido para focalização, uma operação opcional pode ser aplicada e atribuir a proeminência principal da sentença ao elemento requerido para focalização:

- (43) *Relocate the main stress.*
 (Neeleman & Reinhart, 1998: 334)

Assim, conforme o contexto em (42), uma proeminência extra (que passa a ser a proeminência principal da sentença e que não é a mesma assinalada pela NSR) pode ser assinalada ao DP sujeito. Como resultado, o conjunto de foco, definido pela proeminência principal da sentença, passa a conter o constituinte relevante, e a sentença é apropriada no contexto em (42), como apresentado em (42')

- (42') Indivíduo A: *Who is building a desk?*
 Indivíduo B: *My neighbour is building a desk.*

Entretanto, os autores destacam que a operação apresentada em (43) está sujeita a restrições de economia nas interfaces (*interface economy*, nos termos de Reinhart, 1995). Baseados na afirmação de Reinhart (1995) de que a aplicação de uma operação opcional é sempre uma violação de princípios de economia, os mesmos autores propõem que a operação em (43) se aplica somente se ela for o único modo de satisfazer as condições de interpretação de foco requeridas pelo discurso. Segundo os mesmos autores, em holandês, em casos em que apenas o verbo precisa ser focalizado, como ilustrado em (44), a aplicação da regra em (43) é preterida e a operação sintática de movimento (*scrambling*) entre o objeto e o advérbio se aplica para a obtenção do resultado de interpretação de foco requerido.¹⁰

- Contexto: Você rasgou o livro ontem?
- (44) a. *Ik heb het boek gisteren gelezen.*
 eu tenho o livro ontem lido
 'Eu li o livro ontem.'
- b. # *Ik heb gisteren het **boek** gelezen.*

Em (44b), a proeminência principal, assinalada por NSR, recai no objeto (elemento mais encaixado da sentença, segundo a recursividade sintática do holandês: à esquerda), portanto, o verbo não faz parte do conjunto de foco, resultando em uma sentença inapropriada, dado o contexto.¹¹ Já em (44a), a proeminência principal de sentença recai no verbo, uma vez que o elemento mais

¹⁰ Conforme Neeleman & Reinhart (1998), eis as estruturas derivadas nos casos onde, respectivamente, não ocorre e ocorre *scramble*:

Nonscrambled structure

- a. *Syntax:* [_V AdvP [_V **DP** V]]
 b. *Focus set:* {IP, VP, Object}
 c. *Object:* Stressed

Scrambled structure

- a. *Syntax:* [_V DP [_V AdvP **V**]]
 b. *Focus set:* {IP, VP, V}
 c. *Object:* Destressed

¹¹ Para Neeleman & Reinhart (1998), assim como para Cinque (1993) e Zubizarreta (1998), a NSR atribui a proeminência principal da sentença ao constituinte mais encaixado, sendo que, dados dois irmãos sintáticos (ou seja, igualmente encaixados), o mais profundamente encaixado é o primeiro que é selecionado pelo outro. Portanto, a definição do elemento mais encaixado ocorre de acordo com o lado recursivo da árvore sintática nas línguas. Em uma língua OV, O e V são irmãos sintáticos, porém V seleciona O, então, O é definido como o elemento mais encaixado.

encaixado da sentença foi movido, e, portanto, não é preciso lançar mão da aplicação da regra em (43).

Para Reinhart (1995) e Neeleman & Reinhart (1998), o movimento sintático *scramble*, sempre que permitido, é menos custoso em holandês do que a aplicação da regra de recolocação de proeminência, dada em (43). A afirmação dos autores se baseia no fato de que, nos casos de adjunção adverbial, o lado de adjunção do advérbio é livre, ou seja, nenhuma ordem (e.g. verbo-objeto-advérbio ou verbo-advérbio-objeto) é mais custosa que a outra do ponto de vista sintático. Posto isto, os autores concluem que, se a escolha de uma das ordens pode evitar uma operação custosa (termo usado pelos autores) em PF, esta escolha será feita, levando em conta princípios de economia.

As análises apresentadas em Cinque (1993), Zubizarreta (1998), Reinhart (1995) e Neeleman & Reinhart (1998), todas baseadas em Chomsky (1971) e Jackendoff (1972), são concordantes em afirmar o papel determinante da proeminência principal de sentença – que é um fenômeno próprio de PF – na marcação do foco. Entretanto, em todas elas, não é levado em conta o papel da estrutura prosódica no assinalamento de proeminências (cf. Selkirk, 1984; Nespór & Vogel, 1986) e nas relações entre a proeminência de foco e a proeminência principal da sentença (cf. Selkirk, 1984, 1995; Frota, 2000; entre outros). Retomaremos estas questões, com base nos dados de PB e PE, no capítulo 6 desta tese.

2.4.4.

Nespor & Guasti (2002)

Um outro tipo de abordagem para a resolução do conflito entre NSR e FPR é encontrado em Nespor & Guasti (2002). Estas autoras associam as estratégias escolhidas pelas línguas na resolução deste conflito à existência (ou não) do pronome *pro* nas mesmas.

Nespor & Guasti iniciam sua argumentação, retomando o princípio geral identificado por Jackendoff (1972) que requer que o foco semântico e a

proeminência fonológica principal da sentença estejam alinhados (cf. também Chomsky, 1971):¹²

- (45) *Focus to Stress Alignment (FSA)*
If P is chosen as the focus of a sentence S, the highest stress in S will be on the syllable of P that is assigned highest stress by the regular stress rule (Jackendoff, 1972:237).

De acordo com este princípio, se um elemento é assinalado com o traço +F no componente sintático, este elemento será interpretado como o foco da sentença na forma lógica (LF) e receberá a proeminência principal na representação fonológica (PF).

Em um exemplo como (46), sentença de duplo objeto do português, na qual o elemento focalizado é o objeto direto 'um livro', a obediência ao princípio FSA é verificada.

- (46) O que você deu ao João?
 Eu dei ao João **um livro**.

Todavia, também é possível encontrar casos em que as línguas optam por uma determinada ordem dos elementos na sentença, de maneira que o elemento focalizado não ocupe a posição receptora de proeminência fonológica principal da sentença:

- (47) O que você deu ao João?
 Eu dei [**um livro**]_{+F} ao João.

Considerando a ordem dos elementos da sentença acima e o fato de que a proeminência fonológica principal da sentença, em línguas como o português, recai sempre no constituinte mais à direita do sintagma entoacional (neste exemplo, 'ao João'), nota-se um desalinhamento entre a representação fonológica

¹² De acordo com Nespor & Guasti, a proeminência fonológica principal (*the highest stress*) referida por Jackendoff (1972) corresponde, geralmente, à proeminência principal de um sintagma entoacional (I) assinalada com base na estrutura prosódica das línguas.

e a representação sintática (onde o traço +F é assinalado). Ou seja, o constituinte focalizado não constitui o núcleo entoacional e, portanto, há violação do princípio FSA.

Nestes casos, conforme Nespôr & Guasti, as línguas têm duas opções:

- (48) *A language may have at its disposal one of two mechanisms to remedy this type of misalignment: either a different Word order is chosen so that the +F constituent is rightmost in its intonational phrase, or the main prominence is moved to the constituent marked [+F] in the syntactic tree.*

Portanto, na sentença em (47), para que fosse respeitado o princípio FSA, ou deveria haver a ordem 'Eu dei ao João **um livro**' na representação fonológica, ou deveria haver uma mudança da proeminência fonológica principal em 'ao João' para 'um livro'.

Em inglês, a possibilidade de reordenar os constituintes da sentença de tal modo que o objeto direto, que carrega o traço [+F], siga o objeto indireto não é gramatical (no mínimo com uma entoação não enfática):

- (49) **I gave to John **a book**.*
'Eu dei ao João **um livro**'.

Nespôr & Guasti afirmam que, em inglês, ao invés do reordenamento dos constituintes na sentença, o princípio FSA é satisfeito pelo movimento da proeminência principal no último constituinte do sintagma entoacional, 'to John', para o constituinte que carrega o traço [+F], 'a book', e, neste caso, o objeto direto permanece *in situ*.

- (49') *I gave **a book** to John.*
'Eu dei **um livro** ao João'.

Já em italiano, a opção de mover a proeminência principal da sentença para o constituinte +F (em contextos não contrastivos) produz sentenças agramaticais, segundo as mesmas autoras:

- (50) **Giacomo ha dato **un libro** a Tommaso.*
 `Giacomo deu **um livro** ao Tommaso`

Em italiano, a opção escolhida para satisfazer o princípio FSA é o reordenamento dos constituintes na sentença:

- (51) *Giacomo ha dato a Tommaso **un libro**.*
 `Giacomo deu ao Tommaso **um livro**`.`

De acordo com Nespor & Guasti, línguas como o francês (no caso de sentenças com duplo objeto), o espanhol (cf. também Zubizarreta, 1998) e o grego, para satisfazerem o princípio FSA, comportam-se como o italiano, enquanto línguas como o alemão se comportam como o inglês.

Nespor & Guasti, seguindo Belletti & Shlonsky (1995), propõem que a possibilidade de haver ordens diferentes para a posição dos objetos direto e indireto (ou outros complementos) nas sentenças em italiano decorre da existência, nesta língua, de um pronome foneticamente vazio com a função de objeto (ou sujeito), comumente chamado *pro*. Línguas como o italiano, o francês, o espanhol e o grego permitem a existência do pronome *pro* objeto, como pode ser comprovado pelo exemplo em italiano extraído do trabalho das referidas autoras:¹³

- (52) *Lo Yoga mantiene pro in forma.*
 `O Yoga mantém em forma`.`

Já em inglês, o pronome *pro* não é permitido, como pode ser visto pela agramaticalidade da tradução de (52) dada em (53a). (53a) só se torna gramatical se um pronome foneticamente realizado substitui *pro*, como em (53b):

- (53) a. **Yoga keeps healthy.*
 b. *Yoga keeps one healthy.*

¹³ Exemplos semelhantes também são encontrados nas outras línguas citadas.

Nespor & Guasti assumem (cf. Stowell, 1981; Costa, 1996; Neeleman & Reinhart, 1998) que a adjacência do verbo e do objeto direto é requerida para a atribuição de caso no exemplo (53b). Se a ordem de uma sentença é V NP PP, a adjacência é respeitada, tanto em italiano como em inglês. Porém, quando a ordem é V PP NP, o NP (objeto) não está adjacente ao verbo. Dada a presença de um objeto nulo *pro* em italiano, a estrutura formada é V *pro*_i PP NP_i, portanto, satisfazendo a adjacência através de *pro*, que forma uma cadeia com o objeto lexical. Assim, *pro* recebe caso por adjacência e o transmite para o NP lexical. Uma vez que, em inglês, não há pronome *pro* e o NP (objeto) não está adjacente ao verbo (ordem V PP NP), o NP (objeto) não pode receber caso do verbo e o resultado é uma sentença agramatical em inglês.¹⁴

A diferença entre o italiano e o inglês é atribuída ao valor assinalado para o parâmetro sintático regulador de existência de objeto *pro* nas línguas. Se *pro* é permitido, o NP complemento não precisa estar adjacente ao verbo e a ordem V PP NP é possível. Se não, apenas a ordem V NP PP pode ser obtida.

As autoras ainda afirmam que não deve haver nenhuma diferença entre o italiano e o inglês em estruturas em que a atribuição de caso pelo verbo não está em jogo. De fato, quando o verbo é seguido por dois sintagmas preposicionais, que não requerem atribuição de caso pelo verbo, ambas as ordens são possíveis tanto em italiano, quanto em inglês (cf. também Costa, 1996, 1998 e Neeleman & Reinhart, 1998, para uma observação análoga), como pode ser comprovado através dos exemplos do italiano e do inglês respectivamente:

¹⁴ Segundo Nespor & Guasti, é sabido que, em inglês, NPs (objetos) podem ser encontrados não adjacentes ao verbo quando eles são pesados (Ex.: *I gave to John the book that Mary wrote last year.*) e quando são contrastivamente focalizados (Ex.: *I didn't give a pen to John, I gave to John a book.*). Nos casos de NPs pesados, a ordem V PP NP só é permitida, embora em inglês não haja pronome *pro*, pois há evidência de que sentenças envolvendo movimento de NPs pesados são derivadas por um movimento onde NP cruza PP. A evidência para esta análise vem do fato de que, em sentenças em que ocorre movimento de NPs pesados, lacunas parasitas são licenciadas, como acontece quando o movimento A' está envolvido. Vejamos o exemplo extraído de Belletti & Shlonsky (1995): *I crossed t_i without ec_i recognizing a classmate with whom I attended primary school.* Neste exemplo, a categoria vazia, *ec_i*, é uma lacuna parasita licenciada por um elemento nulo à esquerda, *t_i*, vestígio de movimento do NP pesado. A ordem básica da seqüência V PP NP é V t_i PP NP_i, no caso de movimento de NPs pesados em inglês, onde *t* é uma variável receptora de caso. Deste modo, a adjacência requerida na atribuição de caso é satisfeita.

- (54) a. *Ho parlato a Maria di Gabriele.*
 'Eu falei com a Maria sobre o Gabriel'.
 b. *Ho parlato di Gabriele a Maria.*
 'Eu falei sobre o Gabriel com a Maria'.
- (55) a. *I talked to Mary about Bill.*
 'Eu falei com a Maria sobre o Bill'.
 b. *I talked about Bill to Mary.*
 'Eu falei sobre o Bill com a Maria'.

As duas ordens correspondem a diferentes conjuntos de foco: o último constituinte mais qualquer constituinte que o domina constitui um conjunto de foco (cf. Reinhart, 1995; Neeleman & Reinhart, 1998). As autoras apontam para o fato de que em inglês, mas não em italiano, além do reordenamento de complementos, a mudança de proeminência de constituinte também é uma opção permitida para assinalar o foco em *to Mary* em (55a).¹⁵

Semelhantemente à existência de objeto *pro* nas línguas, a existência ou não de sujeito *pro*, de acordo com Nespors & Gausti, também desencadeia a opção escolhida pelas línguas na satisfação do princípio FSA.

A sentença (56) em italiano, com a proeminência principal no último constituinte (fonológico), assinalada por regras de proeminência relativa que se aplicam em sintagmas entoacionais, é adequada tanto em um contexto com foco em '*Calvino*' como em um contexto em que toda a sentença é informação nova. De fato, a sentença (56) pode ser uma resposta para ambas as perguntas em (57).

- (56) *É morto **Calvino**.*
 é morto Calvino
 'Calvino morreu'.
- (57) a. *Cosa è successo?*
 'O que aconteceu?'
 b. *Chi è morto?*
 'Quem morreu?'

¹⁵ Como já foi esclarecido anteriormente, em inglês, no que concerne à estratégia de focalização de constituintes escolhida, o reordenamento de complementos só é permitido, desde que este não viole nenhuma restrição sintática como, por exemplo, a obrigatoriedade de todo DP receber caso.

Contrariamente, a ordem das palavras em (58), com *Calvino* em posição pré-verbal, é escolhida em um contexto em que é sabido que *Calvino* está doente. Neste caso, apenas o predicado é uma informação nova. A sentença (58), de fato, é uma resposta adequada a (59). Dado que a estrutura prosódica é mapeada na superfície da estrutura sintática, também neste caso, a proeminência principal no sintagma entoacional é à direita.

(58) *Calvino è morto*
 Calvino é morto
 'Calvino morreu.'

(59) *Cosa è successo a Calvino?*
 'O que aconteceu com Calvino?'

Uma vez que ambas as ordens em (56) e em (58) são permitidas em italiano, o movimento da proeminência não é uma opção permitida nesta língua, como pode ser visto pela agramaticalidade das sentenças (60a) e (60b) dadas por Nespor & Guasti (2002), em resposta a (59) e (57b) respectivamente:

(60) a. **È morto Calvino.*
 b. **Calvino è morto.*

Segundo Nespor & Guasti, a ordem das palavras em (56) é permitida, uma vez que o italiano é uma língua *pro-drop*, i. é., o italiano é uma língua que permite sentenças com sujeitos foneticamente não realizados e sentenças com sujeito pós-verbal (cf. Rizzi, 1982). Já o inglês, como não é uma língua *pro-drop*, não permite sujeitos pós-verbais, como revela a agramaticalidade apresentada pela sentença (61), correspondente ao exemplo (56) do italiano.

(61) **Died Calvino.*
 'Morreu **Calvino.**'

Em inglês, apenas a ordem das palavras em (62) é possível. Com a proeminência principal assinalada na margem direita do sintagma entoacional, a sentença (62) pode ser uma resposta às questões em (63).

- (62) *Calvino **died.***
'Calvino **morreu.**'
- (63) a. *What happened?*
'O que acontece?'
b. *What happened to Calvino?*
'O que aconteceu com o Calvino?'

Dado que nenhuma outra ordem é possível, a pergunta em (64), que diz respeito à identidade da pessoa que morreu, pode ser respondida em inglês apenas com uma sentença em que a proeminência principal foi mudada para o sujeito, como indicado em (65). Esta sentença, em geral, pode ser usada em um contexto em que a morte de *Calvino* é inesperada.

- (64) *Who died?*
'Quem morreu?'
- (65) ***Calvino** died.*
'**Calvino** morreu.'

O foco de informação (foco de escopo estreito, nas palavras das autoras) no sujeito pode ser obtido, em inglês, apenas pelo movimento da proeminência.

Segundo Nespor & Guasti, estes fatos demonstram mais uma vez que o movimento da proeminência é possível apenas se outras opções sintáticas não estão disponíveis em dada língua.

Em suma, Nespor & Guasti afirmam que cada língua escolhe um dos dois modos de alinhar o foco de informação e a proeminência principal em casos de desalinhamento: (1) uma ordem diferente dos constituintes: neste caso, o acento permanece na sua posição *default*, ou seja, na fronteira direita de um sintagma entoacional ou; (2) mudança da proeminência principal do elemento mais à direita do sintagma entoacional para o elemento focalizado. A primeira opção consiste em uma escolha entre estruturas sintáticas diferentes com um contorno rítmico

idêntico (conforme as autoras) e a segunda opção consiste em assinalar uma proeminência marcada (nos termos das autoras) em uma posição não marcada na estrutura sintática. A primeira opção só é escolhida, a depender do elemento a ser focalizado, se há pronome *pro* nulo objeto ou sujeito nas línguas.

2.4.4.1.

O princípio FSA em PB e PE: restrições quanto ao peso fonológico dos constituintes

Ao tomarmos como objetos de análise o PE e o PB, ambas línguas nas quais se verifica a existência do pronome *pro* sujeito e do pronome *pro* objeto, notamos que enquanto PE pode optar por (1) na satisfação do princípio FSA, PB opta por (2), conforme os exemplos extraídos de Brazzarola *et al.* (2000):

- Em PE:
 (66) Quem morreu?
 a. Morreu **o João**.
 b. # **O João** morreu.

- Em PB:
 (67) Quem morreu?
 a. **O João** morreu.
 b. # Morreu **o João**.

Este mesmo paradigma na satisfação do princípio FSA, apresentado por PB e PE nos exemplos (66) e (67), também é encontrado nos exemplos (68) e (69), relativos à posição dos objetos direto e indireto em sentenças com focalização informacional do objeto direto. No exemplo (68) do PE, mas não no exemplo (69) do PB, encontramos o objeto indireto anteposto ao objeto direto:¹⁶

¹⁶ Estes exemplos foram extraídos de trechos de fala do filme *A Dama e o Vagabundo* do Walt Disney traduzido para PE e PB, respectivamente. Os enunciados apresentados em (68) e (69) foram produzidos pelo personagem Vagabundo em um contexto de apresentação, ao personagem Castor, da focinheira da personagem Dama, como um 'novo cortador de troncos de árvore' (informação nova no enunciado e no discurso). Eis o trecho completo da fala do personagem Vagabundo, respectivamente em PE e PB, do qual extraímos os enunciados apresentados em (68) e (69):

Em PE:

Vagabundo: - O transporte? Exato! Ora, o que te faz falta é... um puxador de troncos. E por estranha coincidência, tens, na tua frente, apresentado por esta linda criatura, o novo patenteado puxador de troncos,

- (68) Em PE: Vira-te, querida, e mostra ao freguês **a mercadoria que reduzirá ao seu trabalho sessenta e seis por cento.** (ordem V OI OD)
- (69) Em PB: Dê uma voltinha e mostre **a mercadoria** ao freguês. (ordem V OD OI)

Quanto aos exemplos apresentados em (66) e (67), em PB e PE, a produtividade e a frequência da ordem verbo-sujeito (cf. exemplos (66a) e (67b), respectivamente para PE e PB), em contextos específicos de focalização informacional do sujeito, têm sido descritas apenas de maneira intuitiva pelos pesquisadores.

O trabalho de Brazzarola *et al.*, de onde foram extraídos os exemplos (66) e (67), trata da frequência das estruturas VS em sentenças com verbos inacusativos e inergativos e da frequência de estruturas VOS em sentenças com verbos transitivos nas duas variedades de português mencionadas. Os autores utilizam dados de língua escrita de PE e PB, pertencentes ao banco de dados do Projeto PE/PB 2000, e chegam aos seguintes resultados quanto à relação entre tipo de verbo e ordem V(O)S em português: 0% de estruturas VOS tanto em PB, como em PE, 29% de estruturas VS com verbos inergativos e inacusativos em PB e 34% de estruturas VS com verbos inergativos e inacusativos em PE.

No trabalho dos autores mencionados, não são contemplados dados de fala, o que pode gerar resultados diferentes, posto que a língua escrita é mais influenciada pela gramática normativa do que a língua falada, e não são utilizados dados em contextos específicos de focalização informacional do sujeito (os dados apresentados em (66) e (67) não constam do banco de dados analisado pelos autores, mas são apresentados por eles, com base em suas próprias intuições de

garantido por trinta dias. O melhor amigo do castor! Com garantia contra a água, o tempo, fogo e os rasgões. Vira-te, querida, e mostra ao freguês a mercadoria que reduzirá ao seu trabalho sessenta e seis por cento!

Em PB:

Vagabundo: Arrastar? É isso! Você só precisa de um... puxador de troncos. Hã, hã! E por uma feliz coincidência, temos aqui esta *lady* adorável que nos apresenta o novo, moderno e infalível puxador de troncos gigantes. O amigo do castor ocupado! Garantido contra desgaste, rompimento, rasgo ou desmanche. Dê uma voltinha e mostre a mercadoria ao freguês. Ele reduz o tempo de arrasto dos troncos em sessenta e seis por cento.

falantes nativos: pelo menos três dos cinco autores do trabalho são falantes nativos de PB e um dos cinco autores é falante nativo de PE).

Cabe acrescentar ainda que, nos contextos de focalização informacional do sujeito em português, é possível que o peso fonológico dos constituintes, entre outros fatores, possa favorecer ou desfavorecer o aparecimento das ordens SV(O) e V(O)S, uma vez que elementos pesados fonologicamente tendem a ocupar a margem direita do sintagma entoacional em português (cf. Frota & Vigário, 1996, 2001 sobre este tipo de afirmação em PE). Além do peso fonológico dos constituintes, a estrutura entoacional das sentenças V(O)S, deve ser também levada em conta, ou seja, deve ser investigada e comparada com a estrutura entoacional associada às sentenças SV(O). Isto porque, embora tenha sido afirmado, até então intuitivamente, que a prosódia (‘contorno rítmico’, para Nespor & Guasti, 2002) das sentenças V(O)S e SV(O) é idêntica nas línguas em geral (cf. Belletti, 1999; Nespor & Guasti, 2002; Costa, 2004; entre outros)¹⁷, supomos que a estrutura entoacional associada a estes dois tipos de sentença em PB e PE seja diferente, podendo codificar, prosodicamente, os dois tipos distintos de ordem nas duas variedades de português (cf. Frota, 1994; Vigário, 1998, sobre a codificação prosódica, refletida na estrutura entoacional, de sentenças com estruturas sintáticas especiais em PE – ver capítulo 6 desta tese).

Com relação ao peso fonológico dos constituintes, Frota & Vigário (2001), baseadas em Guasti & Nespor (1999), definem peso fonológico em termos de constituência fonológica e propriedades de proeminência dos constituintes fonológicos. Para Frota & Vigário:

- (70) Um constituinte é *pesado* sse *fonologicamente ramificado* (i.e. constituído por mais material do que o constituinte fonológico do tipo relevante), ou portador de *propriedades de proeminência* que o distingam dos restantes (e.g. acento de foco prosódico).

(Frota & Vigário, 2001:320)

¹⁷ Conforme Costa (2004:88): “...if one compares a VOS sentence with a SVO sentence, they are equal in terms of prosody.”

Tomemos, como exemplo, os julgamentos de preferência das sentenças de PB em (71), produzidas em um contexto *out of the blue*, mapeadas em domínios prosódicos, como apresentado no mesmo exemplo, e nas quais nenhum elemento porta acento de foco prosódico. Nos exemplos, o símbolo '>' indica a sentença que é preferida.

- (71) > a. Fizeram a matrícula todos os alunos que estavam no corredor.¹⁸
 (ordem: VOS)
 [[(fizeram)ω]φ [(a matrícula)ω]φ [(todos)ω]φ [(os alunos)ω]φ [(que estavam)ω]φ [(no corredor)ω]φ]I
 b. Todos os alunos que estavam no corredor fizeram a matrícula. (ordem: SVO)
 [[(todos)ω]φ [(os alunos)ω]φ [(que estavam)ω]φ [(no corredor)ω]φ [(fizeram)ω]φ [(a matrícula)ω]φ]I

Levando em conta a primeira condição em (70), é possível afirmar que a preferência pela ordem VOS em (71) – sentença (71a) – é favorecida pelo peso fonológico do sujeito da sentença. Uma vez que o sujeito da sentença (composto por 4 sintagmas fonológicos (φ), formado cada qual por uma palavra fonológica (ω)) é mais pesado fonologicamente que o predicado (composto por 2 φs, formado cada qual por uma ω), é o primeiro que tende a ocupar a margem direita do sintagma entoacional. As mesmas considerações sobre aceitabilidade destas duas sentenças podem ser também feitas para PE.

Nota-se que, também nos exemplos (68) e (69), relativos à ordem dos objetos em sentenças de PB e PE produzidas em contexto de focalização informacional do objeto direto, o peso fonológico deste elemento, no que diz respeito ao critério de ramificação fonológica (mas não no que concerne ao critério de proeminência, uma vez que, em ambos os exemplos, nenhum elemento porta acento de foco prosódico), parece favorecer a ordem S V OI OD na sentença de PE, mas não na sentença de PB.

Na sentença de PB, o objeto direto 'a mercadoria' não é ramificado fonologicamente (constituído por um φ composto por uma única ω, [(a mercadoria)ω]φ), o que pode caracterizá-lo como 'leve fonologicamente', conforme (70), e aparece na posição canônica para objeto direto em sentenças de

¹⁸ Sentença de PB extraída de Figueiredo e Silva *et al.* (2000).

duplo objeto do português, ou seja, anteposto ao objeto indireto. O objeto indireto também não é ramificado (constituído por um ϕ composto por uma única ω , [(ao freguês) ω] ϕ), portanto, é tão leve quanto o objeto direto no que se refere à ramificação fonológica, e ocupa posição canônica para objeto indireto em sentenças de duplo objeto do português, ou seja, posposto ao objeto direto (margem direita do sintagma entoacional no exemplo dado). Já na sentença de PE, o objeto direto 'a mercadoria que reduzirá ao seu trabalho sessenta e seis por cento' é ramificado fonologicamente (composto por 6 ϕ s e 7 ω s), [(a mercadoria) ω] ϕ [(que reduzirá) ω] ϕ [(ao seu) ω (trabalho) ω] ϕ [(sessenta) ω] ϕ [(e seis) ω] ϕ [(por cento) ω] ϕ , o que o caracteriza como pesado fonologicamente, conforme (70), e aparece na última posição da sentença, após o objeto indireto leve fonologicamente 'ao freguês' (composto por um único ϕ e uma única ω , [(ao freguês) ω] ϕ).

Estas considerações indicam que, além de questões sintáticas, também questões fonológicas, como o peso fonológico dos constituintes, parecem estar envolvidas na derivação da ordem das sentenças de PB e PE, tanto em contexto neutro, como mostram os exemplos em (71), quanto em contexto de focalização, como mostram os exemplos em (68) e (69). A mesma observação sobre a relação entre ordem e peso fonológico dos constituintes é também apresentada para PE em trabalhos anteriores sobre esta variedade de português (cf. Frota & Vigário, 1996, 2001).

Considerando uma sentença do PE de ordem básica S V OD OI, Frota & Vigário (1996, 2001) mostram que: se o objeto direto é constituído por mais sintagmas fonológicos do que o objeto indireto, portanto, mais pesado fonologicamente do que este, conforme a primeira condição em (70), a sentença só é considerada perfeitamente aceitável se houver reordenamento de constituintes de maneira que o constiuente mais pesado passe a ocupar a margem direita do sintagma entoacional. Eis os exemplos dados pelas autoras:

- (72) A Ana [comprou [o quadro do vencedor do concurso]NP [ao Pedro]PP]VP
 a. [A Ana comprou [ao Pedro]φ [o quadro] φ [do vencedor] φ [do concurso]φ]I
 b. ??/* [A Ana comprou [o quadro] φ [do vencedor] φ [do concurso] φ [ao Pedro] φ]I
 (Frota & Vigário, 2001:319)

Já se o objeto indireto portar um acento de foco prosódico nos mesmos exemplos, ele é considerado tão pesado quanto o objeto direto, independentemente da ramificação fonológica. Nestes casos, tanto a ordem S V OI OD quanto a ordem S V OD OI são perfeitamente aceitáveis em PE, como revelam os exemplos em (73).

- (73) A Ana comprou ao Paulo o quadro do vencedor do concurso?
 a. Não. [A Ana comprou [AO PEDRO] φ [o quadro] φ [do vencedor] φ [do concurso] φ]I
 b. Não. [A Ana comprou [o quadro] φ [do vencedor] φ [do concurso] φ [AO PEDRO] φ]I
 (Frota & Vigário, 2001:319)

A relação entre ordem e peso fonológico dos constituintes nas sentenças não é notada só em português, mas também em línguas como o inglês e o italiano, entre outras.

Inkelas & Zec (1990) mostram que, em inglês, complementos pesados também tendem a ser movidos para a posição mais à direita do sintagma entoacional. Entretanto, este movimento, denominado *Heavy NP Shift* ou *Complex NP Shift*, é restrito a certas condições prosódicas. Segundo os autores, em uma sentença de ordem básica do inglês S V OD OI, só pode haver movimento, de maneira que o OD ocupe a margem direita da sentença (margem direita de I, cf. exemplos em (74)), se este elemento for formado por, no mínimo, dois sintagmas fonológicos. A agramaticalidade da sentença em (74a) em contraste com a gramaticalidade das sentenças em (74b) e (74c), todas extraídas de Zec & Inkelas (1990:377), confirmam o exposto.

- (74) a. **Mark showed to John [some letters]φ.*
 'Mark mostrou ao John algumas cartas.'
 b. *Mark showed to John [some letters]φ [from Paris]φ.*
 'Mark mostrou ao John algumas cartas de Paris.'
 c. *Mark showed to John [some letters]φ [from his beloved city] φ.*
 'Mark mostrou ao John algumas cartas de sua cidade amada.'

As mesmas considerações apresentadas por Zec & Inkelas (1990) para o inglês também são apresentadas por Guasti & Nespor (1999) para o italiano (ver também Zubizarreta, 1998 sobre a relação entre peso fonológico e reordenamento dos constituintes 'sujeito' e 'predicado' em sentenças com o sujeito portando foco informacional em italiano, cf. capítulo 6 desta tese).

De acordo com Guasti & Nespor, se duas ordens sintáticas, em um mesmo contexto discursivo, são igualmente possíveis em italiano, a preferida será aquela em que o constituintes mais pesado fonologicamente se encontra em uma posição mais à direita (margem direita do sintagma entoacional), conforme revelam os exemplos em (75) e (76) extraídos de Guasti & Nespor.¹⁹

- (75) a. *Hanno spedito [dei fiori] [molto belli] [a una cantante].*
 (eles) têm enviado algumas flores muito belas a uma cantora
 'Enviaram algumas flores muito belas a uma cantora.'
 >b. *Hanno spedito [a una cantante] [dei fiori][molto belli].*
- (76) >a. *Hanno spedito [dei fiori] [a una cantante] [molto brava].*
 (eles) têm enviado algumas flores a uma cantora muito boa
 'Enviaram algumas flores a uma cantora muito boa.'
 b. *Hanno spedito [a una cantante] [molto brava] [dei fiori].*

Conforme as autoras, em todas as sentenças preferidas, o complemento que ocupa a margem direita da sentença é composto por dois sintagmas fonológicos, enquanto o complemento que o precede é formado por apenas um sintagma fonológico.

Levando em conta as considerações apresentadas no decorrer deste capítulo, será objetivo desta tese a investigação de questões sobre a frequência, o peso fonológico do sujeito e do predicado e sobre a estrutura prosódica, refletida

¹⁹ De acordo com Guasti & Nespor, estes julgamentos são baseados em produções nas quais estas sentenças são mapeadas em apenas um único sintagma entoacional (I).

na estrutura entoacional, das sentenças com diferentes ordens de constituintes em contexto de focalização informacional do sujeito em PB e PE.

2.5.

Conclusão

Neste capítulo: (i) definimos 'foco', bem como foi apresentada a distinção entre 'foco informacional' e 'foco contrastivo'; (ii) apresentamos a caracterização e a abordagem que são dadas ao 'foco', segundo critérios semântico/pragmático, sintático, fonológico/fonético e morfológico, bem como apresentamos a caracterização de 'foco' assumida nesta tese; (iii) apresentamos as estratégias de focalização utilizadas pelas línguas na marcação de elementos focalizados; (iv) apresentamos uma discussão sobre a relação 'foco e proeminência' na gramática gerativa; e (v) problematizamos a relação entre satisfação do princípio FSA (cf. Nespor & Guasti, 2002) e restrição de peso fonológico dos constituintes em PB e PE.

Quanto a (v), levando em consideração o que expusemos na seção 2.3.4.1., é possível presumir que, embora PE e PB sejam ambas línguas *pro-drop*, a escolha possível por estratégias diferentes realizadas por essas duas variedades na satisfação do princípio FSA, além de estar relacionada à fixação do parâmetro \pm *pro*, como afirmam Nespor & Guasti (2002) para as línguas em geral, também está relacionada a questões de outra natureza.

Cabe notar que tanto PB, quanto PE, são línguas de sujeito nulo, porém, é sabido que o sujeito nulo em PE e o sujeito nulo em PB são objetos de diferentes naturezas e propriedades (sobre sujeito nulo em PB, cf. Duarte, E. 1995; Figueiredo Silva, 1996; Ferreira, 2000; Kato & Negrão; 2000; Rodrigues, 2004; entre outros). Apesar de que, com base na redução de ocorrência de sujeitos nulos nas sentenças e as restrições sobre ele operando, se tenha afirmado que o PB deixou de ser uma língua *pro-drop*, é claro que o PB não pode ser considerado uma língua típica de sujeito não-nulo como o inglês ou o francês. Sentenças, contendo verbos como 'chover', que apresentam a posição do sujeito preenchida lexicalmente em francês (77a), ou em inglês (77b), seriam agramaticais, se fosse

seguido o mesmo paradigma de preenchimento lexical da posição do sujeito, na tradução para PB (77c).

- (77) a. *Il pleut.*
b. *It rains.*
c. *Ele chove.

Nossa hipótese é a de que as estratégias de focalização informacional do sujeito escolhidas por PB e PE para satisfação do princípio FSA estejam relacionadas não só a questões de ordem sintática, como a natureza diferente do sujeito nulo nestas duas variedades de português, mas também a questões de ordem fonológica, como o peso fonológico do 'sujeito' e do 'predicado'. Esta questão será melhor explorada a partir do capítulo 4 desta tese. Antes, faz-se necessário investigar o que já tem sido afirmado sobre as estratégias escolhidas por PB e PE na expressão do foco informacional, bem como as respectivas análises que têm sido apresentadas para este fenômeno nas duas variedades de português. Este será o tema do próximo capítulo.

3.

Foco Informacional e Ordem em Português: Revisão

3.1.

Introdução

Neste capítulo apresentaremos o que já tem sido dito, do ponto de vista sintático, sobre as estratégias utilizadas por PB e PE na expressão do foco de informação do sujeito, bem como as análises que já têm sido dadas para este fenômeno linguístico e para as diferenças encontradas quanto à expressão deste tipo de focalização nas duas variedades de português.

Porém, antes de tratarmos deste assunto, faz-se necessário distinguirmos o que se considera aqui por ordem 'neutra' ou 'não-marcada' para o sujeito em PB e PE.

3.2.

A ordem neutra e 'não-marcada' em PE e PB

De acordo com Âmbar (1992), em PE, verificam-se seis ordens possíveis resultantes das diferentes combinações dos termos sujeito (S), verbo (V) e objeto (O): SVO, SOV, VSO, OSV, OVS e VOS. Respectivamente:

- (1)
- a. A Joana comeu a sopa. (SVO)
 - b. A Joana, a sopa, comeu. (SOV)¹
 - c. Ontem comeu a Joana a sopa. (VSO)
 - d. A sopa, a JOANA comeu. (OSV)
 - e. A sopa, comeu a Joana. (OVS)
 - f. Comeu a sopa, a JOANA. (VOS)

¹ Nas frases extraídas do trabalho de Âmbar (1992), as vírgulas representam pausas prosódicas, enquanto as palavras em letras maiúsculas são palavras nas quais recai o acento contrastivo.

Conforme a autora, com exceção de (a), todas as sentenças acima relacionadas exigem que se verifiquem determinadas condições. (a) é a única frase que não requer pausa e/ou acento contrastivo num dos seus constituintes. Observa-se que em (c) surge, em posição inicial da frase, o constituinte 'ontem' que não ocorre nas outras construções, mas que, do ponto de vista da legitimação da ordem VSO, desempenha, na frase referida, a mesma função que os elementos pausa e acento contrastivo desempenham nas demais construções de (1).

De um ponto de vista empírico, Âmbar admite, por convenção, que, como ponto de partida para o estudo das ordens derivadas, a ordem básica é a ordem neutra de uma língua, ou seja, é aquela que ocorre de forma menos marcada. Por 'marcada', entenda-se, segundo a mesma autora, a ordem que se encontra associada a uma condição (de caráter sintático, semântico, prosódico ou pragmático) específica. Nas frases de (1) a ordenação SVO em (a) não exige pausa, acento contrastivo, advérbio em posição inicial, elemento QU- interrogativo ou qualquer outro requisito estrutural deste tipo, logo, assumimos, juntamente com a autora, que SVO é a ordem neutra de PE.

Âmbar ainda acrescenta que a 'ordem não marcada' é a ordem resultante da combinação nua dos elementos S, V e O, mas não é a ordem que pode sempre ocorrer – uma língua pode ter ordem neutra SVO e não permitir essa ordem nas sentenças se determinados elementos estiverem presentes. Como exemplo, cita o caso das interrogativas – QU em PE, nas quais a presença do elemento QU impede a produção da ordem neutra SVO como ordem gramaticalmente aceita:

- (2) a. Que comprou a Maria?
b. * Que a Maria comprou?
- (3) a. Onde foi a Maria?
b. * Onde a Maria foi?

Já quando se consideram verbos inacusativos e estruturas passivas, a ordem em que o sujeito se encontra posposto ao verbo, além da ordem SV, também pode ser encontrada como ordem neutra, segundo Âmbar:

- (4) a. A Maria chegou.
b. Chegou a Maria.
- (5) a. As cartas foram entregues.
b. Foram entregues as cartas.

Conforme a autora, tanto em (4a) e (5a), quanto em (4b) e (5b), as ordens SV e VS são produzidas sem que haja qualquer condição semântica, pragmática, prosódica ou sintática condicionada a ambas as ordens.

Diferentemente dos verbos inacusativos e das estruturas passivas, quando são considerados verbos inergativos, a ordem neutra, ou seja, aquela em que não há qualquer condição associada a ela, é SV. Todavia, acrescenta-se que a ordem em (6b) é inaceitável apenas em um contexto neutro, uma vez que ela pode ser encontrada na condição de focalização do sujeito (cf. Âmbar, 1992, 1997, 1999; Costa, 1996, 1998, 2004; e capítulo 4 desta tese):

- (6) a. O João correu.
b. # Correu o João.

Para o PB, assumimos, juntamente com Silva (2001) e Tavares Silva (2004), entre outros, que a ordem neutra para esta variedade de português também é SVO. Consideremos os exemplos de Âmbar de PE, quando tomados para PB:

- (7) a. A Joana comeu a sopa. (SVO)
b. *A Joana, a sopa, comeu. (SOV)
c. *Ontem comeu a Joana a sopa. (VSO)
d. A sopa, a JOANA comeu. (OSV)
e. *A sopa, comeu a Joana. (OVS)
f. *Comeu a sopa, a JOANA. (VOS)

Repare que, diferentemente de PE, onde as seis ordens diferentes são possíveis para os elementos S, V e O na sentença, ainda que sejam necessárias certas condições já referidas acima para que as ordens apresentadas em (b), (c), (d), (e) e (f) sejam possíveis, em PB, apenas as ordens SVO e OSV, apresentadas respectivamente em (7a) e (7d), ambas com o sujeito precedendo o verbo, são

permitidas. E com relação a (7d), ela só é possível com a inserção de uma pausa após o objeto. Dado que só em (7a) a ordem dos constituintes não está associada à nenhuma condição de licenciamento, é possível concluirmos que a ordem não marcada em PB é, de fato, SVO.

No que concerne aos verbos inacusativos e estruturas passivas em PB, encontramos as mesmas possibilidades de ordem neutra encontradas para o PE, ou seja, tanto a ordem SV, quanto a ordem VS, podem ser obtidas sem que haja qualquer condição a elas associadas:

- (8) a. A carta chegou. (SV)
b. Chegou a carta. (VS)
[O que aconteceu?]
- (9) a. As cartas foram entregues. (SV)
b. Foram entregues as cartas. (VS)
[O que aconteceu?]

Com verbos inergativos, tais como exemplificado em (6) e (10), diferentemente de PE, em PB, independentemente de haver certas condições ou determinados contextos, a única ordem possível para os elementos S e V é a ordem SV. Portanto, com verbos inergativos, a ordem neutra do PB, ou seja, a ordem SV é a única possível.

- (10) a. O João trabalhou. (SV)
b. * Trabalhou o João. (VS)
[O que aconteceu?]
[Quem trabalhou?]

3.2.1.

A derivação da ordem neutra em PE e PB: a posição do sujeito e do verbo

3.2.1.1.

A posição do sujeito

Barbosa (1995, 2000) assume que a posição argumental ocupada pelo sujeito em sentenças neutras do PE, bem como nas outras línguas de sujeito nulo como o catalão e o italiano, é a posição pós-verbal em SpecVP com o verbo sendo alçado para I:

(11) Em italiano:
[IP[I' telefona_i [VP Gianni t_i]]]
'Telefona Gianni.'

(12) Em PE:
[IP[I' telefonou_i [VP a Maria t_i]]]

Para a autora, os sujeitos pré-verbais das línguas de sujeito nulo ocupam uma posição-A' e este tipo de construção pode ser derivado de duas maneiras nestas mesmas línguas:

(i) o DP lexical é gerado na base em uma posição de adjunção a IP e é licenciado pela predicação via uma posição vazia no interior de IP, preenchida por um pronome *pro*, o verdadeiro sujeito argumental que recebe o papel temático assinalado pelo verbo. Esta operação é denominada *clitic left dislocation*:

(13) Em italiano:
[IP Gianni_i[IP telefona *pro*]]

(14) Em PE:
[IP a Maria_i[IP telefonou *pro*]]

(ii) o DP sujeito é extraído diretamente da posição pós-verbal via movimento-A':

- (15) Em italiano:
[FP Gianni_i [F' telefona t_i]]
- (16) Em PE:
[FP a Maria_i [F' telefonou t_i]]
- (17) Em italiano:
[FP Qualcuno_i [F' troveremo t_i]]
Alguém nós encontraremos.
- (18) Em PE:
[FP Ninguém_i [F' telefonou t_i]]

Barbosa afirma que o subconjunto de sintagmas quantificacionais que não podem ser tópicos discursivos (exemplos (17) e (18)), bem como sujeitos definidos focalizados contrastivamente nas línguas de sujeito nulo (exemplos (15) e (16)) são extraídos para uma posição-A' em SpecFP. No caso dos sujeitos focalizados contrastivamente, Barbosa afirma que os mesmos podem portar um acento contrastivo e o movimento para a posição-A' é conhecido como 'movimento de foco'.

Ela sustenta sua afirmação de que os sujeitos pré-verbais são extraídos de uma posição-A pós-verbal em línguas de sujeito nulo pela comparação do efeito *that*-trace em inglês (língua típica de sujeito não-nulo) e o espanhol (língua de sujeito nulo):

- (19) **Who did you say that bought a computer?*
'Quem você disse que comprou um computador?'
- (20) *Quién dices que compró un ordenador?*
'Quem você disse que comprou um computador?'

No exemplo do inglês, o movimento de *who* para o início da sentença torna a mesma agramatical, o que não acontece com o exemplo do espanhol, quando *quién* sofre movimento para o início da sentença. Segundo a autora, o exemplo do espanhol pode ser generalizado para todas as línguas de sujeito nulo. Baseada em Rizzi (1982) e em Jaeggli (1984), ela afirma que o contraste entre o inglês e o espanhol é explicado pelo fato de que o sujeito nas línguas de sujeito nulo é

extraído de uma posição pós-verbal e não de uma posição pré-verbal. Barbosa, baseada em Burzio (1986), também mostra que os sujeitos em italiano nunca são extraídos de uma posição pré-verbal:

- (21) a. **(Ne_i) sono cadute [tre___i]*
Deles caíram três'.
b. *Tre (*ne) sono cadute.*
'Três deles caíram'.
- (22) *Quante___i *(ne_i) sono cadute?*
'Quantos deles caíram?'

O exemplo (21b) mostra que a cliticização de *ne* é incompatível com sujeito pré-verbal em italiano. O fato de que apenas (21a) tem a contraparte com movimento de *Wh*, (22), mostra que o sujeito não pode ser extraído de uma posição pré-verbal.

Ainda de acordo com Barbosa, o padrão de colocação de clíticos no PE sugere que os sujeitos pré-verbais de línguas de sujeito nulo não são alçados para uma posição-A em SpecIP, mas para uma posição-A' de adjunção a IP.

Em PE a ênclise é obrigatória em: (i) construções iniciadas por verbos; (ii) com sujeitos pré-verbais; e (iii) com tópicos. Respectivamente:

- (i) Viu-o / *O viu.
(ii) Um aluno viu-a / *Um aluno a viu.
(iii) Esses livros, dei-os / *os dei à Maria.

A próclise nesta mesma variedade de português é obrigatória nos seguintes casos: (iv) em orações negativas; (v) em orações encaixadas; e (vi) em sentenças cujo sintagma pré-verbal é um quantificador, um operador *Wh*, um sintagma focalizado ou com certos tipos de advérbios. Respectivamente:

- (iv) O João não a viu / *não viu-a.
(v) Eu duvido que ele a visse/ *visse-a.
(vi) a. Alguém o viu/*viu-o.
b. Quem o viu/*viu-o?
c. Só o Pedro o viu / *viu-o.
d. O Pedro já/nunca o viu / *viu-o.

Conforme Barbosa, todas as construções enclíticas em PE têm o verbo em primeira posição (V1) e derivam da aplicação da lei de Tobler-Mussafia. Segundo esta lei, palavras não-acentuadas nunca ocupam uma posição inicial (cf. Salvi, 1990; Benincà, 1995). Logo, sendo o clítico um elemento átono, ele não pode ocupar uma posição inicial na oração. Traduzindo a lei de Tobler-Mussafia em termos prosódicos, Barbosa afirma que o seguinte filtro prosódico está ativo em PE: *[IntP cl V...], onde IntP = Intonational Phrase. Ou seja, um sintagma entoacional não pode ser iniciado por um clítico.

Seguindo a análise de Barbosa, os exemplos (i), (ii), e (iii) resultariam da aplicação deste filtro:

- (i') [Viu-o]IntP / [*Q viu]IntP
(ii') [Um aluno]IntP [viu-a]IntP / [*Um aluno a viu]IntP
(iii') [Esses livros]IntP, [dei-os à Maria]IntP / [*os dei à Maria]IntP

A autora afirma que a posição ocupada pelo clítico em (ii') corrobora sua análise de que sujeitos pré-verbais no PE ocupam a posição-A'. Para ela, o sujeito pré-verbal na posição-A' é mapeado em um sintagma entoacional diferente do sintagma entoacional do predicado, assim como o tópico 'esses livros' em (iii'), sendo assim, o clítico, elemento átono, não pode ocupar a posição inicial do segundo sintagma entoacional, ocupando obrigatoriamente a posição enclítica ao verbo. Porém, esta análise da autora carece de argumentos empíricos que sustentem a análise de que o sujeito é mapeado em um sintagma entoacional diferente do predicado, como, por exemplo: pausa, alongamento de duração segmental ou presença de tom de fronteira na curva entoacional após o sujeito, indicando uma possível fronteira de I após este elemento.

Quanto aos exemplos em (iv), (v) e (vi), uma vez que há material fonológico precedendo o clítico na fronteira inicial de IntP, é permitido a ele ocupar a posição proclítica ao verbo:

- (iv') [O João]IntP [não a viu]IntP
- (v') ... [que ele a visse]IntP
- (vi')
 - a. [Alguém o viu]IntP
 - b. [Quem o viu]IntP
 - c. [Só o Pedro o viu]IntP
 - d. [O Pedro]IntP [já/nunca o viu]IntP

Repare que, para Barbosa, enquanto sujeitos definidos em posição-A'(ver (ii')) e tópicos (iii') são mapeados em um sintagma entoacional diferente do sintagma entoacional do predicado, sujeitos focalizados (vi'c), quantificadores (vi'a) e elementos *Wh* ((v') e (vi'b)) são mapeados no mesmo sintagma entoacional do predicado, o que permite que, nestes últimos casos, o clítico possa aparecer proclítico por não ocupar a posição inicial de IntP. Também para estas afirmações da autora, faltam dados empíricos que as sustentem.

Baseado em autores como, entre outros, Âmbar (1992), Duarte (1987, 1996) e Martins (1994), Costa (1996, 1998) assume que a ordem 'não marcada' em PE é SVO, com o sujeito ocupando a posição de SpecIP, ou seja, uma posição-A, contrariando a afirmação de Barbosa (1995, 2000) de que os sujeitos em posição pré-verbal ocupam uma posição-A' em PE. Costa mostra que os sujeitos pré-verbais em PE não apresentam as propriedades das línguas românicas de sujeito nulo que trazem evidência de que os sujeitos pré-verbais estão em posição-A'. Ao contrário, os sujeitos pré-verbais em PE apresentam propriedades de ocupação da posição-A:

(i) Os sujeitos pré-verbais em PE podem A-ligar:

(23) Todos os coelhos_i comeram a sua_i cenoura.

(ii) Os sujeitos pré-verbais em PE não bloqueiam extração-A':

(24) Que livros_i o Paulo leu t_i?

(iii) As sentenças com múltiplos tópicos são muito marcadas em PE. Para que sejam um pouco mais aceitáveis é necessário acrescentar uma quebra

prosódica, como uma pausa, entre os diferentes tópicos. Por exemplo, (25b) é mais marcada que (25a) e é necessário acrescentar à primeira uma pausa (representada pela vírgula) entre o segundo PP 'com o Pedro' e o verbo 'falei':

- (25) a. Sobre o tempo, falei com o Pedro.
b. ?/?? Sobre o tempo, com o Pedro, falei.

Já quando há um tópico seguido de sujeito pré-verbal, a sentença não é marcada, nem é necessário introduzir uma quebra prosódica entre o sujeito e o verbo. Se o sujeito pré-verbal se comportasse como um tópico em uma posição-A', era esperado que a sentença (26), semelhantemente a (25b), fosse pouco aceitável e que fosse necessária a introdução de uma quebra prosódica entre o sujeito 'O Pedro' e o verbo 'falou', o que não é o caso:

- (26) Com a Maria, o Pedro falou.

Dados os argumentos apresentados por Costa como contra-evidências para a ocupação de uma posição-A' pelos sujeitos pré-verbais de PE, assumimos também com este autor que o sujeito pré-verbal de PE ocupa uma posição A, em SpecIP.²

Para as sentenças neutras do PB, a posição do sujeito pré-verbal é uma questão um pouco mais complicada. Contrariamente às propostas que assumem generalizadamente que o sujeito pré-verbal em PB se encontra deslocado à esquerda (cf. Barbosa, Duarte & Kato, 2001; Costa & Galves, 2002; entre outros), assumiremos aqui, juntamente com Tavares Silva (2004), que os sujeitos pré-verbais das sentenças neutras desta variedade de português podem ocupar 2 posições. Defenderemos que estes elementos podem ou ocupar uma posição-A,

² Neste trabalho não trataremos da posição ocupada pelo sujeito em IP, considerando a hipótese do IP cindido. Sobre este tema, conferir, entre outros: Pollock (1989); Belletti (1990); Iatridou, (1990) e; especificamente para o português, Galves (1993, 2001); Figueiredo Silva (1996); Kato (1999, 2000); Costa & Galves (2002); Tavares Silva (2004); entre outros.

em Spec IP, ou aparecer adjungidos à esquerda de IP nos casos das construções de sujeitos com interpretação de tópico (cf. Galves, 1998b, 2000).³

Excetuando os casos de sujeito-tópico que apresentaremos a seguir, é possível defender uma posição-A em SpecIP para os sujeitos pré-verbais das sentenças neutras de PB. Com base nas evidências apresentadas por Costa (1998) de que o sujeito pré-verbal de PE ocupa uma posição-A em SpecIP, é possível assumirmos, juntamente com Tavares Silva (2004), esta mesma posição também para o sujeito pré-verbal das sentenças neutras de PB. Tomemos para o PB os argumentos apresentados por Costa para justificar a ocupação de uma posição-A, em SpecIP, pelos sujeitos pré-verbais de PE:

I) Ligação-A:

Assim como no PE, os sujeitos pré-verbais do PB também podem A-ligar como revelam os exemplos em (27):

- (27) a. Todos os coelhos_i comeram as cenouras deles_i.
 b. As meninas_i sempre respeitam as mães delas_i.
 c. Cada menina_i, pela mãe dela_i, sempre tem respeito.

Tavares Silva (2004) acrescenta que a topicalização de um quantificador também está bloqueada (cf. (28b)), o que favorece a idéia de que o constituinte 'cada criança' em (28a) ocupa uma posição-A:⁴

- (28) a. Cada criança_i, durante suas_i férias, gosta de viajar.
 b. *Cada criança, eu vi.

II) Extração-A':

³ Não discutiremos aqui a posição do sujeito pré-verbal em sentenças em que o sujeito é o tópico marcado, nos termos de Duarte, I. (1987, 2003), como em 'O João, esse malandro acabou de sair daqui agora mesmo.' Isto porque, nos casos em que há topicalização marcada, a sentença não pode ser considerada como discursivamente neutra. Pela mesma razão não trataremos dos casos de duplicação do sujeito como em 'O João ele disse que não virá à festa hoje à noite.', uma vez que, nestes casos, não é totalmente claro se se trata de uma sentença neutra ou de uma sentença com tópico marcado.

⁴ Os exemplos em (28) foram extraídos de Tavares Silva (2004: 421).

Assim como notam Costa & Galves (2002) para o PE, em PB, também se verifica que é possível um elemento *Wh* se mover para SpecCP, cruzando a posição de sujeito, sem desencadear efeitos de minimalidade-A' em dialetos nos quais deslocamento à esquerda (como no caso do constituinte 'à Ana' em (29b)) é excluído neste mesmo contexto – cf. também Tavares Silva (2004) sobre estas afirmações em PB.

- (29) a. Perguntei quem a Ana tinha encontrado.
b. ??*Perguntei quem à Ana tinha oferecido flores.

III) Topicalização Múltipla:

Assim como em PE, sentenças com mais de um constituinte topicalizado são marginais em PB, como ilustra (30b). Se o sujeito pré-verbal de PB se comportasse como um tópico em uma posição-A', era esperado que a sentença (30a), semelhantemente a (30b), fosse pouco aceitável, o que não é o caso:

- (30) a. Sobre a festa, a Maria falou com a mãe dela.
b. ?/?? Sobre a festa, com a mãe, a Maria falou.

Aos argumentos de Costa (1998) que justificam a posição-A, em SpecIP, para ocupação pelo sujeito pré-verbal do PE, Tavares Silva ainda acrescenta mais outros argumentos para justificar a ocupação da mesma posição pelo sujeito pré-verbal do PB, dentre os quais, apresentamos:

IV) SVO em contexto não-marcado:

Em contextos *out of the blue*, como em resposta à pergunta 'O que aconteceu?', a única ordem legítima na resposta é SVO, como aparece em (31a). Uma vez que deslocamento à esquerda não é gramatical neste contexto, é possível afirmar que o sujeito ocupa uma posição-A nestes contexto, supostamente, em SpecIP.

- O que aconteceu?
- (31) a. O Pedro quebrou a vidraça.
b. *Quebrou o Pedro a vidraça.

Tomando as sentenças acima para o PE, segundo Costa & Galves (2002), se o sujeito fosse deslocado à esquerda em PE, a resposta em (31b) seria legítima, desde que VSO é uma ordem possível nesta língua, e a posição pós-verbal corresponderia à única posição para o sujeito. Entretanto, esta mesma observação não pode ser notada para PB. Como nota Tavares Silva, embora o PB compartilhe com o PE o fato de a ordem não-marcada ser SVO, ordens com o sujeito posposto (VSO e VOS) não são produzidas no PB em virtude do processo de mudança por que está passando seu paradigma de flexão verbal.

V) Ausência de acento focal sobre quantificadores indefinidos em posição pré-verbal:

Ao contrário do que observa Belletti (1990) para o italiano, língua que tem os sujeitos deslocados à esquerda e na qual quantificadores indefinidos pré-verbais necessitam receber acento enfático, Tavares Silva observa que, no PB, quantificadores indefinidos pré-verbais como 'ninguém' não necessitam receber acento enfático para que a frase seja gramatical:

- (32) Ninguém provavelmente falhou.

(Costa & Galves, 2002:109)

Cabe ainda acrescentar que há um outro tipo de sujeito pré-verbal de PB que aparece em sentenças neutras, porém, que parece não estar em uma posição-A. As construções com este tipo de sujeito, apresentadas em Galves (1998b, 2000), não aparecem nas outras línguas românicas de sujeito nulo e, nestas construções, o sujeito tem a interpretação de um tópico. Vejamos os exemplos extraídos dos trabalhos de Galves e reproduzidos também em Costa & Galves (2002):

- [O que aconteceu?]
- (33) a. O relógio quebrou os ponteiros.
 b. Aquele carro furou os pneus.
 c. A mesa quebrou as pernas.
 d. A revista xerocou.

As sentenças apresentadas em (33) constituem um tipo especial, uma vez que nelas há perda completa do argumento agente, como notam Costa & Galves (2002) através do contraste entre os exemplos que reproduzimos aqui em (34a) e (34b):

- (34) a. A revista foi xerocada para ganhar tempo.
 b. *A revista xerocou para ganhar tempo.

Segundo os autores, na construção passiva em (34a), há um agente implícito que controla o sujeito nulo da sentença, enquanto na sentença em (34b) não há agente implícito. Dada esta constatação, Costa & Galves (assumindo a hipótese do IP cindido) concluem que não há SpecTP projetado em (34b) e a estrutura sintática para este tipo de construção é a que aparece em (35).

- (35) $[_{AgrSP} DP_i [_{AgrSP} S_i Agr [_{TP} V-\phi [_{VP} t_V pro_i]]]]$

Na análise dos autores, desde que os traços de concordância de V (ϕ) não entram em uma relação de concordância especificador-núcleo, eles estão livres para identificar os traços de AgrS (nos termos de Galves, 2000), e concordar com o DP pré-verbal.⁵ Este DP não pode estar em SpecAgrSP porque, se assim fosse, os traços de AgrS seriam identificados pelo DP no seu especificador, e os traços verbais permaneceriam sem identificação. Além disso, o DP pré-verbal não poderia se mover do domínio interno de um verbo na sua forma ativa para o domínio externo deste verbo. Finalmente, os autores ainda concluem que não há violação do princípio-B de ligação na estrutura em (35), uma vez que o sujeito pré-verbal não se encontra em posição-A.

⁵ Conforme Galves (2000), AgrS em PB é identificado por traços pronominais que se movem de uma posição argumental co-indexada com o sintagma deslocado à esquerda.

Uma vez que não trabalharemos com a hipótese do IP cindido, para este tipo de construção apresentado em Galves (1998b, 2000) e Costa & Galves (2002), e que não corresponde ao tipo de dado que será analisado nesta tese, assumimos, simplesmente, que o sujeito pré-verbal de PB se encontra adjungido a IP nestes casos.

Quanto ao sujeito das sentenças inacusativas neutras de PB e PE, admitindo que este elemento também pode aparecer pós-verbalmente em sentenças neutras, assumimos, com Tavares Silva (2004) para PB e PE e com Costa (1996, 1998, 2004) para PE, que ele se encontra na posição onde é gerado, ou seja, na posição de argumento interno do verbo.

3.2.1.2.

A posição do verbo

Com relação à posição do verbo nas sentenças neutras das duas variedades de português, com base nos argumentos apresentados em Costa & Galves (2002), é possível defender uma posição mais baixa em I (considerando a hipótese do IP cindido), em T, conforme a análise dos autores.

Segundo Costa & Galves, a distribuição de advérbios (Adv) e quantificadores flutuantes (QF) não pode ser tomada como teste para detectar se há ou não movimento de V para I em português, diferentemente do que ocorre em inglês e em francês.

A distribuição de advérbios e quantificadores flutuantes adjungidos a VP em inglês e em francês indica que, enquanto em francês há movimento de V para I, em inglês, V não é movido para I. Como revelam os exemplos em (36) e (37) do inglês e do francês respectivamente, as sentenças gramaticais em francês são aquelas em que o verbo aparece antes dos elementos adjungidos a VP, portanto, em uma posição acima de VP, havendo movimento de V para I. Já em inglês, as sentenças gramaticais são aquelas em que o verbo aparece depois dos elementos adjungidos a VP, portanto, abaixo de I, não havendo movimento do verbo para esta posição.

- (36) a. *John often kisses Mary.*⁶
 John frequentemente beija Mary.
 'John frequentemente beija a Mary.'
 b. **John kisses often Mary.*
 c. *The children kissed all Mary.*
 as crianças beijam todas Mary.
 'As crianças beijam todas a Mary.'
 d. **The children kissed all Mary.*
- (37) a. *Jean embrasse souvent Marie.*
 b. **Jean souvent embrasse Marie.*
 c. *Les enfant embrassent tous Marie.*
 d. **Les enfant tous embrassent Marie.*

Entretanto, em PE e PB, como mostram Costa (1996) e Galves (1994) para as respectivas variedades de português, advérbios e quantificadores flutuantes podem aparecer tanto pré como pós-verbalmente, como exemplificam as sentenças em (38) do português correspondentes às sentenças do inglês e do francês dadas acima.

- (38) a. O João beija frequentemente a Maria.
 b. O João frequentemente beija a Maria.
 c. As crianças beijam todas a Maria.
 d. As crianças todas beijam a Maria.

Levando em conta os dados em (38), poderia se pensar que o verbo pode ser alçado opcionalmente para I em português. Sendo assim, teríamos as ordens AdvV ou QFV, se o verbo não se move, e VAdv ou VQF se o verbo se move para I. Entretanto, tal hipótese não se sustenta, ao tomarmos exemplos da distribuição de advérbios baixos em português.

De acordo com Costa & Galves, ao tomarmos a distribuição de advérbios baixos como 'bem' e 'atentamente' em português, é possível observar que o advérbio sempre aparece pós-verbalmente. Se o movimento de V para I fosse opcional, o esperado seria que estes advérbios pudessem aparecer tanto pré quanto pós-verbalmente, o que não é o caso, como atestam os exemplos em (39)

⁶ Os exemplos em (36) e (37) foram extraídos de Costa & Galves (2002).

extraídos dos já referidos autores (cf. também para PB: Galves, 1994 e Figueiredo Silva, 1996).

- (39) a. O Pedro leu bem/atentamente o livro.
b. *O Pedro bem/atentamente leu o livro.

Além disso, o verbo pode aparecer entre dois advérbios ou entre um quantificador flutuante e um advérbio, como mostra a sentença em (40), também extraída de Costa & Galves, na qual o verbo aparece entre os advérbios 'ontem' e 'bem'.

- (40) Os meninos ontem leram bem o livro (PE/PB)

Os autores argumentam que o verbo, tanto em francês como em português, é movido para I, entretanto, em português, o verbo é movido para uma posição mais baixa do que em francês. Considerando a hipótese do IP cindido adotada por Costa & Galves, os mesmos autores argumentam que o verbo é movido para T em português e para Agr em francês.

Levando em conta advérbios que podem ter interpretação ambígua, com escopo no verbo ou no sujeito, tal como 'inteligentemente', Costa & Galves notam que, em português, a posição pré-verbal do advérbio favorece uma leitura orientada para o sujeito. Já a posição pós-verbal do advérbio, na mesma língua, favorece uma interpretação de modo, na qual a leitura é orientada para o verbo:

- (41) a. O aluno leu inteligentemente o livro. (*leitura orientada para o sujeito/
modo)
b. O aluno inteligentemente leu o livro. (leitura orientada para o sujeito/
*modo)

A diferença de interpretação das duas sentenças vai contra uma análise em termos de movimento opcional de V para I, uma vez que a leitura do advérbio deveria ser a mesma independentemente de o quê acontece ao verbo. Para Costa & Galves, a distribuição deste tipo de advérbio é argumento para movimento de V para I em português, porém, para uma posição mais baixa do que em francês, ao

se comparar o francês com o português. Conforme os já mencionados autores, naquela língua, a posição pós-verbal do advérbio permite leituras ambíguas:

- (42) *L'étudiant lit intelligemment le livre.* (leitura orientada para o sujeito/ modo)
 o aluno lê inteligentemente o livro
 'O aluno lê inteligentemente o livro.'

Isto é esperado se o verbo se move para uma posição mais alta em francês do que em português, como ilustram as representações parciais apresentadas pelos autores e reproduzida aqui em (43).

- (43) a. Português
 [AgrSP S [TP Adv_{sujeito-orientado} [TP V [VP Adv_{maneira}
 b. Francês
 [AgrSP S V[TP Adv_{sujeito-orientado} [TP t_V [VP Adv_{maneira}

Costa & Galves ainda trazem evidência independente para o fato de as duas posições disponíveis para os advérbios serem idênticas nas duas línguas. A evidência independente vem da observação de Williams (1994), segundo a qual, a negação desambigua a leitura em francês, desempenhando um papel similar ao desempenhado pelo verbo:

- (44) a. *L'étudiant ne lit intelligemment pas le livre.* (leitura orientada para o sujeito/* modo)
 o aluno *ne* lê inteligentemente não o livro
 'O aluno não lê inteligentemente o livro.'
 b. *L'étudiant ne lit pas intelligemment le livre.* (*leitura orientada para o sujeito/modo)

Segundo Costa & Galves, a ambigüidade da posição pós-verbal do advérbio em francês, que não é encontrada em português, pode ser tomada como argumento adicional em favor do movimento de V para uma posição mais baixa em português do que nas outras línguas românicas.

Posto que nesta tese não lidaremos com a hipótese do IP cindido, de toda discussão aqui apresentada sobre a posição do sujeito e do verbo nas sentenças declarativas neutras de PB e PE, apreende-se que: (i) em PB e PE o verbo sempre se encontra em I; (ii) o sujeito de PB pode ocupar a posição de SpecIP ou de adjunção a IP (a depender das propriedades semânticas do sujeito, como por exemplo, no caso de sujeitos com interpretação de tópico, cf. (34)); e (iii) o sujeito de PE ocupa sempre a posição de SpecIP.

3.3.

O foco de informação em PE e PB do ponto de vista sintático

Sobre a expressão do foco de informação do sujeito no PB e no PE tem sido dito, de uma maneira geral, que, enquanto este tipo de foco na primeira variedade de português é marcado somente prosodicamente, na segunda, este mesmo tipo de foco é marcado sintática e prosodicamente ao mesmo tempo. Enquanto, em PB, o sujeito pré-verbal em contexto de focalização não sofre alteração da ordem e esta é marcada por proeminência prosódica ‘marcada’, no PE, o sujeito focalizado ocupa a posição mais encaixada da sentença (cf. Âmbar, 1992, 1997, 1999; Costa, 1996, 1998) e é identificado prosodicamente por portar a proeminência principal do sintagma entoacional, assinalada à cabeça do último sintagma fonológico do sintagma entoacional por *default* (cf. Frota, 2000).

3.3.1.

O foco de informação do sujeito em PE

3.3.1.1.

Âmbar (1992, 1997, 1999)

Âmbar (1992, 1997, 1999) afirma que o foco informacional em PE (nos termos da autora: ‘construções pergunta-resposta’ ou ‘foco de apresentação’) é licenciado por movimento de constituinte para uma posição sintática estrutural específica.

Âmbar (1992), ao tratar da inversão sujeito-verbo em PE, afirma que o contexto de focalização do sujeito é um dos contextos licenciadores da ordem VS nesta variedade de português:

- (45) Quem comeu o chocolate?⁷
 a. Comeu a Joana.
 b. *A Joana comeu.
 c. *? A **Joana** comeu.

Utilizando o arcabouço teórico de Chomsky (1981, 1982), Âmbar apresenta a seguinte estrutura sintática para as sentenças em (45c):

- (45c') [_{COMP} Op_i [_{COMP'} comeu_{jk} [_{FLEX''} a Joana v_{jk} v_k v_i]]]

Conforme a proposta da autora apresentada acima, em construções de focalização em PE ('construções pergunta-resposta', nos termos de Âmbar, 1992), há um operador nulo em SpecComp, representando, na resposta, a informação já dada na pergunta (a que Âmbar chama de tópico). Para Âmbar, a obrigatoriedade da subida do verbo em (45c) advém da necessidade de o operador em SpecCOMP reger o vestígio no interior de FLEX''. Pela mesma razão, a autora explica a agramaticalidade de (45b) e (45c). Nas sentenças em (45b) e (45c), não estando o verbo em COMP, FLEX'' é uma barreira para a regência do vestígio por seu operador em COMP (cf. Chomsky, 1986b). Sendo SpecCOMP ocupado por um elemento não lexical e estando COMP vazio, FLEX'' não pode ser I-marcado, constituindo-se, assim, uma barreira à regência por antecedente do vestígio objeto. Se o verbo se move para COMP, como em (45a), então o verbo I-marca FLEX'', que deixa de constituir barreira à regência por antecedente dos vestígios. Repare que para a análise de Âmbar é crucial que a categoria vazia exija regência por núcleo e regência por antecedente.

Em Âmbar (1997, 1999), é retomada a análise desenvolvida em 1992 para as construções de foco do sujeito em PE e é desenvolvido um tratamento mais aprofundado e detalhado para esta questão. Âmbar (1997, 1999) apresenta uma

⁷ Exemplo extraído de Âmbar (1992:200).

análise unificada para as diferentes estratégias e diferentes tipos de foco em PE: foco de apresentação, foco contrastivo, foco com estruturas clivadas e pseudo-clivadas e foco em sentenças, denominadas por ela, *be-focus*, que são sentenças semelhantes às estruturas (pseudo-)clivadas, porém, carecem do elemento *Wh* ('que' ou 'quem').⁸

Para a autora, o foco de apresentação é aquele em que uma leitura exclusiva e restritiva é obtida, isto é, não há referência a entidades com as quais este tipo de foco contrasta. Com foco contrastivo, dois tipos de interpretação podem ser obtidos: uma interpretação não restritiva/não exclusiva, na qual há referência a outras entidades do discurso por contraste, e uma interpretação restritiva /exclusiva, na qual não há referência a outras entidades do discurso. Quanto ao foco com estruturas (pseudo-)clivadas e com estruturas *be-focus*, assim como no foco de apresentação, a interpretação obtida também é a restritiva/exclusiva. (46) representa foco de apresentação (interpretação restritiva/exclusiva), (47) representa foco contrastivo com interpretação não-restritiva/não exclusiva, (48) representa foco contrastivo com interpretação restritiva/exclusiva, (49) representa estruturas *be-focus* (interpretação restritiva/exclusiva), (50), (51) e (52) representam foco com estruturas pseudo-clivada, clivada invertida e clivada, respectivamente (interpretação restritiva/exclusiva).

- Quem comeu a tarte?
- (46) Comeu **a Maria**.
- (47) A tarte, **a Maria** comeu.
- (48) **A Maria** comeu a tarte.
- (49) A tarte, comeu-a foi **a Maria**.
- (50) Quem comeu a tarte foi **a Maria**.
- (51) **A Maria** é que comeu a tarte.
- (52) Foi **a Maria** que comeu a tarte.

No foco de apresentação em (46), o elemento focalizado ocupa a posição pós-verbal (margem direita da sentença), onde recebe uma proeminência não marcada (nos termos de Âmbar), e a interpretação possível é a interpretação

⁸ Sobre a tipologia das estruturas clivadas em português, conferir, entre outros: Casteleiro (1976); Kato *et al.* (1993); Duarte, I. (2000, 2003); e Modesto (2001).

exclusiva/restritiva unicamente de informação nova, ou seja, não há contraste com nenhum outro tipo de informação anterior, como por exemplo, relacionada ao fato de que também outras entidades do discurso possam ter comido 'a tarte'. No foco contrastivo em (47), o elemento focalizado ocupa a posição pré-verbal, recebe uma proeminência 'marcada' (nos termos de Âmbar) e a interpretação possível é a interpretação não-exclusiva/restritiva, na qual há a possibilidade de que outras entidades, além de 'Maria', também possam ter comido 'a tarte' ('A Maria comeu a tarte, os outros, eu não sei'). No segundo tipo de foco contrastivo (48), o elemento focalizado também ocupa a posição pré-verbal, recebe uma proeminência marcada e a interpretação possível é a interpretação exclusiva/restritiva como em (46). Em (50), o elemento focalizado ocupa a posição pós-verbal (margem direita da sentença), onde recebe uma proeminência não marcada, e a interpretação possível também é a interpretação exclusiva/restritiva como em (46) e em (48). Quanto aos exemplos acima de estruturas *be-focus* e estruturas (pseudo-)clivadas, enquanto as estruturas *be-focus* (exemplo em (49)) e as sentenças pseudo-clivada e clivada como as representadas em (50) e (52), todas com o sujeito em posição pós-verbal, carregam foco de apresentação neste constituinte, na sentença clivada invertida em (51), o sujeito pré-verbal carrega foco contrastivo no sujeito 'a Maria', assim como nos exemplos (47) e (48) este mesmo constituinte na posição pré-verbal porta o mesmo tipo de foco.

Dadas todas as considerações feitas sobre os exemplos, é possível concluir que, para Âmbar, enquanto o sujeito focalizado na posição pós-verbal expressa foco de apresentação, o sujeito focalizado na posição pré-verbal expressa foco contrastivo.

Âmbar propõe em sua análise que todas as sentenças com foco também possuem uma contraparte de tópico. O foco corresponde à informação nova na sentença, enquanto o tópico corresponde à informação velha. A autora distingue este tipo de tópico do outro tipo de tópico em PE que é deslocado para uma posição TopP. Para a autora, o primeiro tipo de tópico é apenas responsável por introduzir informação nova no discurso. Assim, com base no fato de que em toda sentença com foco, também há uma espécie de tópico, a autora propõe uma projeção TopicFocusP que tem a finalidade de licenciar os elementos focalizados.

Somente constituintes que possuem ao mesmo tempo traços de foco e tópico podem ocupar esta posição.

Para Âmbar, elementos com foco de apresentação só possuem traços de foco, enquanto os verbos nas mesmas sentenças que contêm estes elementos possuem traços de foco e de tópico. Assim sendo, o elemento com foco de apresentação fica na posição canônica, em SpecIP, e o verbo é alçado para que licencie o foco através de relações de c-comando. Isto explica o fato de o sujeito com foco de apresentação sempre aparecer em posição pós-verbal. Note que o verbo licencia o sujeito focalizado por relações de c-comando não em TopicFocusP, mas em TopicFocus'. Isto porque a autora assume que em sentenças do tipo apresentado em (46), há um operador nulo relacionado ao tópico do discurso (informação velha: 'a tarte') e que já ocupa a posição TopicFocusP:

(46') $[_{\text{TopicFocusP}} \text{OP}_i [_{\text{TopicFocus}'} \text{comeu}_v [_{\text{IP}} \text{a Maria } t_v t_i]]]$

Quanto às estruturas *be-focus*, o elemento focalizado, por consistir também em elemento com foco de apresentação como na estrutura (46') acima, possui apenas traços de foco, necessitando que o verbo (com traços de foco e tópico) seja alçado para TopicFocusP para licenciar o foco. Âmbar assume que, nas estruturas *be-focus*, o verbo 'ser' é uma forma resumptiva coindexada com o verbo lexical que ocupa a posição SpecTopicFocusP:

(49) $[_{\text{TopicP}} \text{a tarte}_i [_{\text{Topic}''} [_{\text{TopicFocusP}} [[_{\text{comeu}_v -a} [\text{pro}_i]]_k [_{\text{TopicFocus}'} \text{foi}_v [_{\text{IP}} \text{a Maria } t_k]]]]]$

Da mesma forma, nas estruturas pseudo-clivadas e clivadas, nas quais o sujeito focalizado ocupa a posição pós-verbal e expressa foco de apresentação, este referido elemento possui apenas traços de foco e necessita que o verbo (com traços de foco e tópico) seja alçado para TopicFocus' para licenciar o sujeito focalizado em SpecIP:⁹

⁹ Conferir Duarte (2000, 2003); Costa & Duarte (2000) e; Lobo (2006) para outras derivações sintáticas das estruturas clivadas do PE.

- (50') $[_{TopicP} [_{Topic} [_{TopicFocusP} [_{CP} quem_i [_{IP} t_i\text{ comeu a tarte}]]] [_{TopicFocus}'\text{foi}_{i_v} [_{IP} a Maria_i t_{i_v}]]]]]]$
- (52') $[_{TopicP} [_{Topic} [_{TopicFocusP} OP_{EV} [_{TopicFocus}'\text{foi}_{i_v} [_{IP1} a Maria_i t_v [_{CP} t_i [_{C}'\text{que} [_{IP2} t_i\text{ comeu a tarte}]]]]]]]]]]]$

Cabe notar que para estruturas como a representada em (52'), Âmbar assume que *SpecTopicFocusP* é preenchido por um operador *Event* (o sujeito do foco) e é ele quem checa os traços de foco e tópico em *SpecTopicFocusP*. O verbo 'foi' (cópula) é alçado para o núcleo de *TopicFocusP* para checar traços de foco e o sujeito 'a Maria' é alçado de *SpecIP2* para *SpecIP1* para que ocupe a posição adequada para o licenciamento do foco de apresentação, ou seja, a posição de complemento do núcleo de *TopicFocusP*. Portanto, o sujeito focalizado 'a Maria' estabelece uma relação de concordância núcleo-especificador com a flexão sob IP.

Por sua vez, no caso de sentenças com foco contrastivo, diferentemente dos casos de foco de apresentação, o elemento focalizado tem ao mesmo tempo traços de foco e tópico, portanto, é ele quem vai para *TopicFocusP* para checar seus traços e o verbo permanece em IP:

- (47') $[_{TopicP} Op_k/a\text{ tarte}_k [_{Topic}' [_{TopicFocusP} a\text{ Maria}_i [_{TopicFocus}' [_{IP} t_i\text{ comeu}_v [e_k]]]]]]]$
- (48') $[_{TopicFocusP} a\text{ Maria}_i [_{TopicFocusP}'\text{comeu}_v [_{IP} t_i t_v\text{ a tarte}]]]]$

O mesmo é observado para estruturas clivadas invertidas, nas quais o sujeito focalizado expressa foco contrastivo e ocupa a posição pré-verbal:

- (51') $[_{TopicP} [_{Topic} [_{Topic_FocusP} a\text{ Maria}_i [_{Topic_Focus}'\text{é}_v [_{IP} pro\ t_v [_{CP} t_i [_{C}'\text{que} [_{IP} t_i\text{ comeu a tarte}]]]]]]]]]$

Âmbar ainda distingue uma outra forma de apresentação da informação que ela denomina avaliativa, na qual o elemento é deslocado para a periferia esquerda da sentença, para uma posição *SpecEvaluativeP*, localizada entre CP e *TopicFocusP*. Exemplos deste tipo de apresentação de informação seriam as

expressões de valor exclamativo e os exemplos de foco de Rouveret (1992, 1996) e Raposo (1994). Respectivamente:

(53) **Isto** fazem os reis quando viajam.

(54) **Muito vinho** bebeu o capitão.

Para Âmbar, os verdadeiros focos das sentenças (53) e (54) são os elementos pós-verbais 'os reis' e 'o capitão'. O que estes autores denominam foco, respectivamente 'isto' e 'muito vinho', são, para Âmbar, expressões de valor exclamativo ou expressões de avaliação como 'belo trabalho' e 'muitos livros' em (55) e (56):

(55) **Belo trabalho** me fizeste tu!

(56) **Muitos livros** lhe ofereci eu!

As expressões 'isto' em (53), 'muito vinho' em (54) e 'belo trabalho' em (55) ocupariam a posição de SpecEvaluativeP na periferia esquerda da sentença assim como 'muitos livros' na representação de (56) em (56'):

(56') $[_{CP}[_{C'}[_{EvaluativeP} \text{Muitos livros}_i [_{Evaluative'} \text{lhe ofereci}_v [_{TopicFocusP} \text{t}_i [_{TopicFocus'} \text{t}_v$
 $[_{IP} \text{eu}_v \text{t}_i]]]]]]]]]$

3.3.1.2.

Costa (1996, 1998, 2004)

Costa (1996, 1998), baseado em Âmbar (1992), também afirma que é possível encontrarmos diferentes ordens para os constituintes sujeito, verbo e objeto nas sentenças do PE: SVO, ?*SOV, VSO, VOS, OSV e OVS (conferir exemplos apresentados em (1) neste mesmo capítulo).

Entretanto, Costa argumenta que a variação de ordem dos constituintes nas sentenças não é livre, como em princípio parece ser, mas, condicionada pela

função discursiva – ser informação nova (foco) ou já referida no discurso (não foco) – que cada um dos constituintes exerce.

Segundo Costa, em PE, sujeitos com funções discursivas diferentes ocupam posições diferentes: (i) os sujeitos ocupam a posição pré-verbal sempre que constituem informação velha, (ii) ocupam a posição pós-verbal se forem o foco ou parte do foco da sentença e (iii) aparecem em posição pré-verbal se toda a sentença é foco. Segundo o mesmo autor, este último caso é identificado como uma exceção às generalizações apresentadas em (i) e (ii). Isto porque, no caso em que toda a sentença é foco, apesar de o sujeito constituir parte da informação nova, portanto, ser parte do foco, ele aparece em posição pré-verbal, ao invés de aparecer em posição pós-verbal. Os exemplos dos casos (i), (ii) e (iii) são apresentados logo abaixo, respectivamente em (57), (58) e (59):

- (57) O que é que o Paulo fez?
O Paulo partiu a janela.
*Partiu o Paulo a janela.
- (58) Quem partiu a janela?
Partiu a janela o Paulo.
*O Paulo partiu a janela.
- (59) O que é que aconteceu?
O Paulo partiu a janela.
*Partiu o Paulo a janela.

No que diz respeito às posições dos objetos (direto e indireto) e advérbios nas sentenças em PE, Costa acrescenta que, assim como para o sujeito, a ordem dos constituintes objeto direto, objeto indireto e advérbio varia de acordo com a função discursiva que eles exercem. Se o objeto direto for o foco da sentença, ele ocupa a posição mais à direita, conforme o exemplo (60) logo abaixo. Se o advérbio for o foco e, por exemplo, o objeto direto for informação velha, é o advérbio que ocupa a posição mais à direita da sentença, conforme o exemplo (61) logo abaixo. Por sua vez, se o objeto indireto for o foco da sentença, ele ocupa a posição mais à direita, como ilustrado abaixo em (62), e se o objeto indireto introduzir informação previamente referida no discurso, como ilustrado abaixo em (63), é o elemento que introduz informação nova que ocupa a posição mais à direita da sentença e o

objeto indireto ocupa uma posição mais à esquerda em relação ao elemento focalizado.

- (60) Quem é que o Paulo conhece bem?
 O Paulo conhece bem a Margarida.
 #O Paulo conhece a Margarida bem.
- (61) Como é que o Paulo conhece a Margarida?
 O Paulo conhece a Margarida bem.
 #O Paulo conhece bem a Margarida.
- (62) Com quem é que o Paulo falou bem?
 O Paulo falou bem com a mãe.
 #O Paulo falou com a mãe bem.
- (63) Como é que o Paulo falou com a mãe?
 O Paulo falou com a mãe bem.
 #O Paulo falou bem com a mãe.

Para Costa, em PE, o foco informacional é identificado prosodicamente e por relações de c-comando. Ou seja, diferentemente de Âmbar, Costa argumenta que para que haja identificação do foco informacional em PE não é necessário haver movimento de constituintes (quer seja do elemento focalizado, ou do verbo) para posições de projeções específicas de foco ou tópico.

Baseado em Reinhart (1995), o autor propõe que o conjunto de constituintes focalizados de uma sentença é o constituinte mais proeminente prosodicamente mais todos os outros constituintes que ele c-comanda (conferir capítulo 2 desta tese sobre os detalhes das propostas de Reinhart, 1995 e Neeleman & Reinhart, 1998).

Assim, em (57), cujo foco é no VP 'partiu a janela', o verbo é focalizado e c-comanda o objeto 'a janela' que também é focalizado, porém estes dois constituintes não c-comandam o sujeito 'o Paulo' que não é focalizado na sentença. Já em (58), o sujeito 'o Paulo' é o único elemento focalizado e aparece na posição mais encaixada da sentença (na margem direita do sintagma entoacional), posição onde recebe a proeminência principal de sentença e onde não é capaz de c-comandar nem um outro consituente e, portanto, consistindo no único elemento focalizado da sentença. Segundo este algoritmo de identificação de foco

informativa, constituintes não focalizados na sentença não podem ser c-comandados por constituintes focalizados.

Dado que para Costa o foco informativo em PE é identificado exclusivamente pela prosódia e por relações de c-comando, o autor nega a existência de uma projeção estrutural de FocP que licencie o foco em LF (cf. Chomsky, 1976 para licenciamento de foco em LF para línguas com foco *in situ*). Costa argumenta que a assunção de uma projeção de FocP em PE é indesejada, uma vez que ela reduplica o processo de identificação do conjunto de constituintes focalizados e destrói as configurações de c-comando criadas na sintaxe visível e necessárias para a identificação do foco. Ao se assumir uma projeção FocP, há reduplicação do processo de identificação de foco, na medida em que o foco é identificado uma vez na sintaxe visível por configurações de c-comando e é identificado novamente por movimento para a posição FocP em LF. Uma vez que o foco informativo já é identificado na sintaxe visível através de configurações de c-comando, uma nova identificação em LF seria desnecessária e, portanto, não-econômica. Quanto à destruição das configurações de c-comando, uma sentença SVO, toda focalizada, seria indistinta de uma sentença SVO neutra em LF. Em ambos os casos o sujeito c-comanda o verbo e o objeto e o verbo c-comanda o objeto:

- (64) [_{IP} O Paulo partiu a janela]
 Representação em LF se toda sentença é foco:
 [_{FP} [_{IP} O Paulo partiu a janela] [_{IP} t]]

Posto que para Costa o foco informativo é identificado apenas na sintaxe visível, as posições propostas pelo autor para os argumentos nos diferentes contextos de focalização dos constituintes e que proveriam corretamente as configurações de c-comando são as seguintes:

- (i) foco em toda a sentença, no VP, ou somente no objeto – ordem SVO com o sujeito em SpecIP, V em I e objeto na posição de base (argumento interno de V);
- (ii) foco no sujeito – ordem VOS com o sujeito em SpecVP, o objeto adjungido a VP por *scrambling* (cf. Reinhart, 1995) e o verbo em I;

- (iii) foco somente no objeto ou no sujeito e no objeto ao mesmo tempo – ordem VSO com o objeto ocupando a posição de base, o sujeito em SpecVP e o verbo em I.

No que se refere à posição em SpecVP ocupada pelo sujeito quando o mesmo é focalizado, se se assume que o Caso Nominativo do sujeito só é atribuído em SpecIP (conforme o quadro teórico assumido em Costa, 1996, 1998), não há atribuição do Caso Nominativo do sujeito em sentenças com o sujeito focalizado ocupando SpecVP. Isto deveria ser problemático dado que, conforme o Filtro do Caso proposto pelos modelos chomskyanos tradicionais, todos os DPs de uma sentença devem receber caso para que a mesma seja bem formada. Costa assume que a violação do Filtro do Caso só é permitida nos casos em que a satisfação a este filtro ocasiona a não-satisfação do seguinte requisito de PF: um constituinte focalizado informacionalmente deve carregar a proeminência principal de sentença assinalada na posição mais encaixada desta (alinhamento de foco).

Para dar conta do embate entre a atribuição de Caso e o assinalamento de proeminência principal de sentença, Costa assume o quadro teórico da Teoria da Otimalidade e propõe que a derivação da ordem dos constituintes em PE é gerada como resultado de um ranqueamento de restrições. Neste ranqueamento, a restrição de atribuição de Caso a DPs, que postula que o sujeito deve ocupar a posição SpecIP para receber o Caso Nominativo, entra em conflito com a restrição de alinhamento de foco, que postula que o sujeito deve ocupar a posição SpecVP. Costa propõe que, em PE, a restrição de alinhamento de foco está mais alta no ranqueamento de restrições do que a restrição de atribuição de Caso a DPs. Desta maneira, em sentenças com sujeito focalizado, há uma violação quanto à restrição de atribuição de Caso a DPs, privilegiando a não-violação mais alta no ranqueamento, segundo a qual, o alinhamento da proeminência de foco na posição mais encaixada da sentença deve ser garantido.

Assim como em seus trabalhos anteriores (Costa, 1996, 1998), Costa (2004) afirma que o sujeito focalizado informacionalmente em PE é identificado tanto prosodicamente, como sintaticamente. Para Costa, o sujeito focalizado é identificado prosodicamente apenas pela proeminência principal da sentença, assinalada na posição mais encaixada (portanto, o sujeito deve ocupar esta

posição), e é identificado sintaticamente por relações de c-comando (cf. Reinhart, 1995; Neeleman & Reinhart, 1998).

A principal diferença entre a análise de Costa (2004) e as análises já propostas por ele em 1996 e 1998 é quanto ao licenciamento de Caso do sujeito focalizado informacionalmente em PE.

Em Costa (1996, 1998), ambos desenvolvidos no quadro da Teoria da Otimalidade, o mesmo autor assumia que o sujeito focalizado não recebia Caso para privilegiar um requisito de PF, segundo o qual, o sujeito deve ocupar a posição mais encaixada da sentença, onde a proeminência principal é assinalada. Já na análise de 2004, Costa não assume o quadro teórico da Teoria da Otimalidade e dá conta do licenciamento de Caso do sujeito com foco informacional em PE seguindo a proposta de licenciamento de Caso por *Agree* (cf. Chomsky, 2000, 2001) e a de Belletti (1988) para o sujeito posposto de verbos inacusativos sem concordância.

Assumindo Chomsky (2000, 2001), Costa afirma que o licenciamento de Caso do sujeito pode se dar por dois mecanismos: *Move* e *Agree*. Por *Move*, o sujeito é alçado para SpecIP, onde tem seu Caso checado. Se a segunda opção é escolhida, o sujeito permanece na posição de base e o Caso é licenciado sob *Agree*. Se o sujeito está na sua posição de base, SpecIP permanece vazio:

- (65) a. [_{IP} S [~~case~~] I [~~case~~] [_{VP} t_s t_v O]]
 b. [_{IP} I [~~case~~][_{VP} S [~~case~~] t_v O]]

Aqui há a geração da ordem SVO e VSO, respectivamente (65a) e (65b). Dados estes dois *outputs*, Costa assume com Adger (1994) que a escolha entre dois *outputs* ocorre pós-sintaticamente, levando em conta a estrutura informacional. Então, o *output* VSO será escolhido apenas se o sujeito for focalizado. Costa assume que a checagem de Caso para o sujeito em PE em sentenças transitivas, inergativas e inacusativas (quando há concordância do verbo com o sujeito posposto) se dá sob *Agree* apenas quando o sujeito é focalizado informacionalmente nas sentenças.

Quanto ao caso do sujeito posposto em sentenças com verbos inacusativos, Costa se utiliza do comportamento distinto destes tipos de verbos em

relação aos inergativos e transitivos, como um diagnóstico de um tipo de caso diferenciado que pode ser atribuído ao sujeito posposto em certas sentenças inacusativas.

Aparentemente, VS pode acontecer com inacusativos em PE em contexto de foco informacional no sujeito, em resposta a 'Quem fez isso?', ou no contexto em que toda sentença é foco, em resposta a 'O que aconteceu?', e este mesmo comportamento não ocorre com as demais classes de verbos.

Outro comportamento diferente notado por Costa quanto aos inacusativos e as outras duas classes de verbos é que, enquanto com sujeito preposto ou posposto a concordância do verbo transitivo ou inergativo é obrigatória (cf. (66a), (66a'), (66b), (66b') (66c), (66c'), (66d) e (66d')), a concordância com verbo inacusativo é obrigatória com sujeito preposto (cf. (66e) e (66f)) e pode não ser com sujeito posposto em PE coloquial (cf. (66g) e (66h)). Uma vez que a falta de concordância, em contextos em que toda a sentença é informação nova, ocorre apenas com verbos inacusativos, a falta de concordância só é possível com verbos inacusativos:

- (66) a. Os meninos comeram a tarte.
 a'. *Os meninos comeu a tarte.
 b. Comeram a tarte os meninos.
 b'. *Comeu a tarte os meninos.
 c. Os meninos cantaram.
 c'. *Os meninos cantou.
 d. Cantaram os meninos.
 d'. *Cantou os meninos.
 e. Os meninos chegaram.
 f. *Os meninos chegou.
 g. Chegaram os meninos.
 h. Chegou os meninos.

A hipótese de Costa é a de que, dado que a concordância é um diagnóstico para o assinalamento do Caso Nominativo, sujeitos de verbos inacusativos podem ser assinalados com outro Caso que não o Nominativo. Enquanto o Caso atribuído ao sujeito preposto dos inacusativos é o Nominativo (com alçamento do sujeito para SpecIP), ele assume que o Caso atribuído ao sujeito posposto dos inacusativos, quando não há concordância à direita, é o Caso Partitivo (Beletti,

1988). Neste caso, não há movimento do sujeito, o Caso Partitivo é assinalado *in situ* e SpecIP é preenchido por um expletivo.

Cabe acrescentarmos alguns problemas da análise apresentada por Costa. No que diz respeito a questões prosódicas, tanto em Costa (1996, 1998), quanto em Costa (2004), o autor leva em conta, como fator de identificação do elemento focalizado, a proeminência principal da sentença assinalada a ele. Entretanto, o autor não se refere em nenhum momento a condições prosódicas nas quais está baseado o assinalamento de proeminências (a atribuição de proeminência leva em conta condições impostas pela hierarquia dos constituintes prosódicos, cf. Selkirk, 1984; Nespor & Vogel, 1986; Frota, 2000; entre outros). Quanto à derivação sintática, *outputs* sintáticos são gerados sem motivação, sendo o filtro fonológico responsável por escolher o *output* adequado a ser produzido. A geração de *outputs* sintáticos sem motivação resulta em uma análise pouco econômica e, portanto, mais custosa, ao contrário do que defende a proposta de Reinhart (1995) e Neeleman & Reinhart (1998). Em relação à checagem de Caso Nominativo do sujeito, Costa apresenta operações diferentes para a checagem de Caso deste elemento a depender de suas propriedades discursivas (o sujeito focalizado de PE checa Caso Nominativo por *Agree* enquanto o sujeito não focalizado checa Caso Nominativo por *Move*). Sendo o traço de Caso um traço puramente sintático, não há motivação para que a operação envolvida na checagem de Caso do sujeito varie de acordo com propriedades discursivas deste elemento.

3.3.2.

O foco de informação do sujeito em PB e a comparação com o PE

3.3.2.1.

Kato & Raposo (1996)

Kato & Raposo (1996) mostram que, enquanto o sujeito focalizado aparece na margem direita da sentença em PE, em PB, o mesmo elemento aparece na margem esquerda:

- (67) Quem comeu o bolo? (PE/ PB)
 a. (O bolo) comeu **a Maria**. (PE/ *PB)
 b. (O bolo) **A Maria** comeu. (*PE/ PB)

Todavia, também acrescentam que um operador afetivo pode aparecer na margem esquerda nas duas variedades de português e, neste caso, o sintagma nesta posição recebe uma interpretação de foco marcado:

- Quem te recomendou estes CDs? (PE/ PB)
 (68) **Ninguém** me recomendou estes CDs. (PE/ PB)
 (69) a. **Só esses CDs** me recomendou a Maria. (PE/ *PB)
 b. **Só esses CDs** a Maria me recomendou. (PE/ PB)

Kato & Raposo assumem que uma projeção FP (F de 'foco'), entre CP e IP, conforme a proposta de Uriagereka (1995), estaria ativa tanto em PE, quanto em PB.

O núcleo funcional F é uma categoria relacionada a um operador e, nas construções afetivas, ele é especificado por um traço de operador que checa (bem como tem seus traços checados por) um operador com traços equivalentes.

De acordo com os autores, a diferença entre as duas variedades de português estaria no fato de que, em PE, F poder ser mapeado tanto sintática quanto morfológicamente, enquanto, em PB, F só poder ser mapeado sintaticamente. Nas sentenças em que o PE apresenta a ordem VS para o sujeito focalizado, F é mapeado tanto morfológica quanto sintaticamente, com movimento do sujeito focalizado em LF, independentemente de não haver um operador afetivo. Em sentenças com operador afetivo, caso em que o PE permite a ordem SV com o sujeito focalizado, F é mapeado apenas sintaticamente e, neste caso, o operador afetivo em F exige, por motivos de checagem de traços, que o elemento focalizado se mova na sintaxe visível para a posição SpecFP. Nas sentenças com o sujeito focalizado em PB, F é mapeado sintaticamente, mas não morfológicamente, ou seja, há operador afetivo com traços para serem checados na sintaxe visível apenas quando há foco marcado.

Para Kato & Raposo, a obrigatoriedade de SV nas sentenças em (67), (68) e (69) de PB é devida aos traços–N fortes em T (nó mais alto resultante da cisão de Infl) nesta variedade, requerendo o alçamento do sujeito para SpecTP onde há checagem do caso nominativo.¹⁰ Outra possibilidade é a assunção de que T em PB possui traços N e V fracos e, neste caso, o sujeito é alçado apenas para AgrS e o caso nominativo é checado nesta posição. Em PE, dada a possibilidade da ordem SV e VS, ou seja, dado que o sujeito é alçado para SpecTP opcionalmente, o sujeito pode ter o caso nominativo checado em uma posição mais baixa (em VP, talvez em SpecAgrS), no caso da ordem VS (67a e 69a), ou, opcionalmente, em SpecTP com alçamento do sujeito para esta posição, no caso da ordem SV. Outra opção para o sujeito nos dois dialetos é a adjunção à esquerda de FP, tornando-se um tópico:

(70) A Maria QUE CDS te recomendou? (PE/ PB)

Sob esta análise, a ordem SV aparente de PE deve ser Topic [_{FP} [_F V] [_{pro} (Cl)]+_{t_v}... com *pro* como um elemento nulo associado ao sujeito deslocado à esquerda.

Os autores ainda mostram que, em ambas as variedades de português, o foco também pode ser realizado através de estruturas clivadas como (71a) e (71b):

- (71) Quem te deu o CD? (PE/PB)
 a. Foi **a Maria** que me deu o CD. (PE/PB)
 b. **A Maria** é que me deu o CD. (PE/PB)
 c. **A Maria** que me deu o CD. (*PE/PB)
 d. **A Maria** me deu o CD. (*PE/PB)

Eles consideram o 'que' em Comp, nestas sentenças, como uma realização morfológica de F e que o constituinte focalizado é o complemento do verbo cópula. Para (71a), a representação é a seguinte:

(71a') [_{FP} [_{TP} *pro* copula [_{α_i}] [_{DP} (o N)_i [_{CP} (que)_i [_{TP} ..._{t_v}...]]]]]]

¹⁰ Kato & Raposo (1996) assumem a proposta de Pollock (1989), segundo a qual, na cisão de Infl, T comanda AgrS.

A sentença (71b) seria derivada do alçamento do sujeito da sentença principal de (71a) para SpecFP:

(71b') **A Maria**_i é **t_i** que me deu o CD. (PE/ PB)

Cabe notar que as sentenças (71c), com ausência da cópula, e (71d), com ausência da cópula e do complementizador, são gramaticais apenas em PB. Os autores assumem que, em PB, há uma regra produtiva e opcional de apagamento do verbo cópula aplicada, nas construções clivadas, para o *output* obtido do alçamento para SpecFP. A hipótese deles é que talvez este apagamento seja devido aos traços fracos do verbo de T em PB. Uma vez que T possui traços fortes de V em PE, a regra de apagamento de cópula não se aplica nesta variedade de português.

Do apagamento do verbo cópula mais o apagamento do complementizador 'que' em PB, temos, como resultado, a sentença (71d).

Portanto, para Kato & Raposo, em PB, as sentenças não-clivadas com sujeito focalizado na margem esquerda (sentenças 67b e 71d) são derivadas de construções clivadas completas, através da aplicação de processos que não estão disponíveis no PE, o que resulta na impossibilidade deste tipo de sentença nesta última variedade de português.

3.3.2.2.

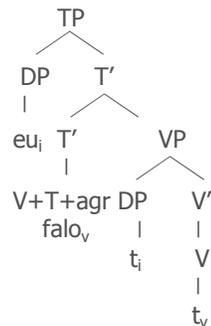
Kato (1999, 2000)

Em Kato (1999, 2000), a diferença entre o fato de o sujeito focalizado poder ocupar a margem direita da sentença (posição pós-verbal) em PE e não poder ocupar esta mesma posição em PB é explicada pela natureza de Agr em ambas as línguas.

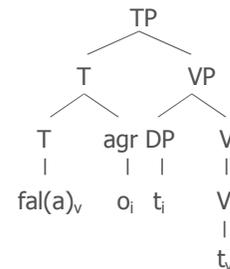
Kato propõe que o sujeito pode ocupar a posição pós-verbal em PE porque, para ela, em línguas de sujeito nulo com concordância rica, como o italiano, o espanhol e o PE, é o afixo de concordância que checa o caso nominativo em T e o

SpecTP, onde o DP lexicalmente realizado checaria este caso, não é projetado.¹¹ Já em PB, dada sua natureza parcialmente *pro-drop*, uma vez que não possui concordância rica, esta variedade se comporta como línguas de sujeito não-nulo, nas quais não é o afixo de concordância que checa caso, mas um pronome fraco em SpecTP, necessitando, portanto, da projeção deste especificador. Dadas estas afirmações, para Kato, as configurações sintáticas do PB e do PE, respectivamente, são as seguintes:

(72) a. PB

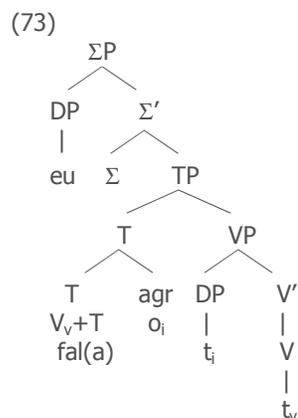


(72) b. PE

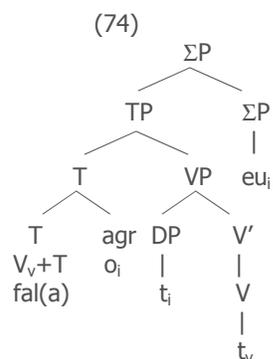


No caso de sujeitos pré-verbais em PE, a autora assume que estes sujeitos são realizados como pronomes fortes que ocupam a posição SpecΣP para checagem de um traço 'tópico' (cf. Martins, 1994) e é o afixo de concordância novamente que checa o traço nominativo:

¹¹ Entenda-se por língua de concordância rica aquela em que o verbo apresenta um afixo de concordância diferente para cada pessoa.



Dadas as configurações arbóreas representadas acima, a autora propõe que, no caso de focalização de sujeito em PE, ele ocupa a posição pós-verbal por requisitos de PF. Seguindo o que propõe Zubizarreta (1998) sobre o movimento prosódico (*p-movement*) em línguas românicas, Kato assume que, também em PE, ocorre movimento de TP para uma posição de adjunção a ΣP , motivado prosodicamente, para que o sujeito ocupe a posição receptora de proeminência fonológica principal de sentença, assinalada por NSR:



Este movimento de TP é permitido porque o verbo está em SpecTP em PE. Sendo TP uma projeção máxima, TP pode ser movido, resultando na ordem V(O)S e o sujeito pode receber a proeminência principal de sentença na posição mais encaixada. Kato ainda acrescenta que este movimento visível do TP (movimento-p) sobre o 'sujeito' é sensível a restrições de peso fonológico, nos termos de Zubizarreta (1998). Já no PB, o movimento de TP não é possível porque o verbo se

encontra em T', que é uma posição intermediária, e movimentos de posições intermediárias não são permitidos pela teoria X' (ver configuração acima). Sobre a proposta de Kato, ainda cabe notar que considerar que o sujeito pré-verbal de PE ocupa uma posição-A' pode ser refutado por argumentos como os apresentados em Costa (1998), conforme já visto na seção 3.2.1.1. deste mesmo capítulo.

3.3.2.3.

Modesto (2001)

Modesto (2001), em seu trabalho sobre construções clivadas em PB, afirma que este tipo de construções é utilizado como estratégia de focalização nesta variedade de português. A definição de sentenças clivadas em PB assumida pelo autor consiste em uma definição sintática com implicações semânticas específicas deste tipo de construção:

- (75) 'Construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A' dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade'.

(Modesto, 2001: 21)

A assunção desta definição determina a classificação de sentenças clivadas proposta por Modesto. Para ele, apenas as sentenças do tipo apresentado em (76) são sentenças clivadas e pseudo-clivadas, uma vez que todas são sentenças 'especificacionais' (as sentenças clivadas do PB são inerentemente especificacionais para Modesto) e é desencadeado um movimento A' na derivação das mesmas. A definição de sentenças 'especificacionais' de Modesto é baseada em Higgins (1973) e Declerck (1988). Sentenças 'especificacionais' são aquelas que especificam um 'valor' (foco) a uma variável (pressuposição).

- (76) Construções Clivadas
- a. É a Suzanita que quer casar. (CL: sentença clivada)
 - b. A Suzanita é que quer casar. (CL: sentença clivada)
 - c. Inteligente é a Mafalda. (CPC: sentença copular pseudo-clivada)
 - d. A conta pago eu. (NCPC: sentença não copular pseudo-clivada)
 - e. Quem quer casar é a Suzanita. (PC: sentença pseudo-clivada)
 - f. É a Suzanita quem quer casar. (PCE: sentença pseudo-clivada extraposta)

A derivação sintática proposta por Modesto para as sentenças em (76) é a seguinte:¹²

- (76') Construções Clivadas
- $[_{CP} [_{IP} \acute{e} [_{CP} a \text{ Suzanita}_i [_{C} \text{que} [_{IP} t_i \text{ quer casar}]]]]]$
 - $[_{FP} a \text{ Suzanita}_i [_{IP} \acute{e} [_{CP} t_i [_{C} \text{que} [_{IP} t_j \text{ quer casar}]]]]]]]$ ¹³
 - $[_{TP} \text{ inteligente}_i [_{T'} \acute{e}_k [_{AgrP} a \text{ Mafalda}_j [_{Agr'} t_k [_{VP} [V' t_k [_{AP} [_{NP} t_j]] [AP t_i]]]]]]]]]$ ¹⁴
 - $[_{TP} a \text{ conta}_i [_{T'} \text{ pago}_k [_{AgrP} e_u_j [_{Agr'} t_k [_{VP} t_j t_k t_i]]]]]$
 - $[_{TP} \text{ quem quer casar}_i [_{T'} \acute{e}_k [_{AgrP} a \text{ Suzanita}_j [_{Agr'} t_k [_{VP} [V' t_k [_{NP} [_{NP} t_j]] [NP t_i]]]]]]]]]$
 - $[_{TP} [_{TP} t_i [_{T'} \acute{e}_k [_{AgrP} a \text{ Suzanita}_j [_{Agr'} t_k [_{VP} [V' t_k [_{NP} [_{NP} t_j]] [NP t_i]]]]]]]]] [_{TP} \text{ quem quer casar}]]]$

Na derivação sintática em (76'), há sempre um movimento A' (para SpecCP, SpecFP ou SpecTP) que, nas palavras do autor, dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade, próprias das estruturas clivadas. Isto justificaria Modesto classificar todas as sentenças em (76) como clivadas, segundo sua definição deste tipo de estrutura.

Pela derivação em (76'), nota-se que há dois tipos de movimentos diferentes na derivação das clivadas e das pseudo-clivadas. Enquanto na derivação das clivadas é o constituinte clivado que é movido, na derivação das sentenças pseudo-clivadas, o constituinte não-clivado é que é movido. Esta diferença é explicada por Modesto através da escolha de estratégias diferentes na satisfação de requisitos prosódicos em estruturas de focalização, como é o caso das sentenças clivadas e pseudo-clivadas.

Também como Kato (1999, 2000), Modesto assume a proposta de Zubizarreta (1998) para dar conta de estruturas de focalização. Porém, diferentemente de Kato que utiliza a proposta de Zubizarreta para dar conta das

¹² Sobre a derivação sintática das estruturas clivadas em PB, conferir também Kato *et al.* (1993); Kato & Miotto (2005) e; Kato & Ribeiro (2005); entre outros.

¹³ A estrutura (76b') é derivada da estrutura clivada (76a') para Modesto. A derivação sintática da sentença clivada (76a') é baseada nas propostas de Heggie (1993) e Chomsky (1980). A estrutura em (76b') é gerada de um segundo movimento do constituinte clivado de SpecCP para SpecFP, ressaltando as leituras de contrastividade e exaustividade.

¹⁴ Modesto (2001), assim como Kato & Raposo (1996), assume a proposta de Pollock (1989), segundo a qual, na cisão de Infl, T c-comanda AgrS.

estruturas V(O)S de PE, Modesto utiliza a proposta de Zubizarreta para dar conta dos casos de sentenças pseudo-clivadas do PB. Modesto propõe que o movimento do constituinte não-clivado nas sentenças pseudo-clivadas de PB é um caso de movimento-p para que haja correspondência entre a proeminência assinalada por FPR e a proeminência assinalada por NSR, como já visto no capítulo 2 desta tese ao apresentarmos a proposta de Zubizarreta. Para Modesto, os constituintes não-clivados são movidos da posição mais encaixada da sentença para uma posição A', SpecTP, para que o constituinte clivado, focalizado, ocupe a posição mais encaixada, onde recebe a proeminência principal da sentença.

Modesto acrescenta que o movimento-p está se tornando mais restrito no PB. Enquanto em espanhol (cf. Zubizarreta, 1998) é possível movimento-p com sentenças raiz, como apresentado em (77), em PB, o movimento-p não é possível com este mesmo tipo de sentença, como mostra a agramaticalidade da sentença (78) abaixo, tradução da sentença (77) do espanhol.

(77) Trajo el vino **Juan**.
 [TP [trajo_i [el vino_k [Agrs Juan_i [e_i [AgrO e_k...

(78) *Trouxe o vinho **o João**.

Excetuando as estruturas pseudo-clivadas, onde ainda ocorre movimento-p, conforme a proposta de Modesto, a opção possível para o PB como estratégia de focalização é o uso de estruturas clivadas, como (76a) e (76b), ou o uso de uma estrutura focalizada com acento marcado no elemento focalizado:

(79) **O João** trouxe o vinho.

Dadas as ocorrências destas duas estratégias apresentadas por PB, Modesto propõe que, ao invés do princípio de alinhamento de proeminências, em PB, haveria o seguinte princípio a ser satisfeito em PF:

(80) a. Se um constituinte lexical C é marcado por F, então o núcleo de C deve receber acento nuclear.
 b. Um constituinte C marcado por F recebe um asterisco extra na grade métrica.

O mesmo autor propõe que, em contraparte do princípio (80) operando em PF, o princípio (81) opera em LF¹⁵:

- (81) Se um constituinte lexical C é marcado por F, então C é movido para [specFP].

Portanto, para Modesto, a estrutura focalizada em (79) é derivada de um movimento do constituinte focalizado para SpecFP ressaltando as leituras de contrastividade e exclusividade, assim como a estrutura clivada de (76b).

A diferença entre estes dois tipos de estrutura, clivada e não-clivada, é que, no caso da primeira, o movimento para SpecFP pode ocorrer apenas em LF, como mostra a sentença (82), na qual o constituinte focalizado e portador de acento marcado é o objeto direto. O mesmo não é movido na sintaxe visível para SpecFP, uma vez que este movimento resultaria na geração de uma sentença diferente da sentença apresentada em (82). A sentença gerada do movimento visível do constituinte focalizado para SpecFP seria 'O bolo o João comeu'.

- (82) O que o João comeu?
O João comeu **o bolo**.

Já no caso das sentenças clivadas do tipo de (76b), o constituinte focalizado é sempre movido para SpecFP na sintaxe visível.

Quanto à estrutura sintática apresentada para a sentença clivada (76a), Modesto assume que não há movimento do constituinte clivado para SpecFP, mas para SpecCP, contrariando o princípio do menor movimento, segundo o qual, o constituinte clivado deveria ser movido para a primeira posição A' acessível, portanto, SpecFP (cf. Marantz, 1995). Isto porque, para Modesto, o verbo cópula seleciona um CP capaz de checar, ele próprio, o traço F dos constituintes focais. Assim, FP não é gerado.

¹⁵ Modesto afirma que o fato de sentenças copulares comuns, como 'A Suzanita é quem quer casar', tornarem-se 'especificacionais' e adquirirem leituras de clivagem quando o sujeito é prosodicamente enfatizado, só pode ser explicado por movimento, daí a proposição do princípio operante em LF.

Segundo Modesto, o fato de o verbo cópula selecionar um CP+F pode explicar o porquê de sempre haver um constituinte marcado por F nas sentenças clivadas, de as clivadas serem sempre não-neutras e de o constituinte marcado por F ser obrigatoriamente movido na sintaxe visível. Se nenhum constituinte da sentença encaixada sob o verbo cópula for marcado pelo traço F (casos nos quais o constituinte focalizado da clivada é alçado para SpecFP), ou se esse constituinte não for movido para SpecCP, então, haverá um traço morfológico não checado em PF e a sentença não irá convergir. Todavia, no caso de sentenças não clivadas, como (79), mesmo quando um constituinte é marcado por F, o movimento desse constituinte pode ser procrastinado para LF. Dado este fato, Modesto supõe que o traço F em CP, mas não em FP, seja forte, explicando o comportamento das sentenças clivadas.

Todavia, acrescenta-se que a análise de estruturas pseudo-clivadas de PB por movimento-p proposta por Modesto não corresponde aos casos de movimento-p analisados por Zubizarreta. Isto porque, o movimento-p de Zubizarreta envolve movimento local do constituinte defocalizado e está sujeito a restrições de peso fonológico. Entretanto, no caso da derivação das estruturas pseudo-clivadas apresentadas por Modesto, nenhuma destas duas características é encontrada, o que parece indicar que o movimento do constituinte defocalizado nas estruturas pseudo-clivadas não seja um caso de movimento-p como afirma Modesto. Este assunto será discutido mais detalhadamente no capítulo 6 desta tese.

3.3.2.4.

Tavares Silva (2004)

Para Tavares Silva (2004), o fato de o sujeito focalizado informacionalmente aparecer na margem direita da sentença em PE, mas não em PB, também pode ser explicado pela riqueza da concordância naquela variedade de português, mas não nesta, como também sustentado por Kato (1999, 2000).

Tavares Silva assume, juntamente com Costa & Figueiredo Silva (2003) e Costa (2003, 2004), que as duas línguas se comportam diferentemente quanto à focalização do sujeito pelo fato de a sintaxe de PE gerar dois *outputs* possíveis SV e VS e pelo fato de a sintaxe do PB só gerar um *output* possível SV.

Assim, para a autora, nos casos de focalização informacional do sujeito, dado que pela sintaxe de PE, língua tipicamente de sujeito nulo e de concordância rica, é possível a geração de dois *outputs*, a opção escolhida neste contexto é VS por motivos de o elemento focalizado ter que receber a proeminência principal de sentença assinalada à posição mais encaixada desta pela NSR. Na perspectiva desta análise, Tavares Silva também assume com Costa & Figueiredo Silva (2003) e Costa (2003, 2004) que há um filtro informacional atuando pós sintaticamente em PE. Portanto, baseada nos dois últimos autores, ela defende uma abordagem de sintaxe mais autônoma, ou seja, mais independente das condições de interface. Para ela, a sintaxe gera *outputs* e os filtros nas interfaces (LF e PF) são responsáveis por escolherem o *output* que satisfaz seus requisitos. Segundo esta abordagem, isto implica afirmar que a sintaxe é 'cega' às condições de interfaces, ou seja, essas últimas não determinam a primeira. Esta concepção afirma o contrário do que propõe Kiss (1995). Esta última autora propõe o Parâmetro de Configuracionalidade Discursiva, segundo o qual a ordem de palavras em algumas línguas codifica a estrutura informacional na sintaxe quando esse parâmetro é fixado positivamente, ao passo que, em outras, essa situação não é atestada.

Em PB, língua parcialmente *pro-drop* e de concordância pobre, nas palavras de Tavares Silva, uma vez que a sintaxe só gera um único *output SV*, a opção escolhida para a marcação de foco informacional no sujeito é a escolha pela manutenção da ordem pré-verbal e atribuição de proeminência fonológica marcada no sujeito nesta posição, como último recurso. Neste caso, a proeminência marcada no sujeito é diferente da proeminência neutra assinalada pela regra nuclear de acento (NSR).

Para Tavares Silva, a única exceção para o PB é o caso dos verbos inacusativos em que o sujeito pode estar tanto preposto quanto posposto ao verbo. Todavia, a autora ainda acrescenta que sujeitos pospostos são mais comumente encontrados pós-verbos inacusativos quando aqueles são pesados fonologicamente, ou com verbo não apresentando concordância com o sujeito posposto no plural.

O sujeito posposto de verbos inacusativos em PB, para a autora, sofre efeitos de peso impostos por PF. Nos termos de Tavares Silva, elementos pesados fonologicamente devem ocupar a posição mais à direita da sentença, segundo os

requisitos de PF. No caso dos verbos inacusativos, a sintaxe de PB ainda é capaz de gerar dois outputs, VS e SV, e o filtro fonológico que atua pós-sintaticamente é responsável por escolher a ordem VS no caso dos sujeitos pesados fonologicamente, como pode ser observado nos exemplos em (83), extraídos da referida autora.

Para ela, efeitos de peso não afetam PE, uma vez que, independentemente do peso fonológico do sujeito focalizado informacionalmente, ele sempre deve ocupar a fronteira direita da sentença, como também mostram os exemplos abaixo.

- (83) A: Quem chegou?
 B₁: Chegou um menino que foi meu aluno. (OKPE OKPB)
 B₂: Um menino que foi meu aluno chegou. (*PE #PB)
 B₃: Chegou o João. (OK PE #PB)
 B₄: O João chegou. (*PE OKPB)

(Tavares Silva, 2004:491)

Assim como foi observado para a análise de Costa, também a análise apresentada por Tavares Silva supõe *outputs* gerados pela sintaxe sem motivação.

3.3.3.

Ordem (X)V(O)S e foco em PB

3.3.3.1.

Kato & Tarallo (1988, 2003)

Diferentemente dos trabalhos que afirmam que o sujeito focalizado em PB é encontrado categoricamente preposto ao verbo, Kato & Tarallo (1988, 2003), ao tratarem da ordem VS em PB, afirmam que esta ordem ainda é permitida em PB com verbos monoargumentais, como uma estratégia de focalização do sujeito.

Os autores afirmam que VS é uma ordem não homogênea em PB e que está se tornando cada vez mais restrita nesta variedade de português. Para eles, VS pode ser resultado apenas de 2 processos em PB: (1) fronteamento de V, uma

construção de foco no sujeito ou (2) construção de antitópico (deslocamento à direita com um pronome resumptivo nulo).

O primeiro caso pode ocorrer com sentenças inacusativas:

(84) Apareceu um menino.

e inergativas:

(85) Ligou um cliente.

No caso das sentenças VS inacusativas, o verbo sobe para I para receber a flexão e o sujeito posposto deve ser alçado para receber caso de I, porque os verbos inacusativos são incapazes de atribuir caso. O argumento interno pode ser alçado para SpecVP, onde recebe caso por regência, ou permanecer *in situ*, onde recebe caso nominativo opcional (cf. Belletti, 1988). Se o sujeito permanece *in situ*, o SpecIP será preenchido por um expletivo nulo que não requer caso. Este sujeito *in situ* é interpretado em LF, como parte do foco da sentença, e possui uma leitura indefinida, própria de foco não marcado. DPs definidos também podem aparecer pospostos, quando denotam leitura de lista. Se o argumento interno não recebe caso *in situ*, ele é movido e passa a ter uma leitura de tópico.

No caso das sentenças inergativas, sujeitos indefinidos também podem aparecer pospostos a verbos inergativos, assim como no caso dos verbos inacusativos. O sujeito posposto dos inergativos denota uma leitura de foco, dada sua indefinidade, permanece em SpecVP, onde é gerado, e recebe caso por regência, através de traços de 'tempo + concordância' do verbo em I, conforme o quadro teórico assumido pelos autores.

Com sentenças transitivas, não há casos de fronteamento de V, uma vez que não é possível assinalamento de caso por regência com verbos transitivos em PB, resultando em sentenças mal formadas em PF, como em '*Comeu o bolo o Pedro'.

O segundo tipo de VS, construções de antitópico ou deslocamento à direita, é similar à inversão livre das línguas *pro-drop*. Eis exemplos deste tipo de construção em PB, citados por Kato & Tarallo:

(86) Tá pronto o vestido azul.

(87) Telefonou ontem o cliente.

O NP sujeito da construção antitópico ocupa uma posição não argumental, simétrica àquela de uma sentença tópico, com um sujeito pronome co-referencial dentro de IP. No caso de construções antitópico, o sujeito é sempre definido, diferentemente dos casos de fronteamto de V; todavia, semelhantemente a estes, é sensível à restrição de monoargumentalidade:

- (88) a. ?Mandou uma carta o cliente.
b. *Mandou uma carta para o hospital o cliente.

Esta característica torna este tipo de inversão diferente da inversão livre das línguas românicas. Kato & Tarallo afirmam que, nos casos de antitópico, há uma falsa inversão, uma vez que um pronome referencial é exigido e este tipo de construção é sensível à restrição de monoargumentalidade (que será explicitada a seguir). Parece que verbos com multiargumentos não podem ser fonologicamente V iniciais em PB, seja com construções de fronteamto de V ou com antitópicos.

Kato & Tarallo propõem que fronteamto de V e construções antitópico estão em uma relação de complementaridade. Se o sujeito é foco de verbo monoargumental, ele pode aparecer em SepcVP, onde o nominativo é assinalado por regência pelo verbo fronteado, como em 'Telefonou o novo namorado da Xuxa'. Entretanto, se o verbo é transitivo, o sujeito não pode aparecer em SpecVP e, então, é preferido o foco marcado na posição inicial da sentença (89d), uma construção assumida por eles como redução de uma clivada (89c) ou de uma clivada invertida (89b):

- (89) Quem bebeu a minha cerveja?
 a. *Bebeu a Xuxa.
 b. A Xuxa é que bebeu.
 c. É a Xuxa que bebeu.
 d. **A Xuxa** (que) bebeu.

Já nas construções de antitópico, este é um aposto deslocado, uma predicação secundária sobre o sujeito pronominal:

- (90) Onde será que anda o Pedro?
 a. (Ele) Está aqui, **o Pedro**.

Sendo um predicado, o antitópico não precisa de caso.

Kato & Tarallo também analisam os casos em que a ordem VS ocorre no contexto XPVS.

Os autores afirmam que tanto sentenças interrogativas como 'Onde dormem os meninos?', como declarativas do tipo 'Moravam ali os meninos', são construções com um *pro* referencial e um constituinte deslocado à direita. No caso da segunda, ela aparece em um contexto onde o sujeito é o foco, como resposta à pergunta: 'Quem morava ali?'.

Como estratégia de focalização do sujeito, em resposta a esta pergunta, poderíamos ainda ter: o fronteamento do verbo, como em (91a), ou clivadas plenas ou reduzidas, como em (91b) e (91c), respectivamente. Na clivada plena, o sujeito focalizado recebe caso nominativo por regência do verbo cópula.

- (91) a. Ali moravam os meninos.
 b. Eram os meninos que moravam ali.
 c. Os meninos moravam ali.

Uma análise similar pode ser dada aos transitivos com sintagmas de 'medida' como complemento:

- (92) a. *Faturou nossa barraca Cz\$ 100.000.
 b. Cz\$100.000 faturou nossa barraca.
 c. Nossa barraca faturou Cz\$100.000.
 d. Cz\$100.000 nossa barraca faturou.

O contraste entre (92a) e as demais não se dá porque PB é uma língua V2, mas por causa da restrição de monoargumentalidade, proposta pelos autores.

Segundo esta restrição, que atua em PF e tem uma natureza fonética ou rítmica, há um filtro na interface PF que barra sentenças com V inicial e que têm 2 constituintes não nulos selecionados, sejam estes constituintes nominais ou adverbiais. O filtro no *output* não bloqueia sentenças nas quais um dos dois argumentos do verbo aparece antes deste, seja um elemento *Wh*, 'um locativo' ou um pronome resumptivo (co-referente ao elemento deslocado à direita), posto que a cadeia resultante parece apresentar um 'balanceamento de acento requerido', nas palavras dos autores.

O conceito de argumento cobre aqui qualquer elemento selecionado, seja ele nominal ou adverbial. Em (92a), o sujeito definido está *in situ*, em um especificador mais baixo, e não há especificador saturado em IP ou CP. Como um destes especificadores deve estar saturado por qualquer dos argumentos, a sentença (92a) se torna gramatical em (92b), (92c) e (92d) porque, nestas últimas, há movimento para saturar um dos especificadores e este movimento reduz um elemento lexical à direita do verbo:

- (92') a. *[CP_[IP_[I' faturou_v [VP nossa barraca t_v Cz\$ 100.000]]]]
 b. [CP_[IP Cz\$ 100.000_i [I' faturou_v [VP nossa barraca [t_v t_i]]]]]
 c. [CP_[IP nossa barraca_i [I' faturou_v [VP t_i [t_v Cz\$ 100.000]]]]]
 d. [CP Cz\$ 100.000_j [IP nossa barraca_i [I' faturou_v [VP t_i [t_v t_j]]]]].

O verbo pode selecionar mais que um argumento, mas os traços dos argumentos não contam para a restrição de monoargumentalidade. Como este nível, que é cego a traços, é PF, a restrição deve ser postulada para ter 'uma natureza fonética ou rítmica', nos termos dos autores.

3.3.3.2.

Coelho (2000)

Coelho (2000), ao tratar da variação da ordem DP V, V DP em sentenças monoargumentais de PB (variedade lingüística de Florianópolis – SC), destaca que

um dos fatores favorecedores da ordem V DP é o fato de o DP portar foco estreito (entenda-se 'foco estreito' como 'foco de informação', conforme a proposta de Coelho).

No caso das estruturas V DP com sujeito focalizado, Coelho postula que há uma projeção de Foco interna à oração, como propõe Belletti (1999) para o italiano.

Belletti (1999) afirma que, dada a possibilidade de aparecer um sintagma focalizado na posição pós-verbal sem acento marcado em italiano, é possível supor uma posição FocP interna à sentença, além da externa, entre IP e VP. Belletti, baseada no Programa Minimalista de Chomsky (1995), assume que o foco é um traço sintático e que sustenta uma projeção funcional, criando uma configuração de checagem de traço. Ela ainda postula que o caso não é o único licenciador de DPs pronunciados na sentença, mas o foco também. Para Belletti, ao foco interno na sentença não está associada nenhuma entoação especial. A partir de considerações sobre os advérbios baixos e sujeitos pós verbais no italiano, Belletti assume que a projeção FocP, interna à sentença, é uma posição baixa, a primeira projeção funcional acima de VP. O DP focalizado se move para SpecFocP para checar traços de foco e o verbo é alçado para uma posição mais alta em I e a ordem V DP é gerada.

Posto que sintagmas não pressupostos, marcados com o traço [-definido] do PB, são candidatos a ser foco da sentença para Coelho, esta autora afirma que, em princípio, as sentenças inacusativas V DP_{-definido} podem ser consideradas construções de foco no sujeito e, portanto, podem ser analisadas conforme a proposta de Belletti. Segundo Coelho, a proposta de Belletti dá conta tanto dos casos de 'verbo inacusativo + DP_{-definido}', como dos casos de 'verbo inacusativo + DP_{+definido} e não pressuposto', e dos poucos casos de 'verbo inergativo + DP' de PB.

Coelho ainda destaca que a focalização estreita do DP está relacionada à novidade deste elemento na sentença tanto com verbos inergativos, como com inacusativos. Já a focalização de escopo largo com ordem V DP só é permitida para inacusativos em PB.

3.3.3.3.

Pilati (2002, 2006)

Diferentemente dos trabalhos de Kato & Raposo (1996), Kato (1999, 2000) e Tavares Silva (2004), Pilati (2002), baseada na intuição de Nascimento (1984), defende que o sujeito focalizado em PB pode aparecer na margem direita da sentença. A autora nomeia este tipo de estruturas de *orações apresentativo-descritivas*. Pilati, à semelhança de Nascimento, salienta que é o fato de receber 'interpretação de lista' que permite aos sujeitos pospostos constituírem orações apresentativas.

Pilati se aproxima da proposta de Nascimento, posto que também defende que o sujeito posposto em PB é utilizado na construção de estruturas apresentativas. Porém, a proposta de Pilati difere da proposta de Nascimento, na medida em que, para este, as sentenças com sujeito pós-verbal [V NP] no PB, sejam estas formadas por verbos existenciais ou por outros tipos de verbos (inergativos e inacusativos), constituem uma única classe: a classe das sentenças apresentativas. Já para Pilati, as sentenças com verbos existenciais não se enquadram na classe das orações apresentativas (na nomenclatura da autora, orações apresentativo-descritivas), uma vez que orações apresentativas trazem informações sobre eventos e permitem que seus sujeitos sejam NPs modificados por quantificadores universais, o que não se observa nas sentenças com verbos existenciais:

- (93) *Há todos os alunos.
 (94) Chegaram todos os alunos.

Além disso, para Pilati, as sentenças apresentativo-descritivas não ocorrem só com verbos inacusativos e inergativos como afirma Nascimento, mas também, em casos um pouco mais restritos, com verbos transitivos.

Para a autora, as orações apresentativo-descritivas do PB compartilham as seguintes características: (i) exercem função apresentativa; (ii) são usadas em contextos descritivos e não em contextos predicativos; (iii) seus sujeitos recebem a interpretação menos agentiva; (iv) podem apresentar sujeitos definidos ou

indefinidos, porém, quando o sujeito for um NP definido, deve ser um NP referencial, tanto para o falante, quanto para o ouvinte.

Pilati ainda observa que as orações apresentativo-descritivas do PB podem ser classificadas em quatro grupos distintos: (a) com inversão locativa; (b) com inversão em construções parentéticas; (c) com inversão narrativa; e (d) com sujeito pós-verbal sob o escopo do operador de foco situado no início da sentença. Os exemplos apresentados por Pilati para cada tipo de oração apresentativo-descritiva do PB aparecem aqui reproduzidos em (95), (96), (97) e (98) respectivamente.

- (95) a. Naquele restaurante, comem os estudantes.
b. Naquela cadeira, senta a noiva, na outra, o noivo.
c. Neste brinquedo, brincam crianças de 0 a 6 anos.
- (96) a. 'De nada adianta a competência, se você é uma desconhecida', afirma o consultor.
b. '[...] temos que nos preparar sempre para o mercado de trabalho', defende José Antônio Minarelli.
- (97) a. Abre o placar o time do Palmeiras.
b. Ergue o braço o juiz.
c. Tomou posse o presidente do Sindicato dos Professores.
d. Ontem tomou posse o Ministro da Saúde
- (98) a. Só não gostaram do passeio os meninos pequenos.
b. Também participa do programa a Professora Renata.

Em Pilati (2006), a autora identifica o tipo de foco associado às sentenças 'apresentativo-descritivas' do PB e apresenta uma análise para estas sentenças, enfocando apenas seus aspectos sintáticos e semânticos.

Baseada nas análises sobre os tipos de foco apresentados em Kiss (1998) e Zubizarreta (1998), Pilati conclui que o tipo de foco associado às sentenças apresentativo-descritivas do PB é o foco identificacional, que é o foco que porta os traços [+ exaustivo] e [- constrativo]. Uma vez que Zubizarreta trabalha com os traços [+/- contrastivo] em sua análise e Kiss, com os traços [+/- contrastivo] e [+/- exaustivo], Pilati se utiliza da proposta de Mito (2003), que compatibiliza os tipos de foco apresentados em Kiss (K) e Zubizarreta (Z). Segundo Mito, a

compatibilização desses tipos de traços traz as seguintes possibilidades de informação de foco:

(99) Tipos de foco

a. [- contrastivo, - exaustivo]	Foco de informação para K, não-contrastivo para Z
b. [- contrastivo, + exaustivo]	Foco de identificação para K
c. [+ contrastivo, - exaustivo]	*
d. [+ contrastivo, + exaustivo]	Contrastivo para Z e K

Tomando as combinações de traços acima, Pilati justifica primeiramente que o foco associado às sentenças apresentativo-descritivas não pode ser o foco de informação. Baseada na análise de Nascimento, segundo a qual as sentenças apresentativas possuem interpretação de lista e possuem os traços [+/- inclusão], Pilati defende que às sentenças apresentativo-descritivas não está associado o foco de informação, uma vez que os traços associados a este tipo de foco são [- exaustivo, - contrastivo].¹⁶ A autora ainda afirma que, se há uma relação de [+/- inclusão], como defendido por Nascimento para as sentenças apresentativas do PB, é possível inferir que estas mesmas sentenças apresentam o traço de exaustividade. Isto porque, segundo Kiss, a exaustividade está presente quando o elemento portando foco identificacional identifica o subgrupo de um grupo relevante ao qual o predicado assegura predicação.

Segundo Pilati, o traço de contrastividade não é significativo para que ocorra a interpretação de lista das sentenças apresentativo-descritivas do PB, uma vez que, como mostra Zubizarreta, uma sentença com interpretação [+ contrastiva] é usada quando se deseja substituir os valores atribuídos às variáveis pré-existentes por outros. Já para Kiss, o traço [+ contrastivo] ocorre quando a relação semântica do foco identificacional opera num conjunto fechado de entidades e a identificação do subconjunto se dá por contrastividade. Como na interpretação de lista a identificação do subconjunto não implica necessariamente a identificação por contrastividade, Pilati conclui que o traço de contrastividade não

¹⁶ Conforme Nascimento (1984), nas sentenças apresentativas, cuja interpretação associada é a interpretação de lista, há uma relação de [+/- inclusão] num grupo de referência. Um dos termos desta relação, o elemento [+] ou [-] incluído, deve ser dado pelo NP que aparece na posição pós-verbal.

está associado às sentenças apresentativo-descritivas do PB. Dado o exposto, a conclusão da autora é que os traços associados às sentenças apresentativo-descritivas do PB são os traços [+ exaustivo] e [- contrastivo], conjunto de traços que podem estar associados ao foco identificacional.¹⁷

Identificada a característica semântica das sentenças V(O)S apresentativo-descritivas (portadoras de foco identificacional), Pilati também identifica uma característica sintática essencial para a análise desenvolvida por ela destas mesmas sentenças. Segundo a autora, as sentenças apresentativo-descritivas de PB são todas casos de inversão locativa. Ela justifica esta classificação, através da constatação de características das sentenças apresentativo-descritivas do PB presentes também nos casos de construções semelhantes em outras línguas, construções estas denominadas inversões locativas (cf. Bresnan & Kanerva, 1989 sobre as inversões locativas do chichewa; Bresnan, 1994 sobre as inversões locativas no chichewa e no inglês; Levin & Rappaport, 1995 sobre as inversões locativas no inglês; e Pinto, 1997 sobre as inversões locativas no italiano; entre outros). Levando em conta as características elencadas por estes autores para as construções de inversão locativa, Pilati identifica as seguintes características das sentenças apresentativo-descritivas do PB que são comuns às características das construções com inversão locativa:

(i) Categoria sintática do elemento pré-verbal

Pilati destaca que nas sentenças apresentativo-descritivas V(O)S do PB, os elementos locativos/temporais são preposicionados (PPs), como em (100a). Entretanto, há contextos em que a posição pré-verbal pode ser ocupada por elementos dêiticos como 'aí', como aparece em (100b), ou como operadores de foco como 'também', (100c), e 'só', (100d):

¹⁷ Cabe notar que, segundo a proposta de Kiss (1998), apresentada no capítulo 2 desta tese, ao foco identificacional também poderiam estar associados os traços [+ exaustivo] e [+ contrastivo]. Neste caso, o foco identificacional também carrega uma interpretação de contrastividade. Ou seja, para Kiss, o foco contrastivo é um subtipo de foco identificacional.

- (100) a. Na sexta viaja o Paulo.
b. Aí liga a D. Maria...
c. Também participa do programa a professora Renata.
d. Só não gostaram do passeio as crianças pequenas.

Pilati (2006: 203)

- (ii) Possibilidade de o elemento locativo desencadear concordância com o verbo

Dado que o elemento locativo é de natureza preposicional em PB (diferentemente do chichewa que são DPs), conforme Pilati, não há concordância entre o PP e o verbo da oração (101b), mas há concordância entre o verbo e o sujeito pós-verbal (101a).

- (101) a. Primeiro falo eu.
b. *Primeiro fala eu.

Pilati (2006: 204)

- (iii) Possibilidade de o elemento ser nulo, mas com referência recuperada anaforicamente por elementos da situação discursiva

Como no italiano (cf. Pinto, 1997), no chichechwa (cf. Bresnan & Kanerva, 1989) e no inglês (cf. Bresnan, 1994), também no PB, conforme Pilati, o elemento locativo pode ser fonologicamente nulo, desde que seja facilmente recuperado no contexto discursivo:

- (102) a. Lá na casa da Maria? Vixe...chegou um monte de coisa.

Pilati (2006: 204)

- (iv) Restrições a verbos transitivos

Assim como nas inversões locativas do italiano (cf. Pinto, 1997), do chichechwa (cf. Bresnan & Kanerva, 1989) e do inglês (cf. Bresnan, 1994), o PB também apresenta restrições quanto às sentenças apresentativo-descritivas com verbo transitivo. As sentenças VOS apresentativo-descritivas só ocorrem: (a) em contextos em que o predicado (V+O) pode ser interpretado como uma informação

antiga ou prevista na situação discursiva, como em (103a) e (103b); ou (b) quando o predicado é formado por elementos semanticamente leves, como em (103c):

- (103) a. Ganha a partida o jogador que fizer mais pontos.
 b. Domina a bola o jogador do Vasco.
 c. Também faz parte da entrevista o escritor Alexandre Pilati.
 Pilati (2006: 205)

(v) Restrições a certos verbos intransitivos

No PB, os verbos inacusativos são licenciados com maior freqüência na ordem VS, mas nem todos os verbos considerados inacusativos licenciam a ordem VS da mesma forma. Através da comparação de (104a) e (104b), nota-se que verbos de movimento ou que tenham traços relacionados a tempo ou espaço são mais naturais no licenciamento da inversão, e verbos que não possuem esse traço semântico colocam maiores restrições ao licenciamento da ordem VS, fora de um contexto específico:

- (104) a. Aqui chegaram as cartas.
 b. *Aqui avermelhou o urubu.
 Pilati (2006: 205)

(vi) Função discursiva das inversões locativas

Baseada nas análises de Bresnan (1994) e Levin & Rappaport (1995) sobre a função discursiva das orações com ordem VS classificadas como inversões locativas, Pilati afirma que as sentenças apresentativo-discursivas PPV(O)S de PB, classificadas por ela como casos de inversão locativa, tem como função discursiva introduzir um referente novo ou menos familiar no discurso que o elemento locativo. Pilati apresenta o exemplo de Bresnan (1994) do inglês, traduzido por ela para o português, para mostrar que as inversões locativas precisam de contextos específicos para serem licenciadas também nesta última língua.

- (105) A: Estou procurando minha amiga Rose.
 B: # Entre os convidados de honra estava sentada Rose.
 C: Rose estava sentada entre os convidados de honra.
 Pilati (2006: 206)

Para Pilati, (105B) é inadequada porque parece depender de um contexto em que existia referência prévia aos 'convidados de honra', contexto discursivo que a sentença em (105A) não oferece. Esse tipo de dependência do contexto para a ocorrência de inversões locativas ocorre no inglês, no chichechwa e também em PB, conforme Pilati.

Portanto, o exame dos dados de PB, em relação às propriedades acima, permitem, conforme Pilati, confirmar a hipótese de que as orações com ordem (PP)VS do PB podem ser analisadas como construções do tipo 'inversões locativas'.

Ao assumir que as sentenças PPV(O)S do PB são casos de inversão locativa, Pilati ainda assume que Loc é o sujeito sintático da predicação, ocupando a posição mais alta da sentença, onde c-comanda a sentença. Para a mesma autora, é desta relação sintática que surge o foco identificacional, característico das inversões locativas, segundo ela. Ou seja, para Pilati, o foco identificacional no sujeito pós-verbal é o resultado da presença de um elemento com referência locativa ou temporal no SpecTP com escopo sobre o resto da oração. Assumindo a proposta de Chomsky (2000, 2001), Pilati apresenta as seguintes derivações sintáticas para as sentenças apresentativo-descritivas (PP)VS inacusativas, (PP)VS inergativas e (PP)V(O)S transitivas:

(i) Derivação com verbos inacusativos

- (106) Aqui/pro^{loc} chegaram as cartas
 [TP aqui/pro^{loc}_k [T'[T chegaram_{i-v_p-T} [vP [v [VP as cartas [V' t_i t_k]]]]]]]]

(ii) Derivação com verbos inergativos

- (107) Hoje/pro^{loc} ligou a Maria.
 [TP hoje/pro^{loc}_k [T'[T ligou_{i-v_p-T} [vP a Maria [v v_p [VP [V' t_i t_k]]]]]]]]

(iii) Derivação com verbos transitivos em narrações concomitantes ou em orações com verbos leves

- (108) pro^{loc} tomou posse o novo ministro.
 [TP pro^{loc}_k [T'[T tomou posse_{i-v_p-T} [vP o novo ministro [v v_p [VP [V' t_k]]]]]]]]

Pilati afirma que, se o objeto não receber Caso Acusativo, como ocorre nos casos de orações com verbos leves e predicados previsíveis, o complexo [V+O] irá para v depois para T. Para Pilati, o VP entra na numeração como uma expressão idiomática na qual o objeto, por ser um quase-argumento, está incorporado a V nestes casos.

Demais verbos transitivos, segundo a autora, não podem apresentar inversões locativas por uma razão sintática: o objeto recebe Caso Acusativo dentro de vP, e bloqueia a possível relação de *probe-Goal* entre T e Loc (como se fosse uma forma de Restrição de Intervenção).¹⁸

- (109) * Tomou água o novo ministro.
 [TP [T'[T tomou_{i-v_p-T} [vP o novo ministro [v v_p [VP água [V' t_i Loc]]]]]]]]

Para Pilati, o que acontece em '*Tomou água o novo ministro' é que, pelo fato de o DP 'água' checar Caso Acusativo (uma vez já checado o seu traço, este elemento passa a ser um elemento inativo entre *Probe* e *Goal*), ele bloqueia a relação de *probe-Goal* entre T e Loc. O único elemento visível para T será, portanto, o sujeito da sentença 'o novo ministro'.

Enfim, Pilati defende que a leitura de foco de uma dada oração é 'um fenômeno configuracional' nas línguas. Ou seja, para ela, a codificação de foco é um fenômeno puramente sintático: (i) está ligada à seleção temática feita pelo predicado e às características das línguas em relação a fenômenos como possibilidades de movimento do verbo, categorização sintática de informações lexicais, e formas de checagem de Caso; e (ii) a interpretação das orações em relação ao tipo de foco também é o resultado de um processo sintático. Pilati ainda

¹⁸ Conforme Chomsky (2001:4): *locality conditions yield an intervention effect if probe P matches inactive K that is closer to P than matching M, barring Agree (P,M)*. A restrição de intervenção defectiva (*defective intervention constraint*) é encontrada, segundo Chomsky (2000:123), em uma situação como em (i), onde > significa c-comando, β e γ checam traços com *probe* α , mas β é inativo e, por isso, os efeitos de checagem são bloqueados:

(i) $\alpha > \beta > \gamma$.

afirma que o foco não é o resultado da leitura imposta por regras da interface fonética para a descrição estrutural gerada pelo sistema computacional, mas uma configuração determinada pelas propriedades morfossintáticas da língua em articulação com os princípios da gramática universal, que presidem as operações do sistema computacional.

Entretanto, cabe ainda notar alguns problemas apresentados na análise de Pilati.

1) A autora, baseada em Kiss (1998), afirma que as sentenças apresentativo-descritivas do PB (PP)V(O)S são sentenças que apresentam foco de identificação no sujeito. Conforme as características apresentadas por Kiss para este tipo de foco (cf. capítulo 2 desta tese), o elemento que porta foco identificacional sofre movimento para uma posição de especificador de Foco (seja em LF ou na sintaxe visível). No entanto, conforme a análise de Pilati, o sujeito pós-verbal portando foco identificacional de PB não sofre qualquer movimento, seja em LF ou na sintaxe visível.

2) É apresentada uma mesma derivação segundo a qual Loc é argumento de V das sentenças inacusativas, inergativas e transitivas, entretanto, não há justificativa para a proposição desta derivação semelhante nas sentenças constituídas por diferentes tipos de verbos. Em uma análise tradicional, advérbios locativos ou temporais são adjuntos de verbos inacusativos, inergativos e transitivos. Para assumir que o advérbio é um argumento do verbo, faz-se necessário justificar o porquê de se considerar o advérbio como tal, ainda que em construções especiais, como no caso de inversões locativas.¹⁹

3) Ao afirmar que a codificação do foco é uma questão puramente sintática e semântica, Pilati desconsidera completamente o aspecto fonológico do foco, como, por exemplo, o fato de constituintes focalizados portarem a proeminência principal do sintagma entoacional no qual a sentença é mapeada. Cabe ainda notar que certas condições fonológicas das estruturas de focalização trazem conseqüências para a derivação sintática das mesmas, por exemplo, o peso

¹⁹ Para uma análise que justifica a condição do advérbio temporal/locativo como argumento interno de verbos inacusativos, conferir Hoekstra & Mulder (1990) e Moro (1997). Sobre a possibilidade de o advérbio temporal/locativo se configurar como argumento interno de verbos inergativos, conferir Hoekstra & Mulder (1990).

fonológico dos constituintes pode interferir na posição ocupada pelo elemento focalizado nas sentenças (como no caso de foco informacional, cf. Zubizarreta, 1998 e capítulos 4 e 6 desta tese) e na própria escolha por diferentes estruturas sintáticas de focalização, como veremos nos capítulos 4 e 6 desta tese para os casos de foco informacional do sujeito em PB e PE.

3.4.

Conclusão

A maioria dos trabalhos apresentados neste capítulo aborda a focalização informacional do sujeito de maneira categórica em PB e PE: o sujeito focalizado informacionalmente aparece na margem direita da sentença em PE, onde a proeminência principal neutra é atribuída, e o sujeito focalizado aparece na posição pré-verbal e porta a proeminência 'marcada' em PB. Entretanto, as estratégias de focalização do sujeito escolhidas por PB e PE parecem ser um fenômeno muito mais variável do que categórico, como veremos no capítulo 4 desta tese.

Grande parte das análises aqui apresentadas não leva em conta fatores prosódicos que podem afetar a derivação da ordem nas sentenças (cf. capítulo 2 e 6 desta tese), e nenhuma delas testa a frequência com que as estratégias de focalização informacional do sujeito são escolhidas em cada variedade de português. Outras se baseiam em afirmações sobre a entoação das sentenças com sujeito focalizado informacionalmente, porém, não apresentam dados empíricos que comprovem tais afirmações. Algumas postulam muitas projeções funcionais exclusivamente para dar conta do fenômeno da focalização, ferindo princípios de economia que primam por uma derivação mais enxuta. Muitas das análises ainda afirmam o papel determinante da proeminência assinalada ao elemento focalizado na codificação e identificação do foco, porém, não fazem qualquer referência aos princípios prosódicos em PF que regem o assinalamento de tal proeminência – posto que a proeminência que porta dado elemento é um atributo do componente fonológico, não do componente sintático.

Além disso, as análises aqui apresentadas não são concordantes quanto ao tipo de foco que o sujeito porta nas estruturas V(O)S do PB. Conforme Pilati (2006), o tipo de foco associado às sentenças (PP)V(O)S de PB é o foco

identificacional, não o informacional. Já para Kato & Tarallo (1988, 2003), Coelho (2000) e Tavares Silva (2004), o foco associado às sentenças VS do PB é o foco informacional (ou 'foco estreito', nas palavras de Coelho).

Diferentemente dos trabalhos aqui apresentados, que não levam em conta (i) fatores prosódicos que podem afetar a derivação da ordem nas sentenças com sujeito focalizado e (ii) dados empíricos relativos à estrutura entoacional associada a este tipo de sentença, esta tese se propõe a: (1) testar empiricamente a frequência com que as diferentes estratégias de focalização informacional são escolhidas por cada variedade de português, levando em consideração (i); e (2) descrever e analisar a estrutura entoacional associada às sentenças contendo sujeito focalizado informacionalmente em PB e PE.

As tarefas apresentadas em (1) e (2) tem como propósito confirmar ou infirmar, com base em dados empíricos: (a) o que tem sido afirmado intuitivamente sobre as estratégias de focalização informacional do sujeito em PB e PE; (b) a hipótese de que restrições de peso fonológico afetam a posição prevista para ocupação pelo sujeito focalizado informacionalmente nas duas variedades (posição pré-verbal em PB e margem direita da sentença em PE); e (c) a afirmação intuitiva de que às estruturas V(O)S com focalização informacional no sujeito não está associada nenhuma prosódia especial.

A descrição dos resultados obtidos a partir da realização destas tarefas será o tema dos próximos capítulos da presente tese, respectivamente, capítulos 4 e 5.

4.

Os Dados de PB e PE: Foco Informacional, Classe Verbal e Peso Fonológico

4.1.

Introdução

Neste capítulo apresentaremos nossos dados de PB e PE relativos à frequência das diferentes opções de focalização escolhidas por falantes nativos destas duas variedades de português na expressão do foco informacional do sujeito. Para a obtenção destes dados, foram elaborados experimentos com o objetivo específico de obtenção de foco informacional no sujeito em PE e PB.

É sabido que o peso fonológico dos constituintes pode afetar a ordem em que os mesmos aparecem nas sentenças de línguas como o inglês, o italiano e o PE: elementos pesados fonologicamente tendem a ocupar a fronteira direita do sintagma entoacional (ver Frota & Vigário, 1996, 2001 para PE; Inkelas & Zec, 1990 para o inglês; Guasti & Nespor, 1999 para o italiano – cf. capítulo 2 desta tese).

Tendo em conta esta afirmação, nossa hipótese é a de que o peso fonológico dos constituintes 'sujeito' e 'predicado' pode condicionar a preferência dos falantes de PB e PE pela escolha de determinada ordem nas sentenças constituídas por verbos pertencentes a diferentes classes (inacusativos, inergativos e transitivos), de maneira que o constituinte mais pesado fonologicamente ocupe a margem direita do sintagma entoacional, independentemente da posição sintática usualmente prevista para a ocupação pelo sujeito focalizado. A assunção desta hipótese implica supor que, nas duas variedades de português, a ocupação da posição sintática prevista para o sujeito focalizado, margem direita da sentença em PE e posição pré-verbal em PB (segundo afirma a maioria dos estudos apresentados no capítulo 3 desta tese), pode ser afetada pelo peso fonológico dos elementos que compõem o próprio sujeito e que compõem o predicado.

Isto posto, com a finalidade de confirmar ou refutar nossa hipótese, dois tipos de experimentos foram realizados nas duas variedades de português: um questionário escrito do tipo 'teste de múltipla escolha' (experimento 1) e entrevistas para a obtenção de produção oral de sentenças com foco informacional no sujeito (experimento 2). A classe verbal e o peso fonológico do sujeito e do predicado foram sistematicamente manipulados nos dois experimentos. O controle do fator 'peso fonológico do sujeito' e 'peso fonológico do predicado' foi motivado pela afirmação de Zubizarreta (1998) quanto a restrições de peso em sentenças com foco informacional do sujeito em italiano. Segundo esta autora, em italiano, a estratégia de reordenamento de constituintes (*p-movement*, nas palavras de Zubizarreta), de maneira que o sujeito focalizado informacionalmente ocupe a margem direita da sentença, está sujeita a restrições de peso do 'predicado', o que explicaria, por exemplo, o fato de sentenças VOS serem julgadas como marginais nesta língua, ainda que em contexto de focalização informacional do sujeito.¹ Levando em conta a afirmação de Zubizarreta para o italiano, buscamos verificar, com o controle dos fatores 'peso fonológico do sujeito' e 'peso fonológico do predicado' em nossos experimentos, se a mesma observação poderia ser feita para o PB e para o PE.

Como constituintes pesados fonologicamente, consideramos neste trabalho:

- (1) constituintes longos em número de sílabas – constituídos por mais de três sílabas: 'o.he.li.cóp.te.ro';
- (2) constituintes complexos fonologicamente – constituídos por mais de uma palavra fonológica (ω)² e que possuem mais de três sílabas: [(o.bi.o) ω] (mé.di.co) ω]³;
- (3) e constituintes complexos sintaticamente – ramificados sintaticamente, i.é., constituídos por mais de um sintagma sintático, e que possuem mais de três sílabas: [(o. jo.vem) ω] [(ra.paz) ω].⁴

¹ Sobre a influência de fatores prosódicos em julgamentos sintáticos, conferir também Kitagawa & Fodor (2003, 2006).

² Para formação de palavra fonológica (ω) em português, ver Vigário (2003) – cf. Introdução desta tese.

³ Os parênteses delimitam fronteira de palavra fonológica e as chaves, fronteira de sintagma sintático.

⁴ Conferir também D'Império *et al.* (2005) e Frota & Vigário (a aparecer) para a consideração de parâmetros como estes na classificação de constituintes como pesados fonologicamente.

Diferentemente do que defende Costa (c.p.), defendemos aqui que somente o fato de um constituinte ser focalizado informacionalmente não é suficiente para que ele possa ser considerado pesado do ponto de vista fonológico. Para que ele possa ser considerado como tal, deve possuir pelo menos uma das características apresentadas acima ou, de acordo com os parâmetros de peso fonológico estabelecidos no trabalho de Frota & Vigário (1996, 2001) – cf. capítulo 2 desta tese, portar acento de foco prosódico. A proeminência principal de sentença atribuída pela Regra Nuclear de Acento (NSR), por *default*, à cabeça do último sintagma fonológico do sintagma entoacional (posição usualmente prevista para ocupação de elementos com foco de informação) em línguas de ramificação à direita, como o português (cf. Frota, 2000), apenas marca o fim de enunciado declarativo e não é suficiente para fazer do elemento focalizado, pesado fonologicamente.⁵ Isto significa que, considerando a ausência de acento de foco prosódico, na sentença neutra (4) e na sentença (5), com sujeito portando foco informacional, respectivamente, tanto 'bolo' como 'Ana', ambas cabeças do último sintagma fonológico dos respectivos sintagmas entoacionais a que pertencem, são igualmente pesados fonologicamente:

- O que aconteceu?
- (4) A Ana comeu o **bolo**.
- (4') [[a Ana]φ [comeu] φ [o **bolo**] φ]I
- Quem comeu o bolo?
- (5) Comeu o bolo a **Ana**.
- (5') [[comeu] φ [o bolo] φ [a **Ana**] φ]I

Na elaboração dos experimentos deste estudo, só consideramos DPs sujeitos [+definidos] e [+específicos], uma vez que DPs [+definidos, +específicos] parecem ser mais apropriados para o contexto de focalização informacional. Além disso, em PB e PE, é possível encontrarmos tanto DPs sujeitos [+definidos, +específicos] na posição pós-verbos monoargumentais, como DPs sujeitos [–definidos, –específicos] nesta mesma posição:

⁵ Para a formação de sintagmas fonológicos e sintagmas entoacionais em português, conferir, na Introdução desta tese, os algoritmos propostos por Frota (2000) para a formação destes respectivos sintagmas.

- Em PB e PE:
- (6) a. Chegou o menino.
b. Chegou um menino.

Nas duas variedades de português, os traços [–definido] e [–específico] do DP sujeito não são fatores determinantes para que este elemento ocupe a posição pós-verbal (cf. Tavares Silva, 2004). Portanto, fica fora do escopo de nosso estudo a relação entre os fatores semânticos ‘definitude’ e ‘especificidade’ do DP e a posição do sujeito nas sentenças. Sobre esta relação, conferir, entre outros: Belletti (1988) e Enç (1991); para PB, Coelho (2000); para PB e PE, Tavares Silva (2004).

Quanto à classe verbal, consideramos apenas os verbos inacusativos, transitivos e inergativos prototípicos em nossos experimentos, uma vez que não faz parte de nossos objetivos a investigação da relação entre a posição ocupada pelo sujeito focalizado e grau de inacusatividade, transitividade e inergatividade verbal. Como exemplos de verbos inacusativos, inergativos e transitivos prototípicos utilizados em nossos experimentos de PE e PB, podemos citar os seguintes verbos: ‘chegar’, ‘desaparecer’, ‘morrer’, ‘adormecer’, ‘dançar’, ‘correr’, ‘rir’, ‘chorar’, ‘telefonar’, ‘trabalhar’, ‘achar’, ‘encontrar’, ‘comer’, ‘lavar’ e ‘levar’. Os 4 primeiros verbos são exemplos de inacusativos prototípicos, os 6 seguintes, de inergativos prototípicos e, por sua vez, os 5 últimos são exemplos de verbos transitivos prototípicos. Os verbos transitivos foram utilizados em contextos que implicavam necessariamente a presença de um objeto, ou seja, foram utilizados quando se comportam como transitivos prototípicos, mas não quando se comportam como inergativos como em ‘O João já comeu?’.

4.2.

Experimento 1

Considerando nossa hipótese sobre a relação entre o peso fonológico dos constituintes e a posição ocupada pelo sujeito focalizado nas sentenças, o objetivo do experimento 1 era testar a frequência com que os falantes nativos de PE e PB escolhiam dois tipos diferentes de sentenças: (1) sentenças em que o sujeito

focalizado ocupava a posição pré-verbal e (2) sentenças nas quais o sujeito focalizado se encontrava na margem direita.

Com a finalidade de testar nossa hipótese, o peso fonológico do sujeito e do predicado foram sistematicamente manipulados na elaboração dos dois tipos de sentenças.

4.2.1.

Metodologia

A metodologia utilizada neste primeiro experimento consistiu: (i) na elaboração de questionários; (ii) na aplicação dos questionários a duas classes de estudantes de graduação da Universidade de Lisboa, falantes nativos de PE, e a três classes de estudantes de graduação da Universidade de Campinas, falantes nativos de PB⁶; (iii) e na realização de análise estatística dos resultados obtidos (ANOVAS). A análise estatística foi realizada com o uso do programa computacional *Statistica'98 Edition*.⁷

As duas classes de estudantes de graduação da Universidade de Lisboa totalizaram 41 falantes, de ambos os sexos, mesmo grau de escolaridade (segundo grau completo), com faixa etária entre 19 e 30 anos e que estavam em Lisboa pelo menos há 2 anos. As três classes de estudantes de graduação da Universidade de Campinas totalizaram 51 falantes, de ambos os sexos, mesmo grau de escolaridade (segundo grau completo), com faixa etária entre 18 e 35 anos (com exceção de apenas um dos falantes que tinha 52 anos) e que estavam em Campinas pelo menos há 8 meses.⁸

Na elaboração dos questionários, foi considerado o contexto próprio de ocorrência de sentenças com sujeito com foco de informação e, como já

⁶ Houve a escolha de uma classe a mais de alunos de graduação da Universidade de Campinas em relação ao número de classes da Universidade de Lisboa devido ao número muito baixo de alunos (7 alunos) de uma das classes da Universidade de Campinas na qual aplicamos os questionários.

⁷ StatSoft, Inc. (1998). STATISTICA for Windows [Computer program manual]. Tulsa, OK: StatSoft, Inc., 2300 East 14th Street, Tulsa, OK 74104, phone: (918) 749-1119, fax: (918) 749-2217, email: info@statsoft.com, WEB: <http://www.statsoft.com>.

⁸ No cabeçalho do questionário havia perguntas sobre a idade dos falantes, cidade onde nasceram, cidade onde viviam e há quanto tempo estavam em Lisboa e em Campinas, respectivamente.

mencionado, foram manipulados sistematicamente a classe verbal e o peso fonológico dos constituintes 'sujeito' e 'predicado'.

Eis alguns exemplos de questões extraídas de nossos questionários:

Em PE:

Marque com um X a alternativa que acha mais natural como resposta às perguntas abaixo:

- (7) *Contexto: Estamos num laboratório à espera do biomédico. Tu vê-lo chegar. Percebo que tu vês chegar alguém, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto-te:*

Quem chegou?

- a. Chegou o biomédico. []*
b. O biomédico chegou. []

- (8) *Contexto: Tu sabes que a Ana beijou o Pedro. Eu ouvi dizer que alguém beijou o Pedro, mas não sei exactamente quem o beijou, então, pergunto-te:*

Quem beijou o Pedro?

- a. A Ana beijou o Pedro. []*
b. Beijou o Pedro a Ana. []

- (9) *Contexto: Tu sabes que o Joãozinho telefonou. Eu ouvi dizer que alguém telefonou, mas não sei exactamente quem telefonou, então, pergunto-te:*

Quem telefonou?

- a. O Joãozinho telefonou. []*
b. Telefonou o Joãozinho. []

Em PB:

Marque com um X a alternativa que você acha mais natural como resposta às perguntas abaixo:

- (7) *Contexto: Estamos no aeroporto à espera de um pesquisador porto-riquenho. Você o vê chegar. Percebo que você vê chegar alguém, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto:*

Quem chegou?

- a. Chegou o porto-riquenho. []*
b. O porto-riquenho chegou. []

- (8) *Contexto: Você sabe que a Ana beijou o Pedro ontem na festa. Eu ouvi dizer que alguém beijou o Pedro, mas não sei exactamente quem, então, pergunto:*

Quem beijou o Pedro?

- a. A Ana beijou o Pedro. []*
b. Beijou o Pedro a Ana. []

(9) *Contexto: Você sabe que o porto-riquenho telefonou para casa. Eu ouvi dizer que alguém telefonou, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:*

Quem telefonou?

a. O porto-riquenho telefonou. []

b. Telefonou o porto-riquenho. []

A manipulação das variáveis 'peso dos constituintes 'sujeito' e 'predicado' e 'classe verbal' pode ser atestada nos exemplos acima na medida em que:

- (i) as sentenças (7a), (7b), (7a') e (7b') são formadas por um predicado leve fonologicamente, o verbo inacusativo 'chegou', que é formado por uma única palavra fonológica, um único sintagma sintático e por duas sílabas [(che.gou)ω], e pelos sujeitos pesados fonologicamente, 'o biomédico' (em PE) e 'o porto-riquenho' (em PB), compostos por duas palavras fonológicas, um único sintagma sintático e seis sílabas [(o.bi.o)ω(mé.di.co)ω]/ [(o.por.to)ω(ri.que.nho)ω];
- (ii) as sentenças (8a), (8b), (8a') e (8b') são formadas pelo sujeito leve fonologicamente, 'a Ana', composto por uma única palavra fonológica, um único sintagma sintático e três sílabas [(a.A.na)ω] e pelo predicado pesado fonologicamente, composto pelo verbo transitivo 'beijou' e pelo objeto direto 'o Pedro', sendo assim complexo sintática e fonologicamente por ser ramificado (composto por 2 sintagmas sintáticos) e formado por duas palavras fonológicas, e constituído por cinco sílabas [(bei.jou)ω] [(o.Pe.dro)ω];
- (iii) e, por sua vez, as sentenças (9a), (9b), (9a') e (9b') são formadas pelo predicado pesado fonologicamente, constituído pelo verbo inergativo 'telefonou' que, embora composto por uma única palavra fonológica e um único sintagma sintático, é composto por quatro sílabas [(te.le.fo.nou.)ω], e pelos sujeitos, também pesados

fonologicamente, 'o Joãozinho' (em PE) e 'o porto-riquenho' (em PB), compostos por duas palavras fonológicas, um único sintagma sintático e cinco sílabas [(o.Jo.ão)ω(zi.nho)ω] / [(o.por.to)ω(ri.que.nho)ω].

A aplicação dos questionários em PB e em PE resultou em um total de 1556 dados de PE e 2007 dados de PB.

Os questionários de PB e PE elaborados para o experimento 1 se encontram no anexo desta tese.

4.2.2.

Resultados e discussão⁹

Nos quadros abaixo se encontram os resultados obtidos a partir da análise estatística da diferença entre a escolha pela ordem pré-verbal do sujeito (doravante, ordem 1) e a escolha pela posição deste elemento na margem direita da sentença (doravante, ordem 2), levando em conta as diferentes variáveis (classe verbal, peso fonológico do sujeito e peso fonológico do predicado) em PB e PE.

Os quadros são apresentados separadamente nas seções abaixo, de acordo com cada variável considerada nas análises estatísticas. Os resultados com asterisco (*) são os estatisticamente significativos, considerando $p < 0.05$.

⁹ Os resultados do experimento 1 de PE já foram apresentados previamente em Fernandes, F. R. (2006).

4.2.2.1.

Classe verbal e posição do sujeito focalizado**PE**

Classe Verbal	Transitivo	Inacusativo	Inergativo
Transitivo	-	*0.000000	*0.000000
Inacusativo	*0.000000	-	*0.001609
Inergativo	*0.000000	*0.001609	-

Quadro 1. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre as diferentes classes verbais e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 em PE.¹⁰

Os resultados apresentados no quadro 1 revelam que há diferença estatisticamente significativa entre a escolha pela ordem 1 ou 2, quando é levada em conta a classe do verbo em PE.

Há uma escolha maior e estatisticamente significativa, realizada pelos falantes de PE, por sentenças em que o sujeito focalizado ocupa a margem direita quando o verbo é inacusativo (52,3% (182) de 100% (348) dos dados de sentenças inacusativas) do que quando o verbo é inergativo (41,9% (119) de 100% (284) dos dados de sentenças inergativas) ou transitivo (5,4% (50) de 100% (924) dos dados de sentenças transitivas). Nota-se também uma escolha bem maior, e estatisticamente significativa, pelas sentenças em que o sujeito focalizado ocupa a margem direita quando o verbo é inergativo (41,9%) do que quando o verbo é transitivo (5,4%).

Quando o verbo é inacusativo ou inergativo, há uma escolha muito maior pela ordem 2 do que quando o verbo é transitivo. Quando o verbo é transitivo, a escolha dos falantes de PE por sentenças com a ordem 1 é nitidamente preferencial. A figura 1 ilustra o exposto:

¹⁰ O teste Scheffé é um tipo de teste estatístico que considera três ou mais grupos, comparando-os par a par. Este tipo de teste é aplicado após a aplicação do teste ANOVA.

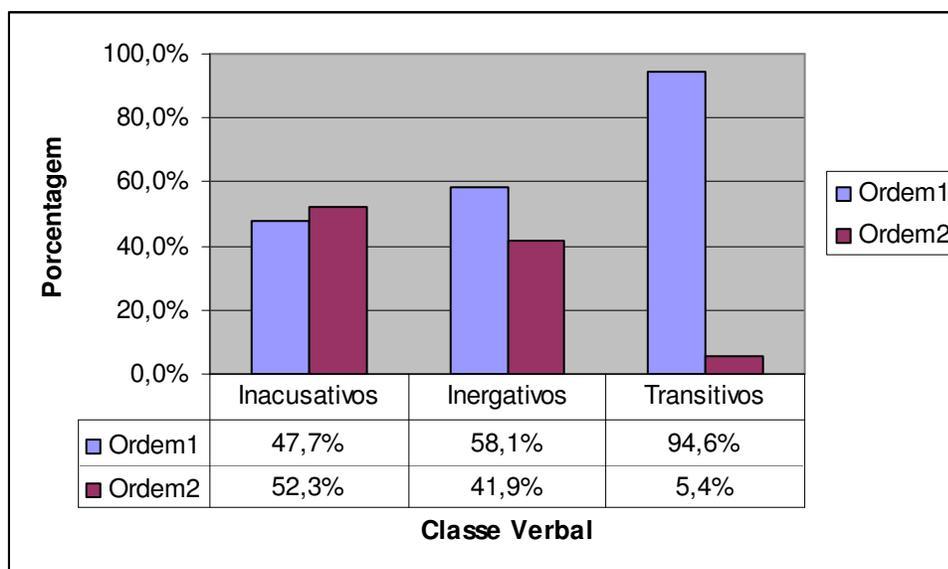


Figura (1): Relação entre posição do sujeito com foco informacional na sentença e classe do verbo em PE.

PB

Classe Verbal	Transitivo	Inergativo	Inacusativo
Transitivo	-	0,097884	*0,000000
Inergativo	0,097884	-	*0,000000
Inacusativo	*0,000000	*0,000000	-

Quadro 1'. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre as diferentes classes verbais e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 em PB.

Também há diferença estatisticamente significativa para posição do sujeito focalizado, quando se leva em consideração a variável 'classe verbal' em PB, como podemos observar no quadro 1'. Há uma escolha maior por sentenças com o sujeito focalizado ocupando a margem direita da sentença com verbos inacusativos (17,2% (75) de 100% (435) dos dados com inacusativos) do que com verbos inergativos (4,6% (20) de 100% (436) dos dados com inergativos) e transitivos (1,8% (21) de 100% (1136) dos dados com transitivos). Diferentemente dos resultados de PE, em que há diferença estatisticamente significativa entre todas as classes verbais, em PB, há diferença estatisticamente significativa apenas quando

comparamos os dados de sentenças inacusativas com os dados das sentenças contendo verbos das outras duas classes. Há uma escolha maior em PB por sentenças com o sujeito ocupando a margem direita quando o verbo é inacusativo do que quando o verbo é transitivo ou inergativo. Quando o verbo é transitivo ou inergativo, a escolha por sentenças com a ordem 2 é quase inexpressiva. Entretanto, mesmo havendo uma escolha maior por sentenças com a ordem 2 nos dados com verbos inacusativos, a ordem pré-verbal do sujeito é a preferida pelos falantes de PB nos dados com as três diferentes classes verbais, como revela a figura 1'.

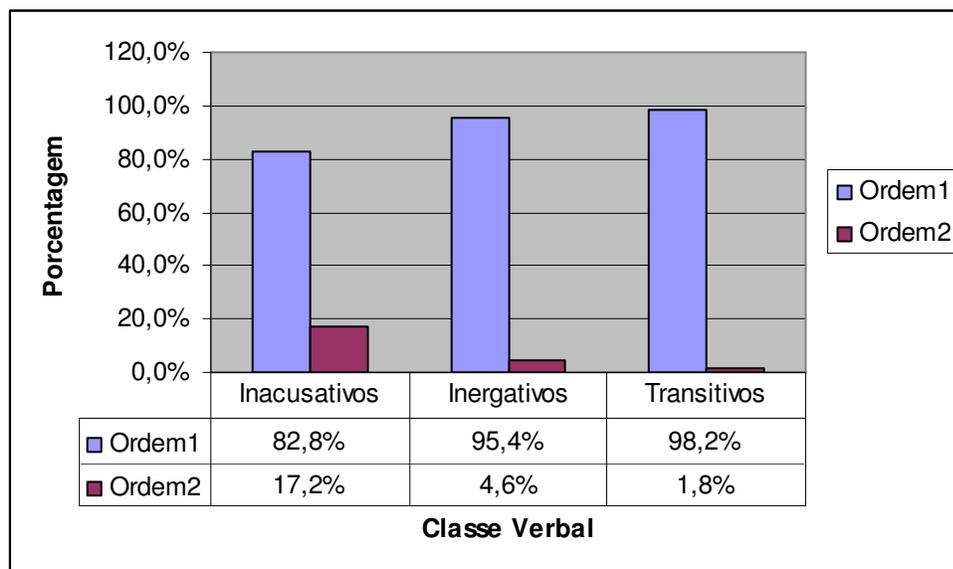


Figura (1'): Relação entre posição do sujeito com foco informacional na sentença e classe do verbo em PB.

4.2.2.2.

Peso e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos inacusativos**PE**

Sujeito	Scurto	Slongo	SS	Sf
Scurto ¹¹	-	0.347007	0.688605	0.512866
Slongo	0.347007	-	0.946621	0.992754
SS	0.688605	0.946621	-	0.992754
Sf	0.512866	0.992754	0.992754	-

Quadro 2. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **inacusativas do PE**.

Em nossos dados com os verbos inacusativos em PE, não houve diferença estatisticamente significativa entre a escolha pela ordem 1 ou 2, quando foi levada em consideração a variável 'peso fonológico do sujeito', como revelam os resultados do quadro 2.

¹¹ Convenções utilizadas neste trabalho:

Scurto/Sc = sujeito formado por um único sintagma sintático, uma única palavra fonológica e por até três sílabas. Exemplo: [(a.A.na) ω].

Slongo/SI = sujeito formado por um único sintagma sintático, uma única palavra fonológica e por mais de três sílabas. Exemplo: [(o.go.ver.na.dor) ω], [(o.bo.li.vi.a.no) ω].

SS = sujeito formado por dois sintagmas sintáticos, duas palavras fonológicas e por mais de três sílabas. Exemplo: (em PE) [(a.be.la) ω] [(mi.ú.da) ω]; (em PB) [(a.mo.ça) ω] [(bo.ni.ta) ω].

Sf = sujeito formado por um único sintagma sintático, duas palavras fonológicas e por mais de três sílabas. Exemplo: (em PE) [(o.Jo.ão)ω(zí.nho)ω]; (em PB) [(o.por.to)ω(ri.que.nho)ω].

Vcurto/Vc = verbo constituído por até três sílabas. Exemplos: verbo inacusativo = [(che.gou)ω]; verbo inergativo = [(dan.çou)ω]; verbo transitivo = [(a.chou)ω].

Vlongo/VI = verbo constituído por mais de três sílabas. Exemplos: verbo inacusativo = [(de.sa.pa.re.ceu)ω]; verbo inergativo = [(te.le.fo.nou)ω], verbo transitivo = [(en.con.trou)ω].

VA = verbo + advérbio, cuja soma do número de sílabas destes dois elementos é maior que 3. Exemplos: verbo inacusativo + advérbio = [(che.gou)ω] [(de.pre.ssa)ω]; verbo inergativo + advérbio = [(dan.çou)ω] [(on.tem)ω]; verbo transitivo + advérbio = [(a.chou)ω] [(on.tem)ω].

Ocurto/Oc = objeto formado por um único sintagma sintático, uma única palavra fonológica e por até três sílabas. Exemplo: [(o.tex.to)ω].

Olongo/OI = objeto formado por um único sintagma sintático, uma única palavra fonológica e por mais de três sílabas. Exemplo: [(os.do.cu.men.tos) ω]

OO = objeto formado por dois sintagmas sintáticos, duas palavras fonológicas e por mais de três sílabas. Exemplo: [(os.pa.péis)ω] [(ve.lhos)ω].

Of = objeto formado por um único sintagma sintático, duas palavras fonológicas e por mais de três sílabas. Exemplo: (em PE) [(o.pa.pe)ω(li.nho)ω]; (em PB) [(a.A.na)ω(Mo.rais)ω].

Porém, embora não tenha sido encontrada diferença estatisticamente significativa, ainda é possível notarmos um aumento da escolha por sentenças com ordem 2, quando o sujeito é pesado fonologicamente, como mostra a figura 2. Repare que, quando o sujeito é leve fonologicamente (ex.: [(a.A.na) ω]), a ordem preferencial é a ordem 1 (56,3% (49) em 100% (87) dos dados), enquanto quando o sujeito é pesado, ou seja, quando é longo (ex.: [(o.he.li.cóp.te.ro) ω]), ou complexo sintática e fonologicamente (ex.: [(a.be.la)ω][(mi.ú.da)ω]), ou complexo apenas fonologicamente (ex.: [(o.bi.o)ω(mé.di.co)ω]), a escolha predominante é por sentenças inacusativas com a ordem 2 (respectivamente, 57,5% (50), 52,9% (46) e 55,2%(48) em 100%(87) dos dados).

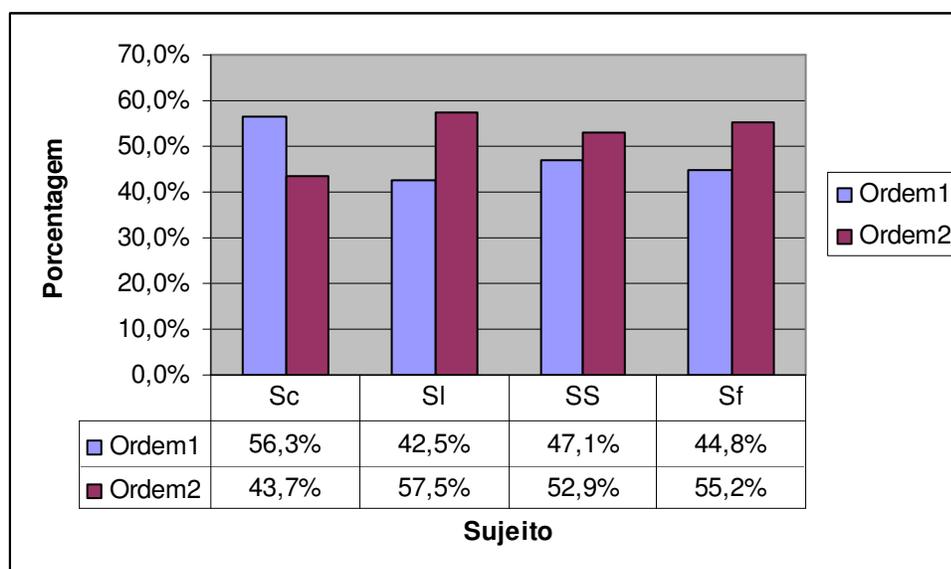


Figura (2): Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito nas sentenças **inacusativas do PE**. Exemplos de verbos inacusativos: chegou, desapareceu.

PB

Sujeito	Scurto	Slongo	SS	Sf
Scurto	-	*0,000298	0,084722	*0,022861
Slongo	*0,000298	-	0,362345	0,651879
SS	0,084722	0,362345	-	0,966466
Sf	*0,022861	0,651879	0,966466	-

Quadro 2'. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **inacusativas do PB**.

Diferentemente de PE, em PB, há diferença estatisticamente significativa para a posição do sujeito focalizado, quando se leva em conta o peso fonológico do sujeito nos dados com verbos inacusativos. No quadro 2', ao compararmos os resultados dos dados com sujeitos longos (ex.: [(o.he.li.cóp.te.ro) ω]) e sujeitos complexos fonologicamente (ex.: [(o.por.to)ω(ri.que.nho)ω]) com os dados de sujeitos curtos (ex.: [(a.A.na) ω]), nota-se que há diferença estatisticamente significativa entre a escolha pelas ordens 1 e 2 com estes dois tipos de dados.

Pela observação da figura 2', nota-se um aumento de escolha por sentenças com o sujeito focalizado ocupando a margem direita da sentença, quando este sujeito é pesado fonologicamente (sujeito longo: [(o.he.li.cóp.te.ro) ω], sujeito complexo sintática e fonologicamente: [(a.mo.ça)ω(bo.ni.ta)ω] e sujeito complexo fonologicamente: [(o.por.to)ω(ri.que.nho)ω]) e uma diminuição de escolha por sentenças com o sujeito ocupando esta mesma posição, quando o mesmo é leve fonologicamente (sujeito curto: [(a.A.na) ω]). Porém, também através da observação da mesma figura, nota-se que a ordem pré-verbal do sujeito é ainda a preferida pelos falantes nos dados com verbos inacusativos constituídos pelos diferentes tipos de sujeito (respectivamente, 95,4% (104) de ordem 1 em 100% (109) dos dados de Sc, 73,4% (80) de ordem 1 em 100% (109) dos dados de Sl, 82,4%(89) de ordem 1 em 100% (108) dos dados de SS e 79,8% (87) de ordem 1 em 100% (109) dos dados de Sf). Estes resultados diferem dos de PE, variedade na qual a ordem preferencialmente escolhida pelos falantes passa ser a ordem 2 quando o sujeito é pesado fonologicamente.

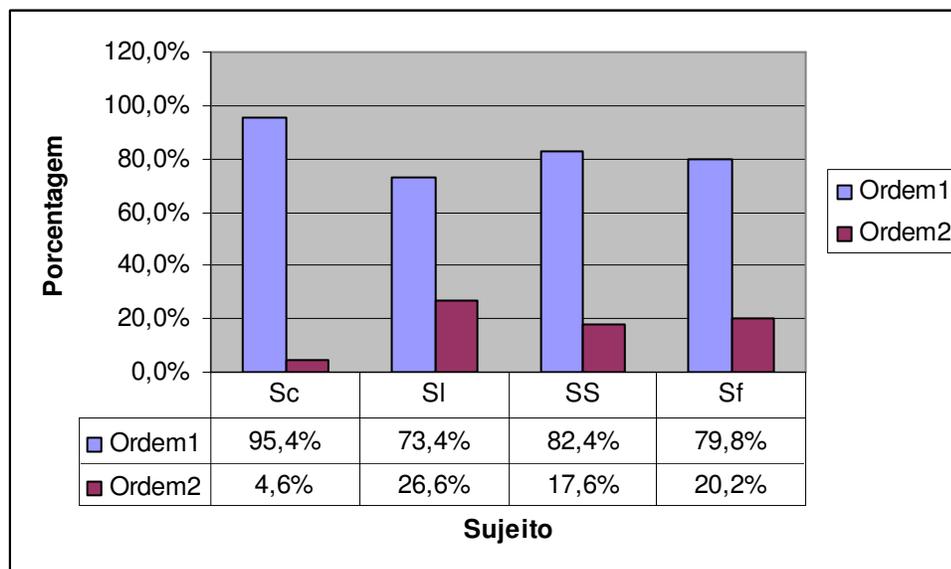


Figura (2'): Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito nas sentenças **inacusativas do PB**. Exemplos de verbos inacusativos: chegou, desapareceu.

4.2.2.3.

Peso e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos inergativos

PE

Sujeito	Scurto	Slongo	SS	Sf
Scurto	-	0.967438	0.507215	0.703079
Slongo	0.967438	-	0.792308	0.927297
SS	0.507215	0.792308	-	0.989926
Sf	0.703079	0.927297	0.989926	-

Quadro 3. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **inergativas do PE**.

Assim como para os verbos inacusativos, também para os verbos inergativos, não há diferença estatisticamente significativa entre as ordens 1 e 2 quando a variável 'peso fonológico do sujeito' é considerada nos dados de PE.

Embora não haja diferença estatística significativa, nota-se uma escolha maior por sentenças com a ordem 2, quando o sujeito é pesado fonologicamente (sujeito longo: [(o.go.ver.na.dor) ω], sujeito complexo sintática e fonologicamente: [(o.be.lo)ω(ra.paz)ω] e sujeito complexo apenas fonologicamente: [(o.Jo.ão)ω(zi.nho)ω]), do que quando o sujeito é leve fonologicamente (sujeito curto: [(o.Jo.sé) ω]). Porém, ainda que haja uma maior escolha por sentenças inergativas com a ordem 2 quando o sujeito é pesado fonologicamente, a ordem 1 é preferencialmente escolhida pelos falantes de PE nos dados de sentenças inergativas com os diferentes tipos de sujeito, como mostra a figura 3 (respectivamente: 64,8% (46) de ordem 1 em 100% (71) dos dados de Sc, 60,6% (43) de ordem 1 em 100% (71) dos dados de SI, 52,1% (37) de ordem 1 em 100% dos dados de SS (71) e 54,9% (39) de ordem 1 em 100% (71) dos dados de Sf).

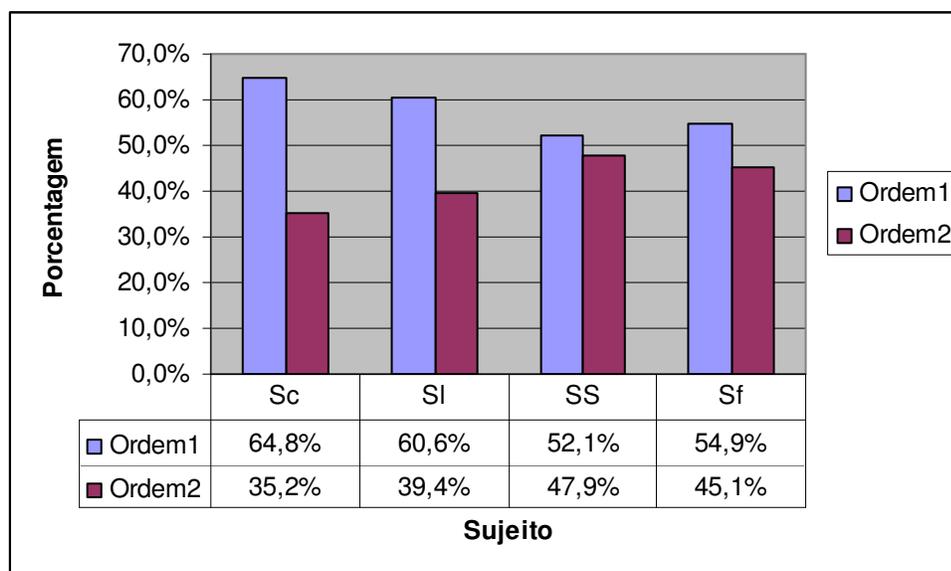


Figura (3): Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito em sentenças **inergativas do PE**. Exemplos de verbos inergativos: dançou, telefonou.

PB

Sujeito	Scurto	Slongo	SS	Sf
Scurto	-	1,000000	1,000000	1,000000
Slongo	1,000000	-	1,000000	1,000000
SS	1,000000	1,000000	-	1,000000
Sf	1,000000	1,000000	1,000000	-

Quadro 3'. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 em sentenças **inergativas do PB**.

Os resultados do quadro 3' revelam que não há diferença estatisticamente significativa para a posição do sujeito focalizado nos dados com verbos inergativos do PB quando consideramos o peso fonológico do sujeito. Através da observação da figura 3', nota-se que, independentemente de o sujeito ser leve fonologicamente (sujeito curto: [(o.Jo.sé) ω]) ou pesado (sujeito longo: [(o.bo.li.vi.a.no) ω], sujeito complexo sintática e fonologicamente: [(o.ra.paz)ω(bo.ni.to)ω] e sujeito complexo fonologicamente: [(o.por.to)ω(a.le.gren.se)ω]), há sempre uma escolha preferencialmente maior por sentenças inergativas em que o sujeito focalizado ocupa a posição pré-verbal. Por sua vez, há uma escolha quase inexpressiva por sentenças em que o sujeito ocupa a margem direita da sentença (4,6% (5) em 100% (109) dos dados consituídos pelos diferentes tipos de sujeito).

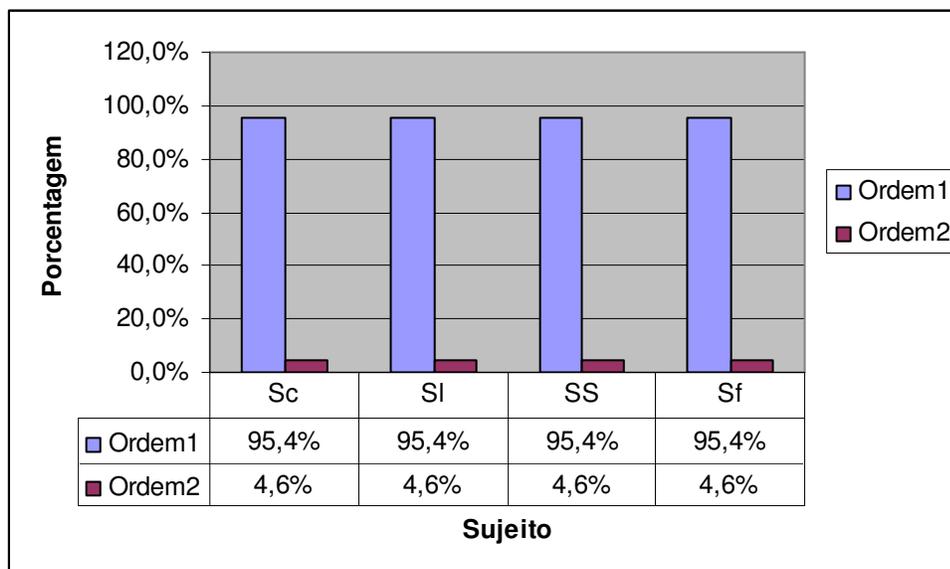


Figura (3'): Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito nas sentenças **inergativas do PB**. Exemplos de verbos inergativos: dançou, telefonou.

4.2.2.4.

Peso e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos transitivos

PE

Sujeito	Scurto	Slongo	SS	Sf
Scurto	-	0.944069	0.163653	0.878405
Slongo	0.944069	-	0.438810	0.997709
SS	0.163653	0.438810	-	0.557131
Sf	0.878405	0.997709	0.557131	-

Quadro 4. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **transitivas do PE**.

Assim como para os demais tipos de verbo, os resultados do quadro 4 indicam que também não há diferença estatisticamente significativa entre a escolha dos falantes de PE pelas ordens 1 e 2 quando se considera a variável 'peso fonológico do sujeito' nos dados com verbos transitivos. A figura 4 mostra que, nos

dados de sentenças transitivas de PE com os diferentes tipos de sujeito, a escolha predominante é por sentenças com a ordem 1 (respectivamente 96,5% (223) de ordem 1 com Sc, 95,2% (220) de ordem 1 com SI, 91,8% (212) de ordem 1 com SS e 94,8% (219) de ordem 1 com Sf em 100% (231)). Todavia, quando o sujeito é pesado fonologicamente (sujeito longo: [(a.his.to.ri.a.do.ra) ω], sujeito complexo sintática e fonologicamente: [(o.ra.paz)ω(es.per.to)ω] e sujeito complexo fonologicamente: [(o.pro.fe.sso)r)ω(zi.nho)ω]), observa-se um ligeiro aumento da escolha por sentenças transitivas com a ordem 2, porém, não tão expressivo quanto o aumento pela escolha por sentenças inacusativas e inergativas com a ordem 2 com sujeitos pesados fonologicamente nesta variedade de português.

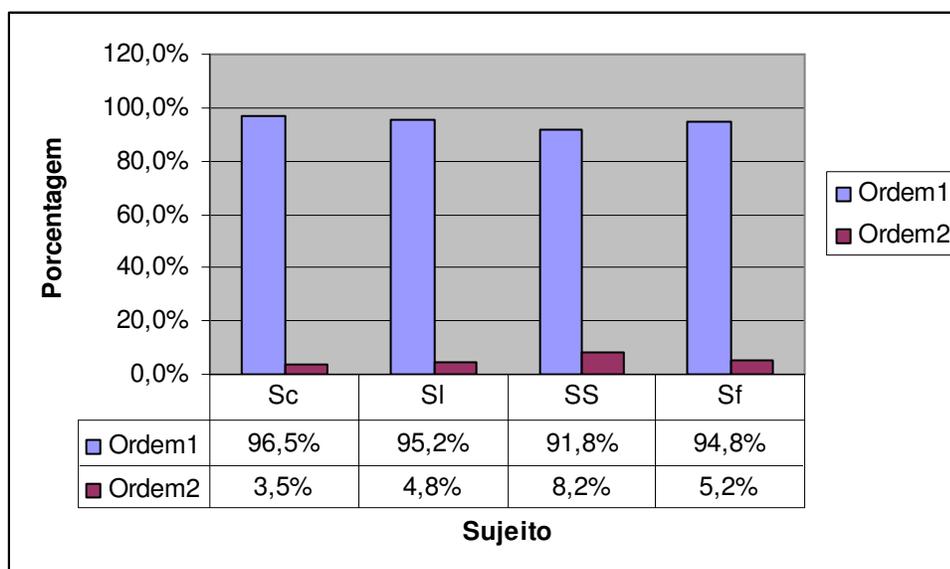


Figura (4): Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito nas sentenças **transitivas do PE**. Exemplos de verbos transitivos: beijou, encontrou.

PB

Sujeito	Scurto	Slongo	SS	Sf
Scurto	-	0,991619	0,482646	0,832801
Slongo	0,991619	-	0,669388	0,945495
SS	0,482646	0,669388	-	0,938750
Sf	0,832801	0,945495	0,938750	-

Quadro 4'. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de sujeito e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **transitivas do PB**.

Não há diferença estatisticamente significativa para a posição do sujeito focalizado nos dados com verbos transitivos de PB quando consideramos o peso fonológico do sujeito, como revelam os resultados do quadro 4'. Pela observação da figura 4' nota-se que, independentemente de o sujeito ser leve fonologicamente (sujeito curto: [(a.A.na) ω]) ou pesado (sujeito longo: [(os.his.to.ri.a.do.res) ω]), sujeito complexo sintática e fonologicamente: [(os.a.lu.nos)ω(há.beis)ω] e sujeito complexo fonologicamente: [(os.no.va)ω(ior.qui.nos)ω]), há sempre a escolha nitidamente preferencial por sentenças em que o sujeito focalizado ocupa a posição pré-verbal e quase não há escolha por sentenças em que o sujeito ocupa a margem direita da sentença (respectivamente, 1,1% (3) de ordem 2 em 100% (285) dos dados de Sc, 1,4% (4) de ordem 2 em 100% (283) dos dados de Sl, 2,8% (8) de ordem 2 em 100% (283) dos dados de SS e 2,1% (6) de ordem 2 em 100% (285) dos dados de Sf).

Cabe acrescentar que, se compararmos a figura 4 de PE com a figura 4' de PB, nota-se uma escolha um pouco maior por sentenças com a ordem 2 em PE do que em PB, embora as sentenças transitivas com a ordem 1 sejam as preferencialmente escolhidas pelos falantes das duas variedades de português.

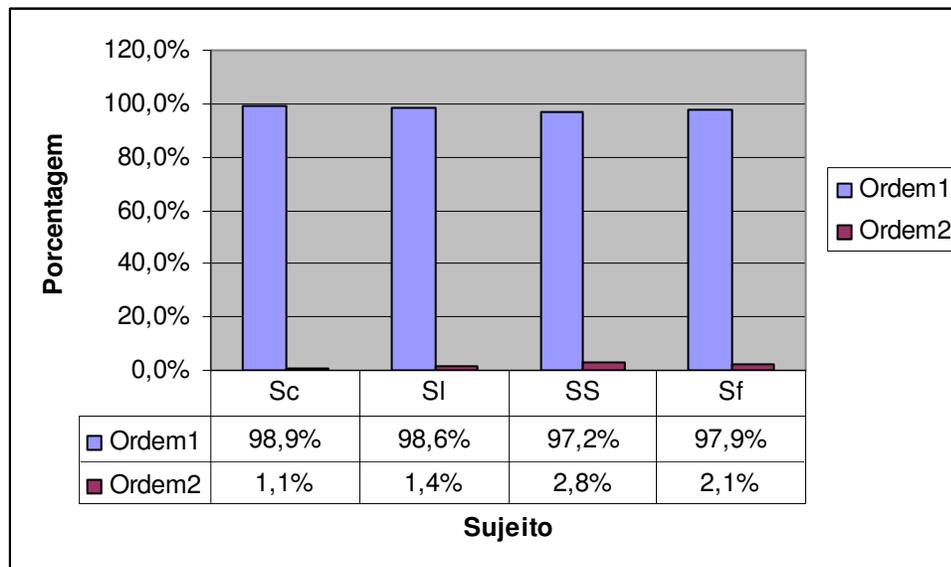


Figura (4'): Relação entre ordem e peso fonológico do sujeito nas sentenças **transitivas do PB**. Exemplos de verbos transitivos: beijou, encontraram, aprenderam.

4.2.2.5.

Peso do predicado e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos inacusativos.

PE

Verbo	Vcurto	VA	Vlongo
Vcurto	-	*0.000000	0.068298
VA	*0.000000	-	*0.000000
Vlongo	0.068298	*0.000000	-

Quadro 5. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **inacusativas do PE**.

Os resultados do quadro 5 revelam que há diferença estatisticamente significativa entre as ordens 1 e 2, quando os dados com verbos inacusativos de PE são comparados com relação ao peso do predicado. Predicados complexos sintática e fonologicamente (VA: verbo + advérbio), como exemplificado em (10), proporcionam uma diminuição estatisticamente significativa pela escolha de

sentenças nas quais o sujeito ocupa a margem direita, quando comparados a predicados simples sintática e fonologicamente (compostos por 1 sintagma sintático e por 1 ω), ou seja, compostos unicamente pelo verbo inacusativo (seja o verbo inacusativo curto em número de sílabas (ex: che.gou. = 2 sílabas) ou longo (ex.: de.sa.pa.re.ceu. = 5 sílabas)). Enquanto a ordem preferencialmente escolhida pelos falantes de PE para sentenças inacusativas com predicado simples sintática e fonologicamente é a ordem 2 (70,1% (115) de ordem 2 em 100% (164) dos dados de Vc e 56,5% (40) de ordem 2 em 100% (92) dos dados de VI); como mostra a figura 5, para sentenças inacusativas com predicado complexo sintática e fonologicamente, a ordem preferencialmente escolhida pelos mesmos falantes passa ser a ordem 1 (83,7% (77) de ordem 1 em 100% (92) dos dados de VA).

Os resultados apresentados no quadro 5 ainda apontam que a diferença entre as ordens 1 e 2 não é estatisticamente significativa, quando os dados com verbos inacusativos são comparados em relação ao número de sílabas ($V_{\text{curto}_{\text{inacusativo}}}$ [(che.gou) ω] versus $V_{\text{longo}_{\text{inacusativo}}}$: [(de.sa.pa.re.ceu) ω]). Todavia, verbos inacusativos curtos propiciam um aumento expressivo da escolha por sentenças em que o sujeito ocupa a margem direita da sentença, como pode ser constatado pela observação da figura 5.¹²

- (10) a. Verbo inacusativo + advérbio: [(che.gou) ω] [(de.pre.ssa) ω] → 2 sintagmas sintáticos e 2 palavras fonológicas.

¹² A diferença entre as escolhas pelas ordens 1 e 2 nos dados com verbos inacusativos é quase significativa (0.068298), considerando $p < 0,05$, quando se comparam os dados com verbo curto e verbo longo (conferir quadro 5).

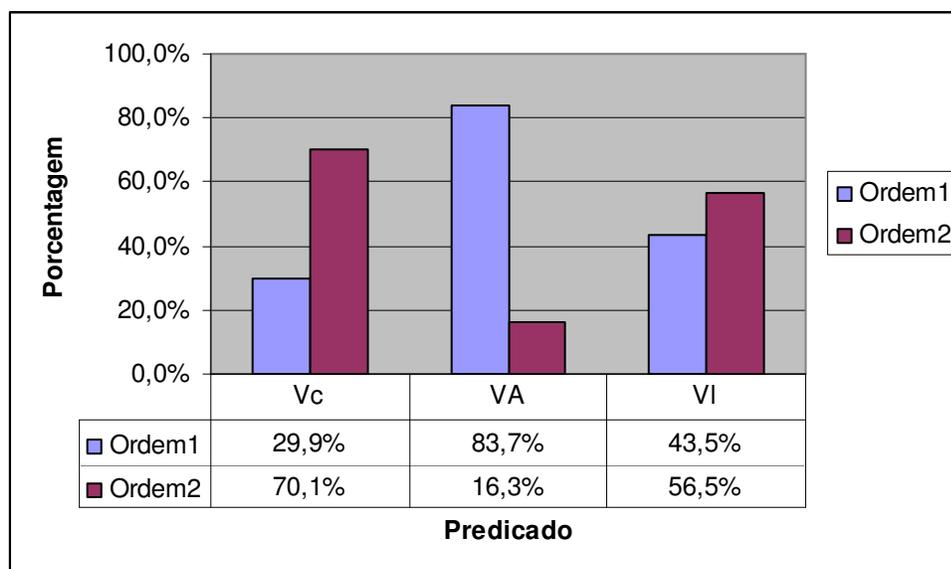


Figura (5): Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do predicado nas sentenças **inacusativos do PE**. Exemplos de verbos inacusativos: chegou, desapareceu.

PB

Verbo	Vcurto	VA	Vlongo
Vcurto	-	*0,010403	*0,005125
VA	*0,010403	-	0,981053
Vlongo	*0,005125	0,981053	-

Quadro 5'. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **inacusativas do PB**.

Os resultados do quadro 5' mostram que há diferença estatisticamente significativa para a posição do sujeito focalizado com verbos inacusativos, quando se considera o peso fonológico do predicado em PB.

Ao compararmos os resultados dos dados com predicados pesados fonologicamente (verbo longo: [(de.sa.pa.re.ceu) ω] e verbo + advérbio: [(che.gou) ω] [(de.pre.ssa) ω]) com os dados com predicados leves fonologicamente (verbo curto: [(che.gou) ω]), constata-se diferença estatisticamente significativa entre a escolha pelas ordens 1 e 2 nos dados constituídos por estes dois diferentes tipos de predicado. Através da observação da

figura 5', nota-se que, enquanto predicados leves fonologicamente (verbo curto) proporcionam um aumento da escolha por sentenças com o sujeito ocupando a margem direita (24,5%); predicados pesados (verbo + advérbio e verbo longo) proporcionam uma diminuição por esta mesma escolha (11,3% de ordem 2 nos dados de VA e 10,3% de ordem 2 nos dados de VI) e, conseqüentemente, um aumento pela escolha de sentenças em que o sujeito ocupa a posição pré-verbal.

Porém, ainda através da observação da mesma figura, nota-se que a ordem preferencial nas sentenças inacusativas do PB difere da ordem preferencial neste mesmo tipo de sentenças do PE. Em PE, a ordem 2 (sujeito na margem direita) é a preferencialmente escolhida pelos falantes para as sentenças inacusativas com predicados constituídos por verbo curto e verbo longo e a ordem 1 (sujeito pré-verbal) é a preferencialmente escolhida para as sentenças inacusativas com predicados constituídos por verbo + advérbio. Já em PB, a ordem 1 é a preferida pelos falantes nas sentenças inacusativas constituídas pelos diferentes tipos de predicado (respectivamente, 75,5% (154) de ordem 1 em 100% (204) dos dados de Vc, 88,7% (102) de ordem 1 em 100% (115) dos dados de VA e 89,7% (104) de ordem 1 em 100%(116) dos dados de VI).

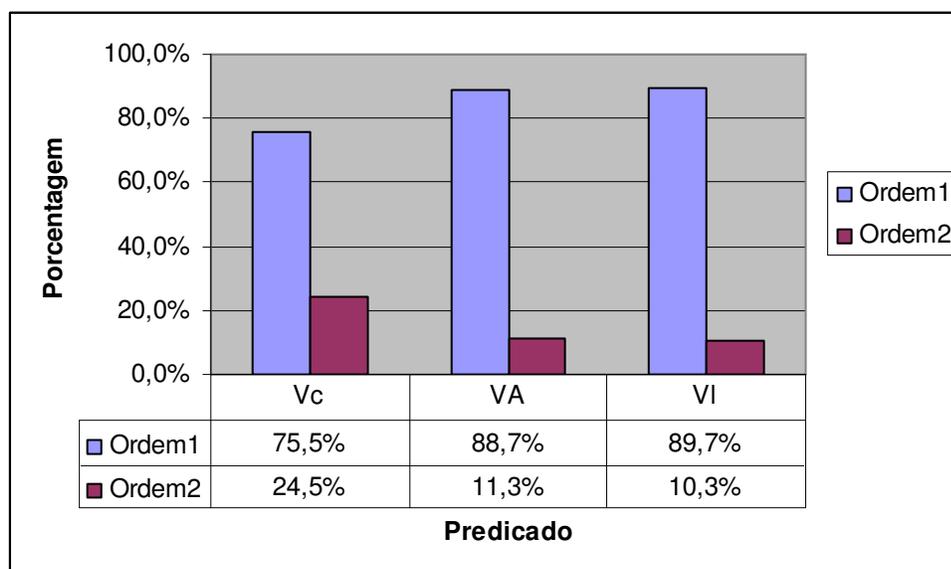


Figura (5'): Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do predicado nas sentenças **inacusativas do PB**. Exemplos de verbos inacusativos: chegou, desapareceu.

4.2.2.6.

Peso do predicado e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos inergativos.**PE**

Verbo	Vcurto	VA	Vlongo
Vcurto	-	*0.000000	0.597126
VA	*0.000000	-	*0.000000
Vlongo	0.597126	*0.000000	-

Quadro 6. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **inergativas do PE.**

Os resultados do quadro 6 revelam que há diferença estatisticamente significativa entre as ordens 1 e 2, quando os dados com verbos inergativos são comparados com relação ao peso do predicado em PE.

Semelhante ao que foi constatado para os dados com verbos inacusativos desta mesma variedade de português, também nos dados com verbos inergativos, predicados complexos sintática e fonologicamente (VA: verbo + advérbio), como exemplificado em (11), proporcionam uma diminuição estatisticamente significativa pela escolha de sentenças nas quais o sujeito ocupa a margem direita, quando comparados a predicados simples sintática e fonologicamente (compostos por 1 sintagma sintático e por 1 ω), ou seja, compostos unicamente pelo verbo inergativo (seja o verbo inergativo curto 'dan.çou.' (2 sílabas) ou longo 'te.le.fo.nou.' (quatro sílabas) em número de sílabas).

Assim como nos dados com verbos inacusativos, também nos dados com verbos inergativos, enquanto a ordem 2 é a preferencialmente escolhida pelos falantes para as sentenças com predicado constituído por verbo longo e verbo curto (52% (52) de ordem 2 em 100% (100) dos dados de Vc e 58,7%(54) de ordem 2 em 100% (92) dos dados de Vl), para as sentenças com predicado constituído por verbo + advérbio, a ordem preferencialmente escolhida passa ser a

ordem 1, como pode ser notado pela observação da figura 6 abaixo (85,9%(79) de ordem 1 em 100% (92) dos dados de VA).¹³

- (11) a. Verbo inergativo + advérbio: [(dan.çou)ω] [(on.tem)ω] → 2 sintagmas sintáticos e 2 palavras fonológicas.

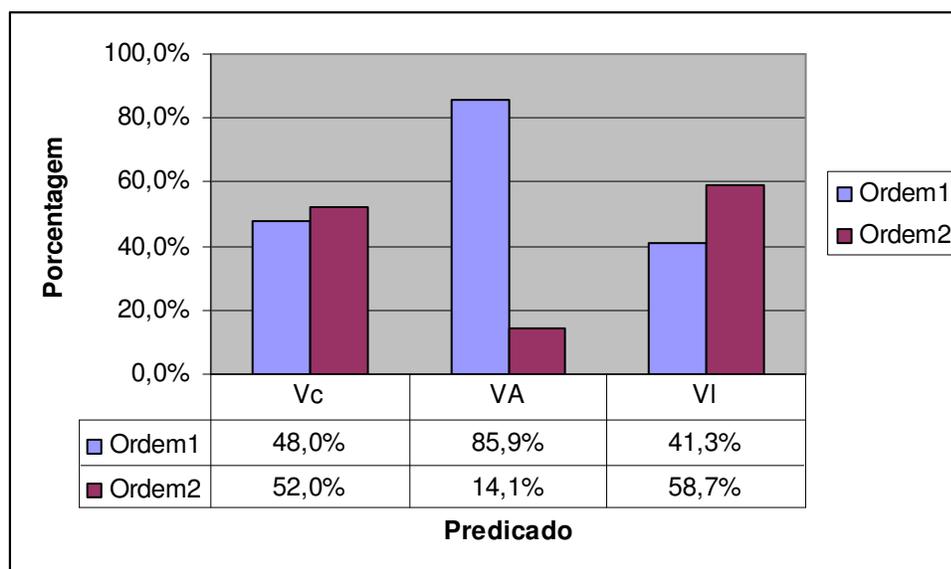


Figura (6): Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do predicado nas sentenças **inergativas do PE**. Exemplos de verbos inergativos: dançou, telefonou.

¹³ Através da observação da figura 6, nota-se um aumento considerável (58,7%) de escolha, realizada pelos falantes de PE, por sentenças inergativas com ordem 2 e constituídas por verbo longo. A razão para tal aumento de escolha por sentenças com ordem 2, neste caso, deve-se ao fato de o verbo longo escolhido na elaboração das sentenças inergativas do experimento 1 ter sido o verbo “telefonar”. Embora este verbo seja constituído por 4 sílabas (te.le.fo.nar), ele é quase sempre produzido pelos falantes nativos de PE constando de apenas 3 sílabas, [tɨfonar], portanto, consistindo, neste tipo de produção, em um verbo curto, e não em um verbo longo. O mesmo é observado para a forma conjugada “telefonou”.

PB

Verbo	Vcurto	VA	Vlongo
Vcurto	-	*0,009274	0,880015
VA	*0,009274	-	*0,006917
Vlongo	0,880015	*0,006917	-

Quadro 6'. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **inergativas do PB**.

Os resultados apresentados no quadro 6' revelam que há diferença estatisticamente significativa para a posição do sujeito nos dados com verbos inergativos do PB, quando os dados com predicados complexos sintática e fonologicamente (verbo + advérbio: [(dan.çou) ω] [(on.tem) ω]) são comparados com os dados com predicados constituídos por verbo curto (ex.: [(dan.çou) ω]) e por verbo longo (ex.: [(te.le.fo.nou) ω]).

Nos dados de sentenças inergativas com predicado complexo sintática e fonologicamente, a escolha por sentenças em que o sujeito ocupa a margem direita é maior (10,3% (12) de ordem 2 em 100% (116) dos dados de VA), quando comparada à escolha por este mesmo tipo de sentença nos dados com predicados constituídos por verbo curto e verbo longo (2,9% (6) de ordem 2 em 100% (204) dos dados de Vc e 1,7% (2) de ordem 2 em 100% (116) dos dados de VI), como pode ser observado na figura 6'. Conjecturamos que esta escolha maior por sentenças com a ordem 2 com este tipo de dado se deva ao fato de o sujeito poder estar deslocado, em um sintagma entoacional diferente do sintagma entoacional constituído pelo verbo + advérbio.¹⁴ Porém, acrescenta-se que, em todos os dados com verbos inergativos constituídos pelos diferentes tipos de predicado, a escolha por sentenças em que o sujeito focalizado ocupa a posição pré-verbal é a escolha preferencial realizada pelos falantes de PB, como revela a figura 6'.

¹⁴ Não é possível afirmarmos o exposto categoricamente, posto que o experimento 1 não é um experimento de produção oral.

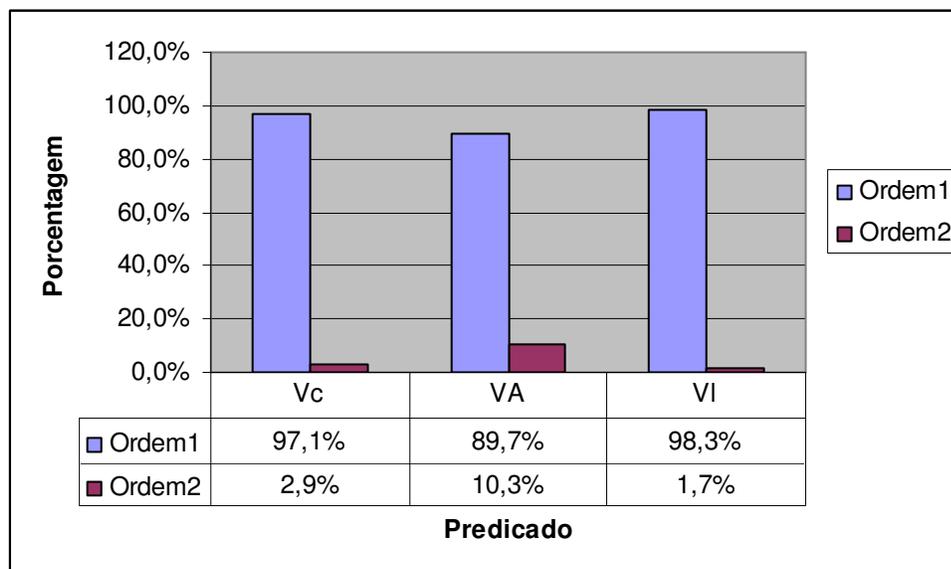


Figura (6'): Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do predicado nas sentenças **inergativas do PB**. Exemplos de verbos inergativos: dançou, telefonou.

4.2.2.7.

Peso do predicado e posição do sujeito focalizado em sentenças com verbos transitivos

PE

Verbo	Vcurto	Vlongo	VA
Vcurto	-	0.672350	0.459438
Vlongo	0.672350	-	0.102090
VA	0.459438	0.102090	-

Quadro 7. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado verbal e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **transitivas do PE**.

PE

Objeto	Ocurto	Olongo	OO	Of
Ocurto	-	0.999993	0.262432	0.751850
Olongo	0.999993	-	0.300194	0.769307
OO	0.262432	0.300194	-	0.867363
Of	0.751850	0.769307	0.867363	-

Quadro 8. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de objeto e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **transitivas do PE**.

Os resultados dos quadros 7 e 8 indicam que não há diferença estatisticamente significativa entre as ordens 1 e 2 quando é levada em consideração a variável 'peso fonológico do predicado' em sentenças com verbos transitivos em PE. Porém, como mostra a figura (7), nota-se que objetos curtos (Ocurto: [(o.tex.to) ω]) e longos (Olongo: [(os.do.cu.men.tos) ω]) proporcionam um ligeiro aumento da escolha por sentenças em que o sujeito com foco de informação ocupa a margem direita (6,9% (19) de ordem 2 em 100% dos dados de Oc (276) e 6,9% (15) de ordem 2 em 100% (216) dos dados de Ol). Já objetos complexos sintática e fonologicamente (OO: [(os.pa.péis) ω][(ve.lhos) ω]) e objetos complexos fonologicamente (Of: [(o.pa.pe) ω (li.nho) ω]) proporcionam uma diminuição por esta mesma escolha (respectivamente, 2,8% (6) de ordem 2 em 100% (216) dos dados de OO e 4,6% (10) de ordem 2 em 100% (216) dos dados de Of). Isto parece indicar que é o número de palavras fonológicas, e não o número de sílabas, o fator determinante para o peso fonológico do objeto das sentenças transitivas do PE.

Todavia, ainda acrescentamos que a escolha pela ordem 1 em sentenças transitivas, constituídas pelos diferentes tipos de predicado, é a preferencialmente realizada pelos falantes de PE.

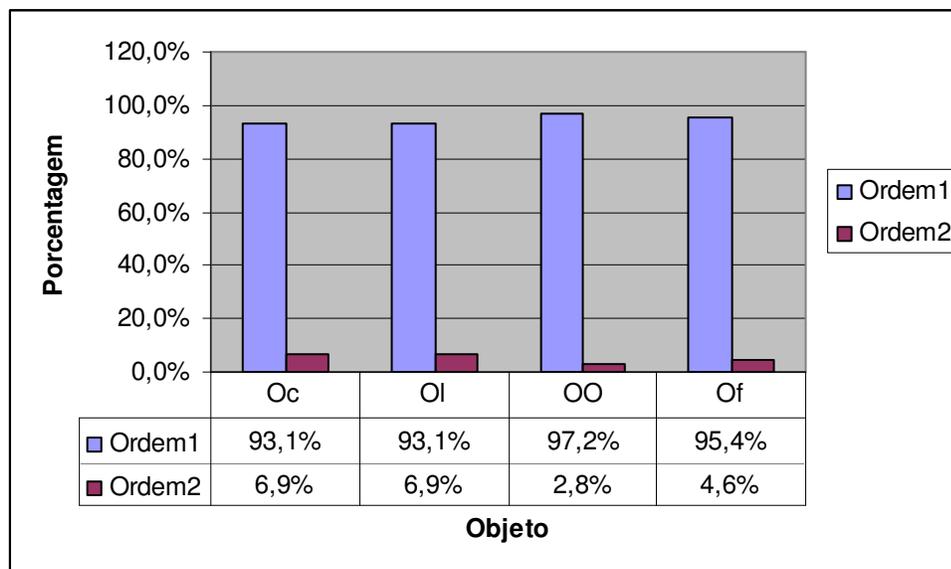


Figura (7): Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do objeto em sentenças com verbos transitivos em PE. Exemplos: achou, encontrou, beijou.

PB

Verbo	Vcurto	Vlongo	VA
Vcurto	-	0,964662	*0,026024
Vlongo	0,964662	-	*0,012279
VA	*0,026024	*0,012279	-

Quadro 7'. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos de predicado verbal e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças transitivas do PB.

Como revelam os resultados do quadro 7', há diferença estatisticamente significativa para a posição do sujeito focalizado com verbos transitivos quando os dados constituídos por 'verbo + advérbio' (ex.: [(a.chou) ω] [(on.tem) ω]) são comparados com os dados com verbo curto (ex.: [(a.chou) ω]) e verbo longo (ex.: [(en.con.tra.ram) ω]).

Quando comparamos estes dois tipos de dados, nota-se que a escolha por sentenças com o sujeito ocupando a margem direita é maior nos dados com 'verbo + advérbio' (3,7% (14) de ordem 2 em 100% (379) dos dados de VA) do que nos dados com verbo curto e verbo longo (respectivamente, 1,1%(4) de ordem 2 em

100% (379) dos dados de Vc e 0,8%(3) de ordem 2 em 100% (378) dos dados de VI), como mostra a figura 7', e esta diferença é estatisticamente significativa, como revela o quadro 7'. Assim como para os dados com verbos inergativos, aqui também conjecturamos que a escolha maior por sentenças transitivas com a ordem 2 nos dados constituídos por 'verbo + advérbio + objeto' em PB se deva ao fato de o sujeito poder estar deslocado, em um sintagma entoacional diferente do sintagma entoacional constituído pelo predicado.¹⁵

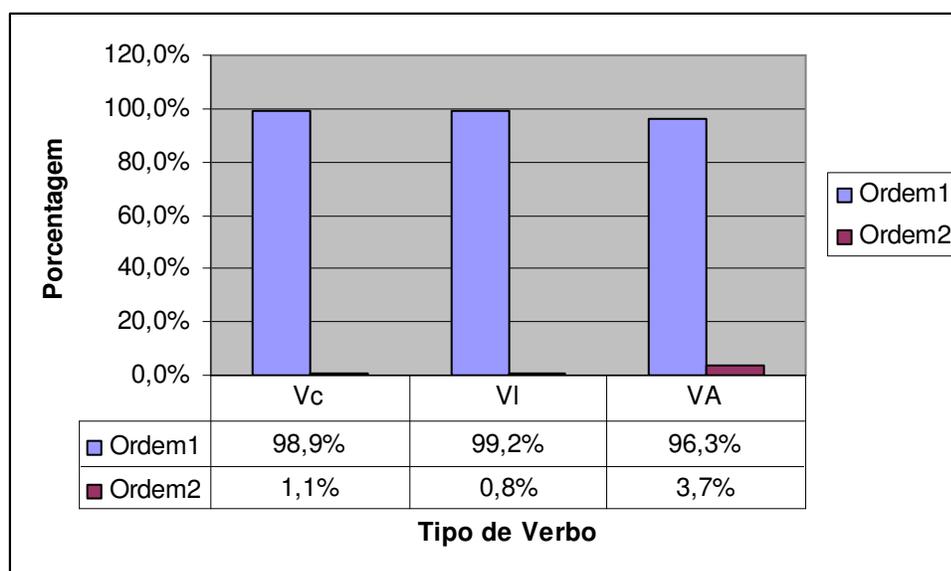


Figura (7'): Relação entre posição do sujeito com foco informacional e tipo de predicado verbal em sentenças transitivas do PB. Exemplos de verbos transitivos: achou, encontrou, beijou.

PB

Objeto	Ocurto	Olongo	OO	Of
Ocurto	-	*0,025126	0,247425	0,131563
Olongo	*0,025126	-	0,816530	0,936210
OO	0,247425	0,816530	-	0,991538
Of	0,131563	0,936210	0,991538	-

Quadro 8'. Resultados da aplicação do teste Scheffé para comparação entre os diferentes tipos objeto e a relação com a escolha pela ordem 1 ou 2 nas sentenças **transitivas do PB**.

¹⁵ Cf. nota 14 deste mesmo capítulo.

Os resultados do quadro 8' indicam que há diferença estatisticamente significativa quando os dados com objeto curto (ex.: [(o.tex.to) ω]) são comparados com os dados com objeto longo (ex.: [(os.do.cu.men.tos) ω]).

Através da observação da figura 8, nota-se que a escolha por sentenças com o sujeito ocupando a margem direita é maior nos dados com objeto curto (3,7% (13) de ordem 2 em 100% (347) dos dados de Oc) do que nos dados com objeto longo (0,4% (1) de ordem 2 em 100% (262) dos dados de Oi), e esta diferença é estatisticamente significativa, como pode ser constatado pelos resultados do quadro 8'.

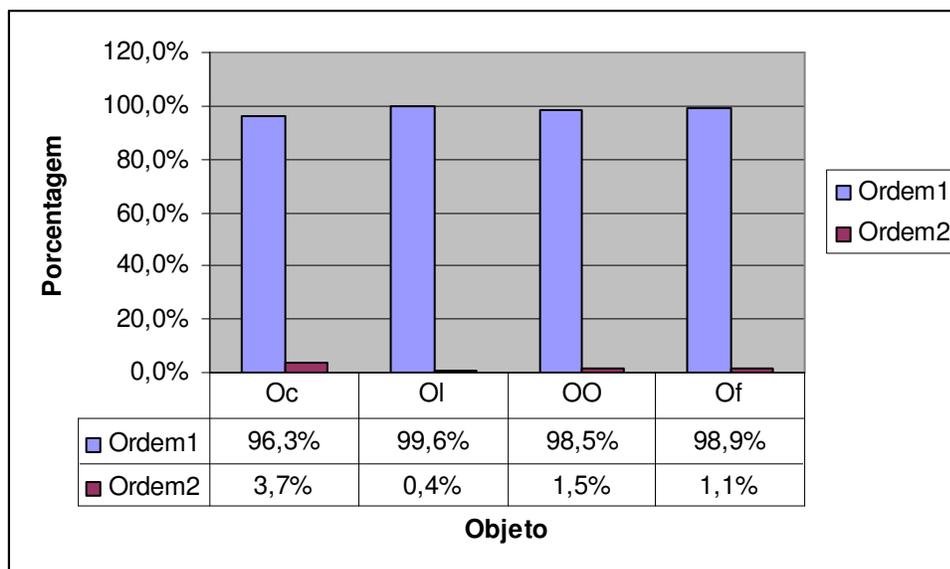


Figura (8): Relação entre posição do sujeito com foco informacional e peso fonológico do objeto nas sentenças **transitivas do PB**. Exemplos de verbos transitivos: achou, encontrou, beijou.

Porém, ainda cabe notar que, assim como foi notado para o PE, também em PB, considerando todos os dados de sentenças transitivas constituídas pelos diferentes tipos de predicado, a escolha por sentenças em que o sujeito focalizado ocupa a posição pré-verbal é a escolha preferencial realizada pelos falantes nativos desta última variedade de português.

4.2.3.

Conclusões do experimento 1

Da comparação dos dados entre as duas variedades de português, apresentamos abaixo os principais resultados do experimento 1.

- 1) **Para a variável 'classe verbal' em PE e PB:** Há diferença estatisticamente significativa para posição do sujeito focalizado, quando consideramos a variável 'classe verbal' nas duas variedades de português. Em PE, há diferença entre as três classes verbais, na medida em que há uma escolha maior por sentenças com a ordem 2, quando formadas por verbos inacusativos do que quando compostas por verbos inergativos e transitivos, e há uma escolha maior por sentenças com a ordem 2, quando formadas por verbos inergativos do que quando constituídas por verbos transitivos. No entanto, em PB, há diferença apenas entre os verbos inacusativos e os pertencentes às duas outras classes, dado que há uma escolha maior por sentenças com a ordem 2 nos dados com verbos inacusativos do que nos dados com verbos inergativos e transitivos.
- 2) **Para a variável 'peso fonológico do sujeito' em PE e PB:** Não há diferença significativa estatisticamente para a posição do sujeito focalizado em PE, considerando a variável 'peso fonológico do sujeito' nas sentenças com os verbos pertencentes às diferentes classes. Porém, nota-se a tendência para o aumento de escolha por sentenças com a ordem 2 nos dados das sentenças com sujeito pesado fonologicamente, constituídas pelos verbos das diferentes classes. Já em PB, há diferença estatisticamente significativa para a posição do sujeito focalizado, considerando a variável 'peso fonológico do sujeito' nos dados com verbos inacusativos, mas não há diferença estatisticamente significativa considerando esta mesma variável para os dois outros tipos de verbo. Há uma escolha predominante pela ordem 1 nas sentenças inergativas e transitivas, independentemente do peso fonológico do sujeito. Por sua vez, com os verbos inacusativos, há uma escolha maior de sentenças com a ordem 2 quando o sujeito é pesado do que quando é leve fonologicamente.
- 3) **Para a variável 'peso fonológico do predicado' em PE:** Há diferença estatisticamente significativa em PE para a posição do sujeito focalizado, quando a variável 'peso fonológico do predicado' é levada em conta nos dados com verbos inacusativos e inergativos, mas não há diferença significativa estatisticamente para a posição do sujeito focalizado, considerando esta mesma variável nos dados com verbos transitivos. A escolha preferencial é pela ordem pré-verbal do sujeito nos dados das

sentenças transitivas com os diferentes tipos de predicados e nos dados das sentenças inergativas e inacusativas com predicado constituído por 'verbo + advérbio'. Já nos dados de sentenças inergativas e inacusativas compostas por predicados constituídos por nenhum elemento lexical a mais além do verbo, a escolha preferencial é pelo sujeito na margem direita da sentença.

- 4) **Para a variável 'peso fonológico do predicado' em PB:** Diferentemente de PE, em PB, o sujeito pré-verbal é sempre a ordem preferencial, independentemente do tipo do predicado nos dados das sentenças constituídas pelos verbos pertencentes às diferentes classes. Porém, acrescentamos que há diferença estatisticamente significativa em PB, quando se considera o peso fonológico do predicado nas sentenças inacusativas. A escolha pela ordem 2 é maior nos dados com inacusativos de predicado leve fonologicamente (verbo curto em número de sílabas), se comparada aos dados das sentenças inacusativas formadas por predicado pesado (com verbo longo em número de sílabas ou constituídos por 'verbo + advérbio') e esta diferença é estatisticamente significativa. No caso dos dados de sentenças inergativas e transitivas, quando o predicado é constituído por verbo + advérbio, a escolha pela ordem 2 é maior do que nos dados constituídos pelos outros tipos de verbo e esta diferença é significativa estatisticamente. No caso dos dados de sentenças transitivas com objeto curto, há uma escolha maior pela ordem 2, se comparada aos dados com objeto longo, e essa diferença é também significativa estatisticamente.

Conclusões mais gerais do experimento 1:

- I. De um modo geral, há uma escolha maior por sentenças inacusativas, inergativas e transitivas com a ordem 2 em PE do que em PB.
- II. Em PB, a ordem 1 é sempre a preferencial nos dados com os diferentes tipos de verbo, diferentes tipos de predicado e diferentes tipos de sujeito. Já em PE, a ordem 2 é a preferencial para: (a) as sentenças inacusativas com sujeito pesado fonologicamente e com predicado constituído somente pelo verbo; e (b) para as sentenças inergativas com predicado constituído somente pelo verbo. Já a ordem 1 é a preferencial para as sentenças transitivas e para as sentenças inacusativas e inergativas com predicado constituído por 'verbo + advérbio' desta mesma variedade de português.
- III. Em PB, parece haver uma nítida distinção entre os inacusativos e os demais tipos de verbo (inergativos e transitivos), enquanto, em PE, parece haver uma nítida distinção entre os transitivos e os demais tipos de verbo (inacusativos e inergativos). Em PB, há uma maior escolha por sentenças inacusativas com a ordem 2, se comparada à escolha por sentenças inergativas e transitivas com esta mesma ordem. Já em PE, há uma maior

escolha por sentenças inacusativas e inergativas (com predicado constituído só pelo verbo) com a ordem 2, se comparada à escolha por sentenças transitivas com esta mesma ordem.

4.3.

Experimento 2

Levando em conta novamente o peso fonológico dos constituintes 'sujeito' e 'predicado', bem como a classe verbal, o objetivo do experimento 2 era verificar qual a opção de focalização utilizada pelos falantes de PB e PE, quando submetidos a um questionário 'semi-aberto'. Diferentemente do experimento 1, no experimento 2, não eram dadas alternativas aos falantes, entre as quais eles deveriam escolher a que fosse mais natural como resposta à pergunta do contexto pré-estabelecido. No experimento 2, os falantes deveriam dar oralmente respostas elaboradas por eles próprios e que considerassem naturais às perguntas dos contextos precedentes.

4.3.1.

Metodologia

O experimento 2 consistiu na gravação de uma entrevista com 3 falantes nativos de PE (falantes: MJ, P e S) e com 3 falantes nativos de PB (falantes: F, G e T), provenientes respectivamente das cidades de Lisboa e de Campinas, de mesma faixa-etária (16 a 22 anos), mesmo grau de escolaridade (segundo grau completo) e mesmo sexo (feminino). Quanto ao grau de escolaridade, os 3 falantes nativos de PE e os 3 falantes de PB pertenciam ao mesmo grau de escolaridade que os falantes nativos das duas respectivas variedades de português submetidos ao experimento 1.

Também no experimento 2 houve a preocupação com a elaboração de um contexto próprio para a obtenção de foco de informação no sujeito:

- Em PE:
(12) *Contexto: Estamos à espera das governadoras no gabinete. Percebo que vês chegar alguém que eu ainda não vi, então, pergunto-te:*

Quem chegou?

- Em PB:
(12') *Contexto: Estamos à espera das governadoras no gabinete. Percebo que você vê chegar alguém que eu ainda não vi, então, pergunto a você:*

Quem chegou?

No início da entrevista, eram dadas instruções para que os falantes produzissem respostas que achassem naturais, considerando o contexto precedente às perguntas, e que respondessem às perguntas com aquilo que considerassem uma 'frase completa'. Posto que o que se buscava era o estudo da ordem dos constituintes das sentenças em contexto de focalização informacional do sujeito, esta última instrução foi dada para evitar a obtenção de respostas apenas constituídas pelo constituinte focalizado ou por 'foi+constituente focalizado'.

O experimento 2 consistiu de 3 etapas:

I-) Na primeira etapa, os falantes foram submetidos a contextos semelhantes ao apresentado em (12) e (12'), variados com contextos distrativos, ou com a leitura de sentenças distrativas, e com contextos próprios para a obtenção de sentenças neutras, exemplos em (13) e (13'). Cada contexto era sempre apresentado individualmente aos falantes sobre a forma de fichas de papel que eram lidas pelo investigador.

- Em PE:
(13) a. *Contexto: Tu sabes que as governadoras chegaram. Ouí dizer que algo aconteceu, mas não sei exactamente o quê, então, pergunto-te: O que aconteceu?*

Ou:

b. *Contexto: Lê a seguinte notícia:*

'As governadoras chegaram'.

- Em PB:
- (13') a. *Contexto: Você sabe que as governadoras chegaram. Ouvi dizer que algo aconteceu, mas não sei exatamente o quê, então, pergunto a você: O que aconteceu?*

Ou:

- b. *Contexto: Leia a seguinte notícia:*

'As governadoras chegaram'.

Houve a realização de duas repetições desta primeira etapa do experimento para todos os falantes de cada variedade de português.

Nesta primeira etapa, para dois dos falantes de PE (MJ e P), obtivemos casos nos quais a sentença-resposta com foco informacional no sujeito não apresentava, a priori, nenhuma opção de focalização, perceptível ao investigador, que diferenciasse este tipo de sentença das sentenças neutras, em nenhuma das duas repetições realizadas nesta etapa do experimento. Então, para estes casos, submetemos estes dois falantes a uma segunda etapa do experimento.

II-) Na segunda etapa, mostramos, também através de fichas de papel escritas, como na primeira etapa, o contexto para obtenção de sentenças com sujeito focalizado e o contexto para obtenção de sentenças neutras ao mesmo tempo (ver exemplos (12) e (13) acima) e perguntamos aos falantes se havia alguma diferença na forma de produzir as sentenças-resposta, dados os dois diferentes contextos. Em caso de resposta afirmativa, pedíamos para que reproduzissem esta diferença em suas respostas.

III-) Finalmente, na terceira e última etapa de nosso experimento, perguntamos aos falantes de PE e PB se era possível, levando em conta o contexto anterior à pergunta, responder ao tipo de pergunta *'Quem fez algo?'* de uma outra maneira, diferente daquela como haviam respondido na primeira e/ou segunda etapa(s) do experimento. Se respondiam afirmativamente, então, era pedido que respondessem às perguntas de maneira diferente da qual produziram na primeira/segunda etapa(s) do

experimento, mas somente quando achassem que era possível responder de forma natural. Caso contrário, a instrução dada era que utilizassem a maneira que consideravam natural.

As sentenças produzidas pelos 6 falantes (3 falantes de PB e 3 falantes de PE) totalizaram 1718 sentenças (((56 sentenças neutras X 2 repetições + 56 sentenças produzidas com a primeira opção de focalização escolhida pelos falantes X 2 repetições + 56 sentenças produzidas com a segunda opção de focalização escolhida pelos falantes) X 6 falantes) + 38 sentenças produzidas por MJ e P na 2ª etapa do experimento 2 (5 sentenças produzidas por MJ e 33 produzidas por P)). Assim como no experimento 1, também no experimento 2, as variáveis 'peso fonológico dos constituintes 'sujeito' e 'predicado' e 'classe verbal' foram sistematicamente manipuladas na elaboração das 56 sentenças a serem produzidas pelos falantes de diferentes maneiras (de forma neutra e com sujeito focalizado).

Das 56 sentenças produzidas de forma neutra e focalizada pelos falantes, 24 sentenças eram inacusativas, 24 eram inergativas e 8 eram transitivas.¹⁶ Das 24 sentenças inacusativas:

- (i) 2 eram formadas por sujeito curto + verbo curto (ex.: [(As. ve.lhas) ω] [(che.ga.ram) ω]), 2 eram formadas por sujeito longo + verbo curto (ex.: [(As. ve.ne.zu.e.la.nas) ω] [(mo.rre.ram) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por dois sintagmas sintáticos e 2 palavras fonológicas + verbo curto (ex.: [(As. a.lu.nas) ω] [(jo.vens) ω] [(che.ga.ram) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por duas palavras fonológicas e um único sintagma sintático + verbo curto (ex.: [(As. bi.o) ω] (mé.di.cas) ω] [(che.ga.ram) ω]);
- (ii) 2 eram formadas por sujeito curto + verbo + advérbio (ex.: [(As. ve.lhas) ω] [(che.ga.ram) ω] [(ho.je) ω]), 2 eram formadas por sujeito longo + verbo + advérbio (ex.: [(As. ve.ne.zu.e.la.nas) ω] [(mo.rre.ram) ω] [(no.la.go) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por 2 sintagmas sintáticos e 2 palavras fonológicas + verbo + advérbio (ex.: [(As. a.lu.nas)

¹⁶ A menor quantidade de sentenças transitivas se deve ao fato de não ter havido muita variação em relação à posição do sujeito (sendo predominantemente pré-verbal) com este tipo de sentença nos resultados do nosso experimento 1 para as duas variedades de português. Uma vez que o que nos interessava essencialmente era o estudo da variação da posição em que o sujeito aparecia nas sentenças, e foram as sentenças inacusativas e inergativas que apresentaram uma maior variabilidade quanto à posição deste constituinte nas duas variedades de português, optamos por lidar com um número maior de sentenças inacusativas e inergativas e com um número menor de sentenças transitivas. Nas sentenças inacusativas e inergativas, os pesos fonológicos do sujeito e do predicado foram sistematicamente manipulados e, nas sentenças transitivas, apenas o peso fonológico do sujeito foi sistematicamente manipulado.

- ω [(jo.vens) ω] [(che.ga.ram) ω] [(ho.je) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por duas palavras fonológicas e um único sintagma sintático + verbo + advérbio (ex.: [(As. bi.o) ω (mé.di.cas) ω] [(che.ga.ram) ω] [(ho.je) ω]);
- (iii) 2 eram formadas por sujeito curto + verbo longo (ex.: [(As. ve.lhas) ω] [(a.dor.me.ce.ram) ω]), 2 eram formadas por sujeito longo + verbo longo (ex.: [(As. ve.ne.zu.e.la.nas) ω] [(de.sa.pa.re.ce.ram) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por 2 sintagmas sintáticos e 2 palavras fonológicas + verbo longo (ex.: [(As. a.lu.nas) ω] [(jo.vens) ω] [(de.sa.pa.re.ce.ram) ω]) e 2 eram formadas por sujeito constituído por 2 palavras fonológicas e um único sintagma sintático + verbo longo (ex.: [(As. bi.o) ω (mé.di.cas) ω] [(de.sa.pa.re.ce.ram) ω]).

Das 24 sentenças inergativas:

- (i) 2 eram formadas por sujeito curto + verbo curto (ex.: [(As. ve.lhas) ω] [(cho.ra.ram) ω]), 2 eram formadas por sujeito longo + verbo curto (ex.: [(As. ve.ne.zu.e.la.nas) ω] [(cho.ra.ram) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por dois sintagmas sintáticos e 2 palavras fonológicas + verbo curto (ex.: [(As. a.lu.nas) ω] [(jo.vens) ω] [(cho.ra.ram) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por duas palavras fonológicas e um único sintagma sintático + verbo curto (ex.: [(As. bi.o) ω (mé.di.cas) ω] [(ri.ram) ω]);
- (ii) 2 eram formadas por sujeito curto + verbo + advérbio (ex.: [(Os. jo.vens) ω] [(ri.ram) ω] [(ho.je) ω]), 2 eram formadas por sujeito longo + verbo + advérbio (ex.: [(As. ve.ne.zu.e.la.nas) ω] [(cho.ra.ram) ω] [(ho.je) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por 2 sintagmas sintáticos e 2 palavras fonológicas + verbo + advérbio (ex.: [(As. a.lu.nas) ω] [(jo.vens) ω] [(cho.ra.ram) ω] [(ho.je) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por duas palavras fonológicas e um único sintagma sintático + verbo + advérbio (ex.: [(As. bi.o) ω (mé.di.cas) ω] [(ri.ram) ω] [(ho.je) ω]);
- (iii) 2 eram formadas por sujeito curto + verbo longo (ex.: [(As. ve.lhas) ω] [(te.le.fo.na.ram) ω]), 2 eram formadas por sujeito longo + verbo longo (ex.: [(As. ve.ne.zu.e.la.nas) ω] [(te.le.fo.na.ram) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por 2 sintagmas sintáticos e 2 palavras fonológicas + verbo longo (ex.: [(As. a.lu.nas) ω] [(jo.vens) ω] [(te.le.fo.na.ram) ω]) e 2 eram formadas por sujeito constituído por duas palavras fonológicas e um único sintagma sintático + verbo longo (ex.: [(As. bi.o) ω (mé.di.cas) ω] [(tra.ba.lha.ram) ω]).

Das 8 sentenças transitivas:

- (i) 2 eram formadas por sujeito curto + verbo curto + objeto curto (ex.: [(As. ve.lhas) ω] [(la.va.ram) ω] [(as. lu.vas) ω]), 2 eram formadas por sujeito longo + verbo curto + objeto curto (ex.: [(As. ve.ne.zu.e.la.nas) ω] [(la.va.ram) ω] [(as. lu.vas) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por 2 sintagmas sintáticos e 2

palavras fonológicas + verbo curto + objeto curto (ex.: [(As. a.lu.nas) ω] [(jo.vens) ω] [(le.va.ram) ω] [(as. ma.las) ω]), 2 eram formadas por sujeito constituído por duas palavras fonológicas e um único sintagma sintático + verbo curto + objeto curto (ex.: [(As. bi.o) ω (mé.di.cas) ω] [(le.va.ram) ω] [(as. ma.las) ω]).

Na elaboração do *corpus* das 56 sentenças, por motivos de preocupação com a obtenção de sentenças naturais e com a descrição entoacional dos dados das duas variedades de português (tarefa que será realizada no capítulo 5 desta tese), o léxico foi controlado. O *corpus* de sentenças elaborado para este experimento se encontra no anexo desta tese.

4.3.2.

Resultados

Os resultados obtidos no experimento 2, quanto à opção de focalização escolhida pelos falantes, encontram-se nos quadros abaixo. Nestes:

- (i) A notação 'Neutra' indica sentenças nas quais não foi percebida, pelo investigador, nenhuma opção de focalização produzida pelos falantes, que diferenciasses este tipo de sentenças das sentenças neutras.
- (ii) A notação 'Foco pros.' indica que a opção de focalização escolhida pelos falantes foi a marcação de proeminência principal no elemento focalizado, sem alteração na ordem neutra (cf. capítulo 3) dos constituintes das sentenças.
- (iii) A notação '[...S]' indica que a opção de focalização escolhida pelos falantes foi a estratégia de ocupação da margem direita da sentença pelo sujeito focalizado.
- (iv) As notações 'Cliv1', 'Cliv2' e 'Cliv3' indicam que a opção de focalização escolhida pelos falantes foi, respectivamente, a produção de sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula), clivadas e pseudo clivadas.
- (v) A notação 'Outra ordem' indica que foi produzida pelos falantes, em contexto de focalização do sujeito, uma ordem diferente de elementos em relação à ordem ocorrida nos outros tipos de sentenças produzidas pelos falantes neste mesmo contexto de focalização.
- (vi) Na coluna onde aparecem as iniciais correspondentes à identificação dos falantes, também aparece, entre parênteses, a variedade de português a que pertence cada um deles.

Primeira etapa do experimento 2: porcentagens de opções de focalização escolhidas como primeira opção pelos falantes

a) Primeira repetição

Falantes	Neutra	Foco pros.	[...S]	Cliv1	Cliv2	Cliv3	Outra ordem
MJ (PE)	51,8% (29)	42,8% (24)	1,8% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	3,6% (2)
P (PE)	66,1% (37)	7,1% (4)	3,6% (2)	0,0% (0)	0,0% (0)	23,2% (13)	0,0% (0)
S (PE)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (56)	0,0% (0)
F (PB)	14,3% (8)	85,7% (48)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
G (PB)	100,0% (56)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
T (PB)	1,8% (1)	98,2% (55)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)

Quadro 9: Porcentagens de opções de focalização escolhidas pelos falantes na primeira repetição da primeira etapa do experimento 2 (total: 56 sentenças por falantes).

b) Segunda repetição

Falantes	Neutra	Foco pros.	[...S]	Cliv1	Cliv2	Cliv3	Outra ordem
MJ (PE)	8,9% (5)	87,5% (49)	3,6% (2)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
P (PE)	82,1% (46)	1,8% (1)	3,6% (2)	0,0% (0)	0,0% (0)	12,5% (7)	0,0% (0)
S (PE)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (56)	0,0% (0)
F (PB)	1,8% (1)	98,2% (55)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
G (PB)	0,0% (0)	100,0% (56)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
T (PB)	0,0% (0)	100,0% (56)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)

Quadro 10: Porcentagens de opções de focalização escolhidas pelos falantes na segunda repetição da primeira etapa do experimento 2 (total: 56 sentenças por falante).

Segunda etapa do experimento 2: porcentagens de estratégias de focalização escolhidas como primeira opção pelos falantes

Falantes	Neutra	Foco pros.	[...S]	Cliv1	Cliv2	Cliv3	Outra ordem
MJ (PE)	0,0% (0)	100,0% (5)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
P (PE)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (33)	0,0% (0)

Quadro 11: Porcentagens de opções de focalização escolhidas pelos falantes MJ e P na segunda etapa do experimento 2 (total: 5 sentenças produzidas por MJ e 33 sentenças produzidas por P).

Terceira etapa do experimento 2: porcentagens de estratégias de focalização escolhidas como segunda opção pelos falantes

Falantes	Neutra	Foco pros.	[...S]	Cliv1	Cliv2	Cliv3	Outra ordem
MJ (PE)	3,6% (2)	51,8% (29)	35,7% (20)	0,0% (0)	0,0% (0)	5,3% (3)	3,6% (2)
P (PE)	0,0% (0)	0,0% (0)	42,9% (24)	0,0% (0)	0,0% (0)	57,1% (32)	0,0% (0)
S (PE)	14,3% (8)	0,0% (0)	80,4% (45)	0,0% (0)	0,0% (0)	5,3% (3)	0,0% (0)
F (PB)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	67,9% (38)	32,1% (18)	0,0% (0)	0,0% (0)
G (PB)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (56)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
T (PB)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (56)	0,0% (0)	0,0% (0)

Quadro 12: Porcentagens de opções de focalização escolhidas pelos falantes na terceira etapa do experimento 2 (total: 56 sentenças por falante).

Antes de apresentarmos a discussão dos resultados do experimento 2, faz-se necessário comentar a particularidade deste experimento. No caso do experimento 1, uma vez que as possibilidades para a expressão da focalização informacional do sujeito eram dadas previamente aos falantes, e a eles cabia apenas escolher a alternativa mais natural, não houve respostas imprevistas pelo investigador nos resultados obtidos através da realização deste experimento. Já no experimento 2, posto que consistia em um experimento semi-aberto, no qual os próprios falantes elaboravam as respostas para as perguntas constantes do contexto prévio, houve a produção de respostas inesperadas para o investigador.

Se por uma lado, o experimento 2 poderia gerar maiores dificuldades tanto com relação à sua execução por parte dos falantes, quanto na análise dos resultados por parte do investigador; por outro, os resultados obtidos poderiam ser mais ricos quanto às possibilidades de estratégias de focalização utilizadas pelos falantes, fornecendo mais elementos para a análise comparativa das similaridades e diferenças de PB e PE quanto ao fenômeno da focalização informacional do sujeito. De fato, como discutiremos a seguir, houve mais dificuldades na execução deste experimento por parte dos falantes, como pode ser comprovado pela alta produção de sentenças neutras por alguns deles na primeira etapa do experimento. No entanto, os resultados obtidos proporcionaram mais subsídios para uma análise mais completa e satisfatória do fenômeno da focalização informacional do sujeito nas duas variedades de português. Isto porque, se por um lado, a análise geral dos resultados dos experimentos 1 e 2 apresentava maiores dificuldades, por motivos de resultados, em princípio, não convergentes; por outro, um olhar mais atento sobre os dados poderia notar convergências entre os resultados do experimento 1 e do experimento 2 e muito mais informações sobre a própria gramática das duas variedades de português refletidas nas escolhas preferenciais por diferentes estratégias de focalização pelos falantes de PB e PE (este assunto será discutido no capítulo 6 desta tese).

4.3.2.1.

Discussão dos resultados

Quanto aos resultados do experimento 2, a estratégia de focalização escolhida como primeira opção para os falantes de PE nas primeira e segunda etapas deste experimento foi o foco prosódico no caso de MJ e a pseudo-clivagem (cliv3: 'Quem chegou foram os jovens') no caso de P e S, como revelam as percentagens apresentadas nos quadros 9, 10 e 11 acima.

Na primeira repetição da primeira etapa do experimento, **MJ** produziu **42,8% de foco prosódico** e apenas 1,8% de ([...S]), além de 3,6% de outra ordem; **P** produziu **23,2% de pseudo-clivagem** e 10,7% de outro tipo de estratégia (7,1% de foco prosódico + 3,6% de [...S]); e, por sua vez, **S** produziu **100% de pseudo-clivagem**. Na segunda repetição desta mesma primeira etapa, **MJ** produziu **87,5% de foco prosódico** e apenas 3,6% de outro tipo de estratégia ([...S]); **P** produziu **12,5% de pseudo-clivagem** e 5,4% de outro tipo de estratégia (1,8% de foco prosódico + 3,6% de [...S]); e, por sua vez, **S** produziu novamente **100,0% de pseudo-clivagem**. Na segunda etapa do experimento 2, **MJ** produziu as 5 sentenças (**100,0%**), que não havia produzido com estratégia de focalização perceptível ao investigador na primeira e segunda repetições da primeira etapa do experimento 2, agora com **foco prosódico** e **P**, por sua vez, produziu as 33 sentenças (**100,0%**), que não havia produzido com estratégia de focalização perceptível ao investigador na primeira e segunda repetições da primeira etapa do experimento 2, utilizando-se, agora, da estratégia de **pseudo-clivagem**.

A estratégia [...S], na qual o sujeito ocupa a margem direta da sentença, foi a estratégia de focalização escolhida em menor percentagem pelos falantes de PE na primeira etapa do experimento 2. Esta estratégia só é utilizada pelos falantes MJ e P na produção de apenas 7 sentenças (3 sentenças produzidas por MJ e 4 sentenças produzidas por P): sentenças 1. 'Chegaram as velhas' e 47. 'Telefonaram as biomédicas', produzidas por P na primeira repetição; sentença 13. 'Hoje chegaram as alunas jovens', produzida por MJ na primeira e segunda repetições; sentença 9. 'Hoje chegaram as velhas', produzida por MJ na segunda

repetição; e sentenças 5. 'Chegaram as alunas jovens' e 24. 'Adormeceram as biomédicas', produzidas por P na segunda repetição (cf. numeração das sentenças no *corpus* do experimento 2 no anexo desta tese).

Destaca-se que estas 7 sentenças são todas formadas por verbo inacusativo (sentenças 1, 5, 9, 13 e 24) ou inergativo (sentença 47) e a ordem dos elementos encontrada nas sentenças foi sempre VS (sentenças 1, 5, 24 e 47) ou AdvS (sentenças 13 e 9). Ou seja, com o sujeito na margem direita da sentença, porém, sempre posposto ao verbo, independentemente de o predicado ser formado somente pelo verbo inacusativo ou inergativo (caso das sentenças VS) ou por mais um elemento além do verbo (caso das sentenças formadas por sujeito + verbo + advérbio). Neste último caso, o advérbio aparece no início da sentença, seguido respectivamente pelo verbo e pelo sujeito. Não encontramos nenhum caso em que o sujeito se encontrava na margem direita, seguindo o predicado constituído pela ordem verbo + advérbio, ou seja, a ordem VAdvS não foi encontrada em nossos dados.

Quanto a uma outra ordem para os elementos, encontrada em sentenças produzidas em contexto de focalização do sujeito, acrescenta-se que a outra ordem encontrada foi AdvSV. Esta ordem diferente só foi encontrada em duas sentenças inergativas, respectivamente, sentença 35. 'Hoje as governadoras riram.' e 40. 'Hoje as biomédicas choraram.', produzidas pelo falante MJ na primeira repetição da primeira etapa do experimento.

Diferentemente de PE, em que somente um falante desta variedade de português escolheu a estratégia prosódica como estratégia de focalização preferencial na primeira etapa do experimento 2, em PB, a estratégia prosódica é escolhida preferencialmente nesta mesma etapa por todos os falantes desta última variedade.

Na primeira repetição da primeira etapa do experimento 2, F produziu **85,7% de foco prosódico** e 0,0% de outro tipo de estratégia de focalização; T produziu **98,2% de foco prosódico** e 0,0% de outro tipo de estratégia; e G, por sua vez, não apresentou nenhuma estratégia específica de focalização perceptível ao investigador. Na segunda repetição da primeira etapa do experimento, **F** produziu **98,2% de foco prosódico** e 0,0% das outras estratégias e **G e T**

produziram **100,0% de foco prosódico**. A estratégia prosódica de focalização não só é escolhida preferencialmente pelos falantes de PB, como é a única estratégia produzida por estes mesmos falantes nesta primeira etapa do experimento 2.

Como mostrado nos quadros acima, na primeira etapa do experimento 2, os falantes MJ (PE), P (PE) e G (PB) produziram muitas sentenças nas quais não foi percebida, pelo investigador, nenhuma opção de focalização que distinguísse este tipo de sentenças das neutras. A hipótese é a de que estes três falantes só perceberam que as respostas deveriam ser dadas de acordo com os diferentes contextos, a partir da segunda repetição da primeira etapa do experimento, no caso de MJ e G, e na segunda etapa do experimento, no caso de P; ainda que a instrução de considerar o contexto anterior às perguntas tenha sido dada pelo investigador logo no início da primeira repetição da primeira etapa das entrevistas.

Da terceira etapa do experimento 2, destacamos que [...S] é a estratégia de focalização escolhida como segunda opção em relação às estratégias prosódica e clivagem pelos falantes de PE. Isto porque ela só foi escolhida em porcentagem maior pelos falantes, quando pedíamos que eles utilizassem uma estratégia diferente da inicialmente escolhida por eles nas primeiras etapas do experimento. Mesmo havendo uma maior escolha pela estratégia [...S] nesta etapa, ainda houve diferença de frequência quanto à escolha por esta estratégia entre os falantes e também houve a produção das outras estratégias já utilizadas pelos falantes nas duas primeiras etapas. As outras estratégias foram escolhidas quando os falantes achavam que não era natural produzir determinada sentença com a segunda estratégia de focalização escolhida ([...S]).

Na terceira etapa do experimento 2, **MJ** produziu **51,8% de foco prosódico**, **35,7% de [...S]** e 5,3% de clivagem, **P** produziu **42,9% de [...S]** e **57,1% de clivagem** e, por sua vez, **S** produziu **80,4% de [...S]** e **5,3% de clivagem**. Da observação destas porcentagens, concluímos que S é o falante que utiliza mais a estratégia [...S] (80,4%) nesta terceira etapa. Com relação aos dois outros falantes, embora utilizem mais a estratégia [...S] na terceira etapa do que nas duas primeiras (ver resultados nos quadros 9, 10 e 11 acima), ainda há uma escolha maior, também na terceira etapa (**51,8% de foco prosódico** produzido

por **MJ** e **57,1%** de clivagem produzido por **P**), pelas estratégias já utilizadas por eles anteriormente.

Com relação à estratégia [...S], cabe ainda notar que ela só foi utilizada por todos os falantes de PE em sentenças constituídas por verbos inergativos e inacusativos, nos casos em que não havia mais elementos no predicado além do verbo:

Falante MJ

Cl_Verbal	Predicado	Neutra	[...S]: VS, VAdvS ou VOS	[...S]: AdvVS ou OVS	Foco pros.	Cliv3	Outra Ordem (AdvSV ou OSV)
Inacusativos	Vc	0,0% (0)	50,0% (4)	-	50,0% (4)	0,0% (0)	-
Inacusativos	VI	12,5% (1)	37,5% (3)	-	50,0% (4)	0,0% (0)	-
Inacusativos	VA	0,0% (0)	0,0% (0)	50,0% (4)	37,5% (3)	12,5% (1)	0,0% (0)
Inergativos	Vc	0,0% (0)	25,0% (2)	-	62,5% (5)	12,5% (1)	-
Inergativos	VI	0,0% (0)	37,5% (3)	-	62,5% (5)	0,0% (0)	-
Inergativos	VA	0,0% (0)	0,0% (0)	50,0% (4)	12,5% (1)	12,5% (1)	25,0% (2)
Transitivos	VO	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (8)	0,0% (0)	0,0% (0)

Quadro 13 - Porcentagens de estratégia de focalização escolhida por MJ para sentenças com diferentes tipos de predicados e com verbos de diferentes classes verbais na terceira etapa do experimento 2 (56 sentenças no total: 24 sentenças inacusativas, 24 sentenças inergativas e 8 sentenças transitivas).

Falante P

CI_Verbal	Predicado	Neutra	[...S]: VS, VAdvS ou VOS	[...S]: AdvVS ou OVS	Foco pros.	Cliv3	Outra Ordem (AdvSV ou OSV)
Inacusativos	Vc	0,0% (0)	87,5% (7)	-	0,0% (0)	12,5% (1)	-
Inacusativos	VI	0,0% (0)	75,0% (6)	-	0,0% (0)	25,0% (2)	-
Inacusativos	VA	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (8)	0,0% (0)
Inergativos	Vc	0,0% (0)	100,0% (8)	-	0,0% (0)	0,0% (0)	-
Inergativos	VI	0,0% (0)	37,5% (3)	-	0,0% (0)	62,5% (5)	-
Inergativos	VA	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (8)	0,0% (0)
Transitivos	VO	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (8)	0,0% (0)

Quadro 14 - Percentagens de estratégia de focalização escolhida por P para sentenças com diferentes tipos de predicados e com verbos de diferentes classes verbais na terceira etapa do experimento 2 (56 sentenças no total: 24 sentenças inacusativas, 24 sentenças inergativas e 8 sentenças transitivas).

Falante S

CI_Verbal	Predicado	Neutra	[...S]: VS, VAdvS ou VOS	[...S]: AdvVS ou OVS	Foco pros.	Cliv3	Outra Ordem (AdvSV ou OSV)
Inacusativos	Vc	12,5% (1)	87,5% (7)	-	0,0% (0)	0,0% (0)	-
Inacusativos	VI	25,0% (2)	75,0% (6)	-	0,0% (0)	0,0% (0)	-
Inacusativos	VA	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (8)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
Inergativos	Vc	12,5% (1)	87,5% (7)	-	0,0% (0)	0,0% (0)	-
Inergativos	VI	12,5% (1)	87,5% (7)	-	0,0% (0)	0,0% (0)	-
Inergativos	VA	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (8)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
Transitivos	VO	37,5% (3)	25,0% (2)	0,0% (0)	0,0% (0)	37,5% (3)	0,0% (0)

Quadro 15 - Percentagens de estratégia de focalização escolhida por S para sentenças com diferentes tipos de predicados e com verbos de diferentes classes verbais na terceira etapa do experimento 2 (56 sentenças no total: 24 sentenças inacusativas, 24 sentenças inergativas e 8 sentenças transitivas).

Como revelam os resultados apresentados nos quadros 13, 14 e 15, quando havia o elemento 'advérbio' além do verbo inergativo/inacusativo no predicado, 2 opções foram as mais escolhidas pelos falantes de PE: (1) ou produziam a mesma estratégia já utilizada nas primeira e segunda etapas do experimento (100,0% dos casos de sentenças inacusativas e inergativas produzidas por P (clivagem), 37,5% dos casos de sentenças inacusativas produzidas por MJ (foco prosódico) e 12,5% dos casos de sentenças inergativas produzidas por MJ (foco prosódico – além de 25,0% de produção de outra ordem) ou; (2) ou produziam a ordem AdvVS (100,0% dos casos de sentenças inacusativas e inergativas produzidas por S e 50,0% dos casos de sentenças inacusativas e inergativas produzidas por MJ). Ou seja, a estratégia de focalização [...S], na qual o sujeito ocupa a margem direita da sentença, era utilizada, desde que o sujeito seguisse imediatamente o verbo e, para isso, o advérbio deveria aparecer no início da sentença:

- (14) **No lago** morreram **os jovens**.
- (15) **Hoje** chegaram **as governadoras**.
- (16) **Hoje** choraram **as velhas**.
- (17) **Hoje** riram **os jovens**.

Com verbos transitivos, a estratégia de focalização [...S] não foi utilizada pelos falantes MJ e P. Na produção das sentenças transitivas, estes dois falantes utilizaram, também na terceira etapa, a mesma estratégia preferencial já utilizada por eles nas primeiras etapas do experimento, respectivamente, 'foco prosódico' (MJ) e 'pseudo-clivagem' (P). A estratégia de focalização sintática só foi encontrada com sentenças transitivas na produção de duas das oito sentenças produzidas por S, respectivamente, sentença 52 'As governadoras levaram as malas' e sentença 56 'As biomédicas levaram as malas'. As demais sentenças transitivas foram produzidas, por este mesmo falante, sem utilizar estratégia de focalização perceptível ao investigador (3 das 8 sentenças transitivas produzidas) ou utilizando-se da mesma estratégia já utilizada por ele na primeira etapa do experimento 2, a pseudo-clivagem (3 das 8 sentenças transitivas produzidas).

Já em PB, a estratégia escolhida na terceira etapa do experimento 2 foram sentenças clivadas invertidas, com ou sem cópula ('Os jovens é que chegaram' ou 'Os jovens que chegaram'), e as sentenças clivadas ('Foram os jovens que chegaram'). As clivadas e clivadas invertidas foram as únicas estratégias escolhidas pelos falantes de PB na terceira etapa do experimento, não havendo produção das outras estratégias (foco prosódico, [...S] e pseudo-clivadas), nem de uma ordem diferente para os elementos da sentença. Ainda quanto à escolha pelas estratégias de clivagem, destaca-se que elas foram escolhidas diferentemente pelos falantes de PB. F produziu 67,9% (38) de sentenças clivadas invertidas sem cópula e 32,1% (18) de sentenças clivadas das 56 (100,0%) sentenças produzidas nesta terceira etapa, G produziu 56 (100,0%) sentenças clivadas invertidas com cópula e T produziu 56 (100,0%) sentenças clivadas.

Ainda sobre o experimento 2, acrescenta-se que os falantes de PB, quando submetidos ao contexto de produção de neutras, em que deveriam dar resposta à pergunta 'O que aconteceu?', produziram sentenças-resposta que apresentavam sempre a mesma ordem linear das sentenças neutras produzidas no contexto 'Li a seguinte notícia' (ordem SV, SVO e SVAdv). Já quanto aos falantes de PE, quando submetidos ao contexto de produção de neutras em que deveriam dar resposta à pergunta 'O que aconteceu?', MJ produziu as sentenças 33 (primeira e segunda repetições: ordem AdvSV 'Hoje os jovens riram.'), 35 (primeira e segunda repetições: respectivamente, ordem SAdvV 'As governadoras hoje riram.' e AdvSV 'Hoje as governadoras riram.'), 36 (segunda repetição: ordem AdvSV 'Hoje as venezuelanas choraram.'), 39 (primeira repetição: ordem AdvSV 'Hoje as biomédicas riram.') e 40 (primeira repetição: ordem AdvSV 'Hoje as biomédicas choraram.') com ordem diferente da ordem linear destas mesmas sentenças produzidas no contexto 'Li a seguinte notícia' (respectivamente: 33. (SVAdv) 'Os jovens riram hoje'; 35. (SVAdv) 'As governadoras riram hoje', 36. (SVAdv) 'As venezuelanas choraram hoje', 39. (SVAdv) 'As biomédicas riram hoje'; e 40. (SVAdv) 'As biomédicas choraram hoje'). Por sua vez, P produziu as sentenças 1 (primeira repetição: ordem VS 'Chegaram as velhas.'), 15 (primeira repetição: ordem: AdvVS 'Hoje chegaram as biomédicas.') e 37 (primeira repetição: ordem AdvSV 'Hoje as miúdas belas riram.') com ordem diferente da ordem linear das

mesmas sentenças produzidas no contexto 'Li a seguinte notícia' (respectivamente: 1 (SV) 'As velhas chegaram'; 15 (SVAdv) 'As biomédicas chegaram hoje'; e 37 (SVAdv) 'As miúdas belas riram hoje'). Já o falante S de PE, quando submetido ao contexto de produção de neutras em que devia dar resposta à pergunta 'O que aconteceu?', produziu todas as sentenças-resposta com a mesma ordem linear de constituintes das sentenças neutras produzidas no contexto 'Li a seguinte notícia' (ordem SV, SVO e SVAdv).

4.3.3.

Conclusões do experimento 2

Do experimento 2, destacamos as seguintes conclusões:

- 1) Há diferença quanto à escolha de estratégias de focalização nas duas variedades de português. Em PE, há uma maior diversidade na escolha de estratégias de focalização: foco prosódico (escolha realizada predominantemente por MJ como primeira opção), clivagem (escolha realizada predominantemente por S e P como primeira opção) e [...S] (escolha realizada pelos 3 falantes como segunda opção). Em PB, o foco prosódico é escolhido unanimemente pelos 3 falantes como primeira opção e a 'clivagem' é a estratégia utilizada como segunda opção para a expressão da focalização. Quanto ao uso das estruturas clivadas realizadas nas duas variedades de português, os tipos de clivadas escolhidos são diferentes nas duas variedades. Enquanto no tipo de estrutura clivada produzida em PE, o sujeito se encontra na margem direita da sentença (pseudo-clivadas: 'Quem chegou foram **as velhas**'), nos tipos de clivadas produzidas em PB, o sujeito se encontra na margem esquerda (clivadas invertidas com cópula: '**As velhas** é que chegaram'; clivadas invertidas sem cópula '**As velhas** que chegaram'; clivadas: 'Foram **as velhas** que chegaram').
- 2) Nos dados de PB não aparece a estratégia [...S]. Há uso maior de [...S] em PE, todavia, há algumas restrições quanto ao uso desta estratégia. [...S] aparece mais com sentenças inergativas e inacusativas, porém, quando o predicado destas sentenças é formado por outro elemento lexical a mais que o verbo (no caso de nossos dados, por um advérbio locativo ou temporal), ou o advérbio aparece no início da sentença e o sujeito aparece imediatamente posposto ao verbo, na margem direita (ordem AdvVS, nunca VAdvS), ou pode ainda haver a escolha de outra estratégia de focalização.

- 3) No contexto de 'O que aconteceu?', só há diferença de ordem em relação à ordem das sentenças neutras produzidas no contexto de 'Li a seguinte notícia' para os falantes de PE e ainda em poucos dados (ver resultados acima).

4.4.

Conclusões gerais do capítulo

Os resultados encontrados no experimento 2 vão ao encontro dos resultados do experimento 1, na medida em que a estratégia [...S] só é escolhida com maior frequência em sentenças inacusativas e inergativas tanto no experimento 1, quanto no experimento 2 realizados em PE. Porém, mesmo com este tipo de sentenças, há restrições quanto à escolha por [...S] nesta variedade de português.

No experimento 1, os falantes de PE só escolheram predominantemente sentenças em que o sujeito aparecia na margem direita, quando o predicado dessas sentenças era constituído por nenhum outro elemento lexical além do verbo. No experimento 2, os falantes de PE escolheram com maior frequência a estratégia de focalização [...S] também quando o predicado das sentenças inacusativas e inergativas era constituído por nenhum outro elemento lexical além do verbo e, nos casos em que estes tipos de sentenças eram constituídos por predicados compostos por 'verbo + advérbio', ou foi escolhida outra estratégia de focalização, que não [...S], ou o advérbio aparecia no início e o sujeito aparecia na margem direita da sentença, imediatamente posposto ao verbo.

Já em PB, o sujeito aparece predominantemente na margem esquerda da sentença, tanto nos dados do experimento 1, quanto nos dados do experimento 2.

Os resultados sobre a posição sintática do sujeito focalizado informacionalmente, obtidos nos experimentos 1 e 2, reforçam os resultados já encontrados por outros trabalhos que tratam da ordem V(O)S em PB e PE: entre outros, Lira (1986), Berlinck (1989), Naro & Votre (1999), Coelho (2000) e Carvalho (2006) sobre o PB e os trabalhos de Tavares Silva (2004) e Spanó (2002) sobre PB e PE.

Assim como encontrado por todos os trabalhos acima citados, nossos resultados revelaram que o contexto de verbos inacusativos é favorecedor de

sujeito pós-verbal em ambas as variedades de português. Por outro lado, nossos resultados revelaram que, em sentenças inergativas e transitivas, em contexto de focalização informacional do sujeito, a ocupação da posição pós-verbal pelo sujeito é desfavorecida em PB, mas não em PE. Nesta última variedade de português, apenas verbos transitivos desfavorecem a ocupação da posição pós-verbal pelo sujeito. Nos dados com verbos inergativos, há uma frequência maior de sujeitos na posição pós-verbal (porém, menor do que nos dados com inacusativos), se comparados aos dados com verbos transitivos. Estes resultados não correspondem de todo à análise de dados apresentadas por Spanó para o PE, uma vez que, conforme Spanó, os verbos inergativos constituem um contexto inibidor de V SN, enquanto os verbos inacusativos favorecem esta mesma ordem.

Dado que Spanó não tratou especificamente de contextos de focalização informacional do sujeito, é possível concluir que os verbos inergativos em PE parecem comportar-se diferentemente em contexto neutro e em contexto de focalização informacional do sujeito. Isto é, em contexto de focalização informacional do sujeito, verbos inergativos favorecem a ocupação da margem direita da sentença por aquele constituinte. Além disso, cabe notar que os dados de PE utilizados por Spanó são de época diferente dos dados apresentados aqui: os dados utilizados por Spanó para PE são da década de 70 e os aqui utilizados foram coletados no ano de 2005.

Cabe também apresentarmos uma comparação um pouco mais detalhada de nossos dados de PB com o trabalho de Berlinck (1989), na medida em que esta autora também lida com a relação entre a posição do sujeito portando foco informacional (*'status informacional novo'*, nas palavras de Berlinck) e classe verbal, entre outros tópicos. Conforme os resultados apresentados por Berlinck (1989: 101) para o *corpus* de PB sincrônico utilizado por ela, a ordem V SN como estratégia de focalização informacional do sujeito é inversamente proporcional à transtividade verbal, ou seja, é encontrada em menor frequência com verbos transitivos: 50% de V SN com intransitivo não-existencial; 30% de V SN com verbo de ligação; 25% de V SN com expressão fixa; 13% de V SN com verbo transitivo indireto; 4% de V SN com verbo transitivo direto.

Em nossos dados do experimento 1 desta mesma variedade de português, também encontramos uma frequência maior de sujeito pós-verbal em sentenças com verbos inacusativos e inergativos (sendo bem maior a frequência de sujeito pós-verbo inacusativo do que pós-verbo inergativo) do que nas sentenças constituídas por verbos transitivos: 17,2% de sujeito pós-verbal em sentenças inacusativas; 4,6% de sujeito pós-verbal em sentenças inergativas; e 1,8% de sujeito pós-verbal em sentenças transitivas (cf. figura (1') deste mesmo capítulo).

Quanto ao peso fonológico do sujeito, como encontrado por Carvalho, Coelho e Spanó para sentenças neutras do PB, nossos dados de sentenças com sujeito focalizado informacionalmente também revelaram que sujeitos pesados encontram-se mais frequentemente na posição pós-verbal em sentenças inacusativas do que sujeitos leves fonologicamente. Nossos resultados, entretanto, contrariam a afirmação de Tavares Silva (2004) de que o peso fonológico do sujeito não é fator relevante para a ocupação da posição pós-verbal por este elemento em PE, mas o é em PB. Tanto em PB como em PE, nossos resultados mostram que o sujeito focalizado pesado é encontrado mais frequentemente na posição pós-verbal do que o sujeito leve fonologicamente. Nossos resultados ainda acrescentam que o peso fonológico do predicado é relevante para a posição ocupada pelo sujeito focalizado informacionalmente nas duas variedades. Em PE, quando o predicado das sentenças inacusativas e inergativas é pesado fonologicamente (ramificado sintática e fonologicamente: constituído por verbo + advérbio), as sentenças com o sujeito na posição pré-verbal são preferencialmente escolhidas pelos falantes, ao invés das sentenças com o sujeito ocupando a margem direita (cf. resultados do experimento 1). Em PB, quando o predicado das sentenças inacusativas é pesado fonologicamente (ramificado sintática ou fonologicamente ou constituído por um número de sílabas maior do que o número de sílabas que compõem o sujeito), as sentenças com o sujeito na posição pré-verbal são preferencialmente escolhidas pelos falantes, ao invés das sentenças em que o sujeito ocupa a margem direita (cf. resultados do experimento 1).

Os resultados obtidos de nosso experimento 2 também reforçam os resultados encontrados por outros trabalhos sobre o tipo de estrutura clivada preferida por PB e PE. Atestamos alta frequência de pseudo-clivadas em contexto

de focalização informacional do sujeito em PE, assim como atestou Guerreiro (2004) sobre a preferência pelas pseudo-clivadas em relação às outras estruturas clivadas, como estratégia de focalização informacional do sujeito, por todos os falantes de PE de seu estudo. Já para o PB, assim como revelado pelos resultados de Côrtes Junior (2006:79), nossos resultados também indicam que as sentenças clivadas invertidas sem cópula e as sentenças clivadas são opções muito usadas em PB no contexto de focalização. Eis os resultados apresentados por Côrtes Junior e que reproduzimos no quadro abaixo:¹⁷

Tipos de Clivagem	Ocorrências	%
CLIV	123/376	33
PC	93/376	25
CLIV-sem-cóp	81/376	22
CLIV-inv	57/376	15
PC-red	22/376	6

Quadro 16 – Total de ocorrências dos tipos de clivagem em PB encontrados no trabalho de Côrtes Junior (2006).

Em nossos dados de PB, as estruturas clivadas preferidas como estratégia de focalização informacional do sujeito são: a clivada invertida com ou sem cópula (Cliv1: 18,6%) e a clivada (Cliv2: 14,7%), sendo que os outros tipos de clivadas não foram escolhidos pelos falantes de PB de nosso experimento 2 – cf. quadro 12.

Diferentemente dos resultados de Côrtes Junior apresentados no quadro 16, nossos resultados revelam que a clivada invertida com cópula ainda é uma opção utilizada em PB em contexto de focalização informacional do sujeito e que a pseudo-clivada não é tão amplamente usada neste mesmo contexto. A hipótese para a diferença entre nossos resultados e os de Côrtes Junior é a de que, uma vez que este autor lidou com contextos de focalização de diferentes elementos, e não especificamente com a focalização do elemento 'sujeito', conjecturamos que a escolha por clivadas seja diferente em PB, dependendo do tipo de constituinte focalizado. É possível que haja mais liberdade de escolha pelos diferentes tipos de

¹⁷ No quadro 16: CLIV corresponde à sentença clivada (ex.: 'Foi o João que saiu.');

PC, à pseudo-clivada (ex.: 'Quem saiu foi o João.');

CLIV-sem-cóp, à sentença clivada invertida sem cópula (ex.: 'O João que saiu.');

CLIV-inv corresponde à sentença clivada invertida (ex.: 'O João é que saiu.');

e PC-red, à sentença pseudo-clivada reduzida (ex.: '(O que) quero é que o João saia daqui.').

clivadas com outros constituintes, diferentes do sujeito, nesta variedade de português. Outro fator importante a ser notado é a peculiaridade quanto ao tipo de dado utilizado no trabalho de Côrtes Junior. Embora os dados de Côrtes Junior sejam de falantes de PB, eles são bem peculiares, uma vez que consistem em dados do PB falado por comunidades rurais afro-brasileiras do estado da Bahia. É possível que este fator possa também estar relacionado às diferenças encontradas entre nossos resultados e os de Côrtes Junior quanto aos tipos de clivadas escolhidos preferencialmente pelos falantes de PB na expressão do foco informacional. A investigação desta hipótese de cunho sócio-lingüístico sobre as diferenças entre nossos resultados de estruturas clivadas de PB e os de Côrtes Junior ultrapassa os limites do que se propõe esta tese.

4.5.

Resumo: as estratégias de focalização preferencialmente escolhidas em PB e PE

A partir da aplicação dos experimentos 1 e 2 relatados neste capítulo, destacam-se os seguintes resultados gerais: (i) em contexto de focalização informacional do sujeito, sentenças [...S] (ordem 2) são preteridas em relação às sentenças SV(Adv/O) (ordem 1) pelos falantes de PB e PE do experimento 1, entretanto, acrescenta-se que há uma escolha maior pelas sentenças com a ordem 2 pelos falantes de PE do que pelos falantes de PB; (ii) no experimento 2, a estratégia de focalização preferencialmente escolhida pelos falantes de PE foi o uso de sentenças pseudo-clivadas (Cliv3), já em PB, foi o uso de foco prosódico (sentenças na ordem neutra e com o sujeito focalizado portando a proeminência principal).

O exposto pode ser constatado através da observação das porcentagens apresentadas nos quadros 17 e 18 abaixo, referentes aos resultados gerais dos experimentos 1 e 2 realizados para as duas variedades de português.

Experimento 1

	Ordem 1: SV(Adv)/ SV(O)	Ordem 2: V(Adv)S / V(O)S	Total de sentenças
PB	94,2% (1891)	5,8% (116)	100,0% (2007)
PE	77,4% (1205)	22,6% (351)	100,0% (1556)

Quadro 17 - Porcentagens de sentenças com ordem 1 e 2, em contexto de focalização informacional do sujeito, escolhidas pelos falantes de PB e PE do experimento 1.

Experimento 2

	Neutra	Foco pros.	[...S]	Cliv1	Cliv2	Cliv3	Outra ordem	Total de sentenças
PB	13,1% (66)	53,6% (270)	0,0% (0)	18,6% (94)	14,7% (74)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (504)
PE	23,4% (127)	20,7% (112)	17,7% (96)	0,0% (0)	0,0% (0)	37,5% (203)	0,7% (4)	100,0% (542)

Quadro 18 - Porcentagens de estratégias de focalização escolhidas pelos falantes de PB e PE do experimento 2.

5. Os Dados de PB e PE: Foco Informacional e Entoação¹

5.1.

Introdução

Neste capítulo, serão descritas e analisadas as estruturas entoacionais das sentenças neutras e com sujeito com foco informacional em PB e PE, obtidas oralmente no segundo experimento descrito no capítulo 4 desta tese. A descrição e a análise que serão feitas dizem respeito especificamente à associação de tons ao contorno das sentenças das duas variedades de português.

Para execução de tais tarefas, basear-nos-emos em estudos já realizados sobre a estrutura entoacional do PB e do PE, sobretudo, em trabalhos desenvolvidos no quadro teórico assumido pelo presente trabalho, nomeadamente, a Fonologia Entoacional (cf. Introdução desta tese): Cunha (2000), Frota & Vigário (2000) e Tenani (2002) para o PB; e Vigário (1998), Grønnum & Viana (1999), Frota (1997, 2000, 2002a, b e 2003) e Frota & Vigário (2000) para o PE.

Antes de apresentarmos nossos resultados, serão apresentadas as análises para o contorno entoacional de sentenças neutras e com elemento focalizado encontradas na literatura sobre a entoação de PB e PE. Posteriormente, os resultados de nossa própria análise para o contorno entoacional deste mesmo tipo de sentença nas duas variedades de português serão apresentados e comparados com os resultados encontrados em trabalhos anteriores. E, por fim, apresentaremos nossas conclusões sobre a comparação entre o contorno entoacional das sentenças neutras e com sujeito focalizado informacionalmente em PB e o contorno entoacional destes mesmos tipos de sentenças em PE.

¹ Uma versão reduzida deste capítulo foi publicada em *Journal of Portuguese Linguistics* sob a forma de artigo, cujo título é 'Tonal association in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese' – cf. Fernandes, F. R. (2007).

5.2.

Estudos sobre a entoação de sentenças declarativas neutras e com elemento focalizado em PB e PE

Com relação aos trabalhos já realizados sobre a entoação de PB podemos citar, entre outros: Rameh (1962), Aubert (1976), Fernandes (1976), Gebara (1976), Cagliari (1980, 1981, 1982), Rizzo (1981), Moraes (1984, 1990, 1993, 1998), Reis (1984), Gonçalves (1997), Madureira (1999), Cunha (2000), Frota & Vigário (2000) e Tenani (2002).

Dos trabalhos citados acima, Cunha (2000), Frota & Vigário (2000) e Tenani (2002) foram os primeiros, até onde sabemos, a tratarem especificamente da estrutura entoacional de sentenças declarativas do PB no quadro teórico da Fonologia Entoacional. Estes três trabalhos tratam da estrutura entoacional em sentenças neutras do PB, todavia, acrescenta-se que o trabalho de Frota & Vigário também lida com a estrutura entoacional das sentenças neutras de PE, posto que se trata de um trabalho comparativo da estrutura entoacional de sentenças declarativas, entre outras propriedades fonéticas e fonológicas, nas duas variedades.

Com relação ao contorno entoacional final das sentenças declarativas neutras em PB, tanto Cunha, quanto Frota & Vigário e Tenani, identificam, como padrão caracterizador de fim de enunciado declarativo em PB, o acento tonal H+L* associado à sílaba tônica da cabeça do último sintagma fonológico (doravante, ϕ) do sintagma entoacional (doravante, I), seguido freqüentemente pelo tom de fronteira L% associado à fronteira direita deste sintagma. Cunha (2000) e Tenani (2002) também identificam um tom de fronteira H% associado à fronteira direita do primeiro I, quando a sentença é formada por mais de um I. O tom de fronteira H% é o que caracteriza o final de sintagma entoacional em posição não-final nas sentenças do PB, segundo as mesmas autoras.

Com relação ao contorno não-final das sentenças declarativas neutras do PB, Frota & Vigário e Tenani identificam tons associados a ϕ s e, em palavras formadas por mais de três sílabas pré-tônicas, a ocorrência opcional de um tom H

associado a alguma sílaba pré-tônica não adjacente imediatamente à tônica. Frota & Vigário afirmam ser esta uma propriedade similar às características entoacionais de línguas como o japonês e o coreano, línguas nas quais certos eventos tonais dependem crucialmente do número de moras ou de sílabas existentes (cf. Pierrehumbert & Beckman, 1988; Jun, 1996). Já Tenani supõe que o H pode estar associado à sílaba pré-tônica portadora de acento secundário. Tenani ainda nota que, no contorno entoacional das sentenças declarativas neutras de PB, não são encontrados tons (*phrasal accents* – ‘acentos frasais’) associados a fronteiras de ϕ s e que há a preferência pela alternância L H L H entre os tons, padrão também proposto por Frota & Vigário na caracterização entoacional de sentenças declarativas neutras desta mesma variedade de português.

Quanto a estudos sobre a estrutura entoacional de sentenças contendo elemento focalizado em PB, até onde sabemos, não há trabalhos que abordem este tema no quadro teórico da Fonologia Entoacional e o único trabalho que trata especificamente da focalização em PB, porém, também fora deste quadro teórico, é o de Gonçalves (1997).

Todavia, cabe acrescentar que Cagliari (1982) também descreve o contorno das sentenças com elemento focalizado em PB (‘asserções enfáticas’, nos termos do autor). Ele afirma que as asserções enfáticas são compostas por um tom 5 (de acordo com sua notação), caracterizado por uma curva de forma convexa ou de morro com as ladeiras relativamente íngremes, e declinação do contorno depois deste tom até o final da sentença.

Gonçalves caracteriza o padrão de sentenças declarativas neutras, antes de apresentar o padrão entoacional do elemento focalizado em PB. Segundo este autor, as sentenças neutras de PB apresentam um padrão descendente constituído por *onset* elevado e núcleo declinado. Este padrão é representado por *lower* (\searrow) na formalização de Gonçalves.

(1) PNEB [→ ↑ ↘ ↓]
(Padrão Não-Enfático Básico) (onset) (núcleo)

No que diz respeito a enunciados contendo elemento focalizado, Gonçalves afirma que o padrão prosódico preponderantemente representativo do elemento focalizado é o que aparece em (2), onde: *s* corresponde à sílaba; *!S*, à sílaba portadora de acento lexical; (*s*), à sílaba que pode estar presente ou não; \sphericalangle indica que, além da curva melódica ser descendente na sílaba, esta sílaba é portadora de um acento enfático, que pode coincidir com o lexical ou não; ϕ corresponde ao símbolo representativo de sintagma fonológico.

$$(2) \quad \begin{array}{cccc} s & s & !S & (s) \\ [\uparrow & \sphericalangle & \sphericalangle & \downarrow]\phi \end{array}$$

Em seu trabalho, Gonçalves afirma ser o sintagma fonológico o domínio do elemento focalizado. O algoritmo de formação de sintagmas fonológicos utilizado por ele é o proposto em Nespor & Vogel (1986). Cabe ainda notar que este autor não apresenta um padrão entoacional caracterizador de toda a sentença contendo elemento focalizado, mas só apresenta o padrão entoacional do elemento focalizado.

Diferentemente de PB, em PE, já há estudos sobre a estrutura entoacional no quadro teórico da Fonologia Entoacional sendo desenvolvidos desde 1987 (cf. Viana, 1987; Frota, 1991, 1997, 2000, 2002a,b, 2003; Falé, 1995; Vigário, 1998; Grønnum & Viana, 1999; Frota & Vigário, 2000; entre outros). Todos estes trabalhos descrevem, como característica global do contorno declarativo neutro, um contorno constituído por uma subida inicial, um *plateau* intermediário e uma descida final pronunciada, como já havia sido notado primeiramente por Delgado Martins & Lacerda (1977). Porém, estes estudos podem variar em relação à análise do tipo de tons associados ao contorno.

Viana (1987) defende uma seqüência tonal H*L associada à última sílaba acentuada do contorno. Já os trabalhos de Falé (1995), Frota (1997, 2000, 2002a, b), Vigário (1998) e Frota & Vigário (2000), defendem que a descida final do contorno da declarativa neutra de PE é caracterizada por um acento bitonal H+L* e um tom de fronteira L%. Por sua vez, o trabalho de Grønnum & Viana (1999)

analisa a descida final da declarativa neutra como um acento tonal L* precedido por um alvo tonal explicado por um tom H* anterior.

No que tange ao tipo de tom associado à subida inicial do contorno, Frota (2003) dá evidências da existência de dois tipos de tons associados à ela com *status* fonológico distintos: acento tonal (cf. Frota 1997, 2000, 2002a, b, 2003; Vigário, 1998; Grønnum & Viana, 1999) ou *edge-related tones*, ‘tons relacionados a fronteiras’ (cf. Frota, 1993, 2000, 2003; Vigário, 1998). Enquanto o acento tonal inicial é consistentemente alinhado a uma sílaba acentuada, o tom relacionado a fronteira varia com relação à sílaba à qual é alinhado e se encontra alinhado à fronteira de domínios prosódicos. Este último tipo de tom é associado ao início de I.

O acento tonal inicial encontrado em PE pode ser dos tipos: H* (cf. Frota, 1997, 2000, 2002a, b, 2003; Vigário, 1998; Grønnum & Viana, 1999), H+L* (cf. Frota, 2003) e L*+H (cf. Frota, 1993, 2000, 2003; Vigário, 1998). Já o tom relacionado à fronteira é representado nos trabalhos sobre a entoação do PE como H (cf. Frota, 1993, 2000, 2003; Vigário, 1998).

Sobre a estrutura entoacional das sentenças com elemento focalizado em PE, há menos trabalhos desenvolvidos, se comparados aos trabalhos sobre a estrutura entoacional das sentenças neutras desta mesma variedade de português. Os trabalhos que tratam sistematicamente da estrutura entoacional das sentenças com elemento focalizado em PE são os trabalhos de Frota (1997, 2000, 2002a, 2002b) e Vigário (1998). Segundo estes trabalhos, é consenso geral a identificação de um acento tonal do tipo H*+L associado à sílaba tônica do elemento focalizado, sendo o H* alinhado à sílaba tônica e o L alinhado à sílaba imediatamente pós-tônica deste elemento. Na descida final do contorno deste tipo de sentença, segundo as mesmas autoras, é possível: (i) a identificação de um acento tonal do tipo H+L* associado à cabeça do último ϕ de I, seguido de L% alinhado à fronteira final deste último sintagma ou (ii) a identificação apenas de L% alinhado à fronteira final de I.

Nas próximas seções deste capítulo: (i) descreveremos o tipo de *corpus* utilizado em nosso trabalho, bem como apresentaremos a metodologia de obtenção dos dados e de descrição e análise entoacional dos mesmos; (ii)

apresentaremos nossos resultados referentes à descrição e à análise da associação tonal ao contorno das sentenças neutras e com sujeito focalizado em PB e PE, bem como compararemos estes resultados entre as duas variedades; e (iii) levando em conta diferentes fatores (cf. seção 5.3.1.), avaliaremos se nossos resultados confirmam os resultados sobre a estrutura entoacional de PB e PE já descritos em trabalhos anteriores.

5.3.

Corpus e metodologia

5.3.1.

Corpus

As sentenças de PB e PE deste trabalho são constituídas por uma única oração formada por verbo inacusativo, inergativo e transitivo. O léxico escolhido para a elaboração das sentenças foi o mais semelhante possível para PB e PE, com as devidas adaptações para cada variedade, exemplo: 'meninas' (em PB), 'miúdas' (em PE). As palavras escolhidas para a formação das sentenças eram não-oxítonas e, sempre que a escolha era possível, constituídas por consoantes sonorantes, consoantes vozeadas, além de vogais. Ex.: 'alunas' /a'lunas/; 'jovens' /'ʒovẽjs/; 'belas' /'bɛlas/. Esta escolha por palavras próprias do léxico de cada variedade e, sempre que possível, constituídas pelos tipos de fonemas já especificados, tem por finalidade, respectivamente: a obtenção de sentenças naturais para cada variedade de português e a obtenção de uma análise entoacional fidedigna, posto que, em palavras oxítonas, torna-se mais difícil a identificação do tipo de tom alinhado às sílabas finais, e a curva entoacional de sentenças contendo palavras constituídas por muitas consoantes obstruintes e surdas apresenta muitas perturbações, o que também traz dificuldades para a realização da análise entoacional.²

² Como ilustração de curva entoacional com muitas perturbações, apresentamos a figura abaixo correspondente, respectivamente, à forma de onda e à curva entoacional da sentença 'O tatu preto matou o saci paulista.' produzida por um falante de PB:

As sentenças variam sistematicamente quanto ao número de sílabas e palavras fonológicas (doravante, ω s) que compõem os sujeitos e predicados. Além disso, a distância entre sílabas tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas também varia. Nas ω s há variação de 0 a 5 sílabas pré-tônicas e de 1 a 2 pós-tônicas.

As sentenças são constituídas por: ³

- (i) sujeitos curtos (compostos por até três sílabas) e prosodicamente não ramificados (apenas uma ω) – ver (3a);
 - (ii) sujeitos longos (compostos por mais de três sílabas) e não ramificados prosodicamente – ver (3b);
 - (iii) sujeitos compostos por mais de três sílabas e prosodicamente ramificados (formados por mais de uma ω) – ver (3c);
- (3)
- a. (os.JO.vens) ω
 - b. (as.ve.ne.zu.e.LA.nas) ω
 - c. (as.BI.o) ω (MÉ.di.cas) ω
 (as.a.LU.nas) ω (JO.vens) ω

Os predicados das sentenças são constituídos por:

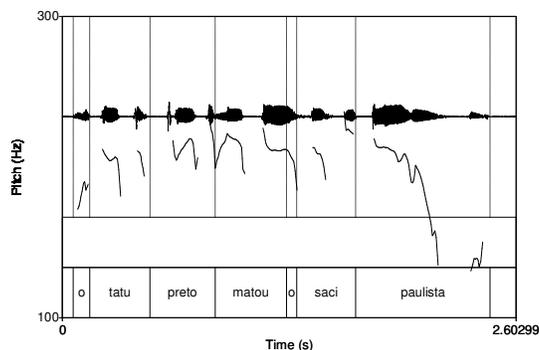


Figura (i): Forma de onda e F_0 da sentença 'O tatu preto matou o saci paulista.' produzida por um falante de PB do sexo feminino em contexto neutro. Dado extraído do trabalho de Fernandes, F. R. (2005).

³ Nos exemplos, as fronteiras das ω s são delimitadas pelos parênteses; os pontos marcam os limites das sílabas; as sílabas em letras maiúsculas representam sílabas acentuadas; sílabas sublinhadas indicam sílabas pré-tônicas; e sílabas com duplo sublinhado representam sílabas pós-tônicas.

- (i) predicados curtos (compostos por até três sílabas) e não ramificados prosodicamente (constituídos por uma única ω) – ver (4a);
 - (ii) predicados longos (compostos por mais de três sílabas) e não ramificados prosodicamente – ver (4b);
 - (iii) predicados compostos por mais de três sílabas e ramificados prosodicamente – ver (4c).
- (4)
- a. (che.GA.ram) ω
(RI.ram) ω
 - b. (a.dor.me.CE.ram) ω
(tra.ba.LHA.ram) ω
 - c. (che.GA.ram) ω (HO.je) ω
(RI.ram) ω (HO.je) ω
(la.VA.ram) ω (as.LU.vas) ω

O controle destes fatores visou investigar se a variação deles podia afetar, de alguma maneira, a associação tonal ao contorno das sentenças neutras e com sujeito portando foco informacional em PB e PE. Posto isto, examinamos: (i) se o número de ω s que compõem os ϕ s nos quais são mapeados o sujeito e o predicado pode afetar o número de acentos tonais associados ao contorno entoacional das sentenças neutras e com sujeito focalizado de PB e PE; (ii) se, nestas mesmas sentenças, os tipos de acentos tonais associados às ω s pode variar de acordo com a posição que elas ocupam em I e de acordo com o número de sílabas que as compõe; (iii) se o grande número de sílabas pré-tônicas em uma ω pode implicar um maior número de tons associados a ela no contorno entoacional das sentenças com foco informacional no sujeito de PB, assim como ocorre com as sentenças neutras desta mesma variedade de português (como notado por análises anteriores sobre o padrão entoacional neutro em PB); e (iv) se, também no contorno das sentenças com sujeito focalizado de PB, não há tons relacionados a fronteiras de domínios prosódicos diferentes de I (como tem sido notado para o contorno neutro nas análises anteriores desta mesma variedade de português).

Os *corpora* contendo as sentenças de PB e PE se encontram no anexo desta tese.

5.3.2.

Metodologia

A metodologia deste trabalho consistiu na gravação digital a 16kHz, realizada com o uso de um gravador digital Panasonic, modelo US 360, de entrevistas com 3 falantes nativos de PB (falantes: F, G e T) e 3 de PE (falantes: MJ, P e S). Os três falantes de PB e os 3 falantes de PE são provenientes, respectivamente, das cidades de Campinas (estado de São Paulo) e Lisboa, pertencem à mesma faixa-etária (16 a 22 anos) e possuem o mesmo grau de escolaridade (segundo grau completo) e mesmo sexo (feminino).

As sentenças produzidas pelos falantes foram submetidas à análise entoacional realizada com o uso do programa computacional de análise de fala *Praat*.⁴ A análise entoacional consistiu na transcrição de tons do contorno entoacional, i. é., na identificação dos eventos locais que formam a seqüência dos blocos constitutivos do contorno. A transcrição tonal foi baseada nos trabalhos de Pierrehumbert (1980), Beckman & Pierrehumbert (1986), Pierrehumbert & Beckman (1988), Ladd (1996) e nos trabalhos de Vigário (1998), Frota (1997, 2000, 2002a, b, 2003), Frota & Vigário (2000) e Tenani (2002) sobre a análise entoacional do português na mesma abordagem teórica de entoação dos três primeiros trabalhos mencionados.

A metodologia utilizada na obtenção da produção das sentenças deste experimento pelos falantes de PB e PE constou de 3 etapas que já foram minuciosamente descritas no capítulo 4 (cf. metodologia do experimento 2, seção 4.3.1., páginas 147 a 151, capítulo 4 desta tese).

As sentenças produzidas pelos 6 falantes (3 falantes de PB e 3 falantes de PE) totalizaram 1718 sentenças: 840 sentenças produzidas pelos falantes de PB + 878 sentenças produzidas pelos falantes de PE.

⁴ Boersma, P. & Weenink, D. (1992-2005). *Praat - doing phonetics by computer*, software version 4.3.02 (<http://www.fon.hum.uva.nl/praat>).

5.4.

Resultados

5.4.1.

As sentenças neutras do PB e do PE

5.4.1.1.

As sentenças neutras do PB

Foram produzidas 336 sentenças de PB em contexto de obtenção de sentenças neutras: 56 sentenças X 2 repetições X 3 falantes. Destas 336 sentenças, foram utilizadas 335 em nosso trabalho, porque T produziu uma das sentenças com o verbo focalizado.

Como característica geral das sentenças neutras produzidas pelos falantes de PB, encontramos acentos tonais associados opcionalmente a ω s. Já quando a ω é cabeça de ϕ , encontramos associação obrigatória de acento tonal à ela.⁵ A figura 1 representa o caso em que os acentos tonais se encontram associados a cada ω da representação em (6), enquanto a figura 2 representa o caso em que os acentos tonais estão associados apenas às ω s cabeças de seus respectivos ϕ s, (Médicas) ω e (HOje) ω , da representação em (7).

$$(6) \quad [[(as\ aLUNas)\omega(JOVens)\omega]\phi[(chegARam)\omega(HOje)\omega]\phi]_I$$

$$\begin{array}{cccc} | & | & | & | \\ L^*+H & L^*+H & L^*+H & H+L^* \end{array}$$

⁵ Agradeço a Sónia Frota por estas observações.

Os tipos de tons associados às ω s do contorno entoacional variam de acordo com a posição ocupada por elas em I e de acordo com o número de sílabas pré-tônicas que as constituem.

Em nossos dados, há predominantemente um acento tonal L*+H (97,3% (326) de 100% (335) dos dados) associado à sílaba tônica da ω cabeça do primeiro ϕ de I. O tom H* também ocorre neste contexto, quando o primeiro ϕ de I não é ramificado (constituído por uma única ω) e é formado por até três sílabas ([(os.JO.vens) ω] ϕ ...]_I). Porém, estes casos são mais raros e só aparecem em 1,2% (2) de 100% (84) dos dados deste tipo.

O quadro 1 apresenta as porcentagens dos tipos de tons associados ao primeiro ϕ não ramificado de I nas sentenças produzidas pelos 3 falantes de PB. Nos quadros que serão apresentados neste capítulo, respectivamente: ω_1 , ω_2 e ω_3 correspondem à primeira, à segunda e à terceira ω s do sintagma entoacional; [ω] ϕ_P e [ω] ϕ_U correspondem a ω s contidas no penúltimo e último ϕ s não ramificados de I; σ e σ , à sílaba não tônica e à sílaba tônica;] ϕ , à fronteira direita de ϕ ; e (Li) corresponde ao tom associado à fronteira direita de I que pode ou não estar presente no contorno, a depender da produção da última sílaba pós-tônica de I.

Falantes	H*	L*+H	Total
F	1,8%(1)	98,2%(55)	100,0%(56)
G	0,0%(0)	100,0%(56)	100,0%(56)
T	1,9%(1)	98,2%(54)	100,0%(55)

Quadro 1: Eventos tonais associados à ω cabeça do 1º ϕ não-ramificado de I. Porcentagens e número de casos (entre parênteses).

Quando o primeiro ϕ não ramificado de I é formado por uma ω constituída por mais de três sílabas pré-tônicas, é possível, além de L*+H associado à sílaba tônica de ω , a presença de um H adicional associado à segunda ou à terceira sílaba pré-tônica, como ilustrado na figura 3. Em nossos dados, encontramos este tom H adicional associado à terceira sílaba pré-tônica (14,3% (4) das 28 (100%) sentenças deste tipo produzidas por G, e em 7,4% (2) das 27 (100%) sentenças produzidas por T) ou à segunda sílaba pré-tônica (em 35,7% das sentenças

produzidas por G e em 14,8% das sentenças deste tipo produzidas por T). Nas sentenças deste mesmo tipo produzidas por F, além do L*+H associado à sílaba tônica da ω, não encontramos H adicional alinhado a sílabas pré-tônicas. A figura 3 corresponde a curva entoacional da representação em (8), ilustrativa do caso em que há H adicional alinhado à sílaba pré-tônica 'ne' da ω formada por mais de três sílabas pré-tônicas, (as.ve.ne.zu.e.LA.nas)ω.

$$(8) \quad [[(as \text{ venezuel}ANas)\omega]\phi[(lavARam)\omega]\phi[(as \text{ LUVas})\omega]\phi]_I$$

$\begin{array}{ccccccc} | & | & | & | & | & | & | \\ H & L^*+H & L^*+H & H+L^* & Li^6 & & \end{array}$

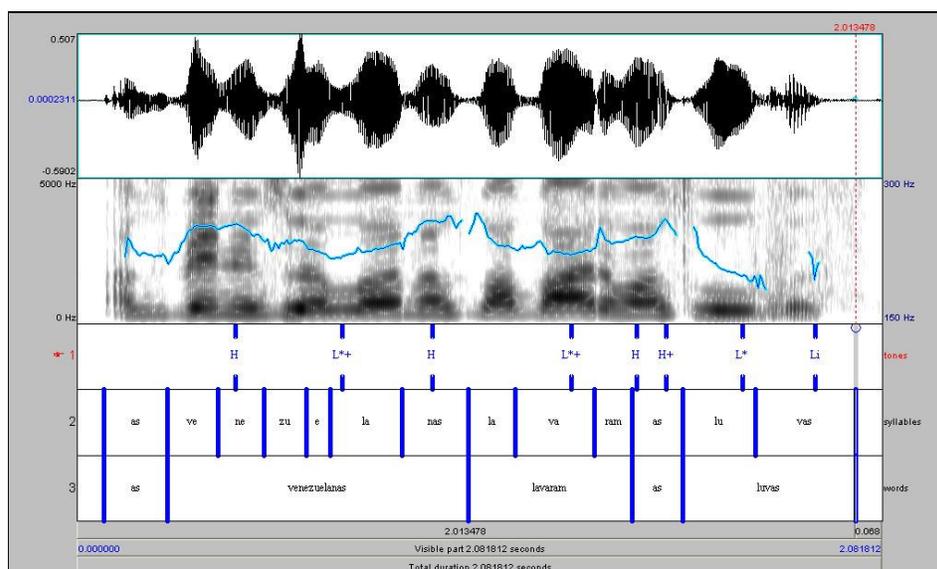


Figura 3: F₀ da sentença 'As venezuelanas lavaram as luvas', produzida por G em contexto de obtenção de sentença neutra.

Quando o primeiro φ de I é ramificado, ou seja, formado por duas ωs, é possível a presença de um acento tonal associado a cada ω de φ; ou acento tonal associado apenas à ω cabeça (segunda ω) de φ. A associação de acento tonal apenas à primeira ω de φ é quase inexistente, como mostra o quadro 2. As

⁶ Na transcrição tonal deste trabalho: os tons Lp e Hp correspondem, respectivamente, aos acentos frasais L⁻ e H⁻ e Li corresponde ao tom de fronteira L% na notação de Pierrehumbert. Lp e Hp se encontram alinhados à fronteira direita de sintagmas fonológicos e Li, à fronteira final do sintagma entoacional em nossos dados.

porcentagens dos tipos de associações tonais encontrados nas sentenças dos falantes de PB são apresentados no quadro 2.

Falantes	H* em ω_1	L*+H em ω_1	L*+H em ω_2	L*+H em ω_1 e em ω_2	H* em ω_1 e L*+H em ω_2	Total
F	1,8% (1)	1,8% (1)	42,9% (24)	44,6% (25)	8,9% (5)	100,0% (56)
G	1,8% (1)	0,0% (0)	26,8% (15)	42,9% (24)	28,6% (16)	100,0% (56)
T	7,1% (4)	0,0% (0)	41,1% (23)	33,9% (19)	17,9% (10)	100,0% (56)

Quadro 2: Eventos tonais associados às ω s do 1º ϕ ramificado de I.

Através da observação do quadro 2 nota-se que, nos dados de nossos falantes de PB, a associação de um acento tonal a cada ω do primeiro ϕ ramificado de I é predominante em relação à associação de acento tonal apenas à ω cabeça de ϕ .

Com relação ao contorno final da sentença neutra, há sempre um acento tonal H+L* associado à sílaba tônica da ω cabeça do último ϕ de I e um tom Li associado à fronteira direita de I, quando há a produção da última sílaba pós-tônica deste mesmo sintagma – ver figuras 1, 2 e 3.

Se o último ϕ de I é ramificado, assim como observamos para o primeiro ϕ ramificado de I, também encontramos ora um acento tonal associado a cada ω que compõe o último ϕ de I, ora apenas H+L* associado à sílaba tônica da ω cabeça do último ϕ de I. Como pode ser observado no quadro 3, nos dados de F e T, é preferencial que apenas a ω cabeça do último ϕ de I tenha acento tonal próprio associado a ela (66,7% dos dados de F e 52,2% dos dados de T). Já nos dados de G, há uma clara preferência para a associação de um acento tonal a cada ω componente do último ϕ de I (79,2% dos dados de G).

Falantes	L*+H em ω_1 e H+L* em ω_2	H+L* em ω_1 e H+L* em ω_2	L* em ω_1 e H+L* em ω_2	H+L* em ω_2	Total
F	29,2% (7)	4,2% (1)	0,0% (0)	66,7% (16)	100,0% (24)
G	79,2% (19)	0,0% (0)	0,0% (0)	20,8% (5)	100,0% (24)
T	34,8% (8)	8,7% (2)	4,3% (1)	52,2% (12)	100,0% (23)

Quadro 3: Eventos tonais associados às ω s do último ϕ ramificado de I.

Como revelam os resultados do quadro 4, se o penúltimo e o último ϕ s de I não são ramificados, é quase obrigatória a presença de um acento tonal associado à ω de cada ϕ (91,7% dos dados de F e T e 100,0% dos dados de G).

Falantes	L*+H em $[\omega]\phi_P$ e H+L* em $[\omega]\phi_U$	H+L* em $[\omega]\phi_P$ e H+L* em $[\omega]\phi_U$	L* em $[\omega]\phi_P$ e H+L* em $[\omega]\phi_U$	H+L* em $[\omega]\phi_U$	Total
F	91,7% (22)	0,0% (0)	0,0% (0)	8,3% (2)	100,0% (24)
G	100,0% (24)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (24)
T	91,7% (22)	0,0% (0)	0,0% (0)	8,3% (2)	100,0% (24)

Quadro 4: Eventos tonais associados às ω s dos penúltimo e último ϕ s não-ramificados de I.

A partir do que expusemos, conclui-se que nossos dados relativos à estrutura entoacional de sentenças neutras do PB confirmam os resultados encontrados por Cunha (2000), Frota & Vigário (2000) e Tenani (2002) quanto à descida final do contorno: sempre há um tom H+L* associado à cabeça do último ϕ de I e um tom de fronteira Li opcional associado à fronteira final de I. Assim como em PE, também em PB, o acento tonal H+L* associado à cabeça do último ϕ de I é o que caracteriza o final do contorno de sentenças declarativas em PB, como

já notado por Cunha (2000) e Tenani (2002) para esta mesma variedade de português.

Nossos dados também confirmam os resultados encontrados por Frota & Vigário e Tenani quanto à atribuição praticamente obrigatória de acentos tonais a cabeças de ϕ s e quanto à possibilidade de haver um H adicional associado a sílabas pré-tônicas em ω s constituídas por mais de três sílabas pré-tônicas. Porém, acrescentamos que, em nossos dados de PB, além da associação praticamente obrigatória de acentos tonais a cabeças de ϕ s, também encontramos acentos tonais associados a ω s não-cabeças de ϕ .

Nossos resultados também confirmam os resultados de Frota & Vigário e Tenani no que respeita à preferência pela seqüência L H L H no contorno entoacional e quanto à ausência de acentos frasais associados a fronteiras de ϕ s no contorno das sentenças neutras de PB.⁷

5.4.1.2.

As sentenças neutras do PE

Foram produzidas 336 sentenças de PE em contexto de obtenção de sentenças neutras: 56 sentenças X 2 repetições X 3 falantes. Destas 336 sentenças, foram utilizadas 332 em nosso trabalho, uma vez que houve problemas com a gravação de 4 sentenças da falante MJ.⁸

Em 100% de nossos dados de sentenças neutras do PE, houve a produção do mesmo contorno já descrito por outros trabalhos: caracterizado por uma subida inicial, um *plateau* intermediário e uma descida final pronunciada (cf. Delgado Martins & Lacerda, 1977; Viana, 1987; Frota, 1991, 1997, 2000, 2002a, 2002b, 2003; Falé, 1995; Vigário, 1998; Grønnum & Viana, 1999; Frota & Vigário, 2000,

⁷ Uma questão ainda a ser explorada em trabalhos futuros, com base em nossos dados de entoação das sentenças neutras de PB, é a investigação da proposta de Sandalo & Truckenbrodt (2002) sobre a formação de ϕ s em sentenças neutras desta mesma variedade de português. Segundo estes autores, as sentenças neutras de PB tendem a apresentar uniformidade quanto ao número de ϕ s que formam o sujeito e o predicado, portanto, a reestruturação ou não de ϕ s se dá para que ocorra tal uniformidade. Seria interessante verificar se nossos dados relativos à estrutura entoacional das sentenças neutras de PB trazem evidências ou não para a proposta dos autores.

⁸ Neste trabalho, não serão analisadas as sentenças produzidas pelos falantes, em contexto de obtenção de sentenças neutras, mas com uma ordem diferente da considerada neutra para as sentenças inacusativas, inergativas e transitivas do português europeu (cf. capítulo 3 desta tese sobre a ordem neutra em PE).

ou não, portanto, podemos encontrar tanto H, quanto H*, associado à fronteira esquerda de ω ou I. A única falante que apresenta em maior porcentagem o acento tonal L*+H é S, com 21,4%, as outras falantes apresentam este tipo de acento em menos de 10% dos dados (5,8% nos dados de MJ e 5,3% nos dados de P).

Falantes	H inicial (H ou H*)	H em ω_1 e L*+H em ω_2	L*+H ou H* em ω_2	Total
MJ	75%(42)	17,9%(10)	7,1%(4)	100,0%(56)
P	80,4%(45)	12,5%(7)	7,1%(4)	100,0%(56)
S	44,6%(25)	39,3%(22)	16,1%(9)	100,0%(56)

Quadro 6: Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças neutras de PE, nas quais o primeiro ϕ de I é ramificado.

No quadro 6, a característica que diferencia S de MJ e P torna-se mais clara. Quando o primeiro ϕ de I é ramificado, a preferência nos dados das sentenças neutras de MJ e P é a associação apenas de H à segunda ou à terceira sílaba da primeira ω - as quais correspondem a segunda e terceira sílabas de I, respectivamente, em nossos dados - (75% dos dados de MJ e 80,4% dos dados de P). Já nos dados das sentenças neutras de S, a preferência é a associação de acento tonal (H* ou L*+H) à cabeça do primeiro ϕ de I (55,4% dos dados: 39,3% de H em ω_1 e L*+H em ω_2 + 16,1% de apenas L*+H ou H* em ω_2). Além da associação tonal de H* ou L*+H à cabeça do primeiro ϕ de I, há também um H adicional associado à segunda ou terceira sílabas de ω_1 (as quais correspondem a segunda e terceira sílabas de I, respectivamente) em 39,3% dos dados de S. Isto parece indicar que, enquanto as sentenças neutras de MJ e P apresentam preferencialmente a associação de um H inicial à fronteira esquerda de ω ou I, S apresenta preferencialmente a associação de acento tonal à ω cabeça do primeiro ϕ de I e, opcionalmente, um tom adicional H associado à fronteira esquerda de ω ou I.

Nossos resultados quanto à associação tonal na subida inicial do contorno das sentenças declarativas neutras do PE confirmam os resultados encontrados por

todos os trabalhos já citados acima e corroboram a afirmação apontada por Frota (2003:150) de que o sistema entoacional de PE compreende dois subsistemas na periferia esquerda: um é desencadeado pela escolha de um acento tonal inicial e o outro, pela escolha de um tom relacionado à fronteira.

Ainda sobre as sentenças neutras de PE, cabe notar o aparecimento de uma única sentença neutra inacusativa do tipo VS em nossos dados de PE (cf. capítulo 3 desta tese sobre a ordem neutra para sentenças inacusativas do PE). Esta única sentença foi produzida por P e, na produção de tal sentença, houve focalização no verbo, portanto, a mesma foi desconsiderada em nossa análise entoacional.

5.4.2.

As sentenças com foco informacional no sujeito em PB e PE

Ao todo, houve a produção de 1046 sentenças em contexto de obtenção de foco informacional no sujeito em PB e em PE: (56 sentenças produzidas com a primeira opção de focalização escolhida pelos falantes X 2 repetições + 56 sentenças produzidas com a segunda opção de focalização escolhida) X 6 falantes (3 de PB e 3 de PE) + 33 sentenças produzidas por P + 5 sentenças produzidas por MJ na segunda etapa do experimento.

Destas 1046 sentenças:

a) 18,4% (193) foram produzidas como sentenças nas quais não foi percebida a priori pelo investigador nenhuma opção de focalização produzida pelos falantes, que diferenciasses este tipo de sentenças das sentenças neutras: 36 sentenças produzidas por MJ entre as 1ª e 2ª repetições da 1ª etapa e a 3ª etapa do experimento + 83 sentenças produzidas por P entre as 1ª e 2ª etapas do experimento + 8 sentenças produzidas por S na 3ª etapa do experimento + 9 sentenças produzidas por F entre as 1ª e 2ª etapas do experimento + 56 sentenças produzidas por G na 1ª repetição da 1ª etapa do experimento + 1 sentença produzida por T na 1ª repetição da 1ª etapa do experimento;⁹

b) 36,5% (382) foram produzidas na ordem neutra (SV, SVO e SVAdv) e com a proeminência principal no sujeito focalizado (doravante, referir-nos-emos a estes casos como 'sentenças com foco prosódico no sujeito'): 107 sentenças produzidas

⁹ Posteriormente, estas sentenças foram também analisadas entoacionalmente pelo investigador, e o padrão entoacional encontrado correspondeu, de fato, ao padrão entoacional neutro de cada respectiva variedade de português.

por MJ entre as 1ª, 2ª e 3ª etapas do experimento + 5 sentenças produzidas por P entre as 1ª e 2ª repetições da 1ª. etapa do experimento + 103 sentenças produzidas por F entre 1ª e 2ª repetições da 1ª etapa do experimento + 56 sentenças produzidas por G na 2ª repetição da 1ª etapa do experimento + 111 sentenças produzidas por T entre 1ª e 2ª repetições da 1ª etapa do experimento;

c) 9,2% (96) foram produzidas com o sujeito na margem direita (doravante, sentenças [...S]) – VS, VOS e AdvVS: 23 sentenças produzidas por MJ entre as 1ª e 3ª etapas do experimento + 28 sentenças produzidas por P entre as 1ª e 3ª etapas do experimento + 45 sentenças produzidas por S na terceira etapa do experimento;

d) 4,1% (43) foram produzidas como clivadas invertidas sem cópula (38 sentenças produzidas por F na terceira etapa do experimento + 5 sentenças produzidas por G na terceira etapa do experimento) e 4,9% (51), como clivadas invertidas com cópula (51 sentenças produzidas por G na terceira etapa do experimento);

e) 7,1% (74) foram produzidas como clivadas: 18 sentenças produzidas por F na terceira etapa do experimento + 56 sentenças produzidas por T na terceira etapa do experimento;

f) 19,4% (203) foram produzidas como pseudo-clivadas: 3 sentenças produzidas por MJ na terceira etapa do experimento + 85 sentenças produzidas por P entre as 1ª, 2ª e 3ª etapas do experimento + 115 sentenças produzidas por S entre as 1ª, 2ª e 3ª etapas do experimento;

g) e apenas 0,4% (4) foram produzidas com uma ordem diferente de elementos (AdvSV) em relação à ordem ocorrida nos outros tipos de sentenças produzidas pelos falantes neste mesmo contexto de focalização: 4 sentenças produzidas por MJ entre as 1ª. e 2ª. repetições da 1ª. etapa do experimento.

5.4.2.1.

As sentenças com foco prosódico no sujeito em PB

Foram produzidas 270 sentenças na ordem neutra e com proeminência principal no sujeito em PB: 103 sentenças produzidas por F + 111 sentenças produzidas por T + 56 sentenças produzidas por G.

Como característica geral do contorno inicial deste tipo de sentença em PB, encontramos: acento tonal associado à sílaba tônica da ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado e, opcionalmente, um acento frasal associado à fronteira direita deste mesmo ϕ (cf. também Kanerva, 1990 e Truckenbrodt, 1995 sobre a introdução de fronteira fonológica após o elemento focalizado em chichewa; e Pierrehumbert & Beckman, 1988 e Nagahara, 1994 para este mesmo fenômeno em japonês).

A representação em (11) exemplifica um caso de associação de acento tonal L^*+H à ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado e de acento frasal L_p à fronteira direita deste ϕ . No geral, o tom L^* se encontra alinhado a sílaba tônica da ω cabeça, o tom H se encontra alinhado imediatamente à sílaba pós-tônica da ω cabeça e L_p , à última sílaba do ϕ que contém o sujeito focalizado, ou à primeira sílaba do próximo ϕ , como exemplificado pela figura 6.

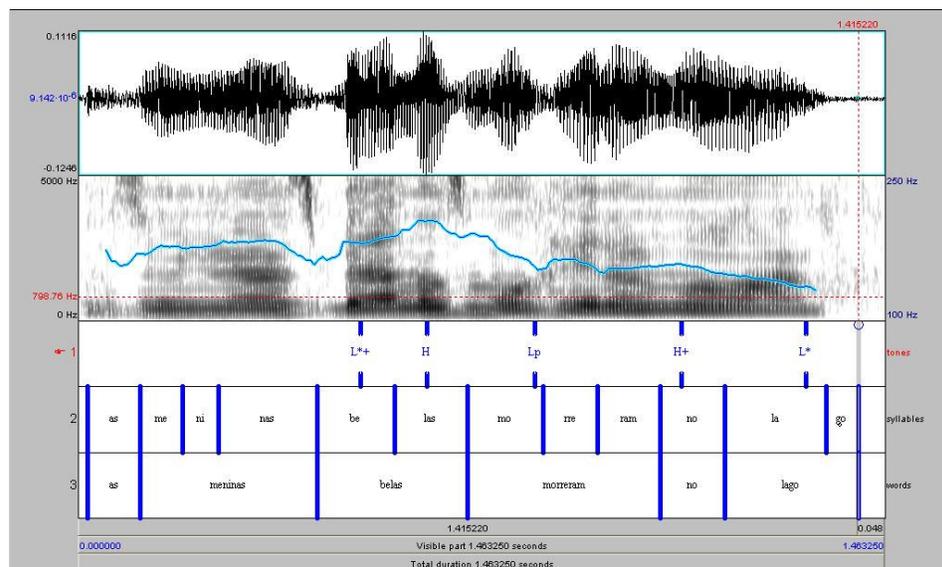
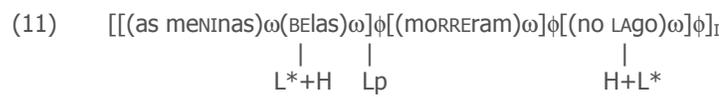


Figura 6. F_0 da sentença 'As meninas belas morreram no lago', produzida por F em contexto de obtenção de sentenças com foco informacional no sujeito.

A representação em (12) exemplifica um caso acento tonal associado à sílaba tônica da cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado e ausência de tom de sintagma associado à fronteira deste mesmo ϕ .

Na figura 7, verifica-se o alinhamento do tom H^* à sílaba tônica da ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado, e o alinhamento do tom L à sílaba imediatamente pós-tônica da mesma ω . Este tipo de alinhamento dá evidência

para a análise da seqüência de tons H*L, relacionada ao elemento focalizado, como um acento bitonal do tipo H*+L (cf. Frota, 2002b).

$$(12) \quad [[(os \text{ } \omega) \phi] [(moRRERam) \omega] \phi]_I$$

|
H*+L

|
H+L*

|
Li

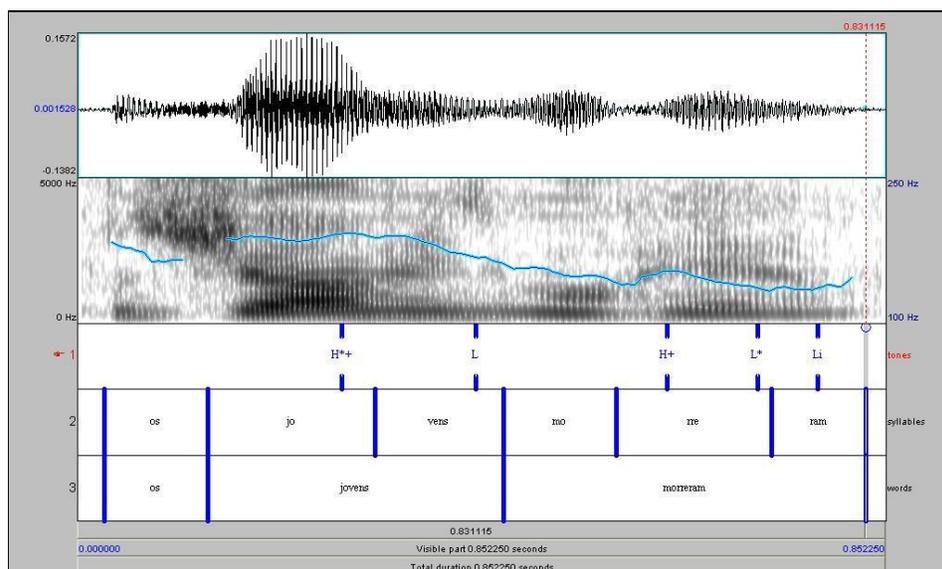


Figura 7. F₀ da sentença 'Os jovens morreram', produzida por F em contexto de obtenção de sentenças com sujeito focalizado informacionalmente.

Quando o ϕ que contém o sujeito focalizado é constituído por uma única ω formada por até três sílabas (1 pré-tônica, 1 tônica e 1 pós-tônica), encontramos: (i) a associação apenas de H*+L à sílaba tônica da ω ou (ii) L*+H associado à sílaba tônica da ω e o acento frasal Lp associado à fronteira direita do ϕ que contém a ω . Os resultados do quadro 7 revelam que a associação tonal do tipo (i) é preferencial nos dados de F (58,3%), a associação tonal do tipo (ii) é preferencial nos dados de T (96,3%) e os dois tipos de associações tonais ocorrem em proporção igual nos dados de G (50,0%).

Falantes	[(..σσ..)ω]φ		Total
	L*+H	Lp	
F	41,7%(10)	58,3%(14)	100,0% (24)
G	50,0%(7)	50,0%(7)	100,0% (14)
T	96,3%(26)	3,7%(1)	100,0% (27)

Quadro 7. Eventos tonais associados ao contorno inicial de 'sentenças com foco prosódico no sujeito', nas quais este elemento é constituído por até três sílabas (σ) (1 σ pré-tônica, 1 σ tônica e 1 σ pós-tônica) e pertence a um φ não ramificado.

No entanto, quando o φ que contém o sujeito focalizado é constituído por uma única ω formada por mais de três sílabas pré-tônicas (4 a 5 pré-tônicas, 1 tônica e 1 pós-tônica), podemos encontrar nos dados de PB: (i) a associação de H+L à sílaba imediatamente pré-tônica da ω (H alinhado à 2ª. sílaba pré-tônica e L alinhado à 1ª. sílaba pré-tônica) ou; (ii) acento tonal (L*+H ou H+L*) associado à sílaba tônica da ω e acento frasal (Lp ou Hp) associado à fronteira direita de φ. No quadro 8, são apresentadas as frequências em que os diferentes tipos de associação tonal ocorrem nos dados de cada falante de PB.

Falantes	[(..σσ..)ω]φ		[(..σσ..)ω]φ		[(..σσ..)ω]φ		Total
	L*+H	Lp	H+L	H+L*	Hp	H+L* Lp	
F	96,2% (25)	0,0% (0)	0,0% (0)	3,8% (1)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (26)
G	28,6% (4)	21,4% (3)	21,4% (3)	21,4% (3)	28,6% (4)	28,6% (4)	100,0% (14)
T	10,7% (3)	0,0% (0)	0,0% (0)	89,3% (25)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (28)

Quadro 8. Eventos tonais associados ao contorno inicial de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PB, nas quais este elemento é constituído por mais de três σs pré-tônicas (4 σs pré-tônicas, 1 σ tônica e 1 σ pós-tônica) e pertence a um φ não ramificado.

Através da observação dos resultados do quadro 8, nota-se que a associação tonal composta por acento tonal associado à sílaba tônica de ω e acento frasal, à fronteira direita do φ que contém ω é a preferencial nos dados de sujeito focalizado constituído por ω formada por mais de três sílabas pré-tônicas dos três falantes de PB. F e T apresentam em 100% dos casos este tipo de associação (96,2% de L*+H Lp + 3,8% de H+L* Hp nos dados de F e 10,7% de

L*+H Lp + 89,3% de H+L* Hp nos dados de T) e G apresenta em 78,6% dos casos este tipo de associação (28,6% de L*+H Lp + 21,4% de H+L* Hp + 28,6% de H+L* Lp).

Quanto à seqüência tonal H+L apresentado por G, interpretamos como um caso de H*+L antecipado, face ao grande número de sílabas pré-tônicas que constitui o sujeito focalizado.¹⁰

Além da seqüência L*+H Lp, também encontramos um H adicional na segunda sílaba pré-tônica em 19,2% (5) dos dados de F e um H adicional na segunda pré-tônica e 7,1% (1) na terceira sílaba pré-tônica dos dados de G.

Por sua vez, quando o ϕ que contém o sujeito focalizado é ramificado, podemos encontrar nos dados de PB: (i) a associação de acento tonal a cada ω de ϕ e acento frasal associado à fronteira direita deste ϕ ; (ii) acento tonal associado à cada ω de ϕ ; (iii) acento tonal associado à ω cabeça de ϕ ; (iv) e acento tonal associado à ω cabeça de ϕ e acento frasal associado à fronteira direita de ϕ .

Falantes	L*+H/H* em ω_1 e L*+H em ω_2	L*+H em ω_1 e H*+L em ω_2	L*+H em ω_2	L*+H/H* em ω_1 , L*+H em ω_2 e Lp em] ϕ	L*+H em ω_2 e Lp em] ϕ	H+L* em ω_2 e Lp em] ϕ	Total
F	3,7% (2)	3,7% (2)	1,8% (1)	42,6% (23)	48,1% (26)	0,0% (0)	100,0% (54)
G	3,6% (1)	10,7% (3)	0,0% (0)	85,7% (24)	0,0% (0)	0,0% (0)	100,0% (28)
T	1,8% (1)	1,8% (1)	0,0% (0)	89,3% (50)	3,6% (2)	3,6% (2)	100,0% (56)

Quadro 9. Eventos tonais associados ao contorno inicial de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PB, nas quais este elemento pertence a um ϕ ramificado.

Os resultados apresentados do quadro 9 revelam que a associação tonal composta por acento tonal associado a ω s e, ao mesmo tempo, acento frasal associado à fronteira direita do ϕ que as contém é a preferencial nos dados. F apresenta em 90,7% dos dados este tipo de associação (42,6% de L*+H/H* em

¹⁰ Agradeço à Sónia Frota pelos comentários sobre este tipo de dado.

ω_1 , L*+H em ω_2 e Lp em] ϕ + 48,1% de L*+H em ω_2 e Lp em] ϕ), T o apresenta em 96,5% dos dados (89,3% de L*+H/H* em ω_1 , L*+H em ω_2 e Lp em] ϕ + 3,6% de L*+H em ω_2 e Lp em] ϕ + 3,6% de H+L* em ω_2 e Lp em] ϕ) e G o apresenta em 85,7% dos dados (85,7% de L*+H/H* em ω_1 , L*+H em ω_2 e Lp em] ϕ).

Destacamos que, em todas as sentenças do tipo 'foco prosódico no sujeito' em PB, não há associação de tons a ω s intermediárias: entre à ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado e à ω cabeça do último ϕ de I – ver figura 6 como exemplo.

Quanto ao contorno final deste mesmo tipo de sentenças do PB, pode haver: (i) H+L* associado à ω cabeça do último ϕ de I, seguido do tom de fronteira Li associado à última sílaba pós-tônica encontrada na fronteira direita de I; (ii) ou somente Li associado à última sílaba de I.

Falantes	H+L* (Li)	Li	Total
F	24,0%(25)	76,0%(79)	100,0%(104)
G	19,6%(11)	80,4%(45)	100,0%(56)
T	7,2%(8)	92,8%(103)	100,0%(111)

Quadro 10. Eventos tonais associados ao contorno final de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PB.

O quadro 10 mostra que a ausência total de acentos tonais associados a ω s, seguindo à ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado, é predominante nos dados de PB (76,0% dos dados de F, 80,4% dos dados de G e 92,8% dos dados de T). Acrescenta-se que a ausência de tons (sejam eles do tipo 'acento tonal', ou 'relacionados a fronteiras de sintagma prosódicos') seguindo o elemento focalizado é uma característica também encontrada em outras línguas, como por exemplo, em chinês de Shanghai (cf. Jin, 1986; Shen, 1986; Selkirk & Shen, 1990) e em japonês (cf. Nagahara, 1994).

Independentemente de qualquer teoria fonológica particular de análise entoacional, é possível afirmar que nossos resultados confirmam os resultados encontrados por Gonçalves (1997) e Cagliari (1982) no que respeita à forma do contorno entoacional das 'sentenças com foco prosódico no sujeito' e quanto ao contraste na comparação entre o contorno deste último tipo de sentenças e o

contorno das sentenças neutras em PB. Note que o tipo de contorno entoacional encontrado por Cagliari (1982) para sentença na ordem neutra e com elemento focalizado é um dos tipos de contorno encontrado em nossos dados, conforme a descrição do autor: curva entoacional convexa no elemento focalizado e declinação até o final do enunciado (ver figura 6). Além disso, assim como Gonçalves (1997), também encontramos contrastes em relação ao contorno entoacional das sentenças neutras e o contorno entoacional das sentenças com elemento focalizado, como descreve a representação deste autor para os dois tipos de sentença.

Em suma, como resultados principais apresentados nesta seção, destacamos:

(i) elementos focalizados em PB podem tanto receber acentos tonais diferentes em relação aos acentos tonais que receberiam se fossem produzidos em contexto neutro (H^*+L versus L^*+H), quanto receber acentos iguais aos que receberiam se fossem produzidos em contexto neutro (L^*+H);

(ii) as sentenças com sujeito focalizado em PB apresentam, como característica principal que as diferencia das sentenças neutras, a ausência de acentos tonais associados a palavras fonológicas intermediárias (entre a ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado e a ω cabeça do último ϕ de I);

(iii) a presença de acento frasal associado à fronteira direita do ϕ que contém o sujeito focalizado é predominante nos dados de PB.¹¹

¹¹ Vigário (c.p.) nos questionou sobre o porquê de não se encontrar este acento frasal associado também a outras fronteiras de sintagmas fonológicos. Nossa hipótese é de que o acento frasal associado à fronteira direita do ϕ no qual o sujeito focalizado é mapeado desempenha o papel específico de codificação prosódica de uma posição sintática especial ocupada por este sujeito em PB (este assunto será discutido no capítulo 6 desta tese). Já para os outros sintagmas fonológicos que seguem aquele que contém o sujeito focalizado, dado que não há nenhuma ocupação de posição sintática extraordinária pelos elementos que seguem o sujeito focalizado, não há codificação entoacional especial associada aos sintagmas fonológicos nos quais tais elementos são mapeados, mas é encontrado o padrão de associação tonal neutro: não há acento frasal associado às fronteiras de ϕ s e estes são marcados entoacionalmente apenas pela presença de acentos tonais

5.4.2.2.

As sentenças com foco prosódico no sujeito em PE

112 sentenças foram produzidas, no total, na ordem neutra e com proeminência principal no sujeito focalizado nos dados de PE: 107 produzidas por MJ + 5 produzidas por P.

Embora nossos resultados substanciais sejam apenas de 1 falante, eles confirmam os resultados encontrados por Frota (1997, 2000, 2002a, 2002b) e por Vigário (1998) quanto à estrutura entoacional das sentenças na ordem neutra e com elemento focalizado em PE. Assim como estas autoras, encontramos o acento tonal H*+L associado ao elemento focalizado e a ocorrência de H+L* associado à cabeça do último ϕ de I, seguido de Li associado à fronteira direita de I, como características gerais da associação tonal neste tipo de sentenças.

Além do acento tonal H*+L associado à cabeça do ϕ que contém o elemento focalizado, também encontramos um tom H adicional alinhado a sílabas iniciais pré-tônicas, quando o sujeito focalizado é composto por uma única ω constituída por mais de três sílabas pré-tônicas. Suspeitamos que o tom H está associado à fronteira inicial de I, dado o tipo de alinhamento tonal encontrado

(cf. também Frota & Vigário, 2000 e Tenani, 2002 sobre o padrão entoacional neutro em PB). Uma vez que, após o ϕ que contém o sujeito focalizado, só encontramos acento tonal associado à ω cabeça do último ϕ de I, suspeitamos que haja reestruturação dos ϕ s que seguem o ϕ no qual é mapeado o sujeito focalizado em um único ϕ , portanto, a associação tonal só é obrigatória à ω cabeça do ϕ reestruturado, ou seja, à ω cabeça do último ϕ de I. Neste caso, a fronteira direita do ϕ reestruturado coincide com a fronteira direita de I. Outra possibilidade seria considerar que, nos casos de focalização informacional do sujeito em PB, o sujeito é mapeado em um I diferente do I no qual é mapeado o resto da sentença. Então, o acento frasal seria, na realidade, um tom de fronteira associado à fronteira direita do I que contém o sujeito focalizado (isto é defendido por Frascarelli, 1997 para os casos de focalização em italiano). Entretanto, faltam-nos outras evidências para sustentar com segurança tal hipótese. Isto porque, conforme Tenani (2002), além do tom de fronteira, é freqüente a ocorrência de pausa marcando a fronteira direita de I em PB. Porém, em nossos dados, não encontramos nenhum caso de pausa seguindo o sintagma prosódico no qual é mapeado o sujeito focalizado. Portanto, assumimos neste trabalho, que o tom relacionado à fronteira do domínio prosódico no qual o sujeito focalizado é mapeado, é o acento frasal, o qual se encontra associado à fronteira de ϕ , e não o tom de fronteira, associado à fronteira de I em português (cf. Frota, 2000 para o PE e Tenani, 2002 para o PB). Esta assunção é concordante com a afirmação de Gonçalves (1997) de que o domínio prosódico do elemento focalizado em PB é o sintagma fonológico (esta mesma afirmação pode ser feita também para o PE – cf. Frota, 2000). O estudo sobre o fraseamento prosódico das sentenças com sujeito focalizado em PB será aprofundado em trabalhos futuros.

Quando o sujeito focalizado é ramificado (formado por mais de 1 ω), os casos de associação tonal mais encontrados foram os seguintes: (i) somente H*+L associado à ω cabeça do ϕ que contém o sujeito; (ii) H*+L associado a cada ω do ϕ que contém o sujeito; ou (iii) H associado à fronteira esquerda de I e H*+L, à cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado. A representação em (14) ilustra um caso de H*+L associado à cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado. Neste tipo de seqüência tonal, o tom H* se encontra sempre alinhado à sílaba tônica da ω cabeça de ϕ , e o tom L se encontra sempre alinhado à sílaba imediatamente pós-tônica desta ω , como pode ser visto na figura 9.

$$(14) \quad [[(as \text{ miúdas})(BELas)]\phi[(MORRERam)]\phi[(no \text{ LAGO})]\phi]_I$$

H^*+L

Li

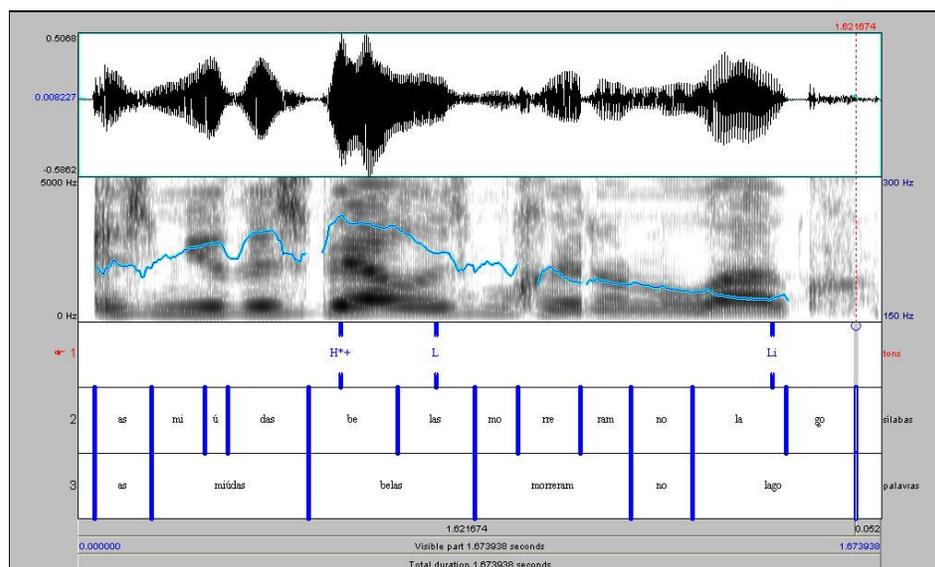


Figura 9. F₀ da sentença 'As miúdas belas morreram no lago', produzida por MJ em contexto de obtenção de sentenças com foco informacional no sujeito.

Os quadros 11 e 12 apresentam as freqüências de cada tipo de associação tonal nos dados de MJ, quando o primeiro ϕ de I não é ramificado e quando o mesmo é ramificado, respectivamente.

Falante	H*+L	H+L	H+L* Lp	L*+H	Total
MJ	69,9% (37)	26,4% (14)	1,9% (1)	1,9% (1)	100,0% (53)

Quadro 11. Eventos tonais associados ao contorno inicial de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PE, nas quais este elemento pertence a um ϕ não ramificado.

Falante	H*+L em ω_1 e em ω_2	H*+L em ω_2	H+L* em ω_2	Total
MJ	18,5%(10)	75,9%(41)	5,5%(3)	100,0%(54)

Quadro 12. Eventos tonais associados ao contorno inicial de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PE, nas quais este elemento pertence a um ϕ ramificado.

Os resultados dos quadros 11 e 12 mostram que o ϕ que contém o sujeito focalizado porta preferencialmente um acento tonal H*+L associado à sua cabeça nos dados de MJ: 69,9% (37) em ϕ não ramificado e 94,4% (51) em ϕ ramificado (18,5% (10) de H*+L associado a cada ω de ϕ + 75,9% (41) de H*+L associado à segunda ω de ϕ). Acrescenta-se que as únicas cinco sentenças produzidas por P também apresentavam H*+L associado ao sujeito focalizado.

Quanto ao contorno final, em nossos dados de PE, encontramos o acento tonal H+L* associado à cabeça do último ϕ de I e Li associado à fronteira direita deste sintagma ou apenas Li associado à fronteira direita de I, na proporção apresentada no quadro 13.

Falante	H+L* (Li)	Li	Total
MJ	23,4%(25)	76,6%(82)	100,0% (107)

Quadro 13. Eventos tonais associados ao contorno final de 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PE.

Os resultados apresentados no quadro 13 mostram a preferência pela ocorrência apenas de Li associado à fronteira direita do sintagma entoacional, após o sujeito focalizado (76,6% dos dados de MJ). Acrescenta-se também que das

únicas 5 sentenças produzidas por P, 4 delas apresentavam apenas de Li associado à fronteira direita do sintagma entoacional, após o sujeito focalizado.

5.4.2.3.

As estruturas clivadas de PB e PE

5.4.2.3.1.

As sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) em PB

No total, houve a produção de 94 sentenças clivadas invertidas ('é que'/'que') como estratégia de focalização informacional no sujeito em PB: 38 sentenças produzidas por F + 56 sentenças produzidas por G.

No geral, as sentenças clivadas invertidas, com ou sem o verbo cópula, apresentam as mesmas características de associação tonal das 'sentenças com foco prosódico no sujeito' em PB, ou seja: (a) associação de acento tonal obrigatória ao constituinte focalizado; (b) associação opcional de acento frasal à fronteira direita do ϕ que contém o sujeito focalizado; (c) ausência de acentos tonais associados a ω s intermediárias (entre à ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado e à ω cabeça do último ϕ de I); e (d) H+L* associado à ω cabeça do último ϕ de I, seguido de Li associado à fronteira final de I, ou somente Li associado à fronteira final de I.

A representação em (15), com a respectiva figura ilustrativa 10, exemplificam a associação tonal de uma sentença clivada invertida com o verbo cópula. Por sua vez, a representação em (16), com a respectiva figura ilustrativa 11, exemplificam a associação tonal de uma sentença clivada invertida sem cópula em PB. Nos dois exemplos apresentados, há associação de acento tonal ao sujeito focalizado, associação de acento frasal à fronteira direita do ϕ que contém o sujeito.

$$(15) \quad [[(\text{as VELhas})\omega] \phi [(\text{É}) \omega (\text{que CHORARAM}) \omega] \phi] I$$

$$\begin{array}{ccc} | & | & | \\ L^*+H & L_p & L_i \end{array}$$

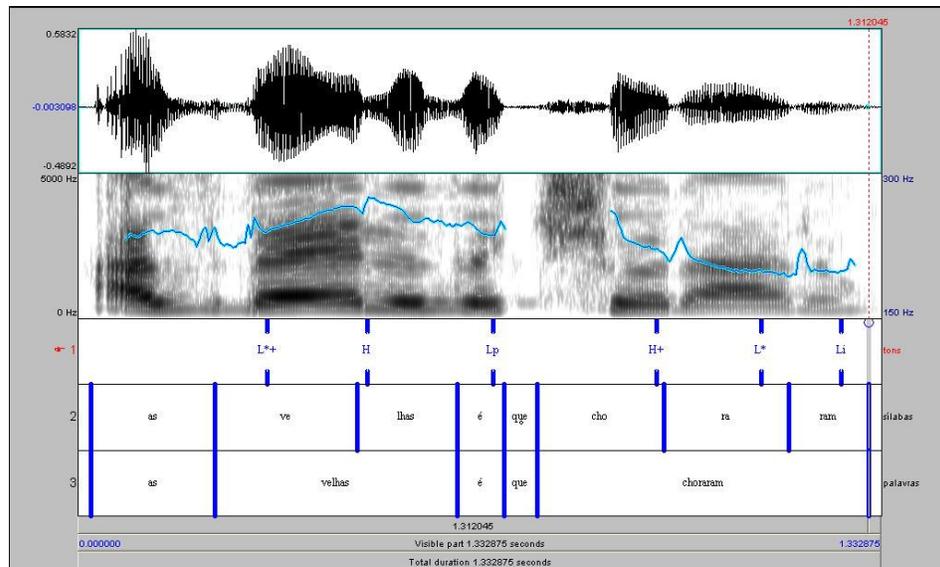


Figura 10: F₀ da sentença clivada invertida com cópula 'As velhas é que choraram', produzida por G em contexto de focalização informacional do sujeito.

(16) [[(as alunas) (jovens)ω]φ] [(que chegaram)ω(Hoje)ω]φ]I
 | | |
 L*+H Lp Li

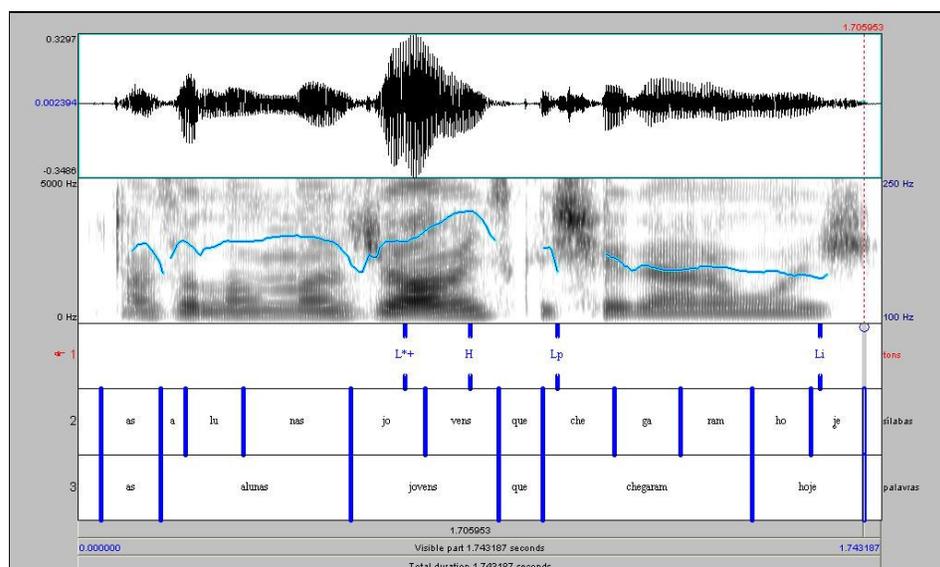


Figura 11: F₀ da sentença clivada invertida sem cópula 'As alunas jovens que chegaram hoje', produzida por F em contexto de focalização informacional do sujeito.

Quanto ao tipo de acento tonal associado ao constituinte focalizado, as duas falantes de PB apresentam diferenças. Enquanto encontramos, sistematicamente, o acento tonal L*+H associado à ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado nas sentenças de F, nas sentenças de G, encontramos L*+H, H+L* ou H*+L associado à ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado. Repare que esta característica de associação tonal das duas falantes também é apresentada por elas nos casos de 'sentenças com foco prosódico no sujeito'.

Quando o ϕ que contém o sujeito não é ramificado e formado por uma ω de até três sílabas (1 pré-tônica, 1 tônica e 1 pós-tônica), há: (i) acento tonal L*+H associado à sílaba tônica da ω (um único caso deste tipo); (ii) acento tonal L*+H associado à sílaba tônica da ω seguido de acento frasal Lp associado à fronteira direita do ϕ que contém esta ω ; ou (iii) acento tonal H*+L associado à sílaba tônica da ω .

Falantes	[(.. σ σ ..) ω] ϕ	[(.. σ σ ..) ω] ϕ	[(.. σ σ ..) ω] ϕ	Total
	 L*+H	 L*+H Lp	 H*+L	
F	16,7% (1)	66,6% (4)	16,7% (1)	100,0% (6)
G	0,0%(0)	78,6% (11)	21,4% (3)	100,0% (14)

Quadro 14: Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) de PB, nas quais o sujeito clivado é constituído por até três sílabas (σ) (1 σ pré-tônica, 1 σ tônica e 1 σ pós-tônica) e pertence a um ϕ não-ramificado.

Já quando o ϕ que contém o sujeito não é ramificado e formado por uma ω com mais de três sílabas pré-tônicas, encontramos: (i) H adicional associado opcionalmente à alguma sílaba pré-tônica não adjacente à tônica, L*+H associado à sílaba tônica da ω , e Lp associado à fronteira direita do ϕ que a contém;¹² (ii) H+L* associado à sílaba tônica da ω ; e (iii) H+L* associado à sílaba tônica de ω seguido de Hp ou Lp associado à fronteira direita do ϕ que contém a ω .

¹² O H adicional aparece em apenas 1 dado de F e 1 dado de G deste tipo.

Falantes	[(..σσ..)ω]φ		[(..σσ..)ω]φ		Total
	L*+H	Lp	H+L*	H+L* Lp	
F	100,0%(11)		0,0%(0)	0,0%(0)	100,0%(11)
G	7,1%(1)		21,4%(3)	28,6%(4)	100,0%(14)

Quadro 15. Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) de PB, nas quais o sujeito clivado é constituído por mais de três σs pré-tônicas (4 σs pré-tônicas, 1 σ tônica e 1 σ pós-tônica) e pertence a um φ não ramificado.

Por sua vez, quando o φ que contém o sujeito é ramificado, encontramos: (i) acento tonal associado apenas à ω cabeça de φ (acento tonal L*+H nos dados de F e acento tonal H+L* nos dados de G); ou (ii) associação de acento tonal a cada ω do φ que contém o sujeito focalizado (acento tonal H* ou L*+H associado à 1ª ω e acento tonal L*+H associado à 2ª ω (dados de F e G) ou acento tonal H*+L associado à 2ª ω (dados de G)). As porcentagens de cada tipo de associação tonal para as sentenças clivadas invertidas de F e G, nas quais o φ que contém o sujeito é ramificado, aparecem no quadro 16 abaixo.

Falantes	L*+H/H* em ω ₁ e L*+H em ω ₂ e Lp em]φ		L*+H em ω ₁ e H*+L em ω ₂		Total
	L*+H/H*	L*+H em ω ₁ e L*+H em ω ₂ e Lp em]φ	L*+H em ω ₁ e H*+L em ω ₂	L*+H em ω ₂ e Lp em]φ	
F	19,0%(4)		0,0%(0)	81,0%(17)	100,0%(21)
G	53,6%(15)		42,8%(12)	0,0%(0)	100,0%(28)

Quadro 16. Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) de PB, nas quais o sujeito clivado pertence a um φ ramificado.

Quanto à associação de tons ao contorno final deste tipo de sentença, F e G também apresentam a mesma característica apresentada para as 'sentenças com foco prosódico no sujeito', ou seja: (i) acento tonal H+L* associado à ω cabeça do último φ de I, além de Li associado à fronteira final de I (ver figura 10); ou (ii) somente Li associado à fronteira final de I (ver figura 11) – sendo este último tipo

de associação tonal preferencial nos dados das duas falantes de PB, como revelam os resultados apresentados no quadro 17.¹³

Falantes	H+L* (Li)	Li	Total
F	31,6%(12)	68,4%(26)	100,0%(38)
G	25,0%(14)	75,0%(42)	100,0%(56)

Quadro 17. Eventos tonais associados ao contorno final de sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) de PB.

5.4.2.3.2.

As sentenças clivadas do PB

Foram produzidas 74 sentenças clivadas em PB: 18 sentenças produzidas por F + 56 sentenças produzidas por T.

Quanto à associação tonal no contorno entoacional destas sentenças, também encontramos o mesmo comportamento encontrado para o contorno entoacional das 'sentenças com foco prosódico no sujeito' e para o contorno das sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) de PB. Ou seja, também no contorno entoacional das sentenças clivadas produzidas pelos falantes de PB, encontramos: (i) associação obrigatória de acento tonal à ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado; (ii) associação opcional de acento frasal à fronteira direita do ϕ que contém o sujeito focalizado; (iii) ausência de acentos tonais associados a ω s intermediárias (entre a ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado e a ω cabeça do último ϕ de I); e (iv) H+L* associado à ω cabeça do último ϕ de I, seguido de Li associado à fronteira final de I, ou somente Li associado à fronteira final de I.

A representação em (17), bem como a respectiva figura ilustrativa em 12, exemplificam o contorno entoacional de uma sentença clivada na qual há associação do acento tonal L*+H à ω cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado, acento frasal Lp associado à fronteira direita do ϕ que contém este sujeito,

¹³ Até onde sabemos, não há trabalhos anteriores sobre a estrutura entoacional de sentenças clivadas invertidas (com ou sem verbo cópula) no PB. Portanto, não foi possível comparar nossos resultados com resultados obtidos por outros autores.

ausência de acentos tonais associados às ω s intermediárias e associação do tom de fronteira Li à fronteira final de I.

$$(17) \quad [[(\text{Foram})\omega]\phi[(\text{as venezuelANas})\omega]\phi[(\text{que lavaram})\omega]\phi[(\text{as LUvas})\omega]\phi]I$$

$\begin{array}{ccccccc} | & & | & & & & | \\ L^*+H & & Lp & & & & Li \end{array}$

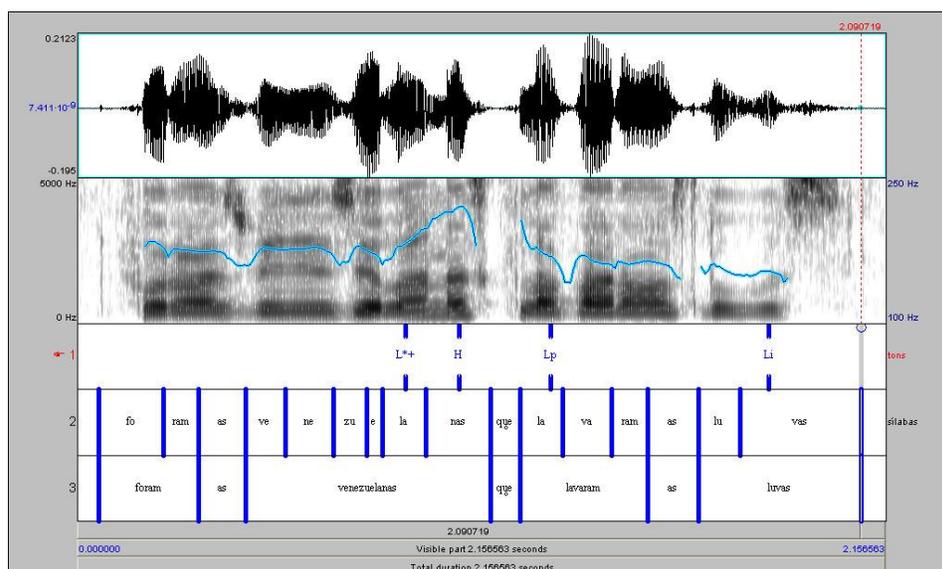


Figura 12: F₀ da sentença clivada 'Foram as venezuelanas que lavaram as luvas', produzida por F em contexto de focalização informacional do sujeito.

Se o ϕ que contém o sujeito focalizado é ramificado, pode haver acentos tonais associados a cada ω opcionalmente, porém, a associação de acento tonal é obrigatória apenas à última ω deste ϕ .

Cabe notar um fato curioso quanto à parte clivada ('foram' + sujeito) de nossas sentenças clivadas de PB: a associação de acento tonal à sílaba tônica da palavra fonológica 'foram' (ω_1) é opcional e, inclusive, é menos frequentemente encontrada em nossos dados, como pode ser constatado pela observação dos quadros (18) e (19).

Falantes	L*+H em ω_1 , L*+H em ω_2 e Lp em] ϕ	L*+H em ω_2 e Lp em] ϕ	L*+H* em ω_1 , H+L* em ω_2 e Lp ou Hp em] ϕ	H+L* em ω_2 e Lp ou Hp em] ϕ	H+L* em ω_2	Total
F	36,4%(4)	63,6%(7)	0,0%(0)	0,0%(0)	0,0%(0)	100,0%(11)
T	46,5%(13)	0,0%(0)	7,1%(2)	32,1%(9)	14,3%(4)	100,0%(28)

Quadro 18. Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças clivadas de PB, nas quais a parte clivada é formada por 'foram' (ω_1) + sujeito composto por uma única ω (ω_2).

Falantes	L*+H/H* em ω_2 , L*+H em ω_3 e Lp em] ϕ	L*+H em ω_2 e H*+L em ω_3	L*+H em ω_3 e Lp em] ϕ	L*+H em ω_1 , L*+H em ω_2 e L*+H em ω_3	L*+H em ω_1 , L*+H em ω_2 e H+L* em ω_3	Total
F	42,8%(3)	0,0%(0)	57,2%(4)	0,0%(0)	0,0%(0)	100,0%(7)
T	57,1%(16)	28,6%(8)	0,0%(0)	10,7%(3)	3,6%(1)	100,0%(28)

Quadro 19. Eventos tonais associados ao contorno inicial de sentenças clivadas de PB, nas quais a parte clivada é formada por 'foram' (ω_1) + sujeito composto por 2 ω s (ω_2 e ω_3).

Uma vez que o verbo 'foram', neste tipo de sentença, é mapeado em um ϕ diferente do ϕ no qual é mapeado o sujeito (seja este ramificado ou não), conforme o algoritmo de formação de ϕ s em português apresentado na Introdução desta tese, esperaríamos que houvesse associação de acento tonal obrigatória à ω 'foram'. Isto porque a ω 'foram' é a ω cabeça do ϕ ao qual pertence, e associação de acento tonal a cabeças de ϕ s é obrigatória em PB (cf. Frota & Vigário 2000; Tenani, 2002). Entretanto, não é isso o que observamos em nossos dados de PB. Na parte clivada das sentenças, há sempre associação de acento tonal obrigatória à última palavra fonológica (ω_2) ou (ω_3) que compõe o sujeito focalizado, sendo opcional a associação de acento tonal às outras ω s que compõem a parte clivada da sentença.

Dada esta observação, suspeitamos que os ϕ s à esquerda (lado não recursivo) do ϕ no qual o elemento focalizado é mapeado em PB possam ser reestruturados em um único ϕ , à semelhança do que propõe Frascarelli (1997)

para o italiano, língua de recursividade à direita, assim como o português. Isto explicaria o porquê de ser opcional a associação de acento tonal à ω 'foram' nas sentenças clivadas do PB, uma vez que a associação de acento tonal só é obrigatória a ω s cabeças de ϕ s em PB, e é a última ω que compõe o sujeito focalizado a cabeça do ϕ que contém a ω 'foram'. Assim, nossa hipótese é de que haja em PB tanto reestruturação dos ϕ s à direita do sujeito focalizado em um único ϕ , diferente daquele no qual o sujeito é mapeado (cf. nota 11 deste mesmo capítulo), como dos ϕ s à esquerda dele e, neste último caso, os ϕ s à esquerda do sujeito e o ϕ que contém este elemento são reestruturados em um mesmo e único ϕ .¹⁴

Assim como já notamos para as outras sentenças produzidas como estratégia de focalização do sujeito por nossos falantes de PB, também para o contorno final das sentenças clivadas desta mesma variedade, é preferencial a associação apenas do tom de fronteira Li à fronteira direita do sintagma entoacional, como revelam as porcentagens apresentadas no quadro 20.¹⁵

Falantes	H+L* (Li)	Li	Total
F	38,9%(7)	61,1%(11)	100,0%(18)
T	19,6%(11)	80,4%(45)	100,0%(56)

Quadro 20. Eventos tonais associados ao contorno final das sentenças clivadas de PB.

5.4.2.3.3.

As sentenças pseudo-clivadas do PE

Ao todo, foram produzidas 203 sentenças pseudo-clivadas pelos falantes de PE: 3 sentenças produzidas por MJ + 85 sentenças produzidas por P + 115 sentenças produzidas por S.

As possibilidades de associação tonal encontradas para o contorno das sentenças pseudo-clivadas produzidas pelos falantes de PE foram as seguintes:

¹⁴ Esta hipótese será investigada em trabalhos futuros.

¹⁵ Assim como foi observado para as sentenças clivadas invertidas (com ou sem cópula) de PB, até onde sabemos, também não há trabalhos anteriores sobre a estrutura entoacional de sentenças clivadas no PB. Portanto, não foi possível comparar nossos resultados com resultados obtidos por outros autores.

(i) associação de acento tonal H* ou L*+H à ω cabeça do primeiro φ de I, associação de L*+H à ω cabeça do φ que antecede a ω 'foram', tom H* associado opcionalmente à sílaba tônica da ω 'foram', associação de H+L* à ω cabeça do último φ de I (φ que contém o sujeito focalizado), seguido de Li associado há fronteira final de I;

(ii) associação tonal igual à associação das sentenças neutras de PE: acento tonal H* ou tom H associado fronteira inicial de I, ausência de tons a ωs intermediárias do contorno e associação de acento tonal H+L* à ω cabeça do último φ de I (φ que contém o sujeito focalizado), seguido de Li associado à fronteira final de I.

Estes dois tipos de associação tonal aparecem nos dados de nossos falantes de PE conforme as porcentagens apresentadas no quadro 21:

Falantes	Tipo (i)	Tipo (ii)	Total
MJ	100,0%(3)	0,0%(0)	100,0%(3)
P	71,8%(61)	28,2%(24)	100,0%(85)
S	92,2%(106)	7,8%(9)	100,0%(115)

Quadro 21. Porcentagens dos tipos de associação tonal (i) e (ii) ao contorno das sentenças pseudo-clivadas de PE.

Através da observação das porcentagens apresentadas no quadro 21 nota-se, claramente, que a associação tonal do tipo (i), i.é., associação tonal diferente da associação encontrada nas sentenças neutras de PE, é a preferencial em nossos dados de pseudo-clivadas desta variedade de português. A representação em (18) e (19), bem como as figuras ilustrativas 13 e 14, exemplificam, respectivamente, as associações tonais dos tipos (i) e (ii).

(18) [[(QUEM)ω] φ [(trabalhou)ω] φ [(foram)ω]φ [(os Jovens) ω]φ]_I
 | | | |
 H* L*+H H+L* Li

Cabe ainda notar que, quando o último ϕ de I é ramificado (ϕ que contém o sujeito focalizado) é possível a associação de acento tonal L*+H ou H* à primeira ω , associação de H+L* à segunda ω (cabeça do ϕ), além de Li associado à fronteira final de I. No quadro 22, aparecem as porcentagens quanto ao tipo de associação tonal ao último ϕ ramificado de I nas sentenças pseudo-clivadas produzidas por nossos falantes de PE.

Falantes	H+L* em ω_2 (Li)	L*+H em ω_1 e H+L* em ω_2 (Li)	H+L* em ω_1 e H+L* em ω_2 (Li)	Total
MJ	100,0%(1)	0,0%(0)	0,0%(0)	100,0%(1)
P	85,4%(35)	14,6%(6)	0,0%(0)	100,0%(41)
S	79,0%(45)	17,5%(10)	3,5%(2)	100,0%(57)

Quadro 22: Eventos tonais associados às ω s do último ϕ ramificado de I.

Como revelam as porcentagens acima, a associação de apenas H+L* à cabeça do último ϕ é preferencial em nossos dados de pseudo-clivadas de PE.

Independentemente da análise entoacional assumida, acrescentamos que os tipos de forma do contorno entoacional encontrados em nossos dados de pseudo-clivadas de PE confirmam os resultados encontrados por Viana (1987) para este mesmo tipo de sentença de PE. Isto pode ser atestado pela observação dos contornos abaixo para sentenças pseudo-clivadas de PE, extraídos do trabalho de Viana, bem como pela descrição geral de tais contornos apresentada pela mesma autora:

“A frequência fundamental sobe no início da frase até a primeira sílaba acentuada e a declinação dá conta do escalonamento dos picos de F_0 que se seguem imediatamente a este acento....A descida gradual de F_0 é bruscamente interrompida e observa-se uma subida sobre a sílaba acentuada que precede a seqüência que se pretende realçar e a que está associado um acento de altura.”
(Viana, 1987: 83)

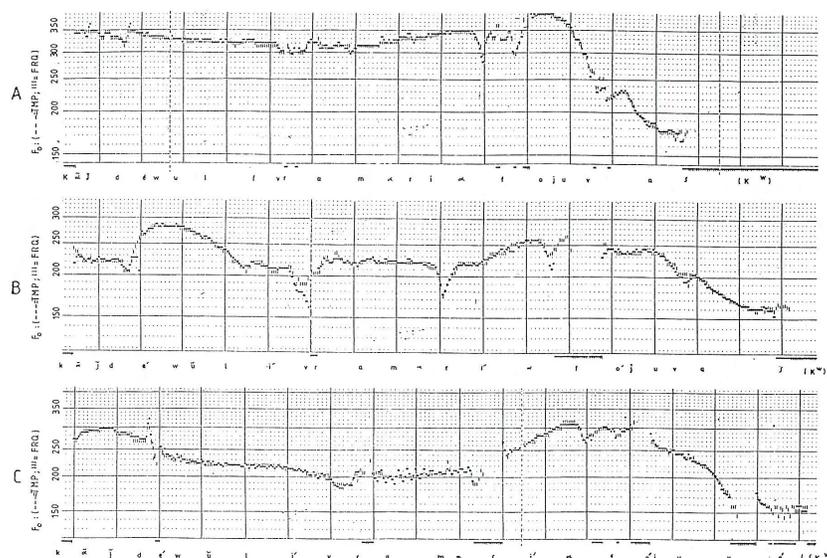


Figura (ii): Curvas de F_0 da sentença 'Quem deu um livro à Maria foi o Vasco.' produzida por três falantes de PE e extraídas de Viana (1987:88).

5.4.2.4.

As sentenças [...S] do PE

Foram produzidas 96 sentenças [...S] pelos falantes de PE: 23 sentenças produzidas por MJ + 28 sentenças produzidas por P + 45 sentenças produzidas por S. As sentenças [...S] produzidas compreendem três tipos: (a) sentenças na ordem 'verbo-sujeito' (VS: com verbos inergativos e inacusativos); (b) sentenças na ordem 'advérbio-verbo-sujeito' (AdVS: com verbos inergativos e inacusativos); (c) e sentenças na ordem 'verbo-objeto-sujeito' (VOS: com verbos transitivos).¹⁶

(A) As sentenças VS

Para as sentenças VS do PE encontramos dois tipos de associação tonal:

¹⁶ Não há trabalhos anteriores sobre a estrutura entoacional das sentenças [...S] do PE, até onde sabemos. Portanto, não foi possível comparar os resultados apresentados em (A), (B) e (C) com resultados obtidos por outros autores.

- a) acentos tonais associados a ω s de ϕ s;
- b) tons associados às fronteiras inicial e final de I.

A representação em (20), bem como a respectiva figura ilustrativa 15, exemplificam a associação tonal do tipo (a).

$$(20) \quad [[(\text{chegaram})\omega] \phi] \phi [[(\text{as alunas})\omega(\text{jovens})\omega] \phi]_I$$

$$\begin{array}{ccccccc} & | & & | & | & | & | \\ & \text{H}^* & & \text{L}^*+\text{H} & \text{H}+\text{L}^* & & \text{Li} \end{array}$$

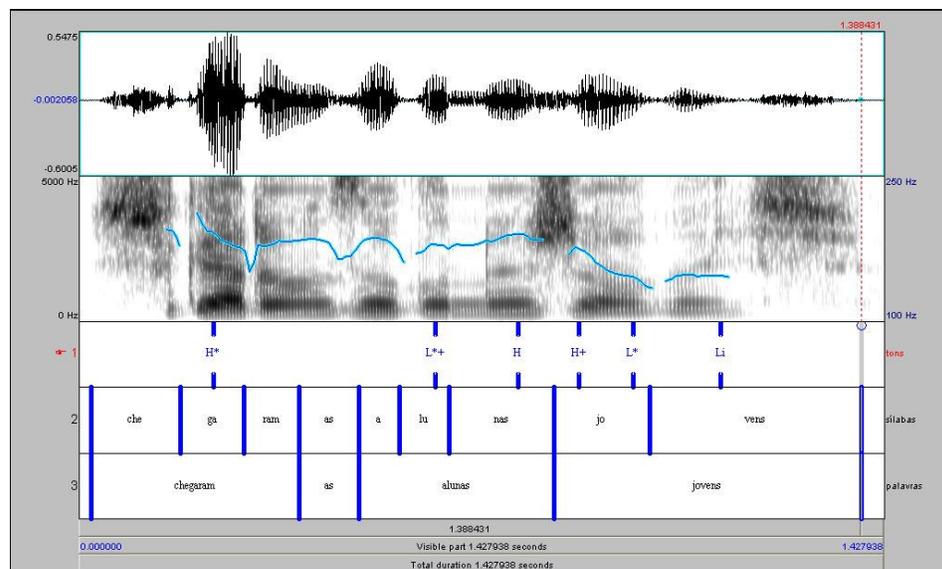


Figura 15: F_0 da sentença 'Chegaram as alunas jovens', produzida por P em contexto de focalização informacional do sujeito.

Já a representação em (21), bem como a respectiva figura ilustrativa 16, exemplificam a associação tonal do tipo (b).

$$(21) \quad [[(\text{telefonaram})\omega] \phi] \phi [[(\text{as alunas})\omega(\text{jovens})\omega] \phi]_I$$

$$\begin{array}{ccc} & | & | \\ & \text{H}^* & \text{H}+\text{L}^* \\ & & | \\ & & \text{Li} \end{array}$$

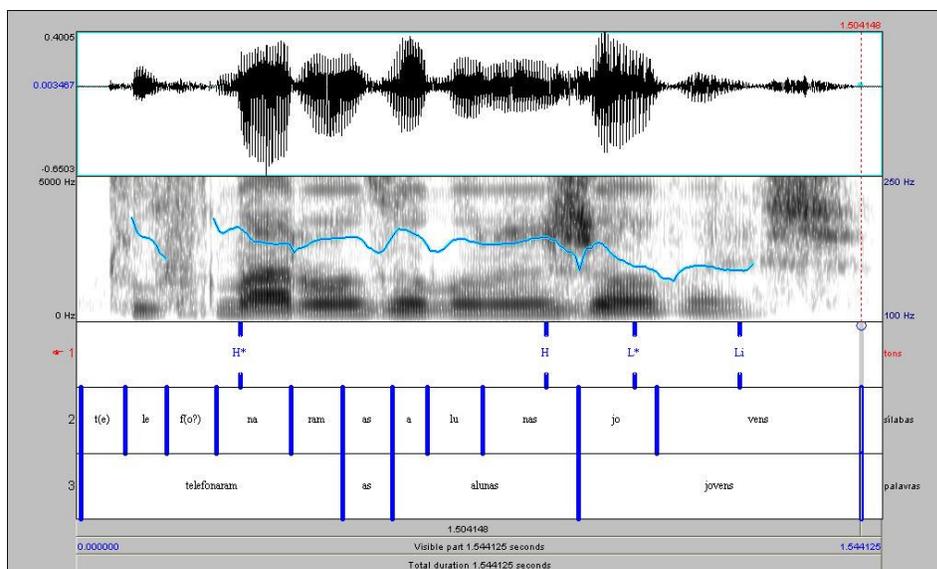


Figura 16: F₀ da sentença 'Telefonaram as alunas jovens', produzida por P em contexto de focalização informacional do sujeito.

As associações dos tipos (a) e (b) aparecem com as seguintes frequências nos dados de nossos falantes de PE:

Falantes	Tipo (a): associação tonal a ωs de φs	Tipo (b): associação tonal às fronteiras inicial e final de I	Total
MJ	46,2%(6)	53,8%(7)	100,0%(13)
P	16,7%(4)	83,3%(20)	100,0%(24)
S	16,0%(4)	84,0%(21)	100,0%(25)

Quadro 23. Porcentagens dos tipos de associação tonal (a) e (b) ao contorno das sentenças VS de PE.

Os resultados do quadro 23 revelam que a associação tonal do tipo (b), tons associados apenas a ωs nas fronteiras inicial e final de I, são preferenciais em nossos dados de sentenças VS de PE.

Quanto à associação tonal do tipo (a), nas sentenças nas quais o sujeito focalizado é ramificado prosodicamente, encontramos: (i) acento tonal H* (ou

L*+H) associado ao verbo, L*+H associado à primeira ω componente do sujeito ramificado e acento tonal H+L* associado à segunda ω deste mesmo elemento (ω cabeça do último ϕ de I), além de Li associado a fronteira direita de I – ver representação em (20) e figura 15 acima como ilustração; ou (ii) acento tonal L*+H associado ao verbo e apenas H+L* associado à segunda ω do sujeito ramificado (ω cabeça do último ϕ de I), além de Li associado a fronteira direita de I, como ilustram a representação em (22) e a respectiva figura 17.

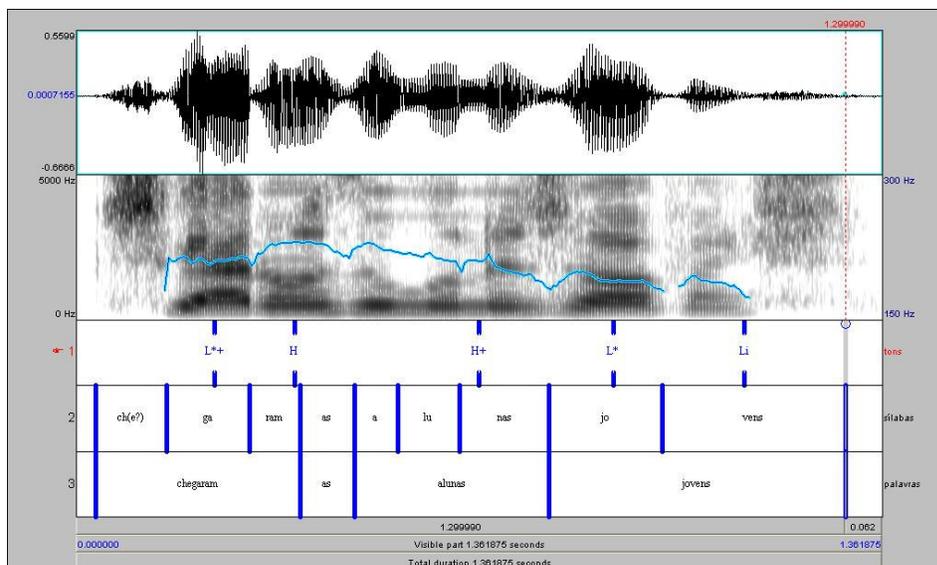
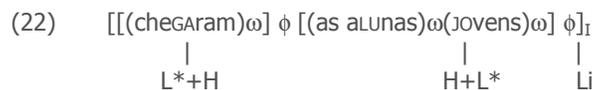


Figura 17: F₀ da sentença 'Chegaram as alunas jovens', produzida por MJ em contexto de focalização informacional do sujeito.

Para a associação tonal do tipo (b), encontramos: tom H ou H* inicial associado à fronteira inicial de I e acento tonal H+L* associado à ω cabeça do último ϕ de I (ϕ que contém o sujeito focalizado), além de Li associado à fronteira final de I – ver representação em (21) e figura 16.

(B) As sentenças AdvVS

Para as sentenças AdvVS produzidas pelos falantes de PE, encontramos os mesmos tipos de associação tonal encontrados para as sentenças VS produzidas por eles, ou seja: (a) acentos tonais associados a ω s de ϕ s; ou (b) tons associados às fronteiras inicial e final de I. Cabe acrescentar que apenas MJ e S produziram sentenças AdvVS.

Com relação a associação tonal do tipo (a), encontramos acento tonal L^*+H (ou H^*) associado a ω composta pelo advérbio ($1^\circ \phi$ de I), H^* associado à ω formada pelo verbo, $H+L^*$ associado à ω cabeça do último ϕ de I (ϕ que contém o sujeito), além de Li associado à fronteira final de I. A representação em (23), bem como a respectiva figura ilustrativa 18, exemplificam um caso deste tipo de associação tonal a uma sentença AdvVS.

$$(23) \quad [[(\text{HOJE})\omega] \phi] \phi [(\text{RIRAM})\omega] \phi [(\text{OS JOVENS})\omega]\phi]_I$$

$$\begin{array}{ccccccc} & | & & | & & | & | \\ & L^*+H & & H^* & & H+L^* & Li \end{array}$$

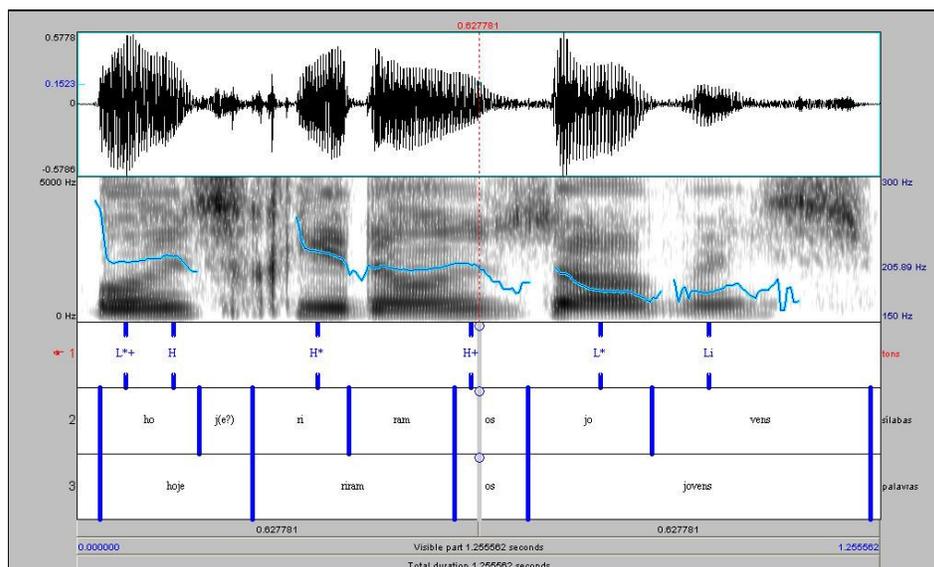


Figura 18: F_0 da sentença 'Hoje riram os jovens', produzida por S em contexto de focalização informacional do sujeito.

Quanto à associação tonal do tipo (b), encontramos: tom inicial H ou H* associado à fronteira esquerda de I, H+L* associado à ω cabeça do último φ de I (φ que contém o sujeito), além de Li associado à fronteira final de I, como ilustram a representação em (24) e a respectiva figura 19.

$$(24) \quad [[(\text{Hoje})\omega] \phi] \quad [(\text{choraram})\omega] \phi \quad [(\text{as venezuelanas})\omega] \phi]_I$$

|
H

|
H+L*

|
Li

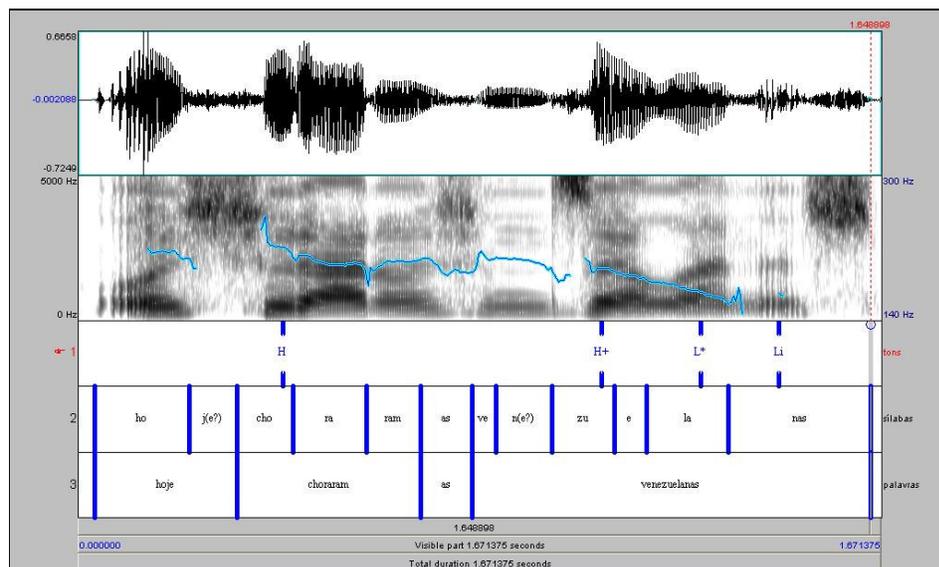


Figura 19: F₀ da sentença 'Hoje choraram as venezuelanas', produzida por S em contexto de focalização informacional do sujeito.

As associações dos tipos (a) e (b) aparecem com as seguintes freqüências nos dados de nossos falantes de PE:

Falantes	Tipo (a): associação tonal a ω s de ϕ s	Tipo (b): associação tonal às fronteiras inicial e final de I	Total
MJ	72,7%(8)	27,3%(3)	100,0%(11)
S	52,9%(9)	47,1%(8)	100,0%(17)

Quadro 24. Porcentagens dos tipos de associação tonal (a) e (b) ao contorno das sentenças AdvVS de PE.

Os resultados do quadro 23 revelam que a associação tonal do tipo (a) é preferencial nos dados de sentenças AdvVS de nossos falantes de PE.

(C) As sentenças VOS

Em nossos dados, só houve a produção de duas sentenças VOS, ambas produzidas pelo falante S. Nestas, encontramos acentos tonais associados a ϕ s: acento tonal H* associado à ω do primeiro ϕ de I (ω composta pelo verbo); acento tonal L*+H associado à cabeça do ϕ no qual o objeto é mapeado e H+L* associado à cabeça do último ϕ de I (ϕ no qual o sujeito é mapeado), além de Li associado à fronteira final de I. A representação em (25) e a respectiva figura ilustrativa 20 exemplificam o tipo de associação tonal encontrada para o contorno das sentenças VOS produzidas por S.

$$(25) \quad [[(\text{levaram})\omega] \phi [(\text{as MALas})\omega] \phi [(\text{as governadoras})\omega] \phi]_I$$

$$\begin{array}{cccc} | & & | & | & | \\ \text{H}^* & & \text{L}^*+\text{H} & & \text{H}+\text{L}^* & & \text{Li} \end{array}$$

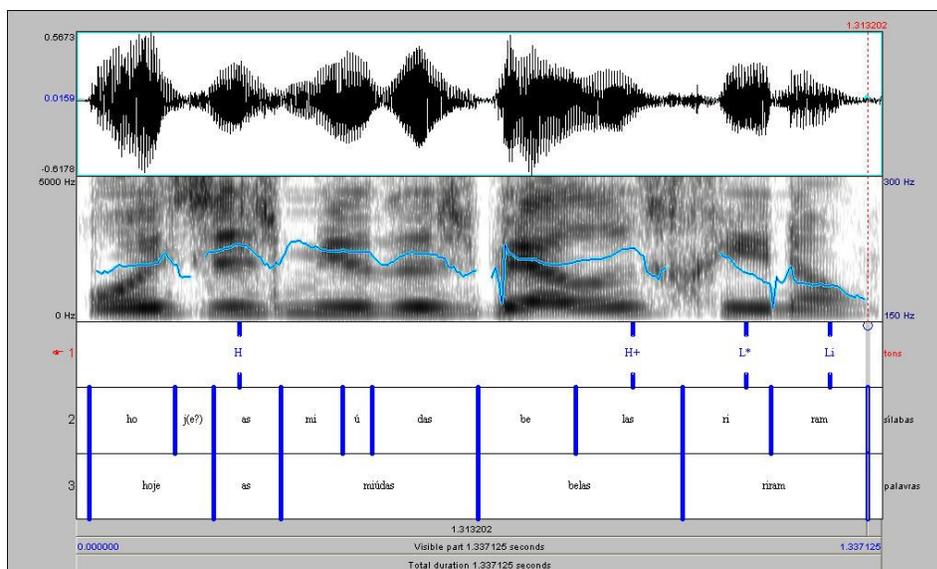


Figura 21: F₀ da sentença 'Hoje as miúdas belas riram', produzida por MJ em contexto de focalização informacional do sujeito.

5.5.

Conclusões: a comparação PB/PE

Através da comparação de nossos resultados sobre a estrutura entoacional de PB e PE, nota-se que enquanto os acentos tonais se encontram associados a ω no contorno das sentenças neutras de PB, os tons se encontram associados às fronteiras inicial e final de I no contorno entoacional das sentenças neutras de PE. Por outro lado, o contorno entoacional final é idêntico nas sentenças neutras de PB e PE (acento tonal H+L* associado a ω cabeça do último ϕ de I, seguido pelo tom de fronteira Li associado à fronteira final de I).

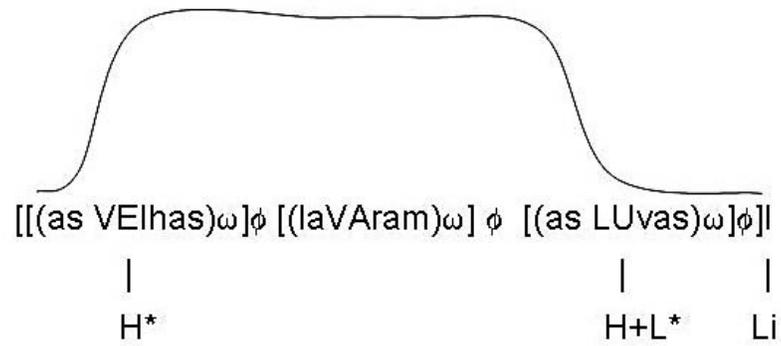
Para as 'sentenças com foco prosódico no sujeito' do PE, o acento tonal H*+L associado ao sujeito foi consistentemente encontrado em nossos dados (principal característica entoacional dos elementos portando foco estreito (foco informacional ou contrastivo) em PE), mas acento frasal associado à fronteira direita do ϕ que contém o sujeito focalizado, praticamente, não foram encontrados em nossos dados (apenas 1 dado de MJ). Diferentemente, em PB, encontramos tanto um acento tonal especial associado ao sujeito focalizado (H*+L ou H+L*),

que é diferente do acento tonal que o sujeito geralmente porta em contexto neutro (L^*+H), como o mesmo tipo de acento tonal que o sujeito porta nas sentenças neutras, além de acento frasal associado opcionalmente à fronteira direita do ϕ que contém o sujeito focalizado. Para o contorno final deste tipo de sentenças, PB e PE apresentam as mesmas propriedades entoacionais: acento tonal $H+L^*$ associado a ω cabeça do último ϕ de I, seguido por um tom de fronteira L_i associado à fronteira final de I, ou simplesmente tom de fronteira L_i associado à fronteira final de I.

No caso das sentenças clivadas e das clivadas invertidas (com ou sem cópula) produzidas pelas falantes de PB, assim como nas 'sentenças com foco prosódico no sujeito', encontramos: acento tonal obrigatório associado à cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado; associação opcional de acento frasal à fronteira direita deste mesmo ϕ ; e ausência de acentos tonais associados às ω s que seguem o sujeito focalizado, além do acento tonal $H+L^*$ associado a ω cabeça do último ϕ de I, seguido por um tom de fronteira L_i associado à fronteira final de I, ou simplesmente tom de fronteira L_i associado à fronteira final de I.

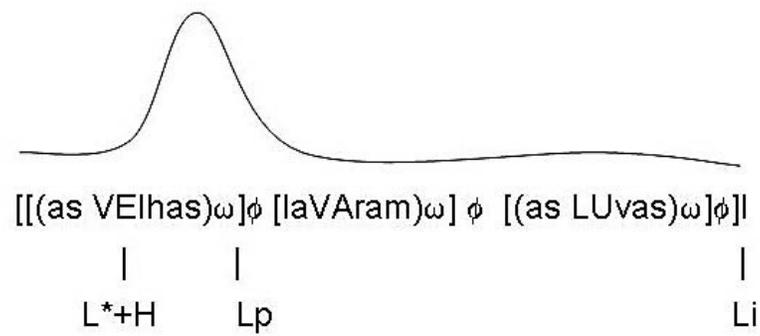
Por sua vez, no caso das sentenças pseudo-clivadas e das sentenças [...S] de PE, a estrutura entoacional associada a elas pode ser igual ou diferente da estrutura entoacional associada às sentenças neutras desta mesma variedade de português. Com relação ao fato de poder ser diferente, a estrutura entoacional das sentenças pseudo-clivadas, bem como a estrutura entoacional das sentenças [...S], pode apresentar acentos tonais intermediários, além dos tons associados às fronteiras inicial e final de I, e mesmo o acento tonal inicial (L^*+H), acento tonal menos freqüente em relação ao tom inicial (H ou H^*) que as sentenças neutras do PE geralmente portam. No caso da estrutura entoacional das sentenças pseudo-clivadas, o acento tonal L^*+H está associado à ω cabeça do último ϕ que antecede o primeiro ϕ da parte clivada da sentença (parte que contém o sujeito focalizado). Já na estrutura entoacional das sentenças de focalização [...S], pode haver um acento tonal L^*+H associado à ω formada pelo verbo, no caso das sentenças de ordem VS, um acento tonal L^*+H associado à ω composta pelo objeto, no caso das sentenças de ordem VOS, ou um acento tonal L^*+H associado à ω constituída pelo advérbio, no caso das sentenças AdvVS.

(b) SENTENÇAS NEUTRAS EM PE

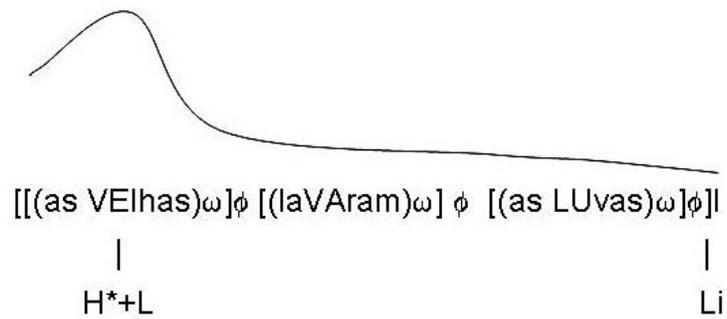


(II)

(a) SENTENÇAS COM FOCO PROSÓDICO NO SUJEITO EM PB



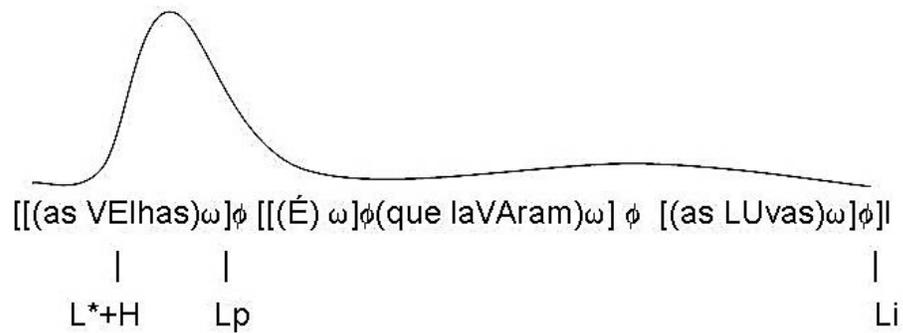
(b) SENTENÇAS COM FOCO PROSÓDICO NO SUJEITO EM PE



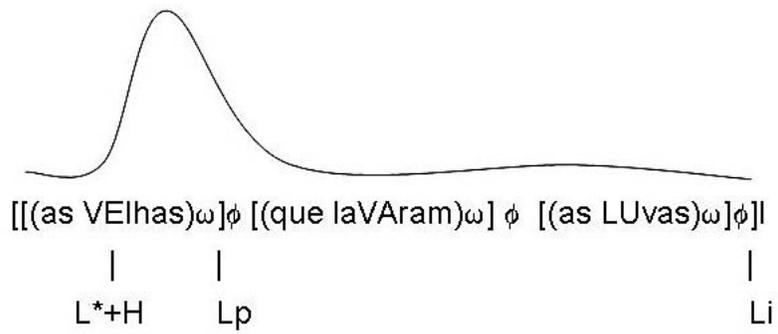
(III)

SENTENÇAS CLIVADAS INVERTIDAS COM E SEM CÓPULA EM PB

(a) CLIVADA INVERTIDA COM CÓPULA

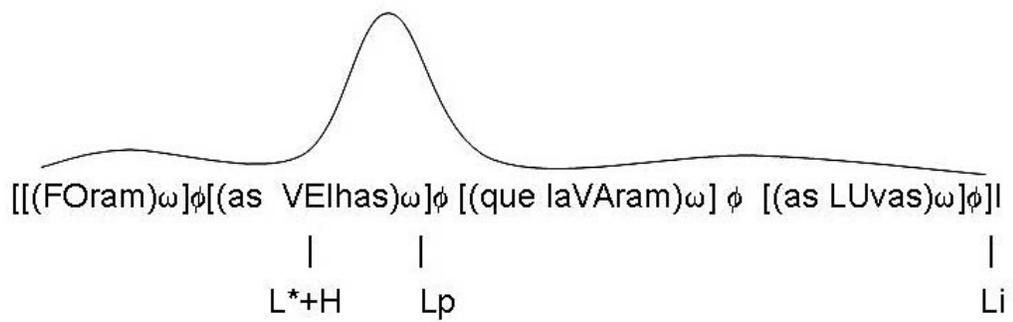


(b) CLIVADA INVERTIDA SEM CÓPULA

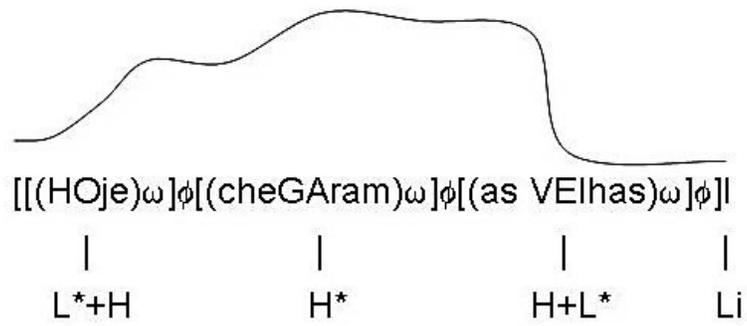


(IV)

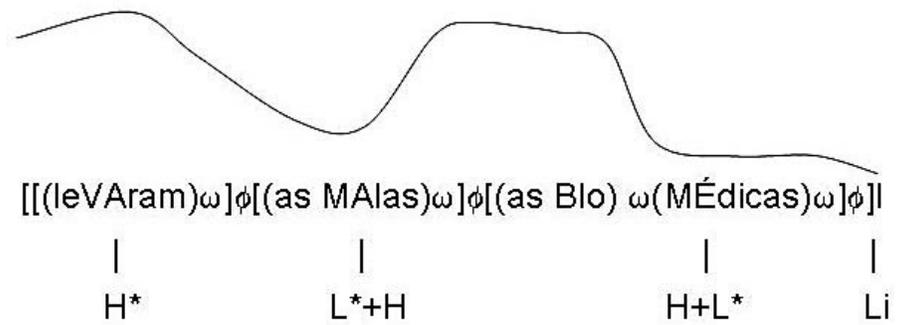
SENTENÇAS CLIVADAS EM PB



(b) AdvVS



(c) VOS



6.

Análise dos dados de PB e PE à luz da interface sintaxe-fonologia

6.1.

Introdução

De nossa descrição dos dados, realizada nos capítulos 4 e 5, destacamos os resultados apresentados abaixo sobre a comparação PB/PE na expressão da focalização informacional do sujeito.

No experimento 1, onde os falantes de PB e PE deveriam escolher a sentença mais natural para o sujeito focalizado entre duas opções, posição pré-verbal e margem direita da sentença, os falantes de PB escolheram predominantemente as sentenças com o sujeito na posição pré-verbal, independentemente da classe verbal (inacusativo, inergativo ou transitivo), do tipo do predicado (leve ou pesado) e do tipo do sujeito (leve ou pesado) que constituíam estas sentenças.

Já os falantes de PE escolheram preferencialmente as sentenças em que o sujeito aparecia na margem direita, quando o verbo era inacusativo ou inergativo e quando o predicado destas sentenças era constituído por nada mais além do verbo. Mas escolheram as sentenças com o sujeito na posição pré-verbal, quando estas eram constituídas por verbos transitivos (predicado constituído por verbo + objeto) ou por verbos inacusativos e inergativos + advérbio no predicado.

Ainda quanto ao experimento 1, ressalta-se o fato de haver uma escolha maior em PB por sentenças com o sujeito focalizado na margem direita quando o verbo era inacusativo, do que quando era inergativo ou transitivo. Houve também uma escolha maior por sentenças inacusativas com o sujeito focalizado na margem direita quando as mesmas eram constituídas por sujeito pesado e predicado leve, do que quando eram constituídas por sujeito leve e predicado pesado fonologicamente. Mas, mesmo havendo uma escolha maior por sentenças

inacusativas com o sujeito focalizado ocupando a margem direita em relação à escolha por sentenças inergativas e transitivas deste tipo, ainda se nota a predominância pela escolha de sentenças inacusativas com o sujeito na posição pré-verbal, independentemente do peso do sujeito e do predicado.

No experimento 2, os falantes de PB e PE deveriam produzir sentenças expressando focalização informacional no sujeito, porém, sem escolher entre alternativas possíveis dadas. Eles deveriam produzir sentenças que lhes soassem naturais no contexto de focalização do sujeito.

Neste experimento, 2 dos 3 falantes de PE produziram, como opção de focalização escolhida preferencialmente, sentenças pseudo-clivadas do tipo 'Quem morreu foram as alunas jovens' e 1 dos falantes de PE produziu, como opção de focalização preferencial, sentenças na ordem neutra (sujeito na posição pré-verbal: sentenças SV, SVAdv, SVO) com proeminência principal no sujeito (doravante, focalização prosódica). Como segunda opção de focalização, estes falantes produziram sentenças com o sujeito na margem direita como opção predominante (doravante, [...S]), porém, com algumas restrições. Este tipo de focalização foi produzido mais amplamente em sentenças inergativas e inacusativas, sendo muito baixa a frequência nas sentenças transitivas (ordem produzida: VOS). Além disso, quando havia um advérbio de tempo ou lugar além do verbo no predicado das sentenças inergativas e inacusativas, ou era escolhida a primeira opção de focalização já escolhida anteriormente (focalização prosódica ou pseudo-clivagem) ou os falantes produziam focalização [...S] apenas com a ordem AdvVS ('No lago morreram as alunas jovens' / 'Hoje riram os jovens').

Em PB, os falantes produziram o foco prosódico como primeira opção de focalização predominantemente. Como segunda opção, foram produzidas sentenças clivadas, do tipo 'Foram os jovens que riram', e clivadas invertidas (com ou sem cópula), do tipo 'Os jovens (é) que riram'. A focalização [...S] não apareceu na produção dos falantes de PB deste experimento 2 em nenhum tipo de sentença, nem mesmo nas inacusativas, como apareceram no experimento 1.

A análise entoacional das sentenças produzidas pelos falantes de PB e PE no experimento 2 mostrou que, embora a opção de focalização escolhida pelas

duas variedades possa ser a mesma, no caso, a focalização prosódica, a caracterização prosódica do elemento focalizado pode ser diferente.

Em PE, o principal correlato entoacional caracterizador deste tipo de focalização é um tipo de acento tonal específico que o elemento focalizado porta, H*+L (cf. Frota, 2000 e capítulo 5 desta tese). Já em PB, o sujeito focalizado pode não portar um tipo característico de acento tonal, ou seja, pode não haver diferença quanto ao tipo de acento tonal que ele porta, quer quando focalizado, quer quando produzido em contexto neutro. Porém, o principal correlato entoacional que diferencia as sentenças com sujeito focalizado das sentenças neutras em PB é a ausência de acentos tonais associados a palavras fonológicas intermediárias (entre a palavra fonológica (ω) cabeça do sintagma fonológico (ϕ) que contém o sujeito e a ω cabeça do último ϕ do sintagma entoacional (I)) e a possibilidade de haver acento frasal associado à fronteira direita do ϕ que contém o sujeito focalizado.

Quanto à escolha de estruturas clivadas como opção de focalização, o primeiro fato a ser notado é que, embora as duas variedades escolham este tipo de focalização, o tipo de estrutura clivada escolhido por elas é diferente. Enquanto PE opta por sentenças pseudo-clivadas, PB opta por clivadas e clivadas invertidas (com ou sem cópula). A estrutura entoacional associada às clivadas e às pseudo-clivadas também é diferente.

No caso das clivadas e das clivadas invertidas de PB, assim como nas sentenças com foco prosódico desta mesma variedade de português, há acento tonal obrigatório associado à cabeça do ϕ que contém o sujeito focalizado, presença opcional de acento frasal associado à fronteira direita deste ϕ e ausência de acentos tonais associados às ω s que seguem o sujeito focalizado. Também à semelhança das sentenças com foco prosódico, nas sentenças clivadas e clivadas invertidas, o sujeito não ocupa a margem direita, mas, a margem esquerda da sentença.

No caso das sentenças pseudo-clivadas e das sentenças com focalização [...S] de PE, a estrutura entoacional associada a elas pode ser diferente da estrutura entoacional associada às sentenças neutras. Na estrutura entoacional das sentenças neutras do PE há, no geral, apenas um evento tonal no início de I e um

acento tonal associado à cabeça do último ϕ de I. Em contrapartida, a estrutura entoacional das sentenças pseudo-clivadas, bem como a estrutura entoacional das sentenças [...S], apresenta freqüentemente acentos tonais intermediários, além dos acentos tonais associados ao início e ao fim de I. No caso da estrutura entoacional das sentenças pseudo-clivadas, pode haver um acento tonal (L*+H), marcando ascendência da curva entoacional, associado à cabeça do último ϕ que antecede o primeiro ϕ da parte clivada da sentença (parte na qual está o sujeito). Já na estrutura entoacional das sentenças de focalização [...S], pode haver um acento tonal L*+H associado ao verbo, no caso das sentenças de ordem VS, ou um acento tonal L*+H associado ao advérbio, no caso das sentenças AdvVS, ou um acento tonal L*+H associado ao objeto, no caso das sentenças VOS.

Com base nesses resultados, surgem as seguintes questões:

- a) Por que em PB, mas não em PE, o peso fonológico do sujeito é estatisticamente relevante para a posposição verbal deste elemento nas sentenças inacusativas?
- b) Por que enquanto em PE há uma distinção clara entre verbos transitivos de um lado e verbos inacusativos e inergativos de outro, uma vez que há mais sujeito posposto em sentenças inacusativas e inergativas do que em transitivas, em PB, há uma distinção clara entre inacusativos e os outros dois tipos de verbos, dado que há mais sujeito posposto a verbos inacusativos do que a verbos inergativos e transitivos?
- c) Por que o tipo de clivadas escolhido como opção de focalização é diferente em cada variedade de português? Enquanto PE opta por pseudo-clivadas, nas quais o sujeito focalizado se encontra na margem direita da sentença, PB opta por clivadas e clivadas invertidas, nas quais o sujeito focalizado se encontra próximo à margem esquerda.
- d) Por que nas sentenças inacusativas e inergativas do PE, quando há mais elementos além do verbo no predicado, como um advérbio de tempo ou lugar, por exemplo, encontramos o sujeito na

margem direita da sentença somente com a ordem AdvS e não com a ordem VAdvS?

- e) Por que as sentenças transitivas VOS em contexto de focalização informacional do sujeito têm uma frequência baixa em nossos dados de PE?
- f) Por que há diferença do padrão entoacional das sentenças com foco [...S] (VS, VOS e AdvS) e pseudo-clivadas de PE em relação ao padrão neutro?
- g) Por que em PE, mas não em PB, há obrigatoriamente mudança quanto ao tipo de acento tonal que o sujeito porta nas sentenças com ordem neutra e proeminência principal neste elemento? Em contrapartida, por que em PB, e não em PE, há frequentemente um acento frasal associado à fronteira direita do ϕ que contém o sujeito focalizado?

Nossa hipótese é que as repostas a estas perguntas estejam relacionadas a restrições gramaticais próprias de cada variedade, à obediência a restrições de peso fonológico tanto em PB, quanto em PE, e à posição sintática ocupada pelo sujeito focalizado nas estruturas apresentadas pelas duas variedades como opção de focalização informacional do sujeito.

O objetivo deste capítulo é tentar encontrar respostas para as questões acima apresentadas. Cumpriremos esta tarefa através de uma proposta de análise dos dados, sob a perspectiva da interface sintaxe-fonologia.

6.2.

As análises sintáticas já propostas para o sujeito focalizado informacionalmente em PB e PE e os dados do presente trabalho

As análises sintáticas já propostas para o sujeito focalizado em PB e PE não levam em conta fatos prosódicos que podem afetar a derivação da ordem nas sentenças com constituinte focalizado e também não testam a frequência com que

as opções de focalização são escolhidas em cada variedade. No geral, as análises apenas lidam com as opções de focalização informacional do sujeito de maneira categórica em PB e PE: o sujeito focalizado informacionalmente aparece na margem direita da sentença em PE, onde a proeminência principal é atribuída por *default*, e o sujeito focalizado aparece na posição pré-verbal e porta a proeminência principal da sentença em PB.

Como nossos dados mostraram, a posição ocupada pelo sujeito focalizado em PE e PB parece ser afetada pelo peso fonológico dos constituintes da sentença. No PE, este fator ocasiona a possibilidade de escolha por uma opção de focalização outra que não a [...S]. Em nossos dados, quando o predicado era mais pesado fonologicamente do que o sujeito, também a estratégia prosódica ou a pseudo-clivagem poderiam ser escolhidas. Quanto ao PB, nossos dados do experimento 1 revelaram que, se o sujeito é mais pesado fonologicamente que o predicado, há um aumento de escolha por sentenças inacusativas com focalização do tipo [...S].

Repare que nenhuma das análises já propostas para o sujeito focalizado informacionalmente em PB e PE, como foi apresentado no capítulo 3 desta tese, explica por que, em certos casos, o PE opta não pela focalização do tipo [...S], mas por outra opção de focalização e também não explicam por que o peso fonológico do sujeito favorece a escolha pela focalização do tipo [...S] somente em sentenças inacusativas do PB.

Nota-se ainda que algumas destas análises propõem projeções exclusivamente para dar conta do fenômeno da focalização, ferindo princípios de economia que defendem uma derivação mais enxuta. Outras, por sua vez, consideram que a sintaxe gera muitas estruturas possíveis (resultantes de movimentos sintáticos) e a fonologia é que deve filtrar a estrutura mais conveniente. Nota-se que, nestas análises, é proposta a geração de diferentes estruturas sintáticas sem motivação.

Além disso, através das análises já propostas, não é possível explicar por que os falantes de PB e PE de nosso experimento 2 escolhem tipos diferentes de clivadas como opção de focalização informacional do sujeito, respectivamente, pseudo-clivadas em PE e clivadas e clivadas invertidas em PB. Excetuando a

clivada invertida sem cópula, que é possível só em PB ('Os jovens que riram'), todos os outros tipos de clivadas são possíveis em ambas as variedades.

6.3.

Uma proposta de análise à luz da interface sintaxe-fonologia

Como relatado no início deste capítulo, em nossos dados de PE, a focalização informacional do sujeito se deu através do uso de pseudo-clivadas, estruturas VS, estruturas AdvVS e foco prosódico. Nas três primeiras estratégias, o sujeito focalizado sempre aparece na margem direita da sentença.

Em nossos dados de PB, a focalização do sujeito se deu através do uso de foco prosódico, estruturas clivadas, clivadas invertidas (com ou sem cópula) e, em frequência bem menor, através de estruturas VS com verbos inacusativos (ver resultados do experimento 1).¹ Nas três primeiras estratégias, o sujeito focalizado sempre aparece na margem esquerda da sentença. Ou seja, enquanto em PE o constituinte focalizado pode aparecer mais frequentemente na margem direita da sentença, em PB o sujeito focalizado aparece mais raramente nesta posição (em nossos dados, somente em sentenças inacusativas VS).

Isto parece indicar que, em PE, mas não em PB, além da focalização prosódica e da clivagem, as sentenças [...S], nas quais o sujeito focalizado ocupa a margem direita da sentença, é uma terceira opção de focalização informacional do sujeito.

Baseados na análise de Zubizarreta (1998) para o espanhol e o italiano, assumimos que, nos casos em que PE opta por reordenar os constituintes da sentença (sentenças VOS), de maneira que o sujeito focalizado ocupe a margem direita, há movimento prosódico (doravante, movimento-p) – cf. também Kato

¹ Quanto aos casos de VAdvS (inacusativas e inergativas), VS (inergativas) e VOS em contexto de foco informacional do sujeito, resultados da aplicação do experimento 1 de nosso trabalho, cabe notar que o número de escolha por estruturas deste tipo pelos falantes de PB foi ínfimo. Suspeitamos que sejam casos em que os resultados possam ter sido enviesados pela gramática normativa, dado que o experimento 1 consistiu em um experimento com base na escrita e a variedade escrita é mais influenciada pela gramática normativa do que a variedade oral. Segundo a gramática normativa, estruturas VAdvS (inacusativas e inergativas), VS (inergativas) e VOS são possíveis em português. Repare que, diferentemente do que encontramos para PE, no experimento 2 (experimento de produção oral), a estratégia de focalização [...S] não foi produzida pelos falantes de PB, nem com sentenças inacusativas.

(1999, 2000) para este mesmo tipo de assunção em PE. Já em PB, o foco informacional no sujeito é obtido através de movimento sintático do sujeito para o especificador de uma projeção contendo traços de foco e que se encontra fora de TP, além de marcação de proeminência fonológica principal de sentença neste elemento.² Com base na análise de nossos dados, argumentaremos em favor de uma análise unificada para as sentenças com foco informacional no sujeito em PB. Portanto, será proposto que tanto nas sentenças não clivadas, onde o foco é percebido apenas através da proeminência principal da sentença, como nas clivadas e clivadas invertidas de PB, o sujeito focalizado, além de portar proeminência principal assinalada em PF, é movido sintaticamente para uma projeção fora de TP. Isto significa dizer que a focalização em PB é sintática e prosódica ao mesmo tempo.

Apresentaremos primeiramente nossa proposta de derivação das sentenças com sujeito focalizado informacionalmente em PE e, posteriormente, a derivação das sentenças com sujeito focalizado em PB. Em nossa proposta de derivação nas duas variedades de português, mostraremos que não só propriedades sintáticas (próprias das duas línguas) afetam a escolha por determinada estratégia de focalização, como também propriedades prosódicas. Além disso, daremos evidências prosódicas, refletidas na estrutura entoacional, para as derivações sintáticas apresentadas para cada variedade de português.

6.3.1.

O movimento-p proposto por Zubizarreta (1998)

Uma vez que admitimos que o reordenamento dos constituintes nas sentenças VOS com sujeito focalizado do PE é uma opção para a expressão da focalização informacional deste elemento, obtida através de movimento-p, como proposto por Zubizarreta, faz-se necessário explicar qual a natureza deste movimento e onde, como e por que ele ocorre.

² Assumimos, aqui, TP como IP não cindido para as sentenças de PB e PE em contexto de focalização informacional do sujeito. Como já mencionado no capítulo 3 desta tese, sobre a cisão de IP, conferir, entre outros: Pollock (1989); Belletti (1990); Iatridou (1990); e, especificamente para o português, Galves (1993, 2001); Figueiredo Silva (1996); Kato (1999, 2000); Costa & Galves (2002); Tavares Silva (2004); entre outros.

O movimento prosódico não ocorre por motivos de checagem de traços sintáticos formais (como por exemplo, a checagem de Caso), formulado nos termos do programa minimalista de Chomsky (1995). Zubizarreta postula que este movimento ocorre quando dois nós α e β possuem propriedades prosódicas contraditórias, o que implica afirmar que este movimento é motivado prosodicamente. Na proposta da autora, os nós α e β só apresentam propriedades contraditórias prosodicamente se, e somente se, duas condições são encontradas: (i) α e β são irmãos métricos e (ii) FPR assinala proeminência a um nó, por exemplo, α , e NSR assinala proeminência ao outro nó, por exemplo, β . As formalizações de NSR e FPR que utilizaremos aqui são apresentadas em (1) e (2) e são formuladas, respectivamente, com base nas propostas de Nespor & Vogel (1986) e Nespor & Guasti (2002) – esta última já adaptada de Chomsky (1971) e Jackendoff (1972), cf. princípio *Focus to Stress Alignment (FSA)* no capítulo 2 desta tese.

- (1) *NSR*
A proeminência principal de I é atribuída à cabeça do último ϕ de I, a depender da recursividade sintática da língua.³
- (2) *FPR*
O elemento focalizado, marcado sintaticamente como [+F], deve portar a proeminência principal de I.

Optamos por não utilizar as respectivas formalizações de FPR e de NSR de Zubizarreta, uma vez que esta autora defende que a aplicação destas duas regras de assinalamento de proeminência se dá no componente sintático, imediatamente antes de *Spell-Out*. Neste trabalho, assumimos com Selkirk (1984), Nespor & Vogel

³ Conforme Nespor & Vogel (1986:168):

ϕ relative prominence

In languages whose syntactic trees are right branching, the rightmost node of ϕ is labeled s; in languages whose syntactic trees are left branching, the leftmost node of ϕ is labeled s. All sister nodes of s are labeled w. Isto significa que, em uma língua como o português, língua de ramificação sintática à direita, o nó mais à direita do sintagma fonológico será o elemento forte (s – do inglês *strong*), portanto, elemento cabeça e receptor de proeminência do sintagma fonológico, e os demais nós deste sintagma serão fracos (w – do inglês *weak*) – cf. Frota (2000). O nó cabeça do sintagma fonológico mais à direita do sintagma entoacional será o nó forte deste sintagma, portanto, cabeça e receptor da proeminência fonológica do sintagma entoacional, e os demais nós serão fracos.

(1986), Frota (2000), Szendrői (2001), entre outros, que as regras de assinalamento de proeminência se aplicam no componente fonológico.⁴

Segundo a formalização em (2), o movimento-p só ocorre em casos de focalização, uma vez que FPR só assinala proeminência a elementos focalizados.

Portanto, o movimento-p ocorre especificamente para garantir que o constituinte focalizado ocupe a fronteira direita de I, onde NSR assinala a proeminência principal da sentença. Posto que NSR, conforme o algoritmo em (1), sempre assinala a proeminência principal à cabeça do último ϕ de I, se FPR assinala a proeminência a um outro elemento, o movimento-p se aplica, reordenando os constituintes da sentença, de modo que o elemento, ao qual FPR assinala proeminência, se encontre na posição de cabeça do último ϕ de I, onde NSR assinala proeminência.

Zubizarreta formaliza a situação de contradição prosódica da seguinte maneira, onde 'ph' corresponde à cabeça de ϕ (nos termos de Zubizarreta, 'ph' = conteúdo fonológico) e '*' corresponde à marcação de proeminência assinalada por NSR ou FPR:

⁴ Tal assunção implica afirmar que, no caso do assinalamento da proeminência principal de sentença neutra, é a informação prosódica que é levada em conta essencialmente, embora a informação sintática seja o *input* para a formação de certos domínios prosódicos (domínios acima da ω) no componente fonológico. Esta afirmação se apóia no fato de que a proeminência principal de sentença neutra é sempre assinalada à cabeça (ω mais à direita, em línguas de ramificação à direita, como o português) do domínio prosódico relevante (último ϕ de I), e nem sempre esta cabeça corresponde ao núcleo do constituinte sintático mapeado no domínio prosódico relevante. Por exemplo, em uma sentença neutra do português como 'As alunas jovens choraram hoje', o verbo corresponde ao núcleo do VP e consiste no elemento mais encaixado da sentença, propriedade que faria dele, conforme os algoritmos de assinalamento de proeminência principal de sentença de Cinque (1993) e Zubizarreta (1998), entre outros, o portador desta mesma proeminência (cf. capítulo 2 desta tese para maiores detalhes sobre os algoritmos destes autores). Entretanto, na referida sentença, a proeminência principal não é assinalada ao verbo, mas ao advérbio 'hoje' que, por sua vez, é a ω cabeça do último ϕ de I. Como evidência empírica desta afirmação, encontramos o acento tonal H+L*, um dos correlatos acústicos da proeminência principal de sentença declarativa neutra em PE e PB (cf. Frota, 2000; Tenani, 2002), associado a 'hoje' em nossos dados correspondentes a esta sentença em ambas as variedades de português (cf. capítulo 5 desta tese). Quanto à proeminência de foco, uma observação semelhante pode ser feita para os casos em que todo um constituinte ramificado é o foco da sentença. Por exemplo, quando o constituinte sintático marcado com o traço [+F] é um sujeito ramificado formado por um substantivo e um adjetivo, por exemplo, 'as alunas jovens', na sentença 'As alunas jovens choraram hoje', embora o substantivo 'alunas' seja o núcleo sintático do sujeito, é preferencialmente o adjetivo (ω cabeça do ϕ no qual o sujeito é mapeado) que recebe a proeminência de foco. Como evidência empírica desta afirmação, encontramos casos, em nossos dados de PE referentes à sentença já apresentada, onde o acento tonal especial H*+L (um dos correlatos acústicos da proeminência de foco em PE – cf. Frota, 2000) aparecia associado apenas ao adjetivo 'jovens', e não encontramos casos nos quais este mesmo acento tonal aparecia associado somente ao substantivo 'alunas' – cf. capítulo 5 desta tese.

- (3) ... $[\delta [\alpha \text{ph}^*] \dots [\beta \text{ph}^*]]$, where α and β are metrical sisters.
(Zubizarreta, 1998:139)

Por sua vez, o movimento-p é assim formalizado pela autora:

- (4) *Affect the nodes α and β iff these nodes have contradictory prosodic properties, where the notion of prosodic contradiction is to be understood as in (3).*
(Zubizarreta, 1998:140)

O termo *affect* é utilizado por Zubizarreta, sintaticamente, como uma mudança na relação de c-comando entre α e β .

Na configuração em (3), β pode se mover sobre α , mas não o contrário. Isto porque a propriedade geral de movimento é sempre à esquerda (cf. Kayne, 1994). Portanto, a única opção é que β se adjunja a δ , como em (5). Depois que o movimento-p se aplica, NSR e FPR podem novamente se aplicar sem gerar resultados prosodicamente contraditórios.

- (5) ... $[\delta [\beta \text{ph}^*] [\delta [\alpha \text{ph}^*] \dots [\beta]]]$

Zubizarreta ainda afirma que, em uma configuração como (6a), β não pode se adjungir à χ , resultando em (6b). O movimento-p, segundo a autora, não pode afetar a relação de c-comando entre β e γ , uma vez que não há contradição prosódica entre estes dois nós e o movimento-p só se aplica quando há contradição prosódica entre dois nós irmãos métricos, assim como acontece com os nós α e β .

- (6) a. $[\chi \gamma [\delta [\alpha \text{ph}^*] \dots [\beta \text{ph}^*]]]$, onde α e β são irmãos métricos
b. $[\chi [\beta \text{ph}^*] [\chi \gamma [\delta [\alpha \text{ph}^*] \dots [\beta]]]$

O movimento-p proposto por Zubizarreta se aplica como último recurso, dadas as condições 'se e somente se', e possui propriedades locais, uma vez que só afeta dois nós irmãos metricamente.

Quanto ao momento em que ocorre o movimento-p durante a derivação, Zubizarreta afirma que ele ocorre antes de *Spell-Out*, uma vez que traz conseqüências para LF. A evidência que a autora traz para esta afirmação é o contraste entre (7a) e (7b) no italiano.

- (7) a. *Nessuno* *ha mangiato* *la mela.*
 ninguém tem comido a maçã
 'Ninguém comeu a maçã.'
- b. **(Non) ha mangiato* *la mela* *nessuno.*
 (não) tem comido a maçã ninguém
 '*(Não) comeu a maçã ninguém.'

A autora afirma que, nas línguas românicas, um sintagma negativo na posição pós-verbal deve ser licenciado por um morfema negativo foneticamente realizado, diferentemente do sintagma negativo em posição pré-verbal. Compare (8a) e (8b).

- (8) a. *Nessuno* *è arrivato.*
 ninguém é chegado
 'Ninguém chegou.'
- b. *Non è arrivato* *nessuno.*
 Não é chegado ninguém
 'Não chegou ninguém.'

O paradigma exemplificado em (7) mostra que o elemento 'sujeito' com polaridade negativa em (7b) (ordem VOS) também deve ser licenciado pelo morfema negativo, diferentemente do elemento sujeito com polaridade negativa em (7a), onde este elemento se encontra na posição pré-verbal, SVO. Se o movimento-p afeta o licenciamento do elemento com polaridade negativa e este licenciamento se dá em LF (como é no geral assumido), isto significa que o movimento-p afeta LF e, portanto, só pode ocorrer antes de *Spell-Out*.

Cabe notar que o movimento-p pode aplicar-se de maneiras diferentes nas línguas, dependendo da estrutura de base de cada língua. Vejamos a aplicação deste movimento apresentada por Zubizarreta para o espanhol e para o italiano.

6.3.1.1.

O movimento-p em estruturas de focalização informacional do sujeito em espanhol

Conforme Zubizarreta, ambas as estruturas VSO e SVO são compatíveis com uma interpretação de sentença neutra (nenhum elemento focalizado) em espanhol moderno.⁵

- (9) a. *María me regaló la botella de vino.*
 Maria me deu a garrafa de vinho
 'Maria me deu a garrafa de vinho.'
 b. *Me regaló María la botella de vino.*
 me deu Maria a garrafa de vinho

Tanto em (9a), como em (9b), a proeminência assinalada por NSR recai no objeto *vino*. Já se o núcleo entoacional é um outro elemento que não o objeto, como em (10a) e (10b), então, uma interpretação de foco contrastivo é obtida:

- (10) a. **María** me regaló la botella de vino (no Juan).
 Maria me deu a garrafa de vinho (não João).
 b. *Me regaló* **María** la botella de vino (no Juan).
 me deu Maria a garrafa de vinho (não João)

A autora ainda acrescenta que, além das ordens SVO e VSO em espanhol, outra possibilidade é a ordem VOS (cf. (12)), na qual o sujeito não está deslocado

⁵ Para Zubizarreta, a checagem de Caso Nominativo do sujeito na estrutura SVO do espanhol se dá através do alçamento de S para SpecT, onde há checagem através da relação especificador-núcleo. Já a checagem do Caso Nominativo do sujeito na estrutura VSO se dá por adjunção do traço-D do DP a SpecTP em LF, onde este traço checa o Caso Nominativo do sujeito. Zubizarreta baseia sua proposta de checagem do Caso Nominativo do sujeito em estruturas VSO na teoria de movimentos de traço de Chomsky (1995). Segundo esta teoria, traços de constituintes (preferivelmente aos próprios constituintes) entram em relações de licenciamento formal: movimento de X(P) é, portanto, substituído por movimento de *f* (traços, do inglês *features*). Enquanto movimentos de traços na sintaxe visível (antes de *Spell-Out*) arrastam (*pied-pipe*) o constituinte que os contém, em movimentos na sintaxe não visível (em LF), isto não ocorre. Então, nesta teoria de checagem de traços, é o traço-D, preferivelmente ao DP, que deve entrar em uma relação particular com T. O Caso Nominativo é checado em virtude do movimento do traço-D para SpecTP antes de *Spell-Out* (quando o DP inteiro se move, juntamente com o traço-D, para SpecTP), ou por adjunção do traço-D a T em LF. Neste último caso, SpecTP está livre para ser ocupado por um elemento outro que não o DP sujeito.

à direita. Porém, esta última ordem é obtida apenas nos casos de focalização informacional do sujeito (nas palavras de Zubizarreta, *narrow focus* 'focalização estreita'). Ou seja, ela não é compatível com uma interpretação neutra, não é necessariamente contrastiva, mas é a única maneira de responder a pergunta em (11) com uma sentença completa em espanhol:

- (11) *Quién te regaló la botella de vino?*
 quem te deu a garrafa de vinho

'Quem te deu a garrafa de vinho?'

- (12) *Me regaló la botella de vino **María**.*

Zubizarreta afirma que, na ordem VOS em espanhol, o sujeito focalizado porta proeminência neutra assinalada por NSR, mas não necessariamente contrastiva. Para ela, VOS é derivada da estrutura de base VSO, via movimento (movimento-p), e a motivação para tal movimento é fazer com que o sujeito focalizado ocupe a posição onde recebe acento neutro pela NSR, sendo o resultado compatível com o resultado obtido pela aplicação de FPR.

A afirmação de que VOS é derivada de VSO, e não de SVO, é sustentada por Zubizarreta, na medida em que a ordem VOS, obtida a partir de SVO, seria resultado de adjunção à esquerda de T' a TP, como em (13). Sendo T' uma projeção intermediária, não é possível este movimento pela Teoria X'. Nesta teoria, apenas projeções máximas e núcleos podem ser movidos.

- (13) $[[_{T'} \text{ me regaló } [e_j[V_1 \text{ la botella de vino}_k [V_2 e_k]]]]_i [_{TP} \text{ María}_j [e_i]]]$

A derivação de VOS da estrutura de base VSO se dá, segundo Zubizarreta, através da adjunção de VP₂ a VP₁, uma vez que o movimento do objeto desencadeia arrastamento (*pied-piping*) do VP que o contém imediatamente.⁶ A formulação de movimento-p dada por Zubizarreta, em termos de último recurso, requer a análise apresentada em (14).

⁶ Na derivação sintática de Zubizarreta é projetado um VP para cada argumento do verbo.

(14) [TP me regaló [VP1[VP2 la botella de vino_k [e_k [V₂ e_k]]]i [VP1 María [V₁ [e_i]]]]]

A autora ainda destaca que o movimento-p ocorre não só na focalização informacional do sujeito em espanhol, como também na focalização de objetos e advérbios.

Assim, em resposta a (15), tem-se (16a), com o objeto direto portando foco informacional na margem direita da sentença, sendo agramatical a resposta em (16b), na qual o advérbio, mas não o objeto focalizado, ocupa aquela posição, onde a proeminência principal é assinalada por NSR.

(15) *Qué cosa Ana escondió debajo de la cama?*
 que coisa Ana escondeu debaixo da cama
 'O que Ana escondeu debaixo da cama?'

(16) a. *Ana escondió debajo de la cama la muñeca.*
 Ana escondeu debaixo da cama a boneca
 'Ana escondeu debaixo da cama a **boneca**.'
 b. **Ana escondió la muñeca debajo de la cama.*

Segundo Zubizarreta, a sentença (16a) é derivada da estrutura de base SVOPP, via movimento-p por adjunção do PP a VP₂:

(17) [TP Ana_j [escondió [VP1 e_j [V₁ [VP2 [PP debajo de la cama]_i [VP2 la muñeca [V₂ [e_i]]]]]]]]]

6.3.1.2.

O movimento-p em estruturas de focalização informacional do sujeito em italiano

Assim como no espanhol, a ordem VOS em italiano também expressa foco informacional no sujeito.

- (18) ? *Ha mangiato la mela Gianni.*
 tem comido a maçã Gianni
 ‘*Comeu a maçã Gianni.’
 [*O que aconteceu?]
 [*O que Gianni fez?]
 [Quem comeu a maçã?]

O exemplo em (18) mostra que a ordem VOS em italiano é sensível a certa restrição ‘de peso relativo’, diferentemente do espanhol, língua na qual a tradução da sentença (18), dada em (19), é perfeita, segundo Zubizarreta:

- (19) *Ha comido la manzana Juan.*
 Tem comido a maçã João
 ‘*Comeu a maçã o João.’

O efeito ‘de peso relativo’ em italiano desaparece se o objeto é removido, por exemplo, por cliticização, como em (20).

- (20) *La mela, l’ha mangiata Gianni.*
 a maçã a tem comido Gianni
 ‘*A maçã, a comeu Gianni.’

Outra diferença entre o espanhol e o italiano é que, em espanhol, uma sentença como (20), traduzida para esta língua em (21), é compatível com uma interpretação em que o escopo do foco inclui ou apenas o sujeito, ou ambos, o verbo e o sujeito. Já em italiano, a sentença em (20) apresenta apenas a interpretação de foco informacional no sujeito, como mostra (22).

- (21) *La manzana la comió Juan.*
 a maçã a comeu Juan
 [O que aconteceu com a maçã?]
 [Quem comeu a maçã?]
- (22) *La mela, l’ha mangiata Gianni.*
 [*O que aconteceu com a maçã?]
 [Quem comeu a maçã?]

Segundo Zubizarreta, estas observações sobre as diferenças quanto ao escopo do foco na ordem VOS em italiano e espanhol resultam do fato de que, em espanhol, mas não em italiano, a ordem VOS é derivada de VSO. Nesta última língua, a ordem VOS é derivada de SVO, onde S está no especificador de uma projeção de foco, FP, acima de TP.⁷ Portanto, o movimento-p adjunge TP à esquerda de FP, assegurando que não haja conflito entre os resultados da aplicação de NSR e FPR.⁸

Dadas estas considerações, a derivação da sentença (18) do italiano se dá da seguinte maneira, conforme Zubizarreta:

(18) $[_{FP} [_{TP} e_i [ha\ mangiato\ la\ mela]]]_j [_{FP} Gianni_i [_{TP} e_j]]$ ⁹

Em suma, Zubizarreta conclui que a ordem VOS em italiano e espanhol é derivada de origens diferentes. VOS no espanhol é derivada de VSO: VP₂ (que contém O) é adjungido, via movimento-p, a VP₁ (que contém S). Já VOS em italiano é derivada da estrutura SVO: TP (que contém VO) é adjungido a FP (que contém S), via movimento-p. A autora atribui esta diferença de análise entre as duas línguas ao contraste entre o *status* de aceitabilidade do exemplo (18) em italiano e o *status* de aceitabilidade do exemplo (19) em espanhol.

Mais precisamente, Zubizarreta (1998:137) sugere que o movimento-p é sensível à Restrição de Peso Relativo:

(23) *The Relative Weight Constraint*
P-movement of constituent A across constituent B is degraded if A is 'metrically heavier' than B.

⁷ De acordo com Zubizarreta (1998:121), o italiano não apresenta a ordem VSO, porque a checagem do Caso Nominativo do sujeito se dá por movimento visível de S para SpecTP com exceção das construções com inversão locativa. Zubizarreta não explica como se daria a checagem de Caso Nominativo nestes casos, então, infere-se, pela análise da autora, que seja igual à checagem de Caso Nominativo em estruturas VSO e VOS do espanhol.

⁸ A ordem VOS não pode ser derivada de SVO (onde o sujeito está em SpecTP) por adjunção de T' à esquerda de TP, porque, como já foi mencionado, apenas projeções máximas e núcleos podem sofrer movimento, segundo a Teoria X'.

⁹ A checagem do Caso Nominativo do sujeito na estrutura VOS do italiano se dá através da relação especificador-núcleo, resultante do alçamento de S para SpecTP.

Nas palavras de Zubizarreta (1998:137), entenda-se por 'metricamente mais pesado':

- (24) *A is 'metrically heavier' than B if A is branching and B is not (where only metrically visible material counts for computing 'branchingness'), unless B has heavier pitch than A.*

A mesma autora assume que categorias funcionais leves, tais como determinantes 'nus' em italiano (e espanhol) são metricamente invisíveis. Zubizarreta traz os contrastes entre (25a) e (25b) do italiano, extraídos de Belletti & Shlonsky (1995: 499), como evidência independente para a assunção da invisibilidade métrica de categorias funcionais leves:

- (25) a. **?Ne ho dato a Gianni uno.*
 destes tenho dado a Gianni um
 'Destes, dei a Gianni um.'
 b. *Ne ho dato a Gianni uno solo.*
 somente

Este contraste sugere que categorias funcionais *leves* em italiano, tais como determinantes desprovidos de complemento, são metricamente invisíveis para NSR. Para Zubizarreta, a má formação de (25a) pode ser atribuída ao fato de que o determinante *uno*, desprovido de complemento, é metricamente invisível e, portanto, não pode desencadear movimento-p. Em (25b), o DP é ramificado (modificado, nas palavras de Zubizarreta) e, portanto, visível metricamente.

Belletti & Shlonsky (1995: 507) também acrescentam o contraste apresentado em (26a) e (26b), envolvendo o objeto dativo leve *loro* e o objeto preposicionado *a loro*:

- (26) a. *Ne ho dato loro uno.*
 destes tenho dado (a) eles um
 'Destes, dei a eles um.'
 b. *?*Ne ho dato a loro uno.*

(26b) é agramatical em italiano, assim como (25a) também é. Por outro lado, a sentença (26a) é bem formada. Zubizarreta afirma que isto se dá devido ao fato de que o movimento do objeto dativo leve é sintaticamente, mas não prosodicamente, motivado (cf. Cardinaletti, 1992; Corver & Delfitto, 1993).

Assim, no caso da sentença (27a) do italiano, bem como no caso da sentença (18) desta mesma língua, a menor aceitabilidade se dá porque o TP é metricamente ramificado e o sujeito não é. Em (27a), o TP domina dois constituintes metricamente visíveis, *letto* e *discorso*, e o DP sujeito domina um único constituinte metricamente visível, *Gianni*.

- (27) a. $_{j} [_{FP} [_{TP} e_i [ha \quad letto \quad il \quad discorso]]]_{j} \quad [_{FP} Gianni_i [_{TP} e_j]]$
 tem lido o discurso Gianni
 ‘*Leu o discurso Gianni.’

A marginalidade de tais exemplos desaparece se o sujeito porta acento tonal de foco (acento tonal pesado, nas palavras de Zubizarreta) ou se o sujeito é metricamente ramificado, como ilustrado em (27b) e (27c), respectivamente.

- (27) b. $_{j} [_{FP} [_{TP} e_i [ha \quad letto \quad il \quad discorso]]]_{j} \quad [_{FP} Gianni_i [_{TP} e_j]]$
 c. $_{j} [_{FP} [_{TP} e_i [ha \quad letto \quad il \quad discorso]]]_{j} \quad [_{FP} solo Gianni_i [_{TP} e_j]]$ ¹⁰

Já para o espanhol, Zubizarreta afirma que o peso relativo de [VO] com relação a [S] na estrutura VOS é irrelevante, uma vez que o constituinte [VO] não é movido de maneira a cruzar [S]. Em espanhol é apenas o constituinte O que se move, cruzando [S]. Assim, Zubizarreta afirma que é o peso relativo de O em relação a S que é relevante:

- (28) a. ? *Ha leído el discurso del director Juan.*
 tem lido o discurso do diretor Juan
 ‘*Leu o discurso do diretor Juan.’
 b. *Ha leído el discurso del director Juan.*

¹⁰ É possível que, neste caso, a não-marginalidade se dê também por acento tonal de foco em ‘Gianni’, uma vez que operadores de foco, como *solo* (somente), desencadeiam uma leitura de foco contrastivo (somente Gianni e ninguém mais) e este tipo de foco é geralmente marcado por um acento tonal específico nas línguas.

No caso de focalização de O, o italiano, também como o espanhol, apresenta a estrutura SVPPPO, como ilustrado em (29b). Estes casos são derivados por movimento-p de PP para uma posição imediatamente acima de O, assim como no espanhol.

- (29) a. *Maria ha messo il libro sul tavolo.*
 Maria tem posto o livro sobre (a) mesa
 'Maria pôs o livro sobre a mesa.'
 [O que aconteceu?]
 b. *Maria ha messo sul tavolo il libro.*
 [*O que aconteceu?]
 [O que Maria pôs sobre a mesa?]

Como esperado, efeitos de peso não são atestados nestes casos, uma vez que PP e O são ambos não ramificados.

Em suma, Zubizarreta sugere que em espanhol, mas não em italiano, o traço T pode constituir uma categoria sincrética com traços discursivos, além dos traços formais sintáticos, sendo os primeiros pertencentes a uma outra camada da estrutura oracional. Estes traços discursivos são traços de 'tópico', 'ênfase' ou 'foco'. Isto só é possível porque o Caso Nominativo em espanhol pode também ser checado em LF através da adjunção do traço D do DP a T, além da checagem de Caso Nominativo através da relação especificador-núcleo, de acordo com a autora.

Segundo Zubizarreta (1998:117):

- (30) *A phrase may not check more than one type of feature in a given specifier-head configuration. In other words, a phrase may not simultaneously check an intrinsically grammatical feature such as Case and a discourse-based feature such as "topic", "emphasis", or "focus".¹¹*

Para Zubizarreta, assumindo a perspectiva minimalista para a estrutura sintática (cf. Chomsky, 1995), a gramática deve tender ao sincretismo de traço em

¹¹ Entretanto, Chomsky (1995) sugere que é possível um sintagma checar mais que um traço formal em uma dada configuração especificador-núcleo (situação *free ride*, nos termos do autor). Além disso, em algumas línguas, um traço formal pode ser checado por mais de um sintagma via relação especificador-núcleo, como no caso de duplo acusativo em japonês.

casos como o apresentado pelo espanhol quanto à focalização de S e checagem do Caso Nominativo deste mesmo elemento em estruturas VOS.

- (31) *Minimize structure whenever possible in a given derivation.*
(Zubizarreta, 1998:117)

Levando em conta o princípio (31), de acordo com Zubizarreta, em espanhol, se em uma dada derivação há um traço funcional T e um traço discursivo 'foco' ou 'ênfase' simultaneamente, há a formação de uma categoria sincrética (T/ 'foco' ou T/ 'ênfase'). Semelhantemente, se em uma derivação há o traço funcional de 'tópico' e o traço funcional T simultaneamente, há a formação de uma categoria sincrética (T/ 'tópico'), ao menos que outras considerações imponham uma análise alternativa, na qual o traço 'tópico' é analisado como uma projeção independente (por exemplo, se SpecTP está ocupado por um outro sintagma que não é o tópico).

Posta a afirmação em (30), uma vez que o Caso Nominativo só é checado na sintaxe visível em italiano, via movimento do sujeito para SpecTP na proposta de Zubizarreta, não é possível assumir que T é uma categoria sincrética nesta língua. T já checa um traço intrinsecamente gramatical em italiano, o Caso Nominativo, através da configuração especificador-núcleo e, portanto, não pode checar simultaneamente um traço discursivo de 'foco' através da mesma configuração. Para Zubizarreta, o traço de 'foco' em italiano é checado em SpecFP, uma projeção funcional de 'foco', localizada entre CP e TP (cf. Rizzi, 1995).

Conforme Zubizarreta, a checagem de caso nominativo diferenciada do espanhol em relação ao italiano, explica porque nesta língua, mas não naquela, as ordens VSO e XPVSO (com XP ocupando a posição SpecTP) são impossíveis. Se a checagem do Caso Nominativo do sujeito só se dá através da relação especificador-núcleo com alçamento obrigatório de S para SpecTP, não é possível que outro elemento, que não o sujeito, ocupe a posição de SpecTP. Isto resulta na impossibilidade de XPVSO, com o XP ocupando a posição SpecTP, e na impossibilidade de VSO, sem alçamento de S para SpecTP em italiano.

6.3.2.**A focalização informacional do sujeito em PE****6.3.2.1.****A derivação de sentenças [...S]****6.3.2.1.1.****Sentenças VOS****6.3.2.1.1.1.****Derivação da estrutura VOS através do movimento-p**

Baseados na proposta do movimento-p de Zubizarreta para a derivação das sentenças VOS em espanhol e em italiano, em contexto de focalização informacional do sujeito, assumimos que também as sentenças VOS de nossos dados de PE, produzidas neste mesmo contexto discursivo (como exemplificado em (32)), são casos de movimento-p.

- (32) # Levaram as malas as governadoras.
[Quem levou as malas?]

Propomos que a sentença em (32) é derivada da estrutura de base [_{V*P} SVO], via movimento-p, e a motivação para tal movimento é fazer com que o sujeito focalizado ocupe a posição onde recebe acento neutro pela NSR, sendo o resultado compatível com o resultado obtido pela aplicação de FPR. Cabe acrescentar que, embora assumamos a proposta de análise de Zubizarreta, adaptamos a análise desenvolvida por ela no quadro teórico de Chomsky (1995), conforme o quadro teórico minimalista mais recente (cf. Chomsky, 2000, 2001, 2004) – ver Introdução desta tese para a justificativa, quanto a critérios de economia, da assunção das versões mais recentes do minimalismo.

Isto posto, assumimos que a estrutura sintática da sentença VOS em (32) é a seguinte:

(32') [TP_i *pro* [T' [T_i levaram_i [v*P as malas_i [v*P as governadoras v* t_j] [VP t_j t_i]]]]]

Levando em conta a formulação do movimento-p proposto por Zubizarreta (cf. (6)), bem como as propriedades descritas pela mesma autora na ocorrência de tal movimento, o movimento do objeto em PE, em estruturas como em (32'), pode ser analisado como caso de movimento-p, na medida em que:

- (i) não ocorre por motivos de checagem de traço sintático;
- (ii) ocorre em contexto de focalização informacional do sujeito; e
- (iii) é local e ocorre no contexto em que o 'sujeito' e o 'objeto' são irmãos métricos que apresentam propriedades prosódicas contraditórias.

Quanto à característica (i), na estrutura representada em (32'), o objeto 'as malas' não é movido (no caso, adjungido a Specv*P) para a checagem de traços sintáticos formais, como traços de Caso, EPP ou outro tipo de traço formal associado a categorias funcionais, uma vez que o objeto 'as malas': (a) checa Caso Acusativo com o núcleo v* 'levaram' não por movimento, mas pela operação *Agree*, conforme o quadro teórico aqui assumido; (b) não se move para checar o traço EPP em SpecTP, posto que, no geral, esta função é desempenhada pelo 'sujeito' das sentenças (na estrutura em (32')), é o pronome nulo *pro* que desempenha esta função); e (c) também não checa outro tipo de traço formal, como o traço de foco, uma vez que o 'objeto' não é o constituinte focalizado da sentença.

Em relação à característica (ii), todas as sentenças do tipo VOS de PE foram obtidas em contexto de focalização informacional do sujeito, como ilustrado em (33) – cf. capítulo 4 desta tese.

- (33) Contexto: Tu sabes que as governadoras levaram as malas quando foram viajar. Eu ouvi dizer que alguém levou as malas, mas não percebi exactamente quem, então, pergunto-te: Quem levou as malas?
Resposta dada pelo informante: Levaram as malas as governadoras.

Por sua vez, no que diz respeito à característica (iii), o movimento do objeto é local, conforme a representação em (32'), posto que este constituinte se move da posição imediatamente adjacente à direita do 'sujeito' e é adjungido à esquerda de Specv*P, portanto, imediatamente à esquerda deste mesmo elemento, que permanece na posição em que é gerado (Specv*P).

Ainda no que diz respeito à característica (iii), o movimento de O, além de ser local, ocorre no contexto em que o 'objeto' e o 'sujeito' são irmãos métricos que apresentam propriedades prosódicas contraditórias na medida em que, após o alçamento do verbo para T' para checar traços de concordância, se o objeto não é movido, NSR assinala proeminência ao 'objeto' e FPR assinala proeminência ao 'sujeito' na estrutura prosódica.

Dadas as considerações aqui apresentadas, propomos que o 'objeto' nas sentenças com foco informacional do sujeito em PE é movido da margem direita da sentença não para checar traços sintáticos formais, mas para que o sujeito focalizado ocupe esta posição, onde é assinalada, na estrutura prosódica, a proeminência fonológica principal de I por NSR, em concordância com a proeminência assinalada por FPR também ao sujeito focalizado.

Além das características (i), (ii) e (iii) do movimento-p, elencadas por Zubizarreta, acrescentamos que o movimento-p também tem como característica o fato de poder ser codificado pela estrutura entoacional no componente fonológico.

Nossos dados de produção oral revelam que as sentenças VOS do PE, onde ocorre movimento-p de constituinte defocalizado, seguindo a proposta de Zubizarreta, podem apresentar uma estrutura entoacional específica associada a elas (diferente da estrutura entoacional associada às sentenças neutras desta mesma variedade de português). Por hipótese, esta estrutura entoacional diferente codifica estruturas sintáticas e semânticas específicas deste tipo de sentença.

Na produção das sentenças neutras do PE, há, geralmente, apenas um tom H, ou um acento tonal H* (ou L*+H), no início de I (associado, geralmente, à primeira ω de I), um acento tonal H+L* associado à cabeça do último ϕ de I e o tom Li associado à fronteira direita de I opcionalmente, como descrevemos detalhadamente no capítulo 5 desta tese e como aparece em (34), conforme a produção de um de nossos falantes de PE:

$$(34) \quad [[(as \text{ governa}DORas)\omega] \phi [(levARAM)\omega] \phi [(as \text{ MALas})\omega] \phi]_I$$

$$\begin{array}{ccc} | & & | \\ H & & H+L^* \end{array}$$

Já na sentença VOS, em contexto de focalização informacional do sujeito, produzida pelo mesmo falante de (34), pode haver uma estrutura entoacional diferente e específica, caracterizada, essencialmente, por um acento tonal L*+H, que porta a cabeça do ϕ no qual é mapeado o constituinte sintático movido da margem direita da sentença (margem direita de I). Assim, nas sentenças VOS, L*+H está associado à cabeça do ϕ no qual O é mapeado na estrutura prosódica.

$$(32'') \quad [[(levARAM)\omega] \phi [(as \text{ MALas})\omega] \phi [(as \text{ governa}DORas)\omega] \phi]_I$$

$$\begin{array}{cccc} | & | & | & | \\ H^* & L^*+H & H+L^* & Li \end{array}$$

Esta característica de codificação da estrutura sintática na estrutura prosódica (refletida na estrutura entoacional) não é exclusividade das sentenças VOS do PE.

Frota (1994) mostra que nos casos das sentenças declarativas de PE nas quais há constituintes deslocados, como em 'Palavras duras_i a velhota disse t_i à neta', e constituintes quantificados, como em 'As alunas todas ofereceram-lhe rosas', o contorno entoacional é diferente em relação ao contorno de sentenças declarativas neutras que não contêm estes elementos. Segundo Frota, a principal diferença entre os contornos dos dois primeiros casos e o contorno de declarativas neutras é a presença de um maior número de acentos tonais nos dois primeiros casos. Enquanto nas declarativas neutras, há apenas tons associados às fronteiras inicial e final de I, em sentenças nas quais há constituintes deslocados e constituintes quantificados, pode haver acentos tonais associados a cada cabeça de ϕ que compõe I.

Vigário (1998) também nota que, nas sentenças de PE com advérbios de negação e de exclusão, a estrutura entoacional pode desambiguar estruturas

(36) As garotas apenas // emprestaram filmes às amigas.
 | | | | |
 H L*H H% HL* L%

6.3.2.1.1.2.

Argumentos para a derivação das sentenças VOS do PE através de movimento de O, cruzando o sujeito que permanece em Specv*P

Evidências para a adjunção de O a v*P e para a permanência de S em Specv*P nas sentenças VOS de PE, como propusemos em (32'), são encontradas em Costa (2004).

Costa afirma que, conforme encontrado na literatura, a ordem VOS pode se dar de duas maneiras:

- 1) por *Remnant Move* ('Movimento Remanescente'): movimento do sujeito para SpecIP (SpecTP, conforme a nomenclatura utilizada em nossa análise – cf. nota 2 deste mesmo capítulo) ou para alguma projeção funcional na periferia esquerda e movimento do constituinte remanescente TP ou VP (v*P, de acordo com o quadro teórico por nós assumido), contendo o traço do sujeito, para uma posição mais alta que aquela para qual o sujeito foi movido (cf. Kayne & Pollock, 1998; Zubizarreta, 1998 (para a derivação de VOS em italiano); Âmbar & Pollock, 1998; Bok-Benema, 1998);
- 2) por adjunção de O a VP (v*P) (*scrambling*, para Costa): o verbo sobe para I (T), o objeto se adjunge a VP (v*P), cruzando o sujeito que permanece em SpecVP.

Neste trabalho, assumimos com Costa que a ordem VOS de PE é obtida através de adjunção de O a VP (v*P), e não por movimento de VO. De acordo com Costa, há argumentos empíricos que desfavorecem uma análise por *Remnant Move* para a derivação da ordem VOS em PE. Costa mostra que os problemas encontrados para uma análise por *Remnant Move* não são encontrados em uma análise de movimento de O na derivação da ordem VOS. Abaixo, reproduzimos

alguns dos argumentos apresentados por Costa, os quais permitem sustentar a análise de VOS por movimento de O, e não de VO, em PE:

(a) Clivagem e *Preposing*

Consideremos uma sentença VOS de PE, como em (37):

- (37) a. Leu o livro o Pedro.

De acordo com uma análise por *Remnant Move*, o constituinte TP ou VP (v*P) 'leu o livro' é movido para a esquerda do DP sujeito. A mobilidade deste constituinte encontra evidências independentes através de testes como clivagem e *preposing*. De fato, o constituinte movido por *Remnant Move* (VO) pode ser clivado ou preposto com estruturas verbais simples:

- (38) a. Foi ler o livro o que o Pedro fez.
b. O Pedro disse que leria o livro o Paulo, e ler o livro o Paulo leu.

Entretanto, não pode ser clivado ou preposto se a estrutura verbal é formada por verbo auxiliar + principal:

- (39) a. *Era ter lido o livro o que o Paulo tinha feito.
b. *??O Pedro disse que teria lido o livro o Paulo, e ter lido o livro ele tinha.

Em uma análise de VOS por movimento somente do objeto, não há este tipo de problema, uma vez que o objeto pode ser movido independentemente da complexidade da estrutura verbal:

- (40) a. Era o livro o que o Paulo tinha lido.
b. O livro, tinha lido o Paulo.

(b) Lugar dos advérbios

Advérbios monossilábicos como 'mal' e 'bem' em PE têm uma distribuição muito restrita. Em sentenças VOS, eles ocorrem apenas em duas posições: ou entre o objeto e o sujeito, ou entre o verbo e o objeto:

- (41) a. Leu os livros mal o Paulo.
b. Leu mal aqueles livros o Paulo.

Uma análise de VOS por *Remnant Move* não oferece uma explicação natural para o porquê de só haver dois lugares possíveis para os advérbios monossilábicos nas sentenças VOS de PE. Por movimento de O há explicação para este fato: o objeto é adjungido a VP (v*P) e não há ordem fixa para dois adjuntos de VP (v*P), Adv e O, assim, podem ser encontradas tanto a ordem VAdvOS, como a ordem VOAdvS.

(c) Quantificadores Flutuantes

Quantificadores flutuantes são possíveis após o movimento do sujeito para SpecIP (SpecTP) – cf. Sportiche (1988); Koopman & Sportiche (1991). Em PE, os quantificadores flutuantes se comportam como o esperado: eles podem aparecer em qualquer posição pós-sujeito.

- (42) a. Os meninos todos tinham lido o livro.
b. Os meninos tinham todos lido o livro.
c. Os meninos tinham lido todos o livro.

Sob uma análise através de *Remnant Move*, o sujeito se move para SpecIP (SpecTP), ou para uma posição mais alta, e o constituinte remanescente, contendo o traço do sujeito, move-se para a esquerda deste. Note que não há problemas em mover um VP (v*P) ou TP contendo um quantificador flutuante para a esquerda de um sujeito. Como ilustrado em (43), quando um VP (v*P) é clivado, ele pode conter um quantificador flutuante:

- (43) Foi ler todos o livro o que os meninos fizeram.

Considerando uma análise de VOS como *Remnant Move* de VO e o fato de que VPs (v*Ps) ou TPs movidos podem conter quantificadores flutuantes, era esperado que uma análise por *Remnant Move* pudesse prever que quantificadores flutuantes aparecessem antes do sujeito em sentenças VOS. Entretanto, esta predição não se confirma, como mostra a agramaticalidade das sentenças (44a) e (44b):

- (44) a. *Tinham todos lido o livro os meninos.
 b. *Tinham lido todos o livro os meninos.
 c. Tinham lido o livro todos os meninos.

A única opção gramatical é aquela em que o quantificador aparece adjacente ao sujeito, ou seja, em uma posição não-flutuante (cf. (44c)). Em uma análise de VOS por movimento de adjunção de O a VP (v*P) não há este problema, porque o sujeito permanece em SpecVP (Specv*P) e quantificadores flutuantes não podem ser previstos, desde que o sujeito não se move para SpecIP (SpecTP).

(d) Escopo e c-comando

Em sentenças VOS, o objeto c-comanda o sujeito. Tal afirmação pode ser constatada quando um objeto quantificado tem escopo sobre o sujeito, como na sentença ambígua em (45a), e pelos efeitos que o princípio-C induz nas sentenças VOS, como em (45b) e (45c). Em ambos os casos, um objeto precedendo o sujeito parece c-comandá-lo:

- (45) a. Leram cada livro dois alunos. (objeto quantificado tem escopo sobre o sujeito)
 b. *Viu-o_i o irmão do Paulo_i. (violação do princípio C)
 c. *Deu-lhe_i o livro o irmão do Paulo_i. (violação do princípio C)

Em uma configuração como a obtida por *Remnant Move*, o objeto não c-comanda o sujeito, como pode ser visto pela representação em (46a), o que preveria a gramaticalidade de (46b), o que não acontece.

- (46) a. [_{FP} [_{TP/VP(v*P)} VO] [_{XP} S....]]
 b. *Viu-o_i o irmão do Paulo_i

Já a configuração obtida através do movimento de adjunção de O a VP (v*P) permite o c-comando do sujeito pelo objeto: [_{IP(TP)} V [_{VP(v*P)} O [_{VP(v*P)} S]]]. A ambigüidade de escopo do quantificador pode ser explicada por uma análise de movimento de adjunção de O a VP, conforme Costa, assumindo que é possível a reconstrução do objeto na posição em que ele é gerado, o que permite que o sujeito c-comande o objeto em sua posição de base.

e) Clíticos: Ênclise x Próclise

A distribuição dos clíticos em PE pode depender de propriedades sintáticas da sentença (cf. Duarte & Matos, 2000; entre outros). Quando há co-ocorrência de clítico e de DP sujeito pré-verbal não quantificado, o clítico aparece obrigatoriamente enclítico ao verbo, como em (47a). Já se o sujeito é quantificado, a próclise é desencadeada, como mostra (47c).

- (47) a. O Paulo viu-o.
 b. *O Paulo o viu.
 c. Ontem todos os meninos o viram.
 d. *Ontem todos os meninos viram-no.

Como já mencionado, em uma análise das sentenças VOS por *Remnant Move*, o sujeito está em SpecIP (SpecTP), ou em uma projeção mais alta. Assim, se o sujeito quantificado de uma sentença VOS está em SpecIP (SpecTP) (ou em uma posição mais alta), ele deveria desencadear próclise nesta posição, o que não ocorre, como pode ser atestado pela observação dos exemplos em (48):

- (48) a. Ontem deram-no a Maria todos os meninos.
 b. *Ontem o deram à Maria todos os meninos.

Em uma análise de VOS por movimento de O e segundo a qual o sujeito está em SpecVP (Specv*P), não há este problema. Uma vez que a próclise é

desencadeada apenas por sujeitos quantificados em SpecIP (SpecTP), é previsto que os clíticos apareçam enclíticos no contexto em que o sujeito quantificado está em SpecVP (Specv*P).

f) Propriedades do Objeto

A aceitabilidade de sentenças VOS varia a depender do tipo de objeto da sentença, conforme Costa. De acordo com este autor, sentenças VOS com objeto indefinido são menos aceitáveis do que sentenças VOS com objeto definido em PE:

- (49) a. ?Viu um gato o Paulo.
 b. *Viu um homem qualquer o Paulo.
 c. ??Leu algo o Paulo.

Esta relação entre propriedades semânticas do objeto e grau de gramaticalidade das sentenças é problemática para uma análise das sentenças VOS de PE por *Remnant Move*. Em uma análise deste tipo, o objeto é uma subparte do constituinte movido, logo, não há razões para que haja sensibilidade à definitude de uma subparte do XP movido. Por outro lado, a relação entre propriedades semânticas do objeto e grau de gramaticalidade das sentenças VOS de PE não traz problemas para uma análise por movimento de O. Uma vez que o objeto não é uma subparte do XP, mas o próprio XP movido, não há estranheza com relação ao fato de haver alguma sensibilidade à definitude do próprio constituinte movido.

No que tange à posição do sujeito nas sentenças VOS, segundo a análise tradicional para este tipo de sentença, o sujeito está deslocado à direita (ver, por exemplo, Rizzi, 1982 para o italiano).

De acordo com Costa, há dois tipos de posição para o sujeito das sentenças VOS de PE: ou o sujeito está deslocado à direita e, neste caso, há uma pausa antes dele; ou o sujeito não está deslocado. Estes dois tipos de sujeito podem ser diferenciados em PE, na medida em que se comportam de maneiras diferentes.

Enquanto sujeitos deslocados podem ser precedidos por uma pausa, sujeitos não deslocados nunca são precedidos por pausa. Isto se torna evidente nos casos de inserção de pronome em SpecIP (SpecTP). Quando um pronome é

inserido em SpecIP (SpecTP), a pausa é obrigatória e, uma vez que sujeitos não deslocados não são precedidos por pausa, a sentença na qual o sujeito é deste tipo é agramatical, como pode ser visto em (50b):

- (50) a. Ele comeu a sopa # o Paulo.
b. *Ele comeu a sopa o Paulo.

Uma maneira de interpretar este fato é assumir com Kayne (1994) e Zubizarreta (1998) que sujeitos deslocados à direita são externos à oração. Evidência para esta afirmação vem da interação entre perguntas-eco (*question tags*) e o sujeito. Sujeitos deslocados à direita seguem perguntas-eco, enquanto sujeitos internos, precedem-nas. Isto pode ser constatado pela interação entre estas ordens e a inserção de pronomes:

- (51) a. Comeu a sopa o Paulo, não comeu?
b. *Ele comeu a sopa o Paulo, não comeu?
c. Comeu a sopa, não comeu?, o Paulo
d. Ele comeu a sopa, não comeu?, o Paulo.

A única maneira de obter a ordem sujeito-pergunta-eco é omitir o pronome ou introduzir uma pausa antes do sujeito. Isto mostra que os dois adjuntos da sentença, a pergunta-eco e o sujeito deslocado, são intercambiáveis:

- (52) (ele) comeu a sopa # o Paulo # não comeu?

Uma vez que os sujeitos deslocados à direita não foram produzidos como opção de focalização informacional do sujeito por nossos falantes de PE, a análise de construções envolvendo-os se encontra fora do escopo deste trabalho.

Quanto aos sujeitos internos à oração das sentenças VOS (opção de focalização encontrada para os falantes de PE), assumimos com Costa (1998, 2004), que o sujeito, nestes casos, está em SpecVP (Specv*P).

Costa traz evidências para sustentar sua afirmação quanto à posição do sujeito em sentenças VOS de PE através dos seguintes testes sintáticos:

distribuição de advérbios monossilábicos, efeitos de ligação e diferenças entre sujeitos definidos e indefinidos em sentenças VOS.

a) A distribuição de advérbios

Aplicando o teste de distribuição de advérbios monossilábicos baixos (sempre adjungidos a VP (v*P), cf. a proposta de Costa, 1998), como 'bem', e tendo em mente que os casos de sujeito deslocado não serão levados em conta aqui, temos o seguinte resultado para a posição do advérbio 'bem' nas sentenças VOS do PE:

- (53) a. Comeu bem a sopa o Paulo.
 b. Comeu a sopa bem o Paulo.
 c. *Comeu a sopa o Paulo bem.

Os resultados apresentados em (53) indicam que, independentemente do que acontece com o objeto, o sujeito é interno a VP (v*P), aparecendo obrigatoriamente à direita do advérbio.

b) Efeitos de ligação

Como é bem sabido, movimento-A permite ligação, entretanto, não pode haver ligação com movimento-A'. Isto é constatado em PE pelos exemplos abaixo. Em (54), o sintagma quantificador (QP) liga o possessivo na construção passiva (54b) (movimento-A), mas o constituinte 'que' (*wh*), que sofre movimento-A', não liga o possessivo na construção em (54c).

- (54) a. *O seu_i realizador viu todos os filmes_i.
 b. Todos os filmes_i foram vistos pelo seu_i realizador.
 c. *Que filmes_i viu o seu_i realizador?

Considerando o comportamento dos sujeitos e objetos em sentenças VSO, se o objeto for um QP e o sujeito contiver uma anáfora possessiva, a ligação é impossível. Se o objeto movido sofresse movimento-A, a ligação seria aceitável, em um par com (54b). O que não é o caso, como mostra a agramaticalidade de (55b):

- (55) a. *Viu o seu_i realizador todos os filmes.
b. *Viu todos os filmes_i o seu_i realizador.

A impossibilidade de ligação se torna ainda mais clara em casos como (56), os quais são aceitáveis apenas se interpretados como envolvendo ordem VSO:

- (56) a. *Viu [_{objeto} o Paulo_i] [_{sujeito} o seu_i irmão].
b. Viu [_{sujeito} o Paulo_i] [_{objeto} o seu_i irmão].

Conforme Costa, poderia ser argumentado que estes efeitos não constituem evidências conclusivas em favor de sua análise de VOS, uma vez que a ligação seria impossível de qualquer maneira se o sujeito fosse movido à direita e adjungido a uma posição mais alta que o objeto, tornando impossível seu comando pelo objeto. Entretanto, os exemplos abaixo provam que isto não é verdade, na medida em que, nos casos identificados verdadeiramente como deslocamento à direita do sujeito, ou seja, nos casos em que uma pergunta-eco pode intervir entre o objeto e o sujeito, a ligação é possível:

- (57) a. Viu [_{objeto} o Paulo_i], não viu?, [_{sujeito} o seu_i irmão].
b. Viu [_{objeto} todos os filmes_i], não viu?, [_{sujeito} o seu_i realizador].

c) Sujeitos definidos e indefinidos

Sujeitos pós-verbais podem ser definidos ou indefinidos em sentenças VOS de PE, de acordo com Costa:

- (58) a. Comeu a sopa o Paulo.
b. Comeu a sopa um homem.

O fato de a ordem VOS em PE não ser sensível à definitude do sujeito confirma que a ordem VOS não é necessariamente derivada por deslocamento à direita do sujeito, uma vez que em casos verdadeiros de deslocamento à direita do sujeito, sujeitos indefinidos são marginais, como em (59), onde a pergunta-eco ajuda diferenciar os dois tipos de construções:

- (59) a. Comeu a sopa, não comeu?, o Paulo.
 b. *Comeu a sopa, não comeu?, um homem qualquer.

O efeito de definitude em (59) é esperado, uma vez que o deslocamento à direita pode estar associado ao dobramento de pronome, como já mostrado anteriormente. Dado que apenas DPs definidos podem ser dobrados, sujeitos deslocados à direita se comportam como o esperado.

Através dos testes apresentados acima e reproduzidos do trabalho de Costa, é possível defendermos, juntamente com este autor, a derivação das sentenças VOS (focalização informacional do sujeito) de PE através de movimento apenas do objeto, cruzando o sujeito, que permanece em sua posição de origem, SpecVP (Specv*P).

6.3.2.1.1.3.

Derivação sintática e produtividade das estruturas VOS em PE

Como vimos anteriormente, Zubizarreta propõe que VOS é derivada de VSO, e não de SVO em espanhol. A autora defende sua análise afirmando que a ordem VOS, obtida a partir de SVO, seria resultado de adjunção à esquerda de T' a TP: $[_{TP} [_{T'} VO]_i [_{TP} S t_i]]$. Sendo T' uma projeção intermediária, não é possível este movimento pela Teoria X', uma vez que, segundo esta teoria, apenas projeções máximas e núcleos podem ser movidos, como já mencionamos anteriormente. Em nossa análise para o PE, derivamos a ordem VOS através de movimento de O, assim como faz Zubizarreta para o espanhol, mas, diferentemente desta autora e à semelhança da análise de Costa (1998, 2004) também para sentenças VOS do PE, derivamos a estrutura VOS da estrutura $[_{V*P} SVO]$. Nossa derivação só é possível dado o quadro teórico que assumimos (Chomsky, 2000, 2001, 2004).

A diferença de nossa análise para o PE e a de Zubizarreta para o espanhol se dá basicamente quanto à maneira como se dá a checagem do Caso Nominativo do DP sujeito focalizado.

Zubizarreta propõe que, em espanhol, T é uma categoria que pode checar os traços de foco. Portanto, não é preciso projetar uma categoria funcional específica, como FocP por exemplo, que cheque os traços de foco, uma vez que T é capaz de desempenhar esta função. Assumindo o quadro teórico de Chomsky (1995), a autora ainda propõe que o Caso Nominativo do sujeito focalizado em uma sentença (VO)_iSt_i é checado em LF através da adjunção do traço D do DP a T e o traço de foco do DP é checado na posição SpecTP, também em LF, através da configuração especificador-núcleo. Isto porque, para a autora, um sintagma não pode checar mais que um tipo de traço em uma dada configuração especificador-núcleo (neste caso, um traço sintático de Caso e um traço discursivo de foco).

Segundo o quadro teórico sintático que assumimos, traços podem ser checados por movimento (operação *Move*) ou pela operação *Agree*. De acordo com Chomsky (2000, 2001), dadas as condições estruturais necessárias, a checagem de traços se dá preferivelmente pela operação *Agree* do que por *Move*, por motivos de economia de movimentos (conferir o Introdução desta tese para detalhes sobre os mecanismos de *Agree*). Em nossa análise, assim como propõe Zubizarreta para o espanhol, assumimos que também em PE, T é uma categoria sincrética que pode checar tanto traços formais sintáticos, como o traço de Caso, bem como traços discursivos, como o traço de foco. Entretanto, diferentemente desta autora, propomos que a checagem do Caso Nominativo não se dá por movimento de traços-D do DP sujeito em LF, mas na sintaxe visível através de *Agree*.

A operação *Agree* se aplica quando *Probe* (sonda) e *Goal* (alvo) estão ativos. No exemplo em (60), *Probe* em T checa o Caso Nominativo de *Goal* (sujeito DP em Specv*P nas sentenças VOS). Cabe ainda notar que O não se configura em uma fase forte que impeça a checagem de traços entre o núcleo T e S, porque O está numa estrutura de adjunção a v*P, e adjuntos e especificadores não são fases fortes que impedem a checagem de traços entre *Probe* e *Goal*, conforme Chomsky (2000, 2001, 2004).

(60) [TP *pro*_{[EPP]} T_{[EPP],[+ϕ]} [_u[Foc]]] levaram_i [v*P as malas_i [v*P as governadoras_{[+ϕ, nom]} [_u[Foc]]] v*_{[+ϕ]} t_j] [VP t_j t_i_{[+ϕ, acus]}]]]]¹²

¹² No traço *u*[Foc] da representação em (60), '*u*' significa traço não interpretável (do inglês *uninterpretable feature*) e '*Foc*' remete a traço de foco.

Para o traço de foco do DP sujeito na estrutura VOS, assim como propõe Zubizarreta para o espanhol, propomos que, neste mesmo tipo de estrutura em PE, o sujeito focalizado é alçado para SpecTP, onde tem seu traço de foco checado em uma configuração especificador-núcleo em LF.¹³ Assim, teríamos a seguinte representação da sentença (60) em LF:¹⁴

(60') [TP *pro* [T' as governoras_{*u*{Foc}}}] [T' [T_{*u*{Foc}}] levaram_{*j*} [v*P as malas_{*i*} [v*P t_{*i*} v* t_{*j*} [VP t_{*j*} t_{*i*}]]]]]]]

Quanto à checagem do traço EPP, uma vez que nos casos de focalização informacional do sujeito em PE, o sujeito deve ocupar a margem direita de I para que NSR assinale a proeminência principal deste sintagma, ou seja, deve permanecer em sua posição de base (conforme a análise assumida aqui), o EPP pode ser checado por um elemento outro que não o sujeito, como um outro elemento lexical (como os advérbios, no caso de inversões locativas) ou um pronome nulo. Posto que, em línguas nas quais é possível a existência de um pronome sujeito nulo *pro*, como o italiano, o espanhol e o PE, o traço EPP pode ser checado por tal pronome, assumimos que, para os casos de sentenças VOS do PE

¹³ No sistema proposto em Chomsky (2000, 2001) não há operações ocorrendo na sintaxe não-visível (em LF), mas só antes de *Spell-Out*. Entretanto, em Chomsky (2004), há a possibilidade de movimento em LF no caso de constituintes que sofrem movimento posterior A', como o movimento de elementos-wh na checagem dos traços não-interpretáveis *u*[Wh]. Em nossa análise, assumimos esta mesma perspectiva para a checagem do traço de foco *u*[Foc], ou seja, assumimos que a checagem deste traço se dá em LF, depois de *Spell-Out*, uma vez que o traço [+F] também tem implicações para a aplicação de regras em PF (depois de *Spell-Out*) – cf. nota 14.

¹⁴ Cabe acrescentar que também poderia ser proposta a checagem do traço de foco do DP sujeito na sintaxe visível pela mesma operação *Agree* através da qual se dá a checagem de Caso Nominativo do DP sujeito focalizado. Neste tipo de análise, uma única operação de *Agree* é capaz de checar tanto o traço de Caso Nominativo, quanto o traço de foco do DP sujeito. Conforme a condição de economia proposta por Pesetsky & Torrego (2001:359): *A head H triggers the minimum number of operations necessary to satisfy the properties (including EPP) of its uninterpretable features*. Entretanto, embora uma análise deste tipo seja mais econômica do que a proposta de checagem em LF, na medida em que não há necessidade de se postular movimento em LF e uma única operação é suficiente para checar mais de um traço não interpretável, ela não leva em conta a aplicação de FPR no componente fonológico. Se o traço [+F] for checado na sintaxe visível pela operação *Agree*, este traço não interpretável já seria eliminado antes de *Spell-Out* e, em PF, não haveria contexto para a aplicação de FPR, posto que, segundo esta regra, o constituinte [+F] é aquele que deve portar a proeminência principal do sintagma entoacional.

em contexto de focalização informacional do sujeito, o traço EPP é checado pelo pronome nulo *pro* – ver representação em (60).

No que concerne à produtividade das sentenças VOS de PE em contexto de focalização informacional do sujeito, nota-se que o movimento de adjunção de O à esquerda de v*P gera marginalidade, como atesta a baixa freqüência de sentenças VOS em PE nos experimentos 1 e 2 de nosso trabalho (conferir capítulo 4 desta tese).

Voltemos ao exemplo em (60), repetido aqui em (61).

(61) # Levaram as malas as governadoras.
[Quem levou as malas?]

A marginalidade de (61) não se dá por restrições sintáticas. Veja que adjunção de O a v*P não fere localidade de checagem do traço de Caso Nominativo por *Agree*. Adjuntos e especificadores não são fases fortes que impedem checagem de traço por *Agree*, como já mencionamos anteriormente. Além disso, assumindo a operação *Agree* para checagem de Caso, se a respectiva adjunção violasse checagem de caso, VOS também deveria ser inaceitável em espanhol, o que não é o caso, como mostra Zubizarreta.

Se a marginalidade não se dá por restrição sintática, por que razão se dá então?

Supomos que se dê por restrições prosódicas.

Considerando as restrições prosódicas, bem como a análise de Zubizarreta para o sujeito focalizado em italiano, o que vem à mente é considerar que nossa derivação para o PE é inadequada e que uma análise semelhante ao italiano também deveria ser proposta para aquela língua. Uma análise como a do italiano, proposta por Zubizarreta, implica a assunção de que restrições de peso relativo entre VO e S afetam o movimento-p do constituinte defocalizado. Porém, em PE, ocorre movimento de O, pois FocP não é projetado nos casos de foco informacional em PE e, por nossa análise, T' não pode se mover para SpecTP por ser uma projeção intermediária (ver Costa, 1998, 2004 para a assunção de que FocP não é projetado em PE nos casos de foco informacional – cf. seção 6.3.2.3. deste mesmo capítulo).

Todavia, cabe acrescentar que restrições de peso parecem, de fato, atuar nas línguas. Um exemplo deste tipo de restrição é o fato de que, em línguas de ramificação à direita, a fronteira direita do sintagma entoacional (I) tende a ser preferencialmente ocupada por constituintes pesados fonologicamente (para este tipo de observação em PE, italiano e inglês, ver, respectivamente, Frota & Vigário, 1996, 2001; Guasti & Nespor, 1999; e Zec & Inkelas, 1990 – cf. capítulo 2 desta tese).

Em nossos dados, este mesmo fato é observado no caso das sentenças inacusativas de PB com sujeito pesado e predicado leve fonologicamente, nas quais o peso fonológico do sujeito favorece a ocupação da fronteira direita do sintagma entoacional por este elemento, ainda que sua posposição ao verbo seja restrita nesta variedade de português, como já atestado por outros trabalhos sobre estruturas VS em PB (conferir capítulos 3 e 4 desta tese).

Em PE, a sujeição a esta restrição pode ser notada nos casos de sentenças inergativas, inacusativas e transitivas. Quando essas sentenças são formadas por predicado composto por um número igual ou superior de palavras fonológicas em relação ao sujeito focalizado: (i) este não aparece na fronteira direita do sintagma entoacional, mas sim o predicado pesado e, neste caso, há escolha pelo foco prosódico no sujeito; (ii) ou há o uso da pseudo-clivagem; (iii) ou, no caso das sentenças inergativas e inacusativas compostas por advérbio locativo ou temporal, há movimento do advérbio para o início da sentença (inversão locativa – cf. análise das sentenças AdvVS em PE na seção 6.3.2.1.2.2. deste capítulo) preferencialmente à adjunção a v*P/vP. Tanto em (ii), quanto em (iii), o sujeito aparece na fronteira direita do sintagma entoacional. O que raramente ocorre em nossos dados é a ocupação da margem direita do sintagma entoacional pelo sujeito focalizado seguindo o predicado em sua ordem neutra VAdv (no caso das sentenças inergativas e inacusativas) e VO (no caso das sentenças transitivas) – conferir o capítulo 3 desta tese para a definição de ordem neutra por nós assumida.

Outro exemplo de que o peso fonológico do predicado pode afetar a ocupação da margem direita da sentença (margem direita do sintagma entoacional) pelo sujeito são os casos de sentenças transitivas VOS com objeto

clítico. De acordo com a intuição de falantes nativos de PE, sentenças VOS (contexto de focalização informacional do sujeito) são menos marcadas em PE se um clítico ocupa o lugar do objeto. Sendo o clítico um elemento átono e curto em número de sílabas (leve fonologicamente), a aceitabilidade da sentença (62) se dá por esvaziamento de material fonológico que precede o último elemento da sentença:

- (62) Comeu-o o João.
[Quem comeu o bolo?]

Isto parece indicar que a atuação de movimento-p está sujeita não só a restrição de peso relativo proposto por Zubizarreta, mas também a restrições de peso dos constituintes que ocupam a fronteira direita (ou esquerda, dependendo da recursividade das línguas) do sintagma entoacional.

Dadas estas considerações, acrescentamos o princípio em (63ii) à restrição de peso relativo de Zubizarreta:

- (63) Restrição de Peso Relativo
(i) O movimento-P de um constituinte A, cruzando um constituinte B, é degradado se A é 'metricamente mais pesado' que B.
(ii) A fronteira direita (ou esquerda, a depender da recursividade da língua) do sintagma entoacional tende a ser ocupada, preferencialmente, por elementos metricamente pesados.
- (64) Por metricamente mais pesado, entende-se, segundo Zubizarreta:
A is 'metrically heavier' than B if A is branching and B is not (where only metrically visible material counts for computing 'branchingness'), unless B has heavier pitch than A.

Segundo Zubizarreta, materiais metricamente invisíveis seriam categorias funcionais 'leves'. Embora Zubizarreta não esclareça o que se entende por 'leve', propomos que 'leve' se refira à 'leve fonologicamente', ou seja, categorias funcionais desprovidas de proeminência. Por oposição, entende-se que 'materiais metricamente visíveis' sejam elementos providos de proeminência. Os primeiros elementos da hierarquia prosódica a portarem proeminência são 'as palavras

fonológicas' (ω s). Conseqüentemente, é possível entender que 'materiais metricamente visíveis' correspondam, no mínimo, a ω s.

Assim, reformulamos o princípio (64) de Zubizarreta em termos prosódicos:

- (65) A é mais pesado que B se A é ramificado fonologicamente (formado por mais de 1 ω) e B não, ao menos que B porte acento de foco prosódico; neste caso, B é mais pesado que A.

Portanto, propomos que o movimento-p em PE é um movimento semelhante ao do espanhol, no que concerne ao movimento do material defocalizado (em VOS, há o movimento de O e não de VO), mas, assim como o italiano, também está sujeito a restrições de peso. Além da restrição de peso relativo quanto ao movimento, propomos que o PE, assim como outras línguas, também está sujeito à restrição de peso em (63ii).

Dadas as restrições em (63i) e (63ii), explica-se porque VOS é menos freqüente em nossos dados de PE: o predicado VO é mais pesado fonologicamente que o sujeito focalizado informacionalmente e, no entanto, nestes casos, é este que ocupa a margem direita da sentença. Mesmo em espanhol, língua na qual VOS não é nada marcado em contexto de focalização informacional do sujeito, segundo Zubizarreta, estudos que levam em conta dados de freqüência mostram que a cliticização é preferida nos casos de VOS.

Segundo os trabalhos de Bentivoglio & Intronno (1978) e Terker (1984) sobre ordem VSO e VOS no espanhol, a ordem VOS aparece muito mais freqüentemente com verbos transitivos quando o objeto é um clítico:¹⁵

- (66) a. *Lo instaló* *Esteban.*
 o instalou Estaban
 'Esteban o instalou.'
 b. *Quería hacerlo* *Juan.*
 queria fazê-lo Juan
 'Juan queria fazer isto.'

¹⁵ Informação e exemplos extraídos de Kato (2000).

Tal constatação parece contradizer a afirmação intuitiva de Zubizarreta de que o espanhol não está sujeito a restrições de peso e nos leva à conclusão oposta a esta afirmação, ou seja: assim como o italiano e o PE, o espanhol também está sujeito a restrições de peso fonológico.

Levando em conta as considerações aqui apresentadas, é possível supor que nossa análise proposta para o PE também seja aplicável tanto para as sentenças VOS do italiano, quanto para as sentenças VOS do espanhol, uma vez que se propõe a checagem de caso nominativo uniformemente por *Agree* e não por movimento. Dado que tanto PE, quanto o italiano e o espanhol são línguas típicas de sujeito nulo, seria possível o pronome nulo checar traço EPP nestas três línguas. É possível que nas 3 línguas não seja VO que se move, mas apenas O, e este movimento está sujeito às restrições de peso em (63i) e (63ii). Segundo tal análise, não haveria uma projeção de foco em nenhuma delas (respeitando princípios de economia), o sujeito seria interno a TP e VO estaria na projeção intermediária T', o que impediria este constituinte de ser movido, porque projeções intermediárias não podem ser movidas pela teoria X'.¹⁶ Entretanto, para assumir a derivação de sentenças VOS do italiano e do espanhol como movimento apenas de O, faz-se necessário apresentar evidências adicionais para uma análise deste tipo nestas duas línguas, assim como foi feito para PE – cf. Costa (1998, 2004) e seção 6.3.2.1.1.2. deste capítulo.

6.3.2.1.2.

Sentenças intransitivas VS e AdvVS

6.3.2.1.2.1.

Sentenças intransitivas VS

Para as sentenças inergativas e inacusativas VS de PE, assumimos as seguintes derivações sintáticas respectivamente:

¹⁶ Ver também Kato (2000) para a proposta de unificação no tratamento das sentenças VOS em espanhol e italiano.

- Quem trabalhou?
Trabalharam as governadoras.
(67) [TP *pro* [T' [T trabalharam_i [v*P as governadoras t_i [VP t_i]]]]]
- Quem chegou?
Chegaram as biomédicas.
(68) [TP *pro* [T' [T chegaram_j [vP t_j [VP t_j as alunas jovens]]]]]

Para as sentenças intransitivas VS do PE, em contexto de focalização informacional do sujeito, não é possível admitir que haja movimento-p do verbo porque, tanto nas inergativas quanto nas inacusativas, o verbo é inicialmente alçado para checar traços de concordância em T. Além disso, no caso das sentenças inacusativas VS, o sujeito já é gerado em uma posição posposta ao verbo, como argumento interno deste (cf. representação em (68)), portanto, não há necessidade de que exista movimento do constituinte defocalizado para que o sujeito focalizado ocupe a margem direita do sintagma entoacional, porque o sujeito já ocupa esta posição.

Porém, mesmo não sendo possível a admissão do movimento-p, propomos que o sujeito focalizado nas sentenças intransitivas de PE não sofre movimento para SpecTP, onde checaria traços EPP nesta mesma posição, porque deve permanecer na margem direita da sentença onde recebe proeminência por NSR, respeitando os requisitos de alinhamento de proeminência assinalada por FPR e NSR em PF. Uma vez que, segundo nossa proposta, o sujeito não é alçado para SpecTP, mas permanece em sua posição de origem (Specv*P/SpecvP) na derivação das sentenças VS, não é necessário que o verbo seja alçado para uma posição mais alta que T para que a ordem VS seja derivada. Evidências para as posições aqui assumidas para o sujeito (em Specv*P/SpecvP) e para o verbo (em T) na derivação das sentenças VS intransitivas de PE são encontradas em Costa (1998, 2004).

Costa argumenta que, nas sentenças VOS e VSO de PE, o sujeito está em SpecVP (Specv*P). A argumentação do mesmo autor é também aplicável para as sentenças VS de PE, como veremos pelos exemplos apresentados abaixo.

Costa argumenta contra a proposta de Âmbar (1992), segundo a qual, o sujeito pós-verbal é derivado apenas do movimento do verbo de I (T) para C.¹⁷

Se os sujeitos pós-verbais fossem derivados apenas através do movimento de V para C, eles não poderiam aparecer em contextos de sentenças encaixadas do PE, uma vez que a posição C é ocupada pelo complementizador 'que':

- (69) a. O João disse que comeu a Inês a tarte.
 b. O João disse que comeu a tarte a Inês.
 c. O João disse que chorou/chegou a miúda.

Outro contra-argumento para a derivação das sentenças VSO/VS/VOS através apenas de alçamento do verbo de I (T) para uma projeção funcional acima do lugar em que se encontra o sujeito vem do comportamento do sujeito pós-verbal em sentenças com construções envolvendo verbos auxiliares e uma ou mais formas verbais não finitas. Através dos exemplos apresentados em (70), nota-se que o sujeito pode seguir a construção verbal toda:

- (70) a. Tinha comido a Inês a tarte.
 b. Tinha comido a tarte a Inês.
 c. Tinha estado a comer a Inês a tarte.
 d. Tinha estado a comer a tarte a Inês.
 e. Tinha chorado/chegado a Inês.
 f. Tinha estado a chorar a Inês.

Se a inversão pudesse apenas ser derivada pelo movimento do verbo, cruzando o sujeito em SpecIP (SpecTP) para uma projeção funcional acima dele, esperaríamos encontrar o sujeito, obrigatoriamente, seguindo o verbo auxiliar, o que não é o caso, como mostram os exemplos em (70). Para assumir que o sujeito, em construções como (70a), (70b) e (70e), está em SpecIP (SpecTP), seria necessário postular, no mínimo, dois núcleos acima de IP (TP). Se mais auxiliares estão presentes, mais núcleos têm que ser postulados, como no caso das sentenças em (70c), (70d) e (70f).

¹⁷ Porém, Costa (2004) também admite que a análise da derivação do sujeito pós-verbal de PE através do alçamento do verbo para C é ainda necessária, como por exemplo, para o caso das sentenças interrogativas do PE (ex.: O que comeu o João?), como mostra Âmbar (1992 e seus trabalhos subsequentes).

A distribuição de advérbios que se adjungem a VP (v*P/vP) em português, como os advérbios monossilábicos, também pode ser trazida como outro argumento em favor da proposta de que sujeitos pós-verbais não são derivados necessariamente do movimento do verbo para uma posição mais alta que IP (TP). Consideremos as possíveis posições para o advérbio 'bem' em sentenças VSO e VS de PE:

- (71) a. *Bem comeu o João maçãs.
 b. ?* Comeu o João bem maçãs.
 c. *Comeu o João maçãs bem.
 d. Comeu bem o João maçãs.
 e. *Bem chegou/correu o João.
 f. *Chegou/correu o João bem.
 g. Chegou/correu bem o João.

Os exemplos em (71) mostram que o advérbio só pode aparecer entre o verbo e o sujeito, como nas sentenças em (70d) e (70g). Todas as outras posições para o advérbio são excluídas, como atesta a agramaticalidade das demais sentenças. Dada a gramaticalidade apenas das sentenças (70d) e (70g), se o advérbio 'bem' está adjungido a VP (v*P/vP), o sujeito só pode estar em VP (v*P, vP), e não fora desta projecção.

Posto que, de acordo com a análise por nós assumida para as sentenças VS intransitivas do PE, o sujeito lexical não é alçado para SpecTP, propomos que um pronome nulo *pro* checa o EPP nesta posição e o sujeito focalizado tem seu Caso Nominativo checado por *Agree*, tanto nas sentenças VS inergativas, quanto nas sentenças VS inacusativas, como ilustrado, respectivamente, em (67') e (68').¹⁸

- (67') [TP *pro*_{[[EPP]]} [T' [T_{[[EPP], [+φ], -[u{Foc}]]} trabalharam_i [v*P as governoras_{[[+φ], nom], [u{Foc}]]} t_i [VP t_i]]]]
- (68') [TP *pro*_{[[EPP]]} [T' [T_{[[EPP], [+φ], [u{Foc}]]} chegaram_j [vP t_j [VP t_j as alunas jovens_{[[+φ], nom], [u{Foc}]]}]]]]

¹⁸ Em (68'), o Caso Nominativo do DP sujeito em VP pode ser checado com T através de *Agree*, uma vez que, segundo Chomsky (2000, 2001), vP não é fase forte que impede a aplicação desta operação – cf. Introdução desta tese para maiores detalhes.

Assim como apresentamos para sentenças VOS do PE produzidas em contexto de focalização informacional do sujeito, também nas sentenças inacusativas e inergativas VS desta variedade de português, produzidas no mesmo contexto discursivo, T é capaz de checar o traço discursivo de foco do elemento sujeito, dada a proposição de que T em PE é uma categoria sincrética que checa traços sintáticos e discursivos, conforme a adequação a princípios de economia. O traço de foco do DP sujeito nas estruturas VS inergativas e inacusativas também é checado em LF, onde temos, respectivamente, as seguintes estruturas:

- (67'') [TP *pro* [T' as governadoras_i _{{{Foc}}}] [T' [T _{{{Foc}}}] trabalharam_i [v*P t_j t_i [VP t_j]]]]
- (68'') [TP *pro* [T' as alunas jovens_i _{{{Foc}}}] [T' [T _{{{Foc}}}] chegaram_j [vP t_j t_i [VP t_j]]]]

É interessante notar que, mesmo não havendo movimento-p, a estrutura prosódica também codifica as estruturas VS de focalização informacional do sujeito, diferenciando sentenças neutras inacusativas e inergativas SV de sentenças inacusativas e inergativas VS em PE. Enquanto nas estruturas neutras há associação de tons às fronteiras inicial e final do sintagma entoacional, nas estruturas VS há acentos tonais associados obrigatoriamente às cabeças dos sintagmas fonológicos:

- (72) [[(as governadoras)_ω] φ [(trabalHaram)_ω] φ]_I
 | | |
 H H+L* Li
- (67''') [[(trabalHaram)_ω] φ [(as governadoras)_ω] φ]_I
 | | |
 L*+H H+L* Li
- (73) [[(as alunas)_ω(Jovens)_ω] φ [(chegaram)_ω] φ]_I
 | | |
 H H+L* Li
- (68''') [[(chegaram)_ω] φ [(as alunas)_ω(Jovens)_ω] φ]_I
 | | |
 L*+H H+L* Li

6.3.2.1.2.2.

Sentenças intransitivas AdvVS

Em nossa análise, assumimos as derivações sintáticas propostas em (74) para os casos de sentenças inacusativas e inergativas AdvVS de PE, respectivamente, em contexto de focalização informacional do sujeito.

- (74) a. [TP no lago_i [T' [T morreram_j [vP t_j [VP t_j os jovens][vP t_i]]]]]
[Quem morreu no lago?]¹⁹
- b. [TP hoje_i [T' [T choraram_j [v*P as venezuelanas t_j [VP t_j][v*P t_i]]]]]
[Quem chorou hoje?]

Dada nossa derivação em (74a) e (74b), estamos assumindo a hipótese de que advérbios locativos ou temporais podem ser movidos para a posição de especificador TP. Ou seja, assumimos que as sentenças AdvVS de nossos exemplos são casos de inversão locativa.²⁰

Com base na proposta de Levin & Rapport (1995), é possível afirmar que o advérbio pré-verbal das sentenças com inversões locativas do PE não é gerado na posição de sujeito, mas se move para a posição de sujeito (cf. também Pilati, 2006 para este mesmo tipo de análise para os casos de sentenças com inversão locativa do PB). Um dos argumentos utilizados por Levin & Rapport para defender a posição de sujeito pré-verbal (SpecIP, SpecTP, a depender da nomenclatura assumida) para o advérbio, é o fato de que há também inversões locativas em orações encaixadas com a posição de complementizador preenchida por elemento *Wh*. Veja os exemplos apresentados abaixo para o PE:

¹⁹ Por motivos de simplificação, assumimos a derivação sintática tradicional, segundo a qual, advérbios locativos e temporais são adjungidos a v*P/vP tanto nas estruturas inergativas, quanto nas inacusativas. Outra possibilidade é considerar que o verbo inacusativo seleciona uma mini-orção (*small clause*), na qual o sujeito e o advérbio locativo/temporal são nós irmãos (cf. Hoekstra & Mulder, 1990; Moro, 1997). Neste caso, a estrutura sintática resultante é semelhante à estrutura de sentenças copulares.

²⁰ Outra possibilidade de derivação é considerar que o advérbio ocupa uma posição de tópico nestes tipos de sentenças (cf. Âmbar, 1997, 1999). Entretanto, assumimos o tipo de derivação apresentado em (74), porque, em nossos dados de produção oral de PE nos quais aparecem estruturas AdvVS, o advérbio não apresenta propriedades prosódicas que o identifiquem como tópico (cf. Frota, 2000), i. é., não há pausa depois deste elemento e também não é claro se, na estrutura entoacional, há tom de fronteira associado à fronteira direita do sintagma prosódico que contém o advérbio.

- (75) a. O João sabe como no lago morreram os jovens.
b. O João sabe por que hoje choraram as venezuelanas.

Em (75a) e (75b), a posição SpecCP está preenchida por elemento *Wh*, o que sugere que o advérbio pode ocupar uma posição acima de vP/v*P, mas abaixo de CP, possivelmente em SpecTP (ou SpecIP, a depender da nomenclatura assumida).

Com base nas derivações apresentadas em (74), inferimos que a estrutura sintática associada a sentenças SVAdv_{locativo/temporal} do PE permite o alçamento tanto do sujeito, argumento interno de VP (verbos inacusativos), ou do sujeito em Specv*P (verbos inergativos) para SpecTP, quanto do sintagma adverbial de tempo ou lugar para esta mesma posição. Assim, duas derivações são possíveis para os casos de sentenças intransitivas compostas por S, V e Adv (temporal ou locativo) em PE: (1) uma em que o sujeito é alçado para SpecTP para checar EPP (a checagem do Caso Nominativo deste elemento se dá com o núcleo em T via *Agree*, conforme o quadro teórico que assumimos, portanto, não é preciso que o sujeito se mova para SpecTP para checar Caso Nominativo); (2) outra em que o sujeito permanece em sua posição de base, onde tem seu Caso Nominativo também checado com T via *Agree*, e o advérbio é alçado para SpecTP para checar o traço EPP.

Em casos de focalização informacional do sujeito, quando não é escolhida a opção de foco prosódico, a derivação do tipo (2) é a escolhida, e, neste caso, o sujeito focalizado ocupa a margem direita do sintagma entoacional e, portanto, há correspondência entre a proeminência assinalada via FPR e a assinalada via NSR.

Assumindo a estrutura [_{v*P/VP} SV [_{v*P/VP} Adv]], na qual o advérbio está adjungido à direita de v*P/VP, como estrutura da qual a estrutura AdvVS é derivada em PE, nota-se que, após o alçamento do verbo para T para a checagem de traços de concordância, a ordem obtida é VSAAdv, onde S e Adv são irmãos métricos com propriedades prosódicas contraditórias (conforme a proposta de Zubizarreta), uma vez que, em uma estrutura com esta ordem de constituintes, NSR assinala proeminência a Adv e FPR assinala proeminência a S no componente fonológico.

Isto posto, poderíamos pensar, em princípio, que o movimento do advérbio seria uma espécie de movimento-p com a finalidade de fazer com que o sujeito focalizado ocupe a margem direita do sintagma entoacional. Entretanto, não é possível admitir que o movimento do advérbio seja do tipo movimento-p, uma vez que o movimento deste elemento não é local e não sofre restrições de peso estabelecidas em (63i) e (63ii).

O advérbio não é movido para uma posição adjacente, imediatamente à esquerda de S (o que resultaria na ordem VAdvS, após o alçamento do verbo para T), mas para SpecTP, posição acima do verbo em T.

Quanto à restrição de peso estabelecida em (63i), ainda que o advérbio seja fonologicamente mais pesado que o sujeito, ainda assim ele pode ser movido para SpecTP, gerando uma sentença perfeitamente aceitável em PE, como revela (76).²¹ Em (76), o advérbio é mais pesado fonologicamente que o sujeito, uma vez que o sujeito é formado por um sintagma fonológico formado por uma única palavra fonológica, enquanto o advérbio é formado por dois sintagmas fonológicos formados, cada qual, por uma palavra fonológica.

- (76) Quem morreu no rio Tejo?
 No rio Tejo morreram os jovens.²²
 [TP no rio Tejo_i [T'[T morreram_j [vP t_j [VP t_j os jovens][vP t_j]]]]
 [[(no rio) ω] ϕ [(Tejo) ω] ϕ [(morreram) ω] ϕ [(os jovens) ω] ϕ]I

No que tange à restrição de peso estabelecida em (63ii), nota-se em nossos dados de PE que, embora o sujeito focalizado seja pesado fonologicamente (formado por um ϕ composto por 2 ω s, como ilustrado em (77b) e (78b)) – o que permitiria a não violação deste princípio, mesmo que o advérbio se adjungisse simplesmente à esquerda de SpecvP/v*P – o advérbio, ainda assim, é movido para SpecTP, como exemplificado nos dados apresentados em (77a) e (78a) – cf. resultados do experimento 2 no capítulo 4 desta tese.

²¹ Agradeço à Ana Lúcia Santos, falante nativa de PE, por esta informação sobre a aceitabilidade em PE da sentença em (76), em contexto de foco informacional do sujeito.

²² Consideramos a produção da sentença em (76) como desprovida de acento de foco prosódico.

- (77) a. [TP hoje_i [T' chegaram_j [vP t_j [VP t_j as miúdas belas] [vP t_i]]]]
 b. [[[hoje]_ω] φ [(chegaram) ω] φ [(as miúdas) ω (belas) ω] φ]_I
 [Quem chegou hoje?]
- (78) a. [TP hoje_i [T' riram_j [v*P as biomédicas t_j [VP t_j] [v*P t_i]]]]
 b. [[[hoje]_ω] φ [(riram)_ω] φ [(as bio) ω (médicas)_ω] φ]_I
 [Quem riu hoje?]

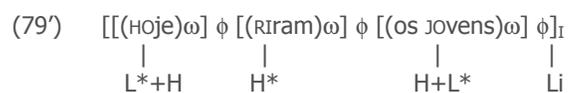
Se o advérbio se adjungisse à esquerda de vP/v*P, não haveria violação ao princípio (63ii) porque o predicado e o sujeito são formados cada um por duas palavras fonológicas, sendo, portanto, igualmente pesados. Além disso, em uma língua como o PE, o pronome sujeito nulo *pro* poderia checar o traço EPP em SpecTP, permitindo que tanto o sujeito quanto o advérbio permanecessem em suas posições de base. Então, por que o advérbio se move para SpecTP ao invés de se adjungir simplesmente à esquerda de vP/v*P?

Suspeitamos que a resposta para esta pergunta seja o fato de que o traço EPP em SpecTP tende a ser checado preferencialmente por argumentos lexicais. O conceito de argumento utilizado aqui é o mesmo utilizado por Kato & Tarallo (1988, 2003): qualquer elemento selecionado, seja ele nominal ou adverbial.²³

Levando em conta todas estas considerações, é possível concluir que, para sentenças inacusativas e inergativas do PE formadas por predicado composto por verbo + advérbio locativo ou temporal e produzidas em contexto de focalização informacional do sujeito, é preferencial a derivação de inversões locativas. Nestas, o advérbio sofre movimento (diferente do movimento-p) para checar o traço EPP em SpecTP e o sujeito, permanecendo na posição onde é gerado, tem seu Caso Nominativo checado por *Probe* em T através da operação *Agree* e ocupa a margem direita do sintagma entoacional, onde recebe proeminência principal assinalada por NSR. A checagem do Caso Nominativo do sujeito focalizado e a checagem do traço

²³ Acrescenta-se que, considerando o fato de que o traço EPP tende a ser checado preferencialmente por argumentos lexicais, esperaríamos encontrar, na produção dos dados de sentenças transitivas do experimento 2 de nossos falantes de PE, a mesma estratégia utilizada para as sentenças intransitivas compostas por predicado formado por verbo e advérbio. Isto é, semelhantemente às estruturas AdvVS, em que o advérbio checa o traço EPP, poderíamos encontrar estruturas OVS, em que o objeto checa o traço EPP, posto que o sujeito deve ocupar preferencialmente a margem direita do sintagma entoacional, portanto, não sofrendo movimento. Entretanto, não são produzidas sentenças OVS por nossos falantes de PE do experimento 2. A produtividade e a frequência das sentenças OVS de PE, em contexto de focalização informacional do sujeito, são questões que merecem ser investigadas em estudos posteriores.

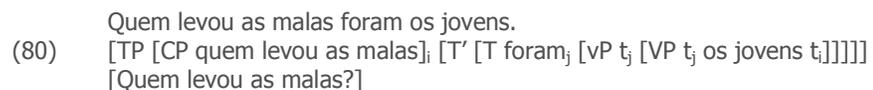
Por sua vez, na sentença AdvVS em (79'), produzida pelo mesmo falante em contexto de focalização informacional do sujeito, nota-se uma estrutura entoacional diferente e específica, caracterizada, essencialmente, por um acento L*+H, que porta a cabeça do ϕ no qual é mapeado o material movido da margem direita da sentença. Ou seja, o acento tonal L*+H está associado à cabeça do ϕ no qual o advérbio é mapeado na estrutura prosódica.



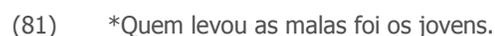
6.3.2.2.

A derivação de sentenças pseudo-clivadas

Para os casos de sentenças pseudo-clivadas de PE em contexto de focalização informacional do sujeito, assumimos a derivação sintática proposta em (80).



Ao assumirmos esta derivação, admitimos com Modesto (2001) que é o DP 'os jovens' o sujeito do verbo 'foram', e não o CP 'quem levou as malas', como defendido por Duarte (2003), Costa & Duarte (2000) e Lobo (2005) para este tipo de pseudo-clivada em PE. Dado que a concordância verbal com o sujeito evidencia checagem de Caso Nominativo em PE (cf. Costa, 2004), é plausível admitir que o sujeito de 'foram' é 'os jovens' e não 'quem levou as malas'. Caso contrário, esperaríamos a concordância do verbo com 'quem levou as malas', expressada pela forma 'foi', porém, vê-se que o resultado é uma sentença agramatical em PE:



Assim como concluímos para as sentenças AdvVS de PE em contexto de focalização informacional do sujeito, também no caso das pseudo-clivadas de PE neste mesmo contexto discursivo, não é possível admitir que a derivação envolva movimento-p. Em princípio, poderia se pensar que o movimento de CP da margem direita da sentença (margem direita do sintagma entoacional) fosse do tipo 'movimento-p' para que o sujeito focalizado ocupasse tal posição, onde há o assinalamento da proeminência principal do sintagma entoacional por NSR. Entretanto, assumir esta proposta não é possível porque o movimento de CP não é local e não está sujeito a restrições de peso, tal qual ocorre nos casos de movimento-p.

O movimento de CP não é local, posto que este elemento não se move para uma posição imediatamente acima do sujeito, mas para SpecTP, acima do verbo em T. Quanto à sujeição a restrições de peso, nota-se a não obediência aos princípios estabelecidos em (63) no movimento do CP. Como representado em (82), o CP 'quem levou as malas' é mais pesado fonologicamente que seu irmão métrico 'os jovens' e, ainda assim, o CP é movido da margem direita da sentença (margem direita do sintagma entoacional), violando o princípio estabelecido em (63i). Em (82), o CP 'quem levou as malas' é formado por três sintagmas fonológicos compostos por uma palavra fonológica cada, enquanto o sujeito 'os jovens' é formado por um único sintagma fonológico composto por apenas uma palavra fonológica.

(82) [[(Quem) ω] φ [(levou) ω] φ [(as malasω)] φ [(foram) ω (os jovens) ω] φ]_I

No que diz respeito ao princípio (63ii), uma vez que o CP é o elemento mais pesado fonologicamente da sentença é ele que tende a ocupar a margem direita de I, porém, como pode ser visto em (80), o CP é movido desta posição nas pseudo-clivadas.

Nas pseudo-clivadas, o CP se move da margem direita da sentença (margem direita de I) para checar o traço EPP em SpecTP, ou seja, o movimento do CP nas pseudo-clivadas destina-se à checagem de traços sintáticos formais que dizem respeito apenas ao componente sintático da gramática. Entretanto, o

movimento do CP nas pseudo-clivadas, ainda que por motivos de checagem de traços sintáticos formais, permite que o sujeito focalizado ocupe a margem direita de I, onde NSR assinala proeminência principal de I em concordância com a proeminência assinalada por FPR. Isto posto, em contexto de focalização informacional do sujeito em PE, o esperado é que a pseudo-clivada seja a opção de clivagem escolhida na focalização informacional do sujeito. Os resultados apresentados no capítulo 5 desta tese para os falantes de PE de nosso experimento 2 confirmam esta expectativa. A pseudo-clivada foi o único tipo de estrutura clivada escolhida pelos nossos falantes de PE no contexto de focalização informacional do sujeito. Estes resultados parecem indicar que, embora os outros tipos de clivadas sejam também possíveis em PE (clivada 'Foram os jovens que levaram as malas'; clivada invertida 'Os jovens é que levaram as malas', etc. – cf. Âmbar, 1997, 1999; Costa & Duarte, 2000; Duarte, 2003; Lobo, 2005; entre outros), a escolha da pseudo-clivada é preferencial no contexto de focalização informacional do sujeito.

Quanto à checagem dos traços EPP e Caso Nominativo na derivação das pseudo-clivadas, o traço EPP em T é checado pelo CP, como já havíamos mencionado anteriormente, e o traço de Caso Nominativo do DP sujeito focalizado é checado por *Probe* em T, via *Agree* na sintaxe visível, conforme o quadro teórico assumido em nossa análise. Eis a representação da checagem destes traços para a sentença pseudo-clivada apresentada em (80):

(80) [TP [CP quem levou as malas]_i]_{[EPP]} [T' [T_{[EPP], [+φ], [u[Foc]]} foram]_j [vP t_j [VP t_j os jovens]_{[+φ, nom], [u[Foc]]} t_i]]]]]

Assim como propusemos para os casos de focalização informacional do sujeito em PE apresentados anteriormente, também para as pseudo-clivadas, propomos que o sujeito focalizado é alçado para SpecTP em LF, onde tem seu traço de foco checado em uma configuração especificador-núcleo. Assim, teríamos a seguinte representação em LF da sentença dada em (80):

(80'') [TP [CP quem levou as malas]_i [T' os jovens]_{[u[Foc]]} [T' [T_{[u[Foc]]} foram]_j [vP t_j [VP t_j t_i]]]]]]]

Tal qual já notamos para os casos de focalização informacional do sujeito em PE apresentados anteriormente, também no caso das pseudo-clivadas de nossos dados de PE produzidas neste mesmo contexto discursivo, nota-se que a estrutura prosódica (refletida na estrutura entoacional) pode também codificar a estrutura sintática diferenciada associada às pseudo-clivadas.

Diferentemente da estrutura entoacional das sentenças neutras de PE, onde há geralmente apenas tons associados ao início e ao fim de I, como já mencionado, a estrutura entoacional associada às sentenças pseudo-clivadas de nossos dados de PE é freqüentemente marcada por um acento L*+H, que porta a cabeça do último ϕ do material movido da margem direita da sentença (margem direita de I). Assim, nas sentenças pseudo-clivadas, L*+H está associado à cabeça do último ϕ que compõe CP, como ilustra a representação em (83) correspondente à produção da sentença pseudo-clivada 'Quem trabalhou foram os jovens' por um dos falantes de PE de nosso experimento 2.

$$(83) \quad [[[(QUEM)\omega] \phi [(trabalhou)\omega] \phi [(foram)\omega] \phi [(os\ jovens)\omega] \phi]]_I$$

H*	L*+H	H+L*	Li

Todas as considerações apresentadas aqui sobre a entoação das sentenças VOS, VS, AdvVS e pseudo-clivadas de PE corroboram a afirmação de Frota (1994) de que o contorno entoacional pode codificar prosodicamente estruturas sintáticas especiais desta variedade de português.²⁴

²⁴ Por 'estruturas sintáticas especiais do PE' entenda-se estruturas sintáticas diferentes da estrutura sintática associada às sentenças neutras desta mesma variedade de português – cf. capítulo 3 desta tese.

6.3.2.3.

A derivação de sentenças SV, SVO e SVAdv com foco prosódico

Quanto aos casos em que PE utiliza a opção de foco prosódico para focalização informacional do sujeito, propomos que este está na mesma posição em que se encontra nas estruturas neutras, i.e., em SpecTP, onde checa traço EPP. Portanto, propomos que a estrutura sintática para uma sentença como a apresentada em (84a) corresponde à estrutura representada em (84b).

- (84) a. **As governadoras** riram hoje.
 b. [TP as governadoras_i{[EPP], [u{Foc}]}} [T' [T_j{[EPP], [+φ], [u{Foc}]}} riram]_j [v*P t_i{[EPP], [+φ, nom], [u{Foc}]}} t_j [VP t_j][v*P hoje]]]]]
 [Quem riu hoje?]

Como representado em (84b), sugerimos que, em sentenças com foco prosódico de PE, o Caso Nominativo do DP sujeito é checado em sua posição de base por *Probe* em T via *Agree*, e o DP sujeito é movido para SpecTP para checar o traço EPP. Em coerência com o que propusemos para os outros casos de focalização informacional do sujeito de PE, também propomos que, nos casos de foco prosódico desta mesma variedade de português, o traço de foco do sujeito é checado com a categoria sincrética T em LF, dado que, se o traço [+F] for checado na sintaxe visível, este traço já seria eliminado antes de *Spell-Out* e, em PF, não haveria contexto para a aplicação de FPR (cf. formulação de FPR em (2)).

Uma outra possibilidade seria propor que, nos casos de foco prosódico do sujeito em PE, este elemento é movido para uma posição de especificador de uma projeção de foco, SpecFocP, para aí checar o traço de foco (para uma análise do elemento focalizado através de movimento para uma projeção de foco para as línguas em geral, conferir Chomsky, 1976; Horvath, 1986, 1995; Brody, 1990; entre outros; e, para uma análise deste tipo para elementos focalizados de PE, conferir Raposo, 1994; entre outros).²⁵

²⁵ Cabe acrescentar que uma análise apenas do foco prosódico em PE (em contexto de focalização informacional) através de movimento do elemento focalizado para uma projeção de FocP não é nada intuitiva

Entretanto, assumimos com Costa (1998, 2004) que o foco prosódico em PE, assim como os demais casos de foco ocorridos em contexto de foco informacional nesta variedade, não projeta FocP e que os elementos que portam este tipo de foco são identificados em PF.²⁶

A assunção de uma análise deste tipo encontra respaldo nos contra-argumentos trazidos por Costa (1998, 2004) para uma análise do foco informacional do PE através de movimento do elemento focalizado para uma projeção de foco, seja na sintaxe visível ou em LF.

Segundo Costa, as duas teorias mais aceitas de análise de focalização através de movimento do elemento focalizado para uma projeção de foco, FocP, são: Brody (1990) e Horvath (1986, 1995).

A primeira assume que o critério do foco funciona como o critério *wh* (cf. Rizzi, 1991). De acordo com o critério de foco, semelhante ao critério *wh*: (a) depois de *Spell-Out* e em LF, o especificador de um sintagma de foco (SpecFocP) deve conter um sintagma +F; (b) em LF, todos os sintagmas +F devem estar em uma projeção FocP. A variação entre as línguas se dá se a condição (a) é satisfeita antes de *Spell Out* (ex.: em húngaro), ou em LF (ex.: em inglês). O problema desta proposta, como já notado por Horvath (1995), é que ela não dá conta de línguas, diferentes do húngaro e do inglês, que codificam o foco em posições diferentes da posição de base ou da posição mais à esquerda da sentença.

Por sua vez, de acordo com a teoria de Horvath (1986, 1995), o foco: (1) é assinalado como qualquer outro traço gramatical por um núcleo não lexical (caso do húngaro); ou (2) é assinalado livremente (caso do inglês e de outras línguas com foco *in situ*). Entretanto, conforme Costa, esta teoria apresenta problemas quanto ao segundo caso de assinalamento de foco. Por exemplo, mesmo em inglês (língua de foco *in situ*), alterações de ordem podem codificar diferentes estruturas informacionais:

e prescinde de uma explicação convincente de por que, somente nos casos de foco prosódico, o elemento focalizado informacionalmente é movido para uma projeção de foco, e nos outros casos de focalização do PE, ocorridos no mesmo contexto discursivo, não há esta projeção.

²⁶ Assumimos esta análise especificamente para o caso do foco informacional em PE. A análise dos casos de foco contrastivo nesta mesma variedade de português está fora do escopo deste trabalho.

- (85) a. *I gave a book to Mary*. [Para quem você deu o livro?]
 b. *I gave Mary a book*. [O que você deu a Mary?]

Considerando as sentenças apresentadas em (85) como produzidas com uma entoação neutra, elas são mais aceitáveis nos contextos dados respectivamente entre colchetes. Se o foco é assinalado livremente, quaisquer das ordens deveriam ser adequadas, independentemente do contexto.

Costa afirma que, em PE, não há uma posição específica para onde os elementos focalizados informacionalmente devem se mover obrigatoriamente, como em húngaro, onde eles se movem para a periferia esquerda da sentença. Segundo este autor, os elementos focalizados informacionalmente de PE permanecem *in situ* e ocupam, preferencialmente, a margem direita da sentença, sendo que, na maioria dos casos, eles não sofrem movimento algum para alcançar esta posição. Dadas estas considerações, nota-se que, ao se assumir para o PE uma análise como a de Horvath, segundo a qual o foco é assinalado livremente em uma língua de foco *in situ*, não deveria haver preferência quanto à posição do elemento focalizado.

Um contra-argumento para Costa seria o caso de foco preposto ('foco marcado', nas palavras de Costa) apresentado em Raposo (1994) para o PE. Este tipo de foco é encontrado em sentenças do tipo:

- (86) **Muito vinho** o João bebeu!

Costa nota que, nestes casos, sempre está envolvido um DP quantificado e, além disso, estas sentenças são muito mais naturais na forma exclamativa, deixando dúvidas sobre seu *status* como movimento de foco.

Quanto ao contexto discursivo em que uma sentença como a apresentada em (86) aparece, Costa argumenta que a referida sentença não é uma resposta apropriada à pergunta do tipo 'O que bebeu o João?', ou seja, não é uma sentença apropriada para o contexto de foco informacional:

- O que bebeu o João?
- (86'') a. # **Muito vinho** o João bebeu!
b. O João bebeu **muito vinho**!

Segundo Costa, este tipo de estrutura está muito mais associado a uma interpretação de tópico (contrastivo ou não – conforme Duarte (1996), tópicos podem ser contrastivos, ou não, e são sempre prepostos), o qual pode já ter sido inferido no discurso, ou que pode ser inferido a partir dele:

- [Quem é que comeu muita sopa?]
- (87) a. Muita sopa, ninguém comeu.
[A festa foi ótima!]
b. Muito vinho o João bebeu!

Dadas todas estas considerações, Costa conclui que os casos de foco preposto apresentados por Raposo são restritos apenas a DPs quantificados e exercem outro papel discursivo, que não o do foco informacional.

No que tange ao fato de os elementos focalizados de PE serem identificados em PF, Costa, com base no trabalho de Frota (2000), afirma que os elementos focalizados em PE portam o acento principal da sentença, podendo este acento ser neutro ou marcado.

Nos casos de foco prosódico do PE, é possível inferirmos, com base nos dados de PE deste trabalho e com base no trabalho de Frota (2000), que o elemento focalizado porta a proeminência principal da sentença que, nestes casos, é codificada por um tipo de acento tonal especial. Os seja, defendemos que, nos casos de foco prosódico do PE, o elemento focalizado informacionalmente é identificado em PF especificamente pelo tipo de acento tonal que porta. Uma vez que o elemento focalizado (casos de foco prosódico) não ocupa a posição preferencial de contexto de focalização informacional (margem direita da sentença), mas a posição *default* de ocorrência em contexto neutro, ele é distinguido de sua ocorrência neste último contexto através de um acento tonal especial.

De fato, em nossos dados de foco prosódico em PE, observamos a ocorrência de um acento tonal especial de foco (nomeadamente H*+L) marcando

o sujeito focalizado, além da proeminência final de sentença, assinalada por NSR, que marca o final dos enunciados declarativos (cf. também Frota, 2000 sobre a estrutura entoacional associada a sentenças portando foco prosódico em PE).

Ainda cabe acrescentar que não é possível assumirmos uma análise por desacentuação e invisibilidade métrica para a aplicação de NSR, como Zubizarreta propõe para os casos de foco prosódico (cf. capítulo 2 desta tese), nem uma análise por retração de acentos, como em Nespor & Guasti (2002) – cf. também capítulo 2 desta tese. Isto porque pode haver marcação de proeminência final de sentença, além da proeminência marcada no sujeito focalizado nas sentenças com foco prosódico SVO, SV, SVAdv tanto em PE, como em PB (ver capítulo 5 desta tese para maiores detalhes sobre a entoação de sentenças com foco prosódico em PE e PB).

A representação em (84') exemplifica um caso de entoação de estrutura de foco prosódico em PE, onde encontramos marcação de proeminência final de sentença, sinalizada pelo acento tonal H+L*, além da proeminência marcada no sujeito focalizado, sinalizada pelo acento tonal H*+L.

$$(84') \quad \begin{array}{c} \text{[[(as governadoras) } \omega \text{] } \phi \text{ [(Riram) } \omega \text{ (hoje) } \omega \text{] } \phi \text{]}_I \\ \begin{array}{ccc} | & | & | \\ \text{H} & \text{H}^*+\text{L} & \text{H}+\text{L}^* \end{array} \end{array}$$

6.3.3.

A focalização informacional do sujeito em PB

Como vimos na seção 6.3.2, o movimento-p em estruturas de focalização informacional do sujeito parece atuar em PE, conforme a análise de nossos dados desta variedade de português, todavia, ainda há restrições operando em sua atuação.

Já em PB, conforme nossos dados desta variedade de português, não se observa a atuação do movimento-p como opção de focalização informacional do sujeito, mas apenas o foco prosódico e sentenças clivadas e clivadas invertidas (com ou sem cópula) – cf. resultados apresentados no capítulo 4 desta tese.

Entretanto, a atuação do movimento-p parece ser uma opção possível em PB nos casos de focalização de outros elementos diferentes do sujeito, como complementos e adjuntos –cf. também Costa & Figueiredo Silva (2003) sobre reordenamento de constituintes em PB, no caso focalização de complementos e adjuntos.²⁷ Considerando uma análise através de movimento-p, tanto a sentença em (89a), na qual o objeto indireto sofre movimento para que o objeto direto ocupe a margem direita da sentença (margem direita do sintagma entoacional), onde NSR assinala proeminência, como a sentença em (89b), na qual o objeto direto não ocupa a margem direita do sintagma entoacional, mas porta acento de foco prosódico, são respostas aceitáveis em PB para a pergunta em (88).

- (88) O que você deu pra Ana?
- (89) a. Eu dei pra Ana_i **a bola** t_j.
b. Eu dei **a bola** pra Ana.²⁸

²⁷ Todavia, para Modesto (2001), há movimento-p por motivos de focalização do sujeito em sentenças pseudo-clivadas, pseudo-clivadas copulares e pseudo-clivadas não copulares do PB, como já apresentado no capítulo 3 desta tese. De acordo com a classificação de clivadas de Modesto, as sentenças apresentadas em (i) seriam classificadas conforme a nomenclatura entre os parênteses que as seguem. Cabe notar que, nas derivações sintáticas apresentadas em (i) e extraídas de Modesto, é assumida, por este autor, a proposta de Pollock (1989), segundo a qual, na cisão de Infl, T c-comanda AgrS.

- (i) a. Quem quer casar é a Suzanita. (PC: sentença pseudo-clivada)
[_{TP} quem quer casar_i [_{T'} é_k [_{AgrP} a Suzanita]_j [_{Agr'} t_k [_{VP} [_{V'} t_k [_{NP} [_{NP} t_j]] [_{NP} t_i]]]]]]]]]
b. Inteligente é a Mafalda. (CPC: sentença pseudo-clivada copular)
[_{TP} inteligente_i [_{T'} é_k [_{AgrP} a Mafalda]_j [_{Agr'} t_k [_{VP} [_{V'} t_k [_{AP} [_{NP} t_j]] [_{AP} t_i]]]]]]]]]
c. A conta pago eu. (NCPC: sentença pseudo-clivada não copular)
[_{TP} a conta_i [_{T'} pago_k [_{AgrP} eu]_j [_{Agr'} t_k [_{VP} t_j t_i]]]]]]]

Modesto, seguindo a proposta de Zubizarreta, postula que os constituintes 'quem quer casar', 'inteligente' e 'a conta' são alçados para SpecTP para que o sujeito focalizado ocupe a posição mais encaixada da sentença (fronteira direita do sintagma entoacional), onde NSR assinala proeminência. Porém, estes tipos de sentenças não aparecem em nossos dados como estratégia de focalização em PB, mas sim em PE, no caso das pseudo-clivadas. Ainda cabe ressaltar o fato de que as pseudo-clivadas, mesmo que utilizadas como estratégia de focalização, não podem ser consideradas casos de movimento-p, uma vez que não envolvem movimento local e não são sujeitas a restrições de peso, conforme já discutido anteriormente. Uma possível explicação para o não aparecimento de pseudo-clivadas em nossos dados de PB, como estratégia de focalização do sujeito, é o fato de Modesto não utilizar dados de frequência, tais como utilizamos neste trabalho. Isto indica que, embora as estruturas em (i) ainda sejam possíveis em PB, elas estão se tornando cada vez menos frequentes como opção de focalização informacional do sujeito, por razões próprias da gramática de PB, como será discutido a seguir.

²⁸ A frequência e produtividade das sentenças apresentadas em (89a) e (89b) em contexto de focalização informacional do objeto direto em PB merecem ser investigadas em estudos posteriores.

Fato semelhante quanto ao movimento-p parece ocorrer com o francês. Zubizarreta (1998) apresenta o francês como exemplo de língua na qual o uso de movimento-p se alterna com foco prosódico como opção de focalização.

Em estruturas de focalização de objeto, segundo Zubizarreta, tanto o movimento-p, como a desacentuação do material não focalizado podem atuar como opções para focalização nesta língua:

- (90) a. *Nous avons rendu son livre à Marie.*
 nós temos devolvido seu livro à Marie.
 'Nós devolvemos seu livro à **Marie**.'
 [O que vocês fizeram?]
 [*O que vocês devolveram à Marie?]
- b. *Nous avons mis trois livres sur la table.*
 nós temos posto três livros sobre a mesa
 'Nós pusemos três livros sobre a **mesa**.'
 [O que vocês fizeram?]
 [*O que vocês puseram sobre a mesa?]
- c. *Nous avons rendu à Marie son livre.*
 [*O que vocês fizeram ?]
 [O que vocês devolveram à Marie?]
- d. *Nous avons mis sur la table trois livres.*
 [*O que vocês fizeram ?]
 [O que vocês puseram sobre a mesa?]
- (91) a. *Nous avons rendu son livre à Marie.*
 [O que vocês devolveram à Marie?]
- b. *Nous avons mis trois livres sur la table.*
 [O que vocês puseram sobre a mesa?]²⁹

No caso dos exemplos em (90c) e (90d), conforme a análise de Zubizarreta, PP é movido, via movimento-P, cruzando O, e NSR assinala proeminência principal de sentença em O. Já nos exemplos (91a) e (91b), segundo a análise da mesma autora, há atribuição de proeminência marcada por FPR ao elemento focalizado e desacentuação do material que segue este elemento. Para ela, o material defocalizado e desacentuado é invisível metricamente para a

²⁹ Nos exemplos, os elementos **em negrito** recebem proeminência e os elementos em *itálico* são desacentuados, conforme Zubizarreta.

aplicação de NSR e, portanto, há atribuição de proeminência principal por NSR ao elemento mais encaixado da sentença e visível metricamente, ou seja, ao elemento focalizado que porta proeminência marcada pela aplicação de FPR.

Diferentemente do movimento-p em espanhol e em italiano, o movimento-p em francês afeta somente complementos, mas não sujeitos, conforme Zubizarreta. De fato, não há a ordem VOS em francês. Além disso, para Zubizarreta, o francês difere do italiano na medida em que naquela língua falta a estrutura de origem para VOS, nomeadamente, uma estrutura com projeção de foco funcional acima de TP:

- (92) **(Je crois que) le verre Rafael a cassé, non pas la tasse.*
 eu acho que o **copo** Rafael tem quebrado não a xícara
 'Eu acho que o Rafael quebrou o **copo**, não a xícara.'

Zubizarreta afirma que, mesmo se existisse tal estrutura, o resultado seria impossível porque o francês, diferentemente do italiano, não é uma língua *pro-drop*.

A mesma autora assume que uma língua deve ser capaz de recuperar relações gramaticais nas representações em PF e LF. Ela admite que, ou a informação morfológica (proveniente da concordância verbal realizada foneticamente ou de morfemas de Caso), ou a informação estrutural (tais como aquelas provenientes dos traços) podem ser usadas para recuperar relações gramaticais na representação em PF. Consideremos a estrutura em italiano em (93a) e sua contraparte em francês em (93b), extraídos de Zubizarreta:

- (93) a. $[[_{TP} e_i \text{ ha mangiato una mela}]_j \quad [_{FP} \text{ Maria}_i [e_j]]]$
 tem comido uma maçã Maria
 'Maria comeu uma maçã.'
 b. $[[_{TP} e_i \text{ a mangé une pomme}]_j \quad [_{FP} \text{ Marie}_i [e_j]]]$

Embora, em (93a), o DP 'Maria' em SpecFP não ligue apropriadamente seu traço em SpecT em PF, este mesmo DP é interpretado como sujeito em PF porque o italiano tem uma morfologia de concordância com o sujeito suficientemente rica no verbo. Por outro lado, por causa de sua pobreza na morfologia de concordância

com o sujeito, o francês pode usar apenas a informação estrutural para interpretar um DP como um sujeito de sua sentença em PF. Zubizarreta sugere que isto não é possível em (93b) devido à falta de ligação própria do traço em SpecTP em PF.

Como já mencionado, através da análise de nossos dados de PB, notamos que, assim como o francês, o PB não apresenta o movimento-p como opção de focalização informacional do sujeito. Como veremos a seguir, assim como o francês, o PB também apresenta um sistema morfológico verbal de pessoa pobre.

Com base nestas duas línguas, em princípio, seria possível pensar que a opção de focalização do sujeito através de reordenamento de constituintes (através de movimento-p, conforme a proposta de Zubizarreta) é uma opção possível somente em línguas com sistema morfológico verbal de pessoa rico, assim como afirma Zubizarreta. Entretanto, como mostraremos nas próximas seções, o movimento-p parece ser uma opção possível não só em línguas com sistema morfológico verbal de pessoa rico, mas em línguas que, além de apresentarem esta propriedade, também possuem sujeito nulo. Note que nossa proposta também difere da proposta de Nespors & Guasti (2002), na medida em que estas autoras afirmam que somente o fato de apresentar sujeito nulo é condição suficiente para uma língua apresentar o reordenamento de constituintes como opção de focalização do sujeito. Defenderemos aqui que 'existência de sujeito nulo' e 'sistema morfológico verbo-pessoal rico' são propriedades que determinam, simultaneamente, a possibilidade de haver reordenamento de constituintes (ou movimento-p, na proposta de Zubizarreta) como opção de focalização informacional do sujeito nas línguas – ver também Kato (1999, 2000) sobre a relação entre parâmetro *pro-drop*, concordância e reordenamento de constituintes como opção de focalização do sujeito em PB e PE.

6.3.3.1.

Riqueza morfológica verbo-nominal, sujeito nulo e estratégias de focalização do sujeito

Assim como em francês, o sistema morfológico de concordância verbal de pessoa em PB também é pobre, como revela a comparação entre o paradigma de

concordância pessoal do PE (94a) com os paradigmas de concordância pessoal do francês (94b) e do PB (94c). Nos quadros, os elementos em negrito representam as marcas de concordância realizadas em PF.

(94)

(a) PE	(b) Francês	(c) PB
1 ^a . pes. sing. (eu) falo	1 ^a . pes. sing. (je) parle	1 ^a . pes. sing. (eu) falo
2 ^a . pes. sing. (tu) falas	2 ^a . pes. sing. (tu) parles	2 ^a . pes. sing. (você) fala
2 ^a . pes. sing. (você) fala		
3 ^a . pes. sing. (ele/ela) fala	3 ^a . pes. sing. (il /elle) parle	3 ^a . pes. sing. (ele) fala
1 ^a . pes. pl. (nós) falamos	1 ^a . pes. pl. (nous) parlons	1 ^a . pes. pl. (nós) falamos
-----	-----	1 ^a . pes. pl. (a gente) fala
2 ^a . pes. pl. (vocês) falam	2 ^a . pes. pl. (vous) parlez	2 ^a . pes. pl. (vocês) falam
3 ^a . pes. pl. (eles/elas) falam	3 ^a . pes. pl. (ils) parlent	3 ^a . pes. pl. (eles) falam

Repare que, enquanto no PE há a produção de uma concordância lexical diferente para cada pessoa (excetuando os casos de 'você(s)' e 'ele(s)'), em francês e em PB, há a produção lexical de uma mesma concordância para mais de duas pessoas. No PE há a produção de uma mesma concordância apenas para as 2^a. e 3^a. pessoas do singular e para as 2^a. e 3^a. pessoas do plural. O francês apresenta a mesma concordância lexical para as 1^a. e 2^a. pessoas do singular e as 3^{as} pessoas do singular e plural. O PB apresenta a mesma concordância para as 2^a. e 3^a. pessoas do singular e 1^a. do plural, além disso, ainda apresenta a mesma concordância para as 2^a e 3^a pessoas do plural.

De acordo com a proposta de Zubizarreta, é possível afirmar que o fato de o francês e o PB possuírem morfologia verbo-pessoal pobre justificaria a não ocorrência de movimento-p como estratégia de focalização do sujeito nestas duas línguas. Dada tal afirmação, esperaríamos, então, que línguas que apresentassem morfologia verbal rica, em especial, morfologia verbo-pessoal rica, apresentassem o movimento-p como estratégia de focalização do sujeito. Entretanto, tomando uma língua de morfologia verbal rica (pessoal e temporal), como o alemão, vemos que esta afirmação não se sustenta.

Pelo paradigma verbal do alemão apresentado em (95), correspondente ao paradigma apresentado para o PB, o PE e o francês em (94), nota-se que o alemão possui riqueza morfológica verbo-pessoal, na medida em que apresenta distinção morfológica entre quase todas as pessoas verbais, com exceção da 3^a. pessoa do

singular e da 2^a. do plural, que apresentam a mesma concordância, assim como a 1^a. e a 3^a. pessoas do plural que também apresentam a mesma concordância. Mas ainda assim, a morfologia verbo-pessoal do alemão é mais rica que a do PB e a do francês porque apresenta menos pessoas com uma mesma concordância. Para um verbo como 'falar': em francês, **4** pessoas apresentam a concordância em 'e'; em PB, **3** pessoas podem apresentar a concordância em 'a' e **2** pessoas podem apresentar a concordância em 'am' e; em alemão, **2** pessoas apresentam a concordância em 'et' e **2** pessoas podem apresentar a concordância em 'en'.

(95)

Alemão

1^a. pes. sing. (ich) re**be**
 2^a. pes. sing. (du) re**dest**

 3^a. pes. sing. (er) re**det**
 1^a. pes. pl. (wir) re**den**

 2^a. pes. pl. (ihr) re**det**
 3^a. pes. pl. (sie) re**den**

Todavia, mesmo apresentando um sistema morfológico verbo-pessoal mais rico do que o francês e PB, o alemão, como estas duas línguas, utiliza-se de outras estratégias, diferentes do reordenamento de constituintes (movimento-p), para a focalização informacional do sujeito, conforme Zubizarreta (1998) e Nespor & Guasti (2002). Isto parece indicar que não é só a morfologia verbo-pessoal rica que determina a possibilidade de haver reordenamento de constituintes (movimento-p) como estratégia de focalização informacional do sujeito.

Conforme Nespor & Guasti, o que determinaria esta possibilidade de focalização nas línguas, seria a existência do pronome nulo sujeito. Porém, também quanto a esta propriedade, o francês, o alemão e o PB se comportam diferentemente. Enquanto o francês e o alemão são línguas nas quais não há o pronome nulo sujeito, o PB é uma língua de sujeito nulo. Conforme, a proposta de Nespor & Guasti, apresentada no capítulo 2 desta tese, isto já seria suficiente para permitir que o PB se utilizasse da opção de reordenamento de constituintes como opção de focalização do sujeito. Entretanto, esta estratégia de focalização não é a opção escolhida por PB.

Cabe notar que, conforme Galves (1994, 2001), o PB pode ser considerado como uma língua relativamente atípica no que diz respeito ao parâmetro do sujeito nulo, dadas certas peculiaridades desta variedade de português quanto à adequação a tal parâmetro. Estas peculiaridades do PB quanto ao parâmetro do sujeito nulo têm sido abordadas em importantes pesquisas em sintaxe do português brasileiro. Dentre as quais, citamos: Duarte (1995), Figueiredo Silva (1996), Galves (1991, 1993, 1994, 2001), Ferreira (2000), Kato & Negrão (2000), Rodrigues (2004), entre outros.

Para Galves (1994, 2001), a caracterização atípica de PB quanto ao parâmetro do sujeito nulo decorre do fato de haver na literatura lingüística afirmações contraditórias quanto ao PB como língua de sujeito nulo: de um lado, apesar de uma série de restrições que podem agir sobre a posição sujeito, o PB é uma língua na qual a posição do sujeito não é necessariamente preenchida por um pronome lexical; por outro lado, além de o PB não apresentar uma morfologia verbal tão rica como as demais línguas *pro-drop*, trabalhos em lingüística estatística revelam uma forte tendência do PB de preencher lexicalmente a posição de sujeito nas sentenças.

Embora haja essas contradições com relação ao sujeito nulo em PB, conforme a mesma autora, pode-se demonstrar que PB é uma língua *pro-drop*, uma vez que apresenta as propriedades estabelecidas por Chomsky (1981) como associadas a este parâmetro:

- O pronome lexical pode (ou deve) ser omitido em muitos contextos:*
- (26) *(Nós) chegaremos pela manhã.*³⁰
- (27) *O João não sabe se (ele) passará nos exames.*
- (28) **(ele) parece que *(ele) vai chover.*
- A inversão livre é possível, pelo menos com verbos ergativos:*
- (29) *Saíram vários livros sobre esse assunto.*
- Aparentes violações do filtro "that-t" ocorrem:*
- (30) *Quem você acha que virá na tua festa?*
- (31) *Essa é a menina que eu não sei quem acha que (ela) possa vir.*
(cf. Galves, 2001:103)

³⁰ A enumeração dos exemplos foi mantida conforme aparece em Galves (2001).

Podemos ainda acrescentar que, além das propriedades apresentadas por Galves, o PB ainda apresenta movimento QU- 'longo' do sujeito e pronome lembrete nulo em orações encaixadas, propriedades respectivamente ilustradas em (96) e (97):

- (96) a mulher_i [que me pergunto [se *t*_i terá enviado a carta]].
 (97) Este é o homem_i [que eu me pergunto [se acredita [que **cv**_i possa fazer isto]]].

Além das propriedades elencadas acima, Galves afirma que o PB sofre movimento do verbo, o que é típico de línguas *pro-drop* segundo a análise de Roberts (1993).³¹

Roberts postula que os núcleos funcionais diferem quanto ao fato de projetarem ou não um nóculo X^{-1} , um nóculo afixal que seleciona uma outra categoria sob X^0 . Conforme Roberts, isso produz a substituição selecionada e força o movimento para a posição selecionada. Segundo o mesmo autor, a presença *versus* ausência de tal nóculo torna-se visível devido à existência de marcas morfológicas. Seguindo esse raciocínio, conclui-se que em línguas não *pro-drop*, como o inglês, não haveria movimento do verbo, pois essas línguas não projetariam X^{-1} nem para Agr nem para Tempo.

Galves afirma que o português brasileiro parece ajustar-se à análise de Roberts, ou seja, como uma língua *pro-drop*, projeta X^{-1} , o movimento do verbo ocorre e há uma distinção morfológica entre o singular e o plural. O exemplo (98), extraído de Galves (2001), ilustra o movimento verbal e em (99), o paradigma flexional de presente e passado ilustra a distinção morfológica entre singular e plural em PB.

- (98) a. *As crianças cada (uma) comeram dois pedaços de bolo.
 b. As crianças comeram cada uma dois pedaços de bolo.

³¹ Cabe notar que em algumas línguas nas quais não há sujeito nulo, como o alemão e o francês, também é permitido o alçamento do verbo. Entretanto, esta característica é mais comumente encontrada em línguas de sujeito nulo.

- (99) eu danço/dancei
 você dança/dançou
 ele dança/dançou
 nós dançamos/dançamos
 vocês dançaram/dançaram
 eles dançam/dançaram

Conforme Roberts, o parâmetro *pro-drop* engloba dois tipos de 'riqueza' para Agr: 'riqueza formal' e 'riqueza funcional'. Um paradigma verbal é formalmente rico se nele há um morfema para cada pessoa (não há forma zero) e é funcionalmente rico se permite no máximo um sincretismo e uma forma zero. Pelo paradigma em (99), observa-se que o paradigma verbal de PB não é funcionalmente rico, uma vez que apresenta mais de um sincretismo: as segunda e terceira pessoas, tanto no singular como no plural, apresentam a mesma forma verbal. Segundo Galves, pelo mesmo paradigma ainda se observa que PB também não é formalmente rico pois, se comparado com o PE, vê-se que aquele não apresenta a segunda pessoa e que o morfema verbal de segunda e terceira pessoas é o mesmo (cf. paradigmas de PB e PE, respectivamente, em (94a) e (94c)).

A referida autora ainda observa que a perda de uma posição do paradigma verbal em PB se revela através da possibilidade de uso tanto das formas de segunda como de terceira pessoas do adjetivo possessivo para *você*:

- (100) Você pode me emprestar **seu/teu** caderno?

Conforme Galves, a deficiência morfológica de PB possui um correlato interpretativo. PB revela uma interpretação peculiar de sujeito nulo de terceira pessoa do singular em sentenças finitas, diferenciando-se das demais línguas *pro-drop* como o italiano, o espanhol e o PE. O PB pode apresentar referência indeterminada para o sujeito nulo de uma sentença finita:

- (101) Aqui *e_i* vende roupas usadas.

Nas outras línguas *pro-drop* mencionadas, à sentença (101) seria dada a interpretação de 'Aqui ele vende roupas usadas'. Nota-se que esta interpretação só seria obtida em PB através do uso obrigatório do pronome 'ele' na posição de sujeito.

Para que fosse obtida a mesma interpretação obtida na sentença (101) de PB, a estrutura correspondente nas demais línguas *pro-drop*, como por exemplo, o PE, seria: 'Aqui vende(m)-se roupas usadas'.

Pelo fato de não ser mais possível a obtenção da mesma interpretação referencial do sujeito nulo obtido nas demais línguas *pro-drop* para a estrutura dada em (101), afirma-se que o PB está perdendo sua natureza *pro-drop*.

Outra peculiaridade do PB, que a distingue de uma língua *pro-drop* como o PE, é o fato de o verbo poder concordar com o tópico da sentença, como atestam os exemplos de Galves (1998b, 2000), apresentados em (102):

- (102) a. O relógio estragou os ponteiros. (PB/*PE)
 b. Aquele carro furou os pneus. (PB/*PE)
 c. A mesa quebrou as pernas. (PB/*PE)

Como já apontado por Duarte, I. (1987), este tipo de construção na qual o verbo concorda com um tópico é impossível em PE.

Para Galves, o fato de o PB apresentar as propriedades descritas por Chomsky (1981) para as línguas *pro-drop* e o fato de não apresentar um pronome lexical em contextos expletivos, como o francês e o inglês, evidenciam que a perda da natureza *pro-drop* de PB não é um problema de legitimação formal, mas de identificação, nos termos de Rizzi (1986).³² Agr, principalmente na terceira pessoa do singular, parece ser pobre demais para identificar um sujeito nulo como um pronome nulo específico. Observemos o paradigma apresentado em Galves para a combinação dos valores dos traços sintáticos *pessoa* e *número* em PB:

³² Conforme Rizzi (1986), *pro* deve ser: (a) formalmente legitimado, isto é, deve estar em relação com uma categoria de nível zero, X^0 , tal que X^0 seja membro da classe de 'legitimadores' na língua em questão; e (b) identificado quanto a seu conteúdo, isto é, deve receber sua referência do conjunto de traços de X^0 com o qual está co-indexado.

- (103) +pessoa/-plural > -o (canto)
 +pessoa/+plural > -mos (cantamos)
 -pessoa/+plural > -m (cantam)
 -pessoa/-plural > -0 (canta)

Para a terceira pessoa do singular não há morfema (\hat{c} canta – morfema de pessoa e número= 0') que funcione como elemento pronominal capaz de substituir o sujeito pronominal ausente. Isto explica a falta de identificação referencial do sujeito nulo em (101). Galves afirma que, neste caso, o pronome nulo é como PRO: não havendo um antecedente potencial, é interpretado como indeterminado. Resolvido o problema da identificação do pronome nulo, cabe-nos ainda indagar sobre a legitimação formal deste mesmo pronome.

Este assunto é abordado por Galves juntamente com a questão de como seria possível o PB apresentar movimento de verbo e propriedades de língua *pro-drop*, dado que PB parece não ser funcionalmente nem formalmente rico.

A autora trata destas questões propondo uma análise alternativa da estrutura da sentença em PB e uma hipótese geral sobre a geração de Agr. A natureza morfológica de Agr é considerada responsável pelo nível em que ele é anexado a outro núcleo funcional em uma determinada língua. Assumindo o *Earliness Principle* de Pesetsky (1989), Galves assume que a natureza afixal de Agr deve ser satisfeita o quanto antes e, em algumas línguas, ele pode ser afixado a Tempo antes de *Spell-Out*. Nessas línguas não há cisão de Infl em nenhum nível. Este é o caso do inglês e do português brasileiro, uma vez que ambos possuem Agr pobre. Porém, essas duas línguas diferem quanto ao movimento do verbo por possuírem um elemento Tempo diferente. Com base em Roberts (1993), Galves propõe que o movimento do verbo para Tempo (Infl) é uma substituição selecionada em PB, já que Tempo projeta X^{-1} , visto que há distinção morfológica entre formas infinitivas e finitas, ao passo que é uma substituição livre em inglês. Galves (1991, 2001) também argumenta que é Tempo que legitima o pronome nulo em posição de sujeito em PB e que isso explica suas propriedades interpretativas peculiares.

Além das propriedades elencadas acima que justificam a classificação do PB como uma língua de sujeito nulo, nossos dados do experimento 1 revelaram

que, se o sujeito focalizado é pesado fonologicamente, ele pode aparecer mais freqüentemente após o verbo inacusativo:³³

- (104) Chegou a moça bonita.
[Quem chegou?]

Esta opção em francês seria agramatical sem o pronome expletivo realizado foneticamente (*il*):

- (105) *Il est arrivée une belle file.*³⁴
**Arrivée une belle file.*
[Quem chegou?]

Com base nestas considerações, defendemos a hipótese de que o movimento-p para sentenças com focalização informacional do sujeito só ocorre mais livremente em línguas de sujeito nulo e que apresentam, necessariamente, concordância verbo-pessoal rica. Isto porque nem toda língua que possui riqueza morfológica verbo-pessoal possui sujeito nulo e vice-versa. O alemão, apesar de ser uma língua de morfologia verbal rica (temporal e verbo-pessoal), não possui sujeito nulo e, no geral, utiliza-se de outras estratégias, diferentes do reordenamento de constituintes (movimento-p), para a focalização informacional do sujeito. Por outro lado, o chinês não possui riqueza morfológica verbal, mas é uma língua de sujeito nulo, e, assim como o alemão, também se utiliza de outras estratégias, diferentes do reordenamento de constituintes, para a focalização informacional do sujeito, como veremos a seguir.

Assim como admitido por Zubizarreta para o francês, admitimos também para o PB que, dada sua pobreza morfológica de concordância pessoal, ele se utiliza preferencialmente da informação estrutural (referimo-nos especificamente à

³³ Um trabalho interessante ainda a ser feito é a investigação da relação entre peso fonológico e ordem de constituintes em sentenças existenciais e copulares em contexto de focalização informacional do sujeito.

³⁴ Diferentemente do português, em francês, a posposição do sujeito lexical ao verbo inacusativo está sujeita a restrições de definitude do sujeito. Por isso, no exemplo (105) do francês, o sujeito lexical *belle file* aparece precedido do artigo indefinido *une*, e não do artigo definido *la*, correspondente à tradução literal do artigo definido 'a' que precede o sujeito lexical 'moça bonita' do exemplo (104) do português. A tradução da sentença com artigo definido 'Chegou a moça bonita' do português para o francês resulta em uma sentença agramatical nesta última língua **Il est arrivée la belle file.*

ordem dos elementos na sentença) para interpretar um DP como um sujeito de sua sentença em PF.

Isto implica uma maior fixação do DP sujeito na posição pré-verbal nas sentenças, para que tal DP seja identificado como sujeito em PF, uma vez que a concordância verbal de pessoa de PB não é suficientemente rica para identificar este DP como sujeito em uma posição diferente da pré-verbal.

Mesmo com sentenças inacusativas, nosso experimento 1 (único experimento em que surgiram sentenças VS) revelou que SV é predominante em relação à ordem VS em PB.

Nos casos de sentenças VS inacusativas do PB, assim como nas copulares e existenciais desta mesma variedade de português, o traço EPP é checado por um pronome nulo expletivo (pronome inexistente no francês e no inglês).

Acreditamos que o pronome nulo expletivo só é possível com sentenças inacusativas, copulares e existenciais em PB. Nos casos de sentenças inergativas VS e transitivas VOS (sentenças simples) do PB, mesmo que o pronome nulo expletivo pudesse checar EPP, ele ainda deve ganhar índices referenciais para ser identificado (além de ser legitimado formalmente através da relação especificador-núcleo), nos termos de Rizzi (1986), permitindo que o sujeito lexical pós-verbal seja interpretado como sujeito da sentença em PF. Ou seja, o pronome nulo deve ganhar índices referenciais, compatíveis com o sujeito lexical pós-verbal, através da concordância verbo-pessoal.³⁵ Nos casos das sentenças inacusativas, existenciais e copulares, o pronome expletivo nulo pode ser apenas legitimado formalmente. Entretanto, como consequência de o pronome nulo não ser identificado, a interpretação do sujeito lexical, especialmente no caso das sentenças inacusativas e existenciais do PB, parece ser mais de complemento do que de sujeito da sentença.

O pronome nulo ganha índices referenciais somente em línguas de concordância pessoal rica.³⁶ Sendo o PB uma língua de concordância pessoal

³⁵ Uma das consequências de o pronome nulo sujeito em PB não ganhar índices referenciais é a interpretação de sujeito indeterminado (única interpretação possível) para uma sentença como 'Não usa mais freio', conforme Galves, 2001, como já mencionado anteriormente.

³⁶ Segundo a análise apresentada por Modesto (2000), o sujeito nulo do PB é um elemento pronominal *pro* (expletivo) ao qual falta um índice referencial. Segundo o mesmo autor, em línguas de concordância rica (Agr⁰), aquelas nas quais morfemas de concordância são gerados sob Agr⁰, *pro* será capaz de adquirir os traços

pobre, há apenas pronome nulo expletivo, o que justifica sua classificação como língua *pro-drop*, mas não há pronome nulo com índices referenciais. Por isso que ainda é possível encontrar sentenças VS inacusativas, copulares e existenciais em PB, enquanto sentenças VS inergativas e VOS transitivas são quase inexistentes nesta variedade de português (salvo casos de deslocamento à direita de anti-tópicos (cf. Kato & Tarallo, 1988, 2003) ou casos de foco identificacional/apresentacional (cf. Pilati, 2002, 2006)).

Cabe ainda acrescentar que o argumento de Kato & Tarallo (1988, 2003) e Kato (1999, 2000) sobre a mudança no sistema de pronomes clíticos do PB (substituição de 'o', 'a', 'os', 'as' por objetos nulos ou pelos pronomes tônicos 'ele(s)', 'ela(s)') não sustenta a perda de V(O)S ou, por hipótese, a falta de movimento-p em PB como opção de focalização.³⁷ Para Kato & Tarallo, o fato de a inversão do sujeito ser um processo pouco produtivo em PB em estruturas transitivas é devido à 'desfonologização' dos clíticos de 3ª. pessoa e ao conseqüente uso produtivo de pronomes lexicais acentuados ('ele(s)', 'ela(s)'), fazendo os objetos ficarem audíveis à direita do verbo, um padrão que é bloqueado pelo filtro de monoargumentalidade em PF, segundo os autores (ou por restrições de peso fonológico, como assumimos neste trabalho).

Uma vez que, ao invés dos pronomes tônicos de 3ª. pessoa, objetos nulos (muito produtivos em PB, diferentemente dos sujeitos nulos) poderiam ocorrer nas sentenças VOS para que restrições de peso fonológico fossem respeitadas (ou para que não houvesse bloqueio destas sentenças pelo filtro de monoargumentalidade

que lhe faltam por estar em uma relação especificador-núcleo com o núcleo de Agr em LF. Assim, *pro* ganha um índice referencial. Em línguas de concordância pobre, um *pro* sujeito pode licenciar a projeção de Agr. Entretanto, ele não será interpretável em LF porque, mesmo se o verbo se mover para o núcleo de Agr, este é incapaz de fornecer a *pro* traços de número e pessoa (índice referencial). Entretanto, cabe notar que, em algumas dessas línguas de concordância pobre, como o PB, a derivação com o sujeito nulo *pro* pode ser licenciada se esse pronome nulo é interpretado como uma variável ligada por um DP em uma posição A'. De acordo com, dentre outros, Diesing (1990) e Koopman & Sportiche (1991), o especificador da projeção mais alta de INFL é uma posição A' possível. Modesto, em sua análise, assume essa afirmação e assume com Belletti (1990) que a projeção mais alta de INFL é AgrP. Uma vez que SpecAgrP é uma posição A' possível, em sentenças formadas por orações raiz e encaixada do PB, como 'A Maria_i disse que *pro*_i ganhou o jogo', o sujeito da oração raiz vai para a posição A' em SpecAgrP, onde licencia o sujeito nulo *pro* da sentença encaixada, conforme a análise de Modesto. Conforme este autor, isto explica por que é mais freqüente sujeito nulo em orações encaixadas em PB, independentemente do tipo de verbo, do que em sentenças raiz desta mesma variedade de português.

³⁷ Conforme Kato & Tarallo (1988, 2003), o clítico é um licenciador da ordem VOS em português.

em PF, nas palavras de Kato & Tarallo), o esperado seria que a sentença abaixo fosse gramatical em PB, o que não é o caso:

(106) Quem comeu o bolo?
*Comeu *pro* o João.

Isto parece indicar que, de fato, é a falta de concordância verbo-pessoal suficientemente rica para prover índices referenciais ao pronome sujeito nulo que impede o uso da ordem VOS como opção de focalização em sentenças transitivas do PB, e não a mudança no sistema de pronomes clíticos nesta língua.

6.3.3.2.

A derivação de sentenças com foco prosódico, clivadas e clivadas invertidas: uma análise unificada

Uma vez que não é possível o uso movimento-p para focalização informacional do sujeito, a opção que resta ao PB é o foco prosódico, além do uso de estruturas clivadas (opções possíveis em quase todas as línguas, porém com diferenças quanto à existência e ao uso dos diferentes tipos de clivadas).

De fato, é isso que ocorre em nossos dados de PB: uso de foco prosódico e estruturas clivadas. Porém, cabe notar que o uso de pseudo-clivadas, não foi observado em nossos dados de PB.

A hipótese para esta não ocorrência de pseudo-clivadas é que, sendo PB uma língua orientada para o tópico³⁸ (cf. Pontes, 1983; Galves, 1998b, 2000, 2001; entre outros), o elemento 'tema central do discurso' (seja ele tópico ou foco) deve aparecer preferencialmente em primeiro lugar na sentença. Fato semelhante acontece também em chinês mandarim. O chinês, semelhantemente a PB, também é uma língua orientada para o tópico, de sujeito nulo e de concordância pobre. Assim como no PB, em estruturas de foco no sujeito em chinês, as opções

³⁸ Conferir exemplos em (102), extraídos de Galves (1998b, 2000), nos quais o verbo concorda com o sujeito-tópico das sentenças.

possíveis (em respostas completas), são as sentenças clivadas, clivadas invertidas e com foco prosódico exemplificadas abaixo.³⁹

- (107) a. **João** 拿 球 得.
 João pegar bola que
 '***O João** que pega a bola'. '**O João** que pegou a bola'
- b. **João** 拿 了 球.
 João pegar ·sufixodepassado bola
 '**O João** pegou a bola'.
- c. 是 **João** 拿 球 得.
 é João pegar bola que
 '***É o João** que pega a bola'. 'Foi **o João** que pegou a bola.'
- d. 是 **João** 拿 了 球.
 é João pegar ·sufixo de passado bola
 '***É o João** que pegou a bola'. 'Foi **o João** que pegou a bola.'
 [Quem pegou a bola?]

Note que o chinês apresenta as estruturas clivada (107c) e (107d) e clivada invertida sem cópula (107a), bem como a sentença com foco prosódico (107b), tal qual encontramos nos nossos dados de PB.

As formas em que o sujeito focalizado ocorre em último lugar da sentença (108a) e (109) só são possíveis, em chinês, em contextos diferentes do contexto informacional, ou seja, em contextos de identificação como o apresentado em (108) ou em contextos de foco contrastivo como em (109). Já estruturas pseudo-clivadas, como (108b), só são possíveis em chinês numa situação de instrução de jogos, situação também favorecedora de ocorrência de pseudo-clivadas em PB ('Quem acabar primeiro com todas as cartas é o vencedor do jogo') ou, mais raramente, em um contexto como o apresentado em (108).

³⁹ Agradeço a Jack Tsai pelos exemplos do chinês e pelas informações sobre a gramática desta mesma língua.

- (108) a. 拿 球 得 就 是 **João**
pegar bola que partícula enfática é João
b. 誰 拿 了 球 是 **João**
quem pegar sufixo de passado bola é João
‘Quem pegou a bola foi **o João**’.

[Contexto: X pede a Y para procurar o João na multidão, porém, Y não conhece o João. Então, X dá a seguinte informação a Y: ‘(aquele que/quem) pegou a bola é o João’ (Se quiser saber quem é o João, procure quem está com a bola)].

- (109) 拿 球 得 才 是 **João**
pegar bola que partícula enfática contrastiva é João

[Contexto: X pede a Y para procurar o João na multidão, porém, Y não conhece o João. Y arrisca um palpite e aponta para o Paulo. Então, X corrige: ‘O João é aquele que pegou a bola’ (Se quiser saber quem é o João, procure quem está com a bola)].

Já a clivada invertida sem apagamento da cópula ‘é’, ‘O João é que pegou a bola’, nesta ordem de elementos da sentença, tal qual ocorre em PB, não ocorre em chinês.

Quanto às sentenças com sujeito focalizado em PB, assumiremos, juntamente com Kato & Ribeiro (2005), que as sentenças com sujeito focalizado não clivado e as sentenças com sujeito clivado possuem derivação sintática similar, segundo a qual, o sujeito focalizado está fora de TP, em SpecCP.

Conforme Kato (c.p.), evidência sintática para a proposição de que o sujeito focalizado não clivado ocupa a posição de especificador de CP, tal qual os sujeitos clivados, vem da semelhança entre as construções de sujeito focalizado não clivado do PB e as sentenças interrogativas desta mesma variedade de português (cf. Kato & Raposo, 1996; Kato & Miotto, 2005; Kato & Ribeiro, 2005):

- (110) a. O que que você comeu?
a'. O que você comeu?
b. Por que que você chorou?
b'. Por que você chorou?
- (111) a. **O João** que chutou a bola.
a'. **O João** chutou a bola.
[Quem (que) chutou a bola?]

Em todas as sentenças em (110), o elemento *wh* se encontra em SpecCP. A diferença entre elas é que, em (110a) e (110b), a posição de complementizador de CP é ocupada por um elemento lexical e, nas sentenças em (110a') e (110b'), esta mesma posição não aparece preenchida lexicalmente. Conforme a proposta de Kato & Ribeiro, em (111), o mesmo tipo de paralelismo é encontrado. Tanto na sentença em (111a), quanto na sentença em (111a'), o sujeito focalizado se encontra em uma posição de especificador de CP. A diferença entre elas está no fato de que, em (111a), a posição de complementizador de CP encontra-se preenchida lexicalmente pelo elemento 'que' e, na sentença em (111a'), esta posição não é preenchida lexicalmente. Kato & Ribeiro atribuem o comportamento das sentenças em (110a'), (110b') e (111a') a uma regra estilística ativa em PB, a qual prevê o apagamento do complementizador 'que' em sentenças clivadas reduzidas (denominadas aqui de clivadas invertidas sem cópula) e em interrogativas-qu (*wh*). Tal regra estaria ativa em PB, mas não em PE, o que explicaria, segundo as autoras, o fato de tanto as clivadas invertidas sem cópula, quanto as sentenças *WhSV*, serem formas agramaticais em PE:⁴⁰

- (112) a. ***O João** que chutou a bola.
b. *O que o João chutou?

Outra evidência sintática para a defesa da posição de SpecCP para o sujeito focalizado de PB vem da distribuição dos advérbios altos, como o advérbio 'inteligentemente', que são adjungidos a SpecTP em português, quando eles têm escopo sobre o sujeito (cf. Costa, 1998; Costa & Galves, 2002). Vejamos os exemplos abaixo de PB:

⁴⁰ Para que as sentenças interrogativas-qu em PE sejam gramaticais, o complementizador de CP tem que estar preenchido lexicalmente, seja pelo elemento 'que' ou pelo alocamento do verbo para esta posição. Quanto às sentenças com foco prosódico de PE, embora esta seja uma opção também presente em PB, supomos que as duas estratégias sejam derivadas diferentemente nas duas variedades. O sujeito focalizado de PB, portador de foco prosódico, ocupa a posição de SpecCP, uma vez que admitimos que este tipo de foco surge da aplicação da regra de apagamento do 'que' da sentença clivada invertida sem cópula. Já em PE, a sentença com o sujeito portando foco prosódico não é derivada de uma clivada invertida sem cópula, uma vez que não existe este tipo de estrutura clivada nesta última variedade de português. Como já discutido anteriormente, o sujeito com foco prosódico do PE ocupa a mesma posição ocupada pelo sujeito de sentença neutra. Os dois tipos de sujeito em PE, com foco prosódico e em contexto de sentença neutra, são distinguidos em PE pelo acento tonal especial H*+L que porta o sujeito com foco prosódico (cf. Frota, 2000 e capítulo 5 desta tese).

Quanto à estrutura entoacional das sentenças com sujeito focalizado prosodicamente e das sentenças clivadas e clivadas invertidas (com ou sem cópula), nota-se o mesmo tipo de estrutura entoacional nos dois casos: há associação de acento tonal obrigatória à cabeça do sintagma fonológico que contém o sujeito focalizado (clivado ou não), associação opcional de um acento frasal à fronteira direita do mesmo sintagma fonológico, ausência obrigatória de acentos tonais associados a palavras fonológicas intermediárias, associação de H+L* à cabeça do último ϕ do sintagma entoacional e de um tom de fronteira Li opcional à fronteira direita deste mesmo sintagma ou associação somente de um tom de fronteira Li à fronteira direita de I. O exposto é exemplificado pelas representações abaixo das sentenças '**As venezuelanas** lavaram as luvas', '**Foram as venezuelanas** que lavaram as luvas', '**As velhas** é que choraram' e '**As velhas** choraram' produzidas em contexto de focalização informacional do sujeito por nossos falantes de PB.

$$(116) \quad [[(\text{as venezuelANas})\omega] \phi [(\text{lavaram}) \omega] \phi [(\text{as LUvas}) \omega] \phi] I$$

$$\begin{array}{ccc} | & | & | \\ L^*+H & L_p & Li \end{array}$$

$$(117) \quad [[(\text{Foram})\omega] \phi (\text{as venezuelANas})\omega] \phi [(\text{que lavaram})\omega] \phi [(\text{as LUvas}) \omega] \phi] I$$

$$\begin{array}{ccc} | & | & | \\ L^*+H & L_p & Li \end{array}$$

$$(118) \quad [[(\text{as VELhas})\omega] \phi [(\text{É}) \omega (\text{que choraram}) \omega] \phi] I$$

$$\begin{array}{ccc} | & | & | \\ L^*+H & L_p & Li \end{array}$$

$$(119) \quad [[(\text{as VELhas})\omega] \phi [(\text{que choraram}) \omega] \phi] I$$

$$\begin{array}{ccc} | & | & | \\ L^*+H & L_p & Li \end{array}$$

$$(120) \quad [[(\text{as VELhas})\omega] \phi [(\text{choraram}) \omega] \phi] I$$

$$\begin{array}{ccc} | & | & | \\ L^*+H & L_p & Li \end{array}$$

Tanto nas representações (116) e (120) das sentenças focalizadas não-clivadas, como nas representações (117), (118) e (119) das sentenças clivada, clivada invertida com cópula e clivada invertida sem cópula, verifica-se a

associação de acento tonal L*+H à sílaba tônica da ω cabeça do sujeito focalizado (as venezuelanas/as velhas), de acento frasal Lp à fronteira direita do sintagma fonológico no qual o sujeito é mapeado, ausência de acentos tonais após o acento frasal (tom Lp) e tom de fronteira Li associado à fronteira direita do sintagma entoacional.

Portanto, a estrutura prosódica (refletida na estrutura entoacional) parece codificar uma mesma estrutura sintática para os casos de foco prosódico do sujeito em sentenças não clivadas e em sentenças clivadas do PB. Este fato provê sustentação empírica adicional para a proposição de um mesmo tipo de derivação sintática, na qual o sujeito está fora de TP, tanto para sentenças clivadas, como para sentenças com foco prosódico não clivadas (cf. Kato & Raposo, 1996; Kato & Miotto, 2005). Baseando-nos em Kato & Ribeiro (2005), propomos que as derivações sintáticas para as sentenças '**As venezuelanas** lavaram as luvas', '**Foram as venezuelanas** que lavaram as luvas', '**As velhas** é que choraram', '**As velhas** que choraram' e '**As velhas** choraram' são, respectivamente:

- (116') [CP As venezuelanas_i [C' +F [TP t_i lavaram as luvas]]]
- (117') [TP *pro* foram_j [CP as venezuelanas_i [C' que_{+F} [TP t_i lavaram as luvas]]]]
- (118') [CP As velhas_i [C' é_j +F [TP t_j [CP que_{-F} [TP t_i choraram]]]]]
- (119') [CP As velhas_i [C' que_{+F} [TP t_i choraram]]]
- (120') [CP As velhas_i [C' +F [TP t_i choraram]]]

Kato & Ribeiro propõem que o PB possui dois tipos de complementizadores homófonos nas estruturas clivadas, 'que_{+F}' e 'que_{-F}', e F 'silencioso' (nas palavras das autoras), que pode ser entendido como um traço de foco não realizado lexicalmente. Portanto, para elas, as derivações sintáticas propostas para as estruturas clivadas do PB são similares e a única diferença está no tipo de complementizador selecionado da numeração. Seguindo a proposta desenvolvida pelas autoras no quadro minimalista, a concatenação dos elementos nas sentenças se dá pela operação *Merge* e, no caso das representações em (117'), (118') e (119'), as derivações se dão da seguinte maneira:

- (117'') a. [TP as venezuelanas lavaram as luvas]
 b. [CP que_{+F} [TP₁ as venezuelanas lavaram as luvas]]
 c. [CP as venezuelanas_i [C' que_{+F} [TP₁ t_i lavaram as luvas]]]
 d. [TP₂ *pro* foram_j [CP as venezuelanas_i [C' que_{+F} [TP₁ t_i lavaram as luvas]]]]
 Merge de 'que_{+F}'
 Movimento do sujeito focalizado para SpecCP = sentença clivada invertida sem cópula
 Merge do 'cópula'
- (118'') a. [TP as velhas choraram]
 b. [CP que_{-F} [TP as velhas choraram]]
 c. [TP₂ é [CP que_{-F} [TP₁ as velhas choraram]]]
 d. [CP₂ as velhas_i [C' é_j +F [TP₂ t_j [CP₁ que_{-F} [TP₁ t_i choraram]]]]]
 Merge de 'que_{-F}'
 Merge de 'é'
 Merge de '+F não realizado lexicalmente' ao C mais alto, movimento do sujeito focalizado para SpecCP₂ e movimento de 'é' em TP₂ para C de CP₂.
- (119'') a. [TP as velhas choraram]
 b. [CP que_{+F} [TP as velhas choraram]]
 c. [CP as velhas_i [C' que_{+F} [TP t_i choraram]]]
 Merge de 'que_{+F}'
 Movimento do sujeito focalizado para SpecCP.

De acordo com as derivações propostas acima, na sentença clivada em (117d'') e na sentença clivada invertida sem o verbo cópula (119c''), o sujeito é movido para SpecCP para checar traço de foco [+F] com 'que_{+F}' em C através da relação especificador-núcleo. Já na sentença clivada invertida com cópula (118d''), o sujeito é movido para SpecCP₂ para checar traço de foco [+F] com o traço +F não realizado lexicalmente em C, posto que o 'que', selecionado da numeração neste tipo de estrutura, possui traços [-F] que, portanto, não podem ser checados com os traços [+F] do sujeito focalizado. Baseando-nos em Kato & Ribeiro, é possível afirmar que as clivadas invertidas com cópula são resquícios de fases mais antigas do português nas quais não havia o 'que_{+F}'.⁴¹ Segundo as mesmas autoras, isto explica porque há *Merge* de +F 'silencioso' nas orações raiz que atraí o verbo

⁴¹ Acrescentamos que, conforme Kato & Ribeiro, as formas de focalização mais antigas em português, através de estruturas clivadas, são as pseudo-clivadas.

cópula para C nas sentenças clivadas do PB moderno e que atrai também os demais tipos de verbo nas sentenças interrogativas do português arcaico:

- (121) 'Que queriam esses dos?'
 [CP Que_{+wh} [C' queriam +F_{+wh} [IP esses dos t_v [VP...]]]]
 Kato & Ribeiro (2005:5)

O movimento na sintaxe visível dos sujeitos das estruturas clivadas do PB para fora de TP é endossado pela estrutura entoacional deste tipo de estrutura em PF. É possível que PF codifique, na estrutura entoacional, o movimento sintático do sujeito focalizado para fora de TP através do acento frasal associado opcionalmente à fronteira direita do sintagma fonológico no qual o sujeito focalizado é mapeado na estrutura prosódica.

A checagem de caso nominativo do sujeito focalizado nas estruturas clivadas apresentadas acima se dá através da operação *Agree*, segundo o modelo teórico que adotamos (Chomsky, 2000, 2001). *Probe* em T checa o caso nominativo de *Goal*, o sujeito (as venezuelanas/as velhas) em Specv*P de TP₁, no caso de (117'') e (118''), e em Specv*P de TP, no caso de (119''). No caso de (117''), o traço EPP é checado pelo sujeito focalizado (as venezuelanas) em SpecTP₁ e por *pro* em SpecTP₂. Já em (118''), o sujeito 'as velhas' checa EPP em SpecTP₁. Por sua vez, em (119''), o sujeito 'as velhas' checa EPP em SpecTP.

- (117'') [TP₂ *pro*_{[EPP]} [T' [T_{[EPP]} foram_j [CP as venezuelanas_i [C' que_{+F} [TP₁ t_i_{[EPP]} [T' [T_{[+φ], [EPP]} [V*P t_i_{[+φ, nom],-[EPP]} lavaram as luvas]]]]]]]]]]
- (118'') [CP₂ as velhas_i [C' é_j +F [TP₂ t_j [CP₁ que_{-F} [TP₁ t_i_{[EPP]} [T' [T_{[+φ], [EPP]} [V*P t_i_{[+φ, nom], [EPP]} choraram]]]]]]]]]]
- (119'') [CP as velhas_i [C' que_{+F} [TP t_i_{[EPP]} [T' [T_{[+φ], [EPP]} [V*P t_i_{[+φ, nom],-[EPP]} choraram]]]]]]]]

Quanto à derivação das sentenças com foco prosódico, exemplos (116') e (120'), propomos que o sujeito focalizado nestas sentenças, tal qual o das estruturas clivadas, é movido para fora de TP para SpecCP na sintaxe visível, e não em LF. Ou seja, propomos que, nas sentenças com foco prosódico, os traços do sujeito focalizado, movido para SpecCP na sintaxe visível, são checados

possivelmente com um traço +F 'silencioso' em C através da relação especificador-núcleo na sintaxe visível.

(116'') [CP as venezuelanas_i [C' +F [TP t_i lavaram as luvas]]]

(120'') [CP as velhas_i [C' +F [TP t_i choraram]]]

Nossa análise encontra respaldo nos dados entoacionais das sentenças com foco prosódico do PB. Assim como nas sentenças clivadas, também nas sentenças com foco prosódico, o movimento sintático do sujeito focalizado para fora de TP pode ser codificado na estrutura entoacional em PF através do acento frasal associado opcionalmente à fronteira direita do sintagma fonológico no qual o sujeito é mapeado na estrutura prosódica. Se o movimento do sujeito para fora de TP ocorresse somente em LF, ele não poderia ser codificado em PF, uma vez que este componente não tem acesso a LF (conforme a arquitetura de gramática proposta pelos modelos chomskyanos tradicionais).

Semelhantemente aos demais casos já expostos, o sujeito focalizado das sentenças com foco prosódico tem o caso nominativo checado através da operação *Agree* por *Probe* em T e o traço EPP é checado pelo mesmo sujeito em SpecTP.

(116''') [CP as venezuelanas_i [C' +F [TP t_i _{[EPP]} [T' [T _{[+φ], -[EPP]} [v*P t_i _{[+φ], -nom} _{[EPP]} lavaram as luvas]]]]]]]

(120''') [CP as velhas_i [C' +F [TP t_i _{[EPP]} [T' [T _{[+φ], -[EPP]} [v*P t_i _{[+φ], -nom} _{[EPP]} choraram]]]]]]]

6.3.3.3.

A derivação de sentenças VS inacusativas

Como também notado para os casos de VS inacusativas do PE, os casos de sentenças VS inacusativas do PB, em contexto de focalização informacional do sujeito, não são casos de movimento-p, uma vez que o sujeito já é gerado em uma

posição argumental, posposto ao verbo.⁴² Portanto, o constituinte defocalizado não precisa se mover para que o sujeito focalizado ocupe a margem direita da sentença.

Para nossos dados de sentenças VS inacusativas de PB (cf. capítulo 4 desta tese), conforme o quadro teórico que adotamos, a checagem de Caso Nominativo do DP sujeito se dá por *Agree: Probe* em T checa o Caso Nominativo do sujeito em sua posição de base, ou seja, na posição de argumento interno do verbo. Já o traço EPP é checado pelo pronome nulo *pro* em SpecTP.⁴³

(122) [TP *pro*_{[EPP]} [T' [T_{[+φ], [EPP]} chegaram_i [vP [VP t_i as meninas belas_{[+φ, nom]}]]]]]]⁴⁴

Quanto à checagem do traço de foco, em conformidade com os demais casos de focalização informacional do sujeito em PB já apresentados, propomos que, também no caso das inacusativas, o sujeito é alçado para SpecCP, onde tem seu traço de foco checado. Porém, diferentemente dos outros casos, nas

⁴² Cabe ainda notar que, o fato de o sujeito pesado fonologicamente favorecer a ocupação da posição posposta ao verbo em sentenças inacusativas do PB, não implica necessariamente que, nestes casos, teríamos movimento-p. Embora o movimento-p seja sujeito a restrições de peso, restrições de peso não estão sempre associadas ao movimento-p proposto por Zubizarreta para os contextos de focalização de constituintes. Note que a restrição de peso segundo a qual constituintes pesados fonologicamente tendem a ocupar a margem direita do sintagma entoacional atua nas línguas independentemente de contextos de focalização de constituintes (cf. capítulo 2 desta tese). Em outras palavras, a atuação do movimento-p está sempre sujeita a restrições de peso, porém, as restrições de peso não se referem exclusivamente a casos em que há movimento-p.

⁴³ Quanto à checagem do traço EPP, conferir proposta de checagem deste traço para estruturas inacusativas de PB na seção 6.3.3.1. deste capítulo.

⁴⁴ As evidências sintáticas para as posições do verbo e do sujeito na estrutura sintática proposta em (122) para sentenças inacusativas VS de PB, em contexto de focalização informacional do sujeito, são as mesmas apresentadas para os casos de sentenças VS inacusativas de PE, no mesmo contexto discursivo. A evidência para a posição do verbo em T, e não para uma posição mais alta, por exemplo, em C, nas sentenças inacusativas VS do PB vem do fato de que estas também podem ser encontradas no contexto de encaixadas: 'O João disse que chegou a carta'. Uma vez que a posição de complementizador já é ocupada por 'que', o verbo 'chegou' não pode ocupar esta posição. Por sua vez, a evidência de que o sujeito ocupa a sua posição de base nas sentenças inacusativas VS de PB, e não uma posição acima de vP, vem da distribuição, neste tipo de sentença, de advérbios monossilábicos que se adjungem a vP (ou a v*P, no caso das sentenças inergativas e transitivas) em português (cf. Costa, 1998, 2004):

- (i) a. Chegou bem a carta.
- b. *Bem chegou a carta.
- c. *Chegou a carta bem.

estruturas inacusativas de PB, o traço de foco do sujeito só é checado em LF, tornando possível a ocorrência da ordem VS em PF.⁴⁵

(122') Em LF: [CP as meninas belas_i [C' +F [TP *pro* [T'[T [vP [VP chegaram t_i]]]]]]]]

6.4.

Conclusões

Neste capítulo, apresentamos a derivação das sentenças com sujeito focalizado dos nossos dados de PB e PE, com base em uma análise desenvolvida na interface sintaxe-fonologia. Conforme toda a discussão apresentada neste capítulo, temos a seguinte síntese sobre o conjunto de propriedades envolvidas no fenômeno da focalização informacional do sujeito nas duas variedades de português:

- (i) Enquanto há o uso preferencial (e quase unânime) do foco prosódico (ordem SV(O) com o sujeito portando a proeminência principal da sentença) como estratégia de focalização informacional do sujeito em PB, em PE, mais opções são encontradas para a focalização do mesmo elemento: focalização expressa pela posição que o sujeito ocupa na sentença (margem direita) e foco prosódico (além do uso de estruturas clivadas tanto em PE como em PB);
- (ii) Com relação ao uso de estruturas clivadas como estratégia de focalização informacional do sujeito, PB e PE também apresentam diferenças: enquanto encontramos o uso predominante de sentenças pseudo-clivadas em PE, em PB, sentenças clivadas e clivadas invertidas (com ou sem cópula) são

Dada a gramaticalidade apenas da sentença (ia) e uma vez que o advérbio 'bem' está adjungido a vP e que admitimos que o verbo está em T, o sujeito da sentença VS só pode estar em vP, e não fora desta projeção.

⁴⁵ Supomos que o traço de foco de outros constituintes diferentes do sujeito nas sentenças de PB pode também ser checado em LF (casos de foco prosódico no objeto, por exemplo: 'O João pegou **a bola**.') ou na sintaxe visível (por exemplo, casos de foco no objeto em sentenças clivadas, 'Foi **a bola** que o João pegou.', e clivadas invertidas, com ou sem cópula, '**A bola** (é) que o João pegou.').

preferencialmente escolhidas. A hipótese para a escolha de estruturas clivadas diferentes nas duas variedades é a de que, em PE, as pseudo-clivadas são preferencialmente escolhidas por motivos de alinhamento entre a proeminência de foco e a proeminência principal de sentença, uma vez que o sujeito focalizado se encontra na margem direita do sintagma entoacional onde NSR assinala a proeminência principal de sentença neste tipo de estrutura clivada. Já em PB, por ser uma língua tópico-orientada, a informação principal da sentença (seja o tópico ou o foco) deve aparecer, preferencialmente, logo no início desta. Por isso, a escolha de clivadas e clivadas invertidas como estratégia de focalização informacional do sujeito em PB, estruturas nas quais o elemento focalizado (constituente clivado) aparece logo no início da sentença;

- (iii) O uso mais restrito (ou mesmo, a falta de uso) de sentenças nas quais o sujeito ocupa a margem direita (VS, VOS (ocorrência de movimento-p), e AdvVS), como estratégia de focalização informacional do sujeito em PB, se dá por respeito a restrições sintáticas próprias da gramática desta variedade de português. Como discutido neste capítulo, o movimento-p (sentenças VOS) e as demais sentenças nas quais o sujeito focalizado se encontra na margem direita só são utilizados mais comumente, como estratégia de focalização informacional do sujeito, em línguas de sujeito nulo e, concomitantemente, de concordância verbo-pessoal rica. Isto porque, com exceção das sentenças inacusativas, copulares e existenciais (sentenças nas quais o sujeito nulo selecionado é o expletivo), o sujeito nulo deve receber índices referenciais, através da concordância verbo-pessoal, para que seja identificado (além de ser legitimado formalmente através da relação especificador-núcleo). Dado que o PB é uma língua de sujeito nulo, mas de concordância verbo-pessoal pobre, o uso de sentenças VOS (movimento-p) e demais sentenças nas quais o sujeito focalizado se encontra na margem direita é preterido como estratégia de focalização informacional do sujeito, pois o sujeito nulo não pode ser identificado nesta língua. Diferentemente de PB, o PE pode apresentar mais comumente sentenças VS, VOS (sendo esta última, assim como as sentenças VAdvS, menos freqüente, por estar sujeita

a restrições de peso fonológico) e AdvVS, como estratégia de focalização informacional do sujeito, por ser uma língua de sujeito nulo e, ao mesmo tempo, de concordância verbo-pessoal rica. Assim como no uso das pseudo-clivadas, também no uso das sentenças VS, VOS, VAdvS, AdvVS em PE, requisitos de alinhamento entre a proeminência de foco e a proeminência principal de sentença são satisfeitos.

- (iv) Embora tanto em PB, como em PE, possa haver o uso do foco prosódico como estratégia de focalização informacional do sujeito, as duas línguas se comportam diferentemente em relação à posição sintática ocupada por este elemento na sentença. Enquanto o sujeito focalizado ocupa a posição de especificador de TP (aqui utilizado como IP não cindido) em PE, em PB, o mesmo elemento se encontra fora de TP. A proposição destas duas posições sintáticas diferentes em PB e PE encontra respaldo em evidências sintáticas empíricas e, além disso, na estrutura entoacional diferente associada a este tipo de sentença nas duas variedades.

Conforme a análise apresentada para os dados de PB e PE no decorrer deste capítulo, é possível responder às perguntas postas no início do mesmo, da seguinte maneira:

- a) Por que em PB, mas não em PE, o peso fonológico do sujeito é estatisticamente relevante para a posposição verbal deste elemento nas sentenças inacusativas?*

Em PB, mas não em PE, o peso fonológico do sujeito é estatisticamente relevante para a posposição verbal deste elemento nas sentenças inacusativas porque a posição pós-verbos inacusativos é permitida ao sujeito focalizado de PE, independentemente de seu peso fonológico. Ou seja, não há restrições da sintaxe de PE que desfavoreçam a ocupação pós-verbo inacusativo pelo sujeito focalizado. Já em PB, dadas as restrições operando sobre o sujeito nulo (sujeito nulo desprovido de índices referenciais devido ao sistema de concordância morfológica verbal de pessoa pobre desta língua), o sujeito focalizado ocupa a posição pós-verbal mais raramente, mesmo com verbos inacusativos, que favorecem a

ocupação pós-verbal pelo sujeito, uma vez que este já é gerado nesta posição, como argumento interno do verbo. O sujeito focalizado do PB só ocupa a posição pós-verbos inacusativos quando restrições fonológicas também favorecem a ocupação desta posição sintática pelo sujeito.⁴⁶ Ou seja, no caso de sentenças inacusativas nas quais o sujeito focalizado é mais pesado fonologicamente que o predicado. Aqui, o sujeito tende a ocupar a posição pós-verbal, para satisfação da restrição fonológica que prioriza a ocupação da margem direita do sintagma entoacional por um elemento fonologicamente pesado. Nestes casos, o sujeito nulo selecionado é o sujeito nulo expletivo (desprovido de índices referenciais e ainda presente em PB). Nota-se que as restrições prosódicas emergem quando a sintaxe pode gerar mais possibilidades (cf. Frota, c.p.).

b) Por que enquanto em PE há uma distinção clara entre verbos transitivos de um lado e verbos inacusativos e inergativos de outro, uma vez que há mais sujeito posposto em sentenças inacusativas e inergativas do que em transitivas, em PB, há uma distinção clara entre inacusativos e os outros dois tipos de verbos, dado que há mais sujeito posposto a verbos inacusativos do que a verbos inergativos e transitivos?

Em nossos dados de PE, os sujeitos focalizados pós-verbais são encontrados mais em sentenças inacusativas e inergativas do que em transitivas, devido a restrições fonológicas de peso que atuam em nossas sentenças com estes tipos de verbos. Dado que os verbos transitivos exigem obrigatoriamente complemento, o predicado formado por 'verbo transitivo + objeto' (predicado ramificado sintática e fonologicamente: formado por dois sintagmas sintáticos e por duas palavras fonológicas) é mais pesado fonologicamente do que o sujeito focalizado, se este não é ramificado fonológica nem sintaticamente e possui também um número de sílabas menor do que o número de sílabas do predicado.

⁴⁶ Como nota Tavares Silva (2004), a ordem VS em estruturas inacusativas de PB também é favorecida pela falta de concordância do verbo com o sujeito pós-verbal (ex.: Chegou as cartas. versus #Chegaram as cartas.) – cf. também Kato (2002) sobre a análise das estruturas inacusativas VS com e sem concordância verbo-sujeito em PB. Além disso, conforme Kato (c.p.), advérbios e clíticos antepostos ao V também favorecem a posposição do sujeito a V (ex.: 'Já dormiu o nenê'. 'Já correu a loteria'. 'Me telefonou o Pedro'. – exemplos de Kato, c.p.). Dadas estas considerações, acrescentamos que estes fatores devem também ser controlados, no contexto de focalização informacional do sujeito em PB, em trabalhos futuros.

Assim, a preferência com verbos transitivos é a de que o predicado, elemento mais pesado fonologicamente, ocupe a margem direita do sintagma entoacional. Já com verbos inergativos e inacusativos, posto que estes verbos não exigem complemento, o predicado formado só pelo verbo é mais leve do que o sujeito focalizado, se este é ramificado sintática ou fonologicamente ou se possui um número maior de sílabas do que o verbo.

Com relação aos dados de PB, a distinção se dá entre as sentenças compostas por verbos inacusativos e as sentenças formadas pelos outros dois tipos de verbo por causa das restrições sintáticas que operam sobre o sujeito nulo de PB. As sentenças com sujeito posposto a verbos inergativos e transitivos em PB são mais raras porque faltam ao sujeito nulo de PB índices referenciais providos por uma concordância de pessoa verbal rica, encontrada em PE, mas não em PB.

c) Por que o tipo de clivadas escolhido como opção de focalização é diferente em cada variedade de português? Enquanto PE opta por pseudo-clivadas, nas quais o sujeito focalizado se encontra na margem direita da sentença, PB opta por clivadas e clivadas invertidas, nas quais o sujeito focalizado se encontra na margem esquerda.

As sentenças pseudo-clivadas em PE são o tipo de clivadas preferencialmente escolhido, uma vez que consistem em um tipo de estruturas clivadas que proporciona o alinhamento entre a proeminência assinalada por FPR e a assinalada por NSR. A ordem de constituintes ocorrida nas pseudo-clivadas permite que o sujeito focalizado informacionalmente ocupe a margem direita do sintagma entoacional, onde NSR assinala a proeminência principal, em concordância com a proeminência assinalada por FPR ao sujeito. Nossa hipótese para o fato de as pseudo-clivadas estarem se tornando mais raras no contexto de focalização informacional do sujeito em PB é a seguinte: sendo o PB uma língua orientada para o tópico, a informação central do discurso (seja ela tópico ou foco) tende a vir no início da sentença, tal qual acontece com o chinês (língua orientada para o tópico, de sujeito nulo e de concordância verbo-pessoal pobre como o PB), como revelam os dados apresentados em (107), (108) e (109) neste mesmo

capítulo. Daí a escolha por clivadas e clivadas invertidas em PB no contexto de focalização informacional do sujeito.

d) Por que nas sentenças inacusativas e inergativas do PE, quando há mais elementos além do verbo no predicado, como um advérbio de tempo ou lugar, por exemplo, encontramos o sujeito na margem direita da sentença somente com a ordem AdvVS e não com a ordem VAdvS?

Há ocorrência de AdvVS, ordem típica das chamadas 'inversões locativas', e não de VAdvS em PE por dois motivos: 1) sendo o predicado pesado fonologicamente, composto por verbo + advérbio, ele deve ocupar preferencialmente a margem direita do sintagma entoacional, ao invés do sujeito, o que desfavorece, portanto, o aparecimento da ordem VAdvS; 2) os traços EPP de T são checados preferencialmente por elementos argumentais. Dado que o sujeito focalizado não pode checar os traços EPP de T porque deve ocupar a margem direita do sintagma entoacional, onde NSR assinala a proeminência principal, é o advérbio que cumprirá esta tarefa, ao ser alçado para a posição de especificador de T.

e) Por que as sentenças transitivas VOS em contexto de focalização informacional do sujeito têm uma frequência baixa em nossos dados de PE?

As sentenças VOS aparecem com uma frequência baixa nos nossos dados de PE, devido a restrições fonológicas operando na gramática desta língua. Ou seja, uma vez que o predicado VO é mais pesado fonologicamente (ramificado sintática e fonologicamente) do que o sujeito focalizado S (se este não é ramificado sintática e fonologicamente e é constituído por menos sílabas do que o predicado), é VO que deve ocupar a margem direita do sintagma entoacional e não S.⁴⁷

⁴⁷ Um dos membros da banca de defesa desta tese, nomeadamente, Profa. Dra. Sónia Marise de Campos Frota, baseando-se em testes estatísticos aplicados aos dados apresentados nesta tese, chamou-nos a atenção para o fato de que sentenças VOS parecem ser demasiadamente residuais, tanto em PB, quanto em PE. Segundo ela, é possível que não só restrições fonológicas estejam relacionadas à baixa frequência de sentenças VOS em PE. Esta questão merece ser ainda aprofundada em estudos futuros.

f) Por que há diferença do padrão entoacional das sentenças com foco [...S] (VS, VOS e AdvVS) e pseudo-clivadas de PE em relação ao padrão neutro?

Esta diferença pode ser explicada pelo fato de PF poder codificar, na estrutura entoacional, estruturas sintáticas especiais em PE (cf. Frota, 1994). Isto significa que sentenças VS, VOS, AdvVS e pseudo-clivadas, distintas sintaticamente (pela ordem em que os constituintes ocorrem, ou por estruturas sintáticas especiais, como no caso das pseudo-clivadas) e semanticamente (carregam informação de foco do sujeito) das sentenças neutras do PE, também são distintas destas prosodicamente.

Nossos dados indicam que, assim como ocorre com as sentenças com foco prosódico, nas sentenças com foco [...S] (VS, VOS e AdvVS) e pseudo-clivadas de PE, há a associação de uma estrutura entoacional diferente da estrutura entoacional associada às sentenças neutras desta variedade de português. Ou seja, há uma codificação diferente em PF, em relação à codificação das sentenças neutras, para as sentenças com foco [...S] (VS, VOS e AdvVS) e sentenças pseudo-clivadas, as quais carregam informação semântica e possuem propriedades sintáticas diferentes das sentenças neutras. Portanto, parece que a afirmação, até então aceita (cf. Belletti, 1999; Costa, 2004; entre outros), de que a prosódia (refletida na estrutura entoacional) não é afetada em sentenças com foco [...S] não se sustenta; em outras palavras, a afirmação de que a prosódia de sentenças com foco [...S] é igual à prosódia das sentenças neutras não se sustenta.

g) Por que em PE, mas não em PB, há obrigatoriamente mudança quanto ao tipo de acento tonal que o sujeito focalizado porta nas sentenças com foco prosódico? Em contrapartida, por que em PB, e não em PE, pode haver freqüentemente um acento frasal associado à fronteira direita do ϕ que contém o sujeito focalizado?

A resposta a estas perguntas se baseia no fato de a posição sintática ocupada pelo sujeito focalizado informacionalmente em sentenças com foco prosódico nestas duas variedades de português ser diferente. Para as sentenças com foco prosódico, a ordem linear encontrada é sempre SV(Adv ou O), quer em

PB, quer em PE. Porém, a estrutura entoacional em PF relacionada a este tipo de sentença de mesma ordem linear nas duas variedades de português parece indicar, em reforço a evidências sintáticas, que o sujeito ocupa posições sintáticas diferentes em PB e PE. Ou seja, supomos que PF codifique diferentemente, do ponto de vista prosódico, as posições sintáticas distintas ocupadas pelo sujeito focalizado em sentenças com foco prosódico de PB e PE.

Enquanto em PE, o sujeito focalizado nas sentenças com foco prosódico carrega sempre um acento tonal específico (H^*+L), o sujeito focalizado das sentenças com foco prosódico de PB pode carregar um acento tonal idêntico ao acento tonal portado por ele nas sentenças neutras desta mesma variedade de português (L^*+H), seguido pela associação de um acento frasal (L_p ou H_p) à fronteira direita do sintagma fonológico no qual é mapeado. A associação tonal diferente nas duas línguas pode ser uma evidência prosódica de que, enquanto o sujeito focalizado nas sentenças com foco prosódico do PB está fora de TP (fato codificado em PF pela associação de acento frasal à fronteira direita do sintagma fonológico no qual o sujeito focalizado é mapeado), o sujeito focalizado nas sentenças com foco prosódico do PE é interno a TP. Sendo o sujeito focalizado do PE interno a TP, PF não codifica a informação de foco do sujeito através da associação de um acento frasal à fronteira direita do sintagma fonológico no qual o sujeito é mapeado, mas através de um acento tonal específico que o distingue da produção em contexto neutro.

Conclusões

Esta tese tinha como objetivo apresentar uma análise comparativa entre as estratégias escolhidas pelo PB e pelo PE na expressão do foco informacional do elemento 'sujeito'. Nossa hipótese era a de que as diferentes estratégias escolhidas pelas duas variedades, além de estarem relacionadas a questões de natureza sintática, como à fixação do parâmetro *pro-drop*, como afirmam Nespor & Guasti (2002) para as línguas em geral, também estavam relacionadas a questões de natureza prosódica, como, por exemplo, o peso fonológico dos constituintes 'sujeito' e 'predicado'. Na realização de nosso estudo comparativo entre as duas variedades de português seriam contempladas, especificamente, questões sintáticas e prosódicas na expressão do foco informacional do sujeito.

No desenvolvimento da tese, nossa hipótese foi confirmada, com base em dados de frequência das diferentes opções escolhidas pelos falantes nativos das duas variedades de português na expressão do foco informacional do sujeito. Além da confirmação de nossa hipótese, em nosso estudo, também foram encontrados os seguintes resultados da comparação entre PB e PE, no que tange a questões sintáticas e prosódicas na expressão da focalização informacional do sujeito.

- I. Na escolha entre sentenças apresentando o sujeito focalizado informacionalmente na posição pré-verbal e sentenças apresentando o sujeito focalizado informacionalmente na margem direita, tanto os falantes de PB, quanto os falantes nativos de PE, optam, preferencialmente, pela primeira opção. Entretanto, há ainda diferenças entre as duas variedades de português quanto a esta escolha, quando são levadas em conta as variáveis 'classe verbal' e 'peso fonológico do sujeito e do predicado'. Os falantes de PB escolhem predominantemente as sentenças com o sujeito na posição pré-verbal, independentemente da classe verbal (inacusativo, inergativo ou transitivo), do tipo do predicado (leve ou pesado) e do tipo do sujeito (leve ou pesado) que constituem estas sentenças. Já os falantes de PE escolhem preferencialmente as sentenças em que o sujeito aparece na margem direita, quando o verbo é inacusativo ou inergativo e quando o

predicado destas sentenças é constituído por nada mais além do verbo. Mas escolhem as sentenças com o sujeito na posição pré-verbal, quando estas são constituídas por verbos transitivos (predicado constituído por verbo + objeto) ou por verbos inacusativos e inergativos + advérbio no predicado. Nestes dois últimos casos, os falantes de PE também se utilizam da chamada 'inversão locativa' (ordem AdvVS), onde o sujeito focalizado ocupa a margem direita da sentença.

- II. Com relação ao uso de estruturas clivadas como estratégia de focalização do sujeito, os falantes nativos de PB e PE se utilizam de estruturas clivadas diferentes: enquanto os falantes de PE escolhem sentenças pseudo-clivadas, os falantes de PB escolhem sentenças clivadas e clivadas invertidas (com ou sem cópula).
- III. A não escolha por sentenças VS, VOS, VAdvS, AdvVS e pseudo-clivadas, como estratégia de focalização do sujeito em PB, se dá por motivos de restrições sintáticas próprias da gramática desta variedade de português (língua tópico-orientada, de sujeito nulo e de concordância verbo-pessoal pobre).
- IV. Uma vez que não há restrições sintáticas operando na gramática de PE (língua de sujeito nulo e, ao mesmo tempo, de concordância verbo-pessoal rica), esta variedade de português pode apresentar sentenças VS, VOS (sendo estas, assim como as sentenças VAdvS, menos freqüentes, por estarem sujeitas a restrições de peso fonológico) e AdvVS, como estratégia de focalização informacional do sujeito. Nestas sentenças, requisitos de alinhamento entre a proeminência de foco e a proeminência principal de sentença também são satisfeitos, assim como nas sentenças pseudo-clivadas.
- V. A estrutura entoacional das sentenças VS e VOS de PE é diferente da estrutura entoacional associada a sentenças neutras desta mesma variedade, resultado que contesta a afirmação intuitiva, até então aceita,

de que a prosódia das sentenças VS e VOS é igual à prosódia das sentenças neutras (cf. Belletti, 1999; Nespor & Guasti, 2002; Costa, 2004; entre outros).

VI. A estrutura entoacional das sentenças na ordem neutra e com sujeito focalizado informacionalmente portando acento de foco prosódico em PB e PE traz evidências adicionais, em reforço a evidências sintáticas, para a proposição de posições sintáticas diferentes para o sujeito deste tipo de sentença nas duas variedades de português: em SpecTP em PE e fora de TP em PB.¹ Ou seja, embora as sentenças com foco prosódico no sujeito em PB e PE apresentem a mesma ordem linear (SVO), a posição ocupada pelo sujeito focalizado é diferente nestas sentenças das duas variedades.

Dos resultados apresentados nesta tese destacamos que o uso das construções de focalização informacional do sujeito em PB e PE não é totalmente disjuncto, na medida em que há diferenças de frequência quanto ao uso das diferentes construções nas duas variedades de português.

Contrariamente ao que poderia parecer, o foco informacional do sujeito em PB envolve movimento puramente sintático, enquanto no PE, o foco informacional do sujeito também pode envolver movimento, mas de outra natureza, como no caso das sentenças VOS desta variedade, nas quais, conforme proposto nesta tese e também por Kato (1999, 2000), está envolvido o chamado movimento prosódico (*p-movement*, cf. Zubizarreta, 1998) que, enquanto tal, está sujeito a restrições fonológicas de peso.

Cabe ainda notar que, assim como em análises anteriores que lidam com o movimento-p (cf. Zubizarreta, 1998) e que trazem questões para a arquitetura da gramática, a análise apresentada nesta tese também traz questões para a arquitetura de gramática proposta pelos modelos de gramática gerativos

¹ Com base nesta constatação para o PB, é possível afirmar que a proposta de Kiss (1998), segundo a qual não há movimento do elemento que porta foco informacional em línguas como o húngaro e o inglês, não se aplica para o caso do foco informacional do sujeito em PB.

tradicionais. A própria confirmação da hipótese desta tese, ou seja, o fato de a escolha por determinada estratégia de focalização informacional do sujeito, realizada por PB e PE, estar relacionada, entre outras propriedades, também a restrições prosódicas, traz questionamentos para estes modelos, de acordo com os quais, o componente sintático não tem acesso nenhum ao componente fonológico. Entretanto, problematizar a arquitetura de gramática proposta pelos modelos de gramática gerativos, em confronto com os dados trazidos por esta tese, não é o objetivo desta, mas pode consistir em um tópico interessante a ser tratado de maneira aprofundada e sistemática em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGER, D. *Functional Heads and Interpretation*. Tese de doutorado. Universidade de Edinburgh, 1994.
- AISSEN, J. L. Topic and focus in Mayan. *Language*, n. 68 (1), p. 43-80, 1992.
- ALBOIU, G. Optionality at the Interface: Triggering Focus in Romanian. In: VAN RIEMSDIJK, H. & BREITBATH, A. (Eds.). *Triggers*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004, p 49-75.
- ÂMBAR, M. M. Aspects of the Syntax of Focus in Portuguese. In: REBUSCHI, G. & L. TULLER (Eds.). *The grammar of focus*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.
- _____. *The Syntax of Focus in Portuguese – a unified approach*. Lisboa: Universidade de Lisboa, ms., 1997.
- _____. *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em Português*. Lisboa: Edições Colibri, 1992.
- _____. & POLLOCK, J.-Y. *Topique et Commentaire dans quelques constructions à inversion du sujet en français et portugais*. Lyon: Universidade de Lisboa & CNRS, ms., 1998.
- AUBERT, F. H. Preliminares para um estudo perceptivo da entonação. *Estudos Lingüísticos*, n.1, p. 42-45, 1976.
- BAKER, C. L. Stress level and auxiliary behavior in English. *Linguistic Inquiry*, n. 2, p. 167-181, 1971.
- BARBOSA, P. Clitics: a window into the null subject property. In: COSTA, J. (Ed.). *Portuguese Syntax. New comparative studies*. Oxford University Press, 2000.
- _____. *Null Subjects*. Tese de doutorado. Mass.: MIT, 1995.
- _____.; DUARTE, E. L.; KATO, M. A. A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro. In: CORREIA, C. N. & GONÇALVES, A. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2001, p. 539-550.
- BECKMAN, M. & PIERREHUMBERT, J. Intonational Structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, n. 3, 1986.

- BELLETTI, A. 'Inversion' as focalization and related questions. *Catalan Working Papers in Linguistics*, n. 7, 1999.
- _____. & SHLONSKY, U. The order of verbal complements: A comparative study. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 13, p. 489-526, 1995.
- _____. *Generalized Verb Movement. Aspects of Verb Syntax*. Torino, Rosenberg e Sellier, 1990.
- _____. The Case of Unaccusatives. *Linguistic Inquiry*, n. 19, p. 1-34, 1988.
- BENINCÁ, P. The position of topic and focus in the left periphery. In: CINQUE, G. & SALVI, G. (Eds.). *Current Studies in Italian Syntax*. Amsterdam: Ed. Elsevier, 2001, p. 39-64.
- _____. Complement Clitics in Medieval Romance: The Tobler-Mussafia Law. In BATTYE, A. & ROBERTS, I. (Eds.). *Clause Structure and Language Change*. Oxford: OUP, 1995.
- BENTIVOGLIO, P. & INTRONO, F. D. *Orden de palabras y posición del sujeto en español de Caracas: un estudio sociolingüístico*. Artigo apresentado no V Congresso Internacional da ALFAL. Caracas, 1978.
- BERLINCK, R. A. A construção V SN no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 95-112.
- BOK-BENEMA, R. Remnant VP movement in Spanish. Artigo apresentado em *Going Romance*. Utrecht, 1998.
- BOLINGER, D. Accent is predictable (if you're a mind-reader). *Language*, v. 48, p. 633-644, 1972.
- BRAZZAROLA, G.; COELHO, I.; COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; MENUZZI, S. Ordem VS e sujeitos nulos em PB e PE. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa, Portugal: APL e COLIBRI, 2000, p. 751-758.
- BRESNAN, J. Locative inversion and universal grammar. *Language*, n. 70(1), p. 72-131, 1994.
- _____. & KANERVA, J. M. Locative inversion in Chichewa: A case study of focalization of grammar. *Linguistic Inquiry*, n. 20(1), p. 1-50, 1989.
- BRODY, M. Some remarks on the focus field in Hungarian. *UCL Working Papers in Linguistics*, n.2, p. 201-225, 1990.

- BURZIO, L. *Italian syntax: A government-binding approach*. Dordrecht: Reidel, 1986.
- CAGLIARI, L. C. Aspectos acústicos da entoação do português brasileiro. *Série Estudos*, n.8, p. 45-59, 1982.
- _____. *Elementos de fonética do Português Brasileiro*. Tese de livre docência. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1981.
- _____. A entoação do Português Brasileiro. *Estudos Lingüísticos*, n.3, p. 308-329, 1980.
- CARDINALETTI, A. On pronoun movement: The Italian dative *loro*. *Probus*, n. 3, p. 127-153, 1992.
- CARVALHO, G. M. B. M. *A inacusatividade na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas*. Dissertação de mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.
- CASTELEIRO, J. M. Sintaxe e Semântica da expressão enfática "é que". *Boletim de Filologia*. Lisboa, 1976.
- CHO, Y. Y. Syntax and Phrasing in Korean. In SHARON, I. & ZEC, D. (Eds.). *The phonology-syntax connection*. Chicago: UCP, 1990, p. 47-62.
- CHOE, H.-S. Restructuring parameters and scrambling in Korean and Hungarian. In: MARÁ CZ, L. & MUYSKEN, P. (Eds.). *Configurationality: The Typology of Asymmetries*. Dordrecht: Foris, 1989, p. 267-292.
- CHOMSKY, N. Beyond Explanatory Adequacy. In BELLETTI, A. (Ed.). *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures*, v. III. Oxford: University Press, 2004, p. 104-132.
- _____. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). *Ken Hale: A life in Language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001, p. 1-54.
- _____. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R., MICHAELS, D. & URIAGEREKA, J. (Eds.). *Step by step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000, p. 89-157.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- _____. *Knowledge of language, its nature origin and use*. New York: Praeger, 1986a.
- _____. *Barriers*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1986b.

- _____. *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, MA: MIT Press, 1982.
- _____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. On binding. *Linguistic Inquiry*, n. 11(1), p. 1-46, 1980.
- _____. Conditions on rules of grammar. *Linguistic Analysis*, n. 2, p. 303-351, 1976.
- _____. Deep structure, surface structure and semantic interpretation. In: STEINBERG, D. & L. JAKOBOVITS (Ed.). *Semantics: an interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1971.
- _____. & HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- CINQUE, G. A null theory of phrase and compound stress. *Linguistic Inquiry*, n. 24, p.239-97, 1993.
- COELHO, I. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- COOPER, W. *et al.* Acoustical aspects of contrastive stress in question-answer contexts. *JASA*, n. 77, p. 2142-2156, 1985.
- CÔRTEZ JUNIOR, M. S. *Clivadas e pseudo-clivadas: um estudo de suas realizações estruturais no português rural afro-brasileiro*. Dissertação de mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.
- CORVER, N. & DELFITTO, D. *Feature asymmetry and the nature of pronoun movement*. Universiteit Utrecht, OTS, ms. 1993.
- COSTA, J. *Subject positions and interfaces: the case of European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004.
- _____. Outputs sintáticos e interfaces. Comunicação apresentada na *Jornada de Língua Comparada*. Lisboa, 2003.
- _____. *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Netherlands: Holland Academic Graphics, 1998.
- _____. Word Order and Constraint Interaction. *Seminários de Língua*. Universidade do Algarve, 1996, p. 65-102.
- _____. & DUARTE, I. Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português. In: CASTRO, R. V. & P. BARBOSA

- (Eds.) *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, v. 1. Coimbra: APL, 2000.
- _____. & FIGUEIREDO SILVA, M. C. On the (in)dependence relations between syntax and pragmatics. Artigo apresentado em *GLOW Workshop on Information Structure in Generative Theory vs. Pragmatics*. University of Lund, 2003, p. 1-18.
- _____. & GALVES, C. M. C. External subjects in two varieties of Portuguese evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, C. *et al.* (Orgs.). *Romance languages and linguistic theory 2000*, v. 232. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 109-125, 2002.
- CULICOVER, P. W. & ROCHEMONT, M. Stress and Focus in English. *Language*, v. 59, p. 123-165, 1983.
- CUNHA, G. *Entoação regional no Português do Brasil*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- CRAIG, C. *The structure of Jacalteco*. Austin: University of Texas Press, 1977.
- DECLERCK, R. *Studies on Copular Sentences, Clefts and Pseudo Clefts*. Leuven-Louvain: Leuven University Press, 1988.
- DE JONG, J. On the treatment of focus in functional grammar. *GLOT, Leids Taalkundig Bulletin*, n. 3, p. 89-115, 1980.
- DELGADO MARTINS, M. R. & LACERDA, F. Para uma gramática da entoação. Artigo apresentado no *Congresso de Filologia e Linguística*. Rio de Janeiro, 1977.
- DIESING, M. Verb Movement and the Subject Position in Yiddish. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 8, p. 41-79, 1990.
- D'IMPERIO, M.; ELORDIETA, G.; FROTA, S.; PRIETO, P.; VIGÁRIO, M. Intonational Phrasing in Romance: The role of prosodic and syntactic structure. In: FROTA, S., VIGÁRIO, M. & FREITAS, M. J. (Eds.). *Prosodies: with special reference to Iberian Languages*. Phonetics & Phonology Series. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005, p. 59-97.
- DUARTE, F. B. *Ordem de constituintes e movimento em tembé: minimalismo e anti-simetria*. Tese de Doutorado. Minas Gerais: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- DUARTE, I. Construções de clivagem. In: MATEUS *et al.* (Eds.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

- _____. *Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro*. Comunicação apresentada ao Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil. Évora, 2000.
- _____. A Topicalização do Português Europeu: uma análise comparativa. In: DUARTE, I. & LEIRIA, I. (Eds.). *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa: APL/Colibri, 1996.
- _____. *A Construção de Topicalização na Gramática do Português*. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1987.
- _____. & MATOS, G. Romance clitics and the Minimalist Program. In: COSTA, J. (Ed.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford University Press, 2000, p. 116-142.
- DUARTE, M. E. A perda do princípio "Evite pronome" no português brasileiro. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.
- EISENBERG, P. A note on 'identity of constituents'. *Linguistic Inquiry*, n. 4, p. 417-420, 1973.
- ENÇ, M. The Semantics of Specificity. *Linguistic Inquiry*, n. 22, p. 01-25, 1991.
- FALÉ, I. *Fragmento da prosódia do Português Europeu: as estruturas coordenadas*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1995.
- FERNANDES, F. R. Tonal association in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 5/6, p. 91-115, 2007.
- _____. Peso fonológico e foco informacional no sujeito em português europeu. *Actas do XXI Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística – Textos seleccionados*. Porto, 2006, p. 371–386.
- _____. *Um estudo piloto sobre entoação e focalização do sujeito no português brasileiro*. Texto apresentado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para exame de qualificação na área de Fonética/Fonologia. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, ms., 2005.
- FERNANDES, N. H. *Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e intonação do Português*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 1976.
- FERREIRA, M. B. *Argumentos Nulos em Português*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

- FÉRY, C. Focus, Topic and Intonation in German. *Arbeitspapiere des Sonderforschungsbereichs*, 340. Bericht Nr. 20, 1992.
- _____. *German Intonational Patterns*. Tübingen: Niemeyer, 1993.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- _____.; COELHO, I.; MENUZZI, S. A ordem VS em PB e PE. Trabalho apresentado no 1º Colóquio PE-PB 2000, realizado nos quadros do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística. Coimbra, 2000.
- FÓNAGY, I. As funções modais da entoação. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 25, p. 25-65, 1993.
- _____. L'intonation et d'organisation du discours. *Bulletin de la Societé de Linguistique de Paris LXXVIII* (1), p. 161-209, 1983.
- _____. La fonction prédictive de l'intonation. In: LÉON, P. & ROSSI, M. (Eds.). *Título*. Paris: Editora, p. 113-120, 1981.
- FRASCARELLI, M. The Phonology of Focus and Topic in Italian. *The Linguistic Review*, v. 14, p. 221-248, 1997.
- FROTA, S. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics*, n. 2, p. 133-152, 2003.
- _____. Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. *Probus*, n. 14(1) (*Special Issue on Intonation in Romance*, edited by José-Ignacio Hualde), p. 113-146, 2002a.
- _____. Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls. In: GUSSENHOVEN, C. & N. WARNER, (Eds.). *Laboratory Phonology 7*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002b, p.387-418.
- _____. *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.
- _____. On the prosody and intonation of focus in European Portuguese. In: MARTÍNEZ-GIL F. & MORALES-FRONT, A. (Eds.). *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1997, p. 359-392.
- _____. Aspectos da Prosódia do Foco no Português Europeu. *Letras de Hoje*, n. 29(4), p. 77-99. Porto Alegre, 1994.

- _____. On the prosody of focus in European Portuguese. *Proceedings of the Workshop on Phonology*. Lisboa: APL, p. 45-66, 1993.
- _____. *Para a prosódia da frase: quantificador, advérbio e marcação prosódica*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1991.
- FROTA, S. & VIGÁRIO, M. Intonational phrasing in two varieties of European Portuguese. GUSSENHOVEN, C. & RIAD, T. (Eds.). *Tone and Intonation*. Mouton de Gruyter, a aparecer.
- _____. Efeitos de peso no Português Europeu. *Saberes no Tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri, 2001, p. 315-333.
- _____. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, R. V. & BARBOSA, P. (Eds.). *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, v. 1. Coimbra: APL, 2000, p. 533-555.
- _____. On weight effects in European Portuguese. Comunicação apresentada no *Glow Workshop On Weight Effects*, Atenas, ms., 1996.
- GALVES, C. M. C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- _____. Agreement, predication and pronouns in the history of Portuguese. In: COSTA, J. (Ed.). *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford University Press, 2000.
- _____. *Projeto temático: Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística*. Processo FAPESP 98/3382-0, 1999.
- _____. A gramática do Português Brasileiro. *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Editora Pontes, n. 1, 1998a.
- _____. Tópicos e sujeitos, pronomes e concordância no Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 34, p. 19-32, 1998b.
- _____. V-movement, levels of representation and the Structure of S. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 96, p. 35-58, 1994.
- _____. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro, uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- _____. *Agreement and subjects in Brazilian Portuguese*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, ms., 1991.

- _____. A sintaxe do Português Brasileiro. *Ensaio de Linguística*, n. 13. Belo Horizonte, 1987.
- GEBARA, E. S. *Alguns aspectos da intonação no Português*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1976.
- GONÇALVES, C. A. V. *Focalização no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.
- GRICE, M. *The intonation of interrogation in Palermo Italian: implications for intonation theory*. Tübingen: Niemeyer, 1995.
- GRØNNUM, N. *Ver também Thorsen*.
- GRØNNUM, N. Superposing and subordination in intonation: a nonlinear model. *Proceedings of the XIIIth International Congress of Phonetic Sciences*. Stockholm, 1995, p. 124-131.
- _____. *The groundworks of Danish intonation: an Introduction*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 1992.
- _____. & VIANA, M. C. Aspects of European Portuguese Intonation. *ICPhS 99*, v. 3, p. 1997-2000. San Francisco, 1999.
- GUASTI, M. T. & NESPOR, M. Is syntax phonology-free? In: KAGER, R. & ZONNEVELD, W. (Orgs.). *Phrasal Phonology*. Nijmegen: Nijmegen University Press, 1999.
- GUÉRON, J. On the syntax and semantics of PP extraposition. *Linguistic Inquiry*, n. 11(4), p. 637-678, 1980.
- GUERREIRO, P. C. G. B. *Construções de inversão: um estudo de comportamento lingüístico provocado em crianças e adultos*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2004.
- GUSSENHOVEN, C. Types of Focus in English. In: LEE, C.; GORDON, M.; BÜRING, D. (Eds.). *Topic and Focus: Cross-linguistic Perspectives on Meaning and Intonation*. Dordrecht: Kluwer, 2006.
- _____. Focus and Sentence Accents in English. In: BOSCH, P. & VAN DER SANDT, R. (Eds.). *Focus and Natural Language Processing*. Working Papers of the Institute for Logic and Linguistics. Heidelberg, 1994, p. 83-92.
- _____. Sentence accents and argument structure. In: ROCA, I. (Ed.). *Thematic Structure: its role in grammar*. Berlin, New York: Foris, 1992, p. 79-106.

- _____. *On the Grammar and Semantics of Sentence Accents*. Dordrecht: Foris, 1984.
- _____. Focus, mode and the nucleus. *Journal of Linguistics*, n. 19, p. 377–417, 1983.
- HALE, K. & SELKIRK, E. Government and tonal phrasing in Papago. *Phonology Yearbook*, n. 4, p. 151-184, 1987.
- HALLE, M. & VERGNAUD, J. *An Essay on Stress*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1987.
- HALLIDAY, M. A. K. *A course in Spoken English: intonation*. Oxford: Oxford University Press, 1970.
- _____. *Intonation and grammar in British English*. The Hague: Mouton, 1967.
- _____. The tones of English. *Archivum Linguisticum*, n. 15 (1), p. 1-28, 1963.
- HAYES, B. & LAHIRI, A. Bengali intonational phonology. *Natural Language & Linguistic Theory*, n. 9 (1), p. 47-96, 1991.
- HEGGIE, L. The Range of Null Operators: Evidence from Clefting. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 11, p. 45-84, 1993.
- HETZRON, R. Phonology in syntax. *Journal of Linguistics*, n. 8, p. 251-262, 1972.
- HIGGINS, F. R. *The Pseudo-Cleft Construction in English*. Tese de Doutorado. Mass.: MIT, 1973.
- HIRST, D. & DI CRISTO, A. A survey of intonation systems. In: HIRST, D. & DI CRISTO, A. (Eds.). *Intonation Systems: A Survey of Twenty Languages*, 1998, p.1-44.
- HOEKSTRA, T. & MULDER, R. Unergatives as copular verbs; locational and existential predication. *The Linguistics Review*, n. 7. Dordrecht: Foris Publications, p. 1-79, 1990.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. K. *Understanding Minimalism: An Introduction to Minimalist Syntax*, ms., 2004.
- HORVATH, J. Structural Focus, Structural Case, and the Notion of Feature Assignment. In: KISS, É. K. (Ed.) *Discourse Configurational Languages*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1995.
- _____. *Focus in the theory of grammar and the syntax of Hungarian*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

- _____. *Aspects of Hungarian Syntax and the Theory of Grammar*. Tese de Doutorado. UCLA, 1981.
- IATRIDOU, S. About Agr(P). *Linguistic Inquiry*, n. 21 (4), 1990.
- INKELAS, S. Prosodic effects on syntax: Hausa 'fa'. *Proceedings of the Seventh West Coast Conference on Formal Linguistics*. Stanford Linguistics Association, 1988.
- _____. & ZEC, D. Syntax-phonology interface. In: GOLDSMITH (Org.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.
- _____. Prosodically constrained syntax. In: INKELAS, S. & ZEC, D. (Orgs.). *The phonology-syntax connection*. Cambridge: The University of Chicago Press, 1990.
- JACKENDOFF, R. *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1997.
- _____. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.
- JACOBS, J. Fokus-Hintergrund-Gliederung und Grammatik. In: ALTMANN, H. *Intonationsforschungen*. Tübingen: Niemeyer, 1988, p. 98-134.
- _____. Focus und Skalen. *Zur Syntax und Semantik von Gradpartikeln*. Tübingen: Niemeyer, 1983.
- JAEGGLI, O. Subject extraction and the null subject parameter. *NELS*, n. 14, 1984.
- JIN, S. *Shanghai Morphotonemics*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1986.
- JUN, S.-A. *The phonetics and phonology of Korean prosody: intonational phonology and prosodic structure*. New York: Garland Publishing, 1996.
- KANERVA, J. M. Focusing on Phonological Phrases in Chichewa. In: INKELAS, S. & ZEC, D. (Eds.). *The phonology-syntax connection*. Chicago: UCP, 1990, p. 145-161.
- KATO, M. A. The reanalysis or unaccusative constructions as existentials in Brazilian Portuguese. *Revista do GEL*. São Paulo, n. especial, p. 157-186, 2002.
- _____. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. & E. NEGRÃO (Eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000.

- _____. Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *Probus*, n. 11, p. 1-37, 1999.
- _____.; BRAGA, M. L.; LOPES ROSSI, M. A.; SIKANSI, N.; CORREA, V. R. Construções-Q na gramática do português falado. In: KATO, M. A. (Ed.). *Gramática do Português Falado*, v. 5. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- _____. & MIOTO, C. A multi-evidence study of European and Brazilian Portuguese wh-questions. In: KEPSEK, S. & REIS, M. (Orgs.). *Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives*, 1ª edição. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 307-328.
- _____. & NEGRÃO, E. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000.
- _____. & RAPOSO, E. European and Brazilian word order: questions, focus and topic constructions. In: PARODI, C.; QUICOLI, A. C.; SALTARELLI, M.; ZUBIZARRETA, M. L. (Eds.). *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown, U. Press, 1996, pp. 267-277.
- _____. & RIBEIRO, I. Cleft sentences and wh-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis. Comunicação apresentada no 35th LSRL. Austin: University of Texas, 2005.
- _____. & TARALLO, F. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In: SCHLIEBEN-LANGE, B.; VILLAÇA KOCH, I.; JUNGBLUTH, K. (Orgs.). *Dialog zwischen den Schulen*. Münster: Nodus Publikationen, 1988 [2003], p. 101-129.
- KAYNE, R. S. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.
- _____. & POLLOCK, J.-Y. New Thoughts on Stylistic Inversion. Artigo apresentado no *Workshop on Inversion in Romance*. Amsterdam: University of Amsterdam, 1998.
- KENESEI, I. *On the Syntax of Focus*. Newark/Hungary: Universidade de Delaware/Universidade de Szeged, ms., 1993.
- _____. On the Logic of Focus. In: ABRAHAM, W. & DE MEIJ, S. (Eds.). *Topic, Focus and Configurationality*. Amsterdã: John Benjamins, 1986.

- KIDWAY, A. Word Order and Focus Positions in Universal Grammar. In: REBUSCHI, G. & TULLER, L. (Eds.). *The Grammar of Focus*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.
- KISS, K. É. Identificational focus versus information focus. *Language*, n. 74, p. 245-273, 1998.
- _____. *Discourse configurational Languages*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1995.
- KITAGAWA, Y. & FODOR, J. D. Prosodic influence on syntactic judgments. In FANSELOW, G.; FERY, C.; VOGEL, R.; SCHLESEWSKY, M. (Eds.). *Gradience in Grammar: Generative Perspectives*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- _____. Default prosody explains neglected syntactic analyses in Japanese. In: McClure, W. (Ed.). *Japanese/Korean Linguistics*, v. 12. CSLI: University of Chicago Press, 2003.
- KOOPMAN, H. & SPORTICHE, D. The position of Subjects. *Lingua*, n. 85, p. 211-58, 1991.
- KRIFKA, M. A framework for focus-sensitive quantification. In: BARKER, C. & DOWTY, D. (Eds.) *Proceedings of the Second Conference on Semantics and Linguistic Theory*. Columbus: Ohio State University, 1992, p. 215-336.
- LADD, D. R. *Intonational Phonology*. Cambridge: CUP, 1996.
- _____. Intonation: emotion vs. grammar. (Review of Bolinger 1989). *Language*, n. 66, p. 806-816, 1990.
- _____. Peak features and overall slope. In: LADD, D. R. & CUTLER, A. (Eds.). *Prosody: Models and Measurements*. Berlim: Springer Verlag, 1983, p. 39-52.
- _____. *The Structure of Intonational Meaning: evidence from English*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1980.
- LAKA, I. *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*. Tese de doutorado. M.I.T., 1990.
- LAMBRECHT, K. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics*, n. 39 (3), p. 463-516, 2001.
- _____. The pragmatics of case. On the relationship between semantic, pragmatic, and grammatical roles in English and French. In SHIBATANI, M. & THOMPSON, S. A. (Eds.). *Essays in Semantics and Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 1995, p. 145-190.

- LEHISTE, I. *Suprasegmentals*. Cambridge: The MIT Press, 1970.
- LEUSEN, N. V. & KÁLMÁN, L. *The interpretation of free focus*. Universidade de Amsterdã, ms., 1993.
- LEVIN, B. & RAPPAPORT, H. *Unaccusativity at the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- LIBERMAN, M. *The intonational structure of English*. Tese de doutorado. M.I.T., 1975.
- LIRA, S. A. Subject postposition in Portuguese. *D.E.L.T.A.*, v. 2(1), 1986.
- LOBO, M. Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base. In OLIVEIRA, F. & BARBOSA, J. (Orgs.). *Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados*. Porto: APL, 2006, p. 457-473.
- MADUREIRA, S. Entoação e síntese de fala: modelos e parâmetros. In: SCARPA, E. *Estudos de Prosódia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 53-68.
- MARANTZ, A. A Reader's guide to Chomsky's Program for Syntactic Theory. In: WEBELHUTH, G. (Ed.). *The Principle and Parameters Approach to Syntactic Theory: A Synopsis*. Blackwell, Oxford, 1995.
- MARTINS, A. M. *Os clíticos na história do português*. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.
- MAY, R. *Logical Form: Its Structure and Derivation*. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.
- MIOTO, C. *Focalização e quantificação*, ms., 2003.
- MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: Relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas – FFLCH (USP), 2001.
- _____. Null Subjects without 'Rich' Agreement. In: KATO, M. & E. NEGRÃO (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000.
- MORAES, J. A. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, D. & DI CRISTO, A. (Eds.). *Intonation Systems: a survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 179-194.
- _____. A entoação modal brasileira: fonética e fonologia. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 25, p. 101-111, 1993.

- _____. *Aspects of the Brazilian Portuguese intonation*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 25 (1), p. 101-111, 1990.
- _____. *Rechercher sur l'intonation modale du Portugais Brésilien*. Thèse de Doctorat de 3ème cycle. Paris: Université de Paris III, 1984.
- MORO, A. *The raising of predicates*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- NAGAHARA, H. *Phonological phrasing in Japanese*. Tese de doutorado. Los Angeles: University of California, 1994.
- NARO, A. J. & VOTRE, S. J. Discourse motivations for linguistic regularities: Verb/subject order in spoken Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 11, p. 75-100, 1999.
- NASCIMENTO, M. do. *Sur la postposition du sujet dans le portugais du Brésil*. Tese de doutorado. Paris: Universidade Paris VIII, 1984.
- NEELEMAN, A. & REINHART, T. Scrambling and the PF interface. In: GUEDER, W. & BUTT, M. (Eds.). *Projecting from the Lexicon*. CSLI. Stanford, 1998.
- NESPOR, M. & GUASTI, M. T. Focus to stress alignment. *Lingue e Linguaggio*, n. 1, p. 79-106, 2002.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. On clashes and lapses. *Phonology*, n. 6, p. 69-116, 1989.
- _____. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NIKOLAEVA, I. Object agreement, grammatical relations, and information structure. *Studies in Language*, n. 23(2), p. 331-376, 1999.
- NOOTEBOOM, S. & KRUYT, J. Accents, focus distribution and perceived distribution of given and new information: an experiment. *JASA*, n. 74, p. 1512-1524, 1987.
- O' SHAUGHNESSY, D. Linguistic features in fundamental frequency patterns. *Journal of Phonetics*, n. 7, p. 119-145, 1979.
- _____. & ALLEN, J. Linguistic modality effects on fundamental frequency in speech. *JASA*, n. 74, p. 1155-1171, 1983.
- PESETSKY, D. *Language-Particular processes and the Earliness Principle*. Cambridge, MIT, ms., 1989.
- _____. & TORREGO, E. T-to-C Movement: Causes and Consequences. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001, p. 355-426.

- PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. Tese de Doutorado. Mass.: M.I.T, 1980.
- _____. & BECKMAN, M. *Japanese Tone Structure*. Cambridge, Mass.: M. I. T. Press, 1988.
- PIKE, K. L. *The intonation of American English*. Michigan: University of Michigan Press, 1945.
- PILATI, E. N. S. *Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem verbo-sujeito no português do Brasil*. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- _____. *Sobre a ordem verbo sujeito no português do Brasil*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.
- PINTO, M. *Licensing and Interpretation of Inverted Subjects in Italian*. Tese de doutorado. LED, Utrecht, 1997.
- POLLOCK, J.-Y. Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, n. 20 (3), p. 365-424, 1989.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- _____. Topicalização e deslocamento à esquerda. *Ensaio de Lingüística*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, n. 9 (1), p. 121-151, 1983.
- PULLUM, G. K. & ZWICKY, A. M. The syntax-phonology interface. In NEWMAYER, F. J. (Ed.). *Linguistics: The Cambridge Survey*, v. I. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 255-280.
- RAMEH, C. *Contrastive analyses of English and Portuguese intonation*. Dissertação de Mestrado. Washington: Georgetown University, 1962.
- RAPOSO, E. Affective Operators and Clausal Structure in European Portuguese and European Spanish. Artigo apresentado no 24th *Linguistic Symposium on Romance Languages*. UCLA/USC, 1994.
- _____. On the null object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O. & SILVA-CORVALAN, C. (Orgs.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986.
- REINHART, T. *Interface strategies*. Utrecht: OTS Working Papers, 1995.
- REIS, C. *Aspectos entoacionais do Português de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1984.
- RIVERO, M. L. & WALKER, D. C. Surface structure and the centrality of syntax. *Theoretical Perspective*. Albany: SUNY Press, 1976.

- RIZZI, L. The Fine Structure of Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Kluwer Academic Publishers, 1997.
- _____. *The fine structure of the left periphery*. Université de Genève, ms., 1995.
- _____. *Relativized Minimality*. Cambridge, Massachusetts: M.I.T. Press, 1990.
- _____. Residual Verb Second and the Wh-criterion. *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics*, 2, 1991.
- _____. Null Objects in Italian and the Theory of *pro*. *Linguistic Inquiry*, n. 17, p. 501-57, 1986.
- _____. *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.
- RIZZO, J. *O papel da entonação do Português Brasileiro na descrição dos Atos de Fala*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1981.
- ROBERTS, I. *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1993.
- RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. Y. & ALEXANDRA, Y. (Eds.) *The Amazonian Languages*. Aikhenvald, Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 165-206.
- RODRIGUES, C. A. N. *Impoverished morphology and A-movement out of case domains*. Tese de doutorado. Maryland: University of Maryland, 2004.
- ROSS, J. R. *Constraints on Variables in Syntax*. Tese de Doutorado. Cambridge, Mass: M.I.T., 1967.
- ROUVERET, A. *Bod in the Present Tense and in Other Tenses*. In: BORSLEY, R.-D. & ROBERTS, I. (Eds.). *The syntax of the Celtic Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 125-170.
- _____. Clitic placement, focus and the Wackernagel Position in European Portuguese. Artigo apresentado no ESF Workshop on Clitics. Donostia, 1992.
- SALVI, G. La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della penisola iberica. *Medioevo Romano*, n. 15, p. 177-210, 1990.
- SANDALO, M. F. & TRUCKENBRODT, H. Some Notes on Phonological Phrasing in Brazilian Portuguese. *The MIT Working Papers in Linguistics*, n. 42, 2002.
- SCHWINDT, L. C. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical, *D.E.L.T.A.*, n. 17 (2), p. 175-207, 2001.
- _____. *O prefixo do português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de Doutorado. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2000.

- SCHMERLING, S. *Aspects of English sentence stress*. Austin: University of Texas Press, 1976.
- SELKIRK, E.O. Sentence prosody: intonation, stress and phrasing. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1995, p. 550-569.
- _____. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, n. 3, p. 371-405, 1986.
- _____. *Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure*. Cambridge: The M.I.T. Press, 1984.
- _____. & SHEN, T. Prosodic Domains in Shanghai Chinese. In: INKELAS, S. & ZEC, D. (Eds.). *The phonology-syntax connection*. Chicago: UCP, 1990, p. 313-337.
- SHEN, T. *The formation of tone groups in Shanghai*. University of Massachusetts, Amherst, ms., 1986.
- SILVA, G. V. *Word Order in Brazilian Portuguese*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2001.
- SPANÓ, M. *A ordem V SN em construções monoargumentais na fala culta do português brasileiro e europeu*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- SPORTICHE, D. A Theory of Floating Quantifiers and Its Corollaries For Constituent Structure. *Linguistic Inquiry*, n. 19, p. 425-449, 1988.
- STOWELL, T. *Origins of Phrase Structure*. Tese de doutorado. Massachusetts: MIT, 1981.
- SZABOLCSI, A. Focussing Properties, or the Trap of First Order. *Theoretical Linguistics*, n. 10, p. 125-145, 1983.
- _____. The Semantics of Topic-Focus Articulation. In: GROENENDIJK, J. *et al.* (Eds.). *Formal Methods in the Study of Language 2*. Amsterdã, 1981, p. 503-540.
- SZENDRŐI, K. *Focus and the Syntax-Phonology Interface*. Tese de Doutorado. Londres: University College London, 2001.
- TAVARES SILVA, C. R. *A Natureza de AGR e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*. Tese de Doutorado. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas, 2004.

- TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- TERKER, A. M. On linear order in Spanish. In: BALDI, P. (Ed.). *Papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1984, p. 275-286.
- THORSEN, N. Two issues in the Prosody of Standard Danish. In CUTLER, A. & LADD, D. R. (Eds.). *Prosody: models and Measurements*. Berlin: Springer, 1983, p. 27-38.
- _____. Lexical stress, emphasis for contrast, and sentence intonation in Advanced Standard Copenhagen Danish. *Proceedings of the IXth International Congress of Phonetic Sciences – The Relation between Sentence Prosody and Word Prosody*, v. II, 1975, p. 417-423.
- TOLEDO, G. Señales Prosódicas del Foco. *Revista Argentina de Lingüística*, n. 5 (1-2), p. 205-230, 1989.
- TORRES MORAIS, M. A. Hipótese para o aparecimento das construções de topicalização na história do português. *Estudos Lingüísticos XXV*, n. 1, p. 636-641. Taubaté: UNAERP/GEL, 1996.
- TRUCKENBRODT, H. Extraposition from NP and Prosodic Structure. In: BECKMAN, J. (Ed.). *Proceedings of NELS*. GLSA, Amherst, Massachusetts, 1995, p. 503-517.
- URIAGEREKA, J. An F position in Western Romance. In: KISS, É. K. (Ed.) *Discourse configurational languages*. Oxford: Oxford University Press, 1995, p. 153-175.
- _____. A Focus Position in Western Romance. Comunicação apresentada no *GLOW 15*. Lisboa, 1992.
- _____. *On government*. Tese de doutorado. Connecticut: ETD Collection for University of Connecticut, 1988.
- VALLDUVÍ, E. *The informational component*. New York: Garland, 1992.
- VIANA, M. C. Para a síntese da entoação do Português, Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Lisboa: CLUL-INIC, 1987.
- VIGÁRIO, M. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- _____. *Aspectos da Prosódia do Português Europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica*. Braga: CEHUM, 1998.

- VOGEL, I & KENESEI, I. Syntax and Semantics in Phonology. In: INKELAS, S. & ZEC, D. (Eds.). *The phonology-syntax connection*. Chicago: UCP, 1990, p. 339-363.
- _____. The interface between phonology and others components of grammar: the case of Hungarian. *Phonology Yearbook*, n. 4, p. 243-263, 1987.
- VOGEL, I., BUNNELL, H. T. & HOSKINS, S. The phonology and phonetics of the Rhythm Rule. In: CONNELL, B. & ARVANITI, A. (Eds.). *Papers in Laboratory Phonology IV*. Cambridge: CUP, 1995, p. 111-127.
- VON STECHOW, A. Current Issues in the Theory of Focus. In: VON STECHOW, A. & WUNDERLICH, D. (Eds.). *Semantics: An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: de Gruyter, 1991, p. 804-825.
- _____. Topic, Focus, and Local Relevance. In: KLEIN, W. & LEVELT, W. (Eds.). *Crossing the Boundaries in Linguistics*. Dordrecht: Reidel, 1981.
- _____. & UHMANN, S. Some remarks on focus projection. In: ABRAHAM, W. & DE MEIJ, S. (Eds.). *Topic, Focus and Configurationality*. Amsterdã: John Benjamins, 1986, p. 295-320.
- WELLS, W. An Experimental Approach to the Interpretation of Focus in Spoken English. In: JOHNS-LEWIS, C. (Ed.). *Intonation in Discourse*. London: Croom Helm, 1986, p. 53-75.
- WILLIAMS, E. A reinterpretation of the evidence for verb movement in French. In: LIGHTFOOT, D. & HORNSTEIN, N. (Eds.). *Verb Movement*. Cambridge University Press, 1994.
- WINKLER, S. *Focus and Secondary Predication*. Berlin: Mouton, 1997.
- ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge, Mass: M. I. T. Press, 1998.
- ZWICKY, A. M. & PULLUM, G. K. The principle of phonology-free syntax: introductory remarks. *Ohio State University Working Papers in Linguistics*, n. 32, p. 63-91, 1986a.
- _____. Two spurious counterexamples to the principle of phonology-free syntax. *Ohio State University Working Papers in Linguistics*, n. 32, p. 92-99, 1986b.

Apêndice: Uma reflexão embrionária sobre a arquitetura da gramática

1.

Introdução

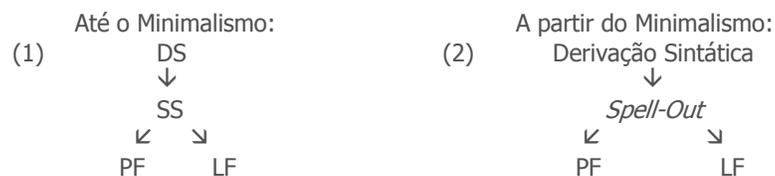
Levando em conta toda a discussão apresentada nesta tese sobre a relação entre restrições prosódicas e a escolha por certas construções sintáticas de focalização informacional do sujeito em PB e PE, seria possível supor um modelo de arquitetura de gramática, segundo o qual, houvesse interação bidirecional, de alguma maneira, entre os componentes sintático e fonológico da gramática. Isto posto, neste apêndice, traremos algumas reflexões muito preliminares a respeito da proposição de um modelo de arquitetura de gramática deste tipo.

Nas próximas seções: (i) apresentaremos a arquitetura de gramática proposta pelos modelos gerativos tradicionais, bem como problematizaremos sua adequação para os casos (ocorridos ou não em contexto de focalização) de operações sintáticas motivadas e/ou sujeitas a restrições prosódicas; (ii) apresentaremos uma proposta preliminar de arquitetura de gramática, baseada no modelo de Szendrői (2001), que nos parece mais adequada ao se levar em conta estes casos; e (iii) finalmente, mostraremos como os dados apresentados nesta tese, bem como a respectiva análise dos mesmos, parecem sustentar nossa proposta.

2.

A arquitetura de gramática dos modelos gerativos tradicionais X operações sintáticas motivadas e/ou sujeitas a restrições prosódicas

Nos modelos gerativos tradicionais, encontramos as seguintes propostas de arquitetura de gramática representadas, grosso modo, em (1) e (2).



Conforme as representações em (1) e (2), os componentes fonológico e semântico não são acessíveis entre si e não são acessíveis à derivação sintática. A interação entre o componente sintático e os componentes semântico e fonológico é unidirecional: o *output* da derivação sintática é o *input* para os componentes semântico e fonológico, desta maneira, PF e LF tem acesso ao componente sintático, porém, o componente sintático não tem acesso a eles.

Entretanto, pelo menos no que diz respeito à interação entre os componentes sintático e fonológico, parece haver evidências de que certas operações do componente sintático são motivadas prosodicamente, trazendo questionamentos à arquitetura de gramática das representações acima, bem como ao princípio da sintaxe fonologicamente livre (*principle of phonology-free syntax*, cf. Zwicky & Pullum, 1986a). De acordo com este princípio, operações sintáticas não fazem referência a informações fonológicas, nem qualquer regra fonológica deve ser ordenada antes de qualquer regra sintática.

Os tipos de fenômenos fonológicos que parecem afetar a sintaxe são tipicamente não-segmentais, como por exemplo: (i) número de constituintes prosódicos; e (ii) acento.

Em hebraico moderno, por exemplo, a posição de dois complementos pronominais seguindo o verbo depende do número de sílabas que compõe cada

complemento (cf. Hetzron, 1972). O mais curto em número de sílabas aparece seguindo imediatamente o verbo, como em (3a) e (3b). Se os dois complementos são do mesmo tamanho, qualquer ordem é possível, como pode ser visto em (3c) e (3d).

- (3) a. hu herʔa li oto
 ele mostrou me isto_{acusativo}
 'Ele me mostrou isto.'
- b. hu lakax oto mimenu
 ele levou isto_{acusativo} lhe
 'Ele lhe levou isto.'
- c. hu herʔa oto lanu
 ele mostrou isto_{acusativo} nos
 'Ele nos mostrou isto.'
- d. hu herʔa lanu oto

Uma vez que a ordem dos complementos não depende da função sintática que exercem, mas do número de sílabas que os compõe (em uma produção não enfática), Hetzron defende que a regra sintática de colocação pronominal em hebraico moderno deve ter acesso à informação fonológica.

Fenômenos deste tipo, ou seja, envolvendo ordem de complementos e peso fonológico, no que concerne ao número de constituintes fonológicos que constituem os constituintes sintáticos, são encontrados também em outras línguas, tais como o inglês, o italiano e o PE. Como já foi apresentado no capítulo 2 desta tese, em inglês, italiano e PE, a fronteira direita do sintagma entoacional tende a ser ocupada preferencialmente por elementos pesados fonologicamente (cf. Zec & Inkelas, 1990 para o inglês; Guasti & Nespor, 1999 para o italiano; e Frota & Vigário, 1996, 2001 para o PE).¹ Por exemplo, em sentenças na ordem S V OD OI destas línguas, se o objeto direto for mais pesado fonologicamente (por exemplo, constituído por um número maior de constituintes prosódicos) do que o objeto indireto, pode haver reordenamento entre estes dois complementos, de maneira que o complemento mais pesado ocupe a margem direita da sentença (fronteira direita do sintagma entoacional). Também nesta tese (cf. capítulos 4 e 6) foi

¹ Conferir também Truckenbrodt (1995) sobre o fato de a extraposição de NPs também estar sujeita a restrições prosódicas referentes ao peso fonológico do elemento que sofre extraposição, bem como ao peso do material que é cruzado em tal movimento.

mostrado que elementos pesados fonologicamente tendem a ocupar a margem direita do sintagma entoacional em sentenças com sujeito focalizado informacionalmente de PB e PE. Se o sujeito focalizado é mais pesado fonologicamente que o predicado é o primeiro que tende a ocupar a margem direita da sentença, mas se o predicado for mais pesado, é este que tende a ocupar tal posição. Entretanto, cabe notar que, no caso de PB, a ocupação da margem direita do sintagma entoacional pelo sujeito focalizado mais pesado fonologicamente do que o predicado se restringe às sentenças com verbo inacusativo, por motivos de restrições sintáticas operando na gramática desta língua (cf. capítulo 6 desta tese).

Com relação ao acento, Baker (1971) argumenta que este fenômeno lingüístico é relevante para a aplicação da regra sintática de mudança de auxiliar em inglês (*Auxiliary Shift - AS*). Nas sentenças em (4), o auxiliar sofre mudança para a esquerda de certos elementos pré-verbais, como *often* 'freqüentemente' e *never* 'nunca'.

- (4) a. *They have often considered moving to Italy.*
 eles têm freqüentemente pensado mudar para Itália.
 'Eles têm pensado freqüentemente em se mudar para a Itália.'
 b. *Archibald is never late.*
 Archibald está nunca atrasado.
 'Archibald nunca está atrasado.'

Baker afirma que duas circunstâncias podem impedir a aplicação de AS: (a) ênfase no auxiliar verbal finito e (b) apagamento do constituinte seguindo o auxiliar. Assim, quando os auxiliares nas sentenças em (4) são acentuados enfaticamente, AS não se aplica, como indicado pela agramaticalidade das sentenças em (5).

- (5) a. **They **have** often considered moving to Italy.*
 b. **Archibald **is** never late.*

Da mesma maneira, se AS se aplicar em uma sentença como (6a), o resultado é uma sentença agramatical, como aparece em (6b).

- (6) a. *Clarence has worked more for you this week alone than
Clarence tem trabalhado mais para você esta semana sozinha que
Charlie ever has ___ for you.
Charlie sempre tem ___ para você*
'Nesta semana, Clarence, sozinha, trabalhou mais para você do que
Charlie, que sempre trabalhou para você.'
- b. **Clarence has worked more for you this week alone than Charlie has
ever ___ for you.*

De acordo com Baker, o bloqueio à aplicação de AS nos dois casos está relacionado a uma propriedade fonológica destas sentenças: o auxiliar é acentuado. Tendo em conta este fato, Baker conclui que o grau de acento em uma palavra pode determinar a aplicação ou não de uma regra sintática de movimento em uma língua como o inglês.

Um outro caso que envolve ordenamento de constituintes e informação fonológica é encontrado em Inkelas (1988). Com base na distribuição da partícula conversacional *fā*, em hausa, Inkelas afirma que a sintaxe faz referência ao sintagma fonológico em hausa. Essencialmente, a partícula *fā* em hausa pode ser encontrada seguindo certas palavras ou constituintes sintáticos enfatizados. Na maioria dos casos, há condições específicas que devem ser obedecidas: o constituinte seguinte à inserção de *fā* deve ser entoacionalmente enfatizado ou ramificado. Deve ainda ser notado que não é suficiente que haja duas ou mais palavras após *fā*; elas devem necessariamente formar um sintagma fonológico. *fā* é inserido corretamente nas sentenças em (7), mas não em (8), onde as condições necessárias à sua inserção não são encontradas.

- (7) a. *Ya sayi fa* ***rigar***.²
 ele comprou partícula de ênfase camisa
 'Ele comprou a **camisa**.'
- b. *Ya sayi fa* *babbar riga*.
 ele comprou partícula de ênfase grande camisa
 'Ele comprou uma camisa grande.'
- c. *Ya sayi fa* *abincin rana*.
 ele comprou partícula de ênfase comida-de dia
 'Ele comprou o almoço.'
- d. *Sun siffanta wa Tanko* *fa ni da ita*.
 eles descreveram para Tanko partícula de ênfase eu e ela
 'Eles descreveram para Tanko eu e ela.'
- e. *Mun sauka a fa* ***Kano***.
 nós chegamos a/em partícula de ênfase Kano
 'Nós chegamos em **Kano**.'
- (8) a. **Ya sayi fa riga*.
 'Ele comprou a camisa.'
- b. **Ya sayi fa* *abinci jiya*.
 ele comprou partícula de ênfase comida ontem
 'Ele comprou comida ontem.'
- c. **Sun siffanta wa Tanko fa ita*.
 'Ele descreveu para Tanko ela.'
- d. **Mun sauka fa Kano*.
 'Nós chegamos em Kano.'

Quando *fa* segue o primeiro constituinte da sentença, as condições de ramificação ou ênfase entoacional para os constituintes subseqüentes não são necessárias, como pode ser visto pela comparação das sentenças em (9) com as correspondentes em (10). Isto ocorre porque a posição inicial já é necessariamente enfática em hausa.

- (9) a. **Na sayi babbar fa* *riga*.
 eu comprei grande partícula de ênfase camisa
 'Eu comprei uma toga.'
- b. **Mun rubuta wasika guda* *fa shida*.
 nós escrevemos carta unidade partícula de ênfase seis
 'Nós escrevemos seis cartas.'
- (10) a. *Babbar fa* *riga na saya*.
 grande partícula de ênfase camisa eu comprei
 'Uma toga, eu comprei.'
- b. *Wasika guda* *fa shida muka rubuta*.
 carta unidade partícula de ênfase seis nós escrevemos
 'Seis cartas, nós escrevemos.'

² Nos exemplos em (7), as palavras **em negrito** indicam palavras portadoras de entoação enfática.

Inkelas afirma que, para dar conta, em termos de estrutura sintática, de todos estes contextos nos quais *f̄a* pode ou não ocorrer, seria necessária uma lista de posições, sem que houvesse a captura de qualquer generalização. Por outro lado, se o sintagma fonológico é levado em consideração, é muito simples estabelecer o contexto para *f̄a*: ele deve seguir um sintagma fonológico, como mostra (11).

(11) $fa: [[\]_{\phi} ___]_{\phi}$

(cf. Inkelas, 1988; Zec & Inkelas, 1990:371)

A distribuição sintática do elemento *f̄a* não é determinada diretamente por fatores sintáticos, mas depende crucialmente de fatores fonológicos. Portanto, há violação do princípio da sintaxe fonologicamente livre, na medida em que este tipo de análise requer que uma regra sintática leve em conta a estrutura prosódica.

Entretanto, segundo argumentam autores como Zwicky & Pullum (1986b), Pullum & Zwicky (1988), Vogel & Kenesei (1990), entre outros, exemplos como todos estes apresentados acima podem não ser casos de violações ao princípio da sintaxe fonologicamente livre, se outras opções de análise são levadas em conta.

Por exemplo, para os casos de mudança de auxiliar do inglês (AS), uma alternativa possível seria considerar a presença de acentos, nos auxiliares relevantes, como uma regra fonológica pós-sintática. Esta alternativa implica que não é a fonologia que afeta a sintaxe, mas esta que afeta a fonologia.

Para o fenômeno do hebraico, bem como para o fenômeno do hausa, onde parece ser a estrutura prosódica que tem efeito na aplicação de regras sintáticas, a proposta dos já mencionados autores é a de que diferentes versões da sentença podem ser geradas pelo componente sintático, sendo a fonologia responsável por filtrar estruturas que ferem restrições fonológicas gerais das línguas.

O problema de uma análise deste tipo é que há violação a princípios de economia, como já mencionamos em outros capítulos desta tese, uma vez que são geradas muitas estruturas sintáticas sem motivação nenhuma. Já o problema de se considerar que regras pós-sintáticas são aplicadas no componente fonológico é que há casos em que o reordenamento de constituintes, motivado prosodicamente,

também tem conseqüências em LF. Considerando um modelo de arquitetura de gramática, conforme o qual, não há interação entre os componentes fonológico e semântico, uma regra que ocorra no componente fonológico jamais pode afetar o componente semântico.

Como exemplo de caso em que o reordenamento de constituintes, motivado prosodicamente, tem conseqüências em LF, podemos citar o movimento-p proposto por Zubizarreta (1998) e apresentado no capítulo 6 desta tese.

Como já mencionado anteriormente, Zubizarreta defende que o movimento-p, em línguas como o espanhol, o italiano e o francês (nesta última língua, exceto para os casos de focalização do sujeito), é motivado por restrições de alinhamento entre proeminências. Há movimento de constituinte nas estruturas de focalização informacional para que o elemento focalizado ocupe a posição na qual há convergência de resultados da aplicação de diferentes regras de acento, nomeadamente, a regra de assinalamento de proeminência principal de sentença (NSR) e a regra de assinalamento de proeminência de foco (FPR) – cf. capítulos 2 e 6 desta tese –, as quais ocorrem no componente fonológico (cf. Selkirk, 1984; Nespor & Vogel, 1986, entre outros).

O movimento-p não pode ocorrer no componente fonológico, uma vez que traz conseqüências para LF. Conforme o argumento de Zubizarreta, apresentado no capítulo 6 desta tese e que retomamos aqui, o movimento-p afeta o licenciamento do elemento com polaridade negativa e este licenciamento se dá em LF (como é no geral assumido). Então, isto significa que o movimento-p afeta LF, como mostra a contrastividade dos exemplos de português em (12), e, conseqüentemente, não pode ocorrer em PF.

- (12) a. Ninguém chegou.
b.*(Não) chegou ninguém.

Também movimentos do tipo relatado por Zubizarreta não podem se dar por checagem de traço puramente sintático como alega Alboiu (2004) para os casos de *object-shift* na obtenção da ordem VOS nas línguas românicas em geral. Isto porque, como vimos no capítulo 6 desta tese, o movimento do objeto também

está sujeito a restrições de peso fonológico (pelo menos em línguas como o italiano, o espanhol e o PE), restrições próprias do componente fonológico.

Portanto, movimentos deste tipo deveriam ocorrer ainda na sintaxe, em um nível que tenha acesso a restrições de cunho prosódico (não segmental). Nossa proposta, a ser apresentada na próxima seção, é que o componente sintático é composto por dois níveis: um nível em que apenas operações de checagem de traços puramente sintáticos ocorrem, e um outro nível, nível da 'sintaxe não-nuclear', onde ocorrem operações sintáticas motivadas e/ou sujeitas a restrições prosódicas.³

3.

Uma proposta preliminar de arquitetura de gramática

O modelo de arquitetura de gramática esboçado aqui não nega a arquitetura proposta pelos modelos gerativos tradicionais, mas os toma como ponto de partida. Todavia, difere destes, no que concerne à direcionalidade da interação entre os componentes sintático e fonológico da gramática e com relação aos níveis que compõem tais componentes, aproximando-se mais, no que tange especificamente a estes pontos, do modelo de arquitetura gramatical apresentado por Szendrői (2001):

³ Entenda-se aqui o termo 'sintaxe não-nuclear' por oposição à 'sintaxe nuclear' ou 'sintaxe estreita' (*narrow syntax*), i.é., o nível da sintaxe onde ocorrem operações exclusivamente motivadas pela checagem de traços sintáticos formais. Cabe notar que o termo 'sintaxe nuclear' aqui usado não corresponde ao termo *core grammar* utilizado na literatura sintática gerativista.

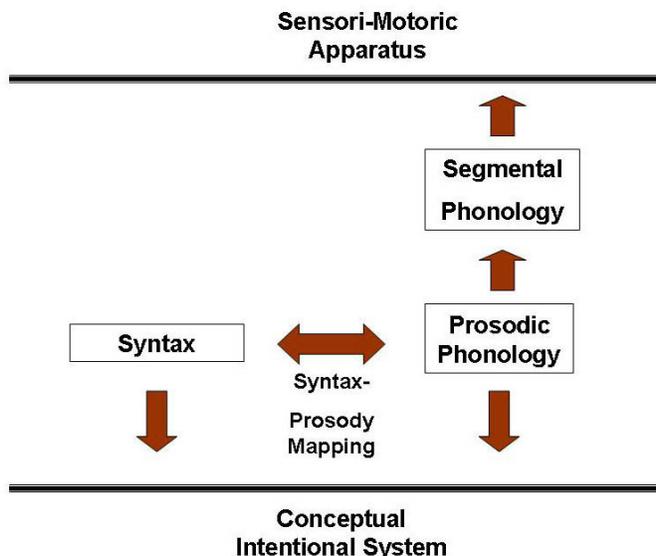


Figura 1: Arquitetura da Gramática extraída de Szendrői (2001:26)

No modelo de arquitetura de gramática de Szendrői, representado na figura 1, há interação bidirecional entre os componentes sintático e fonológico. Conforme ainda o modelo da mesma autora, nem todo o componente fonológico é acessível e tem acesso ao componente sintático.

Para Szendrői, o componente fonológico é formado por dois níveis distintos: o nível da Fonologia Prosódica e o nível da Fonologia Segmental.

Conforme este modelo, a Fonologia Segmental é o nível fonológico que não tem acesso ao componente sintático, e também não é acessível a ele. É neste nível do componente fonológico onde ocorrem regras fonológicas de cunho puramente segmental. Regras tais como 'uma consoante nasal, em posição de travamento silábico, assimila o ponto de articulação da consoante que a segue':

$$(13) \quad \begin{array}{c} C \\ [+nasal] \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \alpha_{anterior} \\ \beta_{coronal} \end{array} \quad / \quad \begin{array}{c} V \\ [+nasal] \end{array} \text{---} \begin{array}{c} C \\ \alpha_{anterior} \\ \beta_{coronal} \end{array}$$

Já na Fonologia Prosódica, não ocorrem regras de cunho segmental, mas regras de formação dos domínios prosódicos (as quais tomam como ponto de

partida a derivação fornecida pela sintaxe) e regras de assinalamento de proeminências, além de restrições fonológicas relacionadas aos domínios prosódicos. Este nível, segundo a mesma arquitetura de gramática representada pela figura 1, é o nível acessível ao componente sintático e que também tem acesso a ele.

O não-acesso do componente sintático ao nível da Fonologia Segmental encontra respaldo no fato de que operações na sintaxe nunca são motivadas por restrições fonológicas do nível segmental (cf. também Vogel & Kenesei, 1990; Jackendoff, 1997; Szendrői, 2001; entre outros). Isto implica que uma condição fonológica, como a apresentada em (14), nunca motiva movimento sintático do tipo apresentado no mesmo exemplo.

(14) 'Um DP é movido para SpecIP, se contiver uma consoante sibilante.'

O tipo de movimento apresentado em (14) ocorre não por motivação fonológica, mas por motivos de checagem de traços sintáticos formais no domínio da Sintaxe.

Porém, faz-se necessário ainda acrescentar que, assim como nem toda a fonologia é acessível ao componente sintático, como previsto pelo modelo de Szendrői, também não é toda sintaxe que é acessível ao componente fonológico. Por exemplo, a formação de sintagmas fonológicos não leva em conta especificações sintáticas do tipo 'Caso do DP', como apresentamos em (15). Ou seja, a condição em (15) não é necessária para as regras de formação de domínios prosódicos.

(15) 'O sintagma fonológico deve ser formado por um DP com Caso Nominativo.'

Isto posto, propomos que, assim como há dois níveis no componente fonológico (conforme o modelo de Szendrői), também haveria dois níveis no componente sintático, como pode ser observado em nossa representação abaixo.

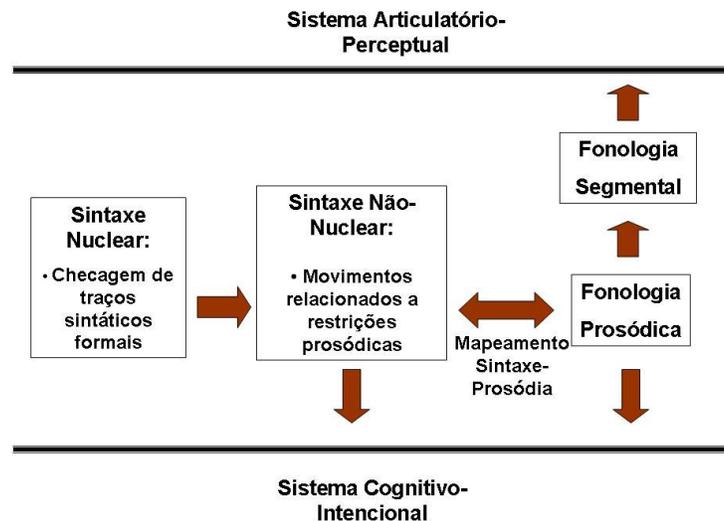


Figura 2: Arquitetura da Gramática proposta neste trabalho

Conforme nossa representação, o componente sintático seria formado pelo nível da Sintaxe Nuclear e pelo nível de uma sintaxe mais tardia, denominada aqui de 'Sintaxe Não-Nuclear'.⁴ Na Sintaxe Nuclear haveria a checagem de traços sintáticos formais (checagem de caso e de traços ligados a categorias funcionais) e este nível não seria acessível a nenhum nível do componente fonológico. Na Sintaxe Não-Nuclear não haveria checagem de traços, mas operações relacionadas a restrições prosódicas, portanto, este nível de sintaxe seria acessível a certo nível da fonologia, nomeadamente, ao nível da Fonologia Prosódica, e também poderia acessá-lo.

4.

Considerações finais: os dados de PB e PE e a arquitetura de gramática aqui proposta

A arquitetura de gramática apresentada na figura 2, e baseada no modelo de Szendrői (2001), parece ser sustentada pelos dados de PB e PE, bem como pela análise dos mesmos apresentada nesta tese, na medida em que:

⁴ Em nosso modelo de arquitetura de gramática, bem como no modelo de Szendrői, o componente morfológico é abstraído.

(a) Em PE, movimentos sintáticos de constituintes (movimento-p do objeto nas sentenças VOS) e a escolha por determinadas estruturas sintáticas (uso de sentenças VS, pseudo-clivadas e inversão locativa), como estratégia de focalização, ocorrem para que requisitos de alinhamento de proeminências, assinaladas em PF, sejam satisfeitos. Ou seja, as sentenças nas quais o sujeito focalizado aparece na margem direita da sentença (margem direita do sintagma entoacional) são escolhidas em PE pelo fato de que, nelas, o alinhamento entre a proeminência de foco, assinalada ao sujeito focalizado, e a proeminência principal de sentença, assinalada na margem direita do sintagma entoacional, é possível. Entretanto, a escolha por algumas destas sentenças (sentenças VS e VOS) ainda está sujeita a efeitos de peso fonológico. Sentenças VOS, assim como sentenças VAdvS, são escolhidas com menor frequência em PE, uma vez que, nestas sentenças, o predicado ramificado é mais pesado fonologicamente que o sujeito e, de acordo com restrições de peso fonológico, é o elemento mais pesado fonologicamente que deve ocupar preferencialmente a margem direita do sintagma entoacional (margem direita da sentença). Por sua vez, sentenças VS são escolhidas com maior frequência na mesma variedade de português se o sujeito é mais pesado fonologicamente que o predicado, isto é, se o sujeito focalizado é ramificado fonologicamente ou se é composto por um número maior de sílabas que o verbo. Em um modelo de arquitetura de gramática, segundo o qual, o componente sintático não tem acesso nenhum ao componente fonológico, não é possível que a escolha por determinadas estruturas sintáticas e mesmo o movimento sintático de constituintes ocorram por requisitos fonológicos, ou ainda estejam sujeitos a restrições fonológicas, como restrições de peso;

(b) Em PB, embora as sentenças inacusativas VS ainda sejam possíveis (diferentemente das sentenças VOS e VS inergativas), elas só são escolhidas com maior frequência como estratégia de foco informacional do sujeito, se requisitos fonológicos de peso também favorecem a ocupação da margem direita da sentença pelo sujeito focalizado. Assim, as sentenças

VS inacusativas em PB são escolhidas com maior frequência, se o sujeito focalizado é mais pesado fonologicamente que o verbo (sujeito ramificado fonologicamente ou composto por um número maior de sílabas que o verbo). Como já mencionado no item (a), em um modelo de arquitetura de gramática, segundo o qual, o componente sintático não tem acesso nenhum ao componente fonológico, não é possível que a escolha por determinadas estruturas sintáticas esteja relacionada a restrições do componente fonológico.

ANEXOS**CAPÍTULO 4****Questionário 1 - PB****Idade:** _____**Cidade e estado onde nasceu:** _____**Cidade e estado onde vive:** _____**Desde quando está em Campinas:** _____

I) Marque com um X a alternativa que você acha mais natural como resposta às perguntas abaixo:

Inacusativas

ScurtoVcurto

1. Contexto: A professora está à espera da Ana e você vê a Ana chegar, mas a professora não a vê chegar. A professora percebe que você vê chegar alguém e, então, pergunta:

Quem chegou?

a. A Ana chegou. []b. Chegou a Ana. []

SlongoVcurto

2. Contexto: Estamos num heliporto e você vê chegar um helicóptero. Percebo que você vê chegar algo que eu ainda não vi, então, pergunto:

O que chegou?

a. Chegou o helicóptero. []b. O helicóptero chegou. []

SSVcurto

3. Contexto: Há uma moça muito bonita que estuda todas as tardes no IEL. Estamos conversando no IEL e você vê a moça bonita chegar. Percebo que você vê chegar alguém, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto:

Quem chegou?

a. A moça bonita chegou. []b. Chegou a moça bonita. []

SfVcurto

4. Contexto: Estamos no aeroporto à espera de um pesquisador porto-riquenho. Você o vê chegar. Percebo que você vê chegar alguém, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto:

Quem chegou?

- a. Chegou o porto-riquenho. []
- b. O porto-riquenho chegou. []

ScurtoVcurtoA

5. Contexto: Percebo que alguém chega depressa ao nosso encontro, mas não consigo ver quem chegou. Você vê a Ana chegar depressa. Percebo que você vê alguém chegar depressa, então, pergunto:

Quem chegou depressa?

- a. Chegou depressa a Ana. []
- b. A Ana chegou depressa. []

SlongoVcurtoA

6. Contexto: Estamos num heliporto e você vê chegar depressa um helicóptero. Percebo que você vê chegar depressa algo que ainda não vi, então, pergunto:

O que chegou depressa?

- a. O helicóptero chegou depressa. []
- b. Chegou depressa o helicóptero. []

SSVcurtoA

7. Contexto: Há uma moça bonita que estuda todas as tardes no IEL. Estamos conversando no IEL e você vê a moça bonita chegar depressa. Percebo que você vê alguém chegar depressa, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto:

Quem chegou depressa?

- a. Chegou depressa a moça bonita. []
- b. A moça bonita chegou depressa. []

SfVcurtoA

8. Contexto: Estamos no aeroporto à espera de um pesquisador porto-riquenho. Você o vê chegar depressa. Percebo que você vê alguém chegar depressa, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto:

Quem chegou depressa?

- a. O porto-riquenho chegou depressa. []
- b. Chegou depressa o porto-riquenho. []

ScurtoVlongo

9. Contexto: Você sabe que a Ana desapareceu. Eu ouvi dizer que alguém desapareceu, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem desapareceu?

- a. Desapareceu a Ana. []
- b. A Ana desapareceu. []

SlongoVlongo

10. Contexto: Você sabe que o helicóptero que levava o senador à Bahia desapareceu. Eu ouvi dizer que algo desapareceu, mas não sei exatamente o quê, então, pergunto:

O que desapareceu?

- a. O helicóptero desapareceu. []
- b. Desapareceu o helicóptero. []

SSVlongo

11. Contexto: Você sabe que a moça bonita do IEL desapareceu. Eu ouvi dizer que alguém do IEL desapareceu, mas não sei exatamente quem, então, te pergunto:

Quem desapareceu?

- a. Desapareceu a moça bonita. []
- b. A moça bonita desapareceu. []

SfVlongo

12. Contexto: Você sabe que o pesquisador porto-riquenho desapareceu. Eu ouvi dizer que alguém desapareceu, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem desapareceu?

- a. Desapareceu o porto-riquenho. []
- b. O porto-riquenho desapareceu. []

Inergativas

ScurtoVcurto

13. Contexto: Você sabe que o José adora dançar e dança em todas as festas. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dança?

- a. O José dança. []
- b. Dança o José. []

SlongoVcurto

14. Contexto: Você sabe que o boliviano dança em todas as festas do IFCH. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dança?

- a. Dança o boliviano. []
- b. O boliviano dança. []

SSVcurto

15. Contexto: Você sabe que o rapaz bonito dança nas festas do nosso bairro. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dança?

- a. Dança o rapaz bonito. []
- b. O rapaz bonito dança. []

SfVcurto

16. Contexto: Você sabe que o porto-alegrense dança em todas as festas típicas. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dança?

- a. O porto-alegrense dança. []
- b. Dança o porto-alegrense. []

ScurtoVcurtoA

17. Contexto: Você viu o José dançar ontem no baile de formatura. Eu ouvi dizer que alguém dançou ontem, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dançou ontem?

- a. Dançou ontem o José. []
- b. O José dançou ontem. []

SlongoVcurtoA

18. Contexto: Você sabe que o boliviano dança sempre em todas as festas da Unicamp. Eu ouvi dizer que alguém dança sempre, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dança sempre?

- a. Dança sempre o boliviano. []
- b. O boliviano dança sempre. []

SSVcurtoA

19. Contexto: Você sabe que o rapaz bonito dançou ontem na festa do nosso bairro. Eu ouvi dizer que alguém dançou ontem, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dançou ontem?

- a. O rapaz bonito dançou ontem. []
- b. Dançou ontem o rapaz bonito. []

SfVcurtoA

20. Contexto: Você sabe que o porto-riquenho dançou ontem na festa do IFCH. Eu ouvi dizer que alguém dançou ontem, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dançou ontem?

a. Dançou ontem o porto-riquenho. []

b. O porto-riquenho dançou ontem. []

ScurtoVlongo

21. Contexto: Você sabe que o José telefonou para a Ana. Eu ouvi dizer que alguém telefonou, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem telefonou?

a. O José telefonou. []

b. Telefonou o José. []

SlongoVlongo

22. Contexto: Você sabe que o boliviano telefonou para casa. Eu ouvi dizer que alguém telefonou, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem telefonou?

a. O boliviano telefonou. []

b. Telefonou o boliviano. []

SSVlongo

23. Contexto: Você sabe que o rapaz bonito telefonou para a namorada. Eu ouvi dizer que alguém telefonou, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem telefonou?

a. Telefonou o rapaz bonito. []

b. O rapaz bonito telefonou. []

SfVlongo

24. Contexto: Você sabe que o porto-riquenho telefonou para casa. Eu ouvi dizer que alguém telefonou, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem telefonou?

a. O porto-riquenho telefonou. []

b. Telefonou o porto-riquenho. []

Transitivas

ScurtoVcurtoOcurto

25. Contexto: Você sabe que a Ana beijou o Pedro ontem na festa. Eu ouvi dizer que alguém beijou o Pedro, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem beijou o Pedro?

a. A Ana beijou o Pedro. []

b. Beijou o Pedro a Ana. []

SlongoVcurtoOcurto

26. Contexto: Você sabe que a pesquisadora beijou o Pedro. Eu ouvi dizer que alguém beijou o Pedro, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem beijou o Pedro?

a. A pesquisadora beijou o Pedro. []

b. Beijou o Pedro a pesquisadora. []

SSVcurtoOcurto

27. Contexto: Você sabe que o rapaz esperto comeu o bolo antes da festa de aniversário. Eu ouvi dizer que alguém comeu o bolo, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem comeu o bolo?

a. Comeu o bolo o rapaz esperto. []

b. O rapaz esperto comeu o bolo. []

SfVcurtoOcurto

28. Contexto: Você sabe que o pesquisador porto-riquenho comeu o bolo antes da festa. Eu ouvi dizer que alguém comeu o bolo, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem comeu o bolo?

a. O porto-riquenho comeu o bolo. []

b. Comeu o bolo o porto-riquenho. []

ScurtoVlongoOcurto

29. Contexto: Você sabe que os cães assustaram os ladrões. Eu ouvi dizer que alguém ou algo assustou os ladrões, mas não sei exatamente quem ou o quê, então, pergunto:

Quem assustou os ladrões?

a. Assustaram os ladrões os cães. []

b. Os cães assustaram os ladrões. []

SlongoVlongoOcurto

30. Contexto: Você sabe que os historiadores encontraram o fóssil. Eu ouvi dizer que alguém encontrou o fóssil, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem encontrou o fóssil?

- a. Encontraram o fóssil os historiadores. []
- b. Os historiadores encontraram o fóssil. []

SSVlongoOcurto

31. Contexto: Você sabe que os alunos hábeis aprenderam a lição. Eu ouvi dizer que alguém aprendeu a lição, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem aprendeu a lição?

- a. Os alunos hábeis aprenderam a lição. []
- b. Aprenderam a lição os alunos hábeis. []

SfVlongoOcurto

32. Contexto: Você sabe que os nova-iorquinos encontraram o texto que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que alguém encontrou o texto, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem encontrou o texto?

- a. Os nova-iorquinos encontraram o texto. []
- b. Encontraram o texto os nova-iorquinos. []

ScurtoVcurtoAOcurto

33. Contexto: Você sabe que o José come sempre maçã. Eu ouvi dizer que alguém come sempre maçã, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem come sempre maçã?

- a. O José come sempre maçã. []
- b. Come sempre maçã o José. []

SlongoVcurtoAOcurto

34. Contexto: Você sabe que o boliviano come sempre maçã. Eu ouvi dizer que alguém come sempre maçã, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem come sempre maçã?

- a. Come sempre maçã o boliviano. []
- b. O boliviano come sempre maçã. []

SSVcurtoAOcurto

35. Contexto: Você sabe que o rapaz bonito come sempre maçã. Eu ouvi dizer que alguém come sempre maçã, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem come sempre maçã?

- a. O rapaz bonito come sempre maçã. []
- b. Come sempre maçã o rapaz bonito. []

SfVcurtoAOcurto

36. Contexto: Você sabe que o porto-alegrense come sempre maçã. Eu ouvi dizer que alguém come sempre maçã, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem come sempre maçã?

a. Come sempre maçã o porto-alegrense. []

b. O porto-alegrense come sempre maçã. []

Questionário 2 - PB

Idade: _____

Cidade e estado onde nasceu: _____

Cidade e estado onde vive: _____

Desde quando está em Campinas: _____

I) Marque com um X a alternativa que você acha mais natural como resposta às perguntas abaixo:

Inacusativas

ScurtoVcurto

1. Contexto: A professora está à espera da Ana e você vê a Ana chegar, mas a professora não a vê chegar. A professora percebe que você vê chegar alguém e, então, pergunta a você:

Quem chegou?

a. A Ana chegou. []

b. Chegou a Ana. []

SlongoVcurto

2. Contexto: Estamos num heliporto e você vê chegar um helicóptero. Percebo que você vê chegar algo que eu ainda não vi, então, pergunto:

O que chegou?

a. Chegou o helicóptero. []

b. O helicóptero chegou. []

SSVcurto

3. Contexto: Há uma moça muito bonita que estuda todas as tardes no IEL. Estamos conversando no IEL e você vê a moça bonita chegar. Percebo que você vê chegar alguém, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto:

Quem chegou?

a. A moça bonita chegou. []

b. Chegou a moça bonita. []

SfV

4. Contexto: Estamos no aeroporto à espera de um pesquisador porto-riquenho. Você o vê chegar. Eu percebo que você vê chegar alguém, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto:

Quem chegou?

a. Chegou o porto-riquenho. []

b. O porto-riquenho chegou. []

Inergativas

ScurtoVcurto

5. Contexto: Você sabe que o José adora dançar e dança em todas as festas. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dança?

a. O José dança. []

b. Dança o José. []

SlongoVcurto

6. Contexto: Você sabe que o boliviano dança em todas as festas da Unicamp. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dança?

a. Dança o boliviano. []

b. O boliviano dança. []

SSVcurto

7. Contexto: Você sabe que o rapaz bonito dança nas festas do nosso bairro. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dança?

a. Dança o rapaz bonito. []

b. O rapaz bonito dança. []

SfVcurto

8. Contexto: Você sabe que o porto-alegrense dança em todas as festas típicas. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem dança?

a. O porto-alegrense dança. []

b. Dança o porto-alegrense. []

Transitivas

ScurtoVcurtoOlongo

9. Contexto: Você sabe que o João viu os documentos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que alguém viu os documentos, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu os documentos?

- a. O João viu os documentos. []
- b. Viu os documentos o João. []

SlongoVcurtoOlongo

10. Contexto: Você sabe que o boliviano viu os documentos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que alguém viu os documentos, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu os documentos?

- a. Viu os documentos o boliviano. []
- b. O boliviano viu os documentos. []

SSVcurtoOlongo

11. Contexto: Você sabe que o rapaz esperto viu os documentos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que alguém viu os documentos, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu os documentos?

- a. Viu os documentos o rapaz esperto. []
- b. O rapaz esperto viu os documentos. []

SfVcurtoOlongo

12. Contexto: Você sabe que o porto-riquenho viu os documentos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que alguém viu os documentos, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu os documentos?

- a. O porto-riquenho viu os documentos. []
- b. Viu os documentos o porto-riquenho. []

ScurtoVlongoOlongo

13. Contexto: Você sabe que os jovens encontraram os documentos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que encontraram os documentos, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem encontrou os documentos?

- a. Os jovens encontraram os documentos. []
- b. Encontraram os documentos os jovens. []

SlongoVlongoOlongo

14. Contexto: Você sabe que os pesquisadores encontraram os documentos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que alguém encontrou os documentos, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem encontrou os documentos?

- a. Encontraram os documentos os pesquisadores. []
- b. Os pesquisadores encontraram os documentos. []

SSVlongoOlongo

15. Contexto: Você sabe que os moços bonitos encontraram os documentos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que alguém encontrou os documentos, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem encontrou os documentos?

- a. Os moços bonitos encontraram os documentos. []
- b. Encontraram os documentos os moços bonitos. []

SfVlongoOlongo

16. Contexto: Você sabe que os porto-riquenhos encontraram os documentos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que alguém encontrou os documentos, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem encontrou os documentos?

- a. Encontraram os documentos os porto-riquenhos. []
- b. Os porto-riquenhos encontraram os documentos. []

ScurtoVAOlongo

17. Contexto: Você sabe que o José come sempre um chocolate. Eu ouvi dizer que alguém come sempre um chocolate, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem come sempre um chocolate?

- a. O José come sempre um chocolate. []
- b. Come sempre um chocolate o José. []

SlongoVAOlongo

18. Contexto: Você sabe que o boliviano come sempre um chocolate. Eu ouvi dizer que alguém come sempre um chocolate, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem come sempre um chocolate?

- a. O boliviano come sempre um chocolate. []
- b. Come sempre um chocolate o boliviano. []

SSVAOlongo

19. Contexto: Você sabe que o rapaz bonito come sempre um chocolate. Eu ouvi dizer que alguém come sempre um chocolate, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem come sempre um chocolate?

- a. O rapaz bonito come sempre um chocolate. []
- b. Come sempre um chocolate o rapaz bonito. []

SfVAOlongo

20. Contexto: Você sabe que o porto-riquenho come sempre um chocolate. Eu ouvi dizer que alguém come sempre um chocolate, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem come sempre um chocolate?

- a. O porto-riquenho come sempre um chocolate. []
- b. Come sempre um chocolate o porto-riquenho. []

ScurtoVcurtoOO

21. Contexto: Você sabe que o José tomou o café quente. Eu ouvi dizer que alguém tomou o café quente, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem tomou o café quente?

- a. Tomou o café quente o José. []
- b. O José tomou o café quente. []

SlongoVcurtoOO

22. Contexto: Você sabe que o boliviano tomou o café quente. Eu ouvi dizer que alguém tomou o café quente, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem tomou o café quente?

- a. O boliviano tomou o café quente. []
- b. Tomou o café quente o boliviano. []

SSVcurtoOO

23. Contexto: Você sabe que o rapaz bonito tomou o café quente. Eu ouvi dizer que alguém tomou o café quente, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem tomou o café quente?

- a. Tomou o café quente o rapaz bonito. []
- b. O rapaz bonito tomou o café quente. []

SfVcurtoOO

24. Contexto: Você sabe que o porto-riquenho tomou o café quente. Eu ouvi dizer que alguém tomou o café quente, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem tomou o café quente?

a. O porto-riquenho tomou o café quente. []

b. Tomou o café quente o porto-riquenho. []

ScurtoVlongoOO

25. Contexto: Você sabe que os cães encontraram os jovens ladrões. Eu ouvi dizer que encontraram os jovens ladrões, mas não sei exatamente quem os encontrou, então, pergunto:

Quem encontrou os jovens ladrões?

a. Os cães encontraram os jovens ladrões. []

b. Encontraram os jovens ladrões os cães. []

SlongoVlongoOO

26. Contexto: Você sabe que os historiadores encontraram os papéis velhos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que encontraram os papéis velhos, mas não sei exatamente quem os encontrou, então, pergunto:

Quem encontrou os papéis velhos?

a. Os historiadores encontraram os papéis velhos. []

b. Encontraram os papéis velhos os historiadores. []

SSVlongoOO

27. Contexto: Você sabe que os moços bonitos encontraram os papéis velhos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que encontraram os papéis velhos, mas não sei exatamente quem os encontrou, então, pergunto:

Quem encontrou os papéis velhos?

a. Os moços bonitos encontraram os papéis velhos. []

b. Encontraram os papéis velhos os moços bonitos. []

SfVlongoOO

28. Contexto: Você sabe que os porto-riquenhos encontraram os papéis velhos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que encontraram os papéis velhos, mas não sei exatamente quem os encontrou, então, pergunto:

Quem encontrou os papéis velhos?

a. Os porto-riquenhos encontraram os papéis velhos. []

b. Encontraram os papéis velhos os porto-riquenhos. []

ScurtoVAOO

29. Contexto: Você sabe que o José achou ontem os papéis velhos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que acharam ontem os papéis velhos, mas não sei exatamente quem os achou, então, pergunto:

Quem achou ontem os papéis velhos?

- a. O José achou ontem os papéis velhos. []
- b. Achou ontem os papéis velhos o José. []

SlongoVAOO

30. Contexto: Você sabe que o boliviano achou ontem os papéis velhos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que acharam ontem os papéis velhos, mas não sei exatamente quem os achou, então, pergunto:

Quem achou ontem os papéis velhos?

- a. O boliviano achou ontem os papéis velhos. []
- b. Achou ontem os papéis velhos o boliviano. []

SSVAOO

31. Contexto: Você sabe que o rapaz bonito achou ontem os papéis velhos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que acharam ontem os papéis velhos, mas não sei exatamente quem os achou, então, pergunto:

Quem achou ontem os papéis velhos?

- a. O rapaz bonito achou ontem os papéis velhos. []
- b. Achou ontem os papéis velhos o rapaz bonito. []

SfVAOO

32. Contexto: Você sabe que o nova-iorquino achou ontem os papéis velhos que eu estava procurando. Eu ouvi dizer que acharam ontem os papéis velhos, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem achou ontem os papéis velhos?

- a. O nova-iorquino achou ontem os papéis velhos. []
- b. Achou ontem os papéis velhos o nova-iorquino. []

ScurtoVcurtoOf

33. Contexto: A Paula Lima, funcionária do IEL, estava desaparecida há duas semanas. Você sabe que o José viu a Paula Lima ontem. Eu ouvi dizer que alguém viu a Paula Lima, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu a Paula Lima?

- a. O José viu a Paula Lima. []
- b. Viu a Paula Lima o José. []

SlongoVcurtoOf

34. Contexto: A Paula Lima, funcionária do IEL, estava desaparecida há duas semanas. Você sabe que o boliviano viu a Paula Lima ontem. Eu ouvi dizer que alguém viu a Paula Lima, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu a Paula Lima?

- a. O boliviano viu a Paula Lima. []
- b. Viu a Paula Lima o boliviano. []

SSVcurtoOf

35. Contexto: A Paula Lima, funcionária do IEL, estava desaparecida há duas semanas. Você sabe que o rapaz bonito viu a Paula Lima ontem. Eu ouvi dizer que alguém viu a Paula Lima, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu a Paula Lima?

- a. O rapaz bonito viu a Paula Lima. []
- b. Viu a Paula Lima o rapaz bonito. []

SfVcurtoOf

36. Contexto: A Paula Lima, funcionária do IEL, estava desaparecida há duas semanas. Você sabe que o porto-riquenho viu a Paula Lima ontem. Eu ouvi dizer que alguém viu a Paula Lima, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu a Paula Lima?

- a. O porto-riquenho viu a Paula Lima. []
- b. Viu a Paula Lima o porto-riquenho. []

ScurtoVlongoOf

37. Contexto: Faz mais de dois meses que o Júlio Lopes, aluno do IB, está desaparecido. Você sabe que os jovens encontraram o Júlio Lopes ontem no Supermercado Barão. Eu ouvi dizer que alguém encontrou o Júlio Lopes, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem encontrou o Júlio Lopes?

- a. Encontraram o Júlio Lopes os jovens. []
- b. Os jovens encontraram o Júlio Lopes. []

SlongoVlongoOf

38. Contexto: Faz mais de dois meses que o Júlio Lopes, aluno do IB, está desaparecido. Você sabe que os pesquisadores deste mesmo instituto encontraram o Júlio Lopes ontem no Supermercado Barão. Eu ouvi dizer que alguém encontrou o Júlio Lopes, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem encontrou o Júlio Lopes?

a. Encontraram o Júlio Lopes os pesquisadores. []

b. Os pesquisadores encontraram o Júlio Lopes. []

SSVlongoOf

39. Contexto: A Paula Lima, funcionária do IEL, estava desaparecida há duas semanas. Você sabe que os moços bonitos encontraram a Paula Lima ontem. Eu ouvi dizer que alguém encontrou a Paula Lima, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem encontrou a Paula Lima?

a. Os moços bonitos encontraram a Paula Lima. []

b. Encontraram a Paula Lima os moços bonitos. []

SfVlongoOf

40. Contexto: Faz mais de dois meses que a Ana Moraes, secretária do departamento de relações exteriores, está desaparecida. Você sabe que os nova-iorquinos encontraram a Ana Moraes ontem em São Paulo. Eu ouvi dizer que alguém encontrou a Ana Moraes, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem encontrou a Ana Moraes?

a. Encontraram a Ana Moraes os nova-iorquinos. []

b. Os nova-iorquinos encontraram a Ana Moraes. []

ScurtoVAOf

41. Contexto: Faz já algum tempo que estou querendo falar com a Laura Nunes, ex-bibliotecária do IEL, mas não a vejo mais. Você sabe que os jovens viram ontem a Laura Nunes na biblioteca. Eu ouvi dizer que alguém viu ontem a Laura Nunes, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu ontem a Laura Nunes?

a. Os jovens viram ontem a Laura Nunes. []

b. Viram ontem a Laura Nunes os jovens. []

SlongoVAOf

42. Contexto: Faz já algum tempo que estou querendo falar com a Laura Nunes, ex-bibliotecária do IEL, mas não a vejo mais. Você sabe que os bolivianos viram ontem a Laura Nunes na biblioteca. Eu ouvi dizer que alguém viu ontem a Laura Nunes, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu ontem a Laura Nunes?

a. Os bolivianos viram ontem a Laura Nunes. []

b. Viram ontem a Laura Nunes os bolivianos. []

SSVAOf

43. Contexto: Faz já algum tempo que estou querendo falar com a Laura Nunes, ex-bibliotecária do IEL, mas não a vejo mais. Você sabe que os moços bonitos viram ontem a Laura Nunes na biblioteca. Eu ouvi dizer que alguém viu ontem a Laura Nunes, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu ontem a Laura Nunes?

a. Os moços bonitos viram ontem a Laura Nunes. []

b. Viram ontem a Laura Nunes os moços bonitos. []

SfVAOf

44. Contexto: Faz já algum tempo que estou querendo falar com a Laura Nunes, ex-bibliotecária do IEL, mas não a vejo mais. Você sabe que os porto-riquenhos viram ontem a Laura Nunes na biblioteca. Eu ouvi dizer que alguém viu ontem a Laura Nunes, mas não sei exatamente quem, então, pergunto:

Quem viu ontem a Laura Nunes?

a. Os porto-riquenhos viram ontem a Laura Nunes. []

b. Viram ontem a Laura Nunes os porto-riquenhos. []

Questionário 1 - PE

Idade: _____

Cidade onde nasceu: _____

Cidade onde vive: _____

Desde quando está em Lisboa: _____

I) Marque com um X a alternativa que acha mais natural como resposta às perguntas abaixo:

Inacusativas

ScurtoVcurto

1. Contexto: A professora está à espera da Ana e tu vês chegar a Ana, mas a professora não a vê chegar. A professora percebe que tu vês chegar alguém e, então, pergunta-te:

Quem chegou?

- a. A Ana chegou. []
- b. Chegou a Ana. []

SlongoVcurto

2. Contexto: Estamos num heliporto e tu vês chegar um helicóptero. Percebo que vês chegar algo que eu ainda não vi, então, pergunto-te:

O que chegou?

- a. Chegou o helicóptero. []
- b. O helicóptero chegou. []

SSVcurto

3. Contexto: Há uma bela miúda na Faculdade de Letras. Estamos a conversar na Faculdade e tu vês chegar a miúda. Percebo que vês chegar alguém, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto-te:

Quem chegou?

- a. A bela miúda chegou. []
- b. Chegou a bela miúda. []

SfVcurto

4. Contexto: Estamos num laboratório à espera do biomédico. Tu vê-lo chegar. Percebo que tu vês chegar alguém, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto-te:

Quem chegou?

- a. Chegou o biomédico. []
- b. O biomédico chegou. []

ScurtoVcurtoA

5. Contexto: Percebo que alguém chega depressa ao nosso encontro, mas não consigo ver quem chega depressa. Tu vês a Ana chegar depressa. Percebo que tu vês alguém chegar, então, pergunto-te:

Quem chegou depressa?

- a. Chegou depressa a Ana. []
- b. A Ana chegou depressa. []

SlongoVcurtoA

6. Contexto: Estamos num heliporto e vês chegar depressa um helicóptero. Percebo que vês chegar depressa algo que ainda não vi, então, pergunto-te:

O que chegou depressa?

- a. O helicóptero chegou depressa. []
- b. Chegou depressa o helicóptero. []

SSVcurtoA

7. Contexto: Há uma bela miúda na Faculdade de Letras. Estamos a conversar na Faculdade e tu vês a bela miúda chegar depressa. Percebo que vês alguém chegar depressa, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto-te:

Quem chegou depressa?

- a. Chegou depressa a bela miúda. []
- b. A bela miúda chegou depressa. []

SfVcurtoA

8. Contexto: Estamos em um laboratório à espera do biomédico. Tu o vês chegar depressa. Percebo que tu vês alguém chegar depressa, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto-te:

Quem chegou depressa?

- a. O biomédico chegou depressa. []
- b. Chegou depressa o biomédico. []

ScurtoVlongo

9. Contexto: Tu sabes que a Ana desapareceu. Eu ouvi dizer que alguém desapareceu, mas não sei exactamente quem desapareceu, então, pergunto-te:

Quem desapareceu?

- a. Desapareceu a Ana. []
- b. A Ana desapareceu. []

SlongoVlongo

10. Contexto: Tu sabes que o helicóptero desapareceu. Eu ouço dizer que algo desapareceu, mas não sei exactamente o quê, então, pergunto-te:

O que desapareceu?

- a. O helicóptero desapareceu. []
- b. Desapareceu o helicóptero. []

SSVlongo

11. Contexto: Tu sabes que a bela miúda desapareceu. Eu ouço dizer que alguém da Faculdade de Letras desapareceu, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem desapareceu?

- a. Desapareceu a bela miúda. []
- b. A bela miúda desapareceu. []

SfVlongo

12. Contexto: Tu sabes que o biomédico desapareceu. Eu ouço dizer que alguém do laboratório desapareceu, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem desapareceu?

- a. Desapareceu o biomédico. []
- b. O biomédico desapareceu. []

Inergativas

ScurtoVcurto

13. Contexto: Tu sabes que o José dança em todas as festas. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exactamente quem dança, então, pergunto-te:

Quem dança?

- a. O José dança. []
- b. Dança o José. []

SlongoVcurto

14. Contexto: Tu sabes que o governador dança em todas as festas. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exactamente quem dança, então, pergunto-te:

Quem dança?

- a. Dança o governador. []
- b. O governador dança. []

SSVcurto

15. Contexto: Tu sabes que o belo rapaz dança em todas as festas. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exactamente quem dança, então, pergunto-te:

Quem dança?

- a. Dança o belo rapaz. []
- b. O belo rapaz dança. []

SfVcurto

16. Contexto: Tu sabes que o Joãozinho dança em todas as festas. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exactamente quem dança, então, pergunto-te:

Quem dança?

Tu respondes:

a. O Joãozinho dança. []

b. Dança o Joãozinho. []

ScurtoVcurtoA

17. Contexto: Tu viste a corrida na TV ontem e sabes que o José correu. Eu ouvi dizer que alguém correu ontem, mas não sei exactamente quem correu ontem, então, pergunto-te:

Quem correu ontem?

a. Correu ontem o José. []

b. O José correu ontem. []

SlongoVcurtoA

18. Contexto: Tu sabes que o governador dança sempre em todas as festas. Eu ouvi dizer que alguém dança sempre, mas não sei exactamente quem dança sempre, então, pergunto-te:

Quem dança sempre?

a. Dança sempre o governador. []

b. O governador dança sempre. []

SSVcurtoA

19. Contexto: Tu sabes que o homem velho correu muito para fugir do cão feroz. Eu ouvi dizer que alguém correu muito, mas não sei exactamente quem correu muito, então, pergunto-te:

Quem correu muito?

a. O homem velho correu muito. []

b. Correu muito o homem velho. []

SfVcurtoA

20. Contexto: Tu sabes que o Joãozinho dançou na festa ontem. Eu ouvi dizer que alguém dançou ontem, mas não sei exactamente quem dançou ontem, então, pergunto-te:

Quem dançou ontem?

a. Dançou ontem o Joãozinho. []

b. O Joãozinho dançou ontem. []

ScurtoVlongo

21. Contexto: Tu sabes que o José telefonou. Eu ouvi dizer que alguém telefonou, mas não sei exactamente quem telefonou, então, pergunto-te:

Quem telefonou?

- a. O José telefonou. []
- b. Telefonou o José. []

SlongoVlongo

22. Contexto: Tu sabes que o governador telefonou. Eu ouvi dizer que alguém telefonou, mas não sei exactamente quem telefonou, então, pergunto-te:

Quem telefonou?

- a. O governador telefonou. []
- b. Telefonou o governador. []

SSVlongo

23. Contexto: Tu sabes que o homem velho telefonou. Eu ouvi dizer que alguém telefonou, mas não sei exactamente quem telefonou, então, pergunto-te:

Quem telefonou?

- a. Telefonou o homem velho. []
- b. O homem velho telefonou. []

SfVlongo

24. Contexto: Tu sabes que o Joãozinho telefonou. Eu ouvi dizer que alguém telefonou, mas não sei exactamente quem telefonou, então, pergunto-te:

Quem telefonou?

- a. O Joãozinho telefonou. []
- b. Telefonou o Joãozinho. []

Transitivas

ScurtoVcurtoOcurto

25. Contexto: Tu sabes que a Ana beijou o Pedro. Eu ouvi dizer que alguém beijou o Pedro, mas não sei exactamente quem o beijou, então, pergunto-te:

Quem beijou o Pedro?

- a. A Ana beijou o Pedro. []
- b. Beijou o Pedro a Ana. []

SlongoVcurtoOcurto

26. Contexto: Tu sabes que a historiadora beijou o Pedro. Eu ouvi dizer que alguém beijou o Pedro, mas não sei exactamente quem o beijou, então, pergunto-te:

Quem beijou o Pedro?

- a. A historiadora beijou o Pedro. []
- b. Beijou o Pedro a historiadora. []

SSVcurtoOcurto

27. Contexto: Tu sabes que o rapaz esperto comeu o bolo. Eu ouvi dizer que alguém comeu o bolo, mas não sei exactamente quem o comeu, então, pergunto-te:

Quem comeu o bolo?

- a. Comeu o bolo o rapaz esperto. []
- b. O rapaz esperto comeu o bolo. []

SfVcurtoOcurto

28. Contexto: Tu sabes que o professorzinho comeu o bolo. Eu ouvi dizer que alguém comeu o bolo, mas não sei exactamente quem o comeu, então, pergunto-te:

Quem comeu o bolo?

- a. O professorzinho comeu o bolo. []
- b. Comeu o bolo o professorzinho. []

ScurtoVlongoOcurto

29. Contexto: Tu sabes que os cães assustaram os ladrões. Eu ouvi dizer que alguém ou algo assustou os ladrões, mas não sei exactamente quem ou o quê, então, pergunto-te:

Quem assustou os ladrões?

- a. Assustaram os ladrões os cães. []
- b. Os cães assustaram os ladrões. []

SlongoVlongoOcurto

30. Contexto: Tu sabes que os historiadores encontraram o fóssil. Eu ouvi dizer que alguém encontrou o fóssil, mas não sei exactamente quem o encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou o fóssil?

- a. Encontraram o fóssil os historiadores. []
- b. Os historiadores encontraram o fóssil. []

SSVlongoOcurto

31. Contexto: Tu sabes que os alunos hábeis aprenderam a lição. Eu ouvi dizer que alguém aprendeu a lição, mas não sei exactamente quem aprendeu, então, pergunto-te:

Quem aprendeu a lição?

- a. Os alunos hábeis aprenderam a lição. []
- b. Aprenderam a lição os alunos hábeis. []

SfVlongoOcurto

32. Contexto: Tu sabes que os biomédicos encontraram o texto que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém encontrou o texto, mas não sei exactamente quem o encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou o texto?

- a. Os biomédicos encontraram o texto. []
- b. Encontraram o texto os biomédicos. []

ScurtoVcurtoAOcurto

33. Contexto: Tu sabes que o José come sempre maçã. Eu ouvi dizer que alguém come sempre maçã, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem come sempre maçã?

- a. O José come sempre maçã. []
- b. Come sempre maçã o José. []

SlongoVcurtoAOcurto

34. Contexto: Tu sabes que o governador come sempre maçã. Eu ouvi dizer que alguém come sempre maçã, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem come sempre maçã?

- a. Come sempre maçã o governador. []
- b. O governador come sempre maçã. []

SSVcurtoAOcurto

35. Contexto: Tu sabes que o belo rapaz come sempre maçã. Eu ouvi dizer que alguém come sempre maçã, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem come sempre maçã?

- a. O belo rapaz come sempre maçã. []
- b. Come sempre maçã o belo rapaz. []

SfVcurtoAOcurto

36. Contexto: Tu sabes que o Joãozinho come sempre maçã. Eu ouvi dizer que alguém come sempre maçã, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem come sempre maçã?

- a. Come sempre maçã o Joãozinho. []
- b. O Joãozinho come sempre maçã. []

Questionário 2 - PE

Idade: _____
Cidade onde nasceu: _____
Cidade onde vive: _____
Desde quando está em Lisboa: _____

I) Marque com um X a alternativa que acha mais natural como resposta às perguntas abaixo:

Inacusativas

ScurtoVcurto

1. Contexto: A professora está à espera da Ana e tu vês chegar a Ana, mas a professora não a vê chegar. A professora percebe que tu vês chegar alguém e, então, pergunta-te:

Quem chegou?

- a. A Ana chegou. []
- b. Chegou a Ana. []

SlongoVcurto

2. Contexto: Estamos num heliporto e tu vês chegar um helicóptero. Percebo que vês chegar algo que eu ainda não vi, então, pergunto-te:

O que chegou?

- a. Chegou o helicóptero. []
- b. O helicóptero chegou. []

SSVcurto

3. Contexto: Há uma bela aluna na Faculdade de Letras. Estamos a conversar na Faculdade e tu vês chegar a aluna. Percebo que vês chegar alguém, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto-te:

Quem chegou?

- a. A bela aluna chegou. []
- b. Chegou a bela aluna. []

SfV

4. Contexto: Estamos num laboratório à espera do biomédico. Tu vê-lo chegar. Percebo que tu vêes chegar alguém, mas não consigo ver quem chegou, então, pergunto-te:

Quem chegou?

- a. Chegou o biomédico. []
- b. O biomédico chegou. []

Inergativas

ScurtoVcurto

5. Contexto: Tu viste a corrida na TV e sabes que o José correu. Eu ouvi dizer que alguém correu, mas não sei exactamente quem correu, então, pergunto-te:

Quem correu?

- a. O José correu. []
- b. Correu o José. []

SlongoVcurto

6. Contexto: Tu sabes que o governador dança em todas as festas. Eu ouço dizer que alguém dança, mas não sei exactamente quem dança, então, pergunto-te:

Quem dança?

- a. Dança o governador. []
- b. O governador dança. []

SSVcurto

7. Contexto: Tu sabes que o belo rapaz dança em todas as festas. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exactamente quem dança, então, pergunto-te:

Quem dança?

- a. Dança o belo rapaz. []
- b. O belo rapaz dança. []

SfVcurto

8. Contexto: Tu sabes que o Joãozinho dança em todas as festas. Eu ouvi dizer que alguém dança, mas não sei exactamente quem dança, então, pergunto-te:

Quem dança?

- a. O Joãozinho dança. []
- b. Dança o Joãozinho. []

Transitivas

ScurtoVcurtoOlongo

9. Contexto: Tu sabes que o João viu os documentos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém viu os documentos, mas não sei exactamente quem os viu, então, pergunto-te:

Quem viu os documentos?

- a. O João viu os documentos. []
- b. Viu os documentos o João. []

SlongoVcurtoOlongo

10. Contexto: Tu sabes que os professores viram os documentos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém viu os documentos, mas não sei exactamente quem os viu, então, pergunto-te:

Quem viu os documentos?

- a. Viram os documentos os professores. []
- b. Os professores viram os documentos. []

SSVcurtoOlongo

11. Contexto: Tu sabes que o jovem rapaz viu os documentos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém viu os documentos, mas não sei exactamente quem os viu, então, pergunto-te:

Quem viu os documentos?

- a. Viu os documentos o jovem rapaz. []
- b. O jovem rapaz viu os documentos. []

SfVcurtoOlongo

12. Contexto: Tu sabes que o juvenzinho viu os documentos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém viu os documentos, mas não sei exactamente quem os viu, então, pergunto-te:

Quem viu os documentos?

- a. O juvenzinho viu os documentos. []
- b. Viu os documentos o juvenzinho. []

ScurtoVlongoOlongo

13. Tu sabes que os cães encontraram o ladrão. Eu ouvi dizer que encontraram o ladrão, mas não sei exactamente quem o encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou o ladrão?

- a. Os cães encontraram o ladrão. []
- b. Encontraram o ladrão os cães. []

SlongoVlongoOlongo

14. Tu sabes que os historiadores encontraram os documentos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém encontrou os documentos, mas não sei exactamente quem os encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou os documentos?

- a. Encontraram os documentos os historiadores. []
- b. Os historiadores encontraram os documentos. []

SSVlongoOlongo

15. Contexto: Tu sabes que os belos rapazes encontraram os documentos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém encontrou os documentos, mas não sei exactamente quem os encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou os documentos?

- a. Os belos rapazes encontraram os documentos. []
- b. Encontraram os documentos os belos rapazes. []

SfVlongoOlongo

16. Contexto: Tu sabes que os biomédicos encontraram os documentos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém encontrou os documentos, mas não sei exactamente quem os encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou os documentos?

- a. Encontraram os documentos os biomédicos. []
- b. Os biomédicos encontraram os documentos. []

ScurtoVAOlongo

17. Tu sabes que o José come sempre um chocolate. Eu ouvi dizer que alguém come sempre um chocolate, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem come sempre um chocolate?

- a. O José come sempre um chocolate. []
- b. Come sempre um chocolate o José. []

SlongoVAOlongo

18. Tu sabes que o historiador come sempre um chocolate. Eu ouvi dizer que alguém come sempre um chocolate, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem come sempre um chocolate?

- a. O historiador come sempre um chocolate. []
- b. Come sempre um chocolate o historiador. []

SSVAOlongo

19. Tu sabes que o belo rapaz come sempre um chocolate. Eu ouvi dizer que alguém come sempre um chocolate, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem come sempre um chocolate?

- a. O belo rapaz come sempre um chocolate. []
- b. Come sempre um chocolate o belo rapaz. []

SfVAOlongo

20. Tu sabes que o Joãozinho come sempre um chocolate. Eu ouvi dizer que alguém come sempre um chocolate, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem come sempre um chocolate?

- a. O Joãozinho come sempre um chocolate. []
- b. Come sempre um chocolate o Joãozinho. []

ScurtoVcurtoOO

21. Contexto: Tu sabes que o José tomou o café quente. Eu ouvi dizer que alguém tomou o café quente, mas não sei exactamente quem o tomou, então, pergunto-te:

Quem tomou o café quente?

- a. Tomou o café quente o José. []
- b. O José tomou o café quente. []

SlongoVcurtoOO

22. Contexto: Tu sabes que o historiador tomou o café quente. Eu ouvi dizer que alguém tomou o café quente, mas não sei exactamente quem o tomou, então, pergunto-te:

Quem tomou o café quente?

- a. O historiador tomou o café quente. []
- b. Tomou o café quente o historiador. []

SSVcurtoOO

23. Contexto: Tu sabes que o belo rapaz tomou o café quente. Eu ouvi dizer que alguém tomou o café quente, mas não sei exactamente quem o tomou, então, pergunto-te:

Quem tomou o café quente?

- a. Tomou o café quente o belo rapaz. []
- b. O belo rapaz tomou o café quente. []

SfVcurtoOO

24. Contexto: Tu sabes que o Joãozinho tomou o café quente. Eu ouvi dizer que alguém tomou o café quente, mas não sei exactamente quem o tomou, então, pergunto-te:

Quem tomou o café quente?

- a. O Joãozinho tomou o café quente. []
- b. Tomou o café quente o Joãozinho. []

ScurtoVlongoOO

25. Tu sabes que os cães encontraram os jovens ladrões. Eu ouvi dizer que encontraram os jovens ladrões, mas não sei exactamente quem os encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou os jovens ladrões?

- a. Os cães encontraram os jovens ladrões. []
- b. Encontraram os jovens ladrões os cães. []

SlongoVlongoOO

26. Tu sabes que os historiadores encontraram os papéis velhos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que encontraram os papéis velhos, mas não sei exactamente quem os encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou os papéis velhos?

- a. Os historiadores encontraram os papéis velhos. []
- b. Encontraram os papéis velhos os historiadores. []

SSVlongoOO

27. Contexto: Tu sabes que os belos rapazes encontraram os papéis velhos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que encontraram os papéis velhos, mas não sei exactamente quem os encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou os papéis velhos?

- a. Os belos rapazes encontraram os papéis velhos. []
- b. Encontraram os papéis velhos os belos rapazes. []

SfVlongoOO

28. Contexto: Tu sabes que os biomédicos encontraram os papéis velhos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que encontraram os papéis velhos, mas não sei exactamente quem os encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou os papéis velhos?

- a. Os biomédicos encontraram os papéis velhos. []
- b. Encontraram os papéis velhos os biomédicos. []

ScurtoVAOO

29. Contexto: Tu sabes que o José achou ontem os papéis velhos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que acharam ontem os papéis velhos, mas não sei exactamente quem os achou, então, pergunto-te:

Quem achou ontem os papéis velhos?

- a. O José achou ontem os papéis velhos. []
- b. Achou ontem os papéis velhos o José. []

SlongoVAOO

30. Contexto: Tu sabes que o historiador achou ontem os papéis velhos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que acharam ontem os papéis velhos, mas não sei exactamente quem os achou, então, pergunto-te:

Quem achou ontem os papéis velhos?

- a. O historiador achou ontem os papéis velhos. []
- b. Achou ontem os papéis velhos o historiador. []

SSVAOO

31. Contexto: Tu sabes que o belo rapaz achou ontem os papéis velhos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que acharam ontem os papéis velhos, mas não sei exactamente quem os achou, então, pergunto-te:

Quem achou ontem os papéis velhos?

- a. O belo rapaz achou ontem os papéis velhos. []
- b. Achou ontem os papéis velhos o belo rapaz. []

SfVAOO

32. Contexto: Tu sabes que o Joãozinho achou ontem os papéis velhos que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que acharam ontem os papéis velhos, mas não sei exactamente quem os achou, então, pergunto-te:

Quem achou ontem os papéis velhos?

- a. O Joãozinho achou ontem os papéis velhos. []
- b. Achou ontem os papéis velhos o Joãozinho. []

ScurtoVcurtoOf

33. Contexto: Tu sabes que o José tomou o cafezinho. Eu ouvi dizer que alguém tomou o cafezinho, mas não sei exactamente quem o tomou, então, pergunto-te:

Quem tomou o cafezinho?

- a. O José tomou o cafezinho. []
- b. Tomou o cafezinho o José. []

SlongoVcurtoOf

34. Contexto: Tu sabes que o historiador tomou o cafezinho. Eu ouvi dizer que alguém tomou o cafezinho, mas não sei exactamente quem o tomou, então, pergunto-te:

Quem tomou o cafezinho?

- a. O historiador tomou o cafezinho. []
- b. Tomou o cafezinho o historiador. []

SSVcurtoOf

35. Contexto: Tu sabes que o belo rapaz tomou o cafezinho. Eu ouvi dizer que alguém tomou o cafezinho, mas não sei exactamente quem o tomou, então, pergunto-te:

Quem tomou o cafezinho?

- a. O belo rapaz tomou o cafezinho. []
- b. Tomou o cafezinho o belo rapaz. []

SfVcurtoOf

36. Contexto: Tu sabes que o Joãozinho tomou o cafezinho. Eu ouvi dizer que alguém tomou o cafezinho, mas não sei exactamente quem o tomou, então, pergunto-te:

Quem tomou o cafezinho?

- a. O Joãozinho tomou o cafezinho. []
- b. Tomou o cafezinho o Joãozinho. []

ScurtoVlongoOf

37. Contexto: Tu sabes que os jovens encontraram o papelinho que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém encontrou o papelinho, mas não sei exactamente quem o encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou o papelinho?

- a. Encontraram o papelinho os jovens. []
- b. Os jovens encontraram o papelinho. []

SlongoVlongoOf

38. Contexto: Tu sabes que os historiadores encontraram o papelinho que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém encontrou o papelinho, mas não sei exactamente quem o encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou o papelinho?

- a. Os historiadores encontraram o papelinho. []
- b. Encontraram o papelinho os historiadores. []

SSVlongoOf

39. Contexto: Tu sabes que os belos jovens encontraram o papelinho que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém encontrou o papelinho, mas não sei exactamente quem o encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou o papelinho?

- a. Encontraram o papelinho os belos jovens. []
- b. Os belos jovens encontraram o papelinho. []

SfVlongoOf

40. Contexto: Tu sabes que os juvenzinhos encontraram o papelinho que eu estava a procurar. Eu ouvi dizer que alguém encontrou o papelinho, mas não sei exactamente quem o encontrou, então, pergunto-te:

Quem encontrou o papelinho?

- a. Os juvenzinhos encontraram o papelinho. []
- b. Encontraram o papelinho os juvenzinhos. []

ScurtoVAOf

41. Contexto: Tu sabes que o João toma sempre um cafezinho. Eu ouvi dizer que alguém toma sempre um cafezinho, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem toma sempre um cafezinho?

- a. O João toma sempre um cafezinho. []
- b. Toma sempre um cafezinho o João. []

SlongoVAOf

42. Contexto: Tu sabes que o historiador toma sempre um cafezinho. Eu ouvi dizer que alguém toma sempre um cafezinho, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem toma sempre um cafezinho?

- a. O historiador toma sempre um cafezinho. []
- b. Toma sempre um cafezinho o historiador. []

SSVAOf

43. Contexto: Tu sabes que o belo rapaz toma sempre um cafezinho. Eu ouvi dizer que alguém toma sempre um cafezinho, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem toma sempre um cafezinho?

- a. O belo rapaz toma sempre um cafezinho. []
- b. Toma sempre um cafezinho o belo rapaz. []

SfVAOf

44. Contexto: Tu sabes que o Joãozinho toma sempre um cafezinho. Eu ouvi dizer que alguém toma sempre um cafezinho, mas não sei exactamente quem, então, pergunto-te:

Quem toma sempre um cafezinho?

- a. O Joãozinho toma sempre um cafezinho. []
- b. Toma sempre um cafezinho o Joãozinho. []

CAPÍTULO 5

CORPUS DAS 56 SENTENÇAS DO EXPERIMENTO ORAL DE PB

Inacusativas

ScurtoVcurto

1. As velhas chegaram.
2. Os jovens morreram.

SlongoVcurto

3. As governadoras chegaram.
4. As venezuelanas morreram.

SSVcurto

5. As alunas jovens chegaram.
6. As meninas belas morreram.

SfVcurto

7. As biomédicas chegaram.
8. As biomédicas morreram.

ScurtoVA

9. As velhas chegaram hoje.
10. Os jovens morreram no lago.

SlongoVA

11. As governadoras chegaram hoje.
12. As venezuelanas morreram no lago.

SSVA

13. As alunas jovens chegaram hoje.
14. As meninas belas morreram no lago.

SfVA

15. As biomédicas chegaram hoje.
16. As biomédicas morreram no lago.

ScurtoVlongo

17. Os jovens desapareceram.
18. As velhas adormeceram.

SlongoVlongo

19. As venezuelanas desapareceram.
20. As governadoras adormeceram.

SSVlongo

21. As meninas belas desapareceram.
22. As alunas jovens adormeceram.

SfVlongo

23. As biomédicas desapareceram.
24. As biomédicas adormeceram.

Inergativas

ScurtoVcurto

- 25. Os jovens riram.
- 26. As velhas choraram.

SlongoVcurto

- 27. As governadoras riram.
- 28. As venezuelanas choraram.

SSVcurto

- 29. As meninas belas riram.
- 30. As alunas jovens choraram.

SfVcurto

- 31. As biomédicas riram.
- 32. As biomédicas choraram.

ScurtoVA

- 33. Os jovens riram hoje.
- 34. As velhas choraram hoje.

SlongoVA

- 35. As governadoras riram hoje.
- 36. As venezuelanas choraram hoje.

SSVA

- 37. As meninas belas riram hoje.
- 38. As alunas jovens choraram hoje.

SfVA

- 39. As biomédicas riram hoje.
- 40. As biomédicas choraram hoje.

ScurtoVlongo

- 41. As velhas telefonaram.
- 42. Os jovens trabalharam.

SlongoVlongo

- 43. As venezuelanas telefonaram.
- 44. As governadoras trabalharam.

SSVlongo

- 45. As alunas jovens telefonaram.
- 46. As meninas belas trabalharam.

SfVlongo

- 47. As biomédicas telefonaram.
- 48. As biomédicas trabalharam.

Transitivas

ScurtoVcurtoOcurto

- 49. As velhas lavaram as luvas.
- 50. Os jovens levaram as malas.

SlongoVcurtoOcurto

- 51. As venezuelanas lavaram as luvas.
- 52. As governadoras levaram as malas.

SSVcurtoOcurto

- 53. As meninas belas lavaram as luvas.

54. As alunas jovens levaram as malas.

SfVcurtoOcurto

55. As biomédicas lavaram as luvas.

56. As biomédicas levaram as malas.

CORPUS DAS 56 SENTENÇAS DO EXPERIMENTO ORAL DE PE

Inacusativas

ScurtoVcurto

1. As velhas chegaram.

2. Os jovens morreram.

SlongoVcurto

3. As governadoras chegaram.

4. As venezuelanas morreram.

SSVcurto

5. As alunas jovens chegaram.

6. As miúdas belas morreram.

SfVcurto

7. As biomédicas chegaram.

8. As biomédicas morreram.

ScurtoVA

9. As velhas chegaram hoje.

10. Os jovens morreram no lago.

SlongoVA

11. As governadoras chegaram hoje.

12. As venezuelanas morreram no lago.

SSVA

13. As alunas jovens chegaram hoje.

14. As miúdas belas morreram no lago.

SfVA

15. As biomédicas chegaram hoje.

16. As biomédicas morreram no lago.

ScurtoVlongo

17. Os jovens desapareceram.

18. As velhas adormeceram.

SlongoVlongo

19. As venezuelanas desapareceram.

20. As governadoras adormeceram.

SSVlongo

21. As miúdas belas desapareceram.

22. As alunas jovens adormeceram.

SfVlongo

23. As biomédicas desapareceram.

24. As biomédicas adormeceram.

Inergativas

ScurtoVcurto

25. Os jovens riram.

26. As velhas choraram.

SlongoVcurto

27. As governadoras riram.

28. As venezuelanas choraram.

SSVcurto

29. As miúdas belas riram.

30. As alunas jovens choraram.

SfVcurto

31. As biomédicas riram.

32. As biomédicas choraram.

ScurtoVA

33. Os jovens riram hoje.

34. As velhas choraram hoje.

SlongoVA

35. As governadoras riram hoje.

36. As venezuelanas choraram hoje.

SSVA

37. As miúdas belas riram hoje.

38. As alunas jovens choraram hoje.

SfVA

39. As biomédicas riram hoje.

40. As biomédicas choraram hoje.

ScurtoVlongo

41. As velhas telefonaram.

42. Os jovens trabalharam.

SlongoVlongo

43. As venezuelanas telefonaram.

44. As governadoras trabalharam.

SSVlongo

45. As alunas jovens telefonaram.

46. As miúdas belas trabalharam.

SfVlongo

47. As biomédicas telefonaram.

48. As biomédicas trabalharam.

Transitivas

ScurtoVcurtoOcurto

49. As velhas lavaram as luvas.

50. Os jovens levaram as malas.

SlongoVcurtoOcurto

51. As venezuelanas lavaram as luvas.

52. As governadoras levaram as malas.

SSVcurtoOcurto

- 53. As miúdas belas lavaram as luvas.
- 54. As alunas jovens levaram as malas.
- SfVcurtoOcurto**
- 55. As biomédicas lavaram as luvas.
- 56. As biomédicas levaram as malas.